LEGENDS

STAR WARS™

TIMOTHY ZAHN

Ascensão da Força Sombria

Timothy Zahn

Ascensão da Força Sombria

Trilogia Thrawn

LIVRO II

TRADUÇÃO

FÁBIO FERNANDES

ALEPH

STAR WARS / ASCENSÃO DA FORÇA SOMBRIA
TRILOGIA THRAWN – LIVRO 2
TÍTULO ORIGINAL:
Star Wars / Dark Force Rising
COPIDESQUE:
Matheus Perez
REVISÃO:
Balão Editorial
Isabela Talarico
Tággidi Mar Ribeiro
CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Desenho Editorial
ILUSTRAÇÃO:
Marc Simonetti
DIREÇÃO EXECUTIVA:
Betty Fromer
DIREÇÃO EDITORIAL:
Adriano Fromer Piazzi
EDITORIAL:
Daniel Lameira
Katharina Cotrim
Mateus Duque Erthal
Bárbara Prince
Júlia Mendonça
Andréa Bergamaschi
COMUNICAÇÃO:
Luciana Fracchetta
Pedro Henrique Barradas
Lucas Ferrer Alves
Renata Assis
COMERCIAL:
Orlando Rafael Prado
Fernando Quinteiro
Lidiana Pessoa
Roberta Saraiva
Ligia Carla de Oliveira
Eduardo Cabelo
Stephanie Antunes
FINANCEIRO:
Rafael Martins
Roberta Martins
Sandro Hannes
Rogério Zanqueta

LOGÍSTICA:

Johnson Tazoe

Sergio Lima

William dos Santos

EDITORA ALEPH

Rua Henrique Monteiro, 121

05423-020 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3202

www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

Z19a
Zahn, Timothy, 1951-
Ascensão da força sombria / Timothy Zahn ; tradução de Fábio Fernandes. - São Paulo : Aleph, 2016.
505 p. ; 3,92 MB. - (Trilogia Thrawn ; 2)

Tradução de: Star Wars: Dark Force Rising
ISBN: 978-85-7657-326-5

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção científica. I. Fernandes, Fábio. II. Título.
2016-283 CDD: 813.0876
CDU: 821.111(73)-3

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
2. Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3

CAPÍTULO 1

Logo à frente, a estrela era uma bola amarelo-laranja do tamanho de uma esfera de rolamento, sua intensidade era moderada pela distância e pelos filtros solares automáticos das escotilhas. Ao redor dela e da nave propriamente dita, brilhavam as estrelas – um salpicar de pontinhos brancos flamejantes na profunda escuridão do espaço. Logo abaixo da nave, o amanhecer chegava à parte ocidental da Grande Floresta Norte do planeta Myrkr.

O último amanhecer que alguém naquela floresta veria.

Parado em pé na frente de uma das escotilhas laterais da ponte do destróier estelar imperial *Quimera*, o capitão Pellaeon ficou observando quando a linha indistinta do terminador entrava na zona-alvo sobre o planeta abaixo. Dez minutos antes, as forças em terra que cercavam o alvo haviam reportado que estavam prontas; a própria *Quimera* estava mantendo posição de bloqueio havia quase uma hora. Só faltava agora a ordem de ataque.

Lentamente, com uma sensação quase furtiva, Pellaeon girou a cabeça uns dois centímetros para o lado.

Atrás dele à sua direita, o grão-almirante Thrawn estava sentado em sua estação de comando; seu rosto de pele azul, sem expressão; seus olhos vermelhos reluzentes concentrados no console de monitores de status que davam a volta em sua cadeira. Ele não falara nem saíra daquela posição desde que as últimas forças terrestres haviam entrado em contato, e Pellaeon podia dizer que a tripulação da ponte estava começando a ficar inquieta.

De sua parte, Pellaeon havia muito tinha parado de tentar adivinhar as ações de Thrawn. O fato de que o falecido imperador havia achado por bem tornar Thrawn um de seus doze grão-almirantes era prova de sua própria confiança no homem – o que era ainda mais evidente dada a herança não inteiramente humana de Thrawn e os conhecidos preconceitos do imperador nessas questões. Além do mais, desde que Thrawn assumira o comando da *Quimera* e iniciara a tarefa de reconstruir a Frota Imperial, Pellaeon havia visto o gênio militar do grão-almirante demonstrado diversas vezes. Fosse qual fosse sua razão para suspender o ataque, Pellaeon sabia que era por um bom motivo.

Com a mesma lentidão com a qual tinha se virado, voltou-se para a escotilha. Mas seus movimentos não passaram despercebidos.

– Alguma pergunta, capitão? – A voz suavemente modulada de Thrawn interrompeu o zumbido baixo das conversas na ponte.

– Não, senhor – Pellaeon lhe assegurou, virando-se novamente para encarar seu superior.

Por um momento aqueles olhos reluzentes o estudaram, e Pellaeon inconscientemente se preparou para uma reprimenda, ou coisa pior. Mas Thrawn, como Pellaeon ainda tendia a esquecer, não tinha o temperamento lendário e letal que fora a marca registrada do Lorde

Darth Vader.

– Você talvez esteja se perguntando por que ainda não atacamos – o grão-almirante sugeriu naquele mesmo tom cortês.

– Sim, senhor, eu estava – admitiu Pellaeon. – Todas as nossas forças parecem estar posicionadas.

– Nossas forças militares estão, sim – concordou Thrawn. – Mas não os observadores que mandei para Hyllyard City.

Pellaeon piscou várias vezes.

– Hyllyard City?

– Sim. Acho improvável que um homem com a astúcia de Talon Karrde montasse uma base no meio de uma floresta sem também estabelecer contatos de segurança com outros além da área imediata. Hyllyard City fica longe demais da base de Karrde para que qualquer pessoa ali testemunhasse diretamente nosso ataque; logo, qualquer atividade súbita na cidade implicará a existência de uma linha de comunicação mais sutil. A partir disso seremos capazes de identificar os contatos de Karrde e colocá-los em vigilância de longo prazo. Em pouco tempo, acabarão nos levando a ele.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, sentindo uma ruga franzir sua testa. – Então o senhor não está esperando pegar nenhum dos colaboradores de Karrde com vida.

O sorriso do grão-almirante se endureceu.

– Pelo contrário. Eu espero inteiramente que nossas forças encontrem uma base vazia e abandonada.

Pellaeon olhou rapidamente para o planeta parcialmente iluminado abaixo pela escotilha.

– Neste caso, senhor... Por que estamos atacando?

– Três motivos, capitão. Primeiro, até mesmo homens como Talon Karrde às vezes cometem erros. Pode ser que na pressa de evacuar sua base ele tenha deixado algum fragmento crucial de informação para trás. Segundo, como já mencionei, um ataque na base pode nos levar aos seus contatos em Hyllyard City. E terceiro, isso fornece às nossas forças de terra uma experiência de campo de que elas estão precisando urgentemente.

Os olhos reluzentes penetraram fundo no rosto de Pellaeon.

– Nunca se esqueça, capitão, de que nosso objetivo não é mais meramente o patético assédio de retaguarda dos últimos cinco anos. Com o Monte Tantiss e a coleção de cilindros Spaarti de nosso falecido imperador em nossas mãos, a iniciativa mais uma vez é nossa. Muito em breve iniciaremos a retomada dos planetas da Rebelião; e para isso iremos precisar de um exército tão bem treinado quanto os oficiais e a tripulação da Frota.

– Entendido, almirante – disse Pellaeon.

– Ótimo. – Thrawn abaixou os olhos para seus monitores. – Está na

hora. Sinalize ao general Covell que ele pode começar.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, deixando a escotilha e voltando ao seu posto. Checou rapidamente as leituras e apertou o botão do seu comunicador, perifericamente consciente, enquanto fazia isso, de que Thrawn havia também ativado seu próprio comunicador. Seria alguma mensagem particular para seus espiões em Hyllyard City? – Aqui é a *Quimera* – disse Pellaeon. – Lançar o ataque.

– Entendido, *Quimera* – disse o general Covell no comlink de seu capacete, tomando cuidado para evitar que o leve escárnio que sentia em seu íntimo chegasse à sua voz. Era típico, e de uma previsibilidade nojenta. Você saía correndo como um cão louco dos infernos, colocava suas tropas e veículos no chão, deixava tudo preparado e depois ficava lá parado esperando o pessoal da Frota se exibindo em seus uniformes impecáveis e navezinhas bonitinhas terminando de tomar seu chá e finalmente reunindo coragem para deixar você agir.

Bem, podem se sentar à mesa, ele pensou sardonicamente na direção do destróier estelar acima. Porque não importava se o grão-almirante Thrawn estava interessado em resultados ou apenas em um espetáculo bem animado, ele receberia aquilo por que havia pago. Estendendo a mão para o console à sua frente, ativou a frequência de comando local.

– General Covell a todas as unidades: temos autorização. Vamos lá.

As respostas vieram na sequência; e, com um estremecimento do convés de aço embaixo dele, o imenso andador AT-AT começou a se mover daquele seu jeito enganadoramente desajeitado floresta adentro, na direção do acampamento um quilômetro além. À frente do AT-AT, visível ocasionalmente através da escotilha blindada de transparaço, uma dupla de andadores batedores AT-STs corria em formação de ponto duplo, ao longo da trilha do AT-AT e prestando atenção em possíveis posições inimigas e armadilhas.

Não que tais gestos fúteis fossem adiantar de alguma coisa para Karrde. Covell havia dirigido literalmente centenas de campanhas de ataque em seus anos de serviço ao Império, e sabia muito bem das fantásticas capacidades das máquinas de combate sob seu comando.

Sob a escotilha, o display tático holográfico estava iluminado como um disco decorativo, as luzes vermelhas, verdes e brancas piscantes mostrando as posições do círculo de Covell de AT-ATs, AT-STs e veículos de ataque hoverscout, todos se aproximando adequadamente do acampamento de Karrde.

Ótimo, mas não perfeito. O AT-AT do flanco norte e seus veículos de apoio estavam ficando visivelmente para trás em relação ao resto do comboio blindado.

– Unidade Dois, avançar mais – ele disse para seu comlink.

– Estou tentando, senhor – retornou a voz, minúscula e distante

através dos estranhos efeitos abafadores da flora rica em metais de Myrkr. – Estamos encontrando uns aglomerados de lianas espessas que estão reduzindo a velocidade de avanço dos nossos andadores batedores.

– Isso está perturbando seu AT-AT?

– Não, senhor, mas eu queria manter o flanco reunido...

– Coerência de padrão é um bom objetivo durante manobras na academia, major – Covell o interrompeu. – Mas não às custas de um plano geral de batalha. Se os AT-STs não conseguirem acompanhar, deixe-os para trás.

– Sim, senhor.

Covell interrompeu a conexão bufando. O grão-almirante estava certo sobre uma coisa pelo menos: suas tropas iriam precisar de muito mais treinamento de combate antes de alcançarem o verdadeiro padrão imperial. Mesmo assim, a matéria-prima estava ali. Diante de seus olhos, o flanco norte se reformulou, com os hoverscouts se espalhando para a frente a fim de assumir as antigas posições de ponto dos AT-STs enquanto os AT-STs retardatários iam tomando postos de retaguarda.

O sensor de energia emitiu um sinal de alerta de proximidade: eles estavam se aproximando do acampamento.

– Status? – perguntou à sua equipe.

– Todas as armas carregadas e prontas – reportou o artilheiro, com os olhos fixos nos displays de alvo.

– Nenhuma indicação de resistência, ativa ou passiva – acrescentou o piloto.

– Fiquem alertas – ordenou Covell, acionando novamente a frequência de comando. – Todas as unidades: avançar.

E, com um último estrondo de vegetação esmagada, o AT-AT irrompeu na clareira.

Era uma visão impressionante. De todos os quatro lados da área aberta, no uníssono quase perfeito de uma parada militar, os outros três AT-ATs surgiram de dentro da penumbra que cobria a floresta antes do amanhecer; os AT-STs e hoverscouts que os acompanhavam rapidamente se dispersaram para todos os lados para cercar os edifícios às escuras.

Covell fez uma checagem rápida porém completa nos sensores. Duas fontes de energia ainda estavam funcionando, uma no edifício central, a outra numa das estruturas tipo quartel no perímetro externo. Não havia evidência de sensores em operação, nem de armas ou campos de energia. O analisador de formas de vida utilizou seus complicados algoritmos e concluiu que os edifícios externos não tinham vida.

O grande prédio principal, por outro lado...

– Estou obtendo a leitura de aproximadamente vinte formas de vida no edifício principal, general – reportou o comandante do AT-AT número quatro. – Todas na seção central.

– Mas não são registradas como sendo humanas – murmurou o piloto de Covell.

– Talvez estejam sendo protegidas por escudos – grunhiu Covell, olhando pela escotilha. Ainda nenhum movimento vindo do acampamento. – Vamos descobrir. Equipes de ataque: podem ir.

Os hoverscouts abriram suas comportas de popa, e de dentro de cada um saiu um esquadrão de oito soldados, segurando seus rifles de raios sobre o peito de suas armaduras ao pularem ao chão. Metade de cada esquadrão assumiu posição de defesa, apontando seus rifles da cobertura parcial de seu hoverscout para o acampamento, enquanto a outra metade atravessava correndo o espaço aberto até a linha exterior de prédios e barracões. Ali, eles assumiram posição de cobertura, permitindo que seus camaradas na retaguarda avançassem da mesma forma. Era uma tática militar de séculos de idade, executada com o tipo de determinação escrupulosa que Covell teria esperado de tropas inexperientes. Mesmo assim, a matéria-prima estava definitivamente ali.

Os soldados continuaram sua abordagem aos saltos até o edifício principal, com pequenos grupos se dividindo do círculo principal para checar cada uma das estruturas externas enquanto passavam. Os homens na vanguarda chegaram ao edifício central – um clarão brilhante iluminou a floresta quando eles explodiram a porta –; uma ligeira confusão quando o resto das tropas entrou correndo.

E então, silêncio.

Por vários minutos o silêncio continuou, pontuado apenas por comandos curtos ocasionais dos comandantes das tropas. Covell apurou o ouvido e ficou observando os sensores... e finalmente o relatório veio.

– General Covell, aqui é o Tenente Barse. Garantimos a zona de alvo, senhor. Não há ninguém aqui.

Covell assentiu.

– Muito bem, tenente. Qual é a situação?

– Parece que eles saíram com pressa, senhor – disse o outro. – Deixaram muito material para trás, mas tudo parece lixo.

– Deixe que a equipe de investigação decida – Covell disse. – Alguma indicação de armadilhas ou outras surpresas desagradáveis?

– Nenhuma, senhor. Ah: aquelas formas de vida que captamos são apenas uns animais peludos e compridos que vivem na árvore que cresce aqui e atravessa o centro do teto.

Covell tornou a assentir. Ysalamiri, ele acreditava que se chamavam. Já fazia uns dois meses que Thrawn estava todo animado

com aquelas criaturas imbecis, embora ele não conseguisse imaginar qual poderia ser a utilidade delas no esforço de guerra. Em algum momento, ele supôs, o pessoal da Frota acabaria deixando-o saber qual era o grande segredo.

– Arme uma colmeia defensiva – ele ordenou ao tenente. – Envie um sinal para a equipe de investigação quando estiver pronto. E vá se acostumando ao ambiente. O grão-almirante quer este lugar completamente desmantelado, e é exatamente o que vamos fazer.

– Muito bem, general – disse a voz, quase fraca demais para se fazer ouvir apesar da forte amplificação e da filtragem do computador. – Prossiga com o desmantelamento.

Sentada ao leme da *Wild Karrde*, Mara Jade meio que se virou para encarar o homem em pé atrás dela.

– Acho que é isso, então – disse.

Por um momento Talon Karrde não pareceu ouvi-la. Ele ficou simplesmente ali parado, olhando pela escotilha o planeta distante, uma minúscula forma crescente branco-azulada visível ao redor da borda serrilhada do asteroide bem próximo ao sol contra o qual a *Wild Karrde* estava escondida. Mara já ia repetir o comentário quando ele se moveu.

– Sim – ele respondeu, aquela voz calma sem demonstrar a menor pista da emoção que ele obviamente estava sentindo. – Acho que sim.

Mara trocou olhares com Aves, no posto do copiloto, e depois voltou a olhar para Karrde.

– Não deveríamos partir então? – ela sugeriu.

Karrde respirou fundo... e, ao observá-lo, Mara captou em sua expressão um fragmento do que a base de Myrkr havia significado para ele. Mais do que simplesmente uma base, ela havia sido sua casa.

Com esforço, ela suprimiu o pensamento. Então Karrde perdera sua casa. Grande coisa. Ela havia perdido bem mais do que isso na vida e sobrevivera muito bem. Ele iria superar tudo isso.

– Perguntei se não deveríamos partir.

– Eu ouvi – disse Karrde. O vislumbre de emoção voltou a desaparecer naquela sua fachada ligeiramente sardônica. – Acho que talvez devamos esperar um pouco mais. Ver se deixamos algo para trás que possa denunciar nossa base em Rishi.

Mara voltou a olhar para Aves.

– Fomos bastante cuidadosos – disse Aves. – Acho que não houve nenhuma menção a Rishi em qualquer parte exceto o computador principal, e ele partiu junto com o primeiro grupo.

– Concordo – disse Karrde. – Você está disposto a apostar sua vida nessa avaliação?

Aves torceu involuntariamente os lábios.

– Para falar a verdade, não.

– Nem eu. Então vamos esperar.

– E se nos avistarem? – persistiu Mara. – Ficar espreitando atrás de asteroides é o truque mais velho da lista.

– Eles não vão nos avistar – Karrde afirmou com uma certeza tranquila. – Na verdade, duvido que essa possibilidade sequer lhes ocorra. O homem comum, ao fugir de gente do calibre do grão-almirante Thrawn, dificilmente para de correr até estar muito mais longe do que estamos.

Você está disposto a apostar sua vida nessa avaliação?, Mara pensou com amargura. Mas manteve o comentário ácido para si mesma. Provavelmente ele tinha razão; e, de qualquer maneira, se a *Quimera* ou qualquer um de seus caças TIE partisse na direção da *Wild Karrde*, eles não teriam dificuldades para acionar os motores e entrar na velocidade da luz bem antes do ataque.

A lógica e a tática pareciam boas. Mas, mesmo assim, Mara podia sentir algo a incomodando bem no fundo. Algo que não a fazia se sentir muito bem a respeito de nada daquilo.

Rilhando os dentes, ela ajustou os sensores da nave ao seu nível mais alto de sensibilidade e checou mais uma vez se a sequência de pré-inicialização do motor estava armada e pronta para ser executada. E então se acomodou para esperar.

A equipe de investigação foi rápida, eficiente e completa; e levou pouco mais de trinta minutos para sair de mãos completamente vazias.

– Bem, infelizmente isto foi inútil – Pellaeon fez uma careta ao ver os relatórios negativos rolarem pela sua tela. Uma boa sessão de prática para as forças terrestres, talvez, mas tirando isso o exercício inteiro parecia ter sido bastante inútil. – A menos que seus observadores tenham captado alguma reação em Hyllyard City – ele acrescentou, virando-se para encarar Thrawn.

Os olhos vermelhos brilhantes do grão-almirante estavam fixos em suas telas.

– Na verdade, houve um pequeno sinal – disse ele. – Foi interrompido quase antes de começar, mas acho que as implicações estão claras.

Bem, aquilo já era alguma coisa.

– Sim, senhor. Devo ordenar à Vigilância que comece a montar uma equipe terrestre de longo prazo?

– Paciência, capitão – disse Thrawn. – Pode não ser necessário, afinal. Acione um scan de alcance médio e me diga o que está vendo.

Pellaeon se voltou para seu painel e digitou os comandos para as leituras apropriadas. Havia o próprio mundo de Myrkr, claro, e a nuvem de defesa de caças TIE padrão desfilava ao redor da *Quimera*. O único outro objeto em qualquer lugar dentro do alcance médio...

– O senhor se refere àquele pequeno asteroide ali?

– Ele mesmo – assentiu Thrawn. – Nada de notável nele, certo? Não, não envie uma sonda de foco sensor – ele adicionou, antes mesmo que Pellaeon pensasse nisso. – Não queremos expulsar prematuramente nossa presa, queremos?

– Nossa presa? – repetiu Pellaeon, franzindo a testa para os dados dos sensores mais uma vez. Os scans rotineiros do sensor que haviam sido feitos do asteroide três horas antes tinham dado resultado negativo, e nada poderia ter passado por eles sem ser detectado. – Com todo o respeito, senhor, não vejo nenhuma indicação de que exista alguma coisa lá.

– Eu também não – concordou Thrawn. – Mas é a única cobertura de tamanho razoável existente por quase dez milhões de quilômetros ao redor de Myrkr. Realmente não existe outro lugar de onde Karrde possa observar nossa operação.

Pellaeon franziu os lábios.

– Com sua permissão, almirante, mas duvido que Karrde seja tolo o bastante para simplesmente ficar sentado esperando nossa chegada.

Os olhos vermelhos brilhantes se estreitaram, apenas um pouco.

– Você se esquece, capitão – ele disse suavemente –, que eu conheci o homem pessoalmente. E, o mais importante, vi o tipo de obras de arte que ele coleciona. – Voltou-se para suas telas. – Não; ele está lá fora. Tenho certeza. Sabe, Talon Karrde não é meramente um contrabandista. Talvez nem mesmo primariamente um contrabandista. Seu verdadeiro amor não é por bens ou dinheiro, mas por informação. Mais do que qualquer coisa na galáxia, ele anseia pelo conhecimento... E o conhecimento do que encontramos ou não aqui é uma joia valiosa demais para ele deixar passar.

Pellaeon estudou o perfil do grão-almirante. Era, em sua opinião, um salto lógico bastante tênue. Mas, por outro lado, ele já tinha visto muitos saltos semelhantes darem certo para não levar aquele a sério.

– Devo ordenar que um esquadrão de caças TIE investigue, senhor?

– Como eu disse, capitão, paciência – disse Thrawn. – Mesmo em modo furtivo de sensores com todos os motores desligados, ele já terá garantido a possibilidade de acionar tudo e escapar antes que qualquer força de ataque consiga alcançá-lo. – Sorriu para Pellaeon. – Ou melhor, qualquer força de ataque da *Quimera*.

Uma memória errante voltou: Thrawn estendendo a mão para seu comunicador no momento em que Pellaeon estava dando às forças terrestres a ordem de ataque.

– O senhor enviou uma mensagem ao resto da frota – ele disse. – Cronometrando-a junto com minha ordem de ataque para mascarar a transmissão.

As sobrancelhas preto-azuladas de Thrawn se ergueram uma fração.

– Muito bom, capitão. Muito bom mesmo.

Pellaeon sentiu um leve calor no rosto. Os elogios do grão-almirante eram poucos e espaçados.

– Obrigado, senhor.

Thrawn assentiu.

– Mais precisamente, minha mensagem foi para uma única nave, a *Confinadora*. Ela chegará em aproximadamente dez minutos. Quando veremos o quão precisa minha leitura de Karrde foi. – Seus olhos reluziam.

Pelos alto-falantes da ponte da *Wild Karrde*, os relatórios da equipe de investigação estavam começando a escassear.

– Não me parece que eles tenham encontrado alguma coisa – comentou Aves.

– Como você mesmo disse, nós fomos cuidadosos – Mara lembrou a ele, mal ouvindo suas próprias palavras. Aquela coisa sem nome que a perturbava bem no fundo de sua mente parecia estar ficando mais forte. – Podemos sair daqui agora? – ela perguntou, virando-se para olhar para Karrde.

Ele olhou para ela, franzindo a testa.

– Tente relaxar, Mara. Não há como saberem que estamos aqui. Não houve uma sonda de foco sensor do asteroide, e, sem uma, não há como detectar esta nave.

– A menos que os sensores de um destróier estelar sejam melhores do que você pensa – retorquiu Mara.

– Nós todos conhecemos os sensores deles – Aves disse, apaziguador. – Fique tranquila, Mara, Karrde sabe o que está fazendo. A *Wild Karrde* provavelmente tem o mais preciso modo furtivo de sensor deste lado da...

Ele parou quando a porta da ponte se abriu atrás deles, e Mara se virou no instante em que os dois vornskrs de estimação de Karrde entraram correndo no aposento.

Arrastando, de modo muito literal, seu tratador atrás deles.

– O que está fazendo aqui, Chin? – perguntou Karrde.

– Desculpe, capitão – Chin bufou, enterrando os calcanhares no piso do convés e se inclinando contra os cabrestos bem esticados. O esforço deu certo apenas em parte; os predadores ainda o estavam puxando devagar para a frente. – Eu não consegui impedi-los. Pensei que talvez quisessem vê-lo, não?

– Qual o problema com vocês dois, aliás? – Karrde chamou a atenção dos animais, agachando-se na frente deles. – Não sabem que estamos ocupados?

Os vornskrs não olharam para ele. Não pareceram sequer notar sua presença, aliás. Continuaram olhando fixamente para a frente como se ele não estivesse lá.

Olhando diretamente para Mara.

– Ei – disse Karrde, estendendo a mão para dar um tapa de leve no focinho de um dos animais. – Estou falando com você, Sturm. O que deu em você, ora? – Ele acompanhou a linha de visão dos animais, que nem piscavam...

Parou para um segundo olhar, mais longo.

– Você está fazendo alguma coisa, Mara?

Mara balançou a cabeça, um tremor frio formigando pelas suas costas. Ela já tinha visto aquele olhar antes, em muitos dos vornskrs selvagens que havia encontrado durante aquela longa jornada de três dias pela floresta de Myrkr com Luke Skywalker.

Só que aqueles olhares fixos dos vornskrs não tinham sido direcionados a ela. Eles haviam sido reservados a Skywalker. Normalmente logo antes de partirem para cima dele.

– Essa é Mara, Sturm – Karrde disse ao animal, falando com ele como se conversasse com uma criança. – Mara. Vamos lá... vocês a viam o tempo todo lá no nosso lar.

Lentamente, quase com relutância, Sturm parou de puxar para a frente e voltou a atenção para seu dono.

– Mara – repetiu Karrde, olhando o vornskr com dureza bem nos olhos. – Amiga. Ouviu isso, Drang? – acrescentou, estendendo a mão para agarrar o focinho do outro vornskr. – Ela é amiga. Entendeu?

Drang pareceu pensar a respeito. Então, com tanta relutância quanto Sturm antes, ele abaixou a cabeça e parou de puxar.

– Assim é melhor – disse Karrde, fazendo rapidamente um carinho atrás das orelhas de ambos os vornskr e tornando a se levantar. – É melhor levá-los de volta para baixo, Chin. Quem sabe dar a volta com eles pelo porão principal; dar-lhes um pouco de exercício.

– Se eu conseguir achar um caminho no meio de toda a bagunça atulhada ali, não? – grunhiu Chin, voltando a puxar os cabrestos. – Vamos lá, pequeninos... Vamos embora agora.

Com apenas uma pequena hesitação os dois vornskrs permitiram que ele os tirasse da ponte. Karrde ficou observando a porta se fechar atrás deles.

– O que será que foi isso tudo? – ele se perguntou, olhando pensativo para Mara.

– Não sei – ela lhe disse, ouvindo a tensão na própria voz.

Com a distração temporária agora afastada, o estranho pavor que ela tinha sentido antes estava de volta com toda a força. Ela girou na cadeira de volta para seu painel, meio que esperando ver um esquadrão de caças TIE já em cima deles.

Mas não havia nada. Apenas a *Quimera*, ainda parada inofensiva lá longe, na órbita de Myrkr. Não representava nenhuma ameaça que qualquer um dos instrumentos da *Wild Karrde* pudessem detectar. Mas

o formigamento estava ficando cada vez mais forte.

Subitamente ela não podia mais ficar quieta. Estendendo a mão para o painel de controle, acionou a pré-inicialização do motor.

– Mara! – Aves deu um grito, pulando na cadeira como se tivesse levado uma ferroada. – O quê, em...?

– Eles estão chegando – Mara resfolegou, ouvindo a tensão de meia dúzia de emoções misturadas em sua voz.

Os dados estavam irrevogavelmente lançados: a ativação dos motores da *Wild Karrde* teria feito sensores disparar por toda a *Quimera*. Agora não havia lugar para ir a não ser para fora.

Ela olhou para Karrde, subitamente com medo do que a expressão dele pudesse estar dizendo. Mas ele estava simplesmente parado ali olhando para ela, a testa franzida numa expressão ligeiramente intrigada.

– Eles não parecem estar chegando – ele ressaltou educadamente.

Ela balançou a cabeça, sentindo como seus olhos pareciam implorar.

– Você precisa acreditar em mim – disse ela, desconfortavelmente consciente de que ela própria não estava realmente acreditando. – Eles estão se preparando para atacar.

– Acredito em você – ele disse de modo apaziguador. Ou talvez ele também reconhecesse que não havia outra opção. – Aves: cálculos de velocidade da luz. Faça o percurso mais fácil que não passe perto de Rishi; vamos parar e recalcular depois.

– Karrde...

– Mara é minha imediata – Karrde o interrompeu. – Como tal, ela tem o direito e o dever de tomar decisões importantes.

– Sim, mas... – Aves parou, a última palavra quase não saiu de tão estrangulada. – Sim – ele disse por entre dentes. Fuzilando Mara com os olhos, ele se virou para o computador de navegação e começou a trabalhar.

– É melhor você nos colocar em movimento, Mara – continuou Karrde, indo até a cadeira de comunicação vazia e se sentando. – Mantenha o asteroide entre nós e a *Quimera* pelo tempo que puder.

– Sim, senhor – disse Mara. Sua confusão de emoções estava começando a se dissolver agora, deixando uma mistura de raiva e profunda vergonha em seu rastro. Ela havia feito aquilo de novo: dado ouvidos aos seus sentimentos interiores – tentado fazer coisas que sabia muito bem que não podia fazer – e, no processo, mais uma vez acabara se prejudicando.

E também era provavelmente a última vez que ela ouviria isso sobre ser a imediata de Karrde. Unidade de comando na frente de Aves era uma coisa, mas assim que eles tivessem saído dali e ele pudesse ficar a sós com ela iria ser o diabo. Ela teria sorte se ele não a

expulsasse de sua organização. Apertando com violência os botões do painel, ela deu meia-volta na *Wild Karrde*, afastando seu nariz do asteroide e começando a se dirigir para o espaço profundo...

E, com um clarão de pseudomovimento, um objeto imenso surgiu da velocidade da luz, caindo com tranquilidade para o espaço normal, a menos de vinte quilômetros de distância.

Um cruzador imperial classe interventor.

Aves se assustou e soltou um palavrão.

– Temos companhia – ele gritou.

– Estou vendo – disse Karrde. Frio como sempre... Mas Mara podia ouvir o tom de surpresa também em sua voz. – Quanto tempo para atingirmos a velocidade da luz?

– Mais um minuto – Aves disse tenso. – Tem muito lixo na parte exterior do sistema para o computador conseguir atravessar.

– Então será uma corrida – disse Karrde. – Mara?

– Até ponto sete três – ela disse, puxando o máximo de potência que podia dos motores ainda lentos.

Ele tinha razão; iria mesmo ser uma corrida. Com seus quatro enormes geradores de ondas gravitacionais capazes de simular massas de tamanho planetário, cruzadores da classe interventor eram a arma preferida do Império para aprisionar uma nave inimiga no espaço normal enquanto caças TIE a transformavam em destroços. Mas, por ter saído ele próprio da velocidade da luz, o interventor precisaria de mais um minuto antes de conseguir acionar aqueles geradores. Se ela conseguisse tirar a *Wild Karrde* do alcance até lá...

– Mais visitantes – anunciou Aves. – Uns dois esquadrões de caças TIE vindos da *Quimera*.

– Estamos a ponto oito seis de energia – reportou Mara. – Estaremos prontos para velocidade da luz assim que o computador de navegação me der um curso.

– Status do interventor?

– Geradores gravitacionais sendo acionados – disse Aves. No visor tático de Mara, um cone fantasmagórico apareceu, mostrando a área onde o campo de amortecimento da velocidade da luz em breve passaria a existir. Ela mudou de curso ligeiramente, apontando para a margem mais próxima, e arriscou uma olhadela para a tela do computador de navegação. Quase pronto. O cone cinzento nebuloso estava rapidamente se tornando mais substancial.

O visor do computador emitiu um *ping*. Mara envolveu com a mão as três alavancas de controle de hiperespaço na frente do painel de controle e as puxou em sua direção com suavidade. A *Wild Karrde* estremeceu levemente, e por um segundo pareceu que o interventor havia vencido sua corrida mortal. Então, bruscamente, as estrelas lá fora explodiram em linhas estelares.

Eles haviam conseguido.

Aves soltou um suspiro de alívio quando as linhas se desvaneceram no céu pintalgado do hiperespaço.

– Essa foi por pouco... Como fatiar um mynock colado no casco. Como você acha que eles descobriram que nós estávamos aqui, aliás?

– Não faço ideia – disse Karrde com a voz fria. – Mara?

– Também não sei. – Mara mantinha os olhos nas suas telas, sem ousar olhar para nenhum dos dois. – Thrawn pode ter simplesmente se baseado num palpite. Ele faz isso às vezes.

– Que sorte para nós que ele não é o único que tem palpites – disse Aves, sua voz soando um pouco estranha. – Muito bom, Mara. Desculpe ter me irritado com você.

– Sim – concordou Karrde. – Um trabalho muito bom, de fato.

– Obrigada – Mara murmurou, mantendo os olhos no painel de controle e piscando para tentar eliminar as lágrimas que subitamente haviam brotado nos seus olhos. Então aquilo havia voltado. Ela torcera fervorosamente para que a localização do X-wing de Skywalker no espaço profundo tivesse sido um evento isolado. Uma ocorrência fortuita, provocada mais por ele do que por ela.

Mas não. Estava tudo voltando, assim como tantas outras vezes nos últimos cinco anos. Os palpites e vislumbres sensoriais, as necessidades urgentes e as compulsões.

O que significava que, muito em breve, os sonhos também começariam de novo.

Com raiva, ela enxugou os olhos, e fazendo um esforço destravou o maxilar. Era um padrão suficientemente familiar... mas desta vez as coisas seriam diferentes. Antes, nunca havia nada que ela pudesse fazer a respeito dessas vozes e compulsões, a não ser suportar a passagem do ciclo. Suportar, e estar pronta para sair de qualquer nicho que ela tivesse conseguido criar para si mesma quando finalmente se traísse para aqueles ao seu redor.

Mas ela não era uma serviçal em uma cantina de Phorliss agora, ou um defletor improvisado para uma gangue swoop em Caprioril, ou até mesmo uma mecânica de hiperdrive perdida nos confins do Corredor de Ison. Ela era a segunda em comando do contrabandista mais poderoso da galáxia, com o tipo de recursos e mobilidade que não tinha desde a morte do imperador. Recursos que permitiriam que ela voltasse a encontrar Luke Skywalker. E o matasse.

Talvez assim as vozes cessassem.

Por um longo minuto Thrawn ficou parado diante da escotilha da ponte, olhando para o distante asteroide e o agora supérfluo cruzador interventor ao lado dele. Era, Pellaeon pensou incomodado, quase a mesma postura que o grão-almirante havia assumido quando Luke Skywalker escapara de armadilha semelhante tão recentemente.

Contendo a respiração, Pellaeon ficou olhando para Thrawn pelas costas, perguntando-se se mais um tripulante da *Quimera* iria ser executado por aquele fracasso.

Thrawn se virou.

– Interessante – ele disse, a voz assumindo um tom de conversação. – Reparou na sequência de acontecimentos, capitão?

– Sim, senhor – Pellaeon disse com cautela. – O alvo já estava acionando seus motores antes da chegada do *Restritor*.

– Sim – assentiu Thrawn. – E isso implica uma de três coisas. Ou Karrde já estava prestes a partir de qualquer maneira, ou entrou em pânico por alguma razão – os olhos vermelhos reluziram –, ou então ele de algum modo foi alertado.

Pellaeon sentiu as costas se enrijecerem.

– Espero que o senhor não esteja sugerindo que um dos nossos tenha lhe dado a informação.

– Não, é claro que não. – Os lábios de Thrawn tremeram levemente. – Excluindo essa possibilidade, ninguém na *Quimera* sabia que o *Restritor* estava a caminho; e ninguém a bordo do *Restritor* poderia ter enviado qualquer mensagem para cá sem que a detectássemos. – Ele foi até sua estação de comando e se sentou, com um olhar pensativo no rosto. – Um enigma interessante, capitão, um enigma sobre o qual terei de meditar. Nesse meio tempo, temos questões mais urgentes. A tarefa de adquirir novas naves de guerra, por exemplo. Alguma resposta recente ao nosso convite?

– Nada particularmente interessante, almirante – disse Pellaeon, puxando o registro de comunicações e lendo-o rapidamente para refrescar a memória. – Oito dos quinze grupos que contatei expressaram interesse, embora nenhum deles estivesse disposto a se comprometer com nada de específico. Ainda estamos esperando os outros.

Thrawn assentiu.

– Vamos dar algumas semanas a eles. Se depois desse tempo não tivermos resultados, tornaremos o convite um pouco mais obrigatório.

– Sim, senhor. – Pellaeon hesitou. – Também recebemos outra comunicação de Jomark.

Thrawn voltou seus olhos brilhantes para Pellaeon.

– Eu apreciaria muitíssimo, capitão – ele disse, pronunciando cada palavra entre dentes –, se tentasse deixar claro para nosso exaltado mestre Jedi C'baoth que, caso ele persista nessas comunicações, irá subverter todo o propósito de ter sido colocado em Jomark para começar. Se os rebeldes tiverem sequer uma pista de qualquer ligação entre nós, ele pode desistir de ver Skywalker por lá.

– Eu *já* expliquei isso a ele, senhor – Pellaeon disse, com uma cara de angústia. – Numerosas vezes. Sua resposta é sempre a de que

Skywalker vai aparecer. E aí ele exige saber quando o senhor vai aparecer para lhe entregar a irmã de Skywalker.

Por um longo momento Thrawn não disse nada.

– Suponho que não haverá como calar sua boca até que ele obtenha o que quer – ele disse finalmente. – Nem como conseguir que ele faça qualquer coisa sem reclamar.

– Sim, ele estava resmungando sobre a coordenação de ataque que o senhor o tem mandado fazer – assentiu Pellaeon. – Ele me avisou várias vezes que não pode prever com exatidão quando Skywalker chegará a Jomark.

– E deu a entender que um castigo terrível cairá sobre nós se ele não estiver lá quando isso acontecer – grunhiu Thrawn. – Sim, conheço bem a rotina. E estou ficando bem cansado dela. – Respirou fundo e soltou o ar devagar. – Muito bem, capitão. Da próxima vez que C'baoth chamar, pode informar a ele que a operação de Taanab será sua última no futuro imediato. Não é provável que Skywalker chegue a Jomark antes de no mínimo mais duas semanas; o pequeno caldeirão de confusão política que pusemos para ferver no alto comando da Rebelião deverá deixá-lo ocupado por pelo menos esse tempo. Quanto a Organa Solo e seus Jedi ainda não nascidos, pode também informar a ele que de agora em diante eu cuidarei pessoalmente da questão.

Pellaeon olhou rapidamente para trás, onde o guarda-costas do grão-almirante, Rukh, estava em pé silenciosamente ao lado da porta da ponte de popa.

– Isso quer dizer que os Noghri serão afastados do trabalho, senhor? – ele perguntou baixinho.

– Você tem algum problema com isso, capitão?

– Não, senhor. Mas posso respeitosamente lembrar ao grão-almirante que os Noghri nunca gostaram de deixar uma missão incompleta?

– Os Noghri são servos do Império – Thrawn retrucou friamente. – E, mais importante, eles são leais a mim pessoalmente. Eles farão o que eu os mandar fazer. – Fez uma pausa. – Entretanto, levarei sua preocupação em conta. De qualquer forma, nossa tarefa aqui em Myrkr está completa. Ordene que o general Covell traga sua força de volta.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, fazendo um sinal para que o oficial de comunicação transmitisse a mensagem.

– Vou querer o relatório do general num arquivo em três horas – continuou Thrawn. – Doze horas depois disso, vou querer as recomendações dele para os três melhores troopers de infantaria e os dois melhores operadores mecanizados no ataque. Esses cinco homens serão transferidos para a operação do Monte Tantiss e receberão

transporte imediato até Wayland.

– Entendido – assentiu Pellaeon, registrando obedientemente as ordens no arquivo de Covell. Tais recomendações faziam parte dos procedimentos padrão do Império havia várias semanas, desde que a operação do Monte Tantiss começara a sério. Mas Thrawn mesmo assim ainda fazia questão de periodicamente mencioná-la aos seus oficiais. Talvez como um lembrete não tão sutil da importância vital que essas recomendações tinham para o plano maior do grão-almirante de esmagar a Rebelião.

Thrawn voltou a olhar o planeta abaixo deles pela escotilha.

– E, enquanto esperamos o retorno do general, você irá entrar em contato com a Vigilância, com relação àquela equipe de longo prazo para Hyllyard City. – Ele sorriu. – A galáxia é muito grande, capitão, mas até mesmo um homem como Talon Karrde tem limites. Em algum momento ele vai ter que parar para descansar.

O Castelo Alto de Jomark realmente não merecia esse nome. Pelo menos não na avaliação de Joruus C'baoth. De pequena altura e aspecto sujo, suas pedras mal encaixadas em alguns pontos conferiam um aspecto tão alienígena quanto a raça há tanto tempo extinta que o havia construído. Além disso, se encaixava de modo irregular entre dois dos maiores despenhadeiros do que havia restado de um antigo cone vulcânico. Mesmo assim, vendo o resto da orla que dava a volta ao longe e as águas azuis reluzentes do Lago Circular, que ficava quatrocentos metros quase diretamente abaixo dele, C'baoth admitia que os nativos haviam encontrado pelo menos um bom cenário para construir seu castelo. Castelo, templo, fosse lá o que aquilo fosse. Havia sido um bom lugar para um mestre Jedi se mudar, no mínimo porque os colonos pareciam ter grande respeito por lá. Além disso, a ilha escura que preenchia o centro da cratera e dava ao lago sua forma circular oferecia um ponto de pouso adequadamente oculto para a irritantemente infinita corrente de naves auxiliares de Thrawn.

Mas não era nem o cenário, nem o poder, nem mesmo o Império que permeava os pensamentos de C'baoth enquanto ele estava no terraço do castelo, olhando para o Lago Circular. Era, em vez disso, o estranho tremeluzir que ele havia acabado de sentir na Força.

Ele já havia sentido isso antes, esse tremeluzir. Ou pelo menos achava que sim.

Os fios que conduziam ao passado eram sempre tão difíceis de acompanhar, perdiam-se tão facilmente nas brumas e na pressa do presente. Até mesmo de seu próprio passado ele tinha apenas um vislumbre na memória, cenas que pareciam ser de um registro histórico. E ele parecia se lembrar de alguém tentando lhe explicar as razões por trás disso, mas a explicação há muito se perdera nas trevas do passado.

Mas isso não interessava. A memória não era importante; a concentração não era importante; seu próprio passado não era importante. Ele podia invocar a Força quando quisesse, e isso era o que importava. Enquanto pudesse fazer isso, ninguém jamais poderia machucá-lo ou tirar dele o que ele tinha.

Só que o grão-almirante Thrawn já havia lhe tirado isso. Não havia?

C'baoth olhou ao redor pelo terraço. Sim. Sim, aqueles não eram o lar, nem a cidade, nem o mundo que ele havia escolhido para moldar e comandar como seus. Ali não era Wayland, que ele havia arrancado do Jedi Sombrio a quem o imperador havia ordenado guardar seu armazém no Monte Tantiss. Ali era Jomark, onde ele estava esperando por... alguém.

Passou os dedos por sua longa barba branca, forçando-se a se concentrar. Estava esperando por Luke Skywalker – era isso. Luke Skywalker estava vindo vê-lo, e a irmã de Luke Skywalker e seus gêmeos ainda por nascer, e ele transformaria a todos em seus seguidores. O grão-almirante Thrawn os havia prometido a ele, em troca de sua ajuda ao Império.

Ele fez uma careta só de pensar. Era difícil, essa ajuda que o grão-almirante Thrawn queria. Ele teve de se concentrar com força para fazer o que eles queriam; manter seus pensamentos e emoções bem-alinhados, e por longos períodos de cada vez. Em Wayland ele não precisava fazer nada disso, não desde que lutara contra o guardião do imperador.

Ele sorriu. Tinha sido uma batalha grandiosa aquela luta contra o guardião. Mas, no instante em que ele tentava se lembrar, os detalhes escapavam voando como palha ao vento. Havia sido tanto tempo atrás...

Tanto tempo... como aqueles tremeluzires na Força.

Os dedos de C'baoth escorregaram de sua barba para o medalhão aninhado contra seu peito.

Apertando o metal quente contra a palma de sua mão, ele combateu as brumas do passado, tentando ver além delas. Sim. Sim, ele não estava enganado. Aqueles mesmos tremeluzires haviam surgido três vezes antes nas últimas estações. Haviam surgido, ficado um tempo, e depois adormecido novamente. Como alguém que aprendera como utilizar a Força por um período, mas depois de algum modo esquecera.

Ele não entendia. Mas isso não o ameaçava, e portanto não era importante.

Acima dele, podia sentir agora o destróier estelar imperial entrando em órbita elevada, bem acima das nuvens onde ninguém mais em Jomark veria. Quando caísse a noite, a nave auxiliar viria, e

eles o levariam para algum lugar – Taanab, ele acreditava –, para ajudar a coordenar mais um daqueles múltiplos ataques imperiais.

Ele não estava ansioso para o esforço e a dor. Mas tudo valeria a pena quando ele tivesse seus Jedi. Ele os refaria à sua própria imagem, e eles seriam seus servos e seguidores por todos os dias de suas vidas.

E então até mesmo o grão-almirante Thrawn teria de admitir que ele, Joruus C'baoth, havia encontrado o verdadeiro sentido do poder.

CAPÍTULO 2

– Desculpe, Luke – a voz de Wedge Antilles disse pelo comunicador, suas palavras pontuadas pelos picos ocasionais de estática. – Tentei cada manobra que fui capaz de pensar, inclusive citar todos os oficiais de alta patente que conheço e alguns que não conheço. Mesmo assim não deu. Algum burocrata lá no alto emitiu ordens para que as próprias naves de defesa Sluissi tivessem absoluta prioridade nos reparos. Até conseguirmos encontrar esse sujeito e convencê-lo a nos dar uma autorização especial, não vamos conseguir que ninguém ponha as mãos no seu X-wing.

Luke Skywalker fez uma careta, sentindo quatro horas de frustração subindo pela garganta. Quatro preciosas horas perdidas, e o fim ainda não estava em vista, enquanto em Coruscant o futuro de toda a Nova República estava em perigo.

– Você pegou o nome desse burocrata? – ele perguntou.

– Não consegui nem isso – disse Wedge. – Cada argumentação que tentei desapareceu cerca de três níveis acima dos próprios mecânicos. Ainda estou tentando, mas parece que este lugar inteiro enlouqueceu.

– É o que acontece quando o Império te ataca – Luke admitiu com um suspiro. Ele podia entender por que os Sluissi haviam definido suas prioridades daquele jeito; mas ele também não iria sair dali direto para um passeio. O voo dali até Coruscant já levaria uns bons seis dias, e cada hora que ele atrasava era uma hora a mais que as forças políticas que tentavam derrubar o almirante Ackbar teriam para consolidar sua posição.

– Continue tentando, ok? Preciso sair daqui.

– Claro – disse Wedge. – Escute, eu sei que você está preocupado com o que está acontecendo em Coruscant. Mas há limites para o que uma pessoa só pode fazer. Até mesmo um Jedi.

– Eu sei – Luke concordou com relutância. E Han estava a caminho, e Leia já estava lá... – É que eu detesto ficar sentado, de fora da ação.

– Eu também. – Wedge abaixou um pouco a voz. – Você ainda tem outra opção. Não esqueça disso.

– Não vou esquecer – prometeu Luke. Era certamente uma opção que ele havia sido tentado a aceitar de seu amigo. Mas Luke não era mais oficialmente membro dos militares da Nova República; e com as forças da Nova República ali nos estaleiros em alerta total, Wedge poderia encarar uma corte marcial por entregar seu X-wing a um civil. O conselheiro Borsk Fey'lya e sua facção anti-Ackbar poderiam não querer se dar ao trabalho de fazer um exemplo de alguém de um posto relativamente tão baixo quanto um comandante de grupo de caças estelares. Mas, por outro lado, eles poderiam.

Wedge, naturalmente, sabia disso tudo melhor do que Luke. O que tornava a oferta muito mais generosa.

– Obrigado – disse Luke. – Mas, a não ser que as coisas cheguem a um ponto realmente desesperador, provavelmente será melhor que eu simplesmente espere que o meu seja consertado.

– Ok. Como está o general Calrissian?

– Mais ou menos no mesmo barco que o meu X-wing – Luke disse secamente. – Cada doutor e droide médico daqui está ocupado cuidando de ferimentos de combate. Retirar fragmentos de metal e vidro de alguém que não está sangrando não é exatamente a prioridade no momento.

– Aposto que ele está realmente satisfeito com isso.

– Já o vi mais feliz – admitiu Luke. – É melhor eu dar mais uma forçadinha nos médicos. Por que você não volta a dar uma cutucada na burocracia Sluissi na sua ponta? Se ambos fizermos muita força, quem sabe não nos encontramos no meio?

Wedge riu.

– Certo. Falo com você depois. – Com um último estalido de estática, a comunicação foi interrompida. – E boa sorte – Luke acrescentou baixinho ao se levantar da mesa de comunicação de uso público, seguir na direção da área de recepção central de Sluis Van e tomar o corredor médico. Se o resto do equipamento Sluissi tivesse sido tão danificado quanto seu sistema de comunicação no interior do sistema, muito tempo realmente poderia se passar até que alguém tivesse tempo livre suficiente para colocar dois novos motivadores de hiperdrive em um X-wing civil.

Mesmo assim, as coisas não estavam tão terríveis quanto poderiam estar, ele decidiu ao passar com cuidado por entre as multidões apressadas que pareciam andar em todas as direções ao mesmo tempo. Ali havia diversas naves da Nova República, cujas equipes de trabalho estariam talvez mais dispostas do que os próprios Sluissi a dobrar as regras para um ex-oficial como Luke. E, se o pior acontecesse, ele podia tentar entrar em contato com Coruscant para ver se Mon Mothma poderia apressar de algum modo as coisas.

O ponto fraco dessa abordagem era que pedir ajuda provavelmente daria uma aparência de fraqueza… E demonstrar fraqueza na frente do conselheiro Fey'lya não era a melhor coisa a ser feita naquele momento.

Ou isso era o que ele achava. Por outro lado, fazer com que a dirigente máxima da Nova República lhe desse atenção pessoalmente poderia ser, com a mesma facilidade, visto como um sinal de força e solidariedade.

Luke balançou a cabeça em leve frustração. Era, ele supunha, uma característica geralmente útil para um Jedi ser capaz de ver ambos os lados de uma discussão. Entretanto, fazia as maquinações da política parecerem ainda mais nebulosas do que já eram. Mais um bom motivo

pelo qual ele sempre tentava deixar a política para Leia.

Só podia torcer para que ela estivesse à altura daquele desafio em particular.

A ala médica estava tão lotada quanto o resto da imensa estação espacial Central de Sluis Van, mas ali pelo menos uma grande percentagem dos habitantes estavam sentados ou deitados ao lado da passagem, em vez de correndo. Abrindo caminho por entre as cadeiras e macas flutuantes estacionadas, Luke chegou até o salão da ala que havia sido transformado em uma área de espera para pacientes de baixa prioridade. Lando Calrissian, sua expressão e senso pairando em algum lugar entre impaciência e tédio, estava sentado no outro canto, segurando um medpack dessensibilizador de encontro ao peito com uma das mãos, enquanto equilibrava um datapad emprestado com a outra. Fazia uma cara feia para o datapad quando Luke apareceu.

– Más notícias? – perguntou Luke.

– Nada pior do que tudo o que tem me acontecido ultimamente – disse Lando, colocando o datapad em cima da cadeira vazia ao seu lado. – O preço do hfredium voltou a cair no mercado geral. Se ele não subir um pouquinho que seja em um ou dois meses, vou perder algumas centenas de milhares.

– Ai – concordou Luke. – Esse é o produto principal de seu complexo em Nomad City, não é?

– Um de vários produtos principais, sim – Lando disse, fazendo uma cara feia. – Diversificamos o bastante para que isso não nos afetasse demais. O problema é que ultimamente eu estava estocando o material esperando que o preço subisse. Agora aconteceu justamente o oposto.

Luke suprimiu um sorriso. Esse era o bom e velho Lando. Ainda que tivesse se tornado respeitável e legítimo, ele ainda não estava acima de manipular um pouco nos seus negócios.

– Bem, se isso ajudar de alguma maneira, tenho boas notícias para você. Como todas as naves que os imperiais tentaram roubar pertenciam diretamente à Nova República, não vamos ter que passar pela burocracia Sluissi para recuperar seus mineradores-toupeira. Será questão apenas de fazer uma solicitação adequada ao comandante militar da República e rebocá-los para fora daqui.

As rugas no rosto de Lando se amenizaram um pouco.

– Isso é ótimo, Luke – ele disse. – Eu realmente agradeço: você não faz ideia do que tive de passar para conseguir esses mineradores-toupeira em primeiro lugar. Encontrar substitutos seria uma grande dor de cabeça.

Luke dispensou o agradecimento.

– Sob as circunstâncias, era o mínimo que podíamos fazer. Deixe-me ir até a estação de roteamento para ver se consigo apressar um

pouco as coisas para você. Terminou de usar o datapad?

– Claro, pode ficar. Alguma coisa nova no seu X-wing?

– Não exatamente – disse Luke, estendendo a mão para pegar o datapad. – Eles ainda estão dizendo que vão levar mais algumas horas no mínimo para...

Captou a mudança súbita nos sentidos de Lando um segundo antes que a outra mão subitamente agarrasse seu braço.

– O que foi? – perguntou Luke.

Lando estava olhando para o nada, a testa franzida em concentração enquanto ele farejava o ar.

– Onde você estava agora há pouco? – ele quis saber.

– Passei pela área de recepção até uma das mesas públicas de comunicação – respondeu Luke. Lando não estava só cheirando o ar, ele percebeu subitamente; estava cheirando a manga de Luke. – Por quê?

Lando soltou o braço de Luke.

– É tabac carababba – ele disse devagar. – Com um pouco de tempero armudu misturado. Não sinto esse cheiro desde... – levantou a cabeça e olhou para Luke, seus sentidos subitamente ficando ainda mais aguçados. – É Niles Ferrier. Tem de ser.

– Quem é Niles Ferrier? – perguntou Luke, sentindo seu coração começar a acelerar. O desconforto de Lando era contagioso.

– Humano... grande e com uma constituição meio densa – disse Lando. – Cabelos escuros, provavelmente barba, embora isso possa mudar volta e meia. Provavelmente fumando um cigarro longo e fino. Não, é claro que ele estava fumando: você ficou com um pouco da fumaça. Lembra-se de tê-lo visto?

– Espere um pouco. – Luke fechou os olhos, penetrando dentro de si com a Força.

Ampliação de memória de curto prazo foi uma das habilidades Jedi que ele aprendera com Yoda. As imagens começaram a fluir rapidamente para trás no tempo: sua caminhada até a ala médica, sua conversa com Wedge, sua busca por uma mesa pública de comunicação...

E lá estava ele. Exatamente conforme Lando o havia descrito, passando a menos de três metros de distância.

– Achei – disse a Lando, congelando a imagem em sua memória.

– Para onde está indo?

– Ahn... – Luke voltou a reproduzir a lembrança. O homem entrou e saiu do seu campo de visão por um minuto, e acabou desaparecendo inteiramente quando Luke encontrou as mesas de comunicação que havia estado procurando. – Parece que ele e dois outros estavam se dirigindo para o corredor seis.

Lando solicitou um esquema da estação no data pad.

– Corredor seis... Diabos. – Ele se levantou, jogando tanto o datapad quanto o dessensibilizador em sua cadeira. – Vamos, é melhor checarmos isso.

– Checarmos o quê? – perguntou Luke, andando a passo largo para alcançar Lando, que já se apressava pelo labirinto de pacientes em espera até a porta. – Quem é esse Niles Ferrier, aliás?

– Um dos melhores ladrões de espaçonaves da galáxia – Lando disse por cima do ombro. – E o corredor seis leva a uma das áreas das equipes de conserto. É melhor irmos até lá antes que ele ponha as mãos numa nave artilheira corelliana ou algo parecido e saia voando com ela.

Passaram pela área de recepção e sob o arco onde estava escrito "corredor seis" tanto nos delicados carióglifos Sluissi quanto nas letras mais quadradas da Língua Básica. Ali, para a surpresa de Luke, as massas de gente que pareciam estar em toda parte haviam se reduzido a um fio. Quando chegaram a cem metros corredor afora, ele e Lando estavam sós.

– Você disse que esta era uma das áreas de conserto, não? – ele perguntou, usando seus sentidos Jedi enquanto caminhavam. As luzes e os equipamentos nos escritórios e oficinas ao redor deles pareciam estar funcionando adequadamente, e ele podia sentir um punhado de droides se movendo ocupados em seus afazeres. Mas, tirando isso, o lugar parecia deserto.

– Sim, eu disse – Lando falou muito sério. – Os esquemas mostravam que os corredores três e cinco também estão sendo usados, mas deve haver tráfego suficiente para manter este aqui ocupado também. Não acredito que você tenha uma arma de raios extra; ou tem?

Luke balançou a cabeça negativamente.

– Não uso mais armas de raios. Acha que deveríamos chamar a segurança da estação?

– Não se quisermos descobrir o que Ferrier está aprontando. Ele já deve ter invadido o computador da estação e o sistema de comunicação a esta altura – chame a segurança e ele vai recuar e desaparecer em algum buraco. – Ele espiou dentro de uma das portas de escritório abertas quando passaram por ela. – Isto é típico do Ferrier. Um de seus truques favoritos é falsificar ordens de trabalho para mandar todos para fora da área que ele quer...

– Espere – Luke o interrompeu. Nos limites de sua mente... – Acho que os captei. Seis humanos e dois alienígenas, o mais próximo a cerca de duzentos metros logo à frente.

– Que espécie de alienígenas?

– Não sei. Nunca encontrei nenhuma dessas espécies antes.

– Bem, fique de olho neles. Alienígenas na gangue de Ferrier

normalmente são contratados pelos músculos. Vamos.

– Talvez você deva ficar aqui – sugeriu Luke, soltando o sabre de luz do cinto. – Não tenho certeza se vou conseguir proteger você direito se eles decidirem lutar.

– Vou correr o risco – disse Lando. – Ferrier me conhece; talvez eu possa evitar que a coisa desemboque numa briga. Além do mais, tive uma ideia que quero experimentar.

Eles estavam a apenas vinte metros do primeiro humano quando Luke captou a mudança nos sentidos do grupo adiante.

– Eles nos avistaram – ele murmurou para Lando, mudando levemente a pegada no seu sabre de luz. – Quer tentar falar com eles?

– Não sei – Lando murmurou de volta, esticando o pescoço para olhar o corredor aparentemente deserto adiante. – Podemos precisar chegar um pouco mais perto...

A coisa chegou como um tremeluzir de movimento em uma das portas, e uma ondulação brusca na Força.

– Abaixe-se! – gritou Luke, acendendo o sabre de luz. Com um estalo e sibilar a lâmina verde-esbranquiçada brilhante apareceu...

E se moveu quase sozinha para bloquear com perfeição a rajada de raios disparada em sua direção.

– Atrás de mim! – Luke ordenou a Lando quando um segundo raio queimou o ar na direção deles. Guiadas pela Força, suas mãos novamente moveram a lâmina do sabre de luz para interceptar o ataque. Um terceiro raio ricocheteou na lâmina, seguido por um quarto. De uma porta mais abaixo do corredor uma segunda arma de raios começou a disparar, adicionando sua voz à da primeira.

Luke manteve sua posição, sentindo a Força fluir para dentro dele e pelos seus braços, evocando uma estranha espécie de efeito de visão em túnel que voltava focos de luz mentais para o ataque propriamente dito e relativa escuridão em tudo o mais. Lando, meio agachado logo atrás dele, era apenas uma sensação nebulosa no fundo de sua mente; o resto do pessoal de Ferrier era ainda mais obscuro. Trincando firme os dentes, deixando a Força controlar sua defesa, ele manteve os olhos se movendo ao redor do corredor, em alerta para novas ameaças.

Ele estava olhando diretamente para a estranha sombra quando ela se destacou da parede e começou a avançar.

Por um longo minuto ele não acreditou no que estava vendo. A sombra não tinha textura nem detalhes; nada a não ser uma forma ligeiramente fluida e escuridão quase absoluta. Mas era real, e estava se movendo em sua direção.

– Lando! – ele gritou sobre o zunido agudo dos disparos de raios. – Cinco metros à frente, quarenta graus à esquerda. Alguma ideia?

Ele ouviu a respiração sibilante atrás de si.

– Nunca vi nada parecido. Bater em retirada?

Fazendo um esforço, Luke deslocou o máximo de concentração que se atrevia da defesa e voltou-a para a sombra que se aproximava. Havia de fato ali uma das inteligências alienígenas que ele tinha sentido antes. O que implicava que era um membro do grupo de Ferrier.

– Fique comigo – ele disse a Lando. Seria arriscado, mas virar as costas e fugir não adiantaria nada. Movendo-se devagar e mantendo a postura equilibrada, porém fluida, ele foi direto para cima da sombra.

O alienígena parou, claramente surpreso pelo fato de que uma potencial presa estivesse avançando ao invés de recuar dele. Luke tirou vantagem da hesitação momentânea para avançar na direção da parede do corredor à sua esquerda. Os disparos da primeira arma de raios cessaram subitamente quando, ao rastrear os movimentos de Luke, começaram a se aproximar da sombra ambulante. A forma da sombra mudou ligeiramente, dando a Luke a impressão de alguma coisa olhando por cima de seu ombro. Ele continuou se movendo para a esquerda, atraindo o fogo da segunda arma também na direção da sombra; um segundo mais tarde, seus disparos também entraram num silêncio relutante.

– Bom trabalho – Lando murmurou em seu ouvido, aprovando. – Permita-me.

Deu um passo para trás de Luke.

– Ferrier? – gritou. – Aqui é Lando Calrissian. Escute, se quiser que seu camarada aqui permaneça inteiro, é melhor chamá-lo de volta. Este aqui é Luke Skywalker, cavaleiro Jedi. O sujeito que matou Darth Vader.

O que não era exatamente verdade, claro. Mas era quase. Afinal, Luke *havia* derrotado Vader no último duelo de sabres de luz com ele, ainda que não tivesse chegado propriamente a matá-lo.

Independentemente disso, as implicações ficaram bem evidentes para os homens corredor abaixo. Ele podia sentir a dúvida e a inquietação entre eles; e, quando ergueu seu sabre de luz um pouco mais alto, a sombra interrompeu sua aproximação.

– Qual é seu nome mesmo? – alguém gritou.

– Lando Calrissian – repetiu Lando. – Lembra-se daquela operação malfadada em Phraetiss há uns dez anos?

– Ah, eu me lembro – a voz disse com um tom amargo. – O que você quer?

– Quero lhe oferecer um acordo – disse Lando. – Saia e vamos conversar.

Houve um momento de hesitação. Então, o homenzarrão de que Luke se lembrara saiu de trás de uma pilha de caixotes que haviam sido colocados contra a parede do corredor, o cigarra fumegante ainda preso entre os dentes.

– Vocês todos – insistiu Lando. – Vamos lá, Ferrier, traga-os para fora. A menos que você pense seriamente que consegue escondê-los de um Jedi.

Ferrier olhou para Luke.

– Os poderes místicos dos Jedi sempre foram exagerados – ele debochou. Mas seus lábios se moveram de modo inaudível; e, enquanto ele se aproximava de um lado, cinco humanos e um alien insetoide alto, fino e de escamas verdes emergiram um a um de seus esconderijos.

– Assim é melhor – Lando disse em aprovação, saindo de trás de Luke. – Um Verpine, hein? – ele acrescentou, acenando para o alien insetoide. – Tenho de dar o braço a torcer, Ferrier: você é rápido. Devem ser o quê?, trinta horas desde que os Imperiais foram embora, e você já está a bordo. E ainda por cima com um Verpine domesticado. Já ouviu falar em Verpines, Luke?

Luke assentiu. O aspecto do alien não era familiar, mas o nome, sim.

– Eles são supostamente gênios em consertar e remontar dispositivos de alta tecnologia.

– E é uma reputação bem-merecida – disse Lando. – Dizem os boatos que foram eles que ajudaram o almirante Ackbar a projetar o caça B-wing. Você mudou de especialidades para furtar naves danificadas, Ferrier? Ou seu Verpine veio a bordo apenas para esta ocasião?

– Você mencionou um negócio – Ferrier disse com frieza. – Então negocie.

– Quero saber primeiro se você estava no ataque a Sluis Van desde o começo – disse Lando, usando o mesmo tom de voz de Ferrier. – Se você está trabalhando para o Império, não podemos fazer negócio.

Um dos membros da gangue, arma em punho, respirou fundo e baixinho, como se estivesse se preparando. Luke desviou seu sabre de luz ligeiramente na direção dele em alerta, e a breve coragem desapareceu rapidamente. Ferrier olhou para o homem, e de volta para Lando.

– O Império enviou um chamado em busca de naves – ele disse de má vontade. – Naves de guerra em particular. Eles estão pagando uma recompensa vinte por cento acima do valor de mercado para qualquer coisa acima de 100 mil toneladas que possa voar.

Luke e Lando trocaram um olhar rápido.

– Pedido estranho – disse Lando. – Eles perderam um dos seus estaleiros ou algo assim?

– Não disseram, e não perguntei – Ferrier disse com acidez. – Sou um homem de negócios; eu dou ao cliente o que ele quer. Está aqui para negociar ou pra conversar?

– Estou aqui para negociar – Lando lhe assegurou. – Sabe, Ferrier, me parece que você está meio que numa enrascada aqui. Nós o apanhamos com a boca na botija bem no processo de tentar roubar naves de guerra da Nova República. Também já provamos muito bem que Luke pode derrubar todos vocês sem nenhum problema. Tudo o que eu tenho a fazer é assoviar para chamar a segurança e vocês todos serão mandados para uma colônia penal pelos próximos anos.

A sombra, que estava parada, deu um passo à frente.

– O Jedi pode sobreviver – Ferrier disse sombrio. – Mas você não.

– Talvez sim; talvez não – Lando disse calmo. – Independente disso, não é o tipo de situação em que um homem de negócios como você deseja estar. Então o negócio é o seguinte: vocês partem agora, e nós deixamos vocês saírem do sistema de Sluis Van antes de avisarmos as autoridades.

– Mas que generosidade a sua – disse Ferrier, com muito sarcasmo. – Então, o que você *realmente* quer? Uma percentagem da operação? Ou apenas uma quantia em dinheiro?

Lando balançou a cabeça.

– Não quero seu dinheiro. Só quero você fora daqui.

– Não respondo bem a ameaças.

– Então aceite isso como um aviso amigável em nome de antigas alianças – disse Lando, sua voz muito dura. – Mas leve a sério.

Por um longo minuto o único som no corredor era o zumbido baixo de fundo da maquinaria distante. Luke continuava em posição de combate, tentando ler as emoções cambiantes nos sentidos de Ferrier.

– Seu "negócio" nos custaria muito dinheiro – disse Ferrier, mudando o cigarro para o outro lado da boca.

– Percebo isso – Lando admitiu. – E, acredite ou não, eu lamento. Mas a Nova República não pode se dar ao luxo de perder nenhuma nave no momento. Entretanto, você pode tentar o sistema Amorris. Da última vez que fiquei sabendo, a gangue de piratas de Cavrilhu estava usando o sistema como base, e eles estão sempre precisando de pessoal de manutenção especializado. – Ele olhou para a sombra, como quem fazia uma avaliação. – E músculo extra também.

Ferrier acompanhou o olhar dele.

– Ah, você gosta do meu espectro, não é?

– Espectro? – Luke franziu a testa.

– Eles chamam a si mesmos de Defel – disse Ferrier. – Mas eu acho que "espectro" soa muito melhor. Seus corpos absorvem toda luz visível; alguma espécie de mecanismo de sobrevivência evoluído. – Ele olhou para Luke de esguelha. – E o que *você* pensa deste negócio, Jedi? Sendo o defensor da lei e da justiça que você é?

Luke havia esperado essa pergunta.

– Vocês roubaram alguma coisa aqui? – ele retrucou. – Ou fizeram algo ilegal além de invadir o computador de gerenciamento de tarefas da estação?

Ferrier torceu o lábio.

– Nós também atiramos em duas criaturas que estavam metendo os narizes onde não deviam – ele disse com sarcasmo. – Isso conta?

– Não se vocês não acertaram – Luke retrucou com calma. – Até onde me importa, vocês podem partir.

– Você é muito gentil – Ferrier grunhiu. – Então é assim?

– É assim – assentiu Lando. – Ah, e quero seu código de acesso de slicer também.

Ferrier o encarou fuzilando, mas fez um gesto para o Verpine parado atrás dele. Silenciosamente, o alien verde alto se arrastou para a frente e entregou a Lando um par de cartões de dados.

– Obrigado – disse Lando. – Está certo. Eu lhes dou uma hora para pegarem sua nave e saírem do sistema antes que soemos o alarme. Tenham uma boa viagem.

– É, teremos – Ferrier disse, quase cuspindo. – Muito bom ver você, Calrissian. Quem sabe da próxima eu possa *lhe* fazer um favor.

– Experimente Amorris – Lando pediu. – Eu aposto que eles têm pelo menos umas duas naves de patrulha Sienar velhas das quais vocês poderiam aliviá-los.

Ferrier não respondeu. Em silêncio, o grupo passou por Lando e Luke e voltou pelo corredor vazio até a área de recepção.

– Tem certeza de que falar de Amorris a ele foi uma boa ideia? – Luke murmurou enquanto os via se afastar. – O Império provavelmente vai conseguir uma ou duas naves por conta desse acordo.

– Você preferia que eles tivessem capturado um cruzador estelar calamariano? – retrucou Lando. – Ferrier provavelmente seria bom o bastante para furtar um. Certamente, com as coisas tão confusas lá fora do jeito que estão. – Ele balançou a cabeça pensativo. – O que será que está acontecendo no Império? Não faz sentido pagar extra por naves usadas quando você tem as instalações e os meios para fabricar suas próprias.

– Talvez eles estejam tendo dificuldades – sugeriu Luke, fechando o sabre de luz e devolvendo-o ao cinto. – Ou quem sabe tenham perdido um de seus destróieres estelares mas conseguido salvar a tripulação e precisem de naves para colocá-la.

– Suponho que isso seja possível – Lando admitiu com dúvidas. – É difícil imaginar um acidente que destruísse uma nave além de qualquer conserto mas deixasse a tripulação viva. Bem, podemos dar a notícia a Coruscant. Vamos deixar os mandachuvas da Inteligência descobrirem o que isso significa.

– Se não estiverem todos ocupados demais brincando de política – disse Luke. Porque se o grupo do conselheiro Fey'lya também estivesse tentando tomar a Inteligência Militar... – Sacudiu a cabeça para afastar o pensamento. Preocupar-se com a situação não era produtivo. – E então, o que faremos agora? Damos a Ferrier sua hora e depois entregamos os códigos de slicer para os Sluissi?

– Ah, vamos dar a Ferrier a hora dele, sem dúvida – disse Lando, franzindo pensativo a testa para o grupo que partia. – Mas os códigos de slicer são outra história. Ocorreu-me no caminho que, se Ferrier os estava usando para desviar trabalhadores desta extremidade da estação, não existe nenhum motivo em especial pelo qual também não possamos usá-los para jogar seu X-wing para o topo da pilha de prioridade.

– Ah – disse Luke. Não era, ele sabia, exatamente o tipo de atividade marginalmente legal da qual um Jedi devesse participar. Mas devido às circunstâncias – e à urgência da situação em Coruscant – burlar algumas regras neste caso provavelmente era algo que se justificava. – Quando começamos?

– Agora mesmo – disse Lando, e Luke não pôde evitar uma expressão de incômodo com o alívio silencioso na voz e nos sentidos do outro. Claramente, ele havia ficado com medo de que Luke fosse levantar as mesmas incômodas questões éticas a respeito dessa sugestão. – Com alguma sorte, você estará pronto para voar antes que eu tenha que entregar estas coisas para os Sluissi. Vamos lá, vamos encontrar um terminal.

CAPÍTULO 3

– Pedido de pouso recebido e confirmado, *Millennium Falcon* – a voz do diretor do controle aéreo do Palácio Imperial se fez ouvir pelo comunicador. – Vocês estão liberados para o pad oito. A conselheira Organa Solo irá encontrá-los lá.

– Obrigado, controle – disse Han Solo, manobrando a nave na direção da Cidade Imperial e olhando com incômodo a cobertura de nuvens escuras que pendia sobre toda a região como uma ameaça iminente. Ele nunca fora de acreditar muito em presságios, mas aquelas nuvens não estavam ajudando muito a melhorar seu humor.

E falando em mau humor... Estendendo a mão, ele apertou o botão do intercom da nave.

– Preparar para pousar – ele disse. – Estamos chegando à nossa aproximação.

– Obrigado, capitão Solo – a voz rigidamente precisa de C-3PO respondeu. Um pouco mais rígida que de costume, na verdade; o droide ainda devia estar com o ego ferido. Ou o que quer que se passasse por ego em droides.

Han desligou o intercom, incomodado com alguma coisa. Nunca gostara muito de droides. Ele os havia usado ocasionalmente, mas apenas quando absolutamente necessário. C-3PO não era tão ruim quanto alguns que ele havia conhecido; mas, também, ele nunca tinha passado seis dias sozinho no hiperespaço com nenhum dos outros.

Ele havia tentado. Havia mesmo, ainda que apenas porque Leia gostava de 3PO e provavelmente queria que eles se dessem bem. No primeiro dia depois de Sluis Van, ele deixara 3PO sentar-se na frente da cabine com ele, suportando a voz excessivamente formal do droide e tentando valorosamente ter algo que chegasse perto de uma conversa de verdade com ele. No segundo dia, deixou que 3PO falasse mais, e passou grande parte de seu tempo trabalhando em passagens de manutenção onde não havia espaço suficiente para dois. C-3PO havia aceitado a limitação com típica animação mecânica, e continuou falando com ele do lado de fora das comportas de acesso das passagens.

Pela tarde do terceiro dia, já havia banido inteiramente o droide de sua presença. Leia não ia gostar quando descobrisse. Mas teria gostado ainda menos se ele tivesse cedido à sua tentação original e convertido o droide em um conjunto de amortecedores aluviais de reserva.

A *Falcon* tinha acabado de atravessar a camada de nuvens e avistava a monstruosidade que era o antigo palácio do imperador. Curvando a nave ligeiramente, Han confirmou que o pad oito estava liberado e pousou.

Leia devia estar esperando logo embaixo do toldo que cobria a via de acesso do pad, porque assim que Han desceu a rampa da *Falcon* ela já estava ao lado da nave.

– Han – ela disse com a voz cheia de tensão. – Graças à Força você está de volta.

– Oi, coração – ele disse, tomando cuidado ao abraçá-la para não fazer muita pressão contra a barriga cada vez maior. Os músculos dos ombros e das costas dela estavam tensos sob os braços dele. – Estou feliz em vê-la também.

Ela o abraçou por um momento, e então gentilmente se desprendeu dele.

– Venha! Temos que ir.

Chewbacca estava esperando por eles logo no interior do acesso, sua balestra pendurada no ombro em posição de prontidão.

– Ei, Chewie. – Han acenou com a cabeça, recebendo um grunhido de saudação Wookiee em retribuição. – Obrigado por ter cuidado de Leia.

O outro rosnou uma coisa estranhamente circunspecta em resposta. Han o olhou desconfiado, e decidiu que não era hora de pedir detalhes de sua estada em Kashyyyk.

– O que foi que eu perdi? – ele resolveu perguntar a Leia.

– Não muito – ela respondeu ao descer o corredor da rampa à frente deles e entrar no palácio propriamente dito. – Depois daquela grande onda de acusações, Fey'lya aparentemente decidiu esfriar um pouco as coisas. Ele convenceu o Conselho a deixá-lo assumir algumas das funções de segurança interna de Ackbar, mas ele tem se comportado mais como um guardião do que como um novo administrador. Também tem dado muitas indiretas de que estaria à disposição para assumir o Comando Supremo, mas não fez nenhum movimento real nessa direção.

– Ele não quer que ninguém entre em pânico – sugeriu Han. – Acusar alguém como Ackbar de traição é muita coisa para as pessoas terem de engolir. Mais um pouco e elas podem começar a engasgar.

– É o que eu sinto também – concordou Leia. – O que deverá nos dar um pequeno respiro para tentar entender esse negócio do banco.

– É, o que aconteceu de verdade, afinal? – perguntou Han. – Você só me contou que uma checagem de rotina no banco encontrou uma grande quantia de dinheiro numa das contas de Ackbar.

– Não foi apenas uma checagem de rotina – disse Leia. – Aconteceu uma sofisticada invasão eletrônica no banco de compensação central de Coruscant na manhã do ataque a Sluis Van, e diversas contas grandes foram atacadas. Os investigadores fizeram uma checagem de todas as contas que o banco atendia e descobriram que tinha havido uma grande transferência para a conta de Ackbar naquela mesma manhã, do banco central em Palanhi. Você conhece Palanhi?

– Todo mundo conhece Palanhi – Han disse com acidez. – Um planetinha de encruzilhada que se acha bem mais importante do que

realmente é.

– E acredita firmemente que se conseguir permanecer neutro o suficiente pode manipular os dois lados da guerra para seu próprio lucro – disse Leia. – De qualquer maneira, o banco central ali afirma que o dinheiro não veio de Palanhi e deve ter sido transferido através deles. Até agora nosso pessoal não foi capaz de rastreá-lo além disso.

Han assentiu.

– Aposto que Fey'lya tem algumas ideias sobre de onde isso veio.

– As ideias não são só dele. – Leia suspirou. – Ele apenas foi o primeiro a aventá-las, é só.

– E a ganhar alguns pontos às custas de Ackbar – grunhiu Han. – Onde eles puseram Ackbar, aliás? Na velha seção da prisão?

Leia balançou a cabeça.

– Ele está numa espécie de prisão domiciliar flexível em seus aposentos enquanto a investigação está sendo realizada. Mais evidências de que Fey'lya está tentando não perturbar mais as coisas do que o necessário.

– Ou então de que ele sabe muito bem que não há provas suficientes aqui pra acusar um Jawa anão – retrucou Han. – Ele tem alguma acusação contra Ackbar além desse negócio do banco?

Leia deu um sorriso cansado.

– Só o quase fiasco em Sluis Van. E o fato de que foi Ackbar quem enviou todas aquelas naves de guerra para lá em primeiro lugar.

– Tem razão – admitiu Han, tentando se lembrar dos antigos regulamentos da Aliança Rebelde sobre prisioneiros militares. Se ele se lembrava corretamente, um oficial em prisão domiciliar podia receber visitas sem que elas tivessem de passar por um monte de burocracia antes.

Embora ele pudesse estar facilmente enganado a esse respeito. Eles o haviam feito aprender todas essas coisas quando lhe pespegaram um posto de oficial após a Batalha de Yavin. No entanto, ele nunca levara regulamentos a sério.

– Quanto do Conselho Fey'lya tem do seu lado? – ele perguntou a Leia.

– Se você quer dizer *solidamente* do lado dele, apenas uns dois ou três – ela respondeu. – Mas se você quiser saber quantos estão inclinados a apoiá-lo… bem, você será capaz de julgar isso por si mesmo em um minuto.

Han ficou surpreso. Perdido em suas próprias divagações sobre essa confusão, ele não tinha realmente prestado atenção em onde Leia o estava levando. Agora, com um susto, ele subitamente percebeu que eles desciam o Grande Corredor que ligava a câmara do Conselho ao muito maior auditório da Assembleia.

– Espere um minuto – ele protestou. – Agora?

– Desculpe, Han. – Ela suspirou. – Mon Mothma insistiu. Você é a primeira pessoa que esteve no ataque a Sluis Van e voltou, e eles querem lhe fazer um milhão de perguntas a respeito.

Han olhou ao redor do corredor, para o teto alto e abobadado, cheio de volutas; os entalhes ornamentados e os vitrais se alternavam nas paredes; as fileiras de pequenas vinhas roxo-esverdeadas alinhavam-se de cada lado. O imperador havia supostamente projetado o Grande Corredor em pessoa, o que provavelmente explicava por que Han sempre detestara aquele lugar.

– Eu sabia que devia ter enviado 3PO primeiro – grunhiu.

Leia o pegou pelo braço.

– Vamos lá, soldado. Respire fundo e vamos resolver logo isso. Chewie, é melhor esperar aqui fora.

A costumeira disposição da câmara do Conselho era uma versão em escala maior da sala menor do Conselho Interno: uma mesa oval no centro para os conselheiros, com fileiras de cadeiras ao longo das paredes para seus adidos e assistentes. Hoje, para a surpresa de Han, o salão havia sido reconfigurado mais ao longo das linhas da imensa Assembleia dos Comuns. As cadeiras estavam em fileiras retas, em pequenos degraus, com cada conselheiro cercado por seus assistentes. Na frente do salão, no nível mais baixo, Mon Mothma estava sentada sozinha em frente a um púlpito simples, parecendo uma palestrante numa sala de aula.

– De quem foi essa ideia? – murmurou Han, enquanto ele e Leia começavam a descer o corredor lateral na direção do que era obviamente uma cadeira de testemunha ao lado da mesa de Mon Mothma.

– Mon Mothma preparou tudo – ela murmurou. – Mas eu apostaria que foi ideia de Fey'lya.

Han franziu a testa. Ele achava que ressaltar assim o papel proeminente de Mon Mothma no Conselho seria a última coisa que Fey'lya iria querer.

– Não estou entendendo.

Ela acenou com a cabeça na direção do púlpito.

– Dar a Mon Mothma todo o foco ajuda a tranquilizar qualquer medo de que ele esteja planejando disputar o cargo dela. Ao mesmo tempo, colocar os conselheiros e seus adidos juntos em pequenos grupos tende a isolar os conselheiros uns dos outros.

– Entendi. – Han acenou com a cabeça em resposta. – Bolinha de pelo sem-vergonha, não é?

– É mesmo – disse Leia. – E ele vai explorar esse episódio de Sluis Van até o fim. Espere só pra ver.

Eles chegaram à parte da frente e se separaram: Leia foi para a fileira da frente e se sentou ao lado de sua assessora, Winter, e Han

continuou até Mon Mothma e a cadeira de testemunhas que esperava por ele.

– Quer que eu faça um juramento ou coisa parecida? – ele perguntou sem preâmbulos.

Mon Mothma balançou a cabeça.

– Isso não será necessário, capitão Solo – ela disse, com o tom de voz formal e um pouco tenso. – Por favor, sente-se. Há algumas perguntas que o Conselho gostaria de lhe fazer acerca dos recentes acontecimentos nos estaleiros de Sluis Van.

Han se sentou. Fey'lya e seus companheiros Bothanos, ele viu, estavam no grupo de cadeiras da fileira da frente, ao lado do grupo de Leia. Não havia cadeiras vazias em nenhum lugar que pudesse ter significado a ausência do almirante Ackbar, pelo menos não na frente, onde elas deveriam ter estado. Os conselheiros, sentados de acordo com seus postos, haviam aparentemente trocado de posição, de modo que cada um ficasse mais perto da frente. Mais um motivo para Fey'lya ter forçado aquela configuração, deduziu Han: na mesa oval costumeira, a cadeira de Ackbar poderia ter ficado vaga.

– Em primeiro lugar, capitão Solo – começou Mon Mothma –, gostaríamos que você descrevesse seu papel no ataque de Sluis Van. Quando você chegou, o que aconteceu em seguida, esse tipo de coisa.

– Chegamos lá praticamente quando a batalha estava começando – disse Han. – Viemos logo à frente dos destróieres estelares. Nós captamos um chamado de Wedge, o comandante de Grupo Wedge Antilles, do Esquadrão Rogue, dizendo que havia caças TIE à solta nos estaleiros...

– Perdão? – Fey'lya interrompeu educadamente. – De quem você fala quando diz "nós"?

Han se concentrou no Bothano. Naqueles olhos violetas, aquele pelo macio, cor de creme, aquela expressão totalmente neutra.

– Minha tripulação consistia de Luke Skywalker e Lando Calrissian. – Como Fey'lya sem dúvida já sabia perfeitamente bem. Apenas um truque barato para desestabilizar Han. – Ah, e dois droides. Quer o número de série deles?

Um ligeiro farfalhar de algo que não era exatamente humor percorreu o salão, e Han teve a pequena satisfação de ver aquele pelo creme perder um pouco o brilho.

– Não, obrigado – disse Fey'lya.

– O Esquadrão Rogue estava em batalha com um grupo de aproximadamente quarenta caças TIE e cinquenta mineradores-toupeira roubados que de algum modo haviam sido contrabandeados para dentro dos estaleiros – continuou Han. – Nós prestamos a eles uma assistência com os caças, descobrimos que os imperiais estavam utilizando os mineradores-toupeira para tentar roubar algumas das

naves militares que haviam sido forçadas a tarefas de carga, e fomos capazes de detê-los. Foi isso.

– Você é muito modesto, capitão Solo – Fey'lya tornou a falar. – Segundo os relatórios que recebemos aqui, foram você e Calrissian quem conseguiram sozinhos malbaratar o esquema do Império.

Han se segurou. Lá vinha. Ele e Lando haviam detido os Imperiais, tudo bem... só que eles precisaram fritar os centros nervosos de mais de quarenta naves militares para conseguir isso.

– Lamento ter estragado as naves – ele disse, olhando Fey'lya nos olhos. – O senhor preferiria que os Imperiais as tivessem tomado intactas?

Uma ondulação percorreu o pelo do Bothano.

– Ora, capitão Solo – ele disse em tom apaziguador. – Não vejo nenhum problema em particular com seu método de deter a tentativa de roubo do Império, por mais custosa que possa ter sido. Você trabalhou com o que tinha à mão. Dentro de suas limitações, você e os outros agiram de modo brilhante.

Han franziu a testa, sentindo-se subitamente um pouco incomodado. Ele havia esperado que Fey'lya tentasse fazer dele o culpado dessa história. Para variar, o Bothano parecia ter perdido uma aposta.

– Obrigado, conselheiro – ele disse, por falta de algo melhor a dizer.

– O que não quer dizer que a tentativa do Império e sua quase vitória não sejam importantes – disse Fey'lya, o pelo ondulando na direção oposta desta vez, enquanto ele olhava ao redor do salão. – Pelo contrário. Na melhor das hipóteses, eles significam sérios erros de julgamento da parte de nossos comandantes militares. Na pior... eles podem significar traição.

Han sentiu a boca seca. Então era isso. Fey'lya não havia mudado sua índole; ele simplesmente havia decidido não desperdiçar uma oportunidade de ouro daquelas com um ninguém como Han.

– Com todo respeito, conselheiro – ele falou rapidamente –, o que aconteceu em Sluis Van não foi culpa do almirante Ackbar. Toda aquela operação...

– Com licença, capitão Solo – Fey'lya o interrompeu. – E com todo respeito a *você*, permita-me apontar que a razão pela qual aquelas naves militares estavam paradas em Sluis Van para começo de conversa, com pouco efetivo e vulneráveis, foi que o almirante Ackbar ordenou o envio delas para lá.

– Mas não há traição envolvida – Han insistiu teimoso. – Já sabemos que o Império conseguiu espionar nossas comunicações...

– E quem é o responsável por essas falhas de segurança? – Fey'lya retrucou. – Mais uma vez, a culpa recai inteiramente sobre os ombros

do almirante Ackbar.

– Bem, então você *encontre* o vazamento – Han retrucou sem paciência. Perifericamente, ele podia ver Leia balançando a cabeça com urgência para ele, mas ele estava muito zangado agora para se importar se estava sendo respeitoso ou não. – E, quando for fazer isso, eu bem que gostaria de ver como *você* se daria contra um grão-almirante imperial.

O burburinho das conversas que havia começado no salão parou subitamente.

– O que você disse agora por último? – Mon Mothma perguntou.

Han xingou a si mesmo por dentro. Ele não queria falar disso com ninguém até ter a chance de checar pessoalmente nos arquivos do Palácio. Mas agora era tarde.

– O Império está sendo liderado por um grão-almirante – ele murmurou. – Eu mesmo o vi.

O silêncio no ar era pesado. Mon Mothma foi a primeira a se recuperar.

– Isso é impossível – ela disse, mas era mais como se estivesse tentando acreditar nisso. – Já cuidamos de todos os grão-almirantes.

– Eu mesmo o vi – repetiu Han.

– Descreva-o – disse Fey'lya. – Qual era a aparência dele?

– Ele não era humano – disse Han. – Pelo menos, não completamente. Tinha uma constituição basicamente humana, mas uma pele azul-clara, uma espécie de cabelo preto-azulado e olhos vermelhos brilhantes. Não sei de que espécie ele era.

– Mas sabemos que o imperador não gostava de não humanos – Mon Mothma lembrou.

Han olhou para Leia. A pele do rosto dela estava tensionada; seus olhos o encarando e o atravessando com uma expressão de horror entorpecido. Obviamente ela compreendia o que aquilo significava.

– Ele estava vestindo um uniforme branco – ele disse a Mon Mothma. – Nenhum outro oficial do Império usava nada parecido. E o contato com quem estive o chamou especificamente de grão-almirante.

– Obviamente uma autopromoção – Fey'lya disse bruscamente. – Um almirante regular ou quem sabe um moff sobrevivente tentando reunir os remanescentes do Império ao seu redor. De qualquer maneira, isso não vem ao caso; não imediatamente.

– Não vem ao caso? – Han perguntou indignado. – Escute, conselheiro, se há um grão-almirante à solta por aí...

– Se há – Mon Mothma interrompeu com firmeza –, logo descobriremos com certeza. Até lá, parece não haver muito valor em discutir no vazio. O Conselho de Pesquisa estará, a partir deste momento, encarregado de verificar a possibilidade de que um grão-

almirante ainda possa estar vivo. Até que tal investigação tenha sido finalizada, continuaremos com nossa atual investigação quanto às circunstâncias do ataque a Sluis Van. – Ela olhou para Han, depois se virou e assentiu para Leia. – Conselheira Organa Solo, pode começar as perguntas.

A enorme cabeça arredondada no topo, cor de salmão, do almirante Ackbar se inclinou ligeiramente para o lado, seus olhos redondos imensos giravam nas órbitas num gesto calamariano que Leia não conseguia se lembrar de ter visto antes. Surpresa? Ou seria talvez medo?

– Um grão-almirante – Ackbar disse por fim, sua voz soando ainda mais rouca que de costume. – Um grão-almirante imperial. Sim. Isso de fato explicaria muita coisa.

– Não sabemos *de fato* se é um grão-almirante – Leia lhe pediu cautela, olhando de esguelha para a expressão pétrea no rosto de seu marido. Era óbvio que Han não tinha nenhuma dúvida. Mas ela também não. – Mon Mothma mandou a Pesquisa investigar.

– Eles não encontrarão nada – disse Ackbar, meneando a cabeça em negativa. Um gesto mais humano, aquele, do tipo que ele normalmente tentava usar quando lidava com humanos. Ótimo; isso queria dizer que ele estava voltando a ficar mais equilibrado. – Eu mandei fazer uma busca completa dos arquivos imperiais quando tomamos Coruscant de volta do Império. Não há nada lá a não ser uma relação dos nomes dos grão-almirantes e algumas coisas a respeito de suas missões.

– Tudo apagado antes de eles saírem – grunhiu Han.

– Ou talvez nunca tivessem estado lá para começar – sugeriu Leia. – Lembre-se de que eles não eram apenas os melhores e mais brilhantes líderes militares que o imperador conseguiu encontrar. Eles também faziam parte de seu plano para fazer com que os militares do Império ficassem mais diretamente sob seu controle.

– Assim como o próprio projeto da Estrela da Morte – disse Ackbar. – Concordo, conselheira. Até que os grão-almirantes fossem totalmente integrados tanto militar *e* politicamente, não havia razão para publicar detalhes de suas identidades. E havia todos os motivos para ocultá-las.

– Então – disse Han. – Isso é um beco sem saída.

– Parece que sim – concordou Ackbar. – Qualquer informação que viermos a obter terá de vir de fontes atuais.

Leia olhou para Han.

– Você mencionou que estava com um contato quando viu esse grão-almirante, mas não nos deu o nome do contato.

– Isso mesmo – assentiu Han. – Não dei. E não vou dar. Pelo menos não agora.

Leia franziu a testa para aquela cara de jogador de sabacc

impossível de interpretar, usando ao máximo todas as suas rudimentares habilidades Jedi para tentar sentir o propósito e os sentimentos dele. Não chegou muito longe. *Se pelo menos eu tivesse mais tempo para praticar*, ela pensou com tristeza. Mas, se o Conselho havia precisado de todo o seu tempo antes, agora iria precisar mais do que nunca.

– Mon Mothma vai acabar querendo saber – ela o avisou.

– E vou acabar dizendo a ela – ele devolveu. – Até lá, esse vai ser nosso segredinho.

– Do tipo “carta na manga”?

– Nunca se sabe. – Uma sombra indefinida atravessou o rosto de Han. – O nome não vai adiantar de nada para o Conselho agora, de qualquer maneira. O grupo inteiro provavelmente já se escondeu em algum lugar. Se o Império não os pegou.

– Você não sabe como encontrá-los? – perguntou Leia.

Han deu de ombros.

– Há uma nave que prometi tirar do depósito para eles. Posso tentar isso.

– Faça o que puder – disse Ackbar. – Você falou que o irmão da conselheira Organa Solo estava ao seu lado em Sluis Van?

– Sim, senhor – disse Han. – Seu hiperdrive precisava de alguns reparos, mas ele devia estar a apenas umas duas horas atrás de mim. – Olhou para Leia. – Ah, e vamos ter que devolver a nave de Lando para ele em Sluis Van.

Ackbar fez um ruído parecido com um assovio estrangulado – o equivalente calamariano de um grunhido.

– Vamos precisar ouvir testemunhos dos dois – ele disse. – E do comandante de grupo Antilles também. É vital que descubramos como o Império foi capaz de contrabandear uma força tão grande passando por tantos sensores.

Leia olhou para Han.

– Segundo o relatório preliminar de Wedge, eles aparentemente estavam dentro de um cargueiro cujo porão foi registrado como vazio.

Os olhos de Ackbar giraram em suas órbitas.

– Vazio? Não simplesmente impossível de ler, como num defeito de sensor ou amortecimento por estática?

– Wedge disse que estava vazio – disse Han. – Ele devia saber a diferença entre isso e amortecimento por estática.

– Vazio. – Ackbar pareceu afundar um pouco na sua cadeira. – O que só pode significar que o Império finalmente desenvolveu um escudo de camuflagem que funciona.

– É o que está começando a parecer – Leia concordou séria. – Suponho que a única boa notícia é que eles ainda devem ter alguns *bugs* no sistema. Senão, poderiam simplesmente ter camuflado toda a

força-tarefa de Sluis Van e feito o lugar em pedaços.

– Não – disse Ackbar, balançando a cabeça imensa. – Esta é pelo menos uma coisa com a qual não teremos que nos preocupar. Por sua própria natureza, um escudo de camuflagem seria mais perigoso que valioso para o usuário. Os próprios feixes do sensor de uma nave de guerra camuflada seriam tão inúteis quanto os de seus inimigos, deixando-a navegando totalmente cega. Pior, se estivesse sem energia, o inimigo poderia localizá-la simplesmente rastreando as emissões do drive.

– Ah – disse Leia. – Eu não havia pensado nisso.

– Há anos temos ouvido rumores de que o imperador estava desenvolvendo um escudo de camuflagem – disse Ackbar. – Pensei muito nessa contingência. – Ele pigarreou. – Mas as fraquezas não são de muito consolo. Um escudo de camuflagem nas mãos de um grão-almirante ainda seria uma arma perigosa. Ele acharia um meio de usá-la contra nós.

– Já achou – Han murmurou.

– Aparentemente sim. – Os olhos giratórios de Ackbar travaram no rosto de Leia. – A senhora precisa me inocentar dessa acusação ridícula, conselheira. O mais rápido possível. Apesar de toda sua ambição e autoconfiança, o conselheiro Fey'lya não tem as habilidades táticas de que precisamos contra uma ameaça dessa magnitude.

– Vamos soltar o senhor, almirante – prometeu Leia, desejando sentir essa confiança toda. – Estamos trabalhando nisso agora mesmo.

Então ouviram batidas fortes na porta, e ela se abriu atrás de Leia.

– Com licença – o droide G-2RD achatado disse, numa voz de ressonância metálica. – Seu tempo acabou.

– Obrigada – disse Leia, suprimindo sua frustração ao se levantar. Ela queria desesperadamente ter mais tempo com Ackbar, tanto para explorar com ele essa nova ameaça imperial quanto para também discutir as estratégias legais que poderiam usar em sua defesa. Mas argumentar com o droide de nada lhe valeria, e ainda poderia ter seus privilégios de visita revogados inteiramente. Droides de guarda tinham esse poder, e a série 2RD em particular tinha a reputação de ser muito difícil de lidar.

– Voltarei em breve, almirante – ela disse a Ackbar. – Ou esta tarde ou amanhã.

– Até logo, conselheira. – Houve apenas uma breve hesitação... – E até logo, capitão Solo. Obrigado por terem vindo.

– Até logo, almirante – disse Han.

Eles saíram do aposento e começaram a descer o corredor amplo; o G-2RD assumiu posição à porta atrás deles.

– Deve ter doído – comentou Han.

– O quê? – perguntou Leia.

– Me agradecer por ter vindo.

Ela franziu a testa, mas não havia nada no rosto dele a não ser seriedade.

– Ah, o que é que há, Han. Só porque você pediu baixa...

– Ele me considera um nível acima de um completo traidor – Han terminou a frase por ela.

Uma resposta óbvia a respeito de complexos de perseguição passou pela cabeça de Leia.

– Ackbar nunca foi o que você poderia chamar de pessoa muito sociável – ela acabou dizendo.

Han balançou a cabeça.

– Não estou imaginando coisas, Leia. Pergunte isso a Lando um dia: ele tem o mesmo tipo de tratamento. Você deixa os militares e para Ackbar você não passa de cuspe de tauntaun.

Leia suspirou.

– Você precisa entender o ethos de Mon Calamari, Han. Eles nunca foram uma espécie guerreira até que o Império começou a escravizá-los e devastar o mundo deles. Aqueles maravilhosos cruzadores estelares deles eram originalmente naves de passageiros, você sabe, que nós ajudamos a converter em naves de guerra. Talvez não seja tanto raiva de você por ter desistido, mas uma espécie de culpa residual consigo mesmo e seu povo por terem partido para a guerra em primeiro lugar.

– Mesmo que tenham sido forçados a isso?

Leia deu de ombros desconfortavelmente.

– Não acho que alguém vá para uma guerra sem a sensação incômoda de que poderia ter sido de outra maneira. Mesmo quando todas as outras maneiras já tenham sido tentadas e não funcionaram. Eu sei que *eu* me senti assim quando entrei para a rebelião; e acredite em mim, pessoas como Mon Mothma e Bail Organa também tentaram de tudo. Para uma raça inerentemente pacífica como os Mon Calamari, a sensação deve ser ainda pior.

– Bem... talvez – Han admitiu de má vontade. – Eu só queria que eles resolvessem isso sozinhos e nos deixassem de fora.

– Eles vão fazer isso – Leia lhe assegurou. – Só precisamos dar tempo a eles.

Ele olhou para ela.

– Você ainda não me contou por que você e Chewie deixaram Kashyyyk e voltaram para cá.

Leia ficou preocupada. Ela sabia que uma hora teria de contar a Han sobre o acordo que havia feito com Khabarakh, o soldado Noghri. Mas um corredor público do Palácio Imperial não era lugar para esse tipo de discussão.

– Não parecia haver motivo para ficar – ela disse a ele. – Houve

outro ataque...

– Houve *o quê?*

– Relaxe, nós os derrotamos – ela o tranquilizou. – E fiz uns arranjos que deverão me manter segura, pelo menos durante as próximas duas semanas. Mais tarde eu conto a respeito, quando estivermos em algum lugar mais protegido.

Ela podia sentir os olhos dele penetrando-a profundamente; podia sentir a desconfiança em sua mente de que havia algo que ela não estava lhe contando. Mas ele reconhecia tão bem quanto ela o perigo de falar segredos em aberto.

– Tudo bem – ele murmurou. – Só espero que você saiba o que está fazendo.

Leia estremeceu, concentrando-se nos sentidos dos gêmeos que carregava dentro de si. Tão potencialmente fortes na... Força; e entretanto tão profundamente indefesos.

– Eu também – ela sussurrou.

CAPÍTULO 4

JORUS C’BAOTH. HUMANO. NASCIDO EM REITECAS, EM BORTRAS, EM 4\3\112. DATA PRÉ-IMPERIAL.

Luke fez uma cara feia enquanto via as palavras rolarem para cima na tela do computador da Biblioteca do Antigo Senado. O que acontecia com novos regimes, ele se perguntou, que um de seus primeiros atos oficiais sempre parecia ser a criação de um novo sistema de datas, que eles então logo aplicavam a todos os registros históricos existentes? O Império Galáctico havia feito isso, assim como a Velha República antes dele. Ele só podia esperar que a Nova República não fizesse o mesmo. A história já era complicada de acompanhar do jeito que estava.

FREQUENTOU A UNIVERSIDADE DE MIRNIC 6\4\95 A 4\32\90 PI. FREQUENTOU O CENTRO DE TREINAMENTO JEDI EM KAMPARAS 2\15\90 A 8\33\88 PI. TREINAMENTO PARTICULAR JEDI COMEÇOU 9\88 PI; INSTRUTOR DESCONHECIDO. RECEBEU TÍTULO DE CAVALEIRO JEDI 3\6\86 PI. ASSUMIU OFICIALMENTE TÍTULO DE MESTRE JEDI 4\3\74 PI. FIM SUMÁRIO MAIS DETALHES DE EDUCAÇÃO E TREINAMENTO?

– Não – respondeu Luke, franzindo a testa. C’baoth havia *assumido* o título de mestre Jedi? Ele sempre tivera a impressão de que esse título, assim como o próprio posto de cavaleiro Jedi, era algo que o resto da comunidade Jedi garantia, e não era simplesmente autoproclamado. – Dê-me os pontos altos de seu registro como Jedi.

MEMBRO DO GRUPO DE OBSERVAÇÃO DA DESMILITARIZAÇÃO DE ANDO 8\82 A 7\81 PI. MEMBRO DE COMISSÃO ASSESSORA DE INTERESPÉCIES DO SENADO 9\81 A 6\79 PI. ASSESSOR JEDI PESSOAL DO SENADOR PALPATINE 6\79 A 5\77–

– Pare – ordenou Luke, um súbito tremor percorrendo sua espinha. Assessor Jedi do senador *Palpatine*? – Detalhe os serviços de C’baoth ao senador Palpatine.

O computador pareceu pensar na solicitação. INDISPONÍVEL, foi a resposta finalmente.

– Indisponível ou simplesmente secreto? – retrucou Luke.

INDISPONÍVEL, repetiu o computador.

Luke fez uma careta de desagrado. Mas não havia muito que pudesse fazer a respeito por ora.

– Continue.

MEMBRO DE FORÇA JEDI REUNIDA PARA SE OPOR À INSSURREIÇÃO DOS JEDI SOMBRIOS EM BPFASSH 7\77 A 1\74 PI. AJUDOU NA RESOLUÇÃO DA CONTENÇÃO DA ASCENDÊNCIA DE ALDERAAN 11\70 PI. AJUDOU O MESTRE JEDI TRA’S M’INS NA MEDIAÇÃO DO CONFLITO DE DUINUOGWUIN-GOTAL l\68 A 4\66 PI. NOMEADO EMBAIXADOR-GERAL PARA O SETOR DE XAPPYH 8\21\62 PI PELO SENADO. ALTAMENTE FUNDAMENTAL PARA

CONVENCER O SENADO A AUTORIZAR E FINANCIAR O PROJETO VIAGEM EXTRAGALÁCTICA. UM DOS SEIS MESTRES JEDI LIGADOS AO PROJETO 7\7\65 PI. NÃO EXISTE REGISTRO APÓS A PARTIDA DO PROJETO DE YAGA MENOR, 4\1\64. FIM DO SUMÁRIO DOS PONTOS ALTOS. MAIS INFORMAÇÕES?

Luke se recostou em sua cadeira, olhando para a tela e mordendo o interior da bochecha. Então C'baoth não só havia sido assessor do homem que um dia iria se declarar imperador, como também fizera parte do ataque contra aqueles Jedi sombrios do setor Sluis dos quais Leia lhe tinha falado. Um dos quais sobrevivera tempo suficiente para enfrentar Mestre Yoda em Dagobah...

Passos suaves atrás dele.

– Comandante?

– Olá, Winter – Luke disse sem se virar. – Procurando por mim?

– Sim – disse Winter, parando ao lado dele. – A Princesa Leia gostaria de vê-lo assim que tiver acabado aqui. – Ela acenou com a cabeça para a tela, passando a mão pelos cabelos brancos sedosos ao fazer isso. – Mais pesquisas Jedi?

– Mais ou menos – respondeu Luke, enfiando um cartão de dados na fenda do computador. – Computador: copiar registro completo do mestre Jedi Jorus C'baoth.

– Jorus C'baoth – Winter repetiu pensativa. – Ele não estava envolvido naquela grande discussão pela ascendência em Alderaan?

– É o que o registro diz – Luke assentiu. – Sabe de algo a respeito?

– Não mais que qualquer outro Alderaaniano – disse Winter. Mesmo com seu rígido controle, foi possível ouvir um pouco de dor em sua voz, e Luke percebeu que seu corpo estava se tensionando, em simpatia com essa sensação. Para Leia, ele sabia, a destruição de Alderaan e a perda de sua família eram uma dor devastadora, mas que lentamente se desvanecia nos confins de sua mente. Para Winter, com sua memória perfeita e indelével, a dor provavelmente continuaria para sempre. – A questão era se a linha de ascensão para vice-rei deveria ir para o pai de Bail Organa ou outra das linhas da família – continuou Winter. – Depois do terceiro impasse nos votos, eles apelaram para que o Senado mediasse a questão. C'baoth foi um dos membros da delegação que eles enviaram, que levou menos de um mês para decidir que o direito pertencia aos Organa.

– Você viu alguma imagem de C'baoth? – perguntou Luke.

Winter parou para pensar.

– Havia um holo de grupo nos arquivos que mostrava toda a equipe de mediação – ela disse depois de um momento. – C'baoth era... ah, tinha altura e constituição medianas, suponho. Bem musculoso, também, o que lembro ter pensado ser estranho para um Jedi. – Ela olhou para Luke, corando ligeiramente. – Desculpe; não

queria que isso soasse deletério.

– Não há problema – Luke lhe assegurou. Ele havia descoberto que esse era um erro de percepção comum: com o domínio sobre a Força, as pessoas simplesmente supunham que não havia motivo para que um Jedi cultivasse força física. O próprio Luke tinha levado vários anos para verdadeiramente apreciar as maneiras sutis pelas quais o controle do corpo estava ligado ao controle da mente. – O que mais?

– Ele tinha cabelos grisalhos e uma barba curta e bem-aparada – disse Winter. – Estava usando o mesmo manto marrom e a túnica branca que muitos Jedi pareciam usar. Além disso, não havia nada de particularmente notável nele.

Luke esfregou o queixo.

– Quantos anos ele parecia ter?

– Ah... eu diria que por volta de quarenta – disse Winter. – Cinco anos a mais ou a menos, talvez. É sempre difícil calcular a idade a partir de uma imagem.

– Isso bateria com o registro aqui – concordou Luke, retirando o cartão de dados da fenda. Mas se o registro estivesse certo... – Você disse que Leia queria me ver? – ele perguntou, levantando-se.

– Se for conveniente – Winter assentiu. – Ela está em seu escritório.

– Ok. Vamos lá.

Saíram da biblioteca e desceram o corredor cruzado que ligava as áreas de pesquisa às câmaras de Conselho e da Assembleia.

– Você sabe alguma coisa sobre o planeta Bortras? – ele perguntou a Winter enquanto caminhavam. – Especificamente, algo sobre quanto tempo seus habitantes vivem?

Ela pensou um momento.

– Nunca li nada que mencionasse isso de uma forma ou de outra. Por quê?

Luke hesitou; mas, fosse qual fosse a forma como os imperiais estavam obtendo informações de dentro do santuário interno da Nova República, Winter certamente estava acima de qualquer suspeita.

– O problema é que se esse suposto Jedi em Jomark realmente for Jorus C'baoth, ele deve ter mais de cem anos agora. Eu sei que existem espécies que vivem mais tempo que isso, mas supostamente ele é humano.

Winter deu de ombros.

– Sempre existem exceções ao tempo de vida normal de uma raça – ela ressaltou. – E um Jedi, em particular, poderia ter técnicas que ajudassem a estender esse tempo.

Luke pensou nisso. Ele sabia que era possível. Yoda certamente tivera uma vida longa – uns bons novecentos anos – e, como regra geral, espécies menores viviam menos que espécies maiores. Mas *normalmente* não quer dizer *sempre*; e, depois de muitas horas de busca

nos registros, Luke ainda não havia descoberto a que espécie Yoda pertencera. Talvez uma abordagem melhor fosse tentar descobrir por quanto tempo o imperador havia vivido.

– Então você acha que Jorus C'baoth está vivo? – Winter perguntou, interrompendo seus pensamentos.

Luke olhou ao redor. Agora eles haviam chegado ao Grande Corredor, que devido à sua localização normalmente estava fervilhando com seres de todos os tipos. Mas hoje estava quase vazio, com apenas alguns humanos e outros parados em pequenos grupos de conversação, todos distantes demais para ouvi-los.

– Tive um breve contato mental com outro Jedi enquanto estive em Nkllon – ele disse, abaixando a voz. – Depois disso, Leia me contou que havia rumores de que C'baoth teria sido visto em Jomark. Não sei a que outra conclusão chegar.

Winter ficou em silêncio.

– Algum comentário? – Luke perguntou.

Ela deu de ombros.

– Qualquer coisa que tenha a ver com os Jedi e a Força estão fora da minha experiência pessoal, comandante – ela disse. – Eu realmente não posso tecer comentários a respeito, de um jeito ou de outro, mas tenho que dizer que a impressão que C'baoth me provocou a partir da história de Alderaan me deixa cética.

– Por quê?

– É apenas uma impressão, o senhor entende – enfatizou Winter. – Nada que eu sequer teria mencionado se o senhor não tivesse perguntado. C'baoth me pareceu o tipo de pessoa que adorava estar no meio das coisas. Do tipo que, se não pudesse liderar, controlar ou ajudar em uma situação particular, ainda estaria ali só para estar visível.

Agora eles estavam passando por uma das árvores ch'hala roxas e verdes que ladeavam o Grande Corredor, perto o bastante para Luke ver o sutil padrão malhado como um turbilhão de cores que acontecia sob a fina casca transparente exterior.

– Acho que isso bate com o que li – ele admitiu, estendendo a mão para passar a ponta de um dedo pelo tronco liso da árvore enquanto caminhavam. O turbilhão sutil explodiu ao seu toque em um clarão de vermelho vivo sobre o roxo tranquilo, a cor disparando ao redor do tronco como ondulações em um lago cilíndrico, circulando-a diversas vezes e subindo e descendo pelo tronco até finalmente se desvanecer para um vermelho mais escuro e, depois, de volta para o roxo. – Não sei se você sabia disso, mas aparentemente ele se autopromoveu de cavaleiro a mestre Jedi. Parece uma coisa meio arrogante.

– Parece mesmo – concordou Winter. – Embora pelo menos na época em que ele foi a Alderaan pareça não ter havido discussão a

esse respeito. Meu argumento é que alguém que gosta tanto assim de receber atenção não teria ficado tão completamente de fora da guerra contra o Império.

– E é um bom argumento mesmo – admitiu Luke, meio que tentando observar o último fragmento de vermelho se desvanecer da árvore ch'hala que tinha tocado. O contato em Nkllon com o misterioso Jedi havia sido mais ou menos assim: ali por um longo curto espaço de tempo, e depois sumiu sem deixar vestígios. Talvez C'baoth não estivesse mais controlando completamente seus poderes...? – Um novo assunto, então. O que você sabe a respeito desse projeto Viagem Extragaláctica que a Velha República montou?

– Não muito – ela disse, franzindo a testa em concentração. – Supostamente era uma tentativa de buscar vida fora da galáxia propriamente dita, mas tudo estava tão coberto em sigilo que eles jamais liberaram nenhum detalhe. Não sei sequer se o projeto chegou a ser lançado.

– Dizem os registros que sim – disse Luke, tocando a próxima árvore ch'hala na fila quando passaram, provocando outro clarão vermelho. – Eles também dizem que C'baoth estava vinculado ao projeto. Isso quer dizer que ele teria estado a bordo?

– Não sei – disse Winter. – Há rumores de que vários mestres Jedi estariam indo, mas também não há confirmação oficial a respeito. – Ela olhou de lado para ele. – Você está pensando que pode ser esse o motivo pelo qual ele não estava por perto durante a Rebelião?

– É possível – disse Luke. – Claro, isso apenas levantaria todo um outro conjunto de perguntas. Como o que aconteceu a eles e como ele retornou.

Winter deu de ombros.

– Suponho que exista um jeito de descobrir.

– É. – Luke tocou a última árvore da fila. – Ir a Jomark e perguntar a ele. Acho que vou ter que fazer isso.

O escritório de Leia estava agrupado com as outras suítes do Conselho Interno, logo além do salão que ligava o Grande Corredor à sala de reuniões mais íntima do Conselho Interno. Luke e Winter entraram na área de recepção externa, para encontrar uma figura familiar esperando ali.

– Olá, 3PO – disse Luke.

– Mestre Luke! Como é bom ver o senhor novamente – o droide de pele dourada desatou a falar. – O senhor está bem, espero.

– Estou bem – disse Luke. – R2 pediu para dizer olá quando visse você, a propósito. Eles o deixaram no espaçoporto ajudando na manutenção do meu X-wing, mas vou trazê-lo de volta esta noite. Você vai poder vê-lo então.

– Obrigado, senhor. – C-3PO inclinou ligeiramente a cabeça, como

se tivesse acabado de se lembrar de que deveria estar agindo como recepcionista ali. – A Princesa Leia e os outros estão esperando o senhor – ele disse, tocando o controle de abertura da câmara interior. – Por favor, queira entrar.

– Obrigado – disse Luke, assentindo com seriedade. Não importava o quanto 3PO pudesse parecer ridículo em qualquer situação, ele sempre tinha uma certa dignidade inerente, uma dignidade à qual Luke normalmente tentava responder da mesma maneira. – Avise se mais alguém vier.

– Naturalmente, senhor – disse 3PO.

Eles entraram na câmara interior e encontraram Leia e Han conversando baixinho na frente de uma tela de computador sobre a mesa de Leia. Chewbacca, sentado sozinho perto da porta com sua balestra sobre os joelhos, grunhiu em saudação quando eles entraram.

– Ah! Luke – disse Leia, levantando a cabeça. – Obrigada por ter vindo. – Ela desviou a atenção para Winter. – Isso é tudo por ora, Winter.

– Sim, Sua Alteza – assentiu Winter. Com sua graça costumeira, ela saiu deslizando do aposento.

Luke olhou para Han.

– Ouvi dizer que você jogou um detonador térmico duplo em cima do Conselho ontem.

Han fez uma careta.

– Eu tentei. Não que alguém realmente tenha acreditado em mim.

– É um daqueles casos onde a política entra no reino da fantasia – disse Leia. – A última coisa que qualquer um quer acreditar é que de algum modo deixamos passar um dos grão-almirantes do imperador.

– Parece mais negação do que fantasia para mim – disse Luke. – Ou eles têm outra teoria sobre como fomos conduzidos de modo tão direto para dentro daquela armadilha em Sluis Van?

Leia fez uma careta.

– Alguns deles dizem que é aí que entra o conluio de Ackbar.

– Ah – murmurou Luke. Então *esse* era o carro-chefe do esquema de Fey'lya. – Eu ainda não tinha ouvido os detalhes.

– Até agora, Fey'lya estava jogando as cartas de sabacc bem perto do seu pelo – grunhiu Han. – *Ele* afirma que está tentando ser justo; eu acho que ele está apenas tentando não balançar todos os estabilizadores ao mesmo tempo.

Luke franziu a testa para ele. Havia mais alguma coisa no rosto e nos sentidos de seu amigo...

– E mais alguma coisa, talvez? – ele perguntou.

Han e Leia trocaram olhares.

– Talvez – disse Han. – Você reparou a rapidez com que Fey'lya culpou Ackbar após o ataque a Sluis Van. Ou ele é um dos maiores

oportunistas de todos os tempos...

– O que já sabemos que ele é –, interrompeu Leia.

– ...ou então – Han continuou amargo –, ele já sabia o que ia acontecer.

Luke olhou para Leia. Para a tensão no rosto e nos sentidos dela...

– Você percebe o que está dizendo? – ele disse baixinho. – Você está acusando um membro do Conselho de ser um agente do Império.

Os sentidos de Leia pareceram se encolher. Os de Han nem se moveram.

– É, eu sei – disse Han. – Não é disso que ele está acusando Ackbar?

– O problema é o *timing*, Han – disse Leia; seu tom de voz revelava uma paciência no limite. – Como já tentei explicar. Se acusarmos Fey'lya de qualquer coisa agora, irá simplesmente parecer que estamos tentando tirar a pressão de Ackbar rebatendo as acusações. Mesmo que fosse verdade – e não acho que seja –, isso ainda seria visto como um truque barato e um tanto impensado.

– Talvez tenha sido por isso que ele foi tão rápido em dedar Ackbar – retrucou Han. – Pra que não pudéssemos acusá-lo. Isso já não lhe ocorreu?

– Sim, já – disse Leia. – Infelizmente, não muda a situação. Até inocentarmos Ackbar, não podemos sair fazendo acusações contra Fey'lya.

Han bufou.

– O que é que há, Leia? Subterfúgios políticos têm hora e lugar, mas aqui nós estamos falando da sobrevivência da Nova República.

– Que poderia se destroçar completamente por causa disto sem que ninguém jamais precisasse dar um tiro – Leia retorquiu irritada. – Encare os fatos, Han: todo este negócio ainda está de pé por conta de esperança e adesivos para caixotes. Você joga algumas acusações no ar, e metade das raças da antiga Aliança Rebelde pode decidir retirar seu apoio e seguir um caminho separado.

Luke pigarreou.

– Se eu puder dizer uma coisa...?

Eles olharam para ele, e a tensão na sala diminuiu um pouco.

– Claro, garoto, o que é? – perguntou Han.

– Acho que todos concordamos que, seja qual for sua agenda ou possíveis patrocinadores, Fey'lya está aprontando *alguma coisa* – disse Luke. – Talvez ajudasse descobrir o que é essa coisa. Leia, o que sabemos sobre Fey'lya?

Ela deu de ombros.

– Ele é um Bothano, obviamente, embora tenha crescido no mundo-colônia bothano de Kothlis em vez de em Bothawni. Entrou para a Aliança logo após a Batalha de Yavin, trazendo um bom

número de seus seguidores Bothanos consigo. Seu povo trabalhava principalmente em suporte e reconhecimento, embora tenham se envolvido em batalhas ocasionalmente também. Ele estava envolvido numa série de atividades comerciais interestelares de amplo alcance antes de se juntar à Aliança: importações, comércio, um pouco de mineração, empreendimentos sortidos. Tenho certeza de que ele continua envolvido com alguns deles, mas não sei quais.

– Eles estão em arquivo? – perguntou Luke.

Ela balançou a cabeça.

– Já vasculhei o arquivo dele cinco vezes, e já chequei cada referência a ele que pude encontrar. Nada.

– É lá que vamos querer começar a rastrear, então – decidiu Han. – Tranquilas atividades comerciais são sempre boas para desenterrar sujeira.

Leia lançou a ele um olhar paciente.

– A galáxia é grande, Han. Nem sequer sabemos onde começar a procurar.

– Acho que podemos descobrir – Han lhe assegurou. – Você disse que os Bothanos se envolveram em algumas batalhas depois de Yavin. Onde?

– Uma série de lugares – Leia disse, franzindo a testa. Ela girou o computador para encará-lo, digitou um comando. – Vamos ver...

– Pode pular qualquer batalha para a qual eles foram ordenados – Han disse a ela. – E também qualquer vez em que havia somente alguns deles como parte de uma grande força multiespécies. Só quero os lugares onde um bando do pessoal de Fey'lya se jogou com vontade no negócio.

Estava claro, pelo rosto de Leia, que ela não via aonde Han queria chegar com aquilo, um sentimento com o qual Luke prontamente se identificou. Mas ela inseriu os parâmetros sem comentários.

– Bem... Suponho que a única que atenda de fato às qualificações seja uma batalha curta, porém violenta, próxima a New Cov no setor Churba. Quatro naves Bothanas atacaram um destróier estelar classe vitória que estava por ali, mantendo-o ocupado até que um cruzador estelar pudesse ir em seu socorro.

– New Cov, hein? – Han repetiu pensativo. – Esse sistema é mencionado em algum lugar nas coisas de negócios de Fey'lya?

– Ahn... não, não é.

– Certo – assentiu Han. – Então é lá que vamos começar.

Leia deu a Luke um olhar perdido.

– Perdi alguma coisa?

– Ah, qual é, Leia – disse Han. – Você mesma disse que os Bothanos praticamente ficaram de lado durante a guerra de verdade em todo lugar onde puderam. Eles não atacaram um destróier estelar

vitória em New Cov pela diversão. Estavam protegendo alguma coisa.

Leia franziu a testa.

– Eu acho que você está exagerando.

– Talvez – concordou Han. – Talvez não. Suponha que tenha sido Fey'lya e não os Imperiais que enfiaram sorrateiramente aquele dinheiro para dentro da conta de Ackbar. Transferir um fundo em bloco através de Palanhi do setor Churba seria mais fácil do que enviá-lo de qualquer um dos sistemas imperiais.

– Isso nos faz voltar a acusar Fey'lya de ser um agente imperial – avisou Luke.

– Talvez não – argumentou Han. – Pode ser que o momento da transferência tenha sido uma coincidência. Ou quem sabe os Bothanos tenham percebido as intenções do Império e Fey'lya imaginou que pudesse usar isso para derrubar Ackbar.

Leia balançou a cabeça.

– Mesmo assim, não é nada que possamos levar ao Conselho – ela disse.

– Não vou levar isso ao Conselho – Han disse a ela. – Vou pegar Luke, e nós vamos até New Cov checar isso. Sigilosamente.

Leia olhou para Luke, uma pergunta não formulada se formando em sua mente.

– Não há nada que eu possa fazer aqui para ajudar – ele disse. – De qualquer maneira, vale a pena dar uma olhada.

– Está certo – suspirou Leia. – Mas sejam discretos.

Han lhe deu um sorriso tenso.

– Confie em mim. – Ele ergueu uma sobrancelha para Luke. – Está pronto?

Luke se assustou.

– Você quer dizer agora?

– Claro, por que não? Leia está cobrindo muito bem a parte política aqui.

Um vislumbre dos sentidos de Leia, e Luke olhou para trás bem a tempo de vê-la se encolher toda. Seus olhos cruzaram com os de Luke, seus sentidos implorando que ele ficasse calado. *O que é?,* ele perguntou a ela silencio-samente. Se ela teria respondido a ele ou não, ele nunca descobriu. Da porta, Chewbacca grunhiu toda a história.

Han se virou para encarar sua esposa, o queixo caindo.

– Você prometeu *o quê?* – ele perguntou baixinho.

Ela engoliu visivelmente em seco.

– Han, não tive escolha.

– Não teve escolha? *Não teve escolha?* Eu vou lhe dar uma escolha: não, você não vai.

– Han...

– Com licença – interrompeu Luke, levantando-se. – Preciso checar

meu X-wing. Vejo vocês dois depois.

– Claro, garoto – grunhiu Han, sem olhar para ele.

Luke foi até a porta, olhando para Chewbacca ao passar e acenando com a cabeça na direção do escritório externo. O Wookiee obviamente havia chegado à mesma conclusão. Levantando seu corpo maciço, seguiu Luke para fora da sala.

A porta se fechou atrás deles, e por um longo momento eles simplesmente ficaram olhando um para o outro. Leia foi a primeira a quebrar o silêncio.

– Eu tenho que ir, Han – ela disse baixinho. – Prometi a Khabarakh que o encontraria. Você não entende?

– Não, não entendo – retorquiu Han, esforçando-se muito para conter seu temperamento. O medo terrível que ele havia sentido depois daquele ataque quase letal em Bpfassh estava de volta, fazendo seu estômago dar voltas. Medo pela segurança de Leia e pela segurança dos gêmeos que ela carregava. Seu filho e sua filha... – Esses sei lá o que são...

– Noghri – ela forneceu a palavra.

– ...esses Noghri vêm atacando você a cada chance que têm já faz uns dois meses. Lembra-se de Bpfassh e daquela *Falcon* falsa na qual eles tentaram fazer a gente entrar? E o ataque a Bimmisaari antes disso? Eles chegaram a um fio de cabelo de nos agarrar bem no meio de um mercado. E se não fosse por Luke e Chewie eles teriam conseguido. Esses sujeitos são *sérios*, Leia. E agora você me diz que quer voar sozinha e visitar o planeta deles? Então é melhor você ir logo se entregar ao Império e poupar tempo.

– Eu não iria se pensasse assim – ela insistiu. – Khabarakh sabe que eu sou filha de Darth Vader, e, por qualquer que seja a razão, isso parece ser muito importante para eles. Talvez eu possa usar essa vantagem para fazer com que eles se afastem do Império e venham para o nosso lado. Pelo menos eu tenho que tentar.

Han bufou.

– Que negócio é esse, alguma espécie de manobra maluca Jedi? – Luke estava sempre assumindo uma postura toda nobre e saindo em busca de encrenca também.

Leia estendeu a mão e segurou seu braço.

– Han, eu sei que é um risco – ela disse baixinho. – Mas pode ser a única chance que teremos de solucionar isso. Os Noghri precisam de ajuda; Khabarakh admitiu isso. Se eu puder dar isso a eles, diabos, se puder convencê-los a virem para o nosso lado, isso significará um inimigo a menos para termos de nos preocupar. – Ela hesitou. – E não posso ficar fugindo para sempre.

– E os gêmeos?

Ele sentiu a satisfação culpada de vê-la se encolher.

– Eu sei – Leia disse; um tremor percorreu seu corpo enquanto ela segurava a barriga com a outra mão. – Mas qual é a alternativa? Trancá-los numa torre do palácio com um círculo de guardas Wookiees ao redor? Eles jamais terão qualquer chance de uma vida normal enquanto os Noghri estiverem tentando tomá-los de nós.

Han rilhou os dentes. Então ela sabia. Ele não tinha certeza antes, mas, agora, sim. Leia sabia que o Império estava o tempo todo atrás de seus filhos ainda por nascer.

E, sabendo disso, ela ainda queria se encontrar com os agentes do Império.

Por um longo minuto ele olhou fixamente para ela, seus olhos vasculhando os traços daquele rosto que ele aprendera a amar tão profundamente ao longo dos anos, sua memória invocando imagens do passado. A jovem determinação no rosto dela quando, no meio de um tiroteio de raios, ela tomou o rifle de Luke das mãos dele e abriu uma rota de fuga para eles até o compactador de lixo no nível de detenção da Estrela da Morte. O som da voz dela no meio de todo aquele perigo mortal no castelo de Jabba, ajudando-o a atravessar a cegueira, os tremores e a desorientação do mal da hibernação. A determinação mais sábia e mais madura visível por entre a dor em seus olhos quando, deitada ferida do lado de fora do bunker de Endor, ela mesmo assim conseguiu invocar a habilidade e o controle para derrubar friamente dois stormtroopers das costas de Han.

E ele se lembrou também da descoberta devastadora que ele fizera naquele mesmo momento: a de que, não importava o quanto tentasse, nunca seria capaz de protegê-la totalmente dos riscos e perigos do universo. Porque, não importava o quanto ele pudesse amá-la – não importava o quanto de si mesmo ele pudesse dar a ela –, ela jamais ficaria contente apenas com isso. Sua visão se estendia para além dele, assim como se estendia para além de si mesma, para todos os seres da galáxia.

E tirar isso dela, fosse pela força ou mesmo pela persuasão, seria diminuir sua alma. E tirar parte daquilo pelo qual ele havia se apaixonado em primeiro lugar.

– Posso pelo menos ir com você? – ele perguntou baixinho.

Ela estendeu a mão para acariciar a face dele, sorrindo em agradecimento por entre a súbita umidade em seus olhos.

– Prometi que iria sozinha – ela sussurrou com a voz emocionada. – Não se preocupe, tudo vai dar certo.

– Claro. – Han se levantou bruscamente. – Bom, se você tem que ir, tem que ir. Vamos lá: vou ajudar você a preparar a Falcon.

– A *Falcon*? – ela repetiu. – Mas achei que você estivesse indo para New Cov.

– Vou levar a nave de Lando – ele gritou ao se aproximar a passos

largos da porta. – Vou ter mesmo que devolvê-la a ele.

– Mas...

– Sem discussão – ele a interrompeu. – Se esse seu Noghri aí tiver em mente algo além de conversar, você terá uma chance melhor na *Falcon* do que na *Lady Luck*. – Ele abriu a porta e entrou na área de recepção.

E estancou subitamente. Parado entre ele e a porta, parecendo uma gigantesca nuvem de tempestade peluda, Chewbacca olhava fuzilando para ele.

– O que foi? – Han quis saber.

O comentário do Wookiee foi curto, grosso e bem direto.

– Bem, eu também não estou gostando muito – Han lhe disse secamente. – O que você quer que eu faça, tranque-a em algum lugar?

Sentiu Leia aparecer por trás dele.

– Vou ficar ok, Chewie – ela lhe assegurou. – Vou mesmo.

Chewbacca tornou a grunhir, deixando bastante claro o que achava da avaliação dela.

– Se você tem alguma sugestão, é só dizer – disse Han.

Não surpreendeu a ninguém quando ele de fato disse.

– Chewie, desculpe – disse Leia. – Eu prometi a Khabarakh que iria sozinha.

Chewbacca balançou violentamente a cabeça, mostrando os dentes e grunhindo sua opinião sobre essa ideia.

– Ele não está gostando – Han traduziu diplomaticamente.

– Eu entendi a ideia geral, obrigada – retorquiu Leia. – Escutem aqui, vocês dois; pela última vez...

Chewbacca a interrompeu com um urro que a fez pular meio metro para trás.

– Sabe, coração – ele disse –, eu realmente acho que você deveria deixá-lo ir junto. Pelo menos até o ponto de encontro – ele acrescentou rapidamente sob um olhar fuzilante de Leia. – O que é que há? Você sabe como os Wookiees levam a sério esse negócio de dívida de vida. E você vai precisar de um piloto, mesmo.

Por apenas um segundo ele pôde ver o óbvio argumento contrário nos olhos dela: o de que ela era perfeitamente capaz de pilotar a *Falcon* sozinha. Mas somente por um segundo.

– Tudo bem – ela suspirou. – Acho que Khabarakh não vai fazer objeção a isso. Mas assim que chegarmos ao ponto de encontro, Chewie, você fará o que eu disser, gostando ou não. Combinado?

O Wookiee pensou a respeito, e rosnou em concordância.

– Ok – disse Leia, parecendo aliviada. – Então vamos indo. C-3PO?

– Sim, Sua Alteza? – o droide disse hesitante. Para variar, ele tivera o bom senso de ficar sentado em silêncio à mesa da recepção e não se meter na discussão. Era um grande avanço sobre seu comportamento

normal, pensou Han. Talvez ele devesse deixar Chewbacca se zangar com mais frequência.

– Quero que você venha comigo também – Leia disse ao droide. – Khabarakh falava a Língua Básica bem o bastante, mas pode ser que os outros Noghri não, e não quero ter que depender dos tradutores deles para me fazer entender.

– É claro, Sua Alteza – disse 3PO, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado.

– Ótimo. – Leia se virou para olhar para Han e passou a língua nos lábios. – Acho que é melhor irmos andando.

Havia um milhão de coisas que ele podia ter dito para ela. Um milhão de coisas que ele queria dizer.

– Eu acho – ele disse em vez dessas coisas – que é melhor você ir mesmo.

CAPÍTULO 5

– Você vai me perdoar – Mara disse em tom casual, enquanto terminava o último pedaço de fiação em seu painel de comunicação – se eu disser que, como esconderijo, este lugar é uma porcaria?

Karrde deu de ombros ao retirar um pacote de sensores de sua caixa e colocá-lo na mesa lateral com um sortimento de outros equipamentos.

– Concordo que não é Myrkr – ele disse. – Por outro lado, tem suas vantagens. Quem pensaria em procurar o ninho de um contrabandista no meio de um pântano?

– Não estou me referindo do ponto de pouso das naves – Mara lhe disse, estendendo o braço sob a manga de sua túnica folgada para reajustar a pequena arma de raios enfiada no coldre do antebraço esquerdo. – Estou falando *deste* lugar.

– Ah. *Este* lugar. – Karrde olhou rapidamente pela janela. – Não sei. Um pouco público, talvez, mas isso também tem suas vantagens.

– Um pouco público? – repetiu Mara, também olhando pela janela e vendo a fileira certinha de edifícios creme e branco a menos de cinco metros de distância e a multidão de humanos e aliens em roupas brilhantes andando apressados do lado de fora. – Você chama isso de um pouco público?

– Calma, Mara – disse Karrde. – Quando os únicos lugares viáveis para se viver num planeta são um punhado de vales profundos, é claro que as coisas vão ficar um pouco apinhadas. As pessoas aqui estão acostumadas com isso, e elas aprenderam a dar umas às outras um grau razoável de privacidade. De qualquer maneira, mesmo que quisessem xeretar, não lhes adiantaria de muita coisa.

– Vidro espelhado não vai deter uma boa sonda sensora – retrucou Mara. – E multidões significam cobertura para espiões do Império.

– O Império não faz ideia de onde estamos. – Ele parou e olhou para ela de modo estranho. – A menos que você saiba de outra coisa.

Mara lhe deu as costas. Então era assim que seria desta vez. Nas vezes anteriores, seus empregadores haviam reagido aos seus palpites estranhos com medo, raiva, ou simples e transparente ódio. Karrde, aparentemente, adotaria a exploração educada.

– Não posso ligar e desligar isso como um pacote de sensores – ela grunhiu sobre o ombro. – Não mais.

– Ah – disse Karrde. A palavra implicava que ele entendia; o tom de voz indicava outra coisa. – Interessante. Isso são resquícios de algum treinamento Jedi anterior?

Ela se virou para olhar para ele.

– Fale-me das naves.

Ele franziu a testa.

– Perdão?

– As naves – ela repetiu. – As naves de guerra sobre as quais você

tomou muito cuidado para não avisar ao grão-almirante Thrawn, quando ele nos visitou em Myrkr. Você prometeu que me daria os detalhes depois. Agora é depois.

Ele a estudou, um leve sorriso franzindo seus lábios.

– Está certo – ele disse. – Já ouviu falar na frota *Katana*?

Ela precisou vasculhar sua memória.

– Esse era o grupo também chamado de Força Sombria, não? Algo em torno de duzentos cruzadores pesados classe dreadnaught que se perderam cerca de dez anos antes do início das Guerras Clônicas. Todas as naves haviam recebido alguma espécie nova de circuito escravo integral, e, quando o sistema apresentava defeito, a frota inteira saltava para a velocidade da luz ao mesmo tempo e desaparecia.

– Quase certo – disse Karrde. – Os dreadnaughts daquela era, em particular, eram naves ridiculamente dependentes de tripulação, exigindo acima de 16 mil homens cada. O circuito escravo integral nas naves *Katana* cortou esse contingente para cerca de 2 mil.

Mara pensou no punhado de cruzadores dreadnaught que havia conhecido.

– Deve ter sido uma conversão cara.

– E foi – assentiu Karrde. – Particularmente porque eles a fizeram tanto por uma questão de relações públicas quanto por puros objetivos militares. Redesenharam todo o interior do dreadnaught para a ocasião, do equipamento e decoração interior até a superfície cinza-escura do casco. Este último detalhe foi a origem do apelido "Força Sombria", incidentalmente, embora alguns sugerissem que a referência se devia ao número menor de luzes interiores que uma nave com tripulação de 2 mil precisaria. De qualquer maneira, foi a grandiosa demonstração da Velha República do quão efetiva uma frota com circuitos escravos poderia ser.

Mara bufou.

– Que demonstração.

– Concordo – Karrde disse secamente. – Mas o problema não estava nos circuitos escravos em si. Os registros são um pouco vagos, suprimidos pelos encarregados na época, sem dúvida, mas parece que um ou mais dos tripulantes da frota pegaram um vírus-colmeia em um dos portos visitados em sua viagem inaugural. Ele se espalhou por todas as duzentas naves em estado adormecido, o que significou que, quando subitamente foi ativado, derrubou quase todo mundo ao mesmo tempo.

Mara estremeceu. Ela tinha ouvido falar em vírus-colmeia arrasando populações planetárias inteiras nos dias pré-Guerras Clônicas, antes que a ciência médica da Velha República e mais tarde o Império tivessem finalmente descoberto como lidar com as coisas.

– Então ele matou as tripulações antes que elas pudessem conseguir socorro.

– Aparentemente em questão de horas, embora isso seja apenas uma suposição razoável – disse Karrde. – O que transformou esse desastre todo num fiasco foi o fato de que esse vírus-colmeia em particular tinha a charmosa característica de deixar as vítimas loucas logo antes de matá-las. Os tripulantes moribundos duraram o bastante para reunir suas naves pelo sistema escravo... o que quer dizer que quando a tripulação da *Katana* também enlouqueceu e partiu a frota inteira foi com eles.

– Agora eu lembro – Mara assentiu solenemente. – Isso foi supostamente o que iniciou o grande movimento para a descentralização das funções automatizadas das naves. De grandes e poderosos computadores para centenas de droides.

– O movimento já estava acontecendo, mas o fiasco da *Katana* acabou selando o destino final muito bem – disse Karrde. – De qualquer maneira, a frota desapareceu em algum lugar nas profundezas do espaço interestelar e nunca mais se ouviu falar nela novamente. Ela foi um grande tema no noti-ciário durante um tempo, com alguns dos menos reverenciados membros da mídia fazendo jogos de palavras depreciativos com o nome “Força Sombria”, e por alguns anos foi considerada uma possibilidade muito interessante por equipes de resgate que tinham mais entusiasmo que bom senso. Assim que eles finalmente se deram conta de quanto espaço vazio havia na galáxia para se perder duzentas naves, o surto de interesse terminou. De qualquer maneira, a Velha República em pouco tempo passou a ter problemas maiores nas mãos. Tirando um ou outro charlatão que tentava vender um mapa da localização da frota, nunca mais se ouviu falar nela.

– Certo. – Agora, claro, era óbvio onde Karrde queria chegar com aquilo. – Então você por acaso a encontrou?

– Puramente por acidente, eu lhe asseguro. Na verdade, só vários dias depois percebi o que havia encontrado exatamente. Suspeito que ninguém do resto da tripulação jamais soube.

O olhar de Karrde perdeu o foco, e seus olhos agora pareciam enxergar aquela memória.

– Foi há pouco mais de quinze anos – ele disse, com a voz distante, esfregando lentamente os polegares de suas mãos entrelaçadas um contra o outro. – Eu estava trabalhando como especialista navegador/sensor para um pequeno grupo de contrabando independente. Nós havíamos perdido o prazo para apanhar uma encomenda e tivemos que passar em disparada por dois cruzadores Carraca em nosso caminho de volta. Conseguimos, mas, como eu não havia tido tempo de fazer um cálculo completo de velocidade da luz, voltamos ao

espaço real a meio ano-luz de distância para recalcular. – Seu lábio estremeceu. – Imagine nossa surpresa quando descobrimos um par de dreadnaughts esperando bem no nosso caminho.

– Mortos no espaço.

Karrde balançou a cabeça.

– Na verdade, não; e foi isso o que me deixou intrigado naqueles primeiros dias. Em todos os aspectos, as naves pareciam estar inteiramente funcionais. As luzes interiores e exteriores brilhavam e havia até mesmo um scan sensor standby em operação. Naturalmente, supusemos que fosse parte do grupo com o qual havíamos acabado de topar, e o capitão tinha dado um salto de emergência para o hiperespaço para nos tirar dali.

– Não foi uma boa ideia – murmurou Mara.

– Parecia o menor de dois males na época – Karrde disse sombrio. – Mas quase cometemos um erro fatal com aquilo. A nave atingiu a sombra da massa de um enorme cometa ao partirmos, explodindo o hiperdrive principal e quase destroçando o resto da nave onde estávamos. Cinco membros de nossa tripulação morreram no impacto, e mais três morreram de ferimentos antes que pudéssemos voltar para a civilização no hiperdrive de reserva.

Houve um momento de silêncio.

– Quantos de vocês restaram? – Mara perguntou finalmente.

Karrde se concentrou nela, seu sorriso sardônico habitual de volta ao rosto.

– Ou, em outras palavras, quem mais pode saber sobre a frota?

– Se quiser colocar as coisas desse jeito.

– Restaram seis de nós. Mas, como falei, não acho que nenhum dos outros tenha percebido o que encontramos. Comecei a suspeitar de algo somente quando voltei aos registros do sensor e descobri que havia uma quantidade bem maior de naves do que apenas aqueles dois dreadnaughts.

– E os registros?

– Eu os apaguei. Depois de memorizar as coordenadas, claro.

Mara assentiu.

– Você disse que isso foi há quinze anos?

– Isso mesmo – Karrde também assentiu. – Já pensei em voltar e fazer alguma coisa com as naves, mas nunca tive tempo de fazer isso adequadamente. Descarregar duzentos dreadnaughts no mercado não é algo que pode ser feito de maneira apressada e sem muita preparação. Ainda que exista mercado para todos eles, o que foi sempre algo problemático.

– Até agora.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Está sugerindo que eu os venda para o Império?

– Eles estão no mercado em busca de naves de guerra – ela lembrou. – E estão oferecendo o preço de mercado mais vinte por cento.

Ele ergueu a sobrancelha para ela mais uma vez.

– Achei que você não se importava tanto assim com o Império.

– Não me importo – ela retorquiu. – Qual é a outra opção, dá-los à Nova República?

Ele sustentou o olhar dela.

– Isso poderia ser mais lucrativo a longo prazo.

A mão esquerda de Mara se curvou num punho bem fechado, seu estômago se revirando com uma mistura de emoções. Deixar os dreadnaughts caírem nas mãos da Nova República, sucessora da Aliança Rebelde que havia destruído sua vida, era um pensamento odioso. Mas, por outro lado, o Império sem o imperador era apenas uma pálida sombra de sua encarnação passada, que nem era mais digna desse nome. Dar a Força Sombria para eles seria como dar pérolas a porcos.

Ou não? Com um grão-almirante comandando a Frota Imperial novamente, talvez agora houvesse uma chance de que o Império ganhasse parte de sua antiga glória. E se houvesse...

– O que você vai fazer? – ela perguntou a Karrde.

– No momento, nada – disse Karrde. – É o mesmo problema que enfrentamos com Skywalker; afinal, o Império será mais rápido em sua vingança se formos contra eles, mas a Nova República parece ter mais chances de vencer ao final. Dar a Thrawn a frota *Katana* só atrasaria o inevitável. O curso mais prudente neste momento é permanecermos neutros.

– Só que dar a Thrawn os dreadnaughts poderia tirá-lo do nosso rastro – Mara ressaltou. – Isso valeria o comércio aqui.

Karrde deu um sorriso fraco.

– Ora, por favor, Mara. O grão-almirante pode ser um gênio tático, mas não é onisciente. Ele não deve ter ideia de onde estamos. E certamente tem coisas mais importantes a fazer do que desperdiçar seus recursos nos caçando.

– Tenho certeza disso – Mara concordou relutante. Mas não podia deixar de se lembrar como, mesmo no auge de seu poder e com mil outras preocupações, o imperador ainda frequentemente tirava um tempo para se vingar de alguém que tivesse cruzado seu caminho.

Ao seu lado, o painel de comunicação começou a zumbir, e Mara estendeu a mão para ligar o canal.

– Sim?

– Lachton – soou a voz familiar do alto-falante. – Karrde está aí?

– Bem aqui – Karrde gritou, aproximando-se de Mara. – Como está indo o trabalho de camuflagem?

– Estamos quase terminando – disse Lachton. – Mas ficamos sem redes-flash. Temos mais?

– Temos um pouco em um dos depósitos – disse Karrde. – Vou enviar Mara para pegar; pode mandar alguém vir para apanhar com ela?

– Claro, não tem problema. Vou mandar Dankin; ele não tem muito o que fazer no momento mesmo.

– Está certo. As redes estarão prontas quando ele chegar aqui. – Karrde fez um gesto e Mara desligou o canal. – Você sabe onde fica o depósito número três? – ele perguntou a ela.

Ela assentiu.

– Rua Wozwashi, 412. Três quadras a oeste e duas ao norte.

– Exato. – Ele espiou pela janela. – Infelizmente, ainda é muito cedo para veículos repulsores estarem nas ruas. Você vai ter que ir a pé.

– Tudo bem – Mara lhe assegurou. Ela estava querendo mesmo um pouco de exercício. – Duas caixas serão suficientes?

– Se conseguir carregar isso tudo – ele disse, olhando-a de alto a baixo como se para se certificar de que seu traje estava de acordo com os padrões locais rishianos de adequação. Ele não precisava ter se incomodado; uma das primeiras regras que o imperador havia incutido nela tanto tempo antes era se misturar da melhor forma possível com o ambiente ao seu redor. – Se não, Lachton provavelmente terá de se virar com uma só.

– Tudo bem. Vejo você mais tarde.

A casinha deles fazia parte de uma fileira de estruturas semelhantes, e ficava ao lado de uma das centenas de pequenas áreas de mercado que pontilhavam todo o congestionado vale. Por um momento Mara ficou parada na alcova de entrada do prédio, fora do fluxo ocupado do tráfego de pedestres, e olhou ao seu redor. Pelas frestas entre os edifícios mais próximos ela podia ver as partes mais distantes da cidade-vale, a maioria delas compostas da mesma pedra creme-branca de que os locais tanto gostavam. Em alguns lugares, ela podia ver o percurso todo até a margem, alguns prediozinhos equilibrados precariamente nas montanhas escarpadas, que subiam de forma bem íngreme para o céu por todos os lados. Bem no alto daquelas montanhas, ela sabia, viviam tribos dispersas de nativos Rishianos alados, que sem dúvida olhavam para baixo sem acreditar e achando graça das estranhas criaturas que haviam escolhido os pontos mais desconfortavelmente quentes e úmidos de seu planeta para viver.

Voltando novamente seu olhar para baixo, Mara vasculhou rapidamente a área ao redor. Do outro lado da rua havia mais casinhas; entre ela e as casas, o fluxo costumeiro de pedestres vestidos em cores vivas correndo de um lado para outro do mercado a leste.

Por reflexo, seus olhos percorreram as casas do outro lado da rua, embora não houvesse muito o que ver, já que o vidro das janelas era espelhado. Também por reflexo, ela olhou de relance para cada um dos becos estreitos entre os edifícios, por onde circulavam pedestres.

Entre dois deles, na parte de trás de um edifício, onde mal podia ser vista, estava a figura imóvel de um homem usando um lenço azul no pescoço e uma túnica verde estampada.

Olhava fixamente na direção dela.

Mara deixou seu olhar vagar como se não o tivesse visto, o coração indo subitamente parar na garganta. Saindo da alcova, ela se virou para o leste, na direção do mercado, e se juntou ao fluxo do tráfego.

Mas não o seguiu por muito tempo. Assim que saiu da linha de visão do misterioso observador, ela começou a cortar caminho por entre o fluxo, atravessando a rua na direção da fileira de casinhas. Ela chegou ao outro lado três prédios à frente do observador, abaixou-se para passar pelo beco, e correu para os fundos. Se ele estivesse de fato monitorando a casa de Karrde, haveria uma boa chance de ela conseguir pegá-lo por trás.

Ela chegou à parte de trás dos prédios e deu a volta, só para descobrir que sua presa havia desaparecido.

Por um momento ela ficou ali parada, olhando ao seu redor em busca de qualquer sinal que indicasse o paradeiro do homem, perguntando-se o que fazer. Não havia nada do formigamento insistente que os havia feito escapar de Myrkr no último segundo; mas, como ela dissera a Karrde, aquele não era um talento que ela tinha como ligar e desligar à vontade.

Olhou para o chão onde o homem estivera. Havia algumas poucas e tênues pegadas na fina camada de poeira no canto da casa, o que dava a impressão de que o homem tinha estado ali por tempo suficiente para mexer os pés algumas vezes. A meia dúzia de passos de distância, bem no centro de outra camada de poeira, via-se uma pegada clara apontando para o oeste atrás da fileira de casas.

Mara olhou naquela direção, sentindo o lábio torcer. Uma pista plantada de propósito, obviamente: pegadas na poeira nunca saíam assim tão claras e sem alterações a menos que fossem plantadas cuidadosamente. E ela tinha razão. A cerca de cem metros logo à sua frente, andando casualmente ao longo da parte de trás dos edifícios, na direção de uma rua cujo eixo apontava na direção Norte-Sul, estava o homem de lenço azul e túnica cheia de padrões. Um convite não muito sutil para segui-lo.

Ok, amigo, ela pensou ao começar a caminhar atrás dele. *Quer jogar? Vamos jogar*.

Ela havia reduzido a distância entre eles para talvez noventa metros quando ele alcançou o fluxo cruzado de tráfego e virou para o

norte. Outro claro convite, desta vez para fechar o abismo de modo a que ela não o perdesse.

Mas Mara não tinha intenção de cair na armadilha dele. Ela havia memorizado a geografia da cidade-vale no primeiro dia ali, e estava bastante óbvio que a intenção dele era levá-la até as áreas menos povoadas ao norte, onde ele provavelmente poderia lidar com ela sem a presença incômoda de testemunhas. Se ela conseguisse chegar lá antes, poderia ser capaz de virar o jogo. Checando duas vezes a arma de raios sob sua manga esquerda, ela cortou caminho por um beco entre os edifícios à sua direita e se dirigiu para o norte.

O vale se estendia por quase 150 quilômetros numa orientação próxima à Leste-Oeste, e, naquele ponto, sua dimensão Norte-Sul era de apenas uns poucos quilômetros. Mara manteve seu ritmo, revisando constantemente seu curso para evitar multidões e outros obstáculos. Aos poucos, as casas e lojas começaram a dar lugar a pequenas construções industriais; e, finalmente, ela calculou que havia se afastado o suficiente. Se sua presa tivesse mantido o ritmo tranquilo de um homem que não queria perder alguém que o seguia, ela devia agora ter tempo suficiente para lhe preparar uma recepçãozinha.

Sempre havia, claro, a possibilidade de que ele tivesse passado para uma das outras ruas Norte-Sul em algum ponto ao longo do caminho, mudado de direção para leste ou oeste, ou até mesmo mudado completamente de rumo e voltado à casa de Karrde. Mas, ao olhar cuidadosamente na esquina de um prédio para a rua na qual ele havia entrado, descobriu que a imaginação dele era tão limitada quanto sua técnica de vigilância. Meia quadra abaixo, ele estava agachado, imóvel atrás de uma fileira de barris de armazenagem, de costas para ela, com seu lenço azul jogado para trás sobre a túnica verde estampada e alguma coisa que era provavelmente uma arma preparada em sua mão. Esperava, sem dúvida, que ela caísse em sua armadilha. Amador, ela pensou com cara de desprezo. Observando-o de perto, sem sequer se importar com sua arma, ela virou a esquina e foi andando silenciosamente na direção dele.

– Aí já está bom – uma voz zombeteira disse por trás dela.

Mara gelou. A figura agachada perto dos barris à frente dela sequer estremeceu... e somente então ela percebeu, tardiamente, que o homem estava parado demais para estar simplesmente esperando uma emboscada. Na verdade, parado demais até mesmo para estar vivo.

Lentamente, mantendo os braços rígidos ao lado do corpo, ela se virou. O homem que a encarava era de estatura mediana, um tanto corpulento, de olhos escuros e melancólicos. Sua túnica interna, entreaberta, revelava um colete de blindagem leve por baixo. Em sua mão, claro, uma arma de raios.

– Ora, ora, ora – ele disse debochando. – O que temos aqui? Já

estava na hora de você aparecer! Estava começando a achar que você havia se perdido ou algo assim.

– Quem é você? – perguntou Mara.

– Ah, não, ruiva, aqui quem faz as perguntas sou eu. Não que eu precise, claro. Essa coisa bonitona aí no alto já diz tudo que eu preciso saber. – Ele fez um gesto com sua arma para os cabelos vermelho-dourados dela. – Cê devia ter se livrado disso. Escondido ou tingido, cê sabe. É um danado de um alvo.

Mara respirou com cuidado, forçando os músculos a relaxarem.

– O que você quer comigo? – ela perguntou, mantendo a voz calma.

– A mesma coisa que todo homem realmente quer – ele sorriu matreiro. – Um monte de dinheiro.

Ela balançou a cabeça.

– Neste caso, receio que você tenha escolhido a pessoa errada. Eu só tenho cinquentinha.

Ele abriu um sorriso ainda mais largo.

– Bonito, ruiva, mas você está perdendo tempo. Eu sei quem cê é, ora. Cê e seus camaradas vão me deixar riquinho mesmo. Vamos nessa.

Mara não se moveu.

– Talvez possamos fazer um acordo – ela sugeriu, sentindo uma gota de suor escorrer por entre suas omoplatas. Ela sabia que não deveria se deixar enganar pela fala e pelo jeito descuidado do outro; seja lá quem fosse e qual fosse sua atividade, ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Vendo as coisas pelo lado positivo, pelo menos ela ainda tinha a arma escondida sob a manga; e estava pronta para apostar que seu agressor não esperava que uma arma tão potente pudesse ser pequena o bastante para se esconder ali. O fato de ele ainda não a ter revistado parecia confirmar essa suspeita.

Mas, o que quer que ela fosse fazer, devia fazê-lo agora, enquanto ainda estava de frente para ele. Infelizmente, com as mãos abertas ali não havia como pegar a arma sem que ele visse o movimento. De algum modo, ela precisaria distraí-lo.

– Um acordo, hein? – ele perguntou, preguiçoso. – Que tipo de acordo cê tem em mente?

– Que tipo de acordo você quer? – ela rebateu. Se houvesse uma caixa perto de seus pés, ela poderia ter sido capaz de pegá-la com os pés e jogá-la para ele. Mas, embora houvesse uma boa quantidade de lixo atulhando a rua naquela parte da cidade, não havia nada adequado ao alcance dela. Suas botas estavam bem-amarradas nos tornozelos, impossíveis de soltar sem que ele reparasse. Ela fez um rápido inventário mental de itens que estava carregando ou vestindo:

nada.

No entanto, o treinamento intensivo que havia passado a serviço do imperador incluíra manipulação direta da Força, assim como habilidades de comunicação de longa distância que haviam sido seu talento mais valioso para o regime. Aquelas habilidades haviam desaparecido no momento da morte do imperador, reaparecendo apenas por breves instantes e de modo errático nos anos desde então.

Mas se os formigamentos sensoriais e os palpites haviam retornado, talvez o poder estivesse de volta também...

– Tenho certeza de que podemos dobrar o que quer que lhe tenham oferecido – ela disse. – Talvez até acrescentar mais alguma coisa para deixar a oferta mais tentadora.

O sorriso dele adquiriu um aspecto maligno.

– É uma oferta generosa mesmo, ruiva. Muito generosa. Tem muito homem que iria aceitar isso logo de cara, com certeza. Já eu – ele levantou a arma de raios um pouco mais –, eu gosto de ficar com o que é garantido.

– Mesmo que signifique aceitar apenas metade do dinheiro? – Dois metros atrás dele, empilhada de modo descuidado contra um muro de contenção, havia uma pequena pilha de peças de ferro-velho esperando para serem recolhidas. Uma curta extensão de tubos isolantes, em particular, parecia estar posicionada de modo precário na beirada do invólucro de uma célula de energia velha.

Rilhando os dentes, limpando a mente de pensamentos da melhor forma possível, Mara estendeu sua mente na direção dos tubos.

– No meu pad, metade do garantido é melhor que o dobro de nada – disse o homem. – De qualquer maneira, eu não acho que cê possa fazer uma oferta maior que o Império.

Mara engoliu em seco. Ela tinha suspeitado disso desde o começo; mas a confirmação ainda fez um arrepio percorrer suas costas.

– Você pode se surpreender com nossos recursos – ela disse. A extensão de tubos estremeceu, rolou uns dois milímetros...

– Ora, eu não acho, não – o outro disse com tranquilidade. – Vem, vamos logo.

Mara apontou o dedo para o morto agachado na caixa atrás dela.

– Importa-se de me dizer primeiro o que aconteceu aqui?

O agressor dela deu de ombros.

– Que que tem pra dizer? Eu precisava de uma distração; ele tava andando pelo lugar errado na hora errada. Fim da história. – O sorriso dele desapareceu subitamente. – Chega de embromar. Vira de costas e começa a andar... a não ser que você esteja querendo me aborrecer fazendo que eu acabe aceitando a recompensa pela morte.

– Não – murmurou Mara. Ela respirou fundo, usando cada partícula de força que possuía, sabendo que aquela seria sua última e

melhor chance...

E, atrás de seu captor, os tubos caíram no chão com um clangor abafado.

Ele era bom, isso ela tinha que reconhecer. Os tubos mal haviam terminado de cair e ele já havia caído sobre um dos joelhos, girando e salpicando a área ao seu redor com fogo rápido de cobertura enquanto procurava quem quer que estivesse se esgueirando atrás dele. Ele levou menos de um segundo para reconhecer seu erro, e com outra rajada de raios voltou a se virar.

Mas um segundo era tudo de que Mara precisava. A rajada desesperada que saía da arma do agressor ainda estava indo na direção de Mara quando um disparo dado por ela o acertou com precisão na cabeça.

Por um longo momento ela simplesmente ficou ali, respirando com dificuldade, os músculos tremendo com a reação. Então, olhando ao redor para garantir que ninguém estava vindo correndo para ver que confusão era aquela, ela meteu a arma no coldre e se ajoelhou ao lado dele.

Como esperava, não encontrou muita coisa importante. Uma ID – provavelmente forjada – que dizia que o nome dele era Dengar Roth, uns dois cartuchos extras de energia para sua arma, uma faca de vibrolâmina, um cartão de dados e um pouco de dinheiro tanto na moeda local quanto na do Império. Enfiando a ID e o cartão de dados em sua túnica, ela deixou o dinheiro e as armas onde estavam e voltou a se levantar.

– Aí está o seu dobro de nada – ela murmurou, olhando para o corpo. – Aproveite bem.

Seus olhos foram até a tubulação que havia salvado sua vida. As oscilações de poder, assim como os palpites, estavam de volta. O que significava que os sonhos não demorariam muito a voltar.

Ela soltou um palavrão baixinho. Se eles viessem, viriam, e não havia nada que ela pudesse fazer a não ser suportá-los. Por enquanto ela tinha questões mais importantes com as quais lidar. Dando uma última olhada ao redor, foi para casa.

Karrde e Dankin a estavam esperando quando voltou para a casa. Dankin estava andando de um lado para o outro de tão nervoso.

– *Aí* está você – ele gritou assim que ela entrou de mansinho pela porta dos fundos. – Onde diabos...?

– Temos problemas – Mara o interrompeu, entregando a ID de Dengar Roth para Karrde e passando por eles para ir até a sala de comunicação ainda em grande parte por montar. Empurrando uma caixa de cabos para o lado, ela encontrou um datapad e conectou o cartão nele.

– Que tipo de problema? – perguntou Karrde, aproximando-se atrás

dela.

– Caçador de recompensas – disse Mara, entregando o datapad a ele. Bem emoldurado no centro da tela, sob um grande 20 mil, estava o rosto de Karrde. – Provavelmente estamos todos aí – ela disse. – Ou pelo menos tantos quanto o grão-almirante Thrawn souber.

– Então agora eu valho 20 mil – murmurou Karrde, percorrendo o conteúdo do cartão rapidamente. – Estou lisonjeado.

– Isso é tudo o que você tem a dizer? – Mara exigiu saber.

Ele olhou para ela.

– O que você gostaria que eu dissesse? – ele perguntou suavemente. – Que você estava certa e eu errado a respeito do interesse do Império em nós?

– Não estou interessada em ficar culpando ninguém – ela disse com rigidez. – O que eu quero saber é o que vamos fazer a respeito.

Karrde voltou a olhar para o datapad, um músculo tensionando por um breve instante em seu maxilar.

– Vamos fazer a única coisa prudente – ele disse. – A saber, retirada. Dankin, entre na linha de comunicação segura e mande Lachton começar a desmontar o ponto novamente. Depois contate Chin e sua equipe e mande-os reembalarem o material nos depósitos de equipamento. Você pode ficar e ajudar Mara e eu aqui. Quero sair de Rishi até a meia-noite se possível.

– Entendido – disse Dankin, já digitando os códigos de encriptação no painel de comunicação.

Karrde devolveu o datapad a Mara.

– É melhor começarmos a trabalhar.

Ela o parou segurando seu braço.

– E o que acontece quando ficarmos sem bases de apoio?

Ele olhou fixamente nos olhos dela.

– Não vamos abrir mão dos dreadnaughts sob tensão – ele disse, abaixando a voz até pouco acima de um sussurro. – Nem para Thrawn, nem para mais ninguém.

– Pode ser necessário – ela ressaltou.

Os olhos dele se endureceram.

– Pode ser que tenhamos de escolher isso – ele a corrigiu. – Nunca será necessário. Está claro?

Mara fez uma cara de desagrado para si mesma.

– Está.

– Ótimo. – Karrde olhou rapidamente para trás, onde Dankin falava com urgência no comunicador. – Temos muito trabalho a fazer. Vamos fazê-lo.

Mara teria apostado que eles não conseguiriam reagrupar o equipamento em menos de 24 horas. Para sua surpresa, embora não muito grande, as equipes já tinham tudo embalado e pronto para

seguir viagem menos de uma hora depois da meia-noite local. Com uma adequadamente generosa aplicação de fundos para funcionários do espaçoporto, eles partiram de Rishi e entraram na velocidade da luz uma hora depois.

E, mais tarde naquela noite, enquanto a *Wild Karrde* navegava o céu pintalgado do hiperespaço, os sonhos recomeçaram.

CAPÍTULO 6

A uma certa distância, parecia um cruzador comum: velho, lento, minimamente armado e de pouca valia numa batalha exceto pelo tamanho. Mas como tantas outras coisas relacionadas à guerra, as aparências nesse caso enganavam; e se o grão-almirante não estivesse na ponte da *Quimera*, Pellaeon tinha de admitir que provavelmente teria sido apanhado um pouco de surpresa.

Mas Thrawn estivera na ponte, e reconhecera imediatamente a improbabilidade de que os estrategistas da Rebelião fossem colocar um comboio tão importante sob a proteção de uma nave tão fraca. E assim, quando das baias do cruzador subitamente eclodiram três esquadrões completos de caças estelares A-wing, os interceptores TIE da *Quimera* já estavam no espaço, partindo num enxame para atacar.

– Tática interessante – comentou Thrawn quando a brecha entre a *Quimera* e o comboio rebelde começou a reluzir com relâmpagos de laser. – Ainda que não especialmente inovadora. A ideia de converter cruzadores para porta-caças estelares foi proposta pela primeira vez há mais de vinte anos.

– Não me lembro de que tenha chegado a ser implementada – disse Pellaeon, sentindo uma pontada de desconforto ao olhar para os displays táticos. A-wings eram mais rápidos até mesmo do que aqueles malditos X-wings, e ele não tinha certeza de como seus interceptores TIE iriam lidar com eles.

– Excelentes caças, os A-wings – disse Thrawn, como se estivesse lendo os pensamentos de Pellaeon. – Mas com certas limitações. Particularmente aqui: veículos de alta velocidade como eles são bem mais adequados em operações de ataque e desaparecimento do que missões de escolta. Forçá-los a permanecer perto de um comboio neutraliza em grande parte sua vantagem na velocidade. – Ergueu uma sobrancelha preto-azulada para Pellaeon. – Talvez estejamos vendo o resultado da remoção do almirante Ackbar como comandante Supremo.

– Talvez. – Os interceptores TIE de fato pareciam estar resistindo bem contra os A-wings; e a própria *Quimera* certamente não estava tendo problemas com o cruzador. Além da frente de batalha, o resto do comboio estava tentando se agrupar, como se isso fosse lhes servir de alguma coisa. – Mas o pessoal de Ackbar ainda manda. Obviamente.

– Já percorremos esse território, capitão – disse Thrawn, a voz esfriando ligeiramente. – Plantar uma série de evidências muito bem montadas contra Ackbar o teria arruinado rápido demais. O ataque mais sutil ainda irá neutralizá-lo, mas também mandará ondulações de incerteza e confusão por todo o sistema político da Rebelião. Na pior das hipóteses, isso os distrairá e enfraquecerá no exato momento em que estivermos lançando a campanha do Monte Tantiss. Na melhor,

poderá destruir toda a aliança. – Ele sorriu. – O próprio Ackbar é substituível, capitão. O delicado equilíbrio político que a Rebelião criou para si mesma, não.

– Eu entendo isso tudo, almirante – Pellaeon grunhiu. – Minha preocupação é com sua suposição de que aquele Bothano no Conselho seja confiável o suficiente para forçar as coisas até elas atingirem o seu teórico ponto de quebra.

– Ah, ele vai forçar – disse Thrawn, seu sorriso assumindo um tom sardônico enquanto olhava para a batalha que fulgurava ao redor do comboio inimigo. – Passei muitas horas estudando arte bothana, capitão, e entendo essa espécie muito bem. Não há a menor dúvida de que o conselheiro Fey'lya irá desempenhar seu papel perfeitamente. Tão perfeitamente quanto se nós o estivéssemos manipulando diretamente.

Ele apertou um botão no seu painel.

– Baterias de estibordo: uma das fragatas do comboio está assumindo posição de ataque. Pressuponha que seja um apoio armado e trate-o de acordo. Esquadrões A-2 e A-3, movimentem-se para proteger esse flanco até que a fragata tenha sido neutralizada.

As baterias e o comandante de grupo dos TIE responderam afirmativamente, e parte do fogo dos turbolasers começou a atingir a fragata.

– E o que acontece caso Fey'lya ganhe? – persistiu Pellaeon. – Rapidamente, quero dizer, antes que toda essa confusão política tenha chance de se instalar. Pela sua própria análise da espécie, qualquer Bothano que tenha subido ao ponto que Fey'lya subiu teria de ser altamente inteligente.

– Inteligente, sim, mas não necessariamente de uma maneira perigosa para nós – disse Thrawn. – Ele teria de ser um sobrevivente, com certeza, mas esse tipo de habilidade verbal não necessariamente se traduz em competência militar. – Ele deu de ombros. – Na verdade, uma vitória da parte de Fey'lya meramente prolongaria toda essa situação incômoda para o inimigo. Dado o tipo de apoio que Fey'lya tem cultivado entre os militares da Rebelião, os políticos teriam de passar por outra luta polarizadora quando percebessem seu erro e tentassem substituí-lo.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, reprimindo um suspiro. Era o tipo de sutileza confusa com o qual ele nunca se sentira realmente à vontade. Ele apenas torcia para que o grão-almirante tivesse razão quanto aos potenciais ganhos; seria uma vergonha para a Inteligência ter engendrado um serviço bancário tão brilhante e depois não obter nada de real valor com ele.

– Confie em mim, capitão – Thrawn disse em resposta às suas preocupações mudas. – Ouso dizer que o desperdício de esforço

político já começou, na verdade. Os aliados mais fiéis de Ackbar dificilmente teriam deixado Coruscant neste momento crítico a menos que estivessem procurando desesperadamente evidências que o inocentem.

Pellaeon franziu a testa para ele.

– O senhor está dizendo que Solo e Organa Solo estão indo para o sistema Palanhi?

– Apenas Solo, eu acho – Thrawn corrigiu pensativo. – Organa Solo e o Wookiee muito provavelmente ainda estão tentando encontrar um lugar para se esconder de nossos Noghri. Mas Solo irá a Palanhi, firmemente convencido pela prestidigitação eletrônica da Inteligência de que a trilha passa por aquele sistema. E é por isso que a *Caveira* está a caminho de lá neste instante.

– Entendo – murmurou Pellaeon. Ele havia reparado naquela ordem no registro diário e se perguntado por que Thrawn retirara um de seus melhores destróieres estelares imperiais de uma missão de batalha. – Espero que ele esteja à altura da tarefa. Solo e Skywalker já provaram ser difíceis de capturar no passado.

– Eu não acredito que Skywalker esteja indo para Palanhi – Thrawn lhe disse, seu rosto assumindo uma expressão um tanto amarga. – Nosso estimado mestre Jedi aparentemente disse a coisa correta. Skywalker decidiu prestar uma visita a Jomark.

Pellaeon o encarou.

– Tem certeza, almirante? Não vi nada da Inteligência que sugerisse isso.

– Essa informação não veio da Inteligência – disse Thrawn. – Veio da fonte Delta.

– Ah – disse Pellaeon, sentindo seu próprio rosto assumir uma expressão um pouco amarga. Há meses o setor de Inteligência da *Quimera* o vinha perturbando para descobrir o que era exatamente essa tal fonte Delta que parecia fornecer informações tão claras e precisas ao grão-almirante, vindas do próprio coração do Palácio Imperial. Até agora tudo o que Thrawn dizia era que a fonte Delta estava firmemente estabelecida e que a informação obtida por intermédio dela deveria ser tratada como absolutamente confiável.

A Inteligência não havia sido sequer capaz de descobrir se a fonte Delta era uma pessoa, um droide ou algum exótico sistema de gravação que era capaz de passar despercebido às varreduras periódicas de contrainteligência que a Rebelião realizava no Palácio. Isso o irritava profundamente; e Pellaeon tinha de admitir que também não gostava de ficar muito no escuro a respeito. Mas Thrawn havia ativado a fonte Delta pessoalmente, e muitos anos de protocolo não escrito nessas questões lhe conferiam o direito de manter o contato confidencial se ele assim escolhesse.

– Tenho certeza de que C'baoth ficará feliz em saber – ele disse. – Presumo que o senhor vai querer lhe dar a notícia pessoalmente.

Ele achou que havia escondido sua irritação com C'baoth razoavelmente bem. Aparentemente, achou errado.

– Você ainda está irritado por Taanab – disse Thrawn, virando-se para olhar para a batalha. Não era uma pergunta.

– Sim, senhor, estou – Pellaeon disse com rigidez. – Revi os registros, e só existe uma conclusão possível. C'baoth deliberadamente foi além do plano de batalha que o capitão Aban havia traçado; foi além dele a ponto de desobedecer uma ordem direta. Não me importa quem C'baoth é ou se ele se sente justificado ou não. O que ele fez constitui motim.

– Realmente – Thrawn concordou calmamente. – Devo exonerá-lo ou simplesmente rebaixá-lo de posto?

Pellaeon olhou para o outro fuzilando.

– Estou falando sério, almirante.

– Eu também, capitão – retrucou Thrawn, com a voz subitamente fria. – Você sabe muito bem o que está em jogo aqui. Precisamos usar cada arma à nossa disposição se quisermos derrotar a Rebelião. A habilidade de C'baoth de aumentar a coordenação e a eficiência de combate entre nossas forças é uma dessas armas; e se ele não consegue lidar adequadamente com a disciplina e o protocolo militar, então nós devemos flexibilizar as regras para ele.

– E o que acontece quando as regras se tornarem tão flexíveis que darão a volta e nos apunhalarão pelas costas? – Pellaeon exigiu saber. – Ele ignorou uma ordem direta em Taanab. Talvez da próxima vez sejam duas ordens. Depois três, quatro, até que ele finalmente esteja fazendo o que bem lhe aprouver e ao diabo com o Império. O que irá impedi-lo?

– Inicialmente, os ysalamiri – disse Thrawn, fazendo um gesto para as estranhas estruturas tubulares espalhadas ao redor da ponte, cada qual com uma criatura peluda e comprida envolta ao redor delas. Cada uma criando uma bolha na Força onde nenhum dos truques Jedi de C'baoth funcionaria. – É para isso que eles estão aqui, afinal.

– Isso tem funcionado muito bem – disse Pellaeon. – Mas a longo prazo...

– A longo prazo, *eu* o impedirei – Thrawn o interrompeu, tocando seu painel. – Esquadrão C-3, observe seu flanco no zênite de bombordo. Há uma bolha naquela fragata que pode ser uma armadilha aglomerada.

O comandante respondeu, e os interceptores TIE se afastaram. Um segundo mais tarde, a bolha explodiu, mandando uma saraivada de granadas de concussão em todas as direções. Os caças se safaram por apenas meio segundo. O interceptor TIE que estava na retaguarda foi

apanhado pela ponta da pétala da flor de fogo que se abria, e estilhaçou-se numa brilhante explosão secundária. O resto, fora do alcance, escapou da armadilha sem danos.

Thrawn voltou seus olhos brilhantes para Pellaeon.

– Eu entendo sua preocupação, capitão – ele disse baixinho. – O que você não consegue apreender, o que você nunca conseguiu apreender, é que um homem com as instabilidades mentais e emocionais de C'baoth jamais poderá ser uma ameaça para nós. Sim, ele tem muito poder, e a qualquer momento ele poderia certamente provocar um dano considerável ao nosso pessoal e equipamento. Mas por sua própria natureza ele é incapaz de utilizar esse poder por muito tempo. Concentração, foco, pensamento de longo prazo: essas são as qualidades que separam um guerreiro de um mero lutador que se debate na arena. E são qualidades que C'baoth jamais possuirá.

Pellaeon assentiu pesadamente. Ele ainda não estava convencido, mas obviamente não havia motivo para discutir mais essa questão. Pelo menos não agora.

– Sim, senhor. – Ele hesitou. – C'baoth também vai querer saber sobre Organa Solo.

Os olhos de Thrawn reluziram; mas a irritação, Pellaeon sabia, não era direcionada para ele. – Você vai dizer a mestre C'baoth que decidi dar aos Noghri uma última chance de encontrá-la e capturá-la. Quando tivermos terminado aqui, eu levarei essa mensagem a eles. Pessoalmente.

Pellaeon olhou novamente para a entrada da ponte, onde Rukh, o guarda-costas, permanecia em sua costumeira vigília silenciosa.

– O senhor vai fazer uma convocação dos comandos Noghri? – ele perguntou, reprimindo um estremecimento. Ele havia estado numa dessas reuniões coletivas uma vez, e encarar uma sala cheia daqueles assassinos silenciosos de pele cinzenta não era uma experiência que ele estava ansioso para repetir.

– Eu acho que as coisas já foram além de simplesmente fazer uma convocação – Thrawn disse friamente. – Você vai instruir a Navegação a preparar um curso desde o ponto de encontro até o sistema Honoghr. Acho que todo esse populacho Noghri precisa ser lembrado de quem manda.

Ele desviou o olhar frio da escotilha que mostrava a batalha e digitou algo em seu painel.

– Comando TIE: convocar todos os caças de volta à nave – ele ordenou. – Navegação: iniciar cálculos para o ponto de encontro.

Pellaeon olhou pela escotilha, franzindo a testa. O cruzador modificado e a fragata de apoio estavam praticamente mortos onde estavam, mas o comboio propriamente dito permanecia em grande parte sem danos.

– Vamos deixar que escapem?

– Não há necessidade de destruí-los – disse Thrawn. – Tirar sua defesa é lição suficiente por ora.

Ele apertou um botão, e um holo tático daquela seção da galáxia apareceu entre as estações deles.

Linhas azuis marcavam as principais rotas comerciais da Rebelião; as realçadas em vermelho marcavam as rotas que as forças do Império haviam atingido no mês passado.

– Esses ataques são mais do que simples aborrecimentos, capitão. Assim que esse grupo tiver contado sua história, todos os futuros comboios partindo de Sarka exigirão mais proteção. Um número suficiente desses ataques, e a Rebelião terá de enfrentar a escolha de ou comprometer um grande número de suas naves em missões de escolta ou abandonar efetivamente os envios de carga por esses setores de fronteira. Seja qual for a opção, eles ficarão em uma séria desvantagem quando lançarmos a campanha do Monte Tantiss. – Deu um sorriso sombrio. – Economia e psicologia, capitão. Por ora, quanto mais sobreviventes civis houver para espalhar a história do poder imperial, melhor. Haverá tempo suficiente para destruição depois. – Ele olhou de relance para seu painel, e depois novamente para a escotilha. – Falando em poder imperial, notícias de nossa caçada às naves?

– Tivemos mais cinco naves de guerra entregues a diversas bases imperiais nas últimas dez horas – Pellaeon lhe disse. – Nada maior que um velho galeão estelar, mas já é um começo.

– Vamos precisar de mais do que apenas um começo, capitão – disse Thrawn, virando levemente o pescoço para observar a volta dos interceptores TIE. – Alguma notícia de Talon Karrde?

– Nada desde aquela dica de Rishi – Pellaeon lhe disse, digitando o registro adequado para uma atualização. – O caçador de recompensas que a enviou foi morto pouco depois.

– Mantenha a pressão – ordenou Thrawn. – Karrde sabe muita coisa a respeito do que acontece nesta galáxia. Se existe alguma nave de guerra sem uso lá fora, ele saberá o paradeiro dela.

Pessoalmente, Pellaeon achava bastante improvável que um mero contrabandista, mesmo um com as conexões de Karrde, tivesse melhores fontes de informação do que a vasta rede da Inteligência Imperial. Mas ele também dispensou a possibilidade de que Karrde pudesse estar escondendo Luke Skywalker naquela base em Myrkr. Karrde estava se mostrando cheio de surpresas.

– Há muita gente lá fora à caça dele – ele disse ao grão-almirante. – Mais cedo ou mais tarde, um deles o encontrará.

– Ótimo. – Thrawn deu uma olhada ao redor da ponte. – Nesse meio tempo, todas as unidades irão continuar seu assédio à Rebelião,

conforme o designado. – Seus olhos vermelhos reluzentes penetraram fundo no rosto de Pellaeon. – E eles continuarão também a manter uma vigília pela *Millennium Falcon* e pela *Lady Luck*. Depois que os Noghri tiverem sido adequadamente preparados para sua missão, quero que a presa esteja pronta para eles.

C'baoth acordou subitamente, seus sonhos sombrios dando lugar à repentina percepção de que alguém estava se aproximando.

Por um momento ele ficou deitado ali na escuridão, com sua longa barba branca roçando gentilmente o peito enquanto ele respirava. Sua mente se estendia através da Força para rastrear ao longo da estrada do Castelo Alto até o aglomerado de aldeias na base das montanhas na orla. Era difícil se concentrar – tão difícil –, mas com uma amargura perversa ele ignorou a dor provocada pela fadiga e continuou firme. Ali... não... *ali*. Um homem sozinho montando um thumper craciano, subindo com dificuldade as partes mais íngremes da estrada. O mais provável era que fosse um mensageiro, que estava vindo lhe trazer notícias dos aldeões lá de baixo. Algo trivial, sem dúvida, mas que achavam que seu novo mestre deveria saber.

Mestre. A palavra ecoou pela mente de C'baoth, deflagrando um amontoado confuso de sensações e pensamentos. Os imperiais que lhe imploravam ajuda para lutar suas batalhas – eles também o chamavam de mestre. Como também o chamara o povo de Wayland, cujas vidas ele se contentara em governar antes do grão-almirante Thrawn e sua promessa de seguidores Jedi o atrair para longe.

O povo de Wayland falava sério. O povo ali em Jomark, ele ainda não sabia ao certo. Os imperiais não falavam nem um pouco a sério.

C'baoth sentiu seu rosto se contorcer numa careta de nojo. Não, certamente não falavam mesmo. Eles o faziam lutar as batalhas deles – levavam-no, por conta da descrença deles, a fazer coisas que não havia tentado por anos e anos. E aí, quando ele conseguia realizar o impossível, eles ainda se apegavam fortemente ao seu desprezo particular por ele, ocultando-se por trás daqueles ysalamiri e os estranhos espaços vazios que de algum modo criavam na Força.

Mas ele sabia. Ele vira os olhares de esguelha entre os oficiais, e as breves porém aborrecidas discussões entre eles. Ele sentira o incômodo da tripulação, submetendo-se por ordens imperiais à sua influência nas suas habilidades de combate, mas claramente detestando até mesmo pensar nisso. E ele havia visto o capitão Aban sentado ali na sua cadeira de comando no *Belicoso*, gritando e blasfemando para ele mesmo enquanto o chamava de mestre, cuspindo de raiva e fúria impotentes enquanto C'baoth calmamente infligia seu castigo à nave rebelde que havia ousado atacar sua nave.

O mensageiro abaixo já estava se aproximando do portão do Castelo Alto. Usando a força para trazer seu roupão para si, C'baoth se

levantou da cama, sentindo uma leve vertigem ao se pôr de pé. Sim, havia sido difícil, essa história de assumir o comando da tripulação de turbolaser do *Belicoso* pelos poucos segundos necessários para aniquilar aquela nave rebelde. Aquilo havia avançado para além de qualquer extensão anterior de concentração e controle, e as dores mentais que ele estava sentindo agora eram o pagamento por essa extensão.

Ele apertou o laço do roupão na cintura pensando naquele momento. Sim, havia sido difícil. E no entanto, ao mesmo tempo, também havia sido estranhamente empolgante. Em Wayland, ele tinha comandado pessoalmente uma cidade-estado inteira, com uma população maior do que a que se abrigava sob o Castelo Alto. Mas, ali, ele há muito superara a necessidade de impor sua vontade pela força. Os humanos e Psadans haviam se submetido à sua autoridade desde cedo; mesmo os Myneyrshi, com seu eterno ressentimento de seu comando, tinham aprendido a obedecer suas ordens sem questionar.

Os imperiais, assim como o povo de Jomark, teriam de aprender essa mesma lição.

Quando o grão-almirante Thrawn atraíra C'baoth para aquela aliança, ele insinuara que C'baoth tinha ficado muito tempo sem um verdadeiro desafio. Talvez o grão-almirante tivesse também achado em segredo que aquele desafio de fazer a guerra pelo Império provaria ser demais para um único mestre Jedi dar conta.

C'baoth deu um sorriso malévolo nas trevas. Se era isso o que aquele grão-almirante de olhos brilhantes pensava, ele teria uma surpresa. Porque, quando Luke Skywalker finalmente chegasse ali, C'baoth enfrentaria talvez o mais sutil desafio de sua vida: dobrar e retorcer outro Jedi à sua vontade sem que o adversário sequer percebesse o que lhe estava acontecendo.

E, quando ele tivesse sucesso, eles seriam dois, e quem saberia dizer o que seria possível então?

O mensageiro havia desmontado de seu thumper e estava parado ao lado do portão agora, seus sentidos como os de um homem preparado para aguardar conforme a conveniência de seu mestre, não importando o quanto a espera pudesse demorar. Isso era bom: exatamente a atitude adequada. Dando um último puxão para ajustar o cinto do roupão, C'baoth se encaminhou para o labirinto de portas escuras na direção do portão, para saber o que seus novos súditos desejavam lhe dizer.

CAPÍTULO 7

Com uma delicadeza que sempre parecera incoerente com seu tamanho, Chewbacca manobrou a *Falcon* para sua faixa orbital precisamente selecionada acima da luxuriante lua verde de Endor. Rugindo baixinho, ele alternou as ligações de energia e colocou os motores em modo de espera.

Sentada na cadeira do copiloto, Leia respirou fundo e fez uma careta quando um dos gêmeos lhe deu um chute dentro da barriga.

– Parece que Khabarakh ainda não chegou – ela comentou, percebendo na hora em que abriu a boca como aquele comentário era desnecessário. Ela vinha monitorando os sensores desde o momento em que saíram da velocidade da luz; e, como não havia nenhuma outra nave no sistema, a chance de que eles pudessem perdê-lo de vista era pouca. Mas, agora que o familiar ronco do motor havia se tornado apenas um murmúrio, o silêncio parecia estranho e até um pouco assustador.

Chewbacca grunhiu uma pergunta.

– Vamos esperar, eu acho – Leia deu de ombros. – Na verdade, estamos quase um dia adiantados: chegamos aqui mais rápido do que eu esperava.

Chewbacca se voltou para seu painel, grunhindo sua própria interpretação da ausência do Noghri.

– Ah, o que é que há – Leia o repreendeu. – Se ele tivesse decidido transformar este encontro numa armadilha, você não acha que eles teriam uns dois destróieres estelares e um cruzador interventor esperando para nos encontrar?

– Sua Alteza? – a voz de 3PO a chamou do outro lado do túnel. – Desculpe incomodá-la, mas acredito ter localizado o defeito no pacote de contramedidas Carbanti. A senhora poderia pedir que Chewbacca recuasse por um momento?

Leia ergueu as sobrancelhas numa leve surpresa ao olhar para Chewbacca. Como era depressivamente normal em se tratando da *Falcon*, diversos equipamentos haviam pifado no começo da viagem. Mergulhado até os cotovelos em reparos mais importantes, Chewbacca tinha designado o trabalho de diagnosticar o pacote Carbanti para 3PO. Leia não havia feito objeção, mas dados os resultados obtidos na última vez em que 3PO havia tentado trabalhar na *Falcon*, ela não estava esperando grandes coisas.

– Ainda vamos fazer dele um droide de reparos – ela disse a Chewbacca. – Sua influência, sem dúvida.

O Wookiee resfolegou sua opinião a respeito ao deixar o assento do piloto e ir ver o que 3PO havia encontrado. A porta da cabine se abriu deslizando e voltou a se fechar atrás dele, deixando o ambiente muito mais quieto.

– Estão vendo aquele planeta lá embaixo, meus amores? –

murmurou Leia, fazendo carinho na barriga. – Aquele é Endor. Onde a Aliança Rebelde finalmente triunfou sobre o Império, e a Nova República começou.

Ou pelo menos, ela emendou silenciosamente para si mesma, era o que as histórias um dia diriam. Que a morte do Império ocorreu em Endor, e todo o resto havia sido meramente uma ação de limpeza. Uma ação de limpeza que já durava cinco anos até agora. E que podia acabar durando mais vinte, pelo jeito como as coisas estavam indo.

Ela deixou os olhos vagarem pelo mundo brilhante e salpicado de verde que girava lentamente abaixo deles, voltando a se perguntar por que havia escolhido aquele lugar para seu encontro com Khabarakh. Sim, era um sistema que praticamente todos os seres da galáxia, tanto nas seções da República quanto do Império, já tinham ouvido falar e sabiam como encontrar. E com as grandes zonas de conflito há muito tempo deslocadas deste setor, era um lugar tranquilo o bastante para que as duas naves se encontrassem.

Mas também havia memórias ali, uma das quais Leia preferia não resgatar tão cedo. Antes do triunfo, eles quase perderam tudo.

Do outro lado do túnel, Chewbacca rugiu uma pergunta.

– Espere um pouco, vou checar – Leia gritou de volta. Curvando-se sobre o painel, ela acionou uma chave. – Aqui diz "espera/módulo" – ela informou. – Espere um minuto... Agora está dizendo "sistema pronto". Quer que eu...?

E bruscamente, sem qualquer aviso, foi como se uma cortina preta caísse sobre sua visão...

Lentamente, ela se deu conta de que uma voz metálica a estava chamando.

– Sua Alteza – ela dizia sem parar. – Sua Alteza. Está me ouvindo? Por favor, Sua Alteza, pode me ouvir?

Ela abriu os olhos, vagamente surpresa ao descobrir que os havia fechado, e viu Chewbacca curvado sobre ela com um medpack aberto numa das mãos enormes e um agitado 3PO pairando como uma ave preocupada com seu filhote.

– Eu estou bem – ela conseguiu dizer. – O que aconteceu?

– A senhora gritou por socorro – C-3PO disse antes que Chewbacca conseguisse responder. – Pelo menos, achamos que foi por socorro – ele emendou tentando ajudar. – A senhora foi breve e um tanto incoerente.

– Não duvido – disse Leia. Tudo estava começando a voltar agora, como o luar passando por entre nuvens. A ameaça, a raiva; o ódio, o desespero. – Você não sentiu isso, sentiu? – ela perguntou a Chewbacca.

Ele grunhiu em negativa, observando-a de perto.

– Eu também não senti nada – acrescentou 3PO.

Leia balançou a cabeça.

– Eu não sei o que poderia ter sido. Num minuto, eu estava sentada ali, e no seguinte...

Ela parou, com um pensamento súbito e terrível na cabeça.

– Chewie, para onde esta órbita nos leva? Ela chega a passar pela posição onde a Estrela da Morte explodiu?

Chewbacca a encarou por um momento, rosnando algo profundo na garganta; então, trocando o medpack de mão, ele estendeu o outro braço por cima dela para digitar no computador. A resposta foi quase imediata.

– Cinco minutos atrás – murmurou Leia, sentindo frio. – Seria mais ou menos isso mesmo, não?

Chewbacca grunhiu afirmativamente, depois fez uma pergunta.

– Eu realmente não sei – ela precisou admitir. – Parece um pouco com uma coisa pela qual Luke passou durante seu treinamento Jedi – ela emendou, lembrando-se bem a tempo de que Luke ainda queria que o significado de Dagobah fosse mantido em segredo. – Mas ele teve uma visão. Tudo o que senti foi... Não sei. Foi raiva e amargura; mas ao mesmo tempo, havia alguma coisa quase triste a respeito. Não: triste não é a palavra certa. – Ela balançou a cabeça, lágrimas brotavam repentina e inexplicavelmente de seus olhos. – Eu não sei. Escutem, eu estou bem. Vocês dois podem voltar ao que estavam fazendo.

Chewbacca rugiu baixinho mais uma vez. Obviamente não estava convencido. Mas não disse mais nada: fechou o medpack e passou por 3PO, quase atropelando o droide. A porta da cabine se abriu para ele; com o proverbial desdém Wookiee pela sutileza, ele a travou nessa posição antes de sumir túnel abaixo, no corpo principal da nave.

Leia se concentrou em 3PO.

– Você também – ela disse. – Pode ir. Você ainda tem trabalho a fazer lá atrás. Eu estou bem. Sério.

– Ora... Muito bem, Sua Alteza – disse o droide, obviamente tão preocupado quanto Chewbacca havia ficado. – Se a senhora tem certeza.

– Tenho. Vai, desinfeta.

C-3PO ficou ali por mais um instante, depois saiu obedientemente da cabine.

E o silêncio voltou. Um silêncio mais denso, de algum modo, do que antes. E muito mais tenebroso.

Leia cerrou os dentes.

– Eu não serei intimidada – ela disse em voz alta para o silêncio. – Não aqui; e nem em nenhum outro lugar.

O silêncio não respondeu. Depois de um minuto, Leia foi até o painel e digitou uma alteração de curso que faria com que eles

evitassem passar pelo ponto onde o imperador havia morrido. Afinal, a recusa à intimidação não significava procurar encrenca deliberadamente.

E, depois disso, não havia mais o que fazer a não ser esperar. E ficar imaginando se Khabarakh de fato apareceria.

A parte superior da cidade murada de Ilic despontava por entre as árvores da selva que fazia pressão ao seu redor. Para Han, a cidade parecia uma espécie de droide prateado afundando num mar de areia movediça verde, com apenas a cúpula de fora.

– Alguma ideia de como vamos pousar naquela coisa? – ele perguntou.

– Provavelmente através daquelas saídas de ventilação perto do topo – disse Lando, apontando para a tela principal da *Lady Luck*. – Elas são grandes o bastante para qualquer coisa com tamanho de até uma barca espacial classe W entrar.

Han assentiu; seus dedos pinçavam inquietos o apoio para o braço de sua cadeira de copiloto. Não havia muitas coisas na galáxia que o deixassem nervoso, mas ter de ficar sentado ali enquanto outra pessoa fazia um pouso complicado era uma delas.

– Este lugar é ainda mais louco pra se viver do que aquela sua Cidade Nômade – ele grunhiu.

– Isso eu não discuto – concordou Lando, fazendo um pequeno ajuste na altitude. Vários segundos depois do que Han teria feito. – Pelo menos em Nkllon não temos que nos preocupar com sermos comidos por alguma planta exótica. Mas isso é o que se chama economia. Na última contagem existiam oito cidades nesta parte de New Cov, e mais duas sendo construídas.

Han fez uma careta. E tudo por causa dessas mesmas plantas exóticas. Ou, para ser específico, as biomoléculas exóticas que podem ser colhidas a partir delas. Os Covies pareciam pensar que o lucro valia ter de viver em cidades blindadas o tempo todo. Ninguém sabia o que as plantas pensavam a respeito.

– Eles continuam sendo malucos – ele disse. – Cuidado: eles podem ter comportas magnéticas nesses dutos de entrada.

Lando olhou para ele com paciência.

– Você quer relaxar? Eu *já* pilotei naves antes, sabia?

– É – Han resmungou. Trincando os dentes, ele se acomodou para sofrer durante o pouso.

Não foi tão ruim quanto ele esperava. Lando recebeu autorização do controle e guiou a *Lady Luck* com razoável perícia até a bocarra de um dos dutos de entrada, seguindo o cano curvo para baixo e para dentro, até chegar a uma área de pouso bem-iluminada logo abaixo da cúpula de transparaço que ficava no alto das muralhas da cidade. A alfândega era uma mera formalidade, embora, por causa da

dependência que o planeta tinha de produtos exportados, o exame na hora de ir embora provavelmente fosse bem mais rígido. Quem lhes deu as boas-vindas oficiais a Ilic foi um saudador profissional, com um sorriso também profissional, que além disso lhes forneceu um cartão de dados com mapas da cidade e do território adjacente, e depois os deixou soltos no mundo.

– Não foi tão difícil – comentou Lando enquanto desciam por uma rampa espiral deslizante que atravessava o espaçoso centro aberto. Em cada nível, passarelas levavam da rampa para as áreas comerciais, administrativas e residenciais da cidade. – Onde temos que encontrar Luke?

– Mais três níveis abaixo, em um dos distritos de entretenimento – respondeu Han. – A biblioteca do Império não tinha muitos detalhes sobre este lugar, mas mencionou um pequeno tapcaf chamado Mishra, anexo a uma versão com metade do tamanho que fizeram do velho teatro Grandis Mon em Coruscant. Tive a impressão de que era tipo um botequim para mandachuvas locais.

– Parece um bom lugar para um encontro – concordou Lando. Deu uma olhada de esguelha para Han. – E aí, já está pronto pra me mostrar o gancho?

Han franziu a testa.

– Gancho?

– Vamos lá, seu velho pirata – Lando riu. – Você me pega em Sluis Van, pede carona pra New Cov, manda Luke na frente pra esse encontro de espionagem e espera que eu acredite que você vai simplesmente me dar adeus agora e me deixar voltar a Nkllon?

Han lançou a seu amigo seu melhor olhar de ofendido.

– O que é que há, Lando...

– O gancho, Han. Deixe-me ver o gancho.

Han deu um suspiro teatral.

– Não existe gancho algum, Lando – ele disse. – Você pode partir para Nkllon a hora que quiser. É claro – ele acrescentou de modo casual –, se ficar mais um pouco e nos der uma mãozinha, pode ser capaz de conseguir um contrato por aqui para descarregar qualquer metal sobrando que você tenha dando sopa. Como, ah, uma pilha de hfredium ou algo parecido.

Mesmo mantendo cuidadosamente os olhos para a frente, ele ainda conseguia sentir o calor do olhar irritado de Lando.

– Luke lhe contou a respeito, não foi? – Lando exigiu saber.

Han deu de ombros.

– Ele pode ter mencionado – admitiu.

Lando sibilou entredentes.

– Eu vou estrangulá-lo – anunciou. – Jedi ou não, eu vou estrangulá-lo.

– Ah, o que é que há, Lando – Han disse de forma apaziguadora. – Você fica por aqui uns dois dias, ouve o blablablá das pessoas, quem sabe nos consegue uma pista ou duas a respeito do que Fey'lya está aprontando, e é só. Daí você pode voltar para casa e para sua mineração, e nunca mais importunaremos você.

– Já ouvi *essa* antes – retrucou Lando. Mas Han podia ouvir a resignação em sua voz. – O que o faz pensar que Fey'lya tem contatos em New Cov?

– Porque durante a guerra esse foi o único lugar que seus Bothanos pareciam se importar em defender...

Parou de falar, agarrando o braço de Lando e virando ambos com força para a direita, na direção da coluna central da passarela em espiral.

– O quê... – Lando conseguiu dizer.

– Quieto! – sibilou Han, tentando ao mesmo tempo esconder o rosto e ainda observar a figura que tinha visto deixar a rampa um nível abaixo. – Aquele Bothano lá embaixo à esquerda; está vendo?

Lando se virou ligeiramente e espiou na direção indicada com o canto dos olhos.

– O que tem ele?

– É Tav Breil'lya. Um dos principais assessores de Fey'lya.

– Você está brincando – disse Lando, olhando bem para o alien e franzindo a testa. – Como você consegue distinguir?

– Aquele colar que ele usa; é uma espécie de brasão de família ou algo do gênero. Eu já o vi dezenas de vezes em reuniões do Conselho. – Han mastigou seu lábio, tentando pensar. Se aquele lá era de fato Breil'lya, descobrir o que ele estava fazendo ali poderia lhes poupar muito tempo. Mas Luke estava provavelmente sentado no tapcaf lá embaixo naquele momento, esperando por eles... – Eu vou segui-lo – ele disse a Lando, empurrando seu datapad e o mapa da cidade nas mãos do outro. – Você desce até o Mishra, pega o Luke e se encontra comigo.

– Mas...

– Se vocês não estiverem comigo em uma hora vou tentar ligar pelo comlink – Han o interrompeu saindo em direção à parte de fora da rampa. Eles já estavam quase no nível do Bothano. – Não me ligue; pode ser que eu esteja em algum lugar em que não seja adequado que um comlink toque. – Ele saiu da rampa e entrou na passarela.

– Boa sorte – Lando falou baixinho para ele.

Havia um bom sortimento de aliens entre os humanos que vagavam por Ilic, mas o pelo cor de creme de Breil'lya se destacava o suficiente da multidão para torná-lo fácil de seguir. O que estava ótimo. Se Han podia reconhecer o Bothano, o Bothano provavelmente também poderia reconhecê-lo, e seria arriscado ter de chegar perto

demais.

Por sorte, o alien não parecia sequer considerar a possibilidade de que alguém o pudesse estar seguindo. Ele mantinha um ritmo constante, sem nunca se virar, enquanto passava por ruas, lojas e átrios na direção da muralha exterior da cidade. Han continuou no seu encalço, desejando não ter sido tão apressado em dar o mapa da cidade a Lando. Poderia ter sido bom ter alguma ideia da direção para onde o outro estava indo.

Passaram por um último átrio e chegaram a uma seção de estruturas tipo armazém próximas a um vasto mural que parecia ter sido pintado diretamente na parede interna da cidade. Breil'lya foi direto para um dos prédios perto do mural e sumiu pela porta da frente.

Han se abaixou e entrou numa porta convenientemente localizada a cerca de trinta metros de distância descendo a rua depois do armazém. A porta pela qual Breil'lya havia passado, ele podia ver, tinha acima dela uma placa esmaecida com as palavras Transporte e Armazenagem Ametista.

– Só espero que isso esteja no mapa – ele resmungou baixinho, puxando o comlink do cinto.

– E está – uma voz de mulher veio suavemente por trás dele.

Han gelou.

– Olá? – ele arriscou o cumprimento.

– Olá – ela respondeu. – Vire-se, por favor. Devagar, claro.

Han fez conforme ordenado, comlink ainda na mão.

– Se isto é um assalto...

– Não seja bobo. – A mulher era baixinha e magra, talvez dez anos mais velha que ele, com cabelos meio grisalhos bem curtos e um rosto fino que em outras circunstâncias teria sido bem amigável. A arma de raios apontada em sua direção era uma variação desconhecida de uma BlasTech DL-18, nem de longe tão poderosa quanto sua própria DL-44, mas naquelas circunstâncias a diferença não importava nada. – Coloque o comlink no chão – ela continuou. – Já que você está aí embaixo, sua arma também.

Em silêncio, Han se agachou, sacando sua arma com cautela exagerada. Usando o movimento como cobertura, torcendo para que a maior parte da atenção estivesse na arma de raios, ele ligou o comlink. Colocando ambos no chão, ele se endireitou e deu um passou para trás, só para provar que conhecia o procedimento adequado para prisioneiros.

– E agora?

– Você parece interessado na pequena reunião logo ali – ela disse, abaixando-se para apanhar a arma e o comlink. – Talvez queira uma excursão guiada.

– Seria ótimo – disse Han, levantando as mãos e torcendo para que ela não pensasse em olhar para o comlink antes de colocá-lo num dos bolsos de seu macacão.

Ela não olhou. Mas o desligou.

– Acho que me sinto insultada – ela disse suavemente. – Este deve ser o truque mais velho que existe.

Han deu de ombros, determinado a manter pelo menos um pouco da dignidade.

– Não tive tempo de pensar em novos.

– Desculpas aceitas. Então vamos. E abaixe as mãos. Não queremos que nenhum passante fique estranhando, não é?

– É claro que não – disse Han, deixando as mãos caírem para o lado do corpo.

Estava a meio caminho do Ametista quando, a distância, uma sirene começou a uivar.

Era, Luke pensou ao olhar ao redor do Mishra, quase um replay invertido de sua primeira visita à cantina de Mos Eisley, em Tatooine, tantos anos antes.

De fato, o Mishra era anos-luz mais sofisticado do que aquele lugar dilapidado havia sido, com uma clientela de escala correspondentemente mais avançada. Mas o bar e as mesas estavam lotados com a mesma ampla variedade de humanos e aliens, os cheiros e sons eram igualmente variados, e a banda no canto estava tocando uma música semelhante – um estilo, obviamente, que havia sido cuidadosamente criado para atrair uma multidão de raças diferentes.

Também havia outra diferença. Por mais lotado que o lugar estivesse, os frequentadores estavam dando a Luke uma quantidade respeitável de espaço no bar.

Ele tomou um gole de sua bebida – uma variação local do chocolate quente ao qual Lando lhe havia apresentado, este com um toque de menta – e olhou rapidamente para a entrada. Han e Lando deviam estar com apenas duas horas de atraso em relação a ele, o que significava que eles poderiam estar entrando a qualquer minuto. Assim ele esperava, de qualquer maneira. Ele havia entendido as razões de Han para querer que as duas naves fossem separadamente para Ilic, mas, com todas as ameaças que pareciam estar pairando sobre a Nova República, não podiam de fato se dar ao luxo de perder tempo. Ele tomou mais um gole...

E atrás dele um urro inumano se fez ouvir.

Luke girou; sua mão automaticamente arrancou o sabre de luz do cinto, quando o som de uma cadeira caindo para trás acrescentou um ponto de exclamação ao urro. A cinco metros de distância dele, no meio de um círculo de frequentadores paralisados, um Barabel e um

Rodiano estavam em pé encarando um ao outro por cima de uma mesa, ambos com as armas de raios sacadas.

– Nada de armas! Nada de armas! – um droide serviçal SE4 gritava, balançando os braços para dar ênfase enquanto se dirigia ao local do confronto. Num piscar de olhos, o Barabel deslocou sua mira e explodiu o droide em pedaços, apontando a arma de raios novamente para o Rodiano antes que o outro pudesse reagir.

– Ei! – o bartender disse indignado. – Isso vai lhe custar...

– Cale a boca! – o Barabel o interrompeu com um rosnado. – Rodiano paga você. Depois que me pagar.

O Rodiano se endireitou até atingir toda a sua altura, o que ainda o deixava um bom meio metro mais baixo do que seu oponente, e cuspiu algo num idioma que Luke não entendeu.

– Você mente – o Barabel cuspiu de volta. – Você rouba. Eu sei.

O Rodiano disse outra coisa.

– Você não gosta? – retrucou o Barabel, soando insolente. – Você rouba mesmo assim. Eu convoco o Jedi para julgamento.

Todos os olhos no tapcaf estavam até então voltados para o confronto. Agora, em quase perfeito uníssono, os olhares se voltaram para Luke.

– O quê? – ele perguntou com cautela.

– Ele quer que você resolva a disputa – disse o bartender com alívio evidente na voz.

Um alívio que o próprio Luke estava longe de sentir.

– Eu?

O bartender lhe deu um olhar estranho.

– Você é o cavaleiro Jedi Luke Skywalker, não é? – ele perguntou, fazendo um gesto para o sabre de luz na mão de Luke.

– Sim – admitiu Luke.

– Ora, então? – concluiu o bartender, acenando para os oponentes.

Só que, Jedi ou não, Luke não tinha uma gota de autoridade jurídica ali. Abriu a boca para dizer isso ao bartender...

E depois deu mais uma olhada nos olhos do outro.

Lentamente, ele se virou; as desculpas que havia preparado morriam na garganta. Ele viu que não era só o bartender. Todo mundo no tapcaf, ao que parecia, estava olhando para ele com mais ou menos a mesma expressão. Uma expressão de expectativa e confiança. Confiança no julgamento de um Jedi.

Respirando fundo e silenciosamente, ordenando com firmeza que seu coração se acalmasse, ele começou a atravessar a multidão na direção do confronto. Ben Kenobi o havia introduzido à Força; Yoda lhe havia ensinado a usar a Força para autocontrole e autodefesa. Nenhum dos dois jamais havia lhe ensinado nada sobre como mediar discussões.

– Tudo bem – ele disse ao chegar à mesa. – A primeira coisa que vocês vão fazer, os dois, é colocar as armas de lado.

– Quem primeiro? – o Barabel exigiu saber. – Rodianos colecionam recompensa: ele atira se eu desarmar.

A coisa estava realmente começando bem. Reprimindo um suspiro, Luke acendeu seu sabre de luz, segurando-o de forma que a lâmina verde brilhante ficasse diretamente entre as armas.

– Ninguém vai atirar em ninguém – ele disse num tom definitivo. – Ponham as armas de lado.

Em silêncio, o Barabel obedeceu. O Rodiano hesitou um segundo a mais, e depois fez o mesmo.

– Agora me contem qual é o problema – disse Luke, desligando o sabre de luz, mas com ele preparado na mão.

– Ele me contrata pra trabalho de rastreamento – disse o Barabel, apontando um dedo com placas de queratina para o Rodiano. – Eu faço o que ele diz. Mas ele não me paga.

O Rodiano disse algo que soou indignado.

– Só um minuto, já falo com você – Luke disse a ele, perguntando-se como iria lidar com aquela parte da acareação. – Que espécie de trabalho era?

– Ele me pede caçar ninho animal pra ele – disse o Barabel. – Animais incomodando pequenas naves: comendo laterais. Eu faço o que ele diz. Ele queima ninho animal, pega dinheiro. – Ele fez um gesto para a pilha agora dispersa de fichas metálicas de cor dourada.

Luke pegou uma delas. Era pequena e triangular, com um intrincado padrão de linhas no centro, e um minúsculo *100* inscrito em cada canto.

– Alguém já viu essa moeda antes? – ele gritou, levantando-a.

– É o novo dinheiro imperial – alguém vestido com um paletó de negócios caro disse, sem disfarçar muito bem seu desprezo. – Você só pode gastá-lo em mundos e estações controlados pelo Império.

Luke fez cara de desagrado. Mais um lembrete, se é que ele precisava de algum, de que a guerra pelo controle da galáxia estava longe de acabar.

– Você disse a ele que pagaria com isto antes de contratá-lo? – ele perguntou ao Rodiano.

O outro disse algo em seu próprio idioma. Luke olhou ao redor do círculo, imaginando se pedir um tradutor faria com que seu status ali caísse.

– Ele diz que foi esse o dinheiro com que lhe pagaram – uma voz familiar disse, e Luke se virou para ver Lando se aproximando da frente da multidão. – Diz que foi contra, mas não teve muita escolha na questão.

– É *assim* que o Império tem feito negócios ultimamente – alguém

na multidão disse. – Pelo menos por aqui.

O Barabel girou na direção do outro.

– Eu não querer seu julgamento – ele resfolegou. – Só Jedi dá julgamento.

– Tudo bem, calma – Luke disse, segurando a moeda e se perguntando o que iria fazer. Se aquela de fato era a moeda na qual o Rodiano havia sido pago... – Existe algum jeito de converter isso em outra coisa? – ele perguntou ao Rodiano.

O outro respondeu.

– Diz ele que não – Lando traduziu. – Você pode usá-los por bens e serviços em mundos imperiais, mas, como ninguém na Nova República irá aceitá-los, não existe taxa oficial de câmbio.

– Certo – Luke disse secamente. Ele podia não ter a experiência de Lando em operações subterrâneas, mas também não tinha nascido ontem. – Então qual é a taxa não oficial de câmbio?

– Na verdade, não faço ideia – disse Lando, olhando para a multidão. – Mas deve ter alguém aqui que trabalha nos dois lados da rua. – Ele levantou a voz. – Alguém aqui faz negócios com o Império?

Se faziam, não estavam falando.

– Tímidos, não? – murmurou Luke.

– Para admitir negócios com o Império para um Jedi? – retrucou Lando. – Eu também ficaria tímido.

Luke assentiu, com uma sensação de frio na boca do estômago ao estudar o focinho de anta do Rodiano e seus olhos multifacetados passivos. Ele tinha esperado que pudesse simplesmente resolver o problema e assim evitar a necessidade de efetuar qualquer espécie de julgamento de verdade. Agora, ele não tinha escolha a não ser decidir se o Rodiano estava de fato tentando deliberadamente tapear seu sócio.

Fechando seus olhos quase totalmente, ele preparou sua mente e ampliou seus sentidos. Era esperar demais, sabia; mas a maioria das espécies demonstrava sutis alterações psicológicas quando submetida a estresse. Se o Rodiano estava mentindo a respeito do pagamento, e se achasse que as habilidades Jedi de Luke poderiam pegá-lo, talvez ele reagisse o suficiente para incriminar a si mesmo.

No entanto, enquanto Luke iniciava as técnicas de ampliação sensorial, outra coisa chamou sua atenção. Era um odor. Um leve aroma de tabac Carababba e armudu. A mesma combinação para a qual Lando havia chamado sua atenção na estação espacial de Sluis Van...

Luke abriu os olhos e olhou para a multidão ao redor.

– Niles Ferrier – ele chamou. – Quer por gentileza dar um passo a frente?

Houve uma longa pausa, pontuada somente pelo repentino sibilar

de Lando ao ouvir o nome de Ferrier. Então, com um leve movimento vindo de um lado do círculo, uma figura corpulenta familiar abriu caminho até a frente empurrando os demais.

– O que você quer? – ele exigiu saber, repousando a mão no cabo de sua arma de raios, enfiada no coldre.

– Preciso saber qual é a taxa de câmbio não oficial entre moedas do Império e da Nova República – disse Luke. – Achei que talvez você pudesse me dizer qual é.

Ferrier o estudou com escárnio maldisfarçado.

– Isso é problema seu, Jedi. Deixe-me fora disso.

A multidão emitiu um burburinho de desprazer. Luke não respondeu, mas ficou encarando Ferrier; e, depois de um momento, o outro fez uma cara de conformado.

– Da última vez que fiz negócios no outro lado, acertamos uma conversão de cinco a quatro Império/República – ele grunhiu.

– Obrigado – disse Luke. – Isso parece resolvido, então – ele continuou, virando-se para o Rodiano. – Pague seu associado com moeda da Nova República a uma taxa de câmbio de cinco/quatro e leve o dinheiro do Império de volta para a próxima vez em que você trabalhar no território deles.

O Rodiano cuspiu alguma coisa.

– Isso é mentira! – o Barabel resfolegou de volta.

– Ele diz que não tem o suficiente em moeda da Nova República – traduziu Lando. – Conhecendo Rodianos, eu tenderia a concordar com o Barabel.

– Talvez. – Luke olhou fixo nos olhos facetados do Rodiano. – Talvez não. Pode haver outra saída. – Ele tornou a olhar para Ferrier, ergueu questionador as sobrancelhas. O outro era esperto.

– Nem pense nisso, Jedi – ele avisou.

– Por que não? – perguntou Luke. – Você trabalha nos dois lados da fronteira. Você tem mais chances de gastar dinheiro do Império do que o Barabel.

– Suponha que eu não queira – retrucou Ferrier. – Suponha que eu não pretenda voltar tão cedo. Ou quem sabe eu não quisesse ser apanhado com tanto dinheiro imperial. Resolva essa sozinho, Jedi; eu não lhe devo nenhum favor.

O Barabel girou para ele.

– Você fale respeito – ele resfolegou. – Ele é Jedi. Você fale respeito.

Um burburinho de concordância ondulou pela multidão afora.

– É melhor ouvi-lo – aconselhou Lando. – Não acho que você queira se meter em briga aqui, especialmente não com um Barabel. Os Jedi sempre foram o ponto fraco deles.

– É... o ponto fraco fica bem atrás dos focinhos – retorquiu Ferrier.

Mas seus olhos ligeiros estavam percorrendo a multidão, e Luke captou o desvio sutil nos seus sentidos quando Ferrier começou a perceber que a opinião que tinha de Luke era minoria.

Ou talvez ele estivesse percebendo que acabar no meio de uma discussão oficial iria lhe dar mais atenção do que ele estava a fim de ter. Luke aguardou, vendo os sentidos do outro flutuarem com incerteza, que ele mudasse de ideia.

E, quando aconteceu, foi rápido.

– Tudo bem, mas vai ter que ser um câmbio de cinco/três – insistiu Ferrier. – O cinco/quatro foi um golpe de sorte; não tenho como saber se vou conseguir isso novamente.

– É golpe – declarou o Barabel. – Eu mereço mais do Rodiano.

– Sim, merece – concordou Luke. – Mas, nestas circunstâncias, isso é provavelmente o melhor que você vai conseguir. – Olhou para o Rodiano. – Se servir para alguma coisa – ele acrescentou para o Barabel –, lembre-se de que você pode alertar o restante do seu povo sobre fazer negócios com este Rodiano em particular. Não conseguir contratar caçadores Barabel especializados vai ser bem pior para ele a longo prazo do que isso está custando para você agora.

O Barabel fez um som rascante que era provavelmente o equivalente a uma gargalhada.

– Jedi fala verdade – ele disse. – Castigo é bom.

Luke se segurou. O Barabel não iria ficar tão feliz com a parte a seguir.

– Mas você terá de pagar pelo conserto do droide que destruiu. Não importa o que o Rodiano disse ou fez, ele não foi responsável por aquilo.

O Barabel encarou Luke; seus dentes de agulha faziam pequenos movimentos de morder. Luke retribuiu o olhar frio, os sentidos em alerta para a Força, em busca de qualquer sinal de ataque.

– Jedi fala verdade de novo – o alien disse finalmente. Com relutância, mas com firmeza também. – Eu aceito julgamento.

Luke soltou um suspiro silencioso de alívio.

– Então o caso está encerrado – ele disse. Olhou para Ferrier, depois levou o sabre de luz à testa em saudação aos dois aliens e lhes deu as costas.

– Muito bem – Lando o cumprimentou em seu ouvido quando a multidão começou a se dispersar.

– Obrigado – murmurou Luke com a boca seca. Havia funcionado, era verdade. Mas também havia sido mais uma questão de sorte do que de habilidade, e ele sabia disso. Se Ferrier não estivesse ali, ou se o ladrão de naves não quisesse ceder, Luke não tinha ideia de como teria solucionado a disputa. Leia e seu treinamento diplomático teriam feito melhor do que ele; até mesmo Han com sua longa experiência

com barganhas complicadas teria conseguido a mesma coisa.

Era um aspecto da responsabilidade Jedi que ele nunca havia considerado antes. Mas era um aspecto sobre o qual era melhor ele começar a pensar – e rápido.

– Han está seguindo um dos companheiros Bothanos de Fey'lya lá no nível 4 – Lando dizia enquanto eles avançavam no meio da multidão na direção da saída. – Nós o avistamos da rampa central oeste e ele me mandou...

Ele parou. Do lado de fora do Mishra o som de sirenes havia começado.

– O que será que é isso? – ele perguntou, soando desconfortável.

– É um alarme – disse um dos frequentadores do tapcaf com a testa franzida em concentração enquanto apurava o ouvido. O timbre da sirene mudou; depois mudou mais uma vez... – É um ataque.

– Um ataque? – Luke franziu a testa. Ele não sabia de nenhuma atividade pirata naquele setor. – Quem está atacando vocês?

– Quem mais? – retorquiu o homem. – O Império.

Luke olhou para Lando.

– Oh-oh – ele disse baixinho.

– É – concordou Lando. – Venha.

Eles deixaram o Mishra e foram para a ampla avenida. Por mais estranho que pudesse parecer, não havia sinais do pânico que Luke esperava encontrar. Pelo contrário, os cidadãos de Ilic pareciam continuar suas atividades cotidianas como se nada fora do normal estivesse acontecendo.

– Talvez eles não percebam o que está acontecendo – ele sugeriu meio descrente enquanto se dirigiam para uma das rampas em espiral.

– Ou então eles têm um acordo discreto com o Império – Lando retrucou com acidez. – Talvez os líderes tenham achado politicamente vantajoso se alinhar com a Nova República, mas também queiram permanecer nas boas graças do Império. Como não podem pagar nada tão aberto quanto um tributo, eles deixam os imperiais virem de tempos em tempos e levarem seus estoques de biomoléculas refinadas. Já vi esse tipo de coisa antes.

Luke olhou para as multidões despreocupadas ao redor.

– Só que desta vez pode sair pela culatra para eles.

– Tipo se os imperiais virem a *Lady Luck* e seu X-wing nos registros de pouso.

– Exato. Para onde você disse que Han foi?

– Da última vez que o vi, ele estava no nível 4, na direção oeste – disse Lando, sacando seu comlink. – Ele me disse para não chamá-lo, mas acho que isto entra na categoria de circunstância imprevista.

– Espere um minuto – Luke o deteve. – Se ele estiver em qualquer ponto perto desse assessor de Fey'lya... e se Fey'lya estiver fazendo

algum tipo de acordo com o Império?

– Tem razão. – Lando soltou um palavrão baixinho ao tornar a guardar o comlink. – Então, o que fazemos?

Eles haviam alcançado a rampa agora e entrado na seção que subia em espiral.

– Eu vou encontrar Han – disse Luke. – Você vai até a área de pouso e vê o que está acontecendo. Se os imperiais ainda não chegaram a pousar, pode ser que você seja capaz de entrar no computador do controle aéreo e nos apagar da lista. R2 pode ajudar se você conseguir tirá-lo do meu X-wing e levá-lo a um terminal sem ser apanhado.

– Vou tentar.

– Ok. – Subitamente, uma vaga memória sobreveio a Luke. – Por acaso a *Lady Luck* está equipada com um daqueles circuitos escravos completos que você comentou em Nkllon?

Lando balançou a cabeça.

– Ela tem um circuito, mas é apenas uma configuração simples de direcionamento, nada mais que movimento em linha reta e um pouco de manobra. Ela nunca seria capaz de chegar até onde estou no meio de uma cidade fechada como esta.

E ainda que pudesse, Luke tinha de admitir, não adiantaria de muita coisa para eles. A única saída de Ilic para qualquer coisa do tamanho de uma espaçonave era através dos dutos de saída acima da área de pouso, ou então abrir um imenso buraco na muralha exterior.

– Foi só uma ideia – ele disse.

– Foi aqui que Han desceu – disse Lando, apontando. – Ele foi para lá.

– Certo. – Luke desceu da rampa. – Vejo você em breve. Tome cuidado.

– Você também.

CAPÍTULO 8

A mulher grisalha levou Han até uma sala pequena tipo escritório no prédio da Ametista, entregou-o a uns dois sujeitos trabalhando como guardas ali e desapareceu levando a arma de raios, o comlink e a ID dele nas mãos. Han tentou uma ou duas vezes iniciar uma conversa com os guardas, não obteve resposta de nenhum dos dois, e havia simplesmente se conformado a ficar sentado em silêncio, ouvindo as sirenes lá fora, quando a mulher retornou acompanhada por outra mulher, esta mais alta e com um inconfundível ar de autoridade.

– Bom dia para você – disse a mulher alta, com um aceno de cabeça para Han. – Capitão Han Solo, acredito?

Com a ID dele na mão, não parecia fazer muito sentido negar.

– Isso mesmo – ele disse.

– Estamos honrados com a sua visita – ela disse. O tom de voz dava um toque ligeiramente sardônico às palavras educadas. – Embora um pouco surpresos com ela.

– Eu não sei por quê; a visita foi ideia sua – retrucou Han. – Você sempre pega gente da rua assim?

– Só gente especial – a mulher alta ergueu ligeiramente as sobrancelhas. – Quer me dizer quem você é e quem o enviou?

Han franziu a testa.

– Como assim quem sou eu? Você está com a minha ID bem aí.

– Sim, estou – assentiu a mulher, virando o cartão que tinha na mão. – Mas existem algumas divergências de opinião sobre se ela é ou não genuína. – Ela olhou para a porta e fez um gesto...

E Tav Breil'lya entrou no aposento.

– Eu tinha razão – disse o Bothano. Seu pelo cor de creme ondulava num padrão estranho. – Conforme eu lhe disse quando vi pela primeira vez sua ID, ele é um impostor. Certamente um espião do Império.

– O quê? – Han o encarou, vendo toda a situação começar a piorar ligeiramente. – Ele olhou para o colar do alien. Era mesmo Tav Breil'lya. – Do que foi que você me chamou?

– Você é um espião do Império – repetiu Breil'lya, com o pelo ondulando mais uma vez. – Veio destruir nossa amizade, ou até mesmo matar todos nós. Mas você jamais viverá para se reportar de volta aos seus senhores. – Virou-se para a mulher alta. – Você precisa destruí-lo imediatamente, Sena – ele insistiu. – Antes que ele tenha a chance de chamar seus inimigos para cá.

– Não vamos tomar nenhuma atitude precipitada, assessor do conselho Breil'lya – Sena procurou acalmá-lo. – Irenez tem uma boa tela de piquete posicionada. – Ela olhou para Han. – Gostaria de responder às acusações do assessor do conselho?

– Não temos interesse nas mentiras de um espião do Império –

Breil'lya insistiu antes que Han pudesse falar.

– Pelo contrário, assessor do conselho – retrucou Sena. – Aqui, nós temos interesse em um número enorme de coisas. – Ela se voltou para Han e ergueu sua ID. – Você tem alguma prova além desta de que você é quem afirma ser?

– Não importa quem ele é – Breil'lya tornou a interromper. Sua voz começava a soar um pouco tensa. – Ele viu você, e certamente deve saber que temos algum tipo de arranjo. Se ele é do Império ou da Nova República, isso é irrelevante; ambos são seus inimigos, e ambos usariam tais informações contra você.

Sena voltou a erguer as sobrancelhas.

– Então agora a identidade dele não importa – ela disse com frieza. – Isso quer dizer que você não tem mais certeza de que ele seja um impostor?

O pelo de Breil'lya tornou a nodular. Obviamente, ele não era tão rápido com as palavras quanto sua chefe.

– Ele se parece muito – resmungou o outro. – Embora uma dissecação adequada pudesse definir com certeza quem é ele.

Sena deu um leve sorriso. Mas era um sorriso de compreensão, não de humor... e subitamente Han percebeu que o confronto havia sido um teste tanto de Breil'lya quanto dele. E se a expressão no rosto de Sena era um sinal, o Bothano havia acabado de ser reprovado.

– Vou manter essa recomendação em mente – ela lhe disse com secura.

Um *bip* suave se fez ouvir, e a mulher grisalha sacou um comlink e falou baixinho nele. Ela escutou, voltou a falar, e olhou para Sena.

– A linha de piquete reporta outro homem se aproximando – ela disse. – Constituição média, cabelos louros escuros, vestido de preto – olhou para Breil'lya – e portando o que parece ser um sabre de luz.

Sena também olhou para Breil'lya.

– Eu acredito que isso encerre a discussão – ela disse. – Mande um dos soldados da linha se encontrar com ele, Irenez, e perguntar se ele quer se juntar a nós. Deixe claro que é uma *solicitação*, não uma ordem. Depois devolva a arma e o equipamento do capitão Solo. – Ela se virou para Han, assentindo com seriedade para ele ao devolver sua ID. – Minhas desculpas, capitão. O senhor entende que temos de tomar cuidado. Particularmente com esta coincidência. – Ela fez um gesto para a muralha externa.

Han franziu a testa, perguntando-se o que ela queria dizer. Aí ele entendeu: ela estava indicando as sirenes que ainda uivavam do lado de fora.

– Não há problema – ele lhe assegurou. – Para que são as sirenes, aliás?

– É um ataque do Império – disse Irenez, devolvendo-lhe sua arma

de raios e seu comlink.

Han gelou.

– Um ataque?

– Não é grande coisa – Sena lhe garantiu. – Eles vêm de meses em meses e pegam uma percentagem das biomoléculas refinadas que foram empacotadas para exportação. É uma forma disfarçada de taxação que os governos da cidade negociaram com eles. Não se preocupe, eles nunca passam do nível de pouso.

– É, bom, pode ser que desta vez eles mudem um pouquinho a rotina – Han grunhiu, acionando seu comlink. Ele quase esperou que alguém tentasse impedi-lo, mas ninguém sequer se moveu. – Luke?

– Estou aqui, Han – a voz do mais jovem respondeu. – Minha escolta me disse que estou sendo levado até onde você está. Tudo bem com você?

– Apenas um pequeno mal-entendido. Melhor vir depressa; temos companhia.

– Certo.

Han desligou o comlink. Enquanto fazia isso, viu Sena e Irenez conversando discretamente entre si.

– Se você for tão sensível a imperiais como Breil'lya deu a entender, é bom encontrar um buraco pra desaparecer – ele aconselhou.

– Nossa rota de fuga está pronta – Sena lhe assegurou quando Irenez deixou o aposento. – A pergunta é o que fazer com você e seu amigo.

– Você não pode simplesmente soltá-los – insistiu Breil'lya, tentando uma última vez. – Você sabe muito bem que se a Nova República ficar sabendo a seu respeito...

– O comandante está sendo notificado – interrompeu Sena. – Ele decide.

– Mas...

– Isso é só, assessor do conselho – ela voltou a interrompê-lo, soando subitamente agressiva. – Junte-se aos demais no poço do elevador. Você irá me acompanhar em minha nave.

Breil'lya deu um último olhar impossível de interpretar para Han, e então deixou em silêncio o aposento.

– Quem é este seu comandante? – perguntou Han.

– Isso eu não posso lhe dizer. – Sena o estudou por um momento. – Mas não se preocupe. Apesar do que Breil'lya disse, não somos inimigos da Nova República. Pelo menos, não no momento.

– Ah – disse Han. – Ótimo.

Ouviram o som de passos no corredor do lado de fora. Alguns segundos depois, acompanhado por dois rapazes com armas nos coldres, Luke entrou no aposento.

– Han – Luke cumprimentou seu amigo, dando uma rápida avaliada em Sena. – Você está bem?

– Estou – Han lhe assegurou. – Como eu falei, um pequeno mal-entendido. A senhorita aqui... Sena... – ele fez uma pausa, esperando.

– Vamos deixar apenas Sena por enquanto – ela disse.

– Ah – disse Han. Ele havia esperado conseguir o sobrenome dela, mas ela obviamente não tinha o hábito de fornecê-lo. – De qualquer maneira, Sena achou que eu fosse um espião do Império. E, por falar em Império...

– Eu sei – assentiu Luke. – Lando subiu para ver se consegue apagar nossas naves do registro de pouso.

– Ele não vai conseguir – Han balançou a cabeça. – Não a tempo. E eles provavelmente vão puxar a lista de pouso.

Luke assentiu concordando.

– Então é melhor irmos para lá.

– A menos que vocês todos prefiram vir conosco – Sena ofereceu. – Há muito espaço em nossa nave, e ela está oculta onde eles não irão encontrá-la.

– Obrigado, mas não – disse Han. Ele não iria partir com aquelas pessoas até ter bem mais informações a respeito delas. De que lado elas estavam, para começar. – Lando não vai querer deixar a nave dele.

– E eu preciso pegar meu droide – acrescentou Luke.

Irenez voltou discretamente ao aposento.

– Todos estão descendo, e a nave está sendo preparada – ela disse para Sena. – E eu falei com o comandante. – Ela entregou um datapad à mulher alta.

Sena olhou de relance para ele, assentiu e se voltou para Han.

– Há um poço de manutenção perto daqui que vai dar na extremidade oeste da área de pouso – ela lhe disse. – Duvido que os imperiais saibam a respeito; ele não está em nenhum dos mapas padrão da cidade. Irenez irá guiá-los até lá e fornecer qualquer ajuda que puder.

– Isso realmente não é necessário – disse Han.

Sena estendeu a ele o datapad.

– O comandante me instruiu a lhe dar qualquer ajuda de que você precise – ela disse com firmeza. – Eu agradeceria se você me deixasse cumprir minhas ordens.

Han olhou para Luke, ergueu as sobrancelhas. Luke retribuiu com um leve dar de ombros: se havia alguma traição na oferta, seus sentidos Jedi não estavam captando.

– Muito bem, ela pode vir junto – ele disse. – Vamos lá.

– Boa sorte – disse Sena, e desapareceu porta afora.

Irenez apontou para a porta atrás dela.

– Por aqui, cavalheiros.

O poço de manutenção era uma combinação de escadaria e tubo de elevador dentro da muralha externa da cidade. Sua entrada era quase invisível contra o padrão turbilhonante daquela seção do muro. O carro do elevador, propriamente dito, não estava ali – provavelmente, deduziu Han, ainda estava conduzindo o grupo de Sena para onde quer que eles houvessem escondido sua nave. Com Irenez na liderança, começaram a subir as escadas.

Eram apenas três níveis até a área de pouso; mas três níveis em uma cidade com o layout de teto alto de Ilic significava um monte de degraus. O primeiro nível tinha 53; depois disso, Han parou de contar. Quando passaram por outra porta disfarçada que dava para a área de pouso e se esconderam atrás de um enorme analisador de diagnóstico, suas pernas estavam começando a tremer de exaustão. Já Irenez não estava nem respirando com dificuldade.

– E agora? – perguntou Luke, olhando com cautela ao redor do analisador. Ele também não estava respirando com dificuldade.

– Vamos encontrar Lando – disse Han, sacando seu comlink e apertando o botão de chamada. – Lando?

– Estou bem aqui – a voz sussurrada do outro respondeu no mesmo instante. – Onde está você?

– Extremidade oeste da área de pouso, a cerca de vinte metros do X-wing de Luke. E você?

– Cerca de noventa graus de distância de você na direção sul – respondeu Lando. – Estou atrás de uma pilha de caixas para transporte. Tem um storm-trooper montando guarda a cerca de cinco metros, então eu estou meio que preso aqui.

– Que tipo de encrenca temos em vista?

– Parece uma força-tarefa completa – Lando disse sombrio. – Eu vi três naves de desembarque chegarem, e acho que já havia uma ou duas no solo quando cheguei aqui. Se estavam inteiramente lotadas, isso corresponde a algo entre 160 a 200 homens. A maioria deles são soldados regulares do exército, mas também há alguns stormtroopers na multidão. Não existem muitos deles aqui em cima também; a maioria desceu pelas rampas há poucos minutos.

– Provavelmente foram vasculhar a cidade atrás de nós – murmurou Luke.

– É. – Han se ajeitou para olhar por cima do analisador. Mal dava para ver o topo do X-wing de Luke sobre o nariz de uma barca espacial W-23. – Parece que R2 ainda está na nave de Luke.

– Sim, mas eu os vi fazendo alguma coisa lá para aquela direção – avisou Lando. – Podem ter posto uma trava de restrição nele.

– A gente dá conta disso. – Han vasculhou o máximo da área ao redor deles que podia ver. – Acho que conseguimos chegar ao X-wing

sem ser vistos. Você me disse na viagem para cá que tinha um convocador para a *Lady Luck*, certo?

– Certo, mas não vai me adiantar de grande coisa – disse Lando. – Com todas essas caixas ao redor, não há lugar onde eu possa colocá-la sem me expor ao fogo.

– Ok – disse Han, sentindo um sorriso apertado retorcer seu lábio. Luke podia ter a força, e Irenez podia ser capaz de subir escadas sem perder o fôlego; mas ele apostaria um bom dinheiro que podia superar os dois na pura arte da trapaça. – É só você fazer com que ela venha na sua direção quando eu avisar.

Desligou o comlink.

– Vamos para o X-wing – ele disse para Luke e Irenez, ajustando a arma na sua mão. – Estão prontos?

Recebeu duas respostas positivas, e, com um último olhar ao redor da área, partiu tão rapidamente quanto o silêncio permitia. Alcançou a barca espacial no meio do caminho deles sem incidentes e parou ali para deixar que os outros o alcançassem.

– Shh! – Luke sibilou.

Han gelou, pressionando-se contra o casco corroído da barca. A menos de quatro metros de distância um stormtrooper montando guarda estava começando a se virar na direção deles.

Trincando os dentes, Han levantou sua arma. Mas, no instante em que fez isso, sua visão periférica captou a mão de Luke fazendo uma espécie de gesto; e subitamente o imperial girou na direção oposta, apontando seu rifle de raios na direção de um segmento de chão vazio.

– Ele acha que ouviu um ruído – sussurrou Luke. – Vamos.

Han assentiu, e deu a volta na barca para chegar ao outro lado. Alguns segundos depois eles estavam agachados ao lado do trem de pouso do X-wing.

– R2? – Han sussurrou exagerado para o alto. – Vamos lá, baixinho, acorde.

Um *bip* suave e um tanto indignado se fez ouvir do alto do X-wing. O que significava que a trava de contenção dos imperiais não havia desligado o droide inteiramente, apenas bloqueado seu controle dos sistemas do X-wing. Ótimo.

– Ok – ele disse para o droide. – Vá aquecendo seu sensor de comunicação aí e se prepare para gravar.

Mais um *bip*.

– E agora? – perguntou Irenez.

– Agora a gente vai fazer uma coisa bonitinha – disse Han, sacando seu comlink. – Lando? Está pronto?

– Mais pronto que isso, impossível – o outro respondeu.

– Ok. Quando eu der o sinal, acione seu convocador e ponha a

Lady Luck pra voar. Quando eu avisar de novo, desligue-o. Entendeu?

– Entendi. Espero que você saiba o que está fazendo.

– Confie em mim. – Han olhou para Luke. – Você entendeu bem sua parte?

Luke assentiu, erguendo seu sabre de luz.

– Estou pronto.

– Ok, Lando. Pode ir.

Por um longo momento nada aconteceu. Então, por entre o ruído de fundo da área de pouso, veio o zumbido distinto das plataformas repulsoras sendo ativadas. Han começou a se levantar bem a tempo de ver a *Lady Luck* subir suavemente entre as outras naves atracadas.

De algum lugar na mesma região veio um grito, seguido pelo múltiplo clarão de armas de raios disparando. Mais três armas abriram fogo quase imediatamente, todas as quatro rastreando a *Lady Luck* enquanto ela fazia uma curva elaborada e começava a flutuar para o sul, na direção do esconderijo de Lando.

– Você sabe que ela nunca vai chegar aqui – Irenez murmurou no ouvido de Han. – Assim que eles descobrirem para onde ela está indo, vão todos cair em cima dele.

– É por isso que ela não vai chegar até ele – retrucou Han, observando a *Lady Luck* de perto. – Mais dois segundos e cada stormtrooper e soldado do Império aqui deve ter sua atenção bem fixada na nave fujona... Pronto, Luke. *Agora*!

E subitamente Luke havia sumido: um único salto e ele estava em cima do X-wing. No meio da confusão Han ouviu o estalo e sibilar quando Luke acendeu seu sabre de luz, pôde ver o brilho verde refletido nas naves e equipamento próximos. O brilho e o som se deslocaram sutilmente quando Luke fez um rápido corte...

– Trava de contenção cortada – Luke gritou. – Agora?

– Ainda não – disse Han. A *Lady Luck* estava a cerca de um quarto do caminho até a outra parede; rajadas de raios ainda ricocheteavam em sua parte inferior blindada. – Vou dizer a ele quando. Você se prepare para o voo de interferência.

– Certo. – O X-wing balançou levemente quando Luke avançou e pulou para dentro da cabine, enquanto os repulsores da nave começavam a zumbir, ativados por R2.

Um zumbido que ninguém mais em toda essa confusão podia esperar ouvir. A *Lady Luck* estava a meio caminho da parede agora...

– Ok, Lando, desligar – ordenou Han. – R2, sua vez. Chame-a de volta para cá.

Com total acesso aos transmissores do X-wing, era uma tarefa simples para o droide duplicar o sinal do convocador de Lando. A *Lady Luck* parou com um estremecimento, reorientou-se para o novo chamado e começou novamente a atravessar a área de pouso na

direção do X-wing.

Por essa os imperiais não estavam esperando. Por um segundo o fogo das armas de raios hesitou quando os soldados que caçavam o iate pararam; e quando o tiroteio foi retomado, a *Lady Luck* estava quase chegando ao X-wing.

– Agora? – Luke gritou.

– Agora – Han retribuiu o grito. – Desça a nave e abra caminho pra nós.

R2 chilreou, e a *Lady Luck* tornou a parar no meio do ar, desta vez descendo suavemente para o chão. Ouviu-se um grito que pareceu triunfante, vindo dos imperiais... mas se foi o caso, foi o triunfo mais curto já registrado. A *Lady Luck* tocou o solo...

E, sem aviso, o X-wing saltou no ar. Fazendo uma curva fechada ao redor da *Lady Luck*, Luke desceu num rasante, os lasers das pontas das asas cuspindo um corredor de destruição em cima da linha de aproximação dos soldados surpresos.

Logo os imperiais conseguiriam se reagrupar. Han não tinha a intenção de lhes dar esse tempo.

– Vamos lá – ele disse ríspido para Irenez, levantando-se em um pulo e disparando loucamente na direção da *Lady Luck*. Ele provavelmente chegou à rampa antes mesmo que os soldados tivessem reparado em sua presença, e passou pela escotilha antes que alguém conseguisse disparar um tiro. – Fique aqui e proteja a escotilha – ele gritou quando Irenez entrou atrás dele. – Vou buscar Lando.

Luke ainda estava criando pânico com seu X-wing quando Han entrou correndo na cabine e pulou na cadeira do piloto, dando uma rápida olhada nos instrumentos. Todos os sistemas pareciam prontos; e se algum não estivesse, ia ter que ficar pronto no caminho.

– Segure em alguma coisa! – ele gritou para Irenez e levantou voo.

O stormtrooper que Lando havia mencionado estar próximo à sua posição não estava visível quando Han levou a *Lady Luck* até a pilha de caixas para transporte. Luke estava bem junto a ele; os lasers do X-wing faziam uma bagunça no chão da área de pouso e mantinham os imperiais no chão. Han baixou a nave até cerca de meio metro do chão, virando a rampa de entrada na direção das caixas. Um movimento muito rápido, visível por apenas um segundo através do visor lateral da cabine.

– Ele entrou – Irenez gritou da escotilha. – Vai!

Han girou a nave, acelerando os repulsores com força total e subindo para um dos imensos dutos de saída acima. Um pequeno sacolejo quando ele passou pelo selo magnético no final, e depois eles estavam no ar, zunindo rápidos na direção do espaço.

Quatro caças TIE vagavam logo acima da cidade, esperando problemas. Mas aparentemente não esperavam nada assim tão rápido.

Luke pegou três deles de saída, e Han abateu o quarto.

– Nada como escapar por pouco – Lando sentou ofegante na cadeira do copiloto e começou a mexer no seu painel. – O que temos?

– Parece que mais duas naves de transporte estão chegando – Han disse a ele, franzindo a testa. – O que você está fazendo?

– Executando uma análise de fluxo de ar multissensora – respondeu Lando. – Ela irá mostrar qualquer grande irregularidade no casco. Como, por exemplo, se alguém fixou um farol de localização em nós.

Han pensou naquela fuga da primeira Estrela da Morte, e no voo quase catastrófico para Yavin com apenas um dispositivo contrabandeado a bordo.

– Queria ter um sistema desses para a *Falcon*.

– Jamais funcionaria – Lando comentou com secura. – Seu casco já é tão irregular que o sistema ficaria maluco só tentando mapeá-lo. – Ele desligou a tela. – Ok, estamos limpos.

– Ótimo. – Han lançou um olhar rápido para a esquerda. – Estamos livres daquelas naves de transporte também. Nem sonhando elas conseguirão nos alcançar agora.

– É, mas aquele ali consegue – disse Irenez, apontando para o visor de alcance médio, que mostrava um destróier estelar imperial atrás deles, já deixando órbita e começando a perseguição.

– Maravilha – grunhiu Han, acionando o drive principal. Usá-lo assim tão perto do chão não faria bem algum à flora de New Cov, mas aquela era a menor de suas preocupações no momento. – Luke?

– Estou vendo – a voz de Luke veio pelo alto-falante do comunicador. – Alguma ideia além de fugir?

– Acho que fugir me parece uma ótima ideia – disse Han. – Lando?

– Calculando o salto agora – disse o outro, ocupado com o computador de navegação. – Ele deverá estar pronto quando estivermos longe o bastante.

– Tem outra nave vindo por baixo – disse Luke. – Direto da selva.

– É a nossa – disse Irenez, espiando por cima do ombro de Han. – Vocês podem entrar em paralelo com ela mudando de curso para um 26 marco 30.

O destróier estelar estava acelerando; o visor agora mostrava uma formação de caças TIE voando à sua frente.

– Seria melhor nos separarmos – disse Han.

– Não. Fique com nossa nave – disse Irenez. – Sena disse que temos ajuda chegando.

Han deu mais uma olhada na nave que estava se aproximando do espaço profundo. Um transporte pequeno, com uma boa velocidade, mas nada além disso. Mais uma olhada nos caças TIE se aproximando...

– Eles vão estar ao nosso alcance antes que possamos dar o salto –

murmurou Lando, refletindo o pensamento de Han.

– É. Luke, ainda está aí?

– Estou. Acho que Lando tem razão.

– Eu sei. Será que você consegue fazer aquele truque de Nkllon novamente? Você sabe... embaralhar um pouquinho as mentes dos pilotos?

Era possível perceber a hesitação vinda do comunicador.

– Acho que não – Luke disse finalmente. – Eu... não acho que seja bom, para mim, fazer esse tipo de coisa. Você entende?

Na verdade Han não entendia, mas provavelmente não fazia diferença. Por um momento ele havia esquecido que não estava na *Falcon*, com um par de lasers quad, escudos e blindagem pesada. A *Lady Luck*, apesar de todas as modificações feitas por Lando, não era nada que pudesse encarar pilotos de caças TIE, mesmo confusos.

– Tudo bem, deixa pra lá – ele disse para Luke. – É melhor que Sena esteja certa a respeito dessa tal ajuda dela.

As palavras mal haviam saído de sua boca quando um clarão de luz verde brilhante passou disparando pela cabine da *Lady Luck*.

– Caças TIE se aproximando a bombordo – Lando disse, ríspido.

– Estão tentando nos cortar – disse Luke. – Vou me livrar deles.

Sem esperar comentários, ele jogou seu X-wing abaixo do vetor da *Lady Luck* e com um ronco do drive principal virou para a esquerda, na direção dos caças TIE que se aproximavam.

– Cuidado – Han murmurou para ele, dando outra olhada no visor de popa. O grupo de caças em perseguição ainda estava se aproximando rapidamente. – Sua nave tem alguma arma? – ele perguntou a Irenez.

– Não, mas tem uma boa blindagem e muito poder nos defletores – ela respondeu. – Talvez você devesse ir à frente deles, deixar que eles levassem a maior parte do ataque.

– É, vou pensar no seu caso – disse Han, fazendo uma careta ao ouvir a ignorância que a mulher demonstrava sobre aquele tipo de combate. Pilotos de TIE não ligavam muito para que nave estava na frente quando atacavam; e ficar perto o bastante de outra nave para se esconder no seu escudo defletor era abrir mão de sua capacidade de manobra.

Mais para estibordo, o grupo de caças TIE que se aproximava se dispersou quando Luke penetrou em sua formação; os lasers das pontas das asas disparavam enlouquecidamente. Uma segunda onda de imperiais atrás da primeira fechou-se para interceptar, quando Luke deu uma guinada brusca de 180 graus e deu as costas para a cauda da primeira onda. Han conteve o fôlego; mas, diante de seus olhos, o X-wing conseguiu de algum modo avançar sem danos pela confusão e partir a toda velocidade em um ângulo a partir do vetor da

Lady Luck, com todo o esquadrão colado na sua cauda.

– Bem, lá se foi aquele grupo – comentou Irenez.

– E talvez Luke também – Lando retrucou ríspido e apertou o botão do comunicador. – Luke, você está bem?

– Fiquei um pouco chamuscado, mas está tudo funcionando ainda – a voz de Luke voltou. – Mas acho que não consigo voltar até vocês.

– Não tente – disse Han. – Assim que tiver espaço, salte para a velocidade da luz e suma daqui.

– E vocês?

A última palavra de Luke foi parcialmente engolida por um súbito chilrear vindo do comunicador.

– Este é o sinal – disse Irenez. – Aí vem eles.

Han franziu a testa, vasculhando o céu do lado de fora da janela dianteira. Até onde ele podia ver, não havia nada ali a não ser estrelas.

E então, em perfeito uníssono, três grandes naves subitamente saíram do hiperespaço em formação triangular logo à frente deles.

Lando respirou fundo.

– São antigos cruzadores dreadnaught.

– Essa é nossa ajuda – disse Irenez. – Vá direto para o meio do triângulo. Eles providenciarão nossa cobertura.

– Certo – Han disse rilhando os dentes, desviando o vetor da *Lady Luck* alguns graus e tentando tirar um pouco mais de velocidade dos motores dela. A Nova República tinha um bom número de dreadnaughts, e, com seiscentos metros de comprimento cada, elas eram naves de guerra bem impressionantes. Mas mesmo três delas trabalhando juntas teriam dificuldade para abater um destróier estelar imperial.

Aparentemente, o comandante dos dreadnaughts concordava. No momento em que o destróier estelar atrás da *Lady Luck* abriu suas imensas baterias turbolaser, os dreadnaughts começaram a atacar a nave maior com uma furiosa saraivada de rajadas de canhão de íons, tentando desabilitar um número suficiente de seus sistemas para conseguirem escapar.

– Isso responde à sua pergunta? – Han perguntou a Luke.

– Acho que sim – Luke disse secamente. – Ok, estou indo. Onde encontro vocês?

– Não encontra – Han respondeu. Ele não gostava muito dessa resposta, e suspeitava que Luke gostaria menos ainda. Mas não podia evitar. Com uma dúzia de caças TIE atualmente entre a *Lady Luck* e o X-wing, sugerir um ponto de encontro no que era considerado um canal de comunicações seguro seria um convite para que o Império enviasse seu próprio comitê de recepção na frente. – Lando e eu podemos dar conta da missão sozinhos – ele acrescentou. – Se

encontrarmos algum problema, o contataremos via Coruscant.

– Tudo bem – disse Luke. Evidentemente ele não parecia contente com isso. Mas tinha bom senso o suficiente para reconhecer que não havia outro caminho seguro. – Cuidem-se, vocês dois.

– Vejo você depois – disse Han, e encerrou a transmissão.

– Então agora também é *minha* missão, hein? – Lando grunhiu na cadeira do copiloto, sua voz um misto de irritação e resignação. – Eu sabia. Eu *simplesmente* sabia.

O transporte de Sena estava agora dentro do bolsão triangular entre os dreadnaughts, ainda dando tudo de si. Han manteve a *Lady Luck* junto com eles, o mais perto possível da cauda do transporte sem entrar no caminho de seu exaustor.

– Tem algum lugar específico onde gostaria que a deixássemos? – perguntou, virando-se e olhando para Irenez.

Ela estava olhando pela janela para a parte inferior do dreadnaught sob o qual passavam.

– Na verdade, nosso comandante estava esperando que vocês nos acompanhassem até nossa base – disse ela.

Han olhou para Lando. Havia algo no tom de voz dela que insinuava que a solicitação era mais do que meramente uma sugestão.

– E o quanto seu comandante está esperando isso? – perguntou Lando.

– Muito. – Ela parou de olhar para o dreadnaught. – Não me entendam mal; não é uma ordem. Mas, quando falei com o comandante, ele pareceu extremamente interessado em se encontrar novamente com o capitão Solo.

Han franziu a testa.

– Novamente?

– As palavras que ele usou foram essas.

Han olhou para Lando e viu que o outro olhava também para ele.

– Um velho amigo que você nunca mencionou? – perguntou Lando.

– Não me lembro de ter nenhum amigo que tenha dreadnaughts – retrucou Han. – O que você acha?

– Acho que estou sendo lindamente manipulado para não ter escolhas – disse Lando, com um pouco de acidez. – Tirando isso, seja quem for esse comandante, ele parece estar em contato com seus camaradas Bothanos. Se você está tentando descobrir o que Fey'lya está aprontando, ele seria a pessoa ideal para perguntar.

Han pensou a respeito. Lando tinha razão, é claro. Por outro lado, todo aquele negócio podia facilmente ser uma armadilha, e esse papo de velhos amigos ser uma coisa criada para atraí-lo.

Mesmo assim, com Irenez sentada atrás dele com uma arma de raios na cintura, não havia de fato um jeito muito educado de se livrar do convite se ela e Sena decidissem pressioná-lo. Elas poderiam até

mesmo ser educadas.

– Ok – ele disse a Irenez. – Qual o curso que traçamos?

– Você não traça nenhum – ela disse, acenando com a cabeça para cima.

Han acompanhou o olhar dela. Um dos três dreadnaughts pelos quais haviam passado agora virava-se para voar em paralelo com eles. À frente, a nave de Sena estava seguindo na direção de um par de hangares bem-iluminados.

– Deixe-me adivinhar – ele disse para Irenez.

– Relaxe e deixe que nós pilotamos – ela disse, com o primeiro vestígio de humor que ele já tinha visto dela.

– Certo – suspirou Han.

E, com os clarões da batalha na retaguarda ainda faiscando atrás dele, Han conduziu a *Lady Luck* para o hangar. Luke, ele lembrou, aparentemente não havia sentido nenhuma traição dentro de Sena nem em seu pessoal na cidade.

Mas também ele não havia sentido nenhum engodo dos Bimms em Bimmisaari, logo antes daquele primeiro ataque dos Noghri.

Desta vez era melhor que o garoto tivesse razão.

O primeiro dreadnaught emitiu um relâmpago e desapareceu no hiperespaço, levando o transporte e a *Lady Luck* junto. Alguns segundos mais tarde, os outros dois dreadnaughts pararam de bombardear com íons o destróier estelar e, em meio de uma saraivada de rajadas de turbolaser vinda das baterias imperiais que ainda funcionavam, procederam à sua própria fuga.

E Luke estava só. Exceto, é claro, pelo esquadrão de caças TIE que ainda o perseguia.

De trás dele veio um trinado impaciente e um tanto preocupado.

– Ok, R2, já estamos indo – ele garantiu ao pequeno droide. Estendendo a mão, ele puxou a alavanca de hiperdrive; as estrelas se tornaram linhas estelares, e se tornaram um céu pintalgado, e ele e R2 estavam a salvo.

Luke respirou fundo e soltou o ar num suspiro. Então era isso.

Han e Lando haviam partido, para onde quer que Sena e seu misterioso comandante os tivesse levado, e ele realmente não tinha como rastreá-los. Até que eles voltassem à tona e entrassem em contato com ele, ele estava fora da missão.

Mas talvez fosse melhor assim.

Ele ouviu outro trinado de trás, um som questionador desta vez.

– Não, não vamos voltar para Coruscant, R2 – ele disse ao droide, um eco de *déjà vu* incomodando sua mente. – Vamos para um lugarzinho chamado Jomark. Visitar um mestre Jedi.

CAPÍTULO 9

A pequena nave-patrulha de ataque rápido havia saído do hiperespaço e chegado a cem quilômetros de distância da *Falcon* antes que os sensores da nave sequer notassem sua presença. Quando Leia chegou à cabine, o piloto já tinha feito contato.

– É você, Khabarakh? – ela chamou, sentando-se na cadeira do copiloto ao lado de Chewbacca.

– Sim, Lady Vader – miou a voz felina e rouca do Noghri. – Vim sozinho, como prometido. A senhora também está sozinha?

– Meu acompanhante Chewbacca está comigo como piloto – ela disse. – Assim como um droide de protocolo. Eu gostaria de levar o droide para ajudar com traduções. Chewbacca, conforme concordamos, ficará aqui.

O Wookiee se virou para ela com um grunhido.

– Não – ela disse com firmeza, lembrando-se bem a tempo de tirar o som do transmissor. – Desculpe, mas foi essa a promessa que fiz a Khabarakh. Você vai ficar aqui na *Falcon* e esta é uma ordem.

Chewbacca voltou a grunhir, com mais insistência desta vez; e, com um arrepio na nuca, Leia se deu conta de algo em que ela realmente não pensava havia anos: que o Wookiee era capaz de ignorar basicamente qualquer ordem que quisesse.

– Tenho que ir sozinha, Chewie – ela disse baixinho. Força de vontade não ia funcionar ali; ela ia ter que partir para lógica e razão. – Você não está entendendo? O acordo foi esse.

Chewbacca rugiu.

– Não – Leia balançou a cabeça. – Minha segurança não é mais questão de força. Minha única chance é convencer os Noghri de que eles podem confiar em mim. De que quando eu faço promessas, eu as cumpro.

– O droide não será problema – decidiu Khabarakh. – Eu posicionarei minha nave ao lado da sua para atracação.

Leia tornou a ligar o transmissor.

– Ótimo – ela disse. – Eu também tenho uma caixa com roupas e artigos pessoais para levar, se puder. Além de um pacote sensor/analisador, para testar o ar e o solo a fim de descobrir qualquer coisa que possa ser perigosa para mim.

– O ar e o solo onde estaremos são seguros.

– Eu acredito em você – disse Leia. – Mas não sou responsável apenas pela minha própria segurança. Carrego dentro de mim duas novas vidas, e preciso protegê-las.

O alto-falante do comunicador sibilou.

– Herdeiros do Lorde Vader?

Leia hesitou; mas geneticamente, ainda que não filosoficamente, era verdade.

– Sim.

Outro sibilar.

– Pode trazer o que desejar – ele disse. – Mas devo ter permissão de escanear tudo. A senhora está trazendo armas?

– Tenho meu sabre de luz – disse Leia. – Existe algum animal no seu mundo que seja perigoso o bastante para que eu precise de uma arma de raios?

– Não mais – disse Khabarakh, a voz amarga. – Seu sabre de luz também é aceitável.

Chewbacca resfolegou alguma coisa ruim baixinho, suas garras de escalada curvas e afiadas entrando e saindo involuntariamente das bainhas nas pontas de seus dedos. Leia percebeu subitamente que ele estava à beira de perder o controle, e talvez de tomar as rédeas da situação naquelas suas mãos enormes.

– Qual é o problema? – Khabarakh quis saber.

O estômago de Leia começou a se revirar. *Honestidade*, ela lembrou a si mesma.

– Meu piloto não gosta da ideia de que eu saia sozinha com você – ela admitiu. – Ele tem um, bem, você não entenderia.

– Ele tem uma dívida de vida para com a senhora?

Leia se espantou. Ela não esperava que Khabarakh tivesse ouvido falar da dívida de vida Wookiee, quanto mais saber algo a respeito.

– Sim – ela respondeu. – A dívida de vida original era para com meu marido, Han Solo. Durante a guerra Chewie a estendeu para incluir meu irmão e eu.

– E agora as crianças que a senhora carrega dentro de si?

Leia olhou para Chewbacca.

– Sim.

Por um longo minuto o comunicador ficou em silêncio. A nave-patrulha continuou na direção deles, e quando Leia deu por si estava agarrando os braços da cadeira com força enquanto se perguntava o que o Noghri estaria pensando. Se decidisse que as objeções de Chewbacca constituíam uma traição do acordo deles...

– O código de honra dos Wookiee é semelhante ao nosso – Khabarakh disse finalmente. – Ele pode vir com a senhora.

Chewbacca soltou um rugido gutural de surpresa, uma surpresa que rapidamente virou desconfiança.

– Você preferia que ele tivesse dito que você precisava ficar aqui? – retrucou Leia, encobrindo sua própria surpresa quanto àquela concessão com o alívio advindo da facilidade com que a situação havia sido resolvida. – Vamos lá, decida-se.

O Wookiee tornou a rugir, mas estava claro que ele preferia entrar numa armadilha com ela a deixá-la entrar numa sozinha.

– Obrigada, Khabarakh, nós aceitamos – Leia disse ao Noghri. – Estaremos prontos quando você chegar aqui. Aliás, quanto tempo a

viagem até seu mundo vai levar?

– Aproximadamente quatro dias – disse Khabarakh. – Eu aguardo a honra da sua presença a bordo de minha nave.

O comunicador emudeceu. *Quatro dias*, pensou Leia, um tremor percorrendo sua espinha. Quatro dias para aprender tudo o que pudesse a respeito de Khabarakh e do povo Noghri – e se preparar para a missão diplomática mais importante de sua vida.

No fim das contas, ela não aprendeu muito sobre a cultura Noghri durante a viagem. Khabarakh ficou em grande parte isolado, dividindo seu tempo entre o cockpit selado e sua cabine. Ocasionalmente ele aparecia para falar com Leia, mas as conversas eram curtas e invariavelmente a deixavam com a sensação desconfortável de que ele ainda tinha muitas dúvidas a respeito de sua decisão de levá-la ao seu lar. Quando eles marcaram esse encontro lá no mundo Wookiee de Kashyyyk, ela tinha sugerido que ele discutisse a questão com amigos ou confidentes; mas à medida que eles se aproximavam do fim da viagem e seu nervosismo sombrio começava a aumentar, ela começou a captar pequenos sinais de que ele, na verdade, não havia feito isso. A decisão tinha sido tomada inteiramente por ele.

Aquele não era, para o modo de pensar dela, um começo muito auspicioso. Insinuava ou uma falta de confiança em seus amigos ou então um desejo de absolvê-los de responsabilidade caso tudo desse errado. Fosse o que fosse, aquele não era exatamente o tipo de situação que a enchia de confiança.

Com seu anfitrião na maior parte do tempo sozinho, ela e Chewbacca foram forçados a se distrair por conta própria. Para Chewbacca, com seus interesses naturais por mecânica, tal interesse consistia principalmente em vagar pela nave e enfiar o nariz em cada sala, comporta de acesso e passagem que pudesse encontrar – estudando a nave, como ele definiu de modo sombrio, caso precisassem em algum momento pilotá-la. Por sua vez, Leia passou a maior parte da viagem em sua cabine com 3PO, tentando deduzir uma variação possível de *Mal'ary'ush*, a única palavra Noghri que ela conhecia, com a esperança de pelo menos ter uma ideia de onde na galáxia eles poderiam estar indo. Infelizmente, com 6 milhões de línguas para acessar, 3PO podia sugerir qualquer número de etimologias possíveis para a palavra, variando do razoável para o tênue para absurdo e dando a volta novamente. Era um exercício interessante de linguística aplicada, mas no fim das contas mais frustrante do que útil.

No meio do quarto dia, eles chegaram ao mundo Noghri, que era ainda pior do que ela havia esperado.

– É incrível – ela disse soltando o ar; um nó duro se formava em sua garganta quando ela chegou perto de Chewbacca para olhar, pela

única janela de passageiros da nave, o mundo do qual se aproximavam rapidamente. Sob as nuvens brancas sarapintadas, a superfície parecia ser de um marrom uniforme, aliviada apenas pelo azul-escuro ocasional de lagos e pequenos oceanos. Nenhum verde ou amarelo, nenhum tom claro de roxo ou azul – nenhuma das cores, na verdade, que normalmente significavam vida vegetal. Até onde ela podia dizer, todo o planeta poderia estar morto.

Chewbacca grunhiu um lembrete.

– Sim, eu sei que Khabarakh disse que o planeta foi devastado na guerra – ela concordou sóbria. – Mas não percebi o que ele estava realmente dizendo; que o planeta inteiro foi atingido. – Ela balançou a cabeça, sentindo uma dor no peito e tentando imaginar que lado havia sido mais responsável por aquele desastre.

Mais responsável. Ela engoliu em seco com as palavras de defesa por reflexo. Não havia *mais responsável* ali, e ela sabia. O mundo de Khabarakh havia sido destruído durante uma batalha no espaço, e aquela guerra só tinha tido dois lados. O que quer que tivesse acontecido para transformar aquele mundo em um deserto, a Aliança Rebelde tinha sua parcela de culpa.

– Não é à toa que o imperador e Vader conseguiram jogá-los contra nós – ela murmurou. – Temos que achar um jeito de ajudá-los.

Chewbacca tornou a grunhir e fez um gesto para a janela. A linha terminadora estava subindo pelo horizonte agora, uma faixa indefinida de crepúsculo entre dia e noite; e ali, desvanecendo para a escuridão, estava o que parecia um trecho irregular verde-claro.

– Estou vendo – assentiu Leia. – Você supõe que aquilo seja tudo o que sobrou?

O Wookiee deu de ombros e ofereceu a sugestão óbvia.

– Sim, suponho que essa seria a maneira mais simples de descobrir – concordou Leia. – Mas não sei se quero perguntar a ele. Vamos esperar até estarmos mais perto e podermos ver mais...

Ela sentiu Chewbacca ficar rígido ao lado dela uma fração de segundo antes que o urro dele rasgasse o ar e deixasse as orelhas dela zumbindo.

– O quê...?

E aí ela viu, e seu estômago se revirou bruscamente com o choque. Ali, logo além da curva do planeta, um destróier estelar imperial.

Eles haviam sido traídos.

– Não – ela disse baixinho, olhando fixamente para aquela imensa forma de ponta de flecha. Não havia erro. Era realmente um destróier estelar. – Não. Não posso crer que Khabarakh fez isso.

As últimas palavras foram ditas para o vazio – com um segundo choque, ela percebeu que Chewbacca não estava mais ao seu lado. Girando nos calcanhares, ela viu um relâmpago marrom quando ele

sumiu pelo corredor que dava para a cabine.

– Não! – ela gritou, afastando-se dos anteparos e disparando atrás dele o mais rápido que conseguia. – Chewie, não!

A ordem era perda de ar, e ela sabia disso. O Wookiee estava com sede de sangue, e ele chegaria até Khabarakh mesmo que tivesse de arrancar a porta da cabine com as próprias mãos.

O primeiro *clang* soou quando ela estava no meio do corredor; o segundo, quando ela fez a ligeira curva e viu a porta. Chewbacca estava erguendo seus punhos maciços para um terceiro golpe...

Quando, para espanto de Leia, a porta se abriu.

Chewbacca também pareceu surpreso, mas não ficou pensando muito. Atravessou a porta antes que ela tivesse terminado de abrir, arremetendo para dentro da cabine com um ululante grito de batalha Wookiee.

– Chewie! – Leia tornou a gritar, ela própria mergulhando pela abertura.

Bem a tempo de ver Khabarakh, sentado na estação do piloto, levantar seu braço direito e de algum modo jogar Chewbacca por cima dele, fazendo com que eles caíssem com um estrondo sob o painel de controle.

Leia parou subitamente, sem acreditar muito bem no que tinha acabado de ver.

– Khabarakh...

– Eu não os chamei – disse o Noghri, virando metade do corpo para encará-la. – Eu não traí minha palavra de honra.

Chewbacca vociferou sua descrença enquanto lutava para se levantar no espaço apertado.

– A senhora precisa detê-lo – Khabarakh gritou por cima do rugido do Wookiee. – Precisa mantê-lo quieto. Eu preciso transmitir o sinal de reconhecimento ou tudo estará perdido.

Leia olhou para o distante destróier estelar atrás deles, os dentes trincados. *Traição*... Mas, se Khabarakh havia planejado uma traição, por que tinha deixado Chewbacca vir junto? Seja lá qual técnica de combate ele havia usado para rebater o primeiro ataque enlouquecido de Chewbacca, ela provavelmente não funcionaria uma segunda vez.

Ela tornou a se concentrar no rosto de Khabarakh; naqueles olhos escuros, no maxilar protuberante e nos dentes aguçados como agulhas. Ele a estava observando, ignorando a ameaça do Wookiee enfurecido atrás de si, a mão pairando pronta sobre o botão de comunicação. Um *bip* soou no painel, e a mão dele estremeceu na direção do botão antes de voltar a parar. O painel voltou a emitir um *bip*...

– Eu não traí a senhora, Lady Vader – repetiu Khabarakh, um tom de urgência na voz. – A senhora tem que acreditar em mim.

Leia se conteve.

– Chewie, fique quieto – ela disse. – Chewie? Chewie, fique *quieto*.

O Wookiee ignorou a ordem. Finalmente em pé de novo, ele rugiu seu grito de guerra mais uma vez e partiu para cima da garganta de Khabarakh. O Noghri aceitou o ataque de frente desta vez, agarrando os punhos enormes de Chewbacca com suas mãos magras e segurando com toda força.

Não foi o bastante. De forma lenta, porém firme, os braços de Khabarakh começaram a se dobrar para trás enquanto Chewbacca forçava seu avanço.

– Chewie, eu mandei parar – Leia tentou de novo. – Use a cabeça! Se ele estivesse planejando uma armadilha, não acha que a teria programado para quando estivéssemos dormindo ou algo assim?

Chewbacca soltou um grunhido, as mãos ainda avançando sem parar.

– Mas, se ele não responder, eles *vão saber* que tem alguma coisa errada – ela retrucou. – Isso vai fazer com que eles nos ataquem.

– Lady Vader diz a verdade – disse Khabarakh, com a voz trêmula devido à tensão de deter o avanço das mãos de Chewbacca. – Eu não os traí, mas se eu não der sinal de reconhecimento vocês *serão* traídos.

– Ele tem razão – disse Leia. – Se eles vierem investigar, perdemos de saída. Vamos, Chewie, é nossa única esperança.

O Wookiee voltou a resfolegar, balançando a cabeça com firmeza.

– Então você não me deixa escolha – disse Khabarakh.

E, sem aviso, a cabine emitiu um clarão azul, que derrubou Chewbacca no chão como se fosse um saco gigante de grãos.

– O quê...? – Leia disse sem fôlego, caindo de joelhos ao lado do Wookiee imóvel. – Khabarakh!

– Apenas uma arma de atordoamento – disse o Noghri, respirando rapidamente ao voltar para seu painel. – Uma defesa embutida.

Leia virou a cabeça para fuzilá-lo com o olhar, furiosa com o que ele havia feito... uma fúria que se dissipou com relutância diante da lógica da situação. Chewbacca estivera a ponto de tirar a vida de Khabarakh; e, por experiência pessoal, ela sabia como era difícil acalmar um Wookiee zangado, mesmo quando ele era seu amigo.

E Khabarakh *havia tentado* conversar primeiro.

– E agora? – ela perguntou ao Noghri, enfiando a mão através do pelo grosso do peito de Chewbacca para conferir as batidas do seu coração. Estavam regulares, o que queria dizer que a arma de atordoar não havia provocado nenhum de seus raros, porém potencialmente letais, truques no sistema nervoso do Wookiee.

– Agora fique quieta – disse Khabarakh, apertando o botão do comunicador e falando alguma coisa em sua própria língua.

Uma voz miada de Noghri respondeu do outro lado, e por alguns minutos eles conversaram. Leia permaneceu ajoelhada ao lado de

Chewbacca, desejando ter trazido C-3PO antes que a discussão começasse. Seria bom saber do que se tratava a conversa.

Mas ela finalmente acabou, e Khabarakh desligou.

– Agora estamos seguros – ele disse, afundando um pouco em sua cadeira. – Eu os convenci de que foi um defeito no equipamento.

– Vamos torcer que sim – disse Leia.

Khabarakh olhou para ela, uma estranha expressão em seu rosto de pesadelo.

– Eu não a traí, Lady Vader – ele disse baixinho, sua voz dura e no entanto estranhamente emocionada. – A senhora precisa acreditar em mim. Prometi defendê-la, e é o que farei. Até a morte, se for preciso.

Leia o encarou e, por alguma sensibilidade da Força ou meramente por sua longa experiência diplomática, ela finalmente compreendeu a posição em que Khabarakh se encontrava. A inesperada aparição do destróier estelar havia apagado qualquer hesitação ou dúvida que ele tivesse sentido durante a viagem. A sua palavra de honra havia sido posta em questão e agora teria de provar que não a havia traído.

E teria de fazê-lo até as últimas consequências. Mesmo que isso o matasse.

Antes, Leia havia se perguntado como Khabarakh poderia entender o conceito de dívida de vida dos Wookiees. Talvez as culturas Noghri e Wookiee fossem mais parecidas do que ela havia imaginado.

– Eu acredito em você – ela lhe disse, levantando-se e sentando-se na cadeira do copiloto. Ela teria de deixar Chewbacca onde estava até ele estar desperto o bastante para que a ajudasse a movê-lo. – E agora?

Khabarakh voltou ao seu painel.

– Agora precisamos tomar uma decisão – ele disse. – Minha intenção era levá-la ao solo na cidade de Nystao, esperar até ficar totalmente escuro para apresentar a senhora à dinastia do meu clã. Mas isso agora é impossível. Nosso senhor imperial chegou, e convocou todos os dinastas.

Leia sentiu um formigamento na nuca.

– Seu senhor imperial é o grão-almirante? – ela perguntou com cuidado.

– Sim – disse Khabarakh. – Aquela é sua nau capitânia, a *Quimera*. Eu me lembro do dia em que Lorde Darth Vader o trouxe para nós – ele acrescentou; sua voz miada se tornava distante. – Lorde Vader nos disse que sua missão contra os inimigos do imperador tomariam agora toda a sua atenção. E que o grão-almirante seria, dali por diante, nosso senhor e comandante. – Ele fez um som estranho, quase um ronronar fundo no peito. – Muitos ficaram tristes naquele dia. O Lorde Vader havia sido o único, além do imperador, que se importara com o bem-estar dos Noghri. Ele tinha nos dado esperança e objetivo.

Leia fez uma cara de desagrado. O objetivo havia sido o de partir e morrer como parte de um comando da morte, suscetível aos caprichos do imperador. Mas ela não podia dizer coisas desse tipo para Khabarakh. Pelo menos não ainda.

– Sim – ela murmurou.

Aos seus pés, Chewbacca estrebuchou.

– Ele vai despertar daqui a pouco – disse Khabarakh. – Não gostaria de atordoá-lo novamente. A senhora consegue controlá-lo?

– Acho que sim – disse Leia. Eles estavam penetrando agora a atmosfera superior, numa rota que os levaria para logo abaixo do destróier estelar que havia entrado em órbita. – Espero que eles não tenham decidido fazer um foco de sensor em nós – ela murmurou. – Se eles captarem três formas de vida aqui, você terá muito que explicar.

– O amortecimento de estática da nave deverá impedir isso – Khabarakh garantiu. – Ele está em potência total.

Leia franziu a testa.

– Eles não vão estranhar isso?

– Não. Expliquei que fazia parte do mesmo defeito que provocou o problema no transmissor.

Chewbacca soltou um ronco baixo, e Leia olhou para baixo para ver os olhos do Wookiee fuzilando-a impotentes. Mais uma vez inteiramente em alerta, mas sem controle motor suficiente para fazer qualquer coisa.

– Conseguimos passar pelo controle externo – ela disse a ele. – Estamos descendo para... Para *onde* estamos indo, Khabarakh?

O Noghri respirou fundo e soltou o ar numa estranha espécie de assovio.

– Iremos para minha casa, uma pequena aldeia perto da fronteira da Terra Limpa. Esconderei vocês lá até que nosso senhor, o grão-almirante, parta.

Leia pensou nisso. Uma pequena aldeia longe da parte mais movimentada do planeta dos Noghri provavelmente era um local seguro, e estaria fora do caminho de qualquer imperial que vagasse por ali. Por outro lado, se ele fosse parecido com os pequenos vilarejos que ela já havia visitado, todos teriam conhecimento de sua presença ali uma hora depois que chegassem.

– Você confia que os outros aldeões ficarão quietos?

– Não se preocupe – disse Khabarakh. – Vou mantê-los a salvo.

Mas ele hesitou antes de responder, e, quando partiram para a atmosfera, Leia reparou com incômodo que ele não havia de fato respondido à questão.

O dinasta se curvou uma última vez e recuou para a fila daqueles que aguardavam a vez de prestar homenagem a seu líder. Thrawn, sentado no reluzente Grande Trono do Salão dos Comuns de Honoghr,

assentiu gravemente para o líder do clã que partia e fez um gesto para o seguinte. O outro avançou, movendo-se na dança formalizada que parecia indicar respeito, e levou a testa ao chão perante o grão-almirante.

Em pé um pouco atrás de Thrawn, dois metros para a direita, Pellaeon deslocou seu peso imperceptivelmente entre pés, sufocou um bocejo e se perguntou quando aquele ritual iria acabar. Sua impressão era a de que eles tinham vindo a Honoghr para inspirar as equipes do comando, mas até agora os únicos Noghri que haviam visto eram guardas cerimoniais e aquela pequena, mas excessivamente entediante, coleção de líderes de clãs.

Presumivelmente Thrawn tinha seus motivos para suportar o ritual, mas Pellaeon desejava que ele fosse mais rápido e acabasse logo. Com uma galáxia ainda a ser ganha de volta para o Império, ficar sentado ali escutando um grupo de aliens de pele cinza falarem sem parar sobre sua lealdade parecia uma perda ridícula de tempo.

Ele sentiu um leve sopro de ar na nuca.

– Capitão? – alguém disse baixinho no seu ouvido. Tenente Tschel, ele pensou ter identificado a voz. – Desculpe, senhor, mas o grão-almirante Thrawn pediu para ser informado imediatamente se alguma coisa fora do normal acontecesse.

Pellaeon assentiu de leve, feliz com a interrupção, fosse ela qual fosse.

– O que foi?

– Não parece perigoso, senhor, nem mesmo muito importante – disse Tschel. – Uma nave de comando Noghri a caminho do planeta quase não deu a resposta de reconhecimento a tempo.

– Problemas no equipamento, provavelmente – disse Pellaeon.

– Foi o que o piloto falou – disse Tschel. – O estranho é que ele insistiu para não descer na área de pouso de Nystao. Seria de se esperar que alguém com problemas no equipamento quisesse ter sua nave examinada imediatamente.

– Um transmissor ruim não é exatamente um problema que constitua crise – Pellaeon grunhiu. Mas Tschel tinha razão; e Nystao era o único lugar em Honoghr qualificado para consertar espaçonaves. – Temos a identidade do piloto?

– Sim, senhor. Seu nome é Khabarakh, do clã Kihm'bar. Coletei o que temos sobre ele – acrescentou, oferecendo um datapad a Pellaeon.

Pellaeon o aceitou discretamente, imaginando o que deveria fazer agora. Thrawn havia de fato deixado instruções de que deveria ser notificado de qualquer atividade incomum em qualquer ponto do sistema. Mas interromper a cerimônia por algo tão trivial não parecia uma boa ideia.

Como de costume, Thrawn estava um passo à frente dele.

Erguendo uma das mãos, ele interrompeu a apresentação do dinasta do clã Noghri e voltou seus olhos brilhantes para Pellaeon.

– Tem algo a reportar, capitão?

– Apenas uma pequena anomalia, senhor – disse Pellaeon, se contendo e se aproximando do grão-almirante. – Uma nave de comando que estava chegando demorou a transmitir seu sinal de reconhecimento, e depois se recusou a descer na área de pouso de Nystao. Provavelmente apenas um problema no equipamento.

– Provavelmente – concordou Thrawn. – A nave foi escaneada em busca de provas do defeito?

– Ah... – Pellaeon checou o datapad. – O scan foi inconclusivo – ele disse ao outro. – O amortecimento de estática foi forte o bastante para bloquear...

– A nave estava com amortecimento de estática acionado? – Thrawn interrompeu, olhando irritado para Pellaeon.

– Sim, senhor.

Sem dizer uma só palavra, Thrawn estendeu uma das mãos. Pellaeon lhe deu o datapad, e por um momento o grão-almirante olhou para ele franzindo a testa, lendo rapidamente o relatório.

– Khabarakh; clã Kihm'bar – ele murmurou para si mesmo. – Interessante. – Voltou a olhar para Pellaeon. – Para onde a nave foi?

Pellaeon olhou por sua vez para Tschel.

– Segundo o último relatório, ela seguiu rumo ao sul – disse o tenente. – Ela ainda pode estar ao alcance de nossos raios tratores, senhor.

Pellaeon se voltou para Thrawn.

– Devemos tentar detê-la, almirante?

Thrawn olhou para o datapad, o rosto tenso de concentração.

– Não – ele finalmente disse. – Deixem que pouse, mas rastreiem-na. E mandem que uma equipe técnica da *Quimera* nos encontre no destino final da nave. – Seus olhos vasculharam a fila de dinastas Noghri, até parar sobre um deles. – Dinasta Ir'khaim, clã Kihm'bar, dê um passo à frente.

O Noghri obedeceu.

– Qual é o seu desejo, meu senhor? – ele miou.

– Um membro de seu povo voltou para casa – disse Thrawn. – Iremos à aldeia dele para lhe dar as boas-vindas.

Ir'khaim se curvou.

– Como meu senhor desejar.

Thrawn se levantou.

– Ordene que preparem a nave auxiliar, capitão – ele disse a Pellaeon. – Partiremos imediatamente.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, dando a ordem para o tenente Tschel com um aceno de cabeça. – Não seria mais fácil, senhor,

mandar trazer nave e piloto aqui para nós?

– Mais fácil, talvez – concordou Thrawn –, mas possivelmente não tão esclarecedor. Você obviamente não reconheceu o nome do piloto; mas Khabarakh, clã Kihm'bar, já fez parte do comando 22. *Isso* o lembra de alguma coisa?

Pellaeon sentiu o estômago apertar.

– Essa foi a equipe que foi atrás de Leia Organa Solo em Kashyyyk.

– E de cuja equipe apenas Khabarakh ainda sobrevive – assentiu Thrawn. – Acho que poderia ser instrutivo ouvir dele os detalhes dessa missão fracassada. E descobrir por que ele levou todo esse tempo para voltar para casa.

Os olhos de Thrawn reluziram.

– E descobrir – ele acrescentou baixinho – por que ele está se esforçando tanto para nos evitar.

CAPÍTULO 10

Estava completamente escuro quando Khabarakh desceu com a nave em sua aldeia, um aglomerado de cabanas bem próximas umas das outras com janelas bem-iluminadas.

– Naves pousam aqui com frequência? – Leia perguntou, quando Khabarakh apontou a nave na direção de uma estrutura envolta em sombras que se destacava quase no centro da aldeia. No brilho das luzes de pouso a sombra se tornou um grande prédio cilíndrico com um telhado achatado em forma de cone. A parede externa, circular, era composta de pilares maciços verticais de madeira alternando com uma madeira mais leve, reluzente. Logo abaixo dos beirais ela captou o brilho de uma faixa de metal que dava a volta ao prédio inteiro.

– Não é comum – respondeu Khabarakh, cortando os repulsores e colocando os sistemas da nave em pausa. – Mas também não é incomum.

Em outras palavras, provavelmente iria atrair uma boa atenção. Chewbacca, que havia se recuperado o suficiente para que Leia pudesse ajudá-lo a se sentar numa das cadeiras de passageiro da cabine, estava obviamente pensando a mesma coisa.

– Os aldeões são todos aparentados do clã Kihm'bar – Khabarakh disse em resposta à pergunta que o Wookiee formulou, com a voz ligeiramente arrastada. – Eles aceitarão minha promessa de protegê-la como se eles próprios a tivessem feito. Venham.

Leia soltou o cinto de segurança e se levantou, reprimindo uma expressão de desgosto. Mas eles estavam ali, e ela só podia torcer para que toda aquela confiança expressada por Khabarakh não fosse apenas resultado do idealismo inconsequente da juventude.

Ela ajudou Chewbacca a se desprender do cinto e, após apanharem C-3PO, seguiram juntos atrás do Noghri até a comporta principal.

– Devo ir primeiro – disse Khabarakh quando chegaram à saída. – Pelo costume, devo me aproximar sozinho do *dukha* do clã Kihm'bar ao chegar. Pela lei, é exigido anunciar visitantes de fora do clã ao chefe da minha família.

– Compreendo – disse Leia, lutando contra uma onda nova de desconforto. Ela não estava gostando dessa história de Khabarakh ter conversas com seus camaradas Noghri sem ela estar presente. Mais uma vez, não havia muito o que pudesse fazer a respeito. – Vamos aguardar aqui até você vir nos buscar.

– Serei breve – prometeu Khabarakh. Ele levou a palma da mão à trava da porta duas vezes, deslizando para fora no momento em que o painel se abriu e depois voltou a se fechar.

Chewbacca grunhiu algo ininteligível bem baixinho.

– Ele vai voltar logo – Leia tentou acalmá-lo, imaginando o que estaria incomodando o Wookiee.

– Tenho certeza de que ele está falando a verdade – C-3PO

acrescentou para ajudar. – Costumes e rituais desse tipo são muito comuns entre as culturas pré-viagem espacial mais socialmente primitivas.

– Só que esta cultura não é pré-viagem espacial – apontou Leia, sua mão brincando inquieta com o cabo de seu sabre de luz enquanto encarava a comporta fechada à sua frente. Khabarakh poderia pelo menos ter deixado a porta aberta para que fossem capazes de ver quando ele estivesse voltando.

A menos, claro, que não *quisesse* que vissem quando ele estivesse voltando.

– Isso é evidente, Sua Alteza – concordou 3PO, a voz assumindo um tom professoral. – Tenho certeza, entretanto, que o status deles a esse respeito só foi alterado recentemente... Ora! – ele parou o que estava dizendo quando Chewbacca bruscamente o empurrou e voltou para o centro da nave.

– Para onde você está indo? – Leia chamou o Wookiee. A única resposta dele foi um comentário sobre os imperiais que ela não conseguiu entender direito. – Chewie, volte aqui – ela disse irritada. – Khabarakh vai voltar a qualquer minuto.

Desta vez o Wookiee nem se deu ao trabalho de responder.

– Ótimo – Leia resmungou, tentando decidir o que fazer. Se Khabarakh voltasse e visse que Chewbacca havia sumido... Mas se voltasse e visse que *os dois* haviam sumido...

– Como eu estava dizendo – continuou 3PO, aparentemente decidindo que era melhor ignorar as ações de Wookiees rudes –, todas as evidências que coletei até agora sobre esta cultura indicam que até recentemente não era um povo que viajava pelo espaço. A referência de Khabarakh ao *dukha*, obviamente alguma espécie de centro do clã, as estruturas familiares e dos clãs propriamente ditas, além de toda essa preocupação com o seu status real percebido...

– A alta corte de Alderaan também tinha uma hierarquia real – Leia o lembrou com azedume, ainda olhando para o corredor vazio atrás de si. Não, ela decidiu, era melhor que os dois ficassem ali e esperassem por Khabarakh. – A maioria dos outros povos da galáxia não nos considerava socialmente primitivos.

– Não, é claro que não – disse 3PO, parecendo um tanto envergonhado. – Não quis dar a entender uma coisa dessas.

– Eu sei – Leia lhe garantiu, também um pouco envergonhada por ser tão agressiva assim com 3PO. Ela tinha entendido o que ele queria dizer. – *Onde* ele está, aliás?

A pergunta havia sido retórica; mas no instante em que ela a enunciou a comporta se abriu bruscamente mais uma vez.

– Venham – disse Khabarakh. Seus olhos escuros passaram rapidamente por Leia e 3PO. – Onde está o Wookiee?

– Ele voltou para a nave – disse Leia. – Não sei por quê. Quer que eu vá encontrá-lo?

Khabarakh fez um som que era algo entre um sibilar e um ronronar.

– Não há tempo – ele disse. – A maitrakh está esperando. Vamos.

Virando-se, começou a descer a rampa.

– Alguma ideia de quanto tempo você vai levar para aprender a língua? – Leia perguntou a 3PO enquanto eles iam atrás.

– Realmente não sei dizer, Sua Alteza – o droide respondeu enquanto Khabarakh os levava por um pátio de terra batida que passava pelo grande prédio de madeira que tinham visto ao pousar; a *dukha* do clã, deduziu Leia. Eles pareciam estar se encaminhando para uma das estruturas menores além dela. – Aprender um idioma inteiramente novo seria algo de fato difícil – continuou 3PO. – Entretanto, se for semelhante a qualquer uma das 6 milhões de formas de comunicação com as quais estou familiariza...

– Entendi – Leia o interrompeu. Estavam quase no prédio iluminado agora, e, quando se aproximaram, um par de Noghri baixos, parados nas sombras, abriram as portas duplas para eles. Respirando bem fundo, Leia seguiu Khabarakh até o interior.

Pela quantidade de luz que passava pelas janelas, ela esperava que o interior do edifício emitisse um brilho incômodo. Mas, para sua surpresa, o aposento no qual entraram era na verdade mais escuro do que havia parecido. Um rápido olhar para o lado revelava o motivo: as "janelas" brilhantemente iluminadas eram na realidade painéis de iluminação padrão com energia própria, com os lados operacionais voltados para fora. Exceto pelo pouco de luz que vazava dos painéis, o interior do prédio era iluminado somente por um par de lampiões com pavios. A avaliação que 3PO havia feito da sociedade Noghri passou por sua cabeça – aparentemente, ele sabia do que estava falando.

No centro do aposento, parados silenciosamente numa fileira virada de frente para ela, estavam cinco Noghri.

Leia engoliu em seco, sentindo de algum modo que as primeiras palavras deveriam ser deles. Khabarakh foi até o Noghri que estava no centro e se ajoelhou em frente dele, abaixando a cabeça até o chão e abrindo bem as mãos ao lado do corpo. O mesmo gesto de respeito, ela lembrou, que ele lhe havia demonstrado na cela em Kashyyyk.

– *Ilyr'ush mir lakh svoril'lae* – ele disse. – *Mir'lae karah siv Mal'ary'ush vir'ae Vader'ush.*

– Você consegue entender? – Leia murmurou para 3PO.

– Até certo ponto – respondeu o droide. – Parece ser um dialeto do antigo idioma comercial...

– *Sha'vah!* – retrucou irritado o Noghri no centro da fila.

C-3PO recuou.

– Ela disse: “Silêncio” – ele traduziu sem necessidade.

– Acho que isso eu entendi – disse Leia, endireitando-se e levando todo o peso de sua criação na Corte Real de Alderaan para cima dos aliens que a encaravam. Para ela não havia problema prestar deferência aos costumes e à autoridade locais; mas ela era filha do Lorde Darth Vader, a quem eles idolatravam, e havia certas descortesias que tal pessoa não deveria aceitar. – É assim que vocês falam com a *Mal’ary’ush?* – ela exigiu saber.

Seis cabeças Noghri se viraram automaticamente para olhá-la. Usando a Força, Leia tentou ler as sensações por trás daqueles olhares; mas, como sempre, aquela mente alienígena parecia totalmente fechada. As coisas teriam de ser feitas na base do improviso.

– Eu fiz uma pergunta – ela disse para o silêncio.

O Noghri no centro deu um passo para a frente, e com o movimento Leia reparou pela primeira vez nas duas pequenas elevações no peito do alien por baixo da túnica frouxa. Uma fêmea?

– Maitrakh? – ela murmurou para 3PO, lembrando-se da palavra que Khabarakh havia usado antes.

– Uma fêmea que é líder de uma família local ou estrutura de subclã – traduziu o droide, com a voz nervosa e num volume quase baixo demais para ser ouvido. C-3PO detestava que gritassem com ele.

– Obrigada – disse Leia, olhando de lado para a Noghri. – Você é a maitrakh desta família?

– Eu sou ela – disse a Noghri numa Língua Básica com sotaque forte, mas inteligível. – Que prova você oferece para sua alegação de *Mal’ary’ush*?

Em silêncio, Leia estendeu a mão. A maitrakh hesitou, depois foi até onde ela estava e a cheirou desconfiada.

– Não é como eu falei? – perguntou Khabarakh.

– Silêncio, terceirofilho – disse a maitrakh, levantando a cabeça para encarar os olhos de Leia. – Eu a saúdo, Lady Vader. Mas não lhe dou as boas-vindas.

Leia manteve seu olhar firme. Ela ainda não conseguia sentir nada de nenhum dos aliens, mas com seus pensamentos estendidos já podia ver que Chewbacca havia deixado a nave e estava se aproximando da casa. Aproximando-se um tanto rapidamente, e com um ar definitivo de agitação. Ela torcia para que ele não entrasse agressivamente e arruinasse o pouco de civilidade que ainda havia ali.

– Posso perguntar por que não? – ela indagou à maitrakh.

– Você serviu ao imperador? – a outra retrucou. – Você agora serve ao nosso senhor, o grão-almirante?

– A resposta para as duas perguntas é não – disse Leia.

– Então você traz discórdia e veneno entre nós – a maitrakh concluiu pessimista. – Discórdia entre o que era e o que agora é. – Ela

balançou a cabeça. – Não precisamos de mais discórdia em Honoghr, Lady Vader.

Ela mal havia acabado de pronunciar as palavras quando as portas atrás de Leia voltaram a se abrir e Chewbacca entrou a passos largos no aposento.

A maitrakh levou um susto ao ver o Wookiee, e um dos outros Noghri disse algo que soou como uma interjeição de espanto. Mas quaisquer outras reações foram interrompidas pelo rugido de alerta de Chewbacca.

– Tem certeza de que são do Império? – perguntou Leia, um punho gelado apertando seu coração. *Não*, ela implorou em silêncio. *Não agora. Ainda não*.

O Wookiee grunhiu o óbvio: que um par de naves auxiliares classe lambda desciam de órbita e da direção da cidade de Nystao dificilmente seriam outra coisa.

Khabarakh foi para perto da maitrakh, disse alguma coisa urgente em seu próprio idioma.

– Ele diz que jurou nos proteger – traduziu 3PO. – Ele pede para que esse juramento seja honrado.

Por um longo momento Leia achou que a maitrakh iria recusar. Então, com um suspiro, ela abaixou levemente a cabeça.

– Venha comigo – Khabarakh disse para Leia, passando por ela e Chewbacca na direção da porta. – A maitrakh concordou em esconder vocês de nosso senhor, o grão-almirante, ao menos por enquanto.

– Para onde estamos indo? – perguntou Leia enquanto o seguiam noite adentro.

– Seu droide e seu equipamento de análise esconderei entre os droides de descontaminação que ficam armazenados durante a noite num abrigo externo – explicou o Noghri, apontando para um prédio sem janelas a cinquenta metros de distância. – A senhora e o Wookiee serão um problema maior. Se os imperiais tiverem equipamento sensor, seus sinais vitais serão registrados como diferentes dos sinais dos Noghri.

– Eu sei – disse Leia, vasculhando o céu em busca das luzes externas das naves auxiliares e tentando se lembrar de tudo o que podia a respeito dos algoritmos de identificação de formas de vida. Batimento cardíaco era um dos parâmetros, ela sabia, assim como atmosfera ambiente, subprodutos respiratórios e efeitos da polarização eletromagnética na cadeia de moléculas. Mas o principal parâmetro de longo alcance era... – Precisamos de uma fonte de calor – ela disse a Khabarakh. – A maior possível.

– A casa de cozinhar – disse o Noghri, apontando para o edifício sem janelas três prédios depois de onde estavam. Na parte de trás dele havia uma chaminé quadrada da qual fiapos de fumaça podiam ser

vistos subindo enrolados e emoldurados pela luz das estruturas que a cercavam.

– Parece nossa melhor chance – concordou Leia. – Khabarakh, esconda 3PO. Chewie, venha comigo.

Os Noghri estavam esperando por eles quando saíram da nave auxiliar: três fêmeas em pé uma ao lado da outra, com duas crianças atuando como pajens de honra ao lado das portas do prédio *dukha* do clã. Thrawn olhou de relance para o grupo, lançou um olhar de avaliação ao redor da área e depois se voltou para Pellaeon.

– Espere aqui até que a equipe técnica chegue, capitão – ele ordenou baixinho a Pellaeon. – Mande que comecem uma varredura do equipamento de comunicação e contramedidas naquela nave ali. Depois junte-se a mim lá dentro.

– Sim, senhor.

Thrawn se voltou para Ir'khaim.

– Dinasta – ele convidou, fazendo um gesto para os Noghri que aguardavam. O dinasta se curvou e caminhou a frente deles. Thrawn olhou rapidamente para Rukh, que havia assumido a antiga posição de Ir'khaim ao lado do grão-almirante, e juntos eles o seguiram. Então aconteceu o costumeiro ritual de boas-vindas, e em seguida as fêmeas os conduziram até o interior da *dukha*.

A nave auxiliar da *Quimera* estava apenas uns dois minutos atrás deles. Pellaeon orientou a equipe técnica e a colocou para trabalhar, depois correu até a *dukha* e entrou.

Ele havia esperado que a maitrakh tivesse conseguido reunir talvez um punhado de seu povo para aquela visita noturna improvisada de seu glorioso senhor e mestre. Para sua surpresa, descobriu que a mulher havia na verdade conseguido reunir metade da aldeia. Havia uma fila dupla de aldeões, tanto crianças quanto adultos, ladeando as paredes da *dukha* desde o imenso mapa de parede de genealogia até as portas duplas e dando a volta até a cabine de meditação em frente ao mapa. Thrawn estava sentado no Grande Trono do clã, a dois terços do caminho até os fundos do aposento; Ir'khaim estava novamente em pé a seu lado. As três fêmeas que haviam recebido a nave auxiliar estavam paradas em frente a eles. Um passo atrás delas, estava uma segunda fileira de anciões. Em pé com as fêmeas estava um jovem macho Noghri; sua pele cinza-aço contrastava fortemente com o cinza mais escuro e envelhecido delas.

Aparentemente Pellaeon não havia perdido nada além de um trecho do ritual sem sentido que os Noghri pareciam adorar. Enquanto ele passava pelas filas silenciosas para ficar do outro lado de Thrawn, o jovem macho avançou e se ajoelhou perante o Grande Trono.

– Eu o saúdo, meu senhor – ele miou com gravidade, abrindo os braços. – O senhor honra minha família e o clã Kihm'bar com sua

presença.

– Pode se levantar – Thrawn lhe disse. – Você é Khabarakh, do clã Kihm'bar?

– Eu sou, meu senhor.

– Você já foi membro do Comando Noghri Imperial 22 – disse Thrawn. – Uma equipe que deixou de existir no planeta Kashyyyk. Conte-me o que aconteceu.

Khabarakh podia ter estremecido. Pellaeon não soube dizer ao certo.

– Eu fiz um relatório, meu senhor, imediatamente ao deixar aquele mundo.

– Sim, eu li o relatório – Thrawn disse com frieza. – Eu o li com muito cuidado, e reparei nas questões que ficaram sem resposta. Por exemplo, como e por que você sobreviveu quando todos os outros de sua equipe foram mortos. E como você conseguiu escapar quando todo o planeta estava alerta de sua presença. E por que você não retornou imediatamente a Honoghr ou a uma de nossas outras bases após seu fracasso.

Desta vez Pellaeon definitivamente notou um estremecimento. Possivelmente em reação à palavra *fracasso*.

– Fui deixado inconsciente pelos Wookiees durante o primeiro ataque – disse Khabarakh. – Acordei sozinho e voltei à nave. Uma vez lá, deduzi o que havia acontecido ao resto da equipe a partir de fontes oficiais de informações. Suspeito que eles simplesmente não estivessem preparados para a velocidade e capacidade de camuflagem de minha nave quando fugi. Quanto a meu paradeiro depois, meu senhor... – ele hesitou. – Transmiti meu relatório, e depois parti por um tempo para ficar sozinho.

– Por quê?

– Para pensar, meu senhor, e meditar.

– Mas Honoghr não teria sido um lugar mais adequado para essa meditação? – perguntou Thrawn, fazendo um gesto ao redor da *dukha*.

– Eu tinha muito que pensar. Meu senhor.

Por um momento Thrawn o encarou pensativo.

– Você demorou a responder quando a solicitação de um sinal de reconhecimento partiu da superfície – ele disse. – Depois você se recusou a pousar nas instalações portuárias de Nystao.

– Não me recusei, meu senhor. Nunca me ordenaram a pousar lá.

– Essa distinção está anotada – Thrawn disse com secura. – Diga-me por que escolheu vir para cá em vez disso.

– Eu desejava falar com minha maitrakh. Para discutir minhas meditações, e pedir perdão por meu... fracasso.

– E você fez isso? – perguntou Thrawn, virando-se para encarar a maitrakh.

– Começamos – ela disse numa pronúncia atroz da Língua Básica. – Ainda não terminamos.

Nos fundos do aposento, as portas da *dukha* se escancararam e um membro da equipe técnica entrou.

– Você tem um relatório, alferes? – Thrawn gritou com ele.

– Sim, almirante – respondeu o outro, atravessando o salão e dando a volta, de modo um tanto desajeitado, pelo grupo de anciões Noghri. – Terminamos nosso conjunto preliminar de testes de comunicação e contramedidas, senhor, conforme nossas ordens.

Thrawn desviou seu olhar para Khabarakh.

– E?

– Achamos que localizamos o defeito, senhor. A bobina principal de transmissão parece ter sobrecarregado e estourado um capacitor de descarga, danificado diversos circuitos próximos. O computador reserva reconstruiu o caminho, mas o desvio foi próximo o bastante de uma das linhas de comando de amortecimento de estática para que a indutância resultante o acionasse.

– Um interessante conjunto de coincidências – disse Thrawn, os olhos reluzentes ainda voltados para Khabarakh. – Um defeito natural, você acha, ou artificial?

A maitrakh se moveu, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Thrawn a olhou, e ela parou.

– Impossível dizer, senhor – disse o técnico, escolhendo com cuidado as palavras. Obviamente, não havia se esquecido de que toda aquela situação estava quase beirando o insulto; o grupo de Noghri ao seu redor poderia se ofender. – Talvez alguém que realmente soubesse o que estava fazendo conseguisse causar esse tipo de defeito. Mas, senhor, preciso dizer que computadores reserva desfrutam de uma péssima reputação entre mecânicos. Eles são muito bons em coisas bem complicadas, que deixariam pilotos inexperientes em apuros; mas em roteamentos não críticos, como é o caso, sempre tiveram a tendência de estragar outras coisas.

– Obrigado. – Se Thrawn ficou irritado por não ter apanhado Khabarakh mentindo em flagrante, não revelou isso no rosto. – Sua equipe levará a nave de volta a Nystao para reparos.

– Sim, senhor. – O técnico bateu continência e saiu.

Thrawn tornou a olhar para Khabarakh.

– Com sua equipe destruída, você terá, naturalmente, de receber uma nova atribuição – ele disse. – Quando sua nave tiver sido consertada você a levará até a base Valrar no setor Glythe e se reportará para a missão lá.

– Sim, meu senhor – disse Khabarakh.

Thrawn se levantou.

– Você tem muito do que se orgulhar aqui – ele disse, inclinando a

cabeça ligeiramente para a maitrakh. – O serviço de sua família para o clã Kihm'bar e para o Império será lembrado por muito tempo por todo Honoghr.

– Assim como sua liderança e proteção do povo Noghri – respondeu a maitrakh.

Flanqueado por Rukh e Ir'khaim, Thrawn desceu da cadeira e se dirigiu para as portas duplas. Pellaeon assumiu a retaguarda, e um minuto mais tarde estavam novamente no ar frio da noite lá fora. A nave auxiliar estava pronta, e sem mais comentários Thrawn entrou na frente dos demais. Quando levantaram voo, Pellaeon captou apenas um vislumbre pela escotilha dos Noghri saindo em fila da *dukha* para ver seus líderes partindo.

– Bem, *isso* foi agradável – ele murmurou.

Thrawn olhou para ele.

– Acha que é uma perda de tempo, capitão? – ele perguntou calmamente.

Pellaeon olhou de relance para Ir'khaim, sentado mais para a frente na nave. O dinasta não parecia estar ouvindo, mas provavelmente valeria a pena ter cuidado.

– Diplomaticamente, senhor, tenho certeza de que valeu a pena para demonstrar que o senhor se importa com todo Honoghr, incluindo as aldeias periféricas – ele disse a Thrawn. – Como a nave do soldado *realmente* sofreu um defeito, não acho que algo mais tenha sido ganho com isso.

Thrawn se virou para olhar pela escotilha lateral.

– Não tenho tanta certeza disso, capitão – ele disse. – Alguma coisa não estava certa por lá. Rukh, qual a sua avaliação de nosso jovem soldado Khabarakh?

– Ele estava perturbado – o guarda-costas lhe disse com tranquilidade. – Isso eu vi em suas mãos e em seu rosto.

Ir'khaim girou em sua cadeira.

– É uma experiência naturalmente perturbadora encarar o senhor dos Noghri – ele disse.

– Particularmente quando suas mãos estão molhadas pelo fracasso? – retrucou Rukh.

Ir'khaim começou a se levantar de sua cadeira, e por dois segundos a tensão no ar entre os dois Noghri ficou palpável. O próprio Pellaeon se sentiu pressionando o corpo contra o estofamento de seu assento. A longa e sangrenta história da rivalidade entre os clãs Noghri invadia sua mente.

– Esta missão gerou diversos fracassos – Thrawn disse calmamente no silêncio tenso. – Nesse aspecto, o clã Kihm'bar dificilmente está sozinho.

Devagar, Ir'khaim voltou a se sentar.

– Khabarakh ainda é jovem – ele disse.

– De fato, ele é – concordou Thrawn. – Um motivo, presumo, pelo qual mente tão mal. Rukh, talvez o Dinasta Ir'khaim queira desfrutar a vista da seção dianteira. Por favor, escolte-o até lá.

– Sim, meu senhor. – Rukh se levantou. – Dinasta Ir'khaim? – ele disse, com um gesto na direção da comporta interna de proa.

Por um momento o outro Noghri não se moveu. Então, com relutância óbvia, ele se levantou.

– Meu senhor – disse com rigidez, e desceu o corredor.

Thrawn esperou até que a porta tivesse se fechado sobre os dois aliens antes de se voltar para Pellaeon.

– Khabarakh está escondendo algo, capitão – ele disse; um fogo frio queimava em seus olhos. – Tenho certeza disso.

– Sim, senhor – concordou Pellaeon, perguntando-se como o grão-almirante havia chegado àquela conclusão. Certamente o scan sensor de rotina que eles haviam acabado de fazer não tinha captado nada. – Devo ordenar um foco sensor na aldeia?

– Não foi isso o que eu quis dizer. – Thrawn balançou a cabeça. – Ele não teria trazido nada de incriminador para Honoghr consigo; não se pode esconder nada por muito tempo numa dessas aldeias onde tudo é tão apertado. Não, é alguma coisa que ele não está querendo nos contar sobre esse mês perdido. O mês no qual afirma ter estado meditando sozinho.

– Pode ser que consigamos descobrir algo em sua nave – sugeriu Pellaeon.

– Concordo – assentiu Thrawn. – Mande uma equipe escanear tudo antes que os técnicos comecem a trabalhar. Cada milímetro cúbico, interior e exterior. E mande a Vigilância colocar alguém em cima de Khabarakh.

– Ah... Sim, senhor – disse Pellaeon. – Um dos nossos, ou outro Noghri?

Thrawn ergueu uma sobrancelha para ele.

– O ridiculamente óbvio ou o fortemente político, em outras palavras? – ele perguntou com secura. – Sim, você tem razão, é claro. Vamos tentar uma terceira opção: a *Quimera* tem algum droide de espionagem?

– Acredito que não, senhor – disse Pellaeon, digitando a pergunta no link de computador da nave auxiliar. – Não. Temos alguns droides de sondagem Arakyd Viper, mas nada de classe de espionagem mais compacta.

– Então teremos de improvisar – disse Thrawn. – Mande a Engenharia colocar um motivador de Viper dentro de um droide de descontaminação e embutir nele uma linha completa de sensores ópticos e auditivos e um gravador. Vamos colocá-lo junto com o grupo

que está trabalhando na aldeia de Khabarakh.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, digitando a ordem. – O senhor quer um transmissor instalado também?

Thrawn balançou a cabeça.

– Não, um gravador deve ser o bastante. A antena seria difícil de esconder de vista. A última coisa que queremos é que algum Noghri curioso a veja e fique imaginando por que esse droide é diferente.

Pellaeon assentiu em compreensão. Especialmente por que isso poderia levar os aliens a começarem a desmontar droides de descontaminação para dar uma olhadinha dentro.

– Sim, senhor. Vou encaminhar a ordem imediatamente.

Os olhos brilhantes de Thrawn se desviaram para olhar pela escotilha.

– Não há nenhuma pressa nisso – ele disse pensativo. – Não agora. Esta é a calmaria antes da tempestade, capitão; e até a tempestade estar pronta para cair, devemos concentrar nosso tempo e energia garantindo que nosso ilustre mestre Jedi se disponha a nos ajudar quando quisermos.

– O que significa levar Leia Organa Solo a ele.

– Exatamente. – Thrawn olhou para a comporta interna de proa. – E se minha presença é do que os Noghri precisam para inspirá-los, então minha presença é o que eles terão.

– Por quanto tempo? – perguntou Pellaeon.

Thrawn deu um sorriso macabro.

– Pelo tempo que for necessário.

CAPÍTULO 11

– Han? – a voz de Lando veio do intercom da cabine ao lado da cama. – Acorde.

– Tá, estou acordado – Han grunhiu, esfregando os olhos com uma das mãos e girando as telas de repetição em sua direção com a outra. Se havia uma coisa que seus anos do lado errado da lei haviam lhe ensinado a marretadas, era a habilidade de passar do sono profundo ao estado de alerta total em segundos. – O que houve?

– Estamos aqui – anunciou Lando. – Onde quer que seja *aqui*.

– Já estou subindo.

Quando Han se vestiu e chegou à cabine da *Lady Luck* eles já podiam avistar seu planeta-alvo.

– Onde está Irenez? – ele perguntou, dando uma espiada na forma pintalgada de azul-esverdeado da qual estavam rapidamente se aproximando. Ela se parecia muito com mil outros planetas que ele já tinha visto.

– Voltou para a estação de controle de popa – disse Lando. – Tive a impressão de que ela queria conseguir enviar alguns códigos de reconhecimento sem que ficássemos olhando por cima de seu ombro.

– Alguma ideia de onde estamos?

– Não exatamente – disse Lando. – O tempo de translado foi de 47 horas, mas isso não nos diz muita coisa.

Han assentiu, vasculhando sua memória.

– Um dreadnaught pode chegar até o quê, cerca de Ponto Quatro?

– Mais ou menos isso – concordou Lando. – Pelo menos quando está com muita pressa.

– Significa que não estamos a mais de 150 anos-luz de New Cov, então.

– Eu imagino que estejamos mais próximos que isso – disse Lando. – Não faria muito sentido usar New Cov como ponto de contato se eles estivessem assim tão longe.

– A menos que New Cov fosse ideia de Breil'lya, e não deles – Han ressaltou.

– É possível – disse Lando. – Mas ainda acho que estamos a menos de 150 anos-luz. Eles podiam ter vindo para cá só para nos desorientar.

Han olhou para o dreadnaught que os estava rebocando pelo hiperespaço nos últimos dois dias.

– Ou ter tempo para organizar um comitê de recepção.

– Tem isso também – assentiu Lando. – Não sei se mencionei, mas depois que eles pediram desculpas por colocar o acoplamento magnético desalinhado sobre nossa comporta eu voltei e dei uma olhada.

– Não mencionou, mas fiz a mesma coisa – Han disse, ácido. – Parece feito de propósito, não?

– Foi o que pensei também – disse Lando. – Como se talvez eles quisessem uma desculpa para nos manter presos aqui embaixo, e não andando pela nave deles.

– Poderia haver muitos motivos inocentes para isso – Han lembrou a ele.

– E muitos não inocentes – retrucou Lando. – Tem certeza de que não faz a menor ideia de quem é esse comandante deles?

– Não consigo nem ter um palpite. Mas acho que já vamos descobrir.

O comunicador estalou.

– *Lady Luck*, aqui fala Sena – disse uma voz familiar. – Chegamos.

– Sim, já reparamos – Lando disse a ela. – Espero que você queira que a sigamos lá para baixo.

– Isso mesmo – ela disse. – O *Peregrino* vai soltar o acoplamento magnético assim que vocês estiverem prontos para voar.

Han ficou olhando para o alto-falante, e mal ouviu a resposta de Lando. Uma nave chamada *Peregrino*...?

– Você ainda está aí?

Han se concentrou em Lando, reparando com uma surpresa que a conversa dele com Sena havia terminado.

– Estou – ele disse. – É só que... esse nome, *Peregrino*... me lembrou de uma coisa antiga.

– Já ouviu falar nessa nave?

– Na nave, não – Han balançou a cabeça. – O *Peregrino* era uma antiga lenda assustadora corelliana que costumavam contar quando eu era garoto. Ele era um sujeito fantasmagórico que havia sido amaldiçoado a vagar pelo mundo eternamente e nunca mais achar sua casa. Me dava um medo danado.

De cima veio um clangor, e com um sacolejo eles estavam livres do dreadnaught. Lando os afastou devagar da imensa nave de guerra, olhando para cima ao passar por ela.

– Bem, tente se lembrar de que era apenas uma lenda – ele lembrou a Han.

Han olhou para o dreadnaught.

– Claro – ele disse, um pouco rápido demais. – Eu sei disso.

Eles seguiram o cargueiro de Sena até o planeta e em pouco tempo estavam planando sobre o que parecia ser uma grande planície gramada, pontilhada com trechos de árvores coníferas atarracadas. Uma muralha de penhascos irregulares assomava logo à frente – um ponto ideal, os velhos instintos de contrabandista de Han lhe disseram, para esconder uma base de apoio e reparos de naves espaciais. Alguns minutos mais tarde seu palpite se comprovou quando, passando por cima de uma pequena cordilheira, chegaram ao acampamento.

Um acampamento grande demais para ser meramente uma base de apoio. Fileiras e mais fileiras de estruturas camufladas enchiam a planície logo abaixo das encostas: tudo, desde pequenos alojamentos até quartéis maiores para administração e suprimentos, e prédios ainda maiores para manutenção e ferramentas, até um imenso hangar para renovação com teto camuflado.

O perímetro estava pontilhado com os cilindros atarracados, encimados por torretas, das baterias anti-infantaria Golan Arms, e algumas das armas antiveículos Speizoc mais compridas, além de alguns veículos de ataque Freerunner KAAC estacionados em posição de defesa.

Lando soltou um assovio baixinho.

– Você já viu uma coisa dessas? – ele disse. – O *que* é isso, o exército particular de alguém?

– É o que parece – concordou Han, sentindo um arrepio na pele da nuca. Ele já havia se deparado com exércitos particulares antes, e eles sempre tinham sido motivo de problema.

– Acho que estou começando a não gostar disso – decidiu Lando, manobrando a *Lady Luck* com cuidado sobre a linha externa de sentinelas. Mais à frente, o cargueiro de Sena estava se aproximando de um pad de pouso que quase não era possível ver em contraste com o resto do terreno. – Tem certeza de que quer prosseguir com isso?

– O quê, com três dreadnaughts sobre nossas cabeças lá no alto? – Han fungou. – Eu acho que a gente não tem muita escolha. Não neste caixote, pelo menos.

– Provavelmente você tem razão – admitiu Lando, aparentemente preocupado demais para notar o insulto à sua nave. – Então, o que vamos fazer?

O cargueiro de Sena havia baixado seus trens de pouso e estava descendo sobre o pad.

– Acho melhor a gente descer e se comportar como convidados – disse Han.

Lando fez um gesto com a cabeça para a arma de Han.

– Você não acha que eles vão fazer alguma objeção quanto a seus convidados aparecerem armados?

– Deixe que eles façam objeções primeiro – Han disse, sério. – Depois discutimos a respeito.

Lando pousou a *Lady Luck* ao lado do cargueiro, e, juntos, ele e Han foram até a comporta de popa. Irenez já havia terminado suas tarefas de transmissão e os aguardava ali, com sua própria arma de raios ostensivamente amarrada ao quadril. Um esquife de transporte estava estacionado do lado de fora, e quando os três desceram a rampa, Sena e um punhado de membros de seu séquito deram a volta pela popa da *Lady Luck*. A maioria dos outros estavam vestindo um

uniforme bege casual de corte desconhecido, mas de estilo vagamente corelliano; já Sena ainda usava o traje civil que usara em New Cov.

– Bem-vindos à nossa base de operações – disse Sena, com um gesto indicando o acampamento ao redor deles. – Se vierem conosco, o comandante estará esperando para se reunir com vocês.

– Lugarzinho bem-ocupado esse de vocês aqui – Han comentou enquanto todos entravam a bordo do esquife. – Estão se preparando para começar uma guerra ou algo assim?

– Nosso negócio não é começar guerras – Sena respondeu com frieza.

– Ah – Han assentiu, olhando ao redor enquanto o piloto dava meia-volta com o esquife e se dirigia para o acampamento. Havia algo no layout que parecia vagamente familiar.

Lando percebeu primeiro.

– Sabe, este lugar parece um bocado com uma das velhas bases da Aliança que costumávamos usar – ele comentou com Sena. – Só que construído na superfície em vez de escavá-la no subterrâneo.

– Parece mesmo, não é? – concordou Sena. Sua voz ainda não dava a menor pista.

– Vocês já negociaram com a Aliança, então? – Lando sondou gentilmente.

Sena não respondeu. Lando olhou para Han, erguendo as sobrancelhas. Han deu levemente de ombros em resposta. Independentemente do que estivesse acontecendo ali, era claro que o pessoal não tinha o hábito de falar a respeito.

O esquife parou ao lado de um prédio administrativo indistinguível dos outros próximos, a não ser pelos dois guardas uniformizados flanqueando a entrada. Eles bateram continência quando Sena se aproximou, e um deles estendeu a mão para abrir a porta.

– O comandante pediu para vê-lo um momento a sós, capitão Solo – disse Sena, parando ao lado da porta aberta. – Nós aguardaremos aqui fora com o general Calrissian.

– Certo – disse Han. Respirando fundo, ele entrou.

Pela aparência externa havia esperado que aquilo fosse um centro administrativo padrão, com uma área de recepção externa e uma colmeia de escritórios executivos confortáveis empilhados atrás dela. Para sua leve surpresa, se viu numa sala de guerra totalmente equipada. Ao longo das paredes havia consoles de comunicação e rastreamento, incluindo pelo menos um receptor de escuta de campo gravitacional de cristal e o que parecia o controle de alcance para um canhão de íons Defensor Planetário KDY v-150, como aquele que a Aliança tivera de abandonar em Hoth. No centro da sala, um enorme display holográfico mostrava todo um setor de estrelas, com uma centena de marcadores multicoloridos e linhas vetoriais espalhadas

entre os pontos brancos reluzentes.

E, em pé ao lado do holo, um homem.

Seu rosto estava um tanto distorcido pelas luzes estranhamente coloridas que o display jogava nele; e era, de qualquer maneira, um rosto que Han jamais havia visto a não ser em fotos. Mas, mesmo assim, o reconhecimento veio com um choque súbito.

– Senador Bel Iblis – ele disse baixinho.

– Bem-vindo ao Ninho do Peregrino, capitão Solo – o outro disse com gravidade, afastando-se do holo e indo em sua direção. – Fico lisonjeado que ainda se lembre de mim.

– Seria difícil para qualquer corelliano se esquecer do senhor – disse Han. Seu cérebro entorpecido notava de passagem que havia poucas pessoas na galáxia que o faziam automaticamente dizer a palavra *senhor*. – Mas o senhor...

– Estava morto? – sugeriu Bel Iblis, um meio sorriso vincando seu rosto enrugado.

– Bem... sim – Han ficou sem jeito. – Quero dizer, todos acharam que o senhor havia morrido em Anchoron.

– Em um certo sentido bem real, eu morri – o outro disse num tom tranquilo, enquanto seu sorriso desaparecia do rosto. Agora que estava mais perto dele, Han ficou espantado ao ver como o rosto do senador estava enrugado pela idade e pelo estresse. – O imperador não foi capaz de me matar em Anchoron, mas foi praticamente como se o tivesse feito. Ele tirou tudo o que eu tinha exceto minha vida: minha família, minha profissão, até mesmo todos os futuros contatos com a sociedade corelliana convencional. Ele me forçou a agir fora da lei que trabalhei tão duro para criar e manter. – O sorriso retornou, como um vestígio de sol ao redor da borda de uma nuvem escura. – Forçou-me a me tornar um rebelde. Imagino que você entenda bem esse sentimento.

– Muito bem, sim – disse Han, dando um sorriso torto em retribuição. Ele havia lido na escola sobre o lendário charme do igualmente lendário senador Garm Bel Iblis; agora, ele estava tendo a chance de experimentar aquele charme de perto. Estava se sentindo um estudante novamente. – Ainda não consigo acreditar nisso. Gostaria que tivéssemos ficado sabendo mais cedo: poderíamos realmente ter usado este seu exército durante a guerra.

Por apenas um segundo uma sombra pareceu cruzar o rosto de Bel Iblis.

– Nós provavelmente não poderíamos ter feito muita coisa para ajudar – ele disse. – Levamos muito tempo para construir o que você está vendo aqui. – Seu sorriso retornou. – Mas haverá tempo para falar sobre isso mais tarde. Neste momento, eu vejo você aí parado tentando descobrir exatamente quando foi que nos encontramos pela

primeira vez.

Na verdade, Han havia se esquecido das referências de Sena a um encontro anterior.

– Pra lhe dizer a verdade, não faço a menor ideia – ele confessou. – A menos que tenha sido depois de Anchoron e o senhor estivesse disfarçado ou algo assim.

Bel Iblis balançou a cabeça.

– Não estava disfarçado; mas eu não esperava que você realmente se lembrasse. Vou lhe dar uma dica: você tinha onze anos na época.

Han piscou várias vezes.

– Onze? – ele repetiu. – O senhor quer dizer, na escola?

– Correto – Bel Iblis assentiu. – Literalmente correto, na verdade. Foi em uma convocação em sua escola, onde vocês estavam sendo forçados a ouvir um grupo composto por nós, velhos fósseis, falando de política.

Han sentiu seu rosto ficar quente. Essa lembrança em particular ainda era um vazio, mas era *assim mesmo* que ele se sentia a respeito de políticos naquela fase de sua vida. Embora, se fosse parar para pensar, a opinião não tivesse mudado tanto assim ao longo dos anos.

– Lamento, mas ainda não me lembro.

– Como falei, não esperava que você fosse se lembrar – disse Bel Iblis. – Eu, por outro lado, me lembro muito bem do incidente. Durante a hora das perguntas, você fez duas, irreverentes porém bem relevantes: a primeira com relação à ética do preconceito antialien que começava a se insinuar na estrutura jurídica da República, e a segunda sobre alguns exemplos bem específicos de corrupção envolvendo meus colegas no Senado.

A memória estava começando a voltar, pelo menos de uma maneira vaga.

– É, lembro agora – Han disse devagar. – Acho que um dos meus amigos apostou que eu não faria aquelas perguntas ao senhor. Ele provavelmente achou que eu ficaria em apuros por não ser educado. Eu já estava atolado em tantos outros problemas que aquilo não me incomodou.

– Esse padrão começou cedo na sua vida, não foi? – Bel Iblis sugeriu num tom seco. – De qualquer maneira, não eram o tipo de perguntas que eu teria esperado de um garoto de onze anos, e me deixaram suficientemente intrigado para perguntar a seu respeito. Andei mais ou menos de olho em você desde então.

Han fez uma cara de desagrado.

– O senhor provavelmente não ficou muito impressionado com o que viu.

– Em alguns momentos – concordou Bel Iblis. – Admito ter ficado extremamente decepcionado quando você foi dispensado da Academia

Imperial: você parecia ter um futuro promissor por lá, e na época eu sentia que um corpo de oficiais altamente leal era uma das poucas defesas que a República ainda tinha contra o colapso para o Império. – Ele deu de ombros. – Naquelas circunstâncias, foi melhor você ter saído mesmo. Com seu óbvio desdém pela autoridade, você teria sido silenciosamente eliminado no expurgo que o imperador realizou dos oficiais que não foi capaz de seduzir para ficar ao seu lado. E aí as coisas teriam sido bem diferentes, não?

– Talvez um pouquinho – Han admitiu com modéstia. Ele olhou ao redor da sala de guerra. – Então, há quanto tempo o senhor está aqui no... o senhor chamou isso de Ninho do Peregrino?

– Ah, nunca ficamos em lugar nenhum por muito tempo – disse Bel Iblis, colocando a mão no ombro de Han e o virando gentil porém firmemente na direção da porta. – Fique parado por muito tempo e os imperiais acabarão encontrando-o. Mas podemos falar de negócios mais tarde. Agora, seu amigo lá fora provavelmente está ficando nervoso. Apresente-o a mim.

Lando estava de fato com uma cara um pouco tensa quando Han e Bel Iblis saíram novamente para a luz do sol.

– Está tudo bem – Han lhe garantiu. – Estamos com amigos. Senador, este é Lando Calrissian, ex-general da Aliança Rebelde. Lando; senador Garm Bel Iblis.

Ele não havia esperado que Lando reconhecesse o nome de um político corelliano do passado. E tinha razão.

– Senador Bel Iblis – Lando assentiu, a voz neutra.

– É uma honra conhecê-lo, general Calrissian – disse Bel Iblis. – Ouvi falar muito de você.

Lando olhou para Han.

– Apenas Calrissian – ele disse. – O *general* é mais um título de cortesia hoje.

– Então estamos empatados – sorriu Bel Iblis. – Também não sou mais senador. – Ele acenou para Sena. – Vocês conheceram minha assessora-chefe e embaixadora extraoficial, Sena Leikvold Midanyl. E... – Ele fez uma pausa, olhando ao redor. – Soube que Irenez estava com vocês.

– Ela foi requisitada a bordo da nave, senhor – Sena lhe disse. – Nosso outro convidado exigia ser um pouco tranquilizado.

– Sim, o assessor do Conselho Breil'lya – disse Bel Iblis, olhando na direção do pad de pouso. – Essa pode acabar sendo uma situação um tanto embaraçosa.

– Sim, senhor – disse Sena. – Talvez eu não devesse tê-lo trazido aqui, mas no momento não vi outro curso de ação razoável.

– Ah, concordo – Bel Iblis lhe assegurou. – Abandoná-lo no meio de um ataque imperial teria sido mais do que simplesmente embaraçoso.

Han sentiu um ligeiro frio percorrer seu corpo. Na empolgação de conhecer Bel Iblis, ele havia se esquecido completamente do que os tinha levado a New Cov em primeiro lugar.

– O senhor parece estar em bons termos com Breil'lya, senador – ele disse com cuidado.

Bel Iblis o encarou.

– E você gostaria de saber o que esses bons termos acarretam?

Han se preparou.

– Para falar a verdade, senhor... eu gostaria, sim.

O outro deu um leve sorriso.

– Você continua relutante a se curvar perante a autoridade, não? Ótimo. Vamos até o espaço de recreação do quartel-general e eu lhe direi o que quer saber. – Seu sorriso ficou mais duro, apenas um pouco. – E, depois disso, eu também terei algumas perguntas a lhe fazer.

A porta se abriu, e Pellaeon entrou na antecâmara escurecida da sala de comando particular de Thrawn. Escurecida e aparentemente vazia; mas Pellaeon sabia que aquele não era bem o caso.

– Tenho informações importantes para o grão-almirante – ele disse em voz alta. – Não tenho tempo para estes seus joguinhos.

– Não são jogos – a voz rouca de Rukh miou bem no ouvido de Pellaeon, fazendo com que ele desse um pulo apesar de seus melhores esforços para não fazer isso. – Habilidades de perseguição silenciosa devem ser praticadas ou serão perdidas.

– Vá praticar com outra pessoa – Pellaeon grunhiu. – Tenho trabalho a fazer.

Ele avançou até a porta interna, amaldiçoando silenciosamente Rukh e toda a raça Noghri. Eles até poderiam ser ferramentas úteis para o Império; mas já havia lidado com esse tipo de estrutura fechada de clã antes, e para ele esses primitivos sempre haviam sido sinônimo de encrenca a longo prazo. A porta da sala de comando se abriu, revelando uma escuridão iluminada somente por velas que emitiam um brilho mínimo.

Pellaeon parou bruscamente, sua mente voltando àquela cripta assustadora em Wayland, onde mil velas marcavam as tumbas de estrangeiros que haviam ido para lá nos últimos anos, somente para serem chacinados por Joruus C'baoth. Para Thrawn ter transformado sua sala de comando numa duplicata daquilo...

– Não, não sucumbi à influência de nosso instável mestre Jedi – a voz de Thrawn se fez ouvir seca do outro lado da sala. Por cima das velas, Pellaeon mal podia ver os olhos vermelhos brilhantes do grão-almirante. – Olhe mais de perto.

Pellaeon fez conforme instruído, para descobrir que as "velas" eram na verdade imagens holográficas de esculturas iluminadas com

extrema delicadeza.

– Lindas, não? – disse Thrawn, a voz meditativa. – São miniaturas de chamas corellianas, parte de uma lista muito pequena de formas de arte que outros tentaram copiar mas nunca foram realmente capazes de duplicar. Nada mais do que fibras transópticas moldadas, material de plantas pseudoluminescentes e um par de fontes de luz de Goorla, na verdade; e no entanto, de algum modo, há algo nelas que nunca foi capturado por mais ninguém. – As chamas holográficas se desvaneceram, e no centro da sala uma imagem congelada de três cruzadores dreadnaught apareceu. – Isto foi captado pelo cruzador *Incansável* dois dias atrás saindo do planeta New Cov, capitão – Thrawn continuou no mesmo tom pensativo. – Observe de perto.

Ele iniciou a gravação. Pellaeon observou em silêncio enquanto os dreadnaughts, em formação triangular, abriam fogo com canhões de íons na direção do ponto de vista da câmera. Quase ocultos na fúria do ataque, um cargueiro e o que parecia um pequeno iate de lazer podiam ser vistos deslizando para a segurança no meio da formação. Ainda disparando, os dreadnaughts começaram a recuar, e um minuto depois o grupo inteiro havia saltado para a velocidade da luz. O holo se desvaneceu, e as luzes da sala começaram a brilhar suavemente.

– Comentários? – Thrawn convidou.

– Parece que nossos velhos amigos estão de volta – disse Pellaeon. – Parece que se recobraram do susto que lhes demos em Linuri. Um incômodo, especialmente agora.

– Infelizmente, temos indicação de que eles estão prestes a se tornar mais do que simplesmente um incômodo – Thrawn disse a ele. – Uma das duas naves que eles estavam resgatando foi identificada pelo *Incansável* como sendo a *Lady Luck*. Com Han Solo e Lando Calrissian a bordo.

Pellaeon franziu a testa.

– Solo e Calrissian? Mas... – ele parou subitamente.

– Mas eles deveriam ir para o sistema Palanhi – Thrawn terminou a frase por ele. – Sim. Um erro da minha parte. Obviamente, apareceu algo mais importante do que as preocupações deles com a reputação de Ackbar.

Pellaeon olhou para onde o holo havia estado.

– Como acrescentar novas forças aos militares da Rebelião.

– Não acredito que eles já tenham se fundido – disse Thrawn, com a testa bem franzida em concentração. – Tampouco creio que tal aliança seja inevitável. Era um Corelliano liderando aquela força-tarefa, capitão: agora tenho certeza disso. E existem apenas algumas possibilidades sobre quem esse Corelliano possa ser.

Uma memória errante se encaixou subitamente no lugar.

– Solo é corelliano, não é?

– Sim – confirmou Thrawn. – Um dos motivos pelos quais acho que eles ainda estão no estágio de negociação. Se o líder deles é quem eu suspeito, ele poderá preferir sondar um compatriota corelliano antes de se comprometer com os líderes da Rebelião.

À esquerda de Thrawn, o comunicador emitiu um *ping*.

– Almirante Thrawn? Temos o contato que o senhor solicitou com o *Incansável*.

– Obrigado – disse Thrawn, apertando um botão. Na frente do círculo duplo de telas repetidoras um holograma em escala 3:4 de um oficial mais velho do Império apareceu, em pé, ao lado do que parecia ser um painel de controle de bloco de detenção.

– Grão-almirante – disse a imagem, assentindo com severidade.

– Bom dia, capitão Dorja – Thrawn retribuiu o aceno de cabeça. – O senhor tem o prisioneiro que pedi?

– Bem aqui, senhor – disse Dorja. Ele olhou para o lado e fez um gesto; e, de fora da câmera, um humano um tanto corpulento apareceu, com as mãos agrilhoadas à sua frente e a expressão estudadamente neutra por trás da barba bem-aparada. – Seu nome é Niles Ferrier – disse Dorja. – Nós o apanhamos e à sua tripulação durante o ataque a New Cov.

– O ataque do qual Skywalker, Solo e Calrissian escaparam – disse Thrawn.

Dorja fez uma careta.

– Sim, senhor.

Thrawn desviou sua atenção para Ferrier.

– Capitão Ferrier – ele assentiu. – Nossos registros indicam que você é especializado em roubo de naves espaciais. E no entanto você foi apanhado em New Cov com uma carga de biomoléculas a bordo de sua nave. Você se importaria de explicar?

Ferrier deu levemente de ombros.

– Afanar naves não é algo que dê pra se fazer todo dia – ele disse. – É preciso planejamento e oportunidades. Aceitar um ou outro trabalho de transporte ajuda a equilibrar o orçamento.

– Você está ciente, claro, de que as biomoléculas não foram declaradas.

– Sim, o capitão Dorja me disse isso – Ferrier falou com a mistura certa de espanto e indignação. – Acredite em mim, se eu soubesse que estava sendo feito de cúmplice para tamanha enganação contra o Império...

– Presumo que você também esteja ciente – Thrawn o interrompeu – de que por tais ações eu posso não só confiscar sua carga, como também sua nave.

Ferrier estava ciente de tudo isso, claro. Pellaeon podia ver nas rugas de expressão ao redor de seus olhos.

– Já fui de muita ajuda ao Império no passado, almirante – ele disse num tom neutro. – Contrabandeei cargas da Nova República, e só recentemente entreguei três naves-patrulha Sienar ao seu pessoal.

– E recebeu somas absurdas de dinheiro em todos os casos – Thrawn o lembrou. – Se está tentando sugerir que lhe devemos algo por gentilezas do passado, não se dê ao trabalho. Contudo, pode haver um meio para que você pague esta nova dívida. Você por acaso reparou nas naves que estavam atacando o *Incansável* enquanto estava tentando escapulir do planeta?

– É claro que sim – disse Ferrier; um quê de orgulho profissional ferido transparecia em sua voz. – Eles eram dreadnaughts da Rendili StarDrive. Velhos, pelo aspecto deles, mas ágeis o bastante. Provavelmente passaram por muitos aprimoramentos.

– De fato – Thrawn deu um leve sorriso. – Eu os quero.

Ferrier levou alguns segundos para registrar o comentário aparentemente displicente. Quando isso aconteceu, ele ficou de queixo caído.

– O senhor quer dizer... Eu?

– Você tem algum problema com isso? – Thrawn perguntou friamente.

– Ahn... – Ferrier engoliu em seco. – Almirante, com todo o respeito...

– Você tem três meses padrão para me conseguir essas naves ou então sua localização exata – Thrawn o interrompeu. – Capitão Dorja?

Dorja voltou a avançar.

– Senhor.

– Você irá soltar o capitão Ferrier e sua tripulação e lhes fornecer um cargueiro da Inteligência sem marcas para usar. A nave deles permanecerá a bordo do *Incansável* até que tenham completado sua missão.

– Entendido – assentiu Dorja.

Thrawn ergueu uma sobrancelha.

– Mais uma coisa, capitão Ferrier. Na remota hipótese de que você possa se sentir tentado a abandonar a missão e fugir, o cargueiro que receberá será equipado com um impressionante e totalmente indestrutível mecanismo de completa autodestruição. Com contagem regressiva de exatamente três meses padrão. Acredito que o senhor esteja entendendo.

Acima de sua barba, o rosto de Ferrier havia assumido um tom branco doentio.

– Sim – ele conseguiu dizer.

– Ótimo. – Thrawn desviou a atenção novamente para Dorja. – Deixo os detalhes em suas mãos, capitão. Mantenha-me informado dos avanços.

Ele apertou um botão, e o holograma se desvaneceu.

– Como eu dizia, capitão – disse Thrawn, se virando para Pellaeon –, não acho que uma aliança com a Rebelião seja necessariamente inevitável.

– Se Ferrier conseguir – Pellaeon disse com dúvidas.

– Ele tem uma chance razoável – Thrawn lhe garantiu. – Afinal, nós mesmos temos uma ideia vaga de onde eles possam estar escondidos. Só não temos tempo e mão de obra no momento para desentocá-las adequadamente. E, mesmo que tivéssemos, um ataque em grande escala provavelmente acabaria destruindo os dreadnaughts, e eu preferiria capturá-los intactos.

– Sim, senhor – Pellaeon disse sério. A palavra *capturá-los* fez com que ele se lembrasse do motivo pelo qual ele havia ido até ali. – Almirante, o relatório sobre a nave de Khabarakh chegou da equipe que fez a varredura. – Ele entregou o cartão de dados por sobre o círculo duplo de telas.

Por um momento os olhos vermelhos brilhantes de Thrawn queimaram o rosto de Pellaeon, como se tentando ler o motivo da óbvia tensão de seu subordinado. Então, sem dizer uma palavra, ele pegou o cartão de dados da mão do capitão e o enfiou em seu leitor. Pellaeon aguardou, os lábios apertados, enquanto o grão-almirante dava uma passada de olhos pelo relatório.

Thrawn chegou ao fim e se recostou em sua cadeira, o rosto inescrutável.

– Pelos de Wookiee – ele disse.

– Sim, senhor – assentiu Pellaeon. – Por toda a nave.

Thrawn fez silêncio por mais alguns segundos.

– Sua interpretação?

Pellaeon se segurou.

– Só posso ver uma, senhor. Khabarakh não escapou dos Kashyyyk. Eles o apanharam... e depois o deixaram partir.

– Depois de um mês de encarceramento. – Thrawn olhou para Pellaeon. – E interrogatório.

– Quase certamente – concordou Pellaeon. – A pergunta é: o que ele contou?

– Existe um meio de descobrir. – Thrawn acionou o comunicador. – Hangar, aqui é o grão-almirante. Preparem minha nave auxiliar; estou indo para a superfície. Vou querer uma nave com soldados e um esquadrão duplo de stormtroopers prontos para me acompanhar, além de duas esquadrilhas de bombardeiros de ataque Scimitar para dar cobertura aérea.

O hangar confirmou e desligou.

– Pode ser, capitão, que os Noghri tenham esquecido a quem devem sua lealdade – ele disse a Pellaeon, levantando-se e dando a

volta nas telas. – Acho que já está na hora de serem lembrados de que o Império é quem manda aqui. Você voltará até a ponte e preparará uma demonstração adequada.

– Sim, senhor. – Pellaeon hesitou. – O senhor quer meramente um lembrete e não uma destruição efetiva?

Os olhos de Thrawn faiscaram.

– Por enquanto, sim – ele disse, a voz gélida. – Vamos fazer com que todos rezem para que eu não mude de ideia.

CAPÍTULO 12

A primeira coisa que Leia notou enquanto acordava aos poucos foi o cheiro: um cheiro de algo defumado, que lembrava as fogueiras feitas com lenha pelos Ewoks de Endor mas com uma pungência toda especial. Um tipo de aroma caloroso, caseiro, que a fazia se lembrar dos acampamentos aonde ela fora quando criança em Alderaan.

E despertou o suficiente para se lembrar de onde estava. A consciência a invadiu completamente, e ela abriu bruscamente os olhos...

Para descobrir que estava deitada sobre um catre tosco em um canto da cozinha comunitária noghri. Exatamente onde havia estado quando adormecera na noite anterior.

Ela se sentou, sentindo-se aliviada e um pouco envergonhada. Com aquela visita inesperada noite passada da parte do grão-almirante, percebeu que tinha meio que esperado acordar numa cela de detenção de um destróier estelar. Ela tinha claramente subestimado a habilidade dos Noghri de cumprir suas promessas.

Sua barriga roncou, o que a fez se lembrar de que fazia um bom tempo desde a última vez que tinha comido; um pouco mais embaixo, um dos gêmeos deu seu próprio lembrete com um chute.

– Ok – ela o acalmou. – Já entendi a indireta. É hora do desjejum.

Ela rasgou a parte de cima da embalagem de uma barra da ração de uma de suas caixas e deu uma mordida, olhando ao redor da cozinha enquanto mastigava. Perto da porta, encostado contra a parede, o catre duplo que havia sido posto ali para Chewbacca dormir estava vazio. Por um momento, o medo da traição mais uma vez sussurrou em sua cabeça, mas um pouco de concentração por meio da Força silenciou quaisquer preocupações. Chewbacca estava em algum lugar ali perto, com sentidos que não davam nenhuma indicação de perigo. *Relaxe*, ordenou a si mesma com dureza, tirando um macacão limpo de sua caixa e começando a se vestir. Fossem o que fossem aqueles Noghri, estava claro que eles não eram selvagens. Eram pessoas honradas, à sua própria maneira, e não a entregariam ao Império. Pelo menos, não antes de tê-la ouvido.

Ela engoliu o último pedaço de barra e acabou de se vestir, certificando-se, como sempre, de que o cinto não estivesse muito apertado em sua barriga cada vez mais inchada. Recuperando seu sabre de luz do esconderijo embaixo da borda do catre, ela o prendeu ostensivamente ao seu lado. Ela se lembrou de que Khabarakh parecia encontrar uma confirmação de sua identidade na presença da arma Jedi; ela torcia para que o resto dos Noghri reagisse da mesma maneira. Indo até a porta da cozinha, ela repassou seus exercícios tranquilizantes Jedi e saiu.

Três criancinhas Noghri estavam brincando com uma bola inflável na área gramada do lado de fora da porta – a transpiração fazia sua

pele branco-acinzentada reluzir na luz brilhante do sol da manhã. Uma luz que não iria durar, Leia percebeu: uma camada uniforme de nuvens escuras que se estendia até o oeste já estava se arrastando para leste na direção do sol nascente. Melhor assim; uma espessa camada de nuvens bloquearia quaisquer observações telescópicas diretas que o destróier estelar lá no alto pudesse fazer da aldeia, e também disfarçaria as assinaturas infravermelhas que ela e Chewbacca estavam emitindo.

Ela olhou para baixo, para descobrir que as três crianças haviam parado seu jogo e formado uma linha reta à sua frente.

– Olá – ela disse, tentando sorrir para eles.

A criança do meio deu um passo à frente e caiu de joelhos, numa imitação desajeitada porém passável do gesto de respeito de seus anciões.

– *Mal'ary'ush* – ela miou. – *Miskh'hara isf chrak'mi'sokh. Mir'es kha.*

– Entendo – disse Leia, desejando fervorosamente ter 3PO consigo ali. Estava justamente se perguntando se deveria correr o risco de chamá-lo pelo comlink quando a criança voltou a falar.

– *Io ti saúdu, Mal'ary'ush* – ele disse, as palavras da Língua Básica saindo enroladas mas inteligíveis. – A maitrakh ishpera por vosssê na *dukha*.

– Obrigada – Leia assentiu séria para ele. Guardas na porta ontem à noite; gente para saudá-la oficialmente hoje de manhã. As crianças Noghri pareciam conhecer desde cedo aos rituais e responsabilidades de sua cultura. – Por favor, leve-me a ela.

A criança tornou a fazer o gesto de respeito e se levantou, indo na direção da grande estrutura circular perto da qual Khabarakh havia pousado na noite anterior. Leia foi atrás, e as outras duas crianças assumiram posições uma de cada lado dela. Quando deu por si, ela estava olhando de viés para eles enquanto andavam, estranhando a cor clara da pele deles. A pele de Khabarakh era de um cinza cor de aço; a da maitrakh, de um tom bem mais escuro. Pertenceriam os Noghri a vários tipos raciais distintos? Ou o escurecimento seria uma parte natural de seu processo de envelhecimento? Ela fez uma nota mental para perguntar isso a Khabarakh assim que tivesse uma chance.

A *dukha*, vista agora em plena luz do dia, era bem mais elaborada do que ela havia percebido. Os pilares espaçados de tantos em tantos metros pareciam ser compostos de seções inteiras de tronco de árvores, descascadas e polidas até chegarem a um acabamento que lembrava mármore negro. A madeira tremeluzente que compunha o resto da parede estava coberta até talvez metade de sua altura com entalhes intrincados. À medida que se aproximavam, ela podia ver que a faixa metálica de reforço que cercava o edifício logo abaixo dos

beirais também estava decorada com folhas – obviamente, os Noghri acreditavam em combinar função e arte. A estrutura inteira tinha talvez vinte metros de largura e quatro de altura, com mais três ou quatro metros para o telhado cônico, e ela ficou se perguntando quantos pilares haviam tido que colocar do lado de dentro para dar suporte à coisa.

Portas duplas altas haviam sido construídas na parede entre dois dos pilares, ladeados naquele momento por duas crianças Noghri em posição de sentido. Elas abriram as portas quando Leia se aproximou; agradecendo a elas com um aceno de cabeça, ela entrou.

O interior da *dukha* não era menos impressionante que seu exterior. Era um único salão aberto, com uma cadeira semelhante a um trono a dois terços do caminho até os fundos, uma pequena cabine com telhado inclinado e janela com malha metálica escura construída contra a parede entre dois dos pilares à direita, e um mapa de parede à esquerda, bem em frente a ela. Não havia nenhum pilar de suporte interno; em vez disso, uma série de correntes pesadas havia sido pendurada do alto de cada um dos pilares da parede para a beira de um enorme prato côncavo pendurado no centro do salão. De dentro do prato – logo no interior de sua borda, Leia deduziu – luzes ocultas brincavam na direção do teto, oferecendo uma iluminação suavemente difusa.

Alguns metros à frente do mapa, um grupo de talvez vinte crianças pequenas sentavam-se em um semicírculo ao redor de 3PO, que estava contando na língua delas o que era obviamente algum tipo de história, completa com efeitos sonoros ocasionais. Isso a fez se lembrar da versão condensada de sua luta contra o Império que ele contara aos Ewoks, e Leia torceu para que o droide se lembrasse de não vilanizar Darth Vader ali. Provavelmente ele não faria isso; ela havia insistido bastante nesse ponto durante a viagem.

Um pequeno movimento à sua esquerda chamou-lhe a atenção: Chewbacca e Khabarakh estavam sentados de frente um para o outro, do outro lado da porta, concentrados em algum tipo de atividade silenciosa que parecia envolver mãos e pulsos. O Wookiee tinha feito uma pausa e estava olhando de modo questionador em sua direção. Leia lhe garantiu, com um aceno de cabeça, que estava bem, tentando ler nos sentidos dele exatamente o que ele e Khabarakh estavam fazendo. Pelo menos não parecia envolver arrancar os braços do Noghri; já era alguma coisa.

– Lady Vader – disse uma voz noghri rouca. Leia se virou para ver a maitrakh andando em sua direção. – Eu a saúdo. A senhora dormiu bem?

– Muito bem – disse Leia. – Sua hospitalidade tem sido muito honrada. – Ela olhou para 3PO, perguntando-se se deveria convocá-lo

para retornar às suas funções de tradutor.

A maitrakh não entendeu o gesto.

– Está na hora de contar histórias para as crianças – ela disse. – Sua máquina graciosamente se ofereceu para lhes contar a última história de nosso senhor Darth Vader.

O confronto desafiador final de Vader contra o Império, com a vida de Luke na balança, que terminou com seu sacrifício.

– Sim – murmurou Leia. – Só aconteceu no fim, mas ele finalmente foi capaz de se livrar da teia de ilusões do imperador.

Por um momento a maitrakh ficou em silêncio. Então ela se moveu.

– Caminhe comigo, Lady Vader. – Ela se virou e começou a andar ao longo da parede. Leia se juntou a ela, reparando pela primeira vez que as paredes internas da *dukha* também estavam decoradas com entalhes. Um registro histórico da família deles? – Meu terceirofilho adquiriu um novo respeito pelo seu Wookiee – disse ela, fazendo um gesto na direção de Chewbacca e Khabarakh. – Nosso senhor, o grão-almirante, veio na última véspera procurando provas de que meu terceirofilho o havia enganado ao dizer que seu veículo voador estava quebrado. Por causa de seu Wookiee, ele não encontrou tal prova.

Leia assentiu.

– Sim, Chewie me contou ontem à noite que mexeu na nave. Não tenho o conhecimento que ele tem de mecânica espacial, mas sei que não deve ser fácil forjar dois defeitos interligados do jeito que ele fez. Somos todos afortunados por ele ter tido a visão e a habilidade para fazê-lo.

– O Wookiee não é de sua família ou clã – disse a maitrakh. – E no entanto a senhora confia nele como se ele fosse um amigo?

Leia respirou fundo.

– Eu nunca conheci meu verdadeiro pai, o Lorde Vader, enquanto estava crescendo. Em vez disso fui levada para Alderaan e criada pelo vice-rei como se fosse sua própria filha. Em Alderaan, como parece também ser o caso aqui, relacionamentos familiares eram a base de nossa cultura e sociedade. Cresci decorando listas de tias, tios e primos, aprendendo como situá-los em ordem de proximidade na minha linha adotiva. – Fez um gesto para Chewbacca. – Chewie um dia já foi apenas um bom amigo. Agora ele faz parte da minha família. Uma parte tão importante quanto meu marido e meu irmão.

Eles estavam talvez a um quarto do caminho ao redor da *dukha* antes que a maitrakh voltasse a falar.

– Por que veio para cá?

– Khabarakh me disse que seu povo precisava de ajuda – Leia disse simplesmente. – Achei que poderia fazer algo a respeito.

– Alguns irão dizer que você veio para semear a discórdia entre

nós.

– Você mesma disse isso ontem à noite – Leia a lembrou. – Só posso dar a minha palavra de que discórdia não é minha intenção.

A maitrakh soltou um longo sibilar que terminou com uma batida dupla e aguda de dentes-agulha.

– O objetivo e o fim nem sempre são os mesmos, Lady Vader. Agora nós servimos a apenas um superclã. A senhora exigiria que trabalhássemos para outro. Esta é a semente da discórdia e da morte.

Leia franziu os lábios.

– Trabalhar para o Império os satisfaz, então? – ela perguntou. – Isso dá ao seu povo uma vida melhor e mais honrada?

– Nós servimos ao Império como um só clã – disse a maitrakh. – Se a senhora solicitar nossa ajuda, isso nos traria de volta os velhos conflitos. – Eles haviam chegado ao mapa de parede agora, e ela fez um gesto com uma mão fina em sua direção. – A senhora vê nossa história, Lady Vader?

Leia virou bem o pescoço para olhar. Linhas bem-escavadas de escrita alienígena cobriam os dois terços inferiores da parede. Cada palavra estava ligada a uma dezena de outras num impressionante cruzamento de linhas verticais, horizontais e diagonais, cada corte aparentemente de uma largura e profundidade diferentes. Então ela entendeu – o mapa era uma árvore genealó-gica, ou de todo o clã Kihm'bar ou apenas daquela família em particular.

– Eu vejo – ela disse.

– Então a senhora vê a terrível destruição de vida criada pelos velhos conflitos – disse a maitrakh. Ela fez um gesto para três ou quatro pontos no mapa que eram, para Leia, indistinguíveis do resto do desenho. Ler genealogias Noghri era aparentemente uma habilidade adquirida. – Eu não desejo retornar a esses dias – continuou a maitrakh. – Nem mesmo para a filha do Lorde Darth Vader.

– Eu entendo – Leia disse baixinho, estremecendo enquanto os fantasmas de Yavin, Hoth, Endor e uma centena de outros mundos se erguiam diante dela. – Já vi mais conflito e morte na minha vida do que jamais achei possível. Não tenho nenhum desejo de fazer acréscimos a essa lista.

– Então a senhora deve partir – a maitrakh disse com firmeza. – A senhora deve partir e não voltar enquanto o Império viver.

Elas voltaram a caminhar.

– Não existe alternativa? – perguntou Leia. – E se eu conseguisse convencer todo o seu povo a deixar de trabalhar para o Império? Então não haveria conflito entre vocês.

– O imperador nos ajudou quando ninguém mais o fez – a maitrakh a lembrou.

– Isso só aconteceu porque não sabíamos de sua necessidade – disse Leia, sentindo uma pontada da sua consciência ao dizer a meia-verdade. Sim, a Aliança realmente não sabia como a situação ali era desesperadora; e sim, Mon Mothma e os demais líderes teriam certamente desejado ajudar se soubessem. Mas se eles teriam os recursos para fazer algo era uma questão inteiramente diferente. – Agora sabemos, e oferecemos a vocês nossa ajuda.

– A senhora nos oferece auxílio para nosso próprio bem? – a maitrakh fez questão de perguntar. – Ou meramente para fazer com que deixemos de trabalhar para o Império e passemos para seu superclã? Não seremos disputados como um osso entre *stava* famintos.

– O imperador usou vocês – Leia disse sem rodeios. – Assim como o grão-almirante está apenas usando-os agora. O auxílio que eles estão lhes dando vale os filhos que tiraram de vocês e mandaram para morrer?

Elas deram mais uns vinte passos antes que a maitrakh respondesse.

– Nossos filhos se foram – ela disse baixinho. – Mas, com seu trabalho, eles nos compraram vida. A senhora veio num veículo voador, Lady Vader. A senhora viu o que foi feito com a nossa terra.

– Sim – Leia disse com um estremecimento. – Isso... Eu não fazia ideia de como a destruição havia sido abrangente.

– A vida em Honoghr sempre foi uma luta – disse a maitrakh. – A terra exigia muito trabalho para ser domada. A senhora viu na história os tempos em que a luta foi perdida. Mas depois da batalha no céu...

Ela estremeceu, um tipo peculiar de tremor que parecia se mover dos quadris até os ombros.

– Foi como uma guerra entre deuses. Agora sabemos que eram apenas grandes veículos voadores muito acima da terra. Mas na época nada sa-bíamos de tais coisas. Os raios deles faiscavam pelo céu, a noite toda e no dia seguinte também, iluminando as montanhas distantes com sua fúria. E no entanto não havia trovão, como se aqueles mesmos deuses estivessem zangados demais para sequer gritar uns com os outros enquanto lutavam. Lembro-me de ter ficado com mais medo do silêncio do que de qualquer outra coisa. Apenas uma vez ouvimos um som distante parecido com um trovão. Muito tempo depois ficamos sabendo que uma de nossas montanhas mais altas havia perdido seu pico mais elevado. Então os raios pararam, e nos atrevemos a esperar que os deuses tivessem levado sua guerra para longe de nós.

– Até que o tremor do solo veio.

Ela fez uma pausa, e outro estremecimento tomou conta de seu corpo.

– Os raios haviam sido a fúria dos deuses. O tremor do solo foi seu

martelo de guerra. Cidades inteiras desapareceram, tragadas quando o solo se abriu embaixo delas. Montanhas de fogo que há muito tempo estavam quietas começaram a cuspir fogo e fumaça que escureceram o céu por sobre toda a terra. Florestas e campos se queimaram, assim como as cidades e aldeias que haviam sobrevivido ao tremor do solo. Daqueles que haviam morrido veio a doença, e outros tantos ainda morreram depois deles. Foi como se a fúria dos deuses do céu tivesse pousado entre os deuses da terra, e eles também estivessem lutando entre si. E então, quando finalmente nos atrevemos a esperar que tudo tivesse terminado, a chuva de cheiro estranho começou a cair.

Leia assentiu, agora entendendo dolorosamente toda a sequência dos acontecimentos. Uma das naves de guerra caíra, provocando imensos terremotos e liberando produtos químicos tóxicos que haviam sido levados pelo vento para todas as partes do planeta. Toda nave de guerra moderna continha uma série desses produtos químicos, mas somente as naves mais antigas carregavam coisas tão virulentas quanto aquele produto devia ter sido.

Naves mais antigas... o que havia sido praticamente tudo que a Aliança Rebelde tinha para lutar no começo.

Uma pontada nova de culpa retorceu seu estômago como uma lâmina. *Nós fizemos isso*, ela pensou angustiada. *Nossa nave. Nossa culpa.*

– Foi a chuva que matou as plantas?

– O povo do Império tinha um nome para o que estava na chuva – disse a maitrakh. – Eu não sei o que era.

– Então eles vieram logo após o desastre. O Lorde Vader e os outros.

– Sim. – A maitrakh abriu as mãos para abranger a área ao redor delas. – Nós havíamos nos reunido aqui, todos os que tinham sobrevivido e podiam fazer a jornada. Este lugar sempre foi um terreno de trégua entre clãs. Nós tínhamos vindo até aqui para encontrar um meio de sobrevivência. Foi aqui que o Lorde Vader nos encontrou.

Elas caminharam em silêncio por mais um minuto.

– Naquela época, alguns chegaram a acreditar que ele fosse um deus – disse a maitrakh. – Todos temiam a ele e ao poderoso veículo voador prateado que o havia trazido e a seus assistentes do céu. Mas mesmo com o medo havia raiva pelo que os deuses haviam feito para conosco, e quase duas dezenas de guerreiros escolheram atacar.

– E foram devidamente chacinados – Leia disse amargamente. Pensar em primitivos efetivamente desarmados atacando soldados do Império a fez se encolher.

– Eles não foram chacinados – retorquiu a maitrakh, e não havia como se equivocar do orgulho em sua voz. – Apenas três das duas

dezenas morreram na batalha. Por sua vez, eles mataram muitos dos assistentes do Lorde Vader, apesar de suas armas de relâmpagos e roupas de pedra. Foi somente quando o próprio Lorde Vader interferiu que os guerreiros foram derrotados. Mas em vez de nos destruir, como alguns dos assistentes aconselharam, ele nos ofereceu a paz. Paz, a bênção e o auxílio do imperador.

Leia assentiu, mais uma peça do quebra-cabeças se encaixando. Ela havia se perguntado por que o imperador teria se importado com o que para ele não teria sido nada além de um minúsculo grupo de primitivos não humanos. Mas primitivos não humanos com aquele tipo de habilidade natural de combate eram uma coisa completamente diferente.

– Que tipo de auxílio ele trouxe?

– Tudo de que precisávamos – disse a maitrakh. – Comida, remédios e ferramentas chegaram imediatamente. Depois, quando a chuva estranha começou a matar nossas colheitas, ele enviou os droides de metal para começar a limpar o veneno de nossa terra.

Leia se encolheu, novamente se dando conta da vulnerabilidade de seus gêmeos. Mas o kit de análise não havia achado vestígio de nada tóxico no ar quando eles se aproximaram da aldeia, e Chewbacca e Khabarakh tinham feito testes semelhantes no solo. O que quer que estivesse naquela chuva, os droides de descontaminação haviam feito um bom trabalho para eliminar.

– E nada ainda cresce fora da terra que foi limpada?

– Apenas a grama *kholm* – disse a maitrakh. – É uma planta pobre, que não serve como alimento. Mas só ela pode crescer agora, e mesmo ela não cresce mais como outrora.

O que explicava a cor marrom uniforme que ela e Chewbacca tinham visto do espaço. De algum modo, aquela planta em particular havia se adaptado ao solo tóxico.

– Algum dos animais sobreviveu? – ela perguntou.

– Alguns sobreviveram. Os que conseguiam comer a grama *kholm*, e os que por sua vez os comiam. Mas são poucos.

A maitrakh levantou a cabeça, como se olhasse as colinas distantes em sua mente.

– Este lugar nunca foi rico de vida, Lady Vader. Talvez por isso os clãs o escolheram como terreno de trégua. Mas mesmo num lugar tão desolado ainda havia incontáveis animais e plantas. Eles desapareceram agora. – Ela se endireitou, visivelmente colocando a memória de lado. – O Lorde Vader nos ajudou de outras maneiras também. Ele enviou assistentes para educar nossos filhos e filhas nos modos e costumes do Império. Ele emitiu novas ordens para permitir que todos os clãs compartilhassem a Terra Limpa, embora nunca na nossa história todos os clãs tivessem vivido assim tão próximos uns

dos outros. – Ela fez um gesto ao seu redor. – E ele enviou poderosos veículos voadores para o interior da desolação, a fim de encontrar e trazer para nós as *dukhas* dos nossos clãs.

Ela voltou seus olhos escuros e encarou Leia.

– Temos uma paz honrada, Lady Vader. Seja qual for o custo, nós o pagamos de bom grado.

Do outro lado do salão, as crianças aparentemente já tinham terminado sua lição e estavam se levantando. Uma delas conversava com 3PO, fazendo uma espécie de versão truncada de sua mesura que levava o rosto até o chão. O droide respondeu, e o grupo inteiro se virou e se dirigiu para a porta, onde dois adultos os aguardavam.

– Hora do intervalo? – perguntou Leia.

– As aulas do clã acabaram por hoje – disse a maitrakh. – As crianças agora precisam começar sua parte do trabalho na aldeia. Mais tarde, no começo da noite, elas receberão as lições que as capacitarão para um dia servir ao Império.

Leia balançou a cabeça.

– Isso não está certo – ela disse para a maitrakh enquanto as crianças saíam da *dukha* em fila. – Nenhum povo deveria ter de vender seus filhos em troca de vida.

A maitrakh soltou um longo sibilo.

– É a dívida que temos. De que outra forma podemos pagar?

Leia franziu a testa. De fato, como? Obviamente o Império estava bem feliz com a barganha que havia feito; e, depois de ver os comandos Noghri em ação, ela podia entender sua satisfação. Eles não estariam interessados em deixar os Noghri pagar a dívida de outra maneira. E se os próprios Noghri consideravam seu serviço como uma dívida de honra para seus salvadores...

– Eu não sei – ela teve de admitir.

Um movimento lateral chamou sua atenção: Khabarakh, ainda sentado no chão do outro lado do salão, havia caído de lado, com a mão de Chewbacca engolfando seu punho. Aquilo parecia uma luta, só que os sentidos de Chewbacca não indicavam raiva.

– O *que* eles estão fazendo ali? – ela perguntou.

– Seu Wookiee pediu ao meu terceirofilho que o instruísse em nossos métodos de combate – respondeu a maitrakh, com um toque de orgulho novamente na voz. – Wookiees têm grande força, mas nenhum conhecimento da sutileza do combate.

Provavelmente não era uma avaliação com a qual os próprios Wookiees teriam concordado. Mas Leia teve de admitir que Chewbacca, pelo menos, sempre parecera confiar principalmente na força bruta e na precisão da balestra.

– Fico surpreso que ele estivesse disposto a permitir que Khabarakh lhe ensinasse – ela disse. – Ele nunca confiou de verdade no outro.

– Talvez seja a desconfiança que desperte esse interesse – a maitrakh disse secamente.

Leia teve de sorrir.

– Talvez.

Por um minuto elas ficaram observando em silêncio enquanto Khabarakh demonstrava a Chewbacca mais duas chaves de pulso e braço. Elas pareciam ser variantes de técnicas que Leia havia aprendido em sua juventude em Alderaan, e ela estremeceu na hora ao pensar naqueles movimentos com musculatura Wookiee por trás deles.

– Agora a senhora entende o ciclo de nossa vida, Lady Vader – a maitrakh disse baixinho. – A senhora precisa entender que ainda estamos por um fio de seda de aranha. Ainda não temos terra limpa suficiente para cultivar alimento suficiente. Precisamos continuar a comprar do Império.

– Pagamento que requer muito mais do trabalho de seus filhos. – Leia assentiu, fazendo cara de desagrado. Dívida permanente: a mais velha forma de escravidão dissimulada da galáxia.

– Isso também incentiva o envio de nossos filhos para longe – a maitrakh acrescentou com amargura. – Mesmo que o Império permitisse, agora não poderíamos trazer todos os nossos filhos de volta para casa. Não teríamos comida para eles.

Leia voltou a assentir. Era a armadilha mais bem-feita na qual ela já tinha visto alguém ser apanhado. Não deveria ter esperado menos de Vader e do imperador.

– Vocês nunca estarão totalmente livres da dívida – ela disse com franqueza à maitrakh. – Você sabe disso, não sabe? Enquanto forem úteis, o grão-almirante vai se certificar disso.

– Sim – a maitrakh disse com suavidade. – Levou muito tempo, mas agora eu acredito nisso. Se todos os Noghri acreditarem nisso, talvez mudanças possam acontecer.

– Mas o resto dos Noghri ainda acredita que o Império é amigo deles?

– Nem todos acreditam nisso. Mas o bastante. – Ela parou e fez um gesto para o alto. – A senhora vê a luz das estrelas, Lady Vader?

Leia olhou para o prato côncavo que pendia a quatro metros do chão, na interseção das correntes de suporte da parede. Com cerca de um metro e meio de diâmetro, ele era composto de algum tipo de metal negro ou enegrecido e perfurado por centenas de minúsculos furos. Com a luz da borda interna do prato faiscando através deles como estrelas, o efeito total era incrivelmente parecido com o de uma versão estilizada do céu noturno.

– Vejo.

– Os Noghri sempre amaram as estrelas – disse a maitrakh, com a

voz distante e meditativa. – Outrora, muito tempo atrás, nós as venerávamos. Mesmo depois de sabermos o que elas são de fato, elas continuaram nossas amigas. Havia muitos de nós que teriam ido com prazer com o Lorde Vader, mesmo sem a dívida, pela alegria de viajar entre elas.

– Eu entendo – murmurou Leia. – Muitos na galáxia sentem o mesmo. É nossa herança comum, um direito de todos nós.

– Um direito que nós perdemos agora.

– Não perderam – disse Leia, abaixando a cabeça. – Apenas deixaram de lado. – Ela olhou para Khabarakh e Chewbacca. – Talvez se eu conversasse com todos os líderes ao mesmo tempo.

– O que a senhora diria a eles? – perguntou a maitrakh.

Leia mordeu o lábio. *O que* ela diria? Que o Império os estava usando? Mas os Noghri percebiam isso como uma dívida de honra. Que o Império estava fazendo o serviço de limpeza devagar para mantê-los no limite da autossuficiência sem nunca alcançá-lo? Mas, com a velocidade que a descontaminação estava sendo realizada, ela teria dificuldades de provar esse atraso, até para si mesma. Que ela e a Nova República poderiam devolver aos Noghri sua herança? Mas por que eles deveriam acreditar nela?

– Como vê, Lady Vader – a maitrakh disse para o silêncio. – Talvez as coisas um dia mudem. Mas, até lá, sua presença aqui é um perigo tanto para nós quanto para a senhora. Eu honrarei o pedido de proteção feito pelo meu terceirofilho, e não revelarei sua presença a nosso senhor, o grão-almirante. Mas a senhora deve ir embora.

Leia respirou fundo.

– Sim – ela disse, e a palavra feriu sua garganta. Ela havia colocado tanta esperança nas mudanças que suas habilidades diplomáticas e Jedi poderiam proporcionar ali... Esperança de que essas habilidades, somadas ao acidente de sua linhagem, lhe permitissem tirar os Noghri de sob o punho do Império e levá-los para a Nova República.

E agora a competição havia acabado, quase antes de ter começado. *Pelo espaço, o que estava pensando quando vim até aqui?*, ela se perguntou tristemente.

– Eu vou embora – falou em voz alta – porque não desejo trazer problemas para você ou sua família. Mas chegará o dia, maitrakh, em que seu povo verá por si mesmo o que o Império está fazendo com ele. Quando isso acontecer, lembre-se de que eu sempre estarei pronta para ajudá-los.

A maitrakh se curvou.

– Talvez esse dia chegue em breve, Lady Vader. Eu o aguardo, assim como outros.

Leia assentiu, forçando um sorriso. Tudo acabado antes de

começar...

– Então precisamos nos preparar para...

Ela foi interrompida quando, do outro lado do salão, as portas duplas foram escancaradas e uma das crianças que guardavam a porta entrou apressada.

– *Maitrakh*! – ele quase gritou. – *Mira'kh saar khee hrach'mani vher ahk!*

Khabarakh se levantou num instante; pelo canto do olho, Leia viu 3PO ficar rígido.

– O que foi? – ela quis saber.

– É o veículo voador de nosso senhor, o grão-almirante – disse a maitrakh, o rosto e a voz subitamente muito cansados e muito alienígenas.

– E ele está vindo para cá.

CAPÍTULO 13

Durante um único segundo Leia encarou a maitrakh, com os músculos paralisados em choque. Ela havia perdido o controle de sua mente, que não conseguia engolir o que estava acontecendo – era como se estivesse escorregando sobre gelo. Não. Não podia ser verdade. *Não podia*. O grão-almirante tinha estado ali na noite anterior, certamente não estaria voltando. Não tão cedo.

E então, ao longe, ela ouviu o som fraco das plataformas repulsoras se aproximando, e a paralisia desapareceu.

– Precisamos sair daqui – disse ela. – Chewie...?

– Não há tempo – gritou Khabarakh, correndo até elas com Chewbacca bem nos seus calcanhares. – A nave auxiliar já deve estar à vista bem abaixo das nuvens.

Leia olhou apressadamente ao redor do salão, amaldiçoando silencio-samente seu momento de indecisão. Não havia janelas; não havia outras portas; nenhuma cobertura a não ser a pequena cabine que ficava de frente para o mapa genealógico de parede do outro lado da *dukha*. Não havia saída.

– Você tem certeza de que ele está vindo para cá? – Leia perguntou a Khabarakh, percebendo ao falar que a pergunta era perda de tempo. – Aqui para a *dukha*, quero dizer?

– Para onde mais iria? – Khabarakh retrucou amargo, voltando os olhos para a maitrakh. – Talvez não tenhamos conseguido enganá-lo como pensávamos.

Leia voltou a olhar ao redor da *dukha*. Se a nave auxiliar pousasse perto das portas duplas, haveria um espaço de alguns segundos antes que os imperiais entrassem, quando a parte de trás do edifício ficaria fora da vista deles. Se ela usasse esses segundos para abrir um buraco de fuga para todos com seu sabre de luz...

A sugestão que Chewbacca grunhiu refletiu seu próprio pensamento.

– Sim, mas cortar um buraco não é o problema – ela ressaltou. – O problema é como fechá-lo depois.

O Wookiee voltou a grunhir, apontando com sua mão enorme na direção da cabine.

– Bem, ele irá esconder o buraco pelo lado de dentro, de qualquer maneira – Leia concordou sem muita certeza. – Suponho que isso seja melhor do que nada. – Ela olhou para a maitrakh, subitamente ciente de que cortar parte da *dukha* de seu antigo clã poderia ser um sacrilégio.

– Maitrakh...

– Se deve ser feito, que o seja – a Noghri a interrompeu com rispidez. Ela mesma ainda estava em estado de choque; mas diante dos olhos de Leia ela voltou a se recompor. – Você não deve ser encontrada aqui.

Leia mordeu o lábio. Ela tinha visto aquela mesma expressão diversas vezes no rosto de Khabarakh durante a viagem de Endor até lá. Era um olhar que passara a interpretar como sendo de arrependimento pela decisão dele de levá-la para seu lar.

– Agiremos com o máximo de discrição possível – ela garantiu à maitrakh, tirando o sabre de luz do cinto. – E, assim que o grão-almirante tiver partido, Khabarakh poderá pegar sua nave de volta e nos tirar...

Ela parou quando Chewbacca rugiu exigindo silêncio. Bem de leve, ao longe, eles podiam ouvir o som da nave auxiliar se aproximando; e então, subitamente, outro zumbido muito familiar passou pela *dukha*.

– Bombardeiros de ataque Scimitar – Leia disse baixinho, ouvindo no zumbido o som do desmoronamento de seu plano improvisado. Com bombardeiros imperiais fazendo voos de cobertura por sobre suas cabeças, seria impossível que eles se esgueirassem para fora da *dukha* sem ser vistos.

O que só lhes deixava com uma única opção.

– Vamos ter que nos esconder na cabine – ela disse a Chewbacca, fazendo uma rápida estimativa de seu tamanho enquanto corria na direção dela. Se o telhado inclinado que subia da borda dianteira até a parede da *dukha* não fosse apenas decoração, deveria haver espaço suficiente tanto para ela quanto para Chewbacca ali dentro...

– A senhora deseja que eu também entre, Sua Alteza?

Leia parou de repente, virando-se chocada e desconcertada. Ela havia se esquecido completamente de C-3PO.

– Não haverá espaço suficiente – a maitrakh sibilou. – Sua presença aqui nos traiu, Lady Vader...

– Silêncio! – Leia disse com rispidez, dando mais uma olhada desesperada ao redor da *dukha*. Mas não havia outro lugar para se esconder.

A não ser...

Ela olhou para o prato estelar pendurado no meio do salão.

– Vamos ter que colocá-lo lá em cima – ela disse a Chewbacca, apontando para lá. – Você acha que consegue...?

Não houve necessidade de terminar a pergunta. Chewbacca já havia agarrado 3PO e estava se dirigindo a toda a velocidade na direção do mais próximo pilar de tronco de árvore, jogando por cima do ombro o droide, que começava a protestar freneticamente. O Wookiee saltou para o pilar numa altura de dois metros; suas garras de escalada ocultas o ancoraram com solidez à madeira. Três impulsos rápidos o levaram até o alto da parede; e, com o droide semi-histérico equilibrado precariamente, ele começou a correr ao longo da corrente, colocando uma mão na frente da outra.

– Quieto, 3PO – Leia disse a ele da porta da cabine, dando uma

rápida olhada em seu interior. O teto de fato acompanhava a inclinação do telhado, dando à parte dos fundos da cabine uma altura consideravelmente maior do que à frente, e havia um banco baixo encostado na parede dos fundos. Ficaria bem apertado, mas eles provavelmente caberiam. – Melhor ainda, desligue-se: eles podem estar com os sensores acionados – ela acrescentou.

Embora, se isso fosse verdade, o jogo já tivesse acabado para eles. Escutando o zumbido das plataformas repulsoras cada vez mais próximo, ela só podia torcer para que, depois do resultado negativo dos sensores na noite anterior, eles não se dessem ao trabalho de tentar novamente.

Chewbacca já havia chegado ao centro. Puxando a si mesmo mais para cima pela corrente com uma das mãos, ele atirou 3PO dentro do prato estelar sem nenhuma cerimônia. O droide deu um último grito agudo de protesto, que foi cortado no meio quando o Wookiee enfiou a mão dentro do prato e o desligou. Caindo ao chão com um impacto seco, ele já começou a correr no instante em que os repulsores do lado de fora foram desligados.

– Depressa! – sibilou Leia, mantendo a porta aberta para ele. Chewbacca – atravessou a *dukha* e mergulhou pela abertura estreita, pulando sobre o banco e se virando para ficar de frente para a entrada, a cabeça encalacrada no teto inclinado e as pernas abertas em ambos os lados do banco. Leia se esgueirou para trás dele, sentando-se no espaço estreito entre as pernas do Wookiee.

Eles tiveram tempo apenas para fechar a porta antes que as portas duplas da *dukha* se abrissem com um estrondo.

Leia fez pressão contra a parede dos fundos da cabine e as pernas de Chewbacca, forçando-se a respirar devagar e silenciosamente e repassando as técnicas de ampliação sensorial Jedi que Luke lhe havia ensinado. Por cima dela, a respiração de Chewbacca roçava em suas orelhas e o calor de seu corpo fluía como uma cascata invisível sobre sua cabeça e ombros. Ela se deu conta súbita e profundamente do peso e do tamanho de sua barriga e dos pequenos movimentos dos gêmeos dentro dela; da dureza do banco no qual estava sentada; dos cheiros misturados de pelo de Wookiee, da madeira alienígena ao seu redor, e de seu próprio suor. Atrás dela, do outro lado da parede da *dukha*, ela podia ouvir o som de passos decididos e o tilintar ocasional de rifles laser contra armaduras de stormtroopers, e agradeceu silenciosamente por terem abandonado seu plano anterior de tentarem fugir por aquele caminho.

E, do interior da *dukha*, ela pôde ouvir vozes.

– Bom dia, maitrakh – disse uma voz calma, friamente modulada. – Vejo que seu terceirofilho, Khabarakh, está aqui com você. Quão conveniente.

Leia estremeceu; o roçar de sua túnica contra a pele parecia soar horrivelmente alto em seus ouvidos. Aquela voz tinha o tom inconfundível de um comandante do império, mas possuía uma calma e o puro peso da autoridade por trás dela. Uma autoridade que ultrapassava até mesmo a condescendência arrogante do governador Tarkin, que ela havia suportado a bordo da Estrela da Morte.

Só podia ser o grão-almirante.

– Eu o saúdo, meu senhor – miou a voz da maitrakh, seu próprio tom de voz rigidamente controlado. – Estamos honrados pela sua visita.

– Obrigado – disse o grão-almirante, seu tom de voz ainda educado mas com uma nova camada de aço por baixo da superfície. – E você, Khabarakh do clã Kihm'bar. Também está satisfeito com minha presença aqui?

Lenta e cuidadosamente, Leia virou a cabeça para a direita, esperando conseguir dar uma olhada no recém-chegado pela grade escura da janela da cabine. Não adiantou; eles ainda estavam todos perto das portas duplas, e ela não ousava aproximar o rosto demais da grade. Porém, quando foi voltar à posição anterior, ouviu o som de passos bem medidos... e um instante depois, no centro da *dukha*, o grão-almirante apareceu.

Leia o encarou através da grade e um arrepio gélido percorreu todo o seu corpo. Ela tinha ouvido a descrição de Han do homem que vira em Myrkr: a pele azul-clara, os olhos vermelhos brilhantes, o uniforme imperial branco. Ela também tinha ouvido Fey'lya chamar o homem de impostor, ou, na melhor das hipóteses, um moff autopromovido. E ela havia se perguntado intimamente se Han por acaso não poderia ter se enganado.

Agora ela sabia que não.

– É claro, meu senhor – Khabarakh respondeu a pergunta do grão-almirante. – Por que eu não estaria?

– Você fala com seu senhor, o grão-almirante, num tom de voz desses? – uma voz noghri desconhecida exigiu saber.

– Peço desculpas – disse Khabarakh. – Eu não tive a intenção de ser desrespeitoso.

Leia fez uma careta. Sem dúvida que não; mas o estrago já estava feito. Mesmo com sua relativa inexperiência nas sutilezas da fala noghri, ela conseguiu identificar que as palavras haviam soado rápidas e defensivas demais. Para o grão-almirante, que conhecia aquela raça bem melhor do que ela...

– *Qual* foi então a sua intenção? – o grão-almirante perguntou, virando-se para encarar Khabarakh e a maitrakh.

– Eu... – Khabarakh ficou perdido. O grão-almirante permaneceu ali parado em silêncio, aguardando. – Desculpe, meu senhor –

Khabarakh finalmente conseguiu falar. – Eu fiquei muito surpreso por sua visita à nossa simples aldeia.

– Uma desculpa óbvia – disse o grão-almirante. – Possivelmente até mesmo uma desculpa crível... só que você não ficou muito surpreso pela minha visita ontem à noite. – Ele ergueu uma sobrancelha. – Ou você não esperava me encontrar novamente tão cedo?

– Meu senhor...

– Qual é a pena dos Noghri por mentir ao senhor do seu superclã? – interrompeu o grão-almirante, com a voz fria e subitamente ríspida. – É a morte, como nos velhos tempos? Ou os Noghri não prezam mais por conceitos antiquados como a honra?

– Meu senhor não tem o direito de trazer tais acusações contra um filho do clã Kihm'bar – a maitrakh falou com rigidez.

O grão-almirante desviou o olhar ligeiramente.

– A senhora faria muito bem em guardar seus conselhos para si mesma, maitrakh. Este filho em particular do clã Kihm'bar mentiu para mim, e eu não encaro essas questões com leviandade. – O olhar brilhante foi desviado. – Conte-me, Khabarakh do clã Kihm'bar, sobre sua prisão em Kashyyyk.

Leia segurou firme seu sabre de luz; as estrias de metal frio do cabo espetavam a palma de sua mão. Foi durante a breve prisão de Khabarakh em Kashyyyk que ele fora convencido a levá-la até Honoghr. Se Khabarakh contasse de repente toda a história...

– Não estou entendendo – disse Khabarakh.

– É mesmo? – retrucou o grão-almirante. – Então me permita refrescar sua memória. Você não escapou de Kashyyyk como afirmou em seu relatório e repetiu noite passada na presença de sua família e do dinasta de seu clã. Você foi, na verdade, capturado pelos Wookiees após o fracasso de sua missão. E você passou aquele mês desaparecido, não meditando, mas sendo interrogado numa prisão wookiee. Isso ajuda a melhorar sua memória?

Leia respirou fundo, sem se atrever a acreditar no que estava ouvindo. Entretanto, mesmo descobrindo sobre a captura de Khabarakh, o grão-almirante havia pegado aquele fato e seguido exatamente na direção oposta. Eles tinham uma segunda chance, se Khabarakh conseguisse ficar calmo e manter o engodo um pouco mais.

Talvez a maitrakh também não confiasse na disposição dele.

– Meu terceirofilho não mentiria sobre tais assuntos, meu senhor – ela disse antes que Khabarakh pudesse responder. – Ele sempre compreendeu os deveres e as exigências da honra.

– É verdade? – retrucou o grão-almirante. – Um comando Noghri, capturado pelo inimigo para interrogatório, e ainda vivo? São esses o dever e a exigência da honra?

– Eu não fui capturado, meu senhor – Khabarakh disse com rigidez.

– Minha fuga de Kashyyyk foi como falei.

Por vários segundos o grão-almirante olhou fixo na direção dele, em silêncio.

– E eu digo que você mente, Khabarakh do clã Kihm'bar – ele respondeu baixinho. – Mas não importa. Com ou sem a sua cooperação, obterei a verdade sobre o mês que você passou sumido e o preço que pagou pela sua liberdade. Rukh?

– Meu senhor – disse a terceira voz noghri.

– Khabarakh do clã Kihm'bar está a partir deste momento sob prisão do Império. Você e o Soldado Dois irão escoltá-lo a bordo da nave auxiliar dos soldados e levá-lo de volta à *Quimera* para interrogatório.

Ouviu-se um sibilar agudo.

– Meu senhor, isto é uma violação...

– Você ficará em silêncio, maitrakh – o grão-almirante a interrompeu. – Ou será aprisionada junto com ele.

– Eu não me calarei – a maitrakh resfolegou. – Um Noghri acusado de traição ao superclã deve ser entregue aos dinastas do clã para que se cumpram as antigas leis de descoberto e julgamento. É a lei.

– Eu não estou sob a lei noghri – o grão-almirante disse com frieza. – Khabarakh é um traidor do Império. Pelas regras do Império ele será julgado e condenado.

– Os dinastas do clã exigirão...

– Os dinastas do clã não estão em posição de exigir nada – gritou o grão-almirante, tocando o cilindro de comlink enfiado ao lado da insígnia em sua túnica. – Você requer um lembrete do que significa desafiar o Império?

Leia ouviu o som fraco do suspiro da maitrakh.

– Não, meu senhor – ela disse, a voz admitindo a derrota.

O grão-almirante a estudou.

– Você terá um mesmo assim.

Ele voltou a tocar o comlink...

E subitamente o interior da *dukha* brilhou com uma rajada cegante de luz verde.

Leia jogou a cabeça para trás, nas pernas de Chewbacca, espremendo as pálpebras contra a súbita dor excruciante que percorreu seus olhos e rosto. Por um único e aterrador segundo, ela achou que a *dukha* havia sofrido um ataque direto – uma rajada de turbolaser poderosa o bastante para derrubar toda aquela estrutura e transformá-la em uma pilha de ruínas em chamas. Mas a imagem residual queimada em sua retina mostrava o grão-almirante ainda parado em pé, orgulhoso, imóvel; e, embora com atraso, ela compreendeu.

Ela tentava desesperadamente reverter sua ampliação sensorial

quando o trovão atingiu a lateral de sua cabeça, como o tapa de um Wookiee zangado.

Mais tarde, ela teria uma vaga lembrança de várias outras rajadas de turbolaser, vistas e ouvidas apenas de modo abafado por entre a espessa névoa cinzenta que cobria sua mente, enquanto o destróier estelar em órbita disparava diversas vezes nas colinas que cercavam a aldeia. Quando sua cabeça latejante finalmente a arrastou de volta à consciência plena, o lembrete do grão-almirante havia acabado, e o último trovão reboava ao longe.

Cautelosamente, ela abriu os olhos, forçando um pouco a vista por causa da dor. O grão-almirante ainda estava em pé no mesmo ponto de antes, no centro da *dukha*... e, quando o último trovão se dissipou no silêncio, ele falou:

– *Eu* sou a lei em Honoghr agora, maitrakh – ele disse, num tom baixo e mortífero de voz. – Se eu decidir seguir as antigas leis, eu as seguirei. Se decidir ignorá-las, elas serão ignoradas. Está claro?

A voz, quando respondeu, era quase alienígena demais para se reconhecer. Se o objetivo da demonstração do grão-almirante havia sido o de apavorar a maitrakh a ponto de ela quase perder a cabeça, ele havia claramente conseguido.

– Sim, meu senhor.

– Ótimo. – O grão-almirante deixou o frágil silêncio pender no ar por mais um momento. – Entretanto, para servos leais do Império, estou preparado para fazer concessões. Khabarakh será interrogado a bordo da *Quimera*; mas, antes disso, eu permitirei a primeira etapa das leis antigas de descoberta. – Ele virou ligeiramente a cabeça. – Rukh, leve Khabarakh do clã Kihm'bar até o centro de Nystao e o apresente aos dinastas do clã. Talvez três dias de humilhação pública sirvam para lembrar ao povo Noghri de que ainda estamos em guerra.

– Sim, meu senhor.

Ouviram-se o som de passos, e a abertura e o fechamento das portas duplas. Curvado contra o teto acima dela, Chewbacca grunhia suavemente para si mesmo; seus sentidos eram um torvelinho impossível de ler. Leia rilhou os dentes, com tanta força que a cabeça ainda latejante começou a pulsar ainda mais forte de dor. Humilhação pública... e alguma coisa chamada de leis da descoberta.

A Aliança Rebelde havia destruído Honoghr sem querer. Agora, ao que parecia, ela faria a mesma coisa com Khabarakh.

O grão-almirante ainda estava parado no meio da *dukha*.

– Você está muito quieta, maitrakh – ele disse.

– Meu senhor ordenou que eu ficasse em silêncio – ela retrucou.

– É claro. – Ele a estudou. – Lealdade ao seu clã e à sua família é uma coisa boa, maitrakh. Mas estender essa lealdade a um traidor seria estupidez. E algo potencialmente desastroso para sua família e

seu clã.

– Eu não ouvi provas de que meu terceirofilho seja traidor.

O grão-almirante torceu o lábio.

– Ouvirá – ele prometeu suavemente.

Ele caminhou na direção das portas duplas, saindo do campo de visão de Leia, e ela ouviu o som das portas se abrindo. Os passos pararam, cla-ramente esperando; e um momento depois os passos mais suaves da maitrakh se juntaram aos dele. Ambos saíram, as portas tornaram a se fechar, e Leia e Chewbacca ficaram sozinhos.

Sozinhos. Em território inimigo. Sem nave. E com seu único aliado prestes a ser interrogado pelo Império.

– Chewie – ela disse baixinho –, eu acho que estamos em apuros.

CAPÍTULO 14

Uma das primeiras coisas que qualquer viajante observador aprendia a respeito da viagem interestelar era que um planeta visto do espaço quase nunca se parecia com seus mapas oficiais. A cobertura de nuvens dispersas, as sombras das cordilheiras, os efeitos de alteração de contorno de grandes extensões de vegetação e os truques de iluminação em geral – tudo se combinava para disfarçar e distorcer as belas e limpas linhas de computador traçadas pelos cartógrafos. Esse era um efeito que havia provavelmente colocado muitos dos navegadores iniciantes em apuros, além de ter fornecido munição para incontáveis trotes praticados contra eles por seus colegas de nave mais experientes.

Foi, portanto, um tanto surpreendente descobrir que, naquele dia em particular e vindo daquele ângulo em especial, o maior continente do planeta Jomark de fato parecia quase exatamente um mapa precisamente detalhado. Naturalmente, para ser justo, era um continente bem pequeno.

E em algum lugar daquele continente de aspecto perfeito havia um mestre Jedi.

Luke batucou com os dedos gentilmente na borda do seu painel de controle, espiando a vastidão marrom-esverdeada da tampa de seu X-wing. Ele podia sentir a presença do outro Jedi – havia sido capaz de senti-la, na verdade, desde que saíra do hiperespaço – mas até agora não conseguira fazer um contato mais direto. *Mestre C'baoth?*, ele chamou silenciosamente, tentando mais uma vez. *Aqui é Luke Skywalker. Pode me ouvir?*

Não houve resposta. Ou Luke não estava fazendo a coisa direito, ou C'baoth não estava sendo capaz de responder... ou então aquele era um teste deliberado das habilidades de Luke.

Bem, se era um teste, ele topava.

– Vamos efetuar um foco de sensor no continente principal, R2 – ele gritou, olhando por cima de seus displays e tentando se colocar no estado de espírito de um mestre Jedi que andou fora de circulação por algum tempo. O grosso da área de terra de Jomark ficava naquele único continente pequeno – não muito maior do que uma ilha grande, na verdade – mas também havia milhares de ilhas muito menores espalhadas em aglomerados ao redor do vasto oceano. Ao todo, chegariam provavelmente a 300 mil quilômetros quadrados de terra seca, o que permitia uma quantidade enorme de possibilidades de erro. – Faça uma varredura em busca de tecnologia, e veja se consegue captar os principais centros populacionais.

R2 assoviou baixinho para si mesmo enquanto rodava as leituras dos sensores do X-wing pelos seus algoritmos programados para formas de vida. Ele emitiu uma série de bips, e um padrão de pontinhos apareceu sobreposto à imagem do visor.

– Obrigado – disse Luke, estudando o visor. Não o surpreendeu que a maioria da população parecesse viver ao longo da costa. Mas havia um punhado de centros, menores, no interior também. Incluindo o que parecia ser um aglomerado de aldeias perto da margem sul de um lago em forma de um círculo quase perfeito.

Ele franziu a testa para a imagem, digitou um comando para uma sobreposição de contornos. Via agora que aquilo não era simplesmente um lago comum, mas algo que havia se formado dentro do que restara de uma montanha em forma de cone, com um cone menor formando uma ilha maior no centro. De origem provavelmente vulcânica, a julgar pelo terreno montanhoso ao redor dela.

Uma região selvagem coberta de montanhas, onde um mestre Jedi poderia ter vivido em privacidade por bastante tempo. E um aglomerado de aldeias próximas de onde ele poderia ter emergido de seu isolamento quando finalmente estivesse pronto para isso.

Era um lugar tão bom para começar quanto qualquer outro.

– Ok, R2, aqui está o alvo para pouso – ele disse ao droide, marcando-o no seu visor. – Vou descer; fique observando os sensores e me avise se achar algo de interessante.

R2 emitiu um bip questionador e um tanto nervoso.

– Sim, ou algo de suspeito – concordou Luke. R2 nunca acreditara completamente que o ataque imperial a eles, da última vez que tentaram ir até ali, havia sido pura coincidência.

Entraram na atmosfera, passando para os repulsores aproximadamente na metade do caminho de descida e nivelando logo abaixo dos topos das montanhas mais altas. Visto bem de perto, o território era bem irregular, mas não tão desolado quanto Luke havia pensado. A vegetação era rica nos vales entre as montanhas, embora fosse esparsa nas laterais rochosas das elevações. A maioria das falhas sobre as quais eles voavam parecia ter pelo menos duas casas aninhadas nelas e, às vezes, até mesmo uma aldeia, cujo tamanho fora pequeno demais para que os sensores limitados do X-wing notassem.

Eles estavam se aproximando do lago pelo sudoeste quando R2 avistou a mansão empoleirada em sua borda.

– Nunca vi um design parecido antes – comentou Luke. – Está captando alguma leitura de vida dali?

R2 soltou um chilrear: inconclusivo.

– Bem, vamos tentar – decidiu Luke, digitando o ciclo de pouso. – Se estivermos errados, pelo menos será uma caminhada morro abaixo para ver todo o resto.

A mansão estava em um pequeno pátio bordejado por uma cerca que parecia servir mais para decoração do que para defesa. Desligando a velocidade dianteira do X-wing, ele manobrou a nave até que ficasse em paralelo à cerca e parou a poucos metros fora de seu único portão.

Estava no processo de desligar os sistemas quando um trinado de alerta de R2 o fez levantar a cabeça mais uma vez.

Parada logo na entrada do portão, observando os dois, estava a figura de um homem.

Luke olhou para ele; seu coração começava a bater um pouco mais forte. O homem era velho, obviamente; os cabelos e a longa barba grisalhas que os ventos da montanha sopravam em seu rosto coberto de rugas eram evidência disso. Mas seus olhos eram profundamente alertas; sua postura, ereta e orgulhosa, não se deixava afetar nem mesmo pelas rajadas mais fortes de vento, e o manto marrom entreaberto revelava um peito de musculatura forte.

– Termine de desligar tudo, R2 – disse Luke, ouvindo o ligeiro tremor na própria voz ao retirar o capacete e abrir a tampa do X-wing. Pondo-se de pé, ele deu um leve salto pela lateral da cabine até o chão.

O velho nem havia se movido. Respirando fundo, Luke caminhou até onde ele estava.

– Mestre C'baoth – ele disse, curvando ligeiramente a cabeça. – Eu sou Luke Skywalker.

O outro deu um leve sorriso.

– Sim – ele disse. – Eu sei. Bem-vindo a Jomark.

– Obrigado – disse Luke, soltando a respiração num suspiro silencioso. Finalmente. Havia sido uma jornada longa e tortuosa, com paradas inesperadas em Myrkr e Sluis Van. Mas ele havia chegado, afinal.

Era como se C'baoth estivesse lendo sua mente. E talvez estivesse mesmo.

– Eu o estava esperando há bem mais tempo – ele disse num tom reprovador.

– Sim, senhor – disse Luke. – Desculpe-me. As circunstâncias fugiram ao meu controle.

– Por quê? – retrucou C'baoth.

A pergunta pegou Luke de surpresa.

– Não entendi.

O outro estreitou ligeiramente os olhos.

– Como assim, você não entendeu? – ele exigiu saber. – Você é ou não é um Jedi?

– Sim, ora...

– Então você deveria estar no controle – C'baoth disse com firmeza. – No controle de si mesmo, no controle das pessoas e dos acontecimentos ao seu redor. Sempre.

– Sim, mestre – Luke disse com cuidado, tentando esconder sua confusão. O único outro mestre Jedi que ele havia conhecido fora Yoda... mas Yoda nunca tinha dito nada assim.

Por mais um momento foi como se C’baoth o estudasse. Então, bruscamente, a rigidez de seu rosto desapareceu.

– Mas você veio – ele disse; as rugas em seu rosto se deslocaram quando ele sorriu. – Isso é o que importa. Eles não foram capazes de impedi-lo.

– Não – disse Luke. – Mas tentaram. Devo ter passado por quatro ataques do Império desde que comecei minha jornada para cá.

C’baoth olhou para ele com argúcia.

– É mesmo? Os ataques foram direcionados especificamente a você?

– Um foi – respondeu Luke. – Nos outros eu simplesmente estava no lugar errado na hora errada. Ou quem sabe no lugar certo na hora certa – corrigiu.

O olhar aguçado se desvaneceu do rosto de C’baoth, substituído por algo distante.

– Sim – ele murmurou, olhando ao longe, na direção da beira do penhasco e do lago em forma de círculo bem abaixo. – O lugar errado na hora errada. O epitáfio de tantos Jedi. – Ele voltou a olhar para Luke. – O Império os destruiu, você sabe.

– Sim, eu sei – disse Luke. – Eles foram caçados pelo imperador e por Darth Vader.

– E um ou dois Jedi Sombrios com eles – C’baoth disse amargo, o olhar voltado para dentro. – Jedi Sombrios como Vader. Eu combati o último deles em... – ele parou, balançando a cabeça devagar. – Há tanto tempo.

Luke assentiu desconfortavelmente, sentindo como se estivesse parado sobre areia movediça. Todas aquelas estranhas mudanças de assunto e de temperamento eram difíceis de acompanhar. Resultado do isolamento de C’baoth? Ou aquilo seria mais um teste – desta vez da paciência de Luke?

– Há muito tempo – ele concordou. – Mas os Jedi podem voltar a viver. Temos a chance de reconstruir.

A atenção de C’baoth se voltou para ele.

– Sua irmã – ele disse. – Sim. Ela vai dar à luz gêmeos Jedi em breve.

– Jedi em potencial, pelo menos – disse Luke, um pouco surpreso que C’baoth já estivesse sabendo da gravidez de Leia. Os assessores de imprensa da Nova República haviam disseminado a notícia amplamente, mas ele achava que Jomark ficava longe demais do centro para ter ficado sabendo. – Os gêmeos são o motivo pelo qual eu vim, na verdade.

– Não – disse C’baoth. – O motivo pelo qual você veio até aqui foi porque eu o chamei.

– Bem... sim. Mas...

– Não existe *mas*, Jedi Skywalker – C'baoth o interrompeu bruscamente. – Ser um Jedi é ser um servo da Força. Eu chamei você por intermédio da Força; e, quando a Força chama, você deve obedecer.

– Eu entendo – Luke voltou a assentir, desejando realmente ter entendido. Será que C'baoth estava simplesmente falando de modo figurado? Ou esse seria mais um tópico que seu treinamento havia deixado de cobrir? Ele estava bastante familiarizado com os aspectos gerais de controle da Força; eram eles que o mantinham vivo toda vez que colocava seu sabre de luz para combater o fogo das armas de raios. Mas um "chamado" literal era uma coisa completamente diferente. – Quando diz que a Força o chama, mestre C'baoth, o senhor quer dizer...?

– Há dois motivos pelos quais o chamei – C'baoth voltou a interrompê-lo. – Primeiro, para completar seu treinamento. E segundo, porque preciso de sua ajuda.

Luke piscou várias vezes.

– Minha ajuda?

C'baoth deu um sorriso triste, e seus olhos subitamente estavam muito cansados.

– Eu estou chegando ao fim da minha vida, Jedi Skywalker. Em pouco tempo farei aquela longa jornada desta vida para o que existe além.

Luke sentiu um nó na garganta.

– Eu lamento – foi tudo o que conseguiu dizer.

– É o caminho de todas as formas de vida – C'baoth deu de ombros. – Tanto para os Jedi quanto para seres inferiores.

A memória de Luke voltou para Yoda, deitado em seu leito de morte na sua casa em Dagobah... e sua própria sensação de impotência, de que não podia fazer nada a não ser ficar olhando. Não era uma experiência pela qual ele realmente quisesse passar de novo.

– Como posso ajudar? – ele perguntou baixinho.

– Aprendendo comigo – respondeu C'baoth. – Abra-se para mim; absorva de mim a sabedoria, experiência e poder. Assim você levará consigo minha vida e meu trabalho.

– Entendo – assentiu Luke, se perguntando a exatamente que trabalho o outro se referia. – Mas o senhor entende que eu tenho meu próprio trabalho a fazer...

– E você está preparado para fazê-lo? – C'baoth perguntou, arqueando as sobrancelhas. – *Totalmente* preparado? Ou veio até aqui sem ter nada a me pedir?

– Bem, na verdade sim – Luke teve de admitir. – Eu vim em nome da Nova República, para pedir sua ajuda na luta contra o Império.

– Com que finalidade?

Luke franziu a testa. Ele achava que os motivos eram evidentes.

– A eliminação da tirania do Império. O estabelecimento da liberdade e da justiça para todos os seres da galáxia.

– Justiça. – C'baoth torceu o lábio. – Não busque a justiça em seres inferiores, Jedi Skywalker. – Ele bateu no próprio peito duas vezes, dois movimentos rápidos das pontas dos dedos. – Nós somos a verdadeira justiça desta galáxia. Nós dois, e o novo legado dos Jedi que forjaremos para nos seguir. Deixe as batalhas mesquinhas para os outros, e se prepare para esse futuro.

– Eu... – Luke ficou perdido, procurando uma resposta para isso.

– De que os gêmeos ainda não nascidos de sua irmã precisam? – C'baoth exigiu saber.

– Eles precisam... Bem, eles um dia irão precisar de um professor – Luke disse a ele, as palavras saindo com uma estranha relutância. Ele sabia que primeiras impressões eram sempre enganadoras, mas naquele momento não estava tão certo de que aquele era o tipo de homem que ele queria que ensinasse a seu sobrinho e sua sobrinha. C'baoth parecia muito volúvel, quase no limite da instabilidade. – Meio que já estão supondo que eu vou ensinar a eles quando tiverem idade o bastante, assim como estou ensinando a Leia. O problema é que apenas ser um Jedi não significa necessariamente que você possa ser um bom professor. – Ele hesitou. – Obi-wan Kenobi se culpava pela virada de Vader para o lado sombrio. Não quero que isso aconteça com os filhos de Leia. Pensei que talvez o senhor pudesse me ensinar os métodos adequados de instrução Jedi...

– Perda de tempo – disse C'baoth, dando de ombros com descaso. – Traga-os aqui. Eu mesmo os ensinarei.

– Sim, mestre – disse Luke, escolhendo as palavras com cuidado. – Agradeço a oferta. Mas, como disse, o senhor tem seu próprio trabalho a fazer. Eu só preciso mesmo de algumas indicações...

– E quanto a você, Jedi Skywalker? – C'baoth tornou a interrompê-lo. – Você mesmo não precisa aprender mais? Em questões de julgamento, talvez?

Luke rilhou os dentes. Toda aquela conversa estava fazendo com que ele se sentisse muito mais transparente do que ele realmente queria.

– Sim, gostaria de aprender mais nessa área – ele admitiu. – Às vezes acho que o mestre Jedi que me ensinou esperava que eu aprendesse isso sozinho.

– É tão somente uma questão de ouvir a Força – C'baoth disse vigorosamente. Por um momento seus olhos pareceram perder o foco; depois voltaram. – Mas venha. Vamos descer até as aldeias e lhe mostrarei.

Luke sentiu suas sobrancelhas subirem.

– Agora?

– Por que não? – C'baoth deu de ombros. – Chamei um piloto; ele irá nos encontrar na estrada. – Seu olhar se desviou para alguma coisa acima do ombro de Luke. – Não: fique aí – ele disse com rispidez.

Luke se virou. R2 havia se elevado para fora do soquete de droides do X-wing e estava saindo pela parte superior do casco.

– É apenas o meu droide – ele disse a C'baoth.

– Ele ficará onde está – C'baoth disse entre dentes. – Droides são uma abominação: criações que raciocinam, mas não são genuinamente parte da Força.

Luke franziu a testa. De fato, droides eram únicos naquele sentido, mas esse não era motivo para rotulá-los como abominações. Porém não era hora nem lugar para discutir a questão.

– Vou ajudá-lo a voltar ao seu soquete – ele tentou acalmar C'baoth, correndo de volta para a nave. Usando a Força, ele pulou até o casco ao lado de R2. – Desculpe, R2, mas você vai ter que ficar aqui – ele disse ao droide. – Venha, vamos botar você de volta.

R2 soltou um bip de indignação.

– Eu sei, e lamento – disse Luke, guiando o cilindro de metal achatado de volta ao seu soquete. – Mas mestre C'baoth não quer que você venha junto. É até melhor que você espere aqui do que no solo; pelo menos assim você terá o computador do X-wing para conversar.

O droide tornou a chilrear, um som melancólico e ligeiramente nervoso desta vez.

– Não, acho que não há nenhum perigo – Luke lhe garantiu. – Se você está preocupado, pode ficar de olho em mim pelos sensores do X-wing. – Ele abaixou a voz até um murmúrio. – E por falar nisso, quero que comece a fazer uma varredura completa de sensores da região. Veja se consegue encontrar alguma vegetação que pareça distorcida, como aquela árvore torta que cresce sobre a caverna do lado sombrio em Dagobah. Ok?

R2 emitiu um bip afirmativo um tanto divertido.

– Ótimo. Vejo você mais tarde – Luke falou e pulou para o chão. – Estou pronto – ele disse para C'baoth.

O outro assentiu.

– Por aqui – ele disse, e começou a caminhar a passos largos por uma trilha que levava para baixo.

Luke correu para alcançá-lo. Ele sabia que a tentativa iria ser um tiro no escuro – mesmo que o ponto que ele estava procurando estivesse dentro do alcance do sensor de R2, não havia garantia de que o droide fosse capaz de distinguir plantas alienígenas saudáveis de doentes. Mas valia a pena tentar. Yoda, ele há muito suspeitava, só conseguira se manter oculto do imperador e de Vader porque a caverna do lado sombrio perto de sua casa de algum modo havia

criado um escudo protetor contra sua própria influência sobre a Força. Para C'baoth ter passado despercebido, era coerente que Jomark também tivesse um foco semelhante de poder do lado sombrio.

A menos, claro, que ele *não tivesse* passado despercebido. Talvez o imperador soubera a seu respeito, mas o deixara em paz deliberadamente.

O que por sua vez implicaria… o quê?

Luke não sabia. Mas era algo que precisava descobrir.

Não haviam caminhado mais do que duzentos metros quando o piloto e o veículo que C'baoth chamara apareceram: um homem alto e magro em uma velha speeder bike recreativa SoroSuub puxando uma elaborada carruagem sobre rodas.

– Não é muito mais do que uma carroça de fazenda convertida, receio – disse C'baoth ao colocar Luke na carruagem e entrar ao seu lado. A maior parte do veículo parecia ser feita de madeira, mas os assentos eram confortavelmente almofadados. – O povo de Chynoo a construiu para mim quando vim vê-los pela primeira vez.

O piloto deu meia-volta nos veículos – manobra que não era fácil na estreita trilha – e começou a descer.

– Por quanto tempo o senhor ficou sozinho antes disso? – perguntou Luke.

C'baoth balançou a cabeça.

– Não sei – ele respondeu. – Não estava realmente preocupado com o tempo. Eu vivia, pensava, meditava. Era tudo.

– O senhor se lembra da primeira vez que veio para cá? – persistiu Luke. – Depois da missão Viagem Extragaláctica, quero dizer.

Lentamente, C'baoth se virou para encará-lo, seus olhos gélidos.

– Seus pensamentos o traem, Jedi Skywalker – ele disse com frieza. – Você busca uma garantia de que eu não era servo do imperador.

Luke se forçou a olhar fixamente naqueles olhos.

– O mestre que me instruiu me disse que eu era o último dos Jedi – ele disse. – Ele não considerava Vader e o imperador como parte da lista.

– E você tem medo de que eu seja um Jedi Sombrio, assim como eles?

– O senhor é?

C'baoth sorriu; e, para a surpresa de Luke, chegou até a rir. Era um som estranho, saindo daquele rosto tão intenso.

– Ora, Jedi Skywalker – disse ele. – Você realmente acredita que Joruus C'baoth – *Joruus C'baoth* – algum dia se voltaria para o lado sombrio?

O sorriso desapareceu.

– O imperador não me destruiu, Jedi Skywalker, pela simples razão que durante a maior parte de seu reinado eu estava fora de seu

alcance. E depois que retornei...

Ele balançou a cabeça com força.

– Existe outro, você sabe. Outro além de sua irmã. Não um Jedi; não ainda. Mas senti as ondulações na Força. Subindo, e depois caindo.

– Sim, eu sei de quem o senhor está falando – disse Luke. – Eu a conheci.

C'baoth se virou para ele, os olhos brilhando.

– Você a *conheceu*? – ele perguntou baixinho.

– Bem, acho que sim – Luke emendou. – Suponho que seja possível que exista mais alguém lá fora que...

– Qual é o nome dela?

Luke franziu a testa, vasculhando o rosto de C'baoth e tentando sem sucesso ler seus sentidos. Havia algo ali de que ele não estava gostando nem um pouco.

– Ela disse que seu nome era Mara Jade – ele falou.

C'baoth se recostou nas almofadas do assento, os olhos desfocados.

– Mara Jade – ele repetiu o nome suavemente.

– Fale-me mais a respeito do projeto Viagem Extragaláctica – disse Luke, determinado a não ser desviado do assunto. – Vocês partiram de Yoga Menor, lembre-se, buscando por outras formas de vida fora da galáxia. O que aconteceu com a nave e os outros mestres Jedi que estavam com o senhor?

Os olhos de C'baoth assumiram um olhar longínquo.

– Eles morreram, é claro – ele disse, com a voz distante. – Todos eles morreram. Só eu sobrevivi para retornar. – Ele olhou subitamente para Luke. – Sabe, isso me mudou.

– Compreendo – Luke disse baixinho. Então era por isso que C'baoth parecia tão estranho. Alguma coisa havia acontecido com ele naquela viagem. – Fale-me sobre isso.

Por um longo momento C'baoth ficou em silêncio. Luke esperou, sacudido pelos solavancos enquanto as rodas da carruagem passavam sobre o terreno irregular.

– Não – C'baoth disse finalmente, balançando a cabeça. – Agora não. Talvez mais tarde. – Ele acenou com a cabeça para a parte da frente da carruagem. – Chegamos.

Luke olhou. À sua frente ele podia ver meia dúzia de casinhas, e um número maior começava a se tornar visível à medida que a carruagem saía da copa das árvores. Provavelmente umas cinquenta no total: pequenos e bonitos chalés que pareciam combinar elementos de construção natural com fragmentos selecionados de tecnologia mais moderna. Cerca de vinte pessoas podiam ser vistas se movimentando em diversas tarefas; a maioria parou o que estava fazendo quando a speeder bike e a carruagem apareceram. O piloto se dirigiu mais ou

menos para o centro da aldeia e parou na frente de uma cadeira parecida com um trono, feita de madeira polida e protegida por um pequeno pavilhão com telhado em forma de cúpula.

– Mandei trazer do Castelo Alto – explicou C'baoth, apontando para a cadeira. – Suspeito que fosse um símbolo de autoridade para os seres que a esculpiram.

– Para que é usada agora? – perguntou Luke. O trono todo elaborado parecia de algum modo deslocado num cenário tão rústico.

– É dali que normalmente concedo minha justiça ao povo – disse C'baoth, levantando-se e saindo da carruagem. – Mas hoje não seremos tão formais. Venha.

As pessoas ainda estavam paradas, observando os dois. Luke usou a Força ao descer ao lado de C'baoth, tentando ler os sentidos de todos ali. Parecia haver uma expectativa geral, talvez um pouco de surpresa, definitivamente respeito. Não parecia haver medo, mas também não havia afeto.

– Há quanto tempo o senhor tem vindo aqui? – ele perguntou a C'baoth.

– Menos de um ano – respondeu C'baoth, descendo a rua casualmente. – Eles demoraram para aceitar minha sabedoria, mas no fim eu os persuadi a fazê-lo.

Os aldeões estavam começando a retornar a suas tarefas agora, mas seus olhos ainda seguiam os visitantes.

– Como assim, os persuadiu? – perguntou Luke.

– Eu lhes mostrei que era do interesse deles me ouvir. – C'baoth fez um gesto para o chalé que ficava logo adiante. – Estenda seus sentidos, Jedi Skywalker. Fale-me a respeito daquela casa e de seus habitantes.

No mesmo instante ficou claro a que C'baoth estava se referindo. Mesmo sem concentrar sua atenção no lugar, Luke podia sentir a raiva e a hostilidade fervilhando lá dentro. Ele percebeu um vislumbre de algo que parecia intenção assassina...

– Oh-oh – ele disse. – O senhor acha que deveríamos...?

– É claro que deveríamos – disse C'baoth. – Venha. – Ele se dirigiu até o chalé e com um empurrão abriu a porta. Mantendo a mão no sabre de luz, Luke foi atrás.

Havia dois homens em pé no aposento, um apontando uma faca enorme para o outro, ambos paralisados olhando para os intrusos.

– Abaixe a faca, Tarm – C'baoth disse com dureza. – Svan, você também ponha de lado sua arma.

Lentamente, o homem que segurava a faca a depositou sobre o chão. O outro olhou para C'baoth, e novamente para seu oponente agora desarmado...

– Eu mandei pô-la de lado! – C'baoth gritou.

O homem se encolheu e puxou apressadamente um pequeno lança-projéteis de dentro do bolso e o jogou ao lado da faca.

– Melhor – disse C'baoth, a voz calma mas com um vestígio do fogo ainda ali. – Agora se expliquem.

A história saiu aos borbotões, os dois homens falando ao mesmo tempo, uma balbúrdia confusa e alta de acusações e contra-acusações a respeito de algum tipo de negócio que dera errado. C'baoth ouviu em silêncio, aparentemente sem dificuldade para acompanhar a tempestade de fatos, suposições e acusações. Luke aguardou ao seu lado, perguntando-se como iria conseguir se desembaraçar daquela coisa toda. Até onde ele conseguia compreender, os dois homens pareciam ter argumentos igualmente válidos.

Finalmente, os homens ficaram sem palavras.

– Muito bem – disse C'baoth. – O julgamento de C'baoth é que Svan pagará a Tarm o valor completo que havia sido acordado. – Ele assentiu para cada homem por sua vez. – O julgamento será efetuado imediatamente.

Luke olhou surpreso para C'baoth.

– É só? – ele perguntou.

C'baoth voltou um olhar pétreo para ele.

– Tem algo a dizer?

Luke olhou rapidamente para os dois aldeões, profundamente consciente de que discutir a decisão na frente deles poderia minar qualquer autoridade que C'baoth houvesse construído ali.

– Só pensei que fosse o caso de se fazerem algumas concessões.

– Não há concessões a fazer – C'baoth disse com firmeza. – Svan é culpado, e vai pagar.

– Sim, mas...

Luke captou o vislumbre de uma sensação meio segundo antes de Svan pular para pegar o lança-projéteis. Com um único movimento suave ele tirou o sabre de luz de seu cinto e o acendeu. Mas C'baoth foi mais rápido. Enquanto a lâmina verde-esbranquiçada de Luke surgia, C'baoth ergueu a mão, e das pontas de seus dedos relampejou uma rajada de raios azuis ainda bem frescos em sua memória.

Svan levou a rajada inteira na cabeça e no peito, curvando-se para trás com um grito de agonia. Ele caiu no chão, voltando a gritar enquanto C'baoth mandava uma segunda rajada em cima dele. O lança-projéteis saiu voando de sua mão, seu metal cercado por um instante por uma descarga coronal azul e branca.

C'baoth abaixou a mão, e por um longo momento o único som no aposento foi um gemido baixo do homem no chão. Luke ficou olhando horrorizado para ele; o cheiro de ozônio revirava seu estômago.

– C'baoth...

– Você me chamará de *mestre* – o outro o interrompeu em voz

baixa.

Luke respirou fundo, forçando a mente e a voz a se acalmarem. Fechando seu sabre de luz, ele o devolveu ao seu cinto e foi se ajoelhar ao lado do homem que gemia. Ele obviamente ainda sentia dor, mas, à exceção de algumas marcas vermelhas feias no seu peito e braços, ele não parecia estar seriamente ferido. Pondo a mão gentilmente sobre as queimaduras mais graves, Luke usou a força, fazendo o que podia para aliviar a dor do outro.

– Jedi Skywalker – C'baoth disse por trás dele. – Ele não está permanentemente danificado. Venha.

Luke não se moveu.

– Ele está sentindo dor.

– É o que deveria estar sentindo – disse C'baoth. – Ele exigiu uma lição, e a dor é o único professor que ninguém ignora. Agora venha.

Por um momento Luke pensou em desobedecer. O rosto e os sentidos de Svan estavam em agonia...

– Ou você teria preferido que Tarm estivesse morto agora? – C'baoth acrescentou.

Luke olhou para o lança-projéteis caído no chão, e depois para Tarm parado, rígido, com os olhos arregalados e o rosto da cor de neve suja.

– Havia outras maneiras de impedi-lo – disse Luke, levantando-se.

– Mas nenhuma de que ele vá se lembrar por mais tempo. – C'baoth olhou fixo nos olhos de Luke. – Lembre-se disso, Jedi Skywalker; lembre-se bem disso. Pois se você deixar que sua justiça seja esquecida, será forçado a repetir as mesmas lições sempre.

Ele olhou para Luke por mais alguns segundos antes de se virar para a porta.

– Terminamos aqui. Venha.

As estrelas brilhavam no alto quando Luke abriu o portão baixo do Castelo Alto e saiu do pátio. R2 havia claramente notado sua aproximação; ao se aproximar do portão atrás dele, o droide acendeu as luzes de pouso do X-wing, iluminando seu caminho.

– Oi, R2 – disse Luke, caminhando até a pequena escada e subindo cansado até o interior da cabine. – Só vim ver como você e a nave estavam.

R2 emitiu um bip garantindo que tudo estava bem.

– Ótimo – disse Luke, ligando os visores e digitando uma checagem de status mesmo assim. – Alguma sorte com a varredura de sensor que pedi?

Desta vez a resposta foi menos entusiástica.

– Tão ruim assim? – Luke assentiu pesadamente ao ver a tradução da resposta de R2 rolar pelo visor do computador do X-wing. – Bem, isso é o que acontece quando você sobe as montanhas.

R2 grunhiu um som distintamente desanimado, e em seguida trinou uma questão.

– Eu não sei – Luke respondeu. – Mais alguns dias, no mínimo. Talvez mais, se ele precisar que eu fique. – Suspirou. – Não sei, R2. Quero dizer, as coisas nunca são o que eu espero. Fui para Dagobah esperando encontrar um grande guerreiro, e achei o mestre Yoda. Vim para cá esperando encontrar alguém como o mestre Yoda... e em vez disso achei o mestre C'baoth.

R2 soltou um gorgolejo ligeiramente crítico, e Luke teve de sorrir com a tradução.

– Sim, bem, não se esqueça de que mestre Yoda fez você passar por poucas e boas naquela primeira noite também – lembrou ao droide, e ele próprio fazendo uma pequena careta com essa lembrança. Yoda também fizera Luke passar por dificuldades naquele encontro. Aquele havia sido um teste da paciência de Luke e de seu tratamento de estranhos.

E Luke havia sido reprovado. De forma vergonhosa.

R2 trinou um ponto de distinção.

– Não, você está certo – Luke teve de admitir. – Mesmo enquanto ainda estava nos testando Yoda nunca teve o tipo de agressividade que C'baoth tem.

Ele recostou a cabeça no descanso da cadeira, olhando para o topo das montanhas e as estrelas distantes mais além. Estava cansado; provavelmente mais cansado do que no auge daquela última batalha contra o imperador. Ele teve de reunir suas forças para ir até ali verificar como R2 estava.

– Não sei, R2. Ele feriu alguém hoje. Feriu gravemente. E se meteu em uma discussão sem ter sido convidado, e depois forçou um julgamento arbitrário sobre as pessoas envolvidas, e... – Deu de ombros, confuso. – Simplesmente não consigo ver Ben ou mestre Yoda agindo daquela maneira. Mas ele é um Jedi, exatamente como eles eram. Então qual exemplo devo seguir?

O droide pareceu digerir essa pergunta. Então, de modo quase relutante, ele voltou a trinar.

– Esta é a questão óbvia – concordou Luke. – Mas por que um Jedi Sombrio com o poder de C'baoth se daria ao trabalho de jogar esse tipo de jogo? Por que não me matar e acabar logo com isso?

R2 soltou um grunhido eletrônico, e uma lista de possíveis motivos começou a rolar pela tela. Uma lista um tanto comprida: o droide havia claramente pensado muito na questão.

– Obrigado pela preocupação, R2 – Luke o tranquilizou. – Mas realmente não acho que ele seja um Jedi Sombrio. Ele é errático e temperamental, mas não tem o mesmo tipo de aura maligna ao seu redor que pude sentir em Vader e no imperador. – Hesitou. Isso não

seria fácil de dizer. – Acho que é mais provável que mestre C'baoth seja louco.

Era possivelmente a primeira vez que Luke via R2 espantado a ponto de perder a fala. Por um minuto o único som era o sussurrar dos ventos da montanha brincando em meio às árvores finas e compridas que cercavam o Castelo Alto. Luke ficou olhando para as estrelas e esperou que R2 recuperasse sua voz.

Depois de algum tempo, foi o que aconteceu.

– Não, eu não sei ao certo como uma coisa dessas poderia acontecer – Luke admitiu quando a pergunta apareceu em sua tela. – Mas tenho uma ideia.

Ele levou as mãos para trás e entrelaçou os dedos atrás do pescoço, o que aliviou a pressão em seu peito. A fadiga entorpecedora em sua mente parecia ser igualada por uma dor também entorpecedora em seus músculos, do tipo que ele às vezes sentia quando passava por exercícios muito extenuantes. Perguntou-se por um momento se haveria alguma coisa no ar que os biossensores do X-wing não teriam captado.

– Você nunca soube, mas logo depois que Ben foi morto, lá na primeira Estrela da Morte, descobri que podia às vezes ouvir a voz dele no fundo da minha mente. Quando a Aliança foi expulsa de Hoth, eu também podia vê-lo.

R2 emitiu um chilrear.

– Sim, era com ele que eu às vezes falava em Dagobah – confirmou Luke. – E depois, logo após a Batalha de Endor, fui capaz de ver não só Ben mas Yoda e meu pai também. Embora os outros dois jamais tivessem falado, e eu nunca mais os tenha visto. Minha suspeita é de que exista algum jeito para que um Jedi prestes a morrer possa... ah, não sei; de algum modo se ancorar a outro Jedi que esteja perto.

R2 pareceu levar isso em conta, e apontou uma possível falha no raciocínio.

– Eu não disse que era a teoria mais bem-arquitetada da galáxia – Luke grunhiu para ele, deixando entrever um vislumbre de irritação através do cansaço. – Talvez eu esteja muito enganado. Mas, se não estiver, é possível que os cinco outros mestres Jedi do projeto Viagem Extragaláctica tenham acabado ancorados ao mestre C'baoth.

R2 assoviou pensativo.

– Certo – Luke concordou com tristeza. – Não me incomodava nem um pouco ter Ben por perto. Na verdade, gostaria que ele tivesse falado comigo com mais frequência. Mas mestre C'baoth era muito mais poderoso do que eu. Talvez fosse diferente com ele.

R2 soltou um pequeno gemido, e outra sugestão, um tanto preocupada, apareceu na tela.

– Não posso simplesmente deixá-lo, R2 – Luke balançou a cabeça

cansado. – Não com ele assim. Não quando há uma chance de que possa ajudá-lo.

Ele fez uma cara de dor, ouvindo nessas palavras um doloroso eco do passado. Darth Vader também tinha precisado de ajuda, e Luke havia se proposto ao trabalho de salvá-lo do lado sombrio. E quase morrera no processo. *O que eu estou fazendo?*, ele se perguntou em silêncio. *Não sou curandeiro. Por que fico tentando ser um?*

Luke?

Fazendo um esforço, Luke arrastou seus pensamentos de volta para o presente.

– Preciso ir – ele disse, saindo do assento da cabine. – Mestre C'baoth está me chamando.

Desligou as telas, mas não antes que a tradução dos trinados preocupados de R2 começasse a rolar pela tela do computador.

– Relaxe, R2 – Luke lhe disse, curvando-se sobre a tampa aberta da cabine para dar palmadinhas reconfortantes na cúpula do droide. – Tudo vai ficar bem. Eu sou um Jedi, lembra? Fique de olho nas coisas aqui fora. Ok?

O droide soltou um trinado de lamentação quando Luke desceu a escada e pulou para o chão. Ali, ele fez uma pausa, olhando para a mansão escura, iluminada apenas pelo reflexo das luzes de pouso do X-wing. Perguntando-se se talvez R2 estaria certo a respeito de eles saírem dali.

Porque o droide tinha razão. Os talentos de Luke não iam na direção dos aspectos curativos da Força – disso ele tinha certeza. Ajudar C'baoth iria ser um processo longo e consumiria muito tempo, sem garantia de sucesso no fim da estrada. Com um grão-almirante no comando do Império, lutas políticas na Nova República e toda a galáxia pendendo na balança, será que aquele era de fato o uso mais eficiente de seu tempo?

Desviou o olhar da mansão para as sombras escuras das montanhas da borda que cercavam o lago abaixo. Cobertas de neve em alguns pontos, bem pouco visíveis na luz tênue das três luas minúsculas de Jomark, elas o lembravam de algum modo das Montanhas Manarai, ao sul da Cidade Imperial em Coruscant. E, com essa lembrança, veio outra: Luke, em pé no telhado do Palácio Imperial, olhando para aquelas outras montanhas, explicando sabiamente a 3PO que um Jedi não podia se deixar envolver tanto nos assuntos galácticos a ponto de deixar de se preocupar com os indivíduos.

O discurso havia soado muito nobre e altruísta quando ele o proferira. Aquela era sua chance de provar que não haviam sido apenas palavras.

Respirando fundo, ele se dirigiu ao portão.

CAPÍTULO 15

– Tangrene foi, de fato, nossa realização mais importante – disse o senador Bel Iblis, bebendo o que restava em seu copo e levantando-o bem acima da cabeça. Do outro lado da enorme, porém quase vazia, sala de recreação do quartel-general, o bartender assentiu concordando silenciosamente e passou a cuidar do dispenser de bebidas. – Nós estávamos atirando nos imperiais fazia provavelmente três anos àquela altura – continuou Bel Iblis. – Atingindo pequenas bases, suprimentos militares, e de modo geral criando o máximo de encrenca possível. Mas até Tangrene eles não estavam prestando muita atenção em nós.

– O que aconteceu em Tangrene? – perguntou Han.

– Explodimos um grande centro do Ubiqtorado: ele virou poeira – Bel Iblis lhe contou com uma satisfação óbvia. – E depois saímos bem debaixo do nariz de três destróieres estelares que deveriam estar protegendo o local. Acho que foi aí que eles finalmente acordaram para o fato de que éramos mais do que simplesmente um pequeno incômodo. De que éramos um grupo a ser levado a sério.

– Aposto que sim – concordou Han, balançando a cabeça em sinal de admiração. Até mesmo chegar perto de uma das bases do Ubiqtorado da Inteligência Imperial era um trabalho difícil, quanto mais explodi-la e fugir. – O que isso custou ao senhor?

– Por incrível que pareça, consegui fugir com todas as cinco naves de guerra – disse Bel Iblis. – Houve muitos danos em geral, claro, e uma delas ficou completamente fora de combate por quase sete meses. Mas valeu a pena.

– Pensei que o senhor havia dito que tinha seis dreadnaughts – Lando interrompeu.

– Agora temos seis – Bel Iblis assentiu. – Na época tínhamos apenas cinco.

– Ah – disse Lando, e voltou a ficar em silêncio.

– Então, foi depois disso que vocês começaram a mover sua base? – perguntou Han.

Bel Iblis olhou de esguelha para Lando por um momento a mais antes de se voltar para Han.

– Foi aí que a mobilidade se tornou uma das prioridades, sim – ele corrigiu. – Embora não tivéssemos ficado exatamente parados antes disso. Este lugar é o quê, nosso décimo terceiro ponto em sete anos, Sena?

– Décimo quarto – respondeu Sena. – Isso se você contar com as bases de asteroides de Womrik e Mattri.

– Quatorze, então – assentiu Bel Iblis. – Você provavelmente reparou que cada edifício aqui é construído com plástico de memória de alto estado. Isso torna relativamente simples dobrar tudo e jogar a bordo dos transportes. – Ele riu. – Embora isso já tenha saído pela

culatra conosco. Uma vez, em Lelmra, fomos atingidos por uma tempestade violenta, e os raios estavam caindo tão perto de nós que as correntes dispararam o circuito flip-flop de uns dois edifícios de alojamentos e um centro de controle aéreo. Eles dobraram como se fossem uma série de pacotes de presente de aniversário, com quase cinquenta pessoas ainda do lado de dentro.

– Terrivelmente divertido – Sena acrescentou com secura. – Ainda bem que ninguém morreu, mas levamos a maior parte da noite para libertar todo mundo. E isso com a tempestade ainda caindo violenta ao nosso redor.

– As coisas finalmente se acalmaram logo antes do amanhecer – disse Bel Iblis. – Saímos de lá na noite seguinte. Ah.

O bartender havia chegado com a próxima rodada de drinques. Twistlers, Bel Iblis os chamara: uma mistura de conhaque corelliano com um extrato de fruta não identificada, mas bem ácida. Não era o tipo de bebida que Han teria esperado encontrar em um acampamento militar, mas também não era ruim. O senador pegou dois dos drinques da bandeja e os passou para Han e Sena; apanhou os outros dois...

– Ainda estou bem, obrigado – disse Lando antes que Bel Iblis pudesse lhe oferecer um copo.

Han franziu a testa para seu amigo do outro lado da mesa. Lando estava sentado rígido em sua cadeira do salão, com o rosto impassível e o copo ainda pela metade. Seu *primeiro* copo, Han percebeu subitamente: Lando não bebera um refil na hora e meia desde que Bel Iblis os havia levado até ali. Conseguiu atrair o olhar de Lando, ergueu as sobrancelhas minimamente. Lando retribuiu o olhar, a expressão ainda pétrea, depois abaixou a cabeça e tomou um gole pequeno de sua bebida.

– Foi um mês depois de Tangrene – Bel Iblis continuou – que conhecemos Borsk Fey'lya.

Han se voltou para ele, sentindo uma pontada de culpa. Ele tinha ficado tão envolto nas histórias de Bel Iblis que se esquecera completamente do motivo pelo qual ele e Lando haviam partido naquela missão em primeiro lugar. Provavelmente era por isso que Lando olhava em sua direção fuzilando lascas de gelo.

– É: Fey'lya – ele disse. – O que você quer com ele?

– Consideravelmente menos do que ele gostaria, eu lhe asseguro – disse Bel Iblis. – Fey'lya nos fez alguns favores durante o auge dos anos de guerra, e ele parece pensar que deveríamos mostrar mais gratidão.

– Que espécie de favores? – perguntou Lando.

– Pequenos – respondeu Bel Iblis. – No começo ele nos ajudou a montar uma linha de abastecimento que passava por New Cov, e convocou alguns cruzadores estelares uma vez quando os imperiais

começaram a fuçar o sistema num momento delicado. Ele e alguns dos outros Bothanos também desviaram vários fundos para nós, o que nos permitiu comprar equipamento mais cedo do que teríamos feito de outra forma. Esse tipo de coisa.

– E quão grato você está? – Lando persistiu.

Bel Iblis deu um leve sorriso.

– Ou em outras palavras, o que exatamente Fey'lya quer de mim?

Lando não retribuiu o sorriso.

– Isso serve para começar – ele concordou.

– Lando – Han alertou.

– Não, está tudo bem – disse Bel Iblis, seu próprio sorriso desaparecendo. – Mas antes de responder, gostaria que você me falasse um pouco sobre a hierarquia da Nova República. A posição de Mon Mothma no novo governo, a relação que Fey'lya tem com ela... esse tipo de coisa.

Han deu de ombros.

– Isso é praticamente de domínio público.

– Essa é a versão oficial – disse Bel Iblis. – Estou perguntando como as coisas *realmente* são.

Han olhou de relance para Lando.

– Não estou entendendo – ele disse.

Bel Iblis tomou um gole do seu Twistler.

– Ora, então deixem-me ser mais direto – disse, estudando o líquido no seu copo. – O que Mon Mothma realmente está planejando?

Han sentiu a raiva começar a se acumular na sua garganta.

– Foi isso o que Breil'lya lhe contou? – ele exigiu saber. – Que ela está planejando alguma coisa?

Bel Iblis levantou os olhos sobre a borda de seu copo.

– Isso não tem nada a ver com os Bothanos – ele disse baixinho. – Tem a ver com Mon Mothma. Ponto.

Han o encarou, forçando-se a engolir sua confusão e tentando organizar seus pensamentos. Havia algumas coisas em Mon Mothma de que ele não gostava – muitas coisas, quando parava para pensar bem. A começar pela maneira como ela vivia fazendo Leia viajar a toda hora fazendo trabalhos diplomáticos em vez de deixá-la se concentrar em seu treinamento Jedi. E havia outras coisas também, coisas que o deixavam maluco. Mas, no fim das contas...

– Até onde eu sei – ele disse a Bel Iblis num tom neutro –, a única coisa que ela está tentando fazer é montar um novo governo.

– Consigo mesma no centro?

– Não deveria?

Uma sombra de alguma coisa pareceu cruzar o rosto de Bel Iblis, e ele abaixou os olhos para seu copo mais uma vez.

– Suponho que fosse inevitável – ele murmurou. Por um momento

ele ficou em silêncio. Então tornou a olhar para cima, aparentemente dissipando aquele mau humor. – Então você diria que vocês estão se tornando uma república de fato, e não só no nome?

– Sim, eu diria que sim – assentiu Han. – O que isso tem a ver com Fey'lya?

Bel Iblis deu de ombros.

– Fey'lya acredita que Mon Mothma detém poder demais – ele disse. – Presumo que você discorde dessa avaliação.

Han hesitou.

– Não sei – ele admitiu. – Mas ela certamente não está mandando em tudo, como fez durante a guerra.

– A guerra continua – Bel Iblis o lembrou.

– É. Bem...

– O que Fey'lya acha que deveria ser feito a respeito disso? – Lando perguntou.

Bel Iblis torceu o lábio.

– Ah, Fey'lya tem algumas ideias um tanto particulares e nem um pouco surpreendentes quanto à redistribuição do poder. Mas esses são os Bothanos. Dê a eles um gostinho do caldeirão de sopa e eles se atropelam para ver quem fica encarregado da concha.

– Especialmente quando podem afirmar ter sido aliados valorosos do lado vencedor – disse Lando. – Ao contrário de outros que eu poderia mencionar.

Sena se mexeu em seu assento; mas, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Bel Iblis fez um sinal para ela com a mão.

– Você está se perguntando por que não entrei para a Aliança – ele disse com calma. – Por que escolhi em vez disso fazer minha própria guerra contra o Império.

– Isso mesmo – disse Lando, no mesmo tom. – Eu estou.

Bel Iblis lhe deu um olhar longo e medido.

– Eu poderia lhe dar diversos motivos pelos quais sentia que era melhor para nós permanecermos independentes – ele finalmente disse. – Um deles é a segurança. Havia muita comunicação entre várias unidades da Aliança, com um potencial tão grande de transmissão quanto de interceptação dessa informação pelo Império. Durante um tempo parecia que, de cada cinco bases rebeldes, uma estava sendo perdida para os imperiais devido a puro desleixo na segurança.

– Tivemos alguns problemas – admitiu Han. – Mas eles foram bem solucionados.

– Foram mesmo? – retrucou Bel Iblis. – E quanto a esse vazamento de informação que entendo que vocês têm bem no Palácio Imperial?

– Sim, sabemos que está lá – disse Han, se sentindo estranhamente como um garoto que foi repreendido por não terminar sua lição de casa. – Temos gente verificando isso.

– É melhor que eles façam mais do que simplesmente verificar – Bel Iblis alertou. – Se nossa análise dos comunicados imperiais estiver correta, esse vazamento tem nome, fonte Delta, e está se reportando pessoalmente para o grão-almirante.

– Ok – disse Lando. – Segurança. Vamos ouvir alguns dos outros motivos.

– Calma, Lando – disse Han, fuzilando seu amigo com o olhar do outro lado da mesa. – Isto aqui não é um julgamento, ou...

Ele parou com um gesto de Bel Iblis.

– Obrigado, Solo, mas sou bastante capaz de defender minhas próprias ações – disse o senador. – E ficarei mais do que feliz em fazê-lo, quando achar que a hora é certa para essa discussão.

Ele olhou para Lando, depois para seu relógio.

– Mas agora, tenho outros deveres que me chamam. Está ficando tarde, e eu sei que vocês realmente não tiveram nenhum tempo para relaxar desde que pousaram. Irenez mandou levar sua bagagem até um alojamento de oficiais vago perto do pad de pouso. Receio que seja pequeno, mas acredito que vocês o acharão confortável o suficiente. – Ele se levantou. – Talvez mais tarde, durante o jantar, possamos continuar essa discussão.

Han olhou para Lando. *Que momento conveniente*, dizia a expressão do outro; mas ele guardou o pensamento para si.

– Parece bom – Han disse a Bel Iblis pelos dois.

– Ótimo – Bel Iblis sorriu. – Vou precisar de Sena comigo, mas na saída mostraremos o caminho até seus alojamentos. A menos que prefiram que chame um guia para vocês.

– Nós podemos encontrá-los – Han lhe garantiu.

– Está bem. Alguém irá pegá-los para o jantar. Até mais tarde, então.

Eles caminharam em silêncio por provavelmente metade da distância até seus alojamentos quando Lando finalmente falou.

– Quer acabar logo com isso?

– Acabar logo com o quê? – grunhiu Han.

– Me chamar a atenção por não me curvar e me deslumbrar perante seu amiguinho senador – disse Lando. – Vá logo e acabe com isso, porque precisamos conversar.

Han manteve os olhos diretamente à sua frente.

– Não é por você não estar se curvando e se deslumbrando, meu camarada – ele disse entre dentes. – Eu já vi Chewie de mau humor agir com mais educação que você lá atrás.

– Tem razão – Lando admitiu. – Quer ficar irritado mais um pouco, ou está pronto para ouvir meus motivos?

– Ah, isto deve ser interessante – Han disse, sarcástico. – Você tem um bom motivo para ser grosso com um ex-senador do Império, hein?

– Ele não está nos contando a verdade, Han – Lando disse com muita seriedade. – Pelo menos não toda a verdade.

– E daí? – disse Han. – Quem disse que ele tem que contar tudo para estranhos?

– Ele nos trouxe até aqui – retrucou Lando. – Por que fazer isso e depois mentir para nós?

Han franziu a testa olhando de esguelha para seu amigo e, em meio a toda a irritação, ele viu pela primeira vez as linhas de tensão no rosto de Lando. Não importava qual fosse o objetivo de Lando ali, ele estava falando sério.

– Ok – ele disse com um pouco mais de calma. – Sobre o que ele mentiu?

– Este acampamento, pra começar – disse Lando, com um gesto na direção do prédio mais próximo. – O senador falou que eles se mudam muito – quatorze lugares em sete anos, lembra? Mas este lugar está aqui há bem mais de seis meses.

Han olhou para o edifício quando passaram por ele. Para a suavidade das bordas onde o plástico de memória se dobraria, para os sinais de desgaste na subfundação...

– Há outras coisas também – Lando continuou. – Aquela sala de recreação do quartel-general lá atrás... Você reparou em toda a decoração que eles tinham naquele lugar? Provavelmente uma dezena de esculturas espalhadas naquelas prateleiras de canto entre as cabines, além de um bocado de postes de luz. Isso sem contar com as coisas nas paredes. Havia todo um painel antigo de tela repetidora montado acima do bar principal, o crono de uma nave ao lado da saída...

– Eu também estava lá, esqueceu? – Han o interrompeu. – Aonde você quer chegar?

– Eu quero chegar no ponto de que esse lugar não está pronto para fazer as malas e partir do planeta em três minutos – Lando disse baixinho. – Não mais. E você não consegue ter todo esse conforto se ainda está lançando grandes ataques contra bases do Império.

– Talvez eles tenham decidido ficar na surdina por um tempo – disse Han. Aquele negócio de ter que defender Bel Iblis estava começando a ficar desagradável.

– Pode ser – disse Lando. – Nesse caso, a questão é: por quê? Por que outro motivo ele poderia estar segurando suas naves e soldados?

Han ficou mordendo a bochecha por dentro. Agora estava vendo aonde Lando queria chegar com aquilo.

– Você acha que ele fez um trato com Fey'lya.

– Essa é a resposta óbvia – Lando concordou sobriamente. – Você ouviu como ele falou de Mon Mothma, como se esperasse que ela se declarasse imperadora a qualquer momento. Influência de Fey'lya?

Han parou para pensar. Ainda era loucura, mas não tanto quanto tinha parecido à primeira vista. Contudo, se Fey'lya achasse que poderia realizar um golpe de estado com seis dreadnaughts particulares, estava prestes a ter uma rude surpresa. Mas, por outro lado...

– Espere um minuto, Lando, isso é loucura – ele disse. – Se estão tramando contra Mon Mothma, por que nos trazer aqui?

Lando sibilou baixinho entre os dentes.

– Bem, isso nos traz à pior das hipóteses, Han, meu velho camarada. A saber, que seu amigo senador seja um completo farsante... e que o que temos aqui seja um gigantesco esquema montado pelo Império.

Han piscou, sem entender.

– *Agora* eu me perdi.

– Pense nisso – Lando pediu, abaixando a voz quando um grupo de homens uniformizados fez a curva em um dos edifícios e seguiu para outra direção. – Garm Bel Iblis, supostamente morto, subitamente retornado dos mortos? E não só vivo, mas ainda por cima com seu próprio exército pessoal? Um exército do qual nenhum de nós jamais ouviu falar?

– É, mas Bel Iblis não era exatamente um recluso – ressaltou Han. – Havia muitos holos e gravações dele quando eu era mais novo. Seria preciso muito esforço para fazer alguém ter uma aparência e uma voz tão semelhantes às dele.

– Se você tivesse esses registros disponíveis para comparar, claro – Lando concordou. – Mas tudo o que você tem são memórias. Não seria preciso tanto esforço assim para fazer uma cópia razoavelmente boa. E nós sabemos que esta base está parada aqui há mais de um ano. Talvez abandonada por outros; e não seria preciso tanto esforço para montar um falso exército. Não para o Império.

Han balançou a cabeça.

– Você está patinando em rastros de drive, Lando. O Império não se daria a tanto esforço só por nossa causa.

– Talvez não – disse Lando. – Talvez a base fosse para Fey'lya, e nós simplesmente esbarramos nela sem querer.

Han franziu a testa.

– Para *Fey'lya*?

– Claro – disse Lando. – Comece com o Império mexendo na conta bancária de Ackbar. Isso coloca Ackbar em suspeita e pronto para que alguém o derrube. Entra Fey'lya, convencido de que conseguiu o apoio do lendário Garm Bel Iblis e um exército particular para apoiá-lo. Fey'lya tenta conseguir o poder, a hierarquia da Nova República é jogada no caos; e, enquanto ninguém está olhando, o Império se move e retoma um ou dois setores. Rápido, limpo e simples.

Han fungou baixinho.

– Isso é o que você chama de simples, hein?

– Estamos lidando com um grão-almirante, Han – Lando o lembrou. – Tudo é possível.

– É, bem, possível não quer dizer provável – retrucou Han. – Se eles estão executando um golpe, por que *nos* trazer até aqui?

– E por que não? Nossa presença não faz mal nenhum ao plano. Pode até ajudar um pouco. Eles nos mostram o cenário, nos enviam de volta, nós acusamos Fey'lya e Mon Mothma traz de volta naves para proteger Coruscant de uma tentativa de golpe de estado que nunca irá se materializar. Mais caos, e setores ainda mais desprotegidos para os imperiais engolirem.

Han balançou a cabeça.

– Acho que você está com medo até das sombras.

– Talvez – Lando disse sombrio. – E talvez você esteja depositando confiança demais no fantasma de um senador corelliano.

Eles já haviam chegado aos seus alojamentos, um prédio pequeno e quadrado que fazia parte de uma fileira dupla de construções idênticas, cada qual com cinco metros de lado. Han digitou a combinação da fechadura que Sena lhes dera, e entraram.

O apartamento era de aspecto tão severo e simples quanto podia ser para ainda permanecer ao menos um pouco funcional. Ele consistia em um único aposento com um nicho compacto para cozinhar, de um lado, e de uma porta que dava para o que provavelmente era um banheiro, do outro. Uma combinação de mesa/painel marrom de dobrar, duas cadeiras e duas poltronas estofadas à moda antiga com revestimento cinza militar ocupavam grande parte do espaço, com os gabinetes do que pareciam duas camas de dobrar posicionados para ocupar durante a noite o espaço do chão que pertencia à mesa.

– Aconchegante – comentou Lando.

– Provavelmente pode ser empacotado e enviado para fora do planeta em três minutos também – disse Han.

– Concordo – assentiu Lando. – Esse é exatamente o tipo de sensação que aquela sala de recreação deveria ter passado, só que não passou.

– Talvez tenham concluído que deveriam ter pelo menos um edifício aqui que não parecesse ter saído direto das Guerras Clônicas – sugeriu Han.

– Talvez – disse Lando, agachando-se ao lado de uma das cadeiras e espiando a beira da almofada do assento. – Provavelmente as tiraram daquele dreadnaught lá em cima. – Ele enfiou os dedos embaixo do material cinza. – Parece que sequer acrescentaram um acolchoamento extra antes de colocarem esta...

Ele parou de falar, e subitamente seu rosto ficou rígido.

– O que foi? – Han quis saber.

Lentamente, Lando se virou para olhar para ele.

– Esta cadeira – ele sussurrou. – Ela não é cinza por baixo. É azul e dourada.

– Ok – disse Han, franzindo a testa. – E daí?

– Você não está entendendo. A Frota não faz os interiores das naves militares em azul e ouro. Nunca fizeram em azul e ouro. Não na época do Império, não na época da Nova República nem na época da Velha República. A não ser por uma vez.

– Que foi...? – Han perguntou ansioso.

Lando respirou fundo.

– A frota Katana.

Han olhou fixamente para a cadeira, uma sensação de gelo pesando no seu peito. A frota Katana...

– Isso não pode estar certo, Lando – ele disse. – Tem que ser um erro.

– Não há erro, Han – Lando balançou a cabeça. Enterrando os dedos mais fundo, ele ergueu a borda da capa cinza o suficiente para mostrar o material abaixo dela. – Eu passei uma vez dois meses inteiros pesquisando a Força Sombria. É isso aqui.

Han ficou olhando o tecido azul e dourado esmaecido pela idade, tomado por uma sensação irreal. A frota Katana. A Força Sombria. Perdida por meio século... e agora subitamente encontrada.

Talvez.

– Precisamos de uma prova melhor – ele disse a Lando. – Só isso não significa nada.

Lando assentiu, ainda meio chocado.

– Isso explicaria por que eles nos mantiveram a bordo da *Lady Luck* durante todo o caminho até aqui – ele disse. – Eles jamais seriam capazes de ocultar o fato de que seu dreadnaught estava funcionando com uma tripulação de apenas 2 mil em vez dos costumeiros 16 mil. A frota Katana.

– Precisamos dar uma olhada dentro de uma das naves – Han persistiu. – Aquele código de reconhecimento que Irenez enviou... Acho que você não fez uma gravação dele, fez?

Lando respirou fundo e pareceu sair do transe.

– Provavelmente vamos conseguir reconstruí-lo – ele disse. – Mas, se tiverem algum bom senso, o código de entrada não será o mesmo código de saída. Mas não acho que vamos precisar abordar as naves. Eu só preciso dar uma boa olhada de perto naquele painel de tela repetidora na sala de recreação do quartel-general.

– Ok – Han assentiu sério. – Vamos lá pra você dar essa olhada.

CAPÍTULO 16

Levaram apenas alguns minutos para voltar à sala de recreação do quartel-general. Han ficou de olho no tráfego de pedestres e veículos enquanto caminhavam, torcendo para que ainda estivesse cedo o bastante para o lugar estar vazio. Dar uma olhada naquela tela de repetição já seria complicado sem um bando de pessoas sentadas por ali sem nada melhor para fazer do que ficar olhando o que estava acontecendo no bar.

– O que exatamente estamos procurando? – ele perguntou quando avistaram o edifício.

– Deve haver alguns slots de entrada especializados na parte de trás para os leitores dos circuitos escravos completos – explicou Lando. – E números de série de produção também.

Han assentiu. Então eles precisariam tirar a coisa da parede. Maravilha.

– Como é que você sabe tanto assim sobre a frota?

– Como já disse, andei estudando muito – Lando fungou baixinho. – Se você quer saber, acabei com um mapa falso para ela como parte de um negócio quando vendia naves usadas. Imaginei que, se conseguisse aprender o bastante a respeito dele para parecer um especialista, poderia ser capaz de repassar o mapa para outra pessoa e recuperar meu dinheiro.

– Você conseguiu?

– Você realmente quer saber?

– Acho que não. Prepare-se, está na hora do show.

Estavam com sorte. Além do bartender e de uns dois droides de atendimento desativados atrás do bar, o local estava deserto.

– Bem-vindos de volta, cavalheiros – o bartender os saudou. – O que posso servir a vocês?

– Alguma coisa que a gente possa levar para nosso alojamento – Han disse, dando uma olhadela nas prateleiras atrás do bar. Eles tinham uma boa seleção ali. Havia provavelmente umas cem garrafas de vários tamanhos e formas. Mas também uma porta lateral que provavelmente levava para uma pequena despensa. Essa seria a melhor aposta deles. – Será que não teria aí um vinho Vistulo à mão?

– Acho que tenho – disse o bartender, olhando novamente para sua seleção. – Sim, ali está.

– Qual é a safra? – perguntou Han.

– Ah... – O bartender trouxe a garrafa até eles. – É de 49.

Han fez uma cara de chateação.

– Você não teria nenhuma de 46? Quem sabe guardada no quartinho dos fundos em algum lugar?

– Acho que não, mas posso checar – o bartender disse de modo camarada, indo na direção da porta.

– Eu vou com você – Han se ofereceu, passando para dentro do bar

e se juntando a ele. – Se não tiver um 46, quem sabe possa haver outra coisa que caia tão bem quanto.

Por um segundo pareceu que o bartender ia dizer que não. Mas ele havia visto os dois bebendo amigavelmente com o próprio Bel Iblis, e, de qualquer maneira, Han já estava a meio caminho da porta da despensa.

– Acho que não há problema – ele disse.

– Ótimo – disse Han, abrindo a porta para o bartender passar.

Ele não sabia quanto tempo Lando levaria para tirar a tela de repetição da parede, checá-la e depois colocá-la de volta. Com base na teoria de que era melhor agir com o máximo de segurança, conseguiu estender a busca por um Vistulo 46 por cinco minutos inteiros. No final, com bom humor, ele acabou aceitando um Kibshae 48 em vez do outro. O bartender foi na frente. Cruzando mentalmente os dedos, Han o seguiu.

Lando estava parado no mesmo lugar do bar em que estava quando Han o deixara, o rosto tenso. E por um bom motivo. Parada a poucos passos dele, com a mão no cabo de sua arma de raios, estava Irenez.

– Ora, olá, Irenez – disse Han, tentando sua melhor cara de inocente para cima dela. – Que engraçado encontrar você aqui.

A cara de inocente foi em vão.

– Não tão engraçado assim – Irenez disse ácida. – Sena me designou para ficar de olho em vocês. Você conseguiu o que veio pegar?

Han olhou para Lando, viu o gesto ínfimo da cabeça.

– É, acho que sim – ele disse.

– Fico feliz em saber. Vamos para fora.

Han entregou a garrafa de Kibshae para o bartender.

– Fique com ela – ele disse. – Parece que a festa foi cancelada.

Havia um velho landspeeder de cinco passageiros esperando do lado de fora quando eles saíram da sala de recreação.

– Pra dentro – disse Irenez, gesticulando para a porta de trás do veículo.

Han e Lando obedeceram. Ali, sentada com rigidez fora do normal em um dos bancos de passageiros, Sena Leikvold Midanyl estava esperando.

– Cavalheiros – ela disse gravemente quando eles entraram. – Sentem-se, por favor.

Han escolheu um dos assentos, girou-o para ficar de frente para ela.

– Já está na hora do jantar?

– Irenez, assuma os controles – disse Sena, ignorando-o. – Leve-nos para dar uma volta pelo acampamento, não me interessa por onde.

Silenciosamente, Irenez se dirigiu até a frente do veículo e, com

um pequeno sacolejo, eles partiram.

– Você não ficou muito tempo em seu quarto – Sena disse para Han.

– Não lembro de o senador ter dito qualquer coisa sobre ficar confinado nos meus alojamentos – Han retrucou.

– Ele não disse – Sena concordou. – Por outro lado, um convidado bem-educado saberia que não se deve vagar sem escolta ao redor de áreas sensíveis.

– Me desculpe – disse Han, tentando evitar o tom de sarcasmo na voz. – Não sabia que seu suprimento de bebida alcoólica era secreto. – Ele olhou pelo vidro. – Se está tentando nos levar de volta a nossos alojamentos, está indo pelo caminho errado.

Sena estudou seu rosto por um momento.

– Vim lhe pedir um favor.

Era a última coisa que Han teria esperado que ela dissesse, e ele levou um segundo para conseguir falar novamente.

– Que tipo de favor?

– Quero que fale com Mon Mothma por mim. Que peça a ela e ao Conselho para convidarem o senador Bel Iblis para entrar para a Nova República.

Han deu de ombros.

Era para *isso* que haviam trazido Lando e ele até ali?

– Vocês não precisam de um convite especial para entrar. Basta falar com alguém no Conselho e oferecer seus serviços.

Um músculo na face de Sena repuxou.

– Receio que o caso do senador não seja assim tão fácil – ela disse. – A questão não é de entrar para a Nova República, mas, sim, de *re*entrar.

Han olhou para Lando, franzindo a testa.

– É? – ele disse com cuidado.

Sena deu um suspiro, virando parte do corpo para olhar pela janela lateral.

– Aconteceu muito tempo atrás – ela disse. – Antes que os vários grupos de resistência que lutavam contra o Império se consolidassem formalmente na Aliança Rebelde. Você conhece algo sobre esse período histórico?

– Só o que está no registro oficial – disse Han. – Mon Mothma e Bail Organa de Alderaan reuniram três dos maiores grupos e os convenceram a formar uma aliança. Depois disso o negócio todo virou uma bola de neve.

– E você sabe o nome desse primeiro acordo?

– Claro. Ele foi chamado de Tratado Corelliano... – Han parou. – O Tratado *Corelliano*?

– Sim – Sena assentiu. – Foi o senador Bel Iblis, e não Mon

Mothma, quem convenceu aqueles três grupos de resistência a concordarem com uma reunião. E, além disso, que garantiu proteção para eles.

Por um longo minuto, o único som no speeder era o zumbido dos repulsores.

– O que aconteceu? – Lando finalmente perguntou.

– Para ser bem franca, Mon Mothma começou a assumir o controle – disse Sena. – O senador Bel Iblis era muito melhor em estratégia e tática do que ela, melhor até mesmo do que os generais e almirantes da Rebelião naqueles primeiros dias. Mas ela tinha o dom da inspiração, a habilidade de fazer com que grupos e espécies diferentes trabalhassem juntos. Aos poucos, ela se tornou o símbolo mais visível da Rebelião, com Organa e o senador cada vez mais relegados a segundo plano.

– Deve ter sido duro para alguém como Bel Iblis aceitar – murmurou Lando.

– Foi, sim – disse Sena. – Mas vocês têm que entender que não foi apenas o orgulho que o motivou a retirar seu apoio. Bail Organa havia sido uma forte influência moderadora sobre Mon Mothma; ele era uma das poucas pessoas que ela respeitava e em quem confiava o bastante para prestar atenção seriamente. Depois que foi morto no ataque da Estrela da Morte a Alderaan, não havia mais ninguém do mesmo status que pudesse enfrentá-la. Ela começou a tomar cada vez mais poder, e o senador começou a suspeitar de que ela iria derrubar o imperador apenas para se colocar no lugar dele.

– Então ele tirou vocês da Aliança e iniciou sua própria guerra particular contra o Império – disse Lando. – Você sabia de alguma coisa a esse respeito, Han?

– Nunca ouvi um murmúrio sequer. – Han balançou a cabeça.

– Isso não me surpreende – disse Sena. – Você teria anunciado a deserção de alguém da estatura do senador? Especialmente no meio de uma guerra?

– Provavelmente não – admitiu Han. – Suponho que a única surpresa seja que mais grupos não tenham pulado fora como vocês. Mon Mothma pode ser muito autoritária quando quer.

– Também não havia nenhuma dúvida de quem estava no comando durante a guerra – Lando acrescentou secamente. – Uma vez eu a vi fazer o almirante Ackbar e o general Madine recuarem em um de seus projetos pessoais quando ela decidiu que não gostava dele.

Han olhou para Sena, acometido por um pensamento súbito.

– Foi por isso que vocês pararam seus ataques contra o Império? Para que estivessem prontos para agir contra Mon Mothma se ela transformasse a Nova República numa ditadura?

– Exatamente – disse Sena. – Nós nos mudamos aqui para o Ninho

do Peregrino há pouco menos de três anos, suspendemos todas as operações exceto ataques para obtenção de equipamento e iniciamos os trabalhos em planos de contingência tática. E nos preparamos para aguardar a volta triunfal do senador. – O músculo na face dela voltou a repuxar. – E estamos esperando desde então.

Han olhou pela janela o acampamento que passava pelo lado de fora, uma sensação oca de perda preenchendo-o. O lendário senador Bel Iblis... esperando uma volta ao poder que jamais viria.

– Isso não vai acontecer – ele disse baixinho para Sena.

– Eu sei disso. – Ela hesitou. – No fundo, o senador também sabe.

– Só que ele não consegue engolir o orgulho o bastante pra se aproximar de Mon Mothma e pedir para ser aceito de volta. – Han assentiu. – Então ele faz com que você nos peça...

– O senador não teve nada a ver com isso – Sena o interrompeu bruscamente. – Ele sequer sabe que estou falando com você. Isso é de minha responsabilidade somente.

Han recuou um pouco.

– Claro – ele disse. – Ok.

Sena balançou a cabeça.

– Desculpe – ela disse. – Eu não queria ser grosseira com você.

– Tudo bem – disse Han, sentindo uma pontada de dor e simpatia. Ela podia ter todas as boas intenções e lógica da galáxia do seu lado, mas provavelmente isso ainda tinha jeito de traição na sua cabeça. Uma lembrança errante apareceu em sua mente: a expressão no rosto de Luke, pouco antes da batalha próxima a Yavin com a primeira Estrela da Morte. Quando ele achou que Han fosse fugir e abandoná-los...

– Han – Lando disse baixinho.

Han olhou para seu amigo, e sacudiu a cabeça para pôr a lembrança de lado. Lando ergueu as sobrancelhas ligeiramente para lembrá-lo...

– Vamos fazer um trato com você, Sena – disse Han, voltando-se para ela. – Nós falamos com Mon Mothma a respeito do senador. Você fala conosco sobre a frota Katana.

O rosto de Sena ficou rígido.

– A frota Katana?

– De onde seus seis dreadnaughts vieram – disse Lando. – Nem se dê ao trabalho de negar: dei uma boa olhada naquela tela repetidora que vocês colocaram em cima do bar na sala de recreação do quartel-general.

Sena respirou fundo.

– Não. Não posso contar nada disso a vocês.

– Por que não? – perguntou Lando. – Estamos prestes a nos tornar aliados novamente, lembra?

Um formigamento desagradável percorreu a espinha de Han.

– A não ser que vocês já tenham prometido a frota a Fey'lya.

– Nós não prometemos nada a Fey'lya – Sena disse, peremptória. – Não que ele não tenha pedido por ela.

Han fez uma careta.

– Então ele *está* tentando dar um golpe.

– De jeito algum. – Sena balançou a cabeça. – Fey'lya não saberia o que fazer com um golpe militar nem que você o embrulhasse para presente e o entregasse a ele numa bandeja de bebidas. Vocês têm que entender que os Bothanos pensam em termos de influência política e persuasiva, não em poder militar. O objetivo de um Bothano típico é passar pela vida fazendo com que um número cada vez maior de pessoas ouça o que ele tem a dizer. Fey'lya pensa que ser aquele que trará o senador de volta à Nova República será um grande passo nessa direção.

– Especialmente se Ackbar não estiver por perto para se opor a ele? – perguntou Han.

Sena assentiu.

– Sim, infelizmente essa é outra típica manobra Bothana. Um líder Bothano que cambaleia é invariavelmente atacado por todos aqueles que querem tomar sua posição. No passado distante os ataques eram literais, combatidos com facas e normalmente morte. Agora, foram modificados para algo mais semelhante a um assassinato verbal. Progresso, eu suponho.

– Ackbar não é Bothano – Lando ressaltou.

– A técnica é facilmente adaptável para outras raças.

Han soltou um grunhido.

– Mas que ótimo grupo para se ter como aliado. Então eles só esfaqueiam, ou também ajudam a derrubar a pessoa de vez?

– Você quer dizer a transferência bancária? – Sena balançou a cabeça. – Não, duvido que isso tenha sido coisa de Fey'lya. Como regra geral, os Bothanos não arriscam o pescoço o bastante para tramar planos. Preferem muito mais tirar vantagem do plano dos outros.

– São mais carniceiros do que caçadores – Han disse ácido. Provavelmente isso explicava porque ele nunca gostara de Fey'lya e seu grupo. – Então, o que vamos fazer a respeito dele?

Sena deu de ombros.

– Tudo o que vocês realmente precisam fazer é inocentar Ackbar. Assim que ele não for mais vulnerável a ataques, Fey'lya deverá recuar.

– Ótimo – Han grunhiu. – O problema é que, com um grão-almirante cuidando do Império, podemos não ter tanto tempo.

– E, se nós não temos tempo, vocês também não – Lando

acrescentou. – Dignidade ferida à parte, Sena, é melhor que o senador comece logo a enfrentar a realidade. Vocês são um grupo pequeno e isolado com uma ligação com a frota Katana, e existe um Império lá fora sedento por novas naves de guerra. No minuto em que o grão-almirante der de cara com o que vocês têm, ele vai jogar toda a Frota Imperial em cima de vocês antes que possam piscar duas vezes. Levem a frota Katana para a Nova República e serão heróis. Esperem demais e perderão tudo.

– Eu sei – disse Sena, sua voz quase baixa demais para ouvir. Han esperou, cruzando os dedos mentalmente... – Na verdade não sabemos onde a frota está – ela disse. – Nossos dreadnaughts vieram de um homem que disse que se deparou com elas há cerca de quinze anos. Ele é magro, com altura abaixo da média e uma aparência meio suspeita. Ele tem cabelos brancos curtos e um rosto muito enrugado, embora suspeite que essa aparência se deva em grande parte a alguma doença ou ferimento do passado do que à idade.

– Qual o nome dele? – perguntou Han.

– Não sei. Isso ele nunca nos falou. – Ela hesitou novamente, e depois voltou a falar. – Mas ele adora jogar. Todos os nossos encontros com ele foram a bordo da *Coral Vanda*, normalmente em mesas de jogo. O pessoal de lá parecia conhecê-lo muito bem, embora isso não significasse necessariamente alguma coisa, pelo jeito como ele jogava dinheiro fora. Os crupiês sempre acabam conhecendo rapidamente os perdedores.

– A *Coral Vanda*? – perguntou Han.

– É um cassino de luxo suboceânico em Pantolomin – Lando lhe disse. – Faz passeios de três e sete dias pela grande rede de corais além do continente norte. Eu sempre quis ir até lá, mas nunca tive chance.

– Bem, agora você tem – disse Han. Ele olhou para Sena. – Suponho que a próxima pergunta seja como vamos sair daqui.

– Isso não será problema – ela disse, a voz tensa. Provavelmente já começando a pensar melhor. – Posso mandar a *Harrier* levar vocês de volta a New Cov. Quando querem partir?

– Agora mesmo – disse Han. Ele viu a expressão no rosto de Sena... – Escute, não importa a hora em que partirmos, alguma explicação você vai ter que dar pro senador. Estamos numa corrida contra o Império aqui; até mesmo algumas horas podem fazer diferença.

– Acho que você tem razão – ela disse com relutância. – Irenez, leve-nos até a nave deles. Vou fazer os arranjos necessários de lá mesmo.

No fim das contas, não houve necessidade de fazer arranjos de dentro da *Lady Luck*. Parado do lado de fora da rampa quando eles chegaram, obviamente esperando por eles, estava o senador Bel Iblis.

– Olá, Solo; Calrissian. – Ele sorriu quando Han e Lando desceram

do speeder. – Vocês não estavam em seus alojamentos, e achei que pudessem estar aqui. Vejo que eu estava certo.

Seus olhos passaram rapidamente sobre o ombro de Han quando Sena emergiu do speeder. Voltaram a olhar para o rosto de Han... e subitamente o sorriso fácil desapareceu.

– Sena? O que está acontecendo?

– Eles sabem da frota Katana, comandante – ela disse baixinho, parando ao lado de Han. – E... eu falei a eles sobre nosso contato.

– Entendo – Bel Iblis disse num tom neutro. – E por isso vocês estão partindo. Para ver se conseguem convencê-lo a entregar a Força Sombria para a Nova República.

– Isso mesmo, senhor – disse Han no mesmo tom de voz. – Precisamos das naves. Muito mesmo. Mas não tanto quanto precisamos de bons combatentes. E bons comandantes.

Por um longo momento Bel Iblis o encarou.

– Eu não irei até Mon Mothma como um mendigo implorando para que me aceite – ele finalmente disse.

– O senhor foi embora por bons motivos – Han persistiu. – Pode voltar da mesma maneira.

Mais uma vez os olhos de Bel Iblis voltaram de relance para Sena.

– Não – ele disse – Muita gente sabe o que aconteceu entre nós. Eu iria parecer um velho idiota. Ou um mendigo.

Ele olhou para além de Han, os olhos varrendo lentamente os prédios do Ninho do Peregrino.

– Eu não tenho nada para oferecer, Solo – ele disse, com a voz marcada por um tom que soava como de arrependimento. – Um dia sonhei em ter uma frota que competisse com o melhor da Nova República. Uma frota, e uma sequência de vitórias decisivas e fundamentais contra o Império. Com isso, talvez eu pudesse ter voltado com dignidade e respeito. – Ele balançou a cabeça. – Mas o que temos aqui mal pode ser considerado uma força de ataque.

– Talvez, mas seis dreadnaughts não são nada desprezíveis – Lando interferiu. – Tampouco seu histórico de combate. Esqueça Mon Mothma por um minuto; todos os militares da Nova República teriam o maior prazer em aceitá-lo.

Bel Iblis ergueu uma sobrancelha.

– Talvez. Acho que vale a pena pensar nisso.

– Especialmente com um grão-almirante encarregado do Império – ressaltou Han. – Se ele o pegar aqui sozinho, você está acabado.

Bel Iblis deu um sorriso tenso.

– Esse pensamento me ocorreu, Solo. Várias vezes por dia. – Ele se endireitou. – A *Harrier* está partindo em meia hora para levar Breil'lya de volta a New Cov. Vou instruí-los para que levem vocês e a *Lady Luck* junto.

Han e Lando trocaram olhares.

– O senhor acha que será seguro voltar para New Cov? – perguntou Han. – Pode ser que ainda haja imperiais por lá.

– Não haverá. – Bel Iblis disse com certeza. – Estudei os imperiais e suas táticas por muito tempo. Além de não esperar que voltemos tão cedo, eles realmente não podem se dar ao luxo de ficar tempo demais num lugar só. Além disso, precisamos ir para lá: Breil'lya precisará pegar sua nave.

Han assentiu, imaginando que tipo de relatório Breil'lya daria ao seu chefe quando voltasse a Coruscant.

– Tudo certo. Bem... Acho que é melhor prepararmos a nave.

– Sim. – Bel Iblis hesitou, depois estendeu a mão. – Foi bom ver você, Solo. Espero que voltemos a nos encontrar.

– Tenho certeza de que sim, senhor – Han lhe garantiu, apertando a mão estendida.

O senador assentiu para Lando.

– Calrissian – ele disse. Soltando a mão de Han, ele se virou e se afastou pelo campo de pouso.

Han o viu se afastar, tentando decidir se admirava o senador mais do que tinha pena dele ou vice-versa. Foi um exercício inútil.

– Nossa bagagem ainda está em nossos aposentos – ele disse a Sena.

– Vou mandar trazê-la enquanto vocês preparam a nave. – Ela olhou para Han, seus olhos subitamente queimavam com um fogo intenso. – Mas quero que se lembre de uma coisa – ela disse com sinceridade mortal. – Pode ir agora, com nossas bênçãos. Mas se trair o senador – de qualquer que seja a maneira – você morrerá. Pelas minhas mãos, pessoalmente, se necessário.

Han sustentou o olhar dela, pensando no que dizer. Talvez lembrá-la de que ele já havia sido atacado por caçadores de recompensas e criminosos interestelares, estado na mira de stormtroopers do Império e sido torturado sob a supervisão do próprio Darth Vader. Talvez sugerir que, depois de tudo isso, uma ameaça vinda de alguém como Sena era risível demais para levar a sério.

– Eu entendo – ele disse muito sério. – Não vou decepcionar você.

Da conexão da comporta dorsal atrás deles veio o ranger de um selo sob estresse; e pelo visor da *Lady Luck* o campo de estrelas visível ao redor do dreadnaught subitamente se transformou em linhas estelares.

– Lá vamos nós outra vez – disse Lando, com a voz conformada. – Como é que eu sempre deixo você me meter nessas coisas?

– Porque de nós dois você é o respeitável – respondeu Han, passando os olhos pelos instrumentos da *Lady Luck*. Não havia muito o que ver, com os motores e a maior parte dos sistemas em espera. – E

porque você sabe tão bem quanto eu que temos que fazer isso. Mais cedo ou mais tarde o Império vai descobrir que a frota Katana foi encontrada e vai começar a procurar por ela. E, se chegarem antes de nós, vamos estar em sérios apuros. – E lá estavam eles, parados inutilmente por mais dois dias no hiperespaço enquanto a *Harrier* os levava de volta a New Cov. Não porque eles quisessem ir para lá, mas porque Bel Iblis não estava disposto a confiar a eles a localização de sua base idiota do Ninho do Peregrino...

– Você está preocupado com Leia, não está? – Lando perguntou no silêncio.

– Eu não devia tê-la deixado ir – Han resmungou. – Alguma coisa deu errado. Simplesmente sei. Aquele alienzinho mentiroso a entregou para o Império, ou o grão-almirante nos superou mais uma vez. Não sei, mas *alguma coisa*.

– Leia sabe cuidar de si mesma, Han – Lando disse baixinho. – E até mesmo grão-almirantes às vezes cometem erros.

Han balançou a cabeça.

– Ele cometeu seu erro em Sluis Van, Lando. Não vai cometer outro. Aposto a *Falcon* com você que ele não vai.

Lando lhe deu um tapa no ombro.

– Vamos lá, meu camarada, ficar pensando muito nisso não vai ajudar. Temos dois dias para matar. Vamos estrear um baralho de sabacc.

O grão-almirante leu o despacho duas vezes antes de voltar seus olhos brilhantes para Pellaeon.

– Você garante a credibilidade deste relatório, capitão?

– Tanto quanto posso garantir a de qualquer relatório que não tenha se originado de um agente do Império – respondeu Pellaeon. – Por outro lado, esse contrabandista em particular nos deu 52 relatórios ao longo dos últimos dez anos, 48 dos quais provaram ser precisos. Eu diria que vale a pena acreditar nele.

Thrawn olhou novamente para o leitor.

– Endor – ele murmurou, meio para si mesmo. – Por que Endor?

– Não sei, senhor – disse Pellaeon. – Talvez eles estivessem procurando outro lugar para se esconder.

– Entre os Ewoks? – Thrawn bufou debochado. – Isso já seria de fato desespero. Mas não importa. Se a *Millennium Falcon* estiver lá, então Leia Organa Solo também estará. Alerte Navegação e Engenharia; partimos imediatamente para Endor...

– Sim, senhor – Pellaeon assentiu, digitando as ordens. – Devo mandar trazer Khabarakh de Nystao?

– Sim. Khabarakh. – Thrawn pronunciou o nome, pensativo. – Perceba que timing interessante aqui, capitão. Khabarakh volta a Honoghr após um mês de ausência, justo quando Solo e Organa Solo

partem em missões secretas para New Cov e Endor. Coincidência?

Pellaeon franziu a testa.

– Não estou entendendo, senhor.

Thrawn deu um leve sorriso.

– O que eu acho, capitão, é que estamos vendo um novo nível de sutileza entre nossos inimigos. Eles sabem que o retorno de um sobrevivente da fracassada operação de Kashyyyk chamaria a minha atenção. Logo, providenciaram para que ele fosse libertado simultaneamente a suas próprias missões, na esperança de que eu estivesse preocupado demais para notá-las. Sem dúvida, quando dobrarmos Khabarakh, aprenderemos muitas coisas que nos custarão incontáveis homens-hora para finalmente provarmos que estavam todas erradas. – Thrawn voltou a bufar. – Não, deixem-no onde está. Informe aos dinastas que decidi permitir a eles todos os sete dias de humilhação pública, e, após eles, os ritos de descoberta, conforme acharem melhor. Não importa que as informações de Khabarakh sejam inúteis, ele ainda poderá servir ao Império ao morrer dolorosamente. Será uma lição para sua raça.

– Sim, senhor. – Pellaeon hesitou. – Posso ressaltar, entretanto, que tal fragmentação e recondicionamento psicológicos estão muito além do procedimento operacional padrão da Rebelião.

– Concordo – Thrawn disse, amargo. – O que implica com ainda mais força que o que quer que Organa Solo esteja procurando em Endor é consideravelmente mais vital para o esforço de guerra da Rebelião do que um mero santuário.

Pellaeon franziu a testa, tentando pensar no que haveria em Endor que alguém poderia desejar.

– Parte do equipamento deixado lá do projeto da Estrela da Morte? – ele arriscou.

– Mais valioso que isso – o grão-almirante balançou a cabeça. – Informações, talvez, que o imperador poderia ter consigo ao morrer. Informações que eles acham que ainda podem recuperar.

E aí Pellaeon entendeu.

– A localização do armazém do Monte Tantiss.

Thrawn assentiu.

– Esta é a única coisa que consigo pensar que valeria tanto esforço assim da parte deles. De qualquer maneira, é um risco que não podemos nos dar ao luxo de correr. Não agora.

– Concordo. – O painel de Pellaeon emitiu um *ping*: Navegação e Engenharia sinalizavam que estavam prontas. – Devo deixar a órbita?

– Quando quiser, capitão.

Pellaeon fez um gesto de cabeça para o leme.

– Vamos partir. Seguir curso definido pela Navegação.

Pelas escotilhas o planeta abaixo começou a se afastar; e ao fazer

isso um trinado curto de uma mensagem de prioridade soou. Pellaeon puxou a mensagem e leu o cabeçalho.

– Almirante? Relatório da *Inflexível*, no sistema Abregado. Eles capturaram um dos cargueiros de Talon Karrde. A transcrição do interrogatório preliminar está chegando agora. – Ele franziu a testa ao ler a mensagem até o final. – É bem curta, senhor.

– Obrigado – Thrawn disse com satisfação silenciosa ao puxar o relatório para sua própria estação.

Ainda estava lendo quando a *Quimera* deu o salto para a velocidade da luz. Lendo com muito, muito cuidado.

CAPÍTULO 17

Mara nunca tinha estado no espaçoporto de Abregado-rae antes; mas, enquanto caminhava por suas ruas, decidiu que ele merecia cada fragmento da péssima reputação que havia se esforçado tanto para adquirir.

Não que isso ficasse claro na superfície. Pelo contrário, o lugar era arrumado e quase impossivelmente limpo, embora tivesse aquela qualidade antisséptica artificial que indicava que a limpeza havia sido imposta do alto, por decreto governamental, em vez de vinda de baixo, fruto do desejo genuíno da população. Também parecia um lugar razoavelmente tranquilo em termos de espaçoporto, com muitos seguranças uniformizados patrulhando as ruas ao redor dos poços de pouso.

Mas sob o brilho da superfície era possível ver a podridão. Ela aparecia nos modos ligeiramente furtivos dos locais; no andar insolente porém pouco entusiasmado dos seguranças uniformizados; nos olhares penetrantes dos silenciosos seguranças à paisana que eram tão óbvios quanto os outros. O espaçoporto inteiro – talvez o planeta todo – parecia contido apenas à base de algemas plásticas e baterias de energia das armas de raios.

Um regime totalitário mesquinho e uma população desesperada para fugir dele. Exatamente o tipo de lugar onde qualquer um trairia qualquer um pelo preço de uma passagem para fora do planeta. O que significava que, se qualquer um dos locais se deparasse com o fato de que havia uma nave de contrabando parada ali bem embaixo do nariz dos seguranças, Mara não conseguiria dar mais de dez passos antes que o lugar inteiro caísse em cima dela.

Caminhando na direção de uma porta desbotada com os dizeres POÇO DE POUSO 21 igualmente desbotados sobre ela, Mara torceu com ironia para que aquilo não fosse uma armadilha. Ela realmente detestaria morrer num lugar daqueles.

A porta que dava para o poço de pouso estava destrancada. Respirando fundo, bem consciente dos dois pares de seguranças uniformizados à vista, ela entrou.

Era de fato a *Etherway*, com o mesmo aspecto vagabundo e decrépito de quando Fynn Torve tivera de abandoná-la no poço de pouso 63 daquele mesmo espaçoporto. Mara deu uma examinada rápida na nave, checou todos os cantos do poço onde um esquadrão armado poderia estar escondido para uma emboscada e finalmente se concentrou no rapaz de cabelos escuros descansando em uma cadeira ao lado da rampa abaixada do cargueiro. Mesmo naquela pose casual ele não conseguia dissipar a aura militar que o cercava.

– Olá – ele gritou para ela, abaixando o datapad que estava lendo. – É um belo dia para voar. Está interessada em alugar uma nave?

– Não – ela respondeu, caminhando na direção dele e tentando

olhar para todos os lados ao mesmo tempo. – Estou mais com vontade de comprar. Que tipo de nave é essa caixa de sapatos voadora, aliás?

– É uma Harkners-Balix Nove Zero Três – o outro fungou, em uma tentativa barata de demonstrar orgulho ferido. – É uma caixa de sapatos e tanto.

Ele não era lá muito bom ator, mas estava claramente se divertindo com toda aquela história de espionagem. Cerrando com firmeza os dentes, Mara amaldiçoou em silêncio a cabeça de Torve por ter criado um procedimento de identificação tão ridículo em primeiro lugar.

– Parece uma Nove Dezessete para mim – ela disse obedientemente. – Ou até mesmo uma Nove Vinte e Dois.

– Não, é uma Nove Zero Três – ele insistiu. – Confie em mim; meu tio costumava fazer almofadas de trens de pouso para elas. Entre e eu lhe mostro a diferença.

– Ah, isso seria ótimo – Mara resmungou baixinho ao acompanhá-lo rampa acima.

– Fico feliz que tenha finalmente chegado aqui – o homem comentou olhando para trás quando chegaram ao alto da rampa. – Estava começando a achar que você tinha sido apanhada.

– Isso ainda pode acontecer se você não calar a boca – Mara grunhiu de volta. – Fale mais baixo, sim?

– Está tudo bem – ele garantiu. – Coloquei todos os seus droides MSE chacoalhando em tarefa de limpeza justamente no interior do casco externo. Isso deverá bloquear quaisquer sondas de áudio.

Teoricamente, ela supôs, ele tinha razão. Já na prática... Bem, se os locais tivessem colocado aquele poço de pouso sob vigilância, estariam em apuros de qualquer maneira.

– Você teve algum problema para tirar a nave do depósito? – ela lhe perguntou.

– Não exatamente. O administrador do espaçoporto disse que tudo era muito irregular, mas tirando isso não me perturbou mais. – Ele sorriu. – Embora eu ache que o tamanho do suborno que discretamente dei a ele possa ter ajudado. A propósito, meu nome é Wedge Antilles. Sou amigo do capitão Solo.

– Prazer em conhecê-lo – disse Mara. – Solo não conseguiu vir?

Antilles balançou a cabeça.

– Ele precisou deixar Coruscant em algum tipo de missão especial, então me pediu para deixar a nave pronta para você. Eu já havia agendado uma missão de escolta a uns dois sistemas de distância, por isso não foi problema algum.

Mara o avaliou rapidamente. Pela sua constituição e comportamento em geral...

– Piloto de B-wing? – ela arriscou.

– X-wing – ele a corrigiu. – Preciso voltar antes que meu comboio

termine o carregamento. Quer que eu lhe forneça uma escolta para fora daqui?

– Obrigada, mas não – ela disse, resistindo à necessidade de dizer algo sarcástico. A primeira regra do contrabando era ser o mais discreto possível, e sair voando de um espaçoporto de terceira com um caça estelar X-wing da Nova República todo reluzente a reboque não era exatamente uma postura discreta. – Agradeça a Solo por mim.

– Certo. Ah, mais uma coisa – Antilles acrescentou quando ela passou por ele. – Han também queria que eu lhe perguntasse se seu pessoal estaria interessado em vender informações sobre seu amigo dos olhos.

Mara lhe dirigiu um olhar irritado.

– Nosso amigo dos olhos?

Antilles deu de ombros.

– Foi o que ele falou. Ele disse que você entenderia.

Mara sentiu o lábio retorcer.

– Entendi muito bem. Diga-lhe que vou transmitir a mensagem.

– Ok. – Ele hesitou. – Parecia ser muito importante...

– Já disse que vou transmitir a mensagem.

Ele voltou a dar de ombros.

– Ok... Estou apenas fazendo meu trabalho. Boa viagem. – Com um aceno de cabeça amigável, ele desceu a rampa.

Ainda meio que esperando a armadilha, Mara selou a comporta para o voo e subiu até a ponte.

Ela levou quinze minutos para rodar a sequência pré-voo da nave, quase exatamente o tempo que levou para os controladores do espaçoporto confirmarem sua decolagem. Acionando os repulsores com potência reduzida, ela saiu do poço de pouso e partiu rumo ao espaço.

Estava quase na altura adequada para acionar o drive subluz quando a nuca começou a formigar.

– Oh-oh – ela resmungou em voz alta, vasculhando rapidamente as telas. Não viu nada; mas, tão perto assim de um planeta, aquilo provavelmente era um pouco mais do que nada. Qualquer coisa poderia estar espreitando logo além do horizonte, desde um único esquadrão de caças TIE até um destróier estelar imperial. Embora talvez eles ainda não estivessem prontos...

Ela colocou potência total no drive, sentindo-se pressionada no assento almofadado por alguns segundos enquanto os compensadores de aceleração lutavam para fazer seu trabalho. Um uivo indignado veio do controlador no alto-falante do comunicador; ignorando-o, ela ativou o computador, torcendo para que Torve tivesse seguido o procedimento padrão de Karrde ao pousar em Abregado.

Tinha. O cálculo para saltar para longe dali já havia sido

computado e carregado, apenas aguardando para ser iniciado. Ela mandou o computador começar a fazer os ajustes menores que corrigiriam uns dois meses de deslocamento galáctico geral, e voltou a olhar pela escotilha dianteira.

Ali, emergindo sobre o horizonte logo à frente, estava o gigantesco volume de um destróier estelar classe vitória.

Vindo em sua direção.

Por um longo segundo Mara ficou simplesmente sentada ali, enquanto sua mente vasculhava as possibilidades, sabendo muito bem como aquele exercício era inútil. O comandante do destróier estelar havia planejado sua interceptação com grande habilidade – dados os respectivos vetores e a proximidade da *Etherway* ao planeta, não seria possível se esquivar das armas e do raio trator da nave maior a tempo de conseguir fugir para a velocidade da luz. Por um breve momento, ela alimentou a esperança de que os imperiais pudessem não estar atrás dela afinal, de que na verdade estivessem em busca daquele tal de Antilles ainda na superfície. Mas essa esperança também evaporou rapidamente. Um piloto de X-wing dificilmente seria importante o suficiente para prender a atenção de um destróier estelar classe vitória. E, se fosse, eles decerto não teriam sido tão incompetentes a ponto de abrir a armadilha prematuramente.

– Cargueiro *Etherway* – uma voz fria ribombou no alto-falante do seu comunicador. – Aqui é o destróier estelar *Inflexível*. Suas ordens são para desligar seus motores e se preparar para ser trazido a bordo.

Então era isso. Eles realmente estavam procurando por ela. Em poucos minutos, seria prisioneira deles.

A menos que...

Ela estendeu o braço e acionou o microfone.

– Destróier estelar *Inflexível*, aqui é a *Etherway* – ela disse rapidamente. – Parabéns por sua vigilância. Estava com medo de ter que vasculhar os próximos cinco sistemas até encontrar uma nave imperial.

– Você vai desligar todos os sistemas defletores... – A voz parou no meio do discurso padrão quando eles, com certo atraso, registraram o fato de que aquela não era a reação normal de um prisioneiro imperial.

– Vou querer conversar com seu capitão assim que estiver a bordo – Mara disse, aproveitando a lacuna na conversa. – Preciso que ele arrume uma reunião com o grão-almirante Thrawn e me forneça transporte até onde ele e a *Quimera* estiverem no momento. E prepare um raio trator: não quero ter de pousar este monstro sozinha no seu hangar.

As surpresas chegavam rápido demais ao pobre homem.

– Ah... Cargueiro *Etherway*... – ele voltou a tentar.

– Pensando bem, me ponha em contato com o capitão agora – Mara o interrompeu. Agora ela tinha a vantagem da iniciativa, e estava determinada a mantê-la pelo máximo de tempo possível. – Não há ninguém por perto que possa ouvir esta comunicação.

Um momento de silêncio. Mara continuou em seu curso de interceptação; um fio de dúvida começou a se esgueirar em meio a sua certeza. *É o único jeito*, ela disse a si mesma com dureza.

– Aqui é o capitão – uma nova voz se fez ouvir no alto-falante. – Quem é você?

– Alguém com informações importantes para o grão-almirante Thrawn – Mara disse, mudando seu tom de enérgico para apenas ligeiramente insolente. – Por ora, é tudo o que você precisa saber.

Mas o capitão não se deixava levar tão facilmente quanto seus oficiais mais novos.

– É mesmo? – ele disse secamente. – De acordo com nossas fontes, você é membro da gangue de contrabandistas de Talon Karrde.

– E você não acredita que tal tipo de pessoa possa contar algo de útil ao grão-almirante? – ela retrucou, deixando seu tom de voz um pouco mais glacial.

– Ah, tenho certeza de que sim – disse o capitão. – Simplesmente não vejo motivo pelo qual deva incomodá-lo com o que será, afinal de contas, um interrogatório de rotina.

Mara fechou a mão esquerda num punho bem cerrado. Ela precisava evitar a qualquer custo a filtragem mental completa à qual o capitão estava obviamente se referindo.

– Eu não aconselharia isso – ela lhe disse, lançando mão de cada fragmento que podia se lembrar de dignidade e poder da velha corte do Império em sua voz. – O grão-almirante ficaria bastante decepcionado com você. Bastante decepcionado.

Uma pausa breve. Obviamente, o capitão começava a reconhecer que havia ali mais do que esperava. E, de forma igualmente óbvia, ele ainda não estava pronto para recuar.

– Eu tenho minhas ordens – ele disse simplesmente. – Vou precisar de mais que pistas vagas antes de abrir uma exceção para você.

Mara se segurou. Aquela era a hora. Depois de todos aqueles anos se escondendo do Império, bem como de todo mundo, por fim o momento havia chegado.

– Então mande uma mensagem para o grão-almirante – ela disse. – Diga a ele que o código de reconhecimento é Hapspir, Barrini, Corbolan, Triaxis.

Houve um instante de silêncio, e Mara percebeu que finalmente havia conseguido se comunicar com o capitão.

– E seu nome? – ele perguntou, sua voz de súbito assumindo um tom respeitoso.

Abaixo dela, a *Etherway* sofreu um pequeno solavanco quando o raio trator da *Inflexível* travou na nave. Agora ela havia se comprometido. A única saída era ir até o fim.

– Diga – ela falou – que ele me conhecia como a mão do imperador.

Eles levaram Mara e a *Etherway* a bordo, e a acomodaram com uma deferência insegura em um dos alojamentos para oficiais mais graduados... Depois se afastaram de Abregado como um mynock com a cauda em chamas. Ela ficou sozinha na cabine pelo resto do dia e também durante a noite, sem ver ninguém, sem falar com ninguém. As refeições eram entregues por um droide serviçal SE4; em todos os outros momentos a porta era mantida trancada.

Se a privacidade forçada era por ordens do capitão ou se as ordens tinham vindo de cima, era impossível dizer, mas pelo menos isso lhe dava tempo de planejar alguma coisa, ainda que de maneira limitada.

Do mesmo modo, não havia como saber para onde estavam indo, mas pelo som poderoso dos motores, ela podia imaginar que viajavam desconfortavelmente além da velocidade normal de Ponto Quatro Cinco de um destróier estelar classe vitória. Possivelmente até mesmo Ponto Cinco, o que significaria que estavam cobrindo 127 anos-luz por hora. Por algum tempo ela manteve a mente ocupada tentando adivinhar para qual sistema eles poderiam estar se dirigindo; contudo, à medida que as horas passavam e o número de possibilidades ficava grande demais para contar, ela deixou o jogo de lado.

Vinte e duas horas após deixarem Abregado, eles chegaram ao ponto de encontro. Ao último lugar que Mara teria esperado. Ao último lugar na galáxia para onde ela teria desejado ir. O lugar onde seu universo havia sofrido uma morte súbita e violenta.

Endor.

– O grão-almirante irá vê-la agora – o líder do esquadrão de stormtroopers disse, recuando da porta aberta e fazendo um gesto para que ela avançasse. Mara lançou um olhar para o silencioso guarda-costas noghri em pé do outro lado da porta e entrou.

– Ah – uma voz bem familiar chamou baixinho do centro de comando no meio do aposento. O grão-almirante Thrawn estava sentado no círculo duplo de telas, seu olhos vermelhos brilhando para ela por cima do uniforme branco reluzente. – Entre.

Mara ficou onde estava.

– Por que me trouxe a Endor? – ela exigiu saber.

Os olhos brilhantes se estreitaram.

– Perdão?

– Você me ouviu bem – ela disse. – Endor. Onde o imperador morreu. Por que escolheu esse lugar para o encontro?

O outro pareceu levar isso em conta.

– Aproxime-se, Mara Jade.

A voz era rica em tons de comando, e Mara se deu conta de que andava em sua direção antes mesmo de perceber o que estava fazendo.

– Se isso era para ser uma brincadeira, foi de péssimo gosto – ela disse entre dentes. – Se é para ser um teste, então vamos logo com isso.

– Não é nenhuma das duas coisas – disse Thrawn quando ela chegou à margem do círculo exterior de telas e parou. – Essa escolha nos foi forçada devido a outro negócio que não tem relação com isso. – Uma sobrancelha negro-azulada se ergueu ligeiramente. – Ou talvez *tenha* alguma relação. Isso ainda está por ser visto. Diga-me, você consegue realmente sentir a presença do imperador aqui?

Mara respirou fundo, sentindo o ar estremecer em seus pulmões com uma dor tão real quanto intangível. Seria possível que Thrawn percebesse o quanto aquele lugar a feria? – ela se perguntou. A intensidade das memórias e sensações que o sistema inteiro de Endor ainda retinha? Ou será que ele nem se importaria com nada disso se soubesse?

Ele, porém, sabia, sim. Ela podia ver isso pela maneira como ele olhava para ela. Mas não se importava muito com o que ele achava disso tudo.

– Eu posso sentir a prova de sua morte – ela lhe disse. – Não é agradável. Vamos acabar com isso para que possa sair daqui.

O lábio dele estremeceu, talvez pela suposição dela de que fosse de fato deixar a *Quimera*.

– Muito bem. Vamos começar com alguma prova de quem você era.

– Eu dei ao capitão da *Inflexível* um código de reconhecimento de alto nível – ela lembrou.

– E é por isso que você está aqui e não numa cela de detenção – disse Thrawn. – O código em si não constitui prova nenhuma.

– Tudo bem, então – disse Mara. – Nós nos encontramos uma vez, durante a inauguração pública da nova ala da Assembleia do Palácio Imperial em Coruscant. Naquela cerimônia, o imperador me apresentou a você como Lianna, uma de suas dançarinas favoritas. Mais tarde, durante a cerimônia mais íntima que se seguiu, ele lhe revelou minha verdadeira identidade.

– E qual foi essa cerimônia íntima?

– Sua promoção secreta ao posto de grão-almirante.

Thrawn franziu os lábios; seus olhos não deixavam o rosto dela.

– Você usou um vestido branco em ambas as cerimônias – ele disse. – Tirando a faixa na cintura, o vestido tinha somente uma outra decoração. Você lembra o que era?

Mara teve que pensar.

– Era uma pequena escultura de ombro – ela disse devagar. – Ombro esquerdo. Design Xyquine, se bem me lembro.

– De fato. – Thrawn estendeu a mão até o painel de controle e tocou um botão; e, bruscamente, a sala se encheu de holos de esculturas de ombro sobre pilares ornamentados. – O que você usava está em algum lugar deste aposento. Encontre-o.

Mara engoliu em seco, virando-se devagar enquanto olhava ao redor. Ela havia usado literalmente centenas de vestidos de festa para seu disfarce como membro do séquito do imperador. Lembrar-se de uma única escultura de ombro entre tudo aquilo...

Ela balançou a cabeça, tentando afastar a desagradável sensação de zumbido que pairava em sua mente. Ela já tivera uma memória excelente um dia, e o treinamento do imperador a tornara ainda melhor. Orientando seus pensamentos, lutando contra a perturbadora corrente da aura daquele lugar, ela se concentrou...

– É esta – ela disse, apontando para uma filigrana delicada de ouro e azul.

A expressão de Thrawn não se alterou, mas ele pareceu relaxar um pouco em sua cadeira.

– Bem-vinda de volta, mão do imperador. – Ele tocou o botão pela segunda vez, e a galeria de arte desapareceu. – Você demorou muito para retornar.

Aqueles olhos brilhantes perfuravam seu rosto; a pergunta não fora pronunciada, porém era óbvia.

– O que havia aqui para mim antes? – ela retrucou. – Quem a não ser um grão-almirante teria me aceito como legítima?

– Era esse o único motivo?

Mara hesitou, reconhecendo a armadilha. Thrawn estava no comando do Império havia mais de um ano, e ela não tinha se aproximado dele até agora.

– Existiam outros motivos – ela disse. – Nenhum dos quais desejo discutir no momento.

O rosto dele se endureceu.

– Assim como, presumo, você não deseja discutir por que ajudou Skywalker a escapar de Talon Karrde?

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Mara estremeceu, sem saber durante aquele primeiro segundo se a voz havia sido real ou apenas em sua mente. O estranho zumbido aumentou de intensidade, e por um momento ela quase pôde ver o rosto todo enrugado do imperador fuzilando-a com o olhar. A imagem foi ficando mais clara; o resto do aposento começava a oscilar diante de seus olhos.

Ela respirou muito fundo, forçando uma sensação de calma. Ela

não iria desabar. Não ali; não na frente do grão-almirante.

– Não foi minha ideia deixar Skywalker escapar – ela disse.

– E você foi incapaz de alterar essa decisão? – perguntou Thrawn, erguendo a sobrancelha novamente. – Você, a mão do imperador?

– Nós estávamos em Myrkr – Mara o lembrou com rigidez. – Sob a influên-cia de um planeta cheio de ysalamiri. – Olhou por cima do ombro de Thrawn para o pendurado na estrutura nutriente atrás da cadeira dele. – Duvido que tenha esquecido o efeito que eles provocam na Força.

– Ah, eu me lembro muito bem – Thrawn assentiu. – É o amortecimento que provocam na Força, na verdade, que prova que Skywalker teve ajuda em sua fuga. A única coisa que preciso saber de você é se foi o próprio Karrde quem deu a ordem, ou outros de seu grupo atuando de forma independente.

Para que ele soubesse onde concentrar sua vingança. Mara olhou bem dentro daqueles olhos brilhantes, começando a lembrar agora por que o imperador havia feito daquele homem um grão-almirante.

– Não importa quem é o responsável – ela disse. – Estou aqui para oferecer um acordo que irá pagar essa dívida.

– Estou ouvindo – disse Thrawn, com o rosto neutro.

– Quero que você pare de perturbar Karrde e sua organização. Cancele a recompensa em dinheiro por todos nós, e deixe nosso nome limpo com todas as forças imperiais e planetas que você controla. – Ela hesitou, mas aquela não era hora de ficar toda envergonhada. – Também quero um crédito monetário de 3 milhões a ser depositado em nome de Karrde para a compra de produtos e serviços do Império.

– É mesmo? – disse Thrawn, torcendo o lábio num sorriso entretido. – Receio que Skywalker não valha tanto assim para mim. Ou você está propondo entregar Coruscant também?

– Não estou oferecendo nem Skywalker nem Coruscant – disse Mara. – Estou oferecendo a frota Katana.

O sorriso entretido desapareceu.

– A frota Katana? – Thrawn repetiu baixinho, com os olhos reluzindo.

– Sim, a frota Katana – disse Mara. – A Força Sombria, se preferir o título mais dramático. Presumo que tenha ouvido falar dela.

– De fato, ouvi. Onde ela está?

Novamente, aquele tom de comando, porém desta vez Mara estava preparada. Não que lhe fosse adiantar de alguma coisa.

– Não sei – ela respondeu. – Mas Karrde sabe.

Por um longo momento Thrawn olhou em silêncio para ela.

– Como? – ele finalmente perguntou.

– Ele estava numa missão de contrabando que deu errado – ela lhe disse. – Eles escaparam passando por alguns cães de guarda do

Império, mas não tiveram tempo de fazer um cálculo apropriado de salto. Deram de cara com a frota, acharam que fosse uma armadilha e saltaram de novo, quase destruindo a nave no processo. Karrde estava na navegação; posteriormente, ele entendera o que haviam encontrado.

– Interessante – ele murmurou. – Quando isso aconteceu exatamente?

– Isso é tudo o que lhe darei até termos um acordo – Mara lhe disse. Ela captou a expressão no seu rosto. – E, se está pensando em me fazer passar por um dos seus filtradores da Inteligência, nem se dê ao trabalho. Eu realmente *não* sei onde a frota está.

Thrawn a estudou.

– E mesmo que você soubesse, já teria montado bloqueios ao redor dela – ele concordou. – Está certo. Então me diga onde está Karrde.

– Para que a Inteligência possa filtrá-lo no meu lugar? – Mara balançou a cabeça. – Não. Deixe-me voltar a ele, e eu lhe darei a localização. Então negociaremos. Supondo que o acordo seja de seu agrado.

Uma sombra escura havia caído sobre o rosto de Thrawn.

– Não presuma que pode me ditar regras, Mara Jade – ele disse baixinho. – Nem mesmo em particular.

Um pequeno tremor percorreu a espinha de Mara. Sim, ela estava se lembrando do motivo pelo qual Thrawn havia sido promovido a grão-almirante.

– Eu era a mão do imperador – ela lembrou, imitando a dureza no tom de voz dele da melhor forma possível. Mas até mesmo para seus ouvidos a tentativa soou fraca. – Eu falava por ele... e até os grãos-almirantes eram obrigados a ouvir.

Thrawn deu um sorriso sardônico.

– É mesmo? Sua memória não está muito boa, mão do imperador. No fim das contas, você era pouco mais que uma *courier* altamente especializada.

Mara olhou fuzilando para ele.

– Talvez seja a *sua* memória que precise ser refrescada, grão-almirante – ela retorquiu. – Eu viajei por todo o Império em nome dele, tomando decisões que mudavam vidas nos níveis mais altos do governo...

– Você fazia valer a vontade dele – Thrawn a interrompeu bruscamente. – Nada mais. Se você ouviu os comandos dele com mais clareza que o resto de suas mãos ou não, isso é irrelevante. Ainda assim eram as decisões dele que você implementava.

– Como assim, o resto de suas mãos? – Mara fungou. – Eu era a única...

Ela parou. A expressão no rosto de Thrawn... e, subitamente, toda

a sua fúria se esvaiu.

– Não – ela disse baixinho. – Não. Você está enganado.

Ele deu de ombros.

– Acredite no que quiser. Mas não tente cegar os outros com lembranças exageradas de sua própria importância. – Estendendo o braço para seu painel de controle, ele apertou uma tecla. – Capitão? Já temos o relatório do grupo de abordagem?

A resposta não foi audível; mas Mara também não estava interessada no que os homens de Thrawn estavam fazendo. Ele estava errado. Ele *tinha* de estar errado. Não havia sido o próprio imperador quem havia lhe concedido o título de mão do imperador? Ele a tinha levado pessoalmente de sua casa até Coruscant e a treinado, ensinado como usar sua rara sensibilidade à Força a fim de servi-lo?

Ele não teria mentido para ela. Não teria.

– Não, não há necessidade disso – disse Thrawn. Ele levantou a cabeça e olhou para Mara. – Por um acaso você não tem ideia de por que Leia Organa Solo poderia ter vindo a Endor, tem?

Fazendo um esforço, Mara trouxe seus pensamentos de volta do passado.

– Organa Solo está aqui?

– Pelo menos a *Millennium Falcon* está – ele disse sério. – Deixada em órbita, o que infelizmente não nos permite saber onde ela possa estar. Se estiver em algum lugar. – Voltou-se para seu painel. – Muito bem, capitão. Traga a nave a bordo. Talvez uma análise mais completa nos diga alguma coisa.

Recebeu uma afirmativa e desligou o circuito.

– Muito bem, mão do imperador – ele disse, voltando a olhar para Mara. – Temos um acordo. A Força Sombria pela suspensão de nossa marca da morte contra Karrde. Quanto tempo você levará para voltar à base atual de Karrde?

Mara hesitou; mas essa informação não adiantaria de grande coisa para o grão-almirante.

– A bordo da *Etherway*, cerca de três dias. Dois e meio se eu forçar os motores.

– Sugiro que o faça – disse Thrawn. – Já que você tem exatamente oito dias para obter a localização e trazê-la aqui para mim.

Mara o encarou.

– Oito dias? Mas isso...

– Oito dias. Ou eu o encontrarei e obterei a localização do meu modo.

Uma dezena de possíveis respostas passaram aceleradamente pela cabeça de Mara. Encarar aqueles olhos vermelhos brilhantes mais uma vez silenciou todas.

– Farei o que puder – ela conseguiu responder. Virando-se,

atravessou o aposento para sair.

– Tenho certeza disso – ele disse. – E depois, vamos nos sentar e ter uma longa conversa. Sobre seus anos longe do serviço imperial... e por que você levou tanto tempo para voltar.

Pellaeon encarou seu comandante com rigidez; seu coração batia tão acelerado no peito que conseguia ouvi-lo.

– A frota Katana? – ele repetiu com cuidado.

– Foi o que nossa jovem mão do imperador me contou – disse Thrawn. Seu olhar estava fixado solidamente numa das telas à sua frente. – Ela pode estar mentindo, é claro.

Pellaeon assentiu mecanicamente; as possibilidades se abriam como um manto diante dele.

– A Força Sombria – ele murmurou o velho apelido, ouvindo as palavras ecoarem em sua mente. – Sabe, eu mesmo já tive esperanças de encontrar essa frota.

– A maioria das pessoas da sua idade já teve – Thrawn respondeu secamente. – O dispositivo de rastreamento está adequadamente instalado a bordo da nave dela?

– Sim, senhor. – Pellaeon deixou seu olhar vagar pelo aposento, concentrando os olhos nas esculturas e bidimensionais que Thrawn exibia hoje. A Força Sombria. Perdida por quase 55 anos. Agora ao alcance deles...

Ele franziu subitamente para as esculturas. Muitas delas de algum modo pareciam familiares.

– Elas são as várias peças de arte que enfeitavam os escritórios da Rendili StarDrive e do departamento de planejamento da Frota quando estavam trabalhando no projeto básico da Katana – Thrawn disse, respondendo a pergunta que ele não havia feito.

– Entendo – disse Pellaeon. Ele respirou fundo e, com relutância, voltou à realidade. – O senhor percebe o quão improvável essa afirmação de Jade é, na verdade?

– Certamente que é improvável. – Thrawn levantou seus olhos brilhantes para Pellaeon. – Mas também é verdade. – Ele apertou um botão e parte da galeria de arte desapareceu. – Observe.

Pellaeon se virou para olhar. Era a mesma cena que Thrawn lhe havia mostrado alguns dias antes: os três dreadnaughts renegados fornecendo cobertura fora da órbita de New Cov para que a *Lady Luck* e aquele cargueiro não identificado pudessem escapar...

Ele respirou fundo. Uma suspeita repentina tomava conta de sua mente.

– *Aquelas* naves?

– Sim – disse Thrawn, sua voz perversamente satisfeita. – As diferenças entre dreadnaughts comuns e os dotados de circuitos escravos são sutis, mas visíveis o bastante quando você sabe procurar

por elas.

Pellaeon olhou para o holo franzindo a testa, esforçando-se para encaixar todas as peças.

– Com sua permissão, almirante, mas não faz sentido que Karrde esteja fornecendo naves a esse Corelliano renegado.

– Concordo – assentiu Thrawn. – Obviamente, mais alguém daquela infeliz nave de contrabando também percebeu no que haviam esbarrado. Vamos encontrar esse alguém.

– Temos alguma pista?

– Algumas. Segundo Jade, eles escaparam de uma força do Império na saída de um trabalho que deu errado. Todos esses incidentes devem estar arquivados em algum lugar; vamos cruzar isso com o que sabemos a respeito do passado suspeito de Karrde e ver o que aparece. Jade também disse que a nave foi bem danificada no processo de executar seu segundo salto. Se tiveram de ir a um grande espaçoporto para reparos, isso também deverá constar nos arquivos.

– Vou colocar a Inteligência para ver isso agora – assentiu Pellaeon.

– Ótimo. – Os olhos de Thrawn perderam o foco por um momento. – E também quero que você entre em contato com Niles Ferrier.

Pellaeon teve de vasculhar sua memória.

– Aquele ladrão de naves que o senhor enviou para procurar a base natal do Corelliano?

– Esse mesmo – respondeu Thrawn. – Mande-o esquecer o Corelliano e se concentrar em Solo e Calrissian. – Ergueu uma sobrancelha. – Afinal, se o Corelliano está de fato planejando se juntar à Rebelião, que dote melhor ele poderia levar do que a frota Katana?

O comunicador emitiu um *ping*.

– Sim? – perguntou Thrawn.

– Senhor, o alvo fez o salto para a velocidade da luz – reportou a voz. – Temos um sinal forte do farol; estamos executando agora uma extrapolação de probabilidades.

– Muito bom, tenente – disse Thrawn. – Não se incomode com extrapolações ainda: ela irá mudar de curso pelo menos mais uma vez antes de se dirigir para seu verdadeiro destino.

– Sim, senhor.

– Mesmo assim, não queremos que ela fique muito à nossa frente – Thrawn disse a Pellaeon quando desligou o comunicador. – É melhor voltar à ponte, capitão, e colocar a *Quimera* atrás dela.

– Sim, senhor. – Pellaeon hesitou. – Pensei que fôssemos lhe dar tempo para obter a localização da Katana para nós.

A expressão de Thrawn se endureceu.

– Ela não faz mais parte do Império, capitão – ele disse. – Ela pode querer que acreditemos que está voltando... pode ser que ela mesma

creia nisso. Mas não está. Não importa. Ela está nos levando para Karrde, e isso é o que importa. Entre ele e nosso renegado Corelliano temos duas pistas que levam até a frota Katana. De um jeito ou de outro, nós a encontraremos.

Pellaeon assentiu, voltando a sentir empolgação apesar de seus melhores esforços para permanecer racional. A frota Katana. Duzentos dreadnaughts, simplesmente parados ali esperando que o Império se apoderasse deles...

– Tenho a sensação, almirante – ele disse –, de que nossa ofensiva final contra a Rebelião estará pronta para ser lançada um pouco antes do programado.

Thrawn sorriu.

– Acredito, capitão, que você possa estar certo.

CAPÍTULO 18

Eles estavam sentados à mesa da casa da maitrakh desde o começo da manhã, estudando mapas, plantas e diagramas, buscando um plano de ação que fosse mais do que simplesmente um jeito complicado de se renderem. Finalmente, logo antes do meio-dia, Leia pediu uma pausa.

– Não consigo olhar mais para isso – ela disse para Chewbacca, fechando os olhos por um tempo e esfregando os polegares contra as têmporas que latejavam. – Vamos lá fora um tempinho.

Chewbacca grunhiu uma objeção.

– Sim, é claro que há riscos – ela concordou cansada. – Mas toda a aldeia sabe que estamos aqui, e ninguém contou às autoridades ainda. Vamos, está tudo bem. – Encaminhando-se até a porta, ela a abriu e saiu. Chewbacca resmungou baixinho, mas foi atrás.

O sol do fim da manhã brilhava com intensidade, com apenas uma fina camada esparsa de nuvens altas para interferir. Leia olhou para o céu claro acima, estremecendo involuntariamente com a súbita sensação de nudez que tomou conta dela. Um céu claro, direto até o espaço... mas tudo estava bem. Um pouco antes da meia-noite a maitrakh havia trazido a notícia da partida iminente do destróier estelar, uma partida que ela e Chewbacca tinham conseguido ver com os macrobinóculos do kit do Wookiee. Aquela era a primeira pausa que faziam desde a prisão de Khabarakh – justo quando havia começado a parecer que ela e Chewbacca ficariam presos ali até ser tarde demais, o grão-almirante partira subitamente.

Era um presente inesperado... um presente que Leia não podia deixar de ver com desconfiança. Pelo jeito como o grão-almirante falara na *dukha* ela esperou que ele fosse ficar ali até que o período de humilhação de Khabarakh tivesse acabado, após o qual o interrogatório a bordo da nave começaria. Talvez ele tivesse mudado de ideia e levado Khabarakh de volta mais cedo, com um gesto de desprezo pela tradição noghri. Mas a maitrakh havia dito que Khabarakh ainda estava em exibição pública no centro de Nystao.

A menos que ela estivesse mentindo a respeito. Ou alguém tivesse mentido para ela. Mas se o grão-almirante suspeitava o suficiente para mentir para a maitrakh, por que uma legião de soldados do Império ainda não havia caído em cima deles?

Contudo ele era um grão-almirante, com toda a astúcia, sutileza e gênio tático que o título dava a entender. Tudo aquilo podia ser uma armadilha complexa e cuidadosamente orquestrada. E, se fosse, ela tinha uma grande chance de nunca sequer vê-la até que ela tivesse se fechado ao seu redor.

Pare com isso!, ela ordenou firmemente a si mesma. Permitir-se ser capturada pelo mito da infalibilidade que havia sido construído ao redor dos grão-almirantes não lhe daria nada a não ser paralisia

mental. Até mesmo grão-almirantes podiam cometer erros, e havia uma série de motivos pelos quais ele poderia ter precisado deixar Honoghr.

Talvez uma parte de sua campanha contra a Nova República tivesse sofrido algum revés e exigisse sua atenção em outro lugar. Ou talvez ele simplesmente tivesse partido em uma missão rápida, com a intenção de retornar em um ou dois dias.

De qualquer maneira, isso significava que a hora de atacar era agora. Se pudessem encontrar algo para atacar.

Ao lado dela, Chewbacca grunhiu uma sugestão.

– Não podemos fazer isso – Leia balançou a cabeça. – Não seria melhor do que um ataque total ao espaçoporto. Precisamos manter os danos a Nystao e seu povo a um mínimo absoluto.

O Wookiee resfolegou impaciente.

– Eu *não sei* mais o que fazer – ela retrucou. – Só sei que morte e destruição em massa não farão nada a não ser nos colocar de volta ao ponto em que estávamos antes de chegarmos aqui. Certamente não vai convencer os Noghri de que eles deveriam deixar o Império e passar para o nosso lado.

Ela olhou para além do aglomerado de cabanas, para as colinas distantes e a grama *kholm* marrom que ondulava na brisa. Reluzindo na luz do sol, os objetos em forma de caixa quadrada que eram uma dezena de droides de descontaminação estavam trabalhando duro, engolindo um quarto de metro cúbico de solo a cada mordida, fazendo-o passar por algum tipo exótico de magia catalítica em seus interiores e jogando o produto descontaminado pela parte de trás. De modo lento, porém constante, salvando o povo de Honoghr da beira da destruição que eles haviam enfrentado... e um lembrete bem visível, se é que alguém precisava daquilo, da benevolência do Império para com eles.

– Lady Vader – uma voz rouca miou logo atrás dela.

Leia levou um susto.

– Bom dia, maitrakh – ela disse, se virando e dando à Noghri um solene cumprimento com a cabeça. – Espero que esteja bem esta manhã.

– Não sinto nenhum mal-estar – a outra disse simplesmente.

– Que bom – disse Leia, soando um tanto desanimada. A maitrakh não havia sido tão mal-educada a ponto de dizer alguma coisa explicitamente, mas estava bem claro que ela se considerava numa situação desastrosa, com desonra e talvez até a morte esperando por sua família assim que o grão-almirante descobrisse o que Khabarakh havia feito. Leia sabia que era apenas questão de tempo antes que ela chegasse à conclusão de que entregar os intrusos ao Império seria o caminho menos desastroso que ainda se abria para ela.

– Seus planos – disse a maitrakh. – Como estão indo?

Leia olhou de relance para Chewbacca.

– Estamos fazendo progresso – ela disse. Era verdade, de certa forma: a eliminação de cada abordagem que eles bolavam podia *de fato* ser considerada tecnicamente um progresso. – Mas ainda temos muito o que fazer.

– Sim – disse a maitrakh. Ela olhou para além dos edifícios. – Seu droide tem passado muito tempo com as outras máquinas.

– Não há tanto o que fazer para ele aqui como pensei – disse Leia. – Você e muitos dos seus falam a Língua Básica melhor do que eu havia imaginado.

– O grão-almirante nos ensinou bem.

– Assim como meu pai, o Lorde Darth Vader, antes dele – Leia lembrou.

A maitrakh ficou em silêncio por um momento.

– Sim – ela admitiu com relutância.

Leia sentiu um frio percorrer sua espinha. O primeiro passo numa traição seria colocar um distanciamento emocional entre os Noghri e seu antigo senhor.

– Aquela área será finalizada em breve – disse a maitrakh, apontando para os droides de descontaminação. – Se eles terminarem nos próximos dez dias, seremos capazes de plantar ali, nesta estação.

– A terra extra será o bastante para torná-los autossuficientes? – perguntou Leia.

– Ajudará. Mas não o bastante.

Leia assentiu, sentindo uma onda nova de frustração. Para ela, o esquema do Império era tão evidente quanto cínico: com um ajuste cuidadoso de todo o processo de descontaminação, eles poderiam manter os Noghri à beira da independência sem jamais deixá-los realmente ultrapassar essa linha. Ela sabia disso; a própria maitrakh suspeitava. Mas quanto a provar isso...

– Chewie, você está familiarizado com droides de descontaminação? – ela perguntou de repente. Esse pensamento lhe havia ocorrido uma vez antes, mas até então ela não tivera tempo de dar continuidade a ele. – O suficiente para você calcular quanto tempo levaria para o número de droides que eles têm em Honoghr descontaminar essa quantidade de terra?

O Wookiee grunhiu uma afirmativa, e começou a recitar os números relevantes: obviamente, a questão também lhe havia ocorrido.

– Não preciso da análise completa agora – Leia interrompeu o fluxo de estimativas, extrapolações e regras de ouro. – Você tem um número aproximado?

Ele tinha. Oito anos.

– Entendo – murmurou Leia, o breve lampejo de esperança voltando a se desvanecer na penumbra geral. – Isso deve ter começado mais ou menos no auge da guerra, não?

– Você ainda acredita que o grão-almirante tenha nos enganado? – acusou a maitrakh.

– Eu *sei* que ele está enganando vocês – retorquiu Leia. – Só não posso provar isso.

A maitrakh ficou em silêncio por um minuto.

– O que você irá fazer então?

Leia respirou fundo e soltou o ar silenciosamente.

– Temos que deixar Honoghr. Isso significa invadir o espaçoporto de Nystao e roubar uma nave.

– Isso não será muito difícil para uma filha do Lorde Darth Vader.

Leia fez uma cara de desagrado, pensando em como a maitrakh havia se aproximado sorrateiramente deles sem fazer esforço há um minuto. Os guardas do espaçoporto seriam mais jovens e mais bem-treinados. Eles deviam ter sido caçadores fantásticos antes de o imperador os transformar em máquinas assassinas particulares.

– Roubar uma nave não será tão difícil – ela disse para a maitrakh, ciente do quanto estava exagerando a verdade ali. – A dificuldade surge do fato de que temos que levar Khabarakh conosco.

A maitrakh parou.

– O que foi que você disse? – ela sibilou.

– É a única maneira – disse Leia. – Se Khabarakh for deixado para o Império, eles o farão dizer tudo o que aconteceu aqui. E quando isso acontecer, ele e você morrerão. Talvez toda a sua família junto. Não podemos permitir isso.

– Então vocês próprios enfrentarão a morte – disse a maitrakh. – Os guardas não permitirão que Khabarakh seja liberto tão facilmente.

– Eu sei – disse Leia, profundamente consciente das duas pequenas vidas que ela levava dentro de si. – Vamos ter que correr esse risco.

– Não haverá honra em tal sacrifício – a velha noghri quase bufou. – O clã Kihm'bar não irá esculpir esses atos em sua história. Tampouco o povo noghri se lembrará por muito tempo.

– Não estou fazendo isso para ganhar elogios do povo noghri – suspirou Leia, subitamente cansada de discutir por conta da incompreensão de alienígenas. Ela tinha a impressão de que, de um jeito ou de outro, fizera isso a vida inteira. – Estou fazendo isso porque estou cansada de ver pessoas morrendo por causa dos meus erros. Pedi que Khabarakh me trouxesse a Honoghr; o que aconteceu é responsabilidade minha. Não posso simplesmente sair correndo e deixar vocês sofrerem a vingança do grão-almirante.

– Nosso senhor, o grão-almirante, não lidaria de modo tão cruel conosco.

Leia se virou para olhar a maitrakh bem nos olhos.

– O Império uma vez destruiu um mundo inteiro por minha causa – ela disse baixinho. – Não quero que isso aconteça nunca mais.

Ela sustentou o olhar da maitrakh um momento a mais, e depois lhe deu as costas, retorcendo sua mente com um emaranhado de pensamentos e emoções conflitantes. Será que ela estava fazendo a coisa certa? Ela havia arriscado a vida incontáveis vezes antes, mas sempre por seus companheiros de Rebelião e por uma causa na qual ela acreditava. Fazer o mesmo por servos do Império – ainda que fossem servos que haviam sido enganados de modo a assumir esse papel – era outra coisa. Chewbacca não gostou de nada disso; ela podia dizer pelos sentidos dele e pela maneira rígida como ele se colocava ao seu lado. Mas ele iria junto, levado pelo seu próprio senso de honra e a dívida de vida que tinha para com Han.

Ela piscou para evitar as lágrimas, e levou a mão à barriga inchada. Han entenderia. Ele argumentaria contra um risco daqueles, mas no fundo ele entenderia. Caso contrário, não a teria deixado ir até lá em primeiro lugar.

Se ela não voltasse, ele quase certamente iria culpar a si mesmo.

– O período de humilhação foi estendido por mais quatro dias – a maitrakh murmurou ao lado dela. – Daqui a dois dias as luas projetarão seu nível mínimo de luz. Seria melhor aguardar até lá.

Leia franziu a testa para ela. A maitrakh a encarou com firmeza; seu rosto alienígena era impossível de se ler.

– Você está me oferecendo ajuda? – perguntou Leia.

– Existe honra em você, Lady Vader – disse a maitrakh, com a voz tranquila. – Pela vida e pela honra de meu terceirofilho, irei com você. Talvez morramos juntas.

Leia assentiu, com o coração doendo.

– Talvez sim.

Mas isso não aconteceria. A maitrakh e Khabarakh poderiam morrer, e provavelmente Chewbacca junto com eles. Mas ela, não. A Lady Vader eles iriam capturar com vida e guardar como presente para seu senhor, o grão-almirante.

Que sorriria, falaria educadamente e tiraria os filhos dela.

Ela olhou para os campos, desejando que Han estivesse ali. E se perguntou se ele algum dia saberia o que havia acontecido com ela.

– Venha – disse a maitrakh. – Vamos voltar à casa. Há muitas coisas sobre Nystao que você ainda precisa aprender.

– Estou feliz que você tenha finalmente entrado em contato – a voz de Winter se fez ouvir no alto-falante da *Lady Luck*, ligeiramente distorcida por um pacote de embaralhamento não muito bem-sintonizado. – Eu estava começando a ficar preocupada.

– Estamos bem: apenas tivemos que ficar um tempo em silêncio –

Han lhe garantiu. – Algum problema por aí?

– Não mais do que quando você partiu – ela disse. – Os imperiais ainda estão atingindo nossos transportes lá fora, e ninguém descobriu o que fazer a respeito. Fey'lya está tentando convencer o Conselho de que ele pode fazer um trabalho melhor de defesa do que o pessoal de Ackbar, mas até agora Mon Mothma não aceitou a oferta. Tenho a sensação de que alguns membros do Conselho estão começando a pensar duas vezes sobre a motivação de Fey'lya para tudo isso.

– Ótimo – grunhiu Han. – Quem sabe mandem ele calar a boca e tornem a colocar Ackbar no comando.

– Infelizmente, Fey'lya ainda tem muito apoio para ser completamente ignorado – disse Winter. – Particularmente entre os militares.

– É. – Han se segurou. – Você não deve ter tido notícias de Leia.

– Ainda não – disse Winter; e Han pôde ouvir a tensão em sua voz. Ela também estava preocupada. – Mas eu *ouvi* notícias de Luke. Na verdade, foi por isso que eu quis entrar em contato com você.

– Ele está em apuros?

– Não sei, a mensagem não dizia. Ele quer que você se encontre com ele em New Cov.

– New Cov? – Han franziu a testa para o planeta salpicado de nuvens girando abaixo dele. – Por quê?

– A mensagem não dizia. Só que ele encontraria você no, abre aspas, centro de troca de dinheiro, fecha aspas.

– O...? – Han deslocou sua testa franzida para Lando. – O que é que isso significa?

– Ele está falando do tapcaf Mishra em Ilic, onde ele e eu nos encontramos enquanto você seguia Breil'lya – disse Lando. – Piada interna: explico mais tarde.

– Então isso significa que não há dúvida de que Luke enviou a mensagem? – perguntou Winter.

– Espere um minuto – Han interrompeu quando Lando começou a responder. – Você não falou com ele pessoalmente?

– Não, a mensagem veio impressa – disse Winter. – Também não veio em nenhum embaralhador.

– Ele não tem um embaralhador no seu X-wing, tem? – perguntou Lando.

– Não, mas poderia ter codificado uma mensagem em qualquer posto diplomático da Nova República – Han disse devagar. – Essa piada interna é alguma coisa que só vocês dois saberiam?

– Nós dois, além de talvez umas duzentas testemunhas – admitiu Lando. – Você acha que é uma armadilha?

– Poderia ser. Ok, Winter, obrigado. Vamos checar com mais frequência de agora em diante.

– Está certo. Tomem cuidado.

– Pode apostar.

Ele desligou e olhou para Lando.

– A nave é sua, meu camarada. Quer descer e dar uma olhada, ou deixar pra lá e ir checar aquele seu tal cassino aquático?

Lando soltou o ar entre os dentes.

– Acho que não temos muita escolha – ele disse – Se a mensagem *foi* de Luke, provavelmente é importante.

– E se não foi?

Lando lhe deu um sorriso tenso.

– Ei, já saímos de armadilhas do Império antes. Vamos descer.

Depois da maneira desesperada como haviam saído de Ilic alguns dias antes, era pouco provável que as autoridades locais ficassem felizes ao ver a *Lady Luck* retornar à cidade. Felizmente, ele havia usado os últimos dois dias de folga fazendo alguma coisa útil; e, ao aterrissarem no interior da área de pouso com a cobertura de cúpula, o computador do espaçoporto com obediên-cia registrou a chegada do iate de lazer *Tamar's Folly*.

– É simplesmente sensacional estar de volta – Han comentou secamente enquanto ele e Lando desciam a rampa. – Provavelmente deveríamos dar uma xeretada por aí antes de descermos para o Mishra.

Ao seu lado, Lando ficou rígido.

– Acho que não vamos precisar nos preocupar com o Mishra – ele disse baixinho.

Han deu uma olhada rápida para ele, levando a mão casualmente até sua arma de raios ao desviar o olhar para onde Lando estava olhando. Em pé a cinco metros do fim da rampa da *Lady Luck* estava um homem corpulento vestindo uma túnica ornamentada, mastigando a ponta de um cigarro, e sorrindo com inocência fingida para ambos.

– Amigo seu? – murmurou Han.

– Eu não chegaria a *esse* ponto – Lando murmurou de volta. – O nome dele é Niles Ferrier. Ladrão de naves e contrabandista ocasional.

– Ele estava na confusão no Mishra, suponho.

– Foi um dos protagonistas, pra falar a verdade.

Han assentiu, deixando os olhos vagarem pelo espaçoporto. Entre as dezenas de pessoas andando rapidamente para resolver seus assuntos, avistou três ou quatro que pareciam estar paradas sem fazer nada ali perto.

– Ladrão de naves, hein?

– Sim, mas ele não vai se importar com nada tão pequeno quanto a *Lady Luck* – Lando lhe assegurou.

Han grunhiu.

– Fique de olho nele mesmo assim.

– Pode apostar.

Chegaram ao pé da rampa e, num acordo tácito, pararam ali e esperaram. O sorriso de Ferrier cresceu um bocado, e ele avançou quase aos pulos para encontrá-los.

– Salve, Calrissian – ele disse. – Vivemos nos esbarrando por aí, não é?

– Olá, *Luke* – Han falou antes que Lando pudesse responder. – Você mudou.

O sorriso de Ferrier quase pareceu envergonhado.

– É. Desculpe por isso. Não achei que viessem se eu pusesse meu próprio nome na mensagem.

– Onde está Luke? – Han exigiu saber.

– Pode me revistar – Ferrier deu de ombros. – Ele saiu daqui ao mesmo tempo que você. Foi a última vez que o vi.

Han analisou seu rosto, procurando uma mentira. Não viu nenhuma.

– O que você quer?

– Quero fazer um acordo com a Nova República – disse Ferrier, abaixando a voz. – Um acordo para umas novas naves de guerra. Estão interessados?

Han sentiu um arrepio na nuca.

– Podemos estar – ele disse, tentando soar casual. – De que tipo de naves estamos falando?

Ferrier fez um gesto para a rampa.

– Que tal falarmos dentro da nave?

– Que tal aqui fora? – retorquiu Lando.

Ferrier pareceu ofendido.

– Calminha, Calrissian – apaziguou. – O que é que você acha que eu vou fazer, sair com sua nave no bolso?

– Que tipo de naves? – repetiu Han.

Ferrier olhou para ele por um momento, depois olhou ostensivamente ao redor da área.

– Das grandes – ele disse, abaixando a voz. – Classe dreadnaught. Abaixou mais ainda a sua voz. – A frota Katana.

Com um esforço, Han manteve sua cara de jogador de sabacc.

– A frota Katana. Certo.

– Não estou brincando – insistiu Ferrier. – A Katana foi encontrada... e tenho o contato do sujeito que a encontrou.

– É? – disse Han. Alguma coisa no rosto de Ferrier...

Ele se virou rapidamente, meio que esperando ver alguém tentando subir sorrateiramente a rampa para entrar na *Lady Luck*. Mas, além da mistura de sombras produzidas pelas luzes do espaçoporto, não havia nada lá.

– Alguma coisa? – Lando quis saber.

– Não – disse Han, voltando-se para Ferrier. Se aquele ladrão realmente tivesse contato com o fornecedor de Bel Iblis, isso poderia lhes poupar um bocado de tempo. Mas se não soubesse de nada a não ser rumores e estivesse talvez tentando conseguir algo um pouco mais sólido... – O que faz você pensar que esse sujeito sabe de alguma coisa? – ele perguntou.

Ferrier deu um sorriso cínico.

– Informação gratuita, Solo? O que é que há? Você sabe que não funciona assim.

– Tudo bem, então – disse Lando. – O que você quer de nós, e o que está oferecendo em troca?

– Eu sei o nome do sujeito – disse Ferrier, com o rosto sério mais uma vez. – Mas não sei onde ele está. Pensei que poderíamos reunir nossos recursos, ver se podemos chegar a ele antes do Império.

Han sentiu a garganta apertar.

– O que faz você pensar que o Império está envolvido?

Ferrier lhe deu um olhar de escárnio.

– Com o grão-almirante Thrawn no comando? Ele está envolvido em tudo.

Han deu um sorriso torto. Finalmente eles tinham um nome para o uniforme.

– Thrawn, hein? Obrigado, Ferrier.

O rosto de Ferrier ficou rígido quando subitamente percebeu o que havia acabado de entregar.

– Essa foi de graça – ele disse entre dentes.

– Você ainda não disse o que vamos ganhar com o acordo – Lando o lembrou.

– Vocês sabem onde ele está? – perguntou Ferrier.

– Temos uma pista – disse Lando. – O que você está oferecendo?

Ferrier lançou um olhar calculado entre eles.

– Eu lhes darei metade das naves que pegarmos – ele disse finalmente. – Além de uma opção para a Nova República comprar o resto a um preço razoável.

– O que é um preço razoável? – perguntou Han.

– Depende do estado em que estiverem – retrucou Ferrier. – Tenho certeza de que chegaremos a um acordo.

– Hum. – Han olhou para Lando. – O que você acha?

– Esqueça – disse Lando com a voz firme. – Se você quer nos dar o nome, ótimo. Se for verdade, vamos garantir que você seja bem pago assim que conseguirmos as naves. Caso contrário, pode ir dando o fora.

Ferrier recuou.

– Ora, tudo bem – ele disse, parecendo mais magoado do que irritado. – Se vocês querem fazer tudo sozinhos, fiquem à vontade.

Porém, se chegarmos às naves primeiro, sua preciosa Nova República vai pagar muito mais para obtê-las. *Muito* mais.

Girando nos calcanhares, ele saiu pisando duro.

– Venha, Han, vamos dar o fora daqui – Lando resmungou, sem tirar os olhos das costas de Ferrier, que se afastava.

– Vamos – disse Han, olhando ao redor em busca dos sujeitos parados que ele havia visto antes. Eles também estavam se afastando. Não pareciam encrenca, mas ele manteve a mão na arma mesmo assim até estarem dentro da *Lady Luck* com a comporta selada.

– Vou preparar para levantar voo – Lando disse ao voltarem para a cabine. – Fale com o Controle, consiga um horário de saída para nós.

– Ok – disse Han. – Sabe, pechinchando um pouco mais...

– Não confio nele – Lando o interrompeu, passando a mão sobre os botões de partida. – Ele estava sorrindo demais. E desistiu com muita facilidade.

Era difícil argumentar contra um comentário tão incisivo. E, como Han havia dito antes, a nave *era* de Lando. Dando de ombros para si mesmo, ele chamou o controle do espaçoporto.

Partiram dez minutos depois, mais uma vez deixando um grupo infeliz de controladores para trás.

– Espero que esta seja a última vez que tenhamos de vir aqui – disse Han, olhando por cima da cabine para Lando, com cara de desgosto. – Tenho a sensação de que já desperdiçamos todas as nossas boas-vindas.

Lando lhe deu uma olhada de esguelha.

– Ora, ora. Desde quando você se importa com o que os outros pensam a seu respeito?

– Desde que me casei com uma princesa e comecei a usar uma identidade do governo – Han grunhiu de volta. – De qualquer maneira, achei que você também fosse respeitável agora.

– Eu alterno estados. Ah-*ha*. – Ele sorriu sem humor para Han. – Parece que, enquanto falávamos com Ferrier, alguém se esgueirou e pôs alguma coisa em nosso casco. Aposto dez contra um com você que é um farol de localização.

– Mas que surpresa – disse Han, procurando a localização do farol na sua tela. Ele estava na parte inferior traseira do casco, perto da rampa, onde escaparia da maior parte da turbulência da decolagem.

– O que quer fazer com ele?

– O sistema Terrijo fica mais ou menos no caminho para Pantolomin – disse Lando, consultando sua tela. – Vamos passar por lá e jogá-lo fora.

– Ok. – Han olhou para sua tela com uma careta. – Pena que não podemos colocá-lo em outra nave bem aqui. Assim ele sequer saberia em que direção estamos indo.

Lando balançou a cabeça.

– Ele vai saber que localizamos o farol se pousarmos em New Cov agora. A não ser que você queira retirá-lo aqui em cima mesmo para tentar jogá-lo em outra nave que estiver de passagem. – Ele olhou para Han; fez uma pausa para uma olhada mais longa. – Não vamos nem tentar, Han – ele disse com firmeza. – Tire esse olhar da sua cara.

– Ah, está bem – Han grunhiu. – Mas isso iria tirá-los das nossas costas.

– E poderia matar você no processo – retorquiu Lando. – E aí *eu* teria que voltar e explicar isso para Leia. Pode esquecer.

Han rilhou os dentes. Leia.

– É – ele disse com um suspiro.

Lando olhou novamente para ele.

– O que é que há, meu amigo, relaxe. Ferrier não tem a menor chance de nos derrotar. Confie em mim, esta nós vamos vencer.

Han assentiu. Na verdade, ele não estava pensando em Ferrier. Nem na frota Katana.

– Eu sei – ele disse.

A *Lady Luck* desapareceu rapidamente dentro de um dos dutos na cúpula de transparaço, e Ferrier passou seu cigarra para o outro lado da boca.

– Tem certeza de que eles não vão encontrar o segundo farol? – ele perguntou.

Ao seu lado, a sombra de forma estranha entre uma pilha de caixotes se moveu.

– Não vão – disse numa voz que parecia água fria corrente.

– É melhor você ter razão – avisou Ferrier, com uma nota de ameaça em sua voz. – Eu não fiquei ali ouvindo me insultarem por nada. – Ele olhou fuzilando para a sombra. – Você quase entregou o jogo – ele acusou. – Solo olhou direto para você uma hora.

– Não havia perigo – o espectro disse num tom neutro. – Humanos precisam de movimento para ver. Sombras que não se movem não os preocupam.

– Bem, desta vez deu certo – Ferrier estava disposto a admitir. – Você ainda tem sorte que foi Solo e não Calrissian que olhou: ele já o viu uma vez antes, você sabe. Da próxima, mantenha seus grandes pés parados.

O espectro não disse nada.

– Ah, vamos lá, volte para a nave – Ferrier ordenou. – Mande Abric prepará-la pra levantar voo. Temos uma fortuna a ganhar.

Ele deu uma última olhada para cima.

– E talvez – ele acrescentou com satisfação perversa – um jogador metido a esperto pra eliminar.

CAPÍTULO 19

A *Etherway* estava bem visível, caindo do céu como uma pedra disforme na direção do poço de pouso que lhe fora designado. Em pé, na sombra protetora do túnel de saída, Karrde observou sua aproximação, acariciando gentilmente o cabo de sua arma de raios com as pontas dos dedos e tentando ignorar o desconforto que ainda o incomodava no fundo de sua mente. Mara estava mais de três dias atrasada para trazer o cargueiro de volta de Abregado: não era um atraso particularmente significativo em condições normais, mas dificilmente aquela viagem seria considerada normal. Porém não havia outras naves em sua cola quando entrou em órbita, e ela havia transmitido todos os sinais codificados de liberação ao entrar no padrão de aproximação. E, com exceção da incompetência dos controladores de voo, que levaram um tempo absurdo para decidir o poço para o qual ela deveria ser conduzida, o pouso em si até o momento havia sido algo completamente rotineiro.

Karrde deu um sorriso sarcástico ao ver a nave pousar. Houve momentos, nos últimos três dias, em que ele havia pensado no ódio que Mara sentia de Luke Skywalker, e se perguntado se ela havia decidido sair de sua vida tão misteriosamente quanto havia entrado nela. No entanto, agora parecia que a leitura original que fizera dela tinha sido correta. Mara Jade não era o tipo de pessoa que dava sua lealdade facilmente, mas quando tomava uma decisão ela a sustentava. Se algum dia ela fugisse dele, não o faria numa nave roubada. Pelo menos não roubada dele.

A *Etherway* estava na fase final de aproximação agora, rotacionando em seus repulsores para orientar a comporta na direção do túnel de saída. Obviamente a leitura que Karrde fizera de Han Solo também estava correta – mesmo que ele não tivesse sido ingênuo o suficiente para enviar um cruzador estelar mon cal até Myrkr, pelo menos ele mantivera sua promessa de retirar a *Etherway* do depósito. Aparentemente, tudo com que Karrde havia se preocupado nos últimos três dias havia sido à toa.

Contudo o incômodo continuava ali.

Com um sibilar advindo da liberação de gases, a *Etherway* se acomodou no pavimento cheio de marcas do poço de pouso. Com os olhos fixos na comporta fechada, Karrde sacou seu comlink do cinto e apertou o botão para falar com seu observador de apoio.

– Dankin? Alguma coisa suspeita à vista?

– Absolutamente nada – a voz do outro se fez ouvir imediatamente. – Parece tudo muito quieto ali.

Karrde assentiu.

– Está certo. Fique longe de vista, mas alerta.

Recolocou o comlink no cinto. A rampa de pouso da *Etherway* começou a descer, e ele deslocou a mão para o cabo de sua arma. Se

aquela era uma armadilha, este seria o momento provável de sua revelação.

A comporta se abriu, e Mara apareceu. Ela olhou ao redor do poço ao começar a descer a rampa, avistando-o imediatamente em sua sombra escolhida.

– Karrde? – ela chamou.

– Bem-vinda de volta, Mara – ele disse, saindo para a luz. – Você está um pouco atrasada.

– Acabei fazendo um pequeno desvio – ela disse séria, indo em sua direção.

– Isso acontece – ele disse, franzindo a testa. A atenção dela ainda estava vagando ao redor do poço; seu rosto estava vincado com uma espécie vaga de tensão. – Problemas? – ele perguntou baixinho.

– Não sei – ela murmurou. – Eu sinto... – ela nunca chegou a terminar a frase. No cinto de Karrde, seu comlink subitamente soltou um grito agudo e breve com a tensão eletrônica provocada por um embaralhamento generalizado, e depois ficou em silêncio.

– Venha – Karrde disse com rispidez, sacando sua arma de raios e se virando rapidamente para a saída. Na outra extremidade do túnel ele podia ver formas se movendo; erguendo sua arma, ele disparou na direção delas.

O trovão violento de uma explosão sônica estilhaçou o ar ao seu redor, batendo em sua cabeça com força e quase derrubando-o no chão.

Ele levantou a cabeça, os ouvidos tinindo, justo no momento em que dois caças TIE passaram lentamente por cima dele, cuspindo um padrão de rajadas de laser na boca do túnel de saída. O pavimento explodiu em blocos fumegantes de cerâmica semiderretida sob o ataque, bloqueando qualquer chance de fuga rápida naquela direção.

Karrde deu um tiro na direção dos caças TIE – mais por reflexo, porque de nada adiantava. Ele estava justamente começando a mudar a mira de volta para as figuras do túnel quando uma dezena de stormtroopers subitamente apareceram na borda superior do poço de pouso, jogando cordas para descerem ao chão.

– Pra baixo! – ele gritou com Mara. Sua voz era quase impossível de se ouvir para seu sentido de audição paralisado. Ele se jogou no chão, caindo de mau jeito em cima do braço esquerdo e apontando sua arma para o stormtrooper mais próximo, e disparou, errando por meio metro... e, quando sua arma foi arrancada com sutileza de sua mão, ele notou o curioso fato de que os imperiais simplesmente não haviam atirado de volta em nenhum momento.

Ele virou metade do corpo, olhando para Mara atordoado, sem acreditar.

– O quê...

Ela estava em pé sobre ele, o rosto tão congestionado de emoção que ele mal conseguia reconhecê-la, seus lábios se moviam com palavras que ele não conseguia ouvir.

Mas ele realmente não precisava de nenhuma explicação. Estranhamente, não sentiu nenhuma raiva por ela; nem por ocultar seu passado imperial dele por todo esse tempo, nem por agora voltar às suas origens. Só tristeza por ter sido enganado tão fácil e tão completamente... e um estranho pesar por ter perdido uma associada tão hábil.

Os stormtroopers o levantaram e o levaram sem gentileza nenhuma para uma nave de transporte que estava pousando ao lado da *Etherway*; e, enquanto ele caminhava cambaleante em sua direção, um pensamento vago lhe ocorreu.

Ele havia sido traído, capturado e provavelmente iria morrer... mas pelo menos agora tinha uma resposta parcial para o mistério de por que Mara queria matar Luke Skywalker.

Mara olhou fuzilando para o grão-almirante, com as mãos cerradas em punhos, o corpo trêmulo de raiva.

– Oito dias, Thrawn – ela resfolegou; sua voz ecoava estranhamente pelos ruídos de fundo do vasto hangar de naves auxiliares da *Quimera*. – Você disse oito dias. Você me *prometeu* oito dias.

Thrawn olhou de volta com uma calma educada que a fez desejar queimá-lo onde ele estava.

– Mudei de ideia – disse com frieza. – Ocorreu-me que Karrde poderia não só se recusar a divulgar a localização da frota Katana, como poderia até abandonar você aqui por sugerir que ele fizesse tal acordo conosco.

– O diabo que você mudou de ideia – Mara retrucou. – Você planejou me usar assim desde o começo.

– E isso nos deu o que queríamos – a aberração de olhos vermelhos disse suavemente. – É tudo o que importa.

Bem no fundo de Mara, alguma coisa cedeu. Ignorando os stormtroopers armados parados logo atrás de si, ela se jogou para cima de Thrawn, com os dedos curvados como as garras de uma ave de rapina em busca de sua garganta...

E acabou bruscamente quase quebrando seus ossos quando o guarda-costas Noghri de Thrawn se esgueirou a dois metros de distância, deu uma chave no pescoço e no ombro dela e a girou a meio caminho do convés. Ela agarrou o braço de ferro que estrangulava sua garganta, simultaneamente jogando o cotovelo direito para trás, para atingir o torso dele. Mas ela errou o golpe; e, mesmo quando mudou para segurar o braço dele com as duas mãos, pontos brancos já começavam a piscar em sua visão. O antebraço dele fazia bastante

pressão contra sua artéria carótida, ameaçando-a com a inconsciência.

Não havia nada a ganhar desmaiando. Ela relaxou e sentiu a pressão diminuir. Thrawn ainda estava em pé ali, olhando para ela com divertimento.

– Isso foi muito pouco profissional da sua parte, mão do imperador – ele a repreendeu.

Mara olhou fuzilando para ele e tornou a atacar, desta vez com a Força. Thrawn franziu levemente a testa, passando os dedos pelo pescoço como se tentasse limpar uma teia de aranha intangível. Mara aumentou seu tênue contato com a garganta dele; e ele passou novamente os dedos no pescoço antes de entender o que era.

– Certo, agora já chega – ele disse, com a voz visivelmente alterada, começando a ficar zangado. – Pare, ou Rukh irá machucar você.

Mara ignorou a ordem, indo o mais fundo que podia. Thrawn olhou para ela sem piscar, os músculos de sua garganta se moviam enquanto ele lutava contra a garra invisível. Mara rilhou os dentes, aguardando pela ordem ou movimento de mão que assinalasse a permissão para que o Noghri a estrangulasse, ou que os stormtroopers a calcinassem.

Mas Thrawn permaneceu sem falar e sem se mover... e depois de um minuto, lutando para respirar, Mara teve de admitir a derrota.

– Acho que você aprendeu os limites de seus pequenos poderes – Thrawn disse com frieza, tocando sua garganta. Mas pelo menos sua voz não era mais de quem estava se divertindo. – Um truquezinho que o imperador lhe ensinou?

– Ele me ensinou muitos truques – Mara disse entre dentes, ignorando a dor que pulsava em suas têmporas. – Como lidar com traidores foi um deles.

Os olhos brilhantes de Thrawn reluziram.

– Cuidado, Jade – ele disse suavemente. – *Eu* governo o Império agora, não um imperador morto há muito tempo; e certamente não você. A única traição é desafiar as minhas ordens. Estou disposto a deixar você voltar ao seu lugar de direito no Império; como primeira-oficial, talvez, em um dos dreadnaughts da Katana. Mas mais uma explosão como esta e a oferta será sumariamente retirada.

– E depois você me matará, suponho – Mara grunhiu.

– Meu Império não tem o hábito de desperdiçar recursos valiosos – retrucou o outro. – Em vez disso, você seria dada ao mestre C'baoth como um pequeno bônus. E suspeito que em pouco tempo você desejaria ter sido executada.

Mara o encarou; um tremor involuntário percorria sua espinha.

– Quem é C'baoth?

– Joruus C'baoth é um mestre Jedi louco – Thrawn respondeu com

ar sombrio. – Ele consentiu em nos ajudar em nosso esforço de guerra, em troca de Jedi para moldar em qualquer imagem distorcida que ele escolher. Seu amigo Skywalker já caiu na teia dele; a irmã, Organa Solo, nós esperamos entregar em breve. – Seu rosto endureceu. – Eu realmente detestaria que você se juntasse a eles.

Mara respirou fundo.

– Entendo – ela disse, forçando as palavras a saírem. – Você já foi bem claro. Não voltará a acontecer.

Ele a olhou por um momento, depois assentiu.

– Desculpas aceitas – ele disse. – Solte-a, Rukh. Agora. Entendo então que você deseje voltar ao Império...

O Noghri soltou o pescoço dela – com relutância, Mara pensou – e deu um passinho para trás.

– E o resto do pessoal de Karrde? – ela perguntou.

– Como combinamos, eles estão livres para cuidar de suas vidas. Já cancelei todas as buscas e ordens de detenção do Império relacionadas a eles, e o capitão Pellaeon está neste momento chamando de volta os caçadores de recompensa.

– E Karrde?

Thrawn estudou o rosto dela.

– Ele irá permanecer a bordo até me dizer onde a frota Katana está. Se ele o fizer com um mínimo de tempo e esforço desperdiçados de nossa parte, vai receber os 3 milhões de compensação que você e eu havíamos acordado em Endor. Se não... pode não restar muito dele para pagar uma compensação.

Mara sentiu seu lábio repuxar. Ele também não estava blefando. Ela já tinha visto o estrago que um interrogatório completo do Império poderia causar.

– Posso falar com ele? – ela perguntou.

– Por quê?

– Pode ser que eu consiga convencê-lo a colaborar.

Thrawn deu um leve sorriso.

– Ou pelo menos garantir a ele que você não o traiu?

– Ele continuará trancado no seu bloco de detenção – lembrou Mara, forçando a voz a permanecer calma. – Não há motivo para que ele não saiba a verdade.

Thrawn ergueu as sobrancelhas.

– Pelo contrário – ele disse. – Uma sensação de profundo abandono é uma das ferramentas psicológicas mais úteis que temos à nossa disposição. Apenas alguns dias com pensamentos desse tipo para aliviar a monotonia podem convencê-lo a cooperar sem um tratamento mais duro.

– Thrawn... – Mara parou, estrangulando a súbita explosão de raiva.

– Assim é melhor – aprovou o grão-almirante, fixando os olhos firmemente no rosto dela. – Especialmente considerando que a alternativa para mim é entregá-lo diretamente a um droide de interrogatório. É isso o que você quer?

– Não, almirante – ela disse, sentindo-se murchar um pouco. – Eu apenas... Karrde me ajudou quando eu não tinha para onde ir.

– Eu entendo seus sentimentos – disse Thrawn, voltando a endurecer seu rosto. – Mas eles não têm lugar aqui. Lealdades mistas são um luxo ao qual nenhum oficial da Frota Imperial pode se dar. Especialmente se ele desejar um dia ter um comando próprio.

Mara se endireitou novamente.

– Sim, senhor. Não voltará a acontecer.

– Acredito que não. – Thrawn olhou por cima do ombro dela e assentiu. Com um movimento sutil, sua escolta de stormtroopers começou a se retirar. – A estação do oficial de convés fica logo abaixo da torre de controle – ele disse, fazendo um gesto para a grande bolha de transparaço aninhada entre os caças TIE pendurados em racks a três quartos do caminho acima da parede dos fundos do hangar. – Ele irá lhe designar uma nave auxiliar e um piloto para levá-la de volta à superfície.

Ele estava obviamente dispensando sua presença ali.

– Sim, almirante – disse Mara. Passando por ele, ela se dirigiu à porta que ele havia indicado. Por um momento, conseguiu sentir seus olhos sobre ela, depois ouviu o som leve de seus passos quando ele se virou na direção do aglomerado de elevadores que ficava depois das comportas de estibordo.

Sim, o grão-almirante havia sido bastante claro. Mas não exatamente do jeito que ele imaginava. Com aquele único ato casual de traição, ele havia finalmente destruído a última esperança melancólica de que o novo Império pudesse algum dia chegar ao nível do Império que Luke Skywalker havia destruído debaixo de seus pés.

O Império que ela um dia tivera orgulho de servir havia acabado. Para sempre.

Era uma revelação dolorosa – e cara. Poderia apagar num só golpe tudo aquilo por que ela havia lutado tanto para construir para si mesma ao longo do ano anterior.

Poderia também custar a Karrde sua vida. E, se isso acontecesse, ele morreria acreditando que ela o havia deliberadamente traído.

O pensamento retorceu seu estômago como uma faca quente, misturando-se com uma raiva amargurada de Thrawn por ter mentido para ela e pela sua própria ingenuidade em ter confiado nele em primeiro lugar. Não importava de que maneira ela olhasse para o que havia acontecido; a confusão era culpa dela.

Cabia a ela consertar tudo.

Ao lado da porta do escritório do oficial de convés ficava a enorme passagem em arco que ia do hangar até as áreas de preparação e manutenção atrás dele. Mara olhou para trás ao passar e avistou Thrawn entrando num dos turboelevadores, levando seu Noghri junto. Sua escolta de stormtroopers também desaparecera; seus membros provavelmente haviam retornado à sua seção privada na popa para *debriefing* da missão que tinham acabado de completar. Havia vinte ou trinta outras pessoas no hangar, mas nenhuma delas parecia estar prestando atenção especial a ela.

Era provavelmente a única chance que ela teria. Com a orelha em pé preparada para ouvir o grito – ou o disparo de raios –, que significaria que repararam nela, ela passou direto pelo escritório do oficial de convés e atravessou as comportas abertas para entrar na área de preparação.

Havia um terminal de computador logo adentrando a passagem, construí-do de encontro à parede, onde seria acessível tanto à área de preparação de proa quanto ao hangar de popa. Sua localização o tornava alvo óbvio de acesso não autorizado e, como consequência, era sem dúvida protegido por um código de entrada elaborado. Provavelmente mudado de hora em hora, se ela bem conhecia Thrawn; mas o que talvez nem mesmo um grão-almirante poderia saber era que o imperador tinha um *backdoor* particular instalado no computador principal de todos os destróieres estelares. Isso havia sido a sua garantia, primeiro durante a consolidação de seu poder e depois durante o levantar da Rebelião, para que nenhum comandante jamais pudesse colocá-lo para fora de suas próprias naves. Nem a ele, e nem a seus principais agentes.

Mara digitou o código de entrada do *backdoor*, permitindo a si mesma exibir um pequeno sorriso ao fazer isso. Thrawn poderia considerá-la uma courier altamente especializada se quisesse. Mas ela sabia que não era bem assim.

O código funcionou, e ela entrou.

Convocou um diretório, tentando reprimir a percepção assustadora de que já poderia ter atraído os stormtroopers para onde estava. O código de *backdoor* estava programado dentro do sistema e era impossível de eliminar, mas, se Thrawn suspeitasse de sua existência, poderia ter programado um gatilho para disparar um alerta se ele fosse usado algum dia. E, se tivesse feito isso, seria necessário bem mais que outra humilde exibição de lealdade de sua parte para ficar longe de encrencas.

Nenhum stormtrooper havia aparecido quando o diretório surgiu. Ela pediu a seção de detenção e passou os olhos pela lista, desejando por uma fração de segundo ter um droide astromec R2 como o de Skywalker para ajudar a passar por cima disso tudo. Ainda que

Thrawn não tivesse encontrado o código de *backdoor*, ele certamente teria alertado o oficial do convés para esperar por ela. Se alguém na torre de controle reparasse que ela estava atrasada e mandasse alguém à sua procura...

Lá estava: uma lista de prisioneiros atualizada. Ela a solicitou, enquanto puxava um diagrama de todo o bloco de detenção. Em seguida, uma lista da guarda, com atenção especial para as mudanças de turno; depois, voltou para as ordens do dia e uma lista do curso projetado da *Quimera* e dos destinos dos próximos seis dias. Thrawn dera a entender que esperaria alguns dias antes de iniciar um interrogatório formal, deixando o tédio, a tensão e a própria imaginação de Karrde vencerem sua resistência. Mara só podia torcer para conseguir voltar antes que esse período de amaciamento tivesse acabado.

Uma gota de suor escorreu pela sua espinha enquanto ela limpava a tela. E agora vinha a parte realmente dolorosa. Ela havia repassado a lógica uma dezena de vezes enquanto caminhava pelo convés do hangar, e a cada uma das vezes havia sido forçada a chegar à mesma resposta odiosa. Karrde quase certamente teria tido um observador de apoio vigiando a aproximação da *Etherway*, que por sua vez teria tido uma vista privilegiada da armadilha dos stormtroopers. Se Mara agora voltasse livre da *Quimera*, nunca conseguiria convencer o pessoal de Karrde de que não o havia traído para os imperiais. Na verdade, teria sorte se eles não a queimassem assim que a vissem.

Ela não poderia resgatar Karrde sozinha. Não poderia esperar nenhuma ajuda de sua organização. O que deixava apenas uma pessoa na galáxia que ela poderia ser capaz de alistar. Só uma pessoa que poderia sentir que devia alguma coisa a Karrde.

Rilhando os dentes, ela digitou pedindo a localização de um mestre Jedi chamado Joruus C'baoth.

O computador pareceu levar um tempo incrivelmente longo para desencavar a informação, e os pelos na nuca de Mara estavam começando a se arrepiar quando a máquina finalmente cuspiu os dados. Ela viu o nome do planeta – Jomark – e desligou, fazendo o possível para enterrar o fato de que aquela interação havia acontecido. Ela já havia ido longe demais com seu *timing*; e, se a pegassem ali num computador ao qual não deveria ter nenhum acesso, provavelmente acabaria na cela ao lado da de Karrde.

Quase não conseguiu. Tinha acabado de terminar sua limpeza e atravessava de volta a passagem em arco quando um jovem oficial e três soldados vieram a passos largos do hangar, olhos e armas claramente prontos para arrumar encrenca. Um dos soldados a avistou e resmungou alguma coisa para o oficial.

– Com licença – Mara chamou quando todos os quatro se viraram

para ela. – Podem me dizer onde encontro o oficial de convés?

– Eu sou o oficial de convés – disse o oficial, fazendo cara feia para ela quando o grupo parou à sua frente. – Você é Mara Jade?

– Sim – disse Mara, fazendo sua melhor expressão de inocente despreocupada. – Me disseram que seu escritório ficava por aqui em algum lugar, mas não consegui encontrar.

– Fica do outro lado da parede – o oficial grunhiu. Passando por ela, ele foi até o terminal que ela havia acabado de usar. – Você estava mexendo aqui? – ele perguntou, digitando algumas teclas.

– Não – Mara lhe assegurou. – Por quê?

– Não importa, ainda está travado – o oficial resmungou baixinho. Por um momento ele olhou ao redor da área, como se procurando algum outro motivo pelo qual Mara pudesse ter desejado estar ali. Mas não havia nada; e, quase com relutância, voltou a atenção para ela mais uma vez. – Tenho ordens para lhe dar transporte até o planeta.

– Eu sei – ela assentiu. – Estou pronta.

A nave auxiliar alçou voo, virou-se e partiu para o céu. Em pé ao lado da rampa da *Etherway*, o fedor de pavimento queimado ainda espesso no ar, Mara ficou observando o veículo do Império desaparecer sobre o alto do poço de pouso.

– Aves? – ela gritou. – Vamos lá, Aves, você tem que estar aqui em algum lugar.

– Vire-se e levante as mãos – a voz veio das sombras dentro da comporta da nave. – Até o fim. E não se esqueça de que eu sei dessa sua arma da manga.

– Os imperiais ficaram com ela – disse Mara ao se virar para ele e erguer as mãos. – E não estou aqui pra brigar. Eu vim em busca de ajuda.

– Se quer ajuda, vá falar com seus novos amigos lá em cima – retorquiu Aves. – Ou talvez eles sempre tenham sido seus amigos, não é?

Ele a estava provocando, Mara sabia, buscando uma chance de pôr para fora sua própria raiva e frustração numa discussão ou luta com armas.

– Eu não o traí, Aves – ela disse. – Eu fui capturada pelos imperiais e joguei uma isca que achei que fosse nos dar tempo suficiente para escaparmos. Mas isso não aconteceu.

– Não acredito em você – Aves disse simplesmente. Ela ouviu um clangor abafado de bota sobre metal quando ele desceu cuidadosamente a rampa.

– Não, acredite em mim – Mara balançou a cabeça. – Você não teria vindo para cá se não acreditasse.

Ela sentiu uma rajada de ar na nuca quando ele se aproximou por trás dela.

– Não se mexa – ele ordenou. Estendendo cuidadosamente a mão até o braço esquerdo dela, ele puxou a manga para baixo e revelou o coldre vazio. Checou a outra manga, depois desceu uma das mãos por cada lado do corpo dela. – Tudo bem, vire-se – ele falou, voltando a recuar.

Ela se virou. Ele estava parado a um metro de distância, com o rosto tenso e a arma de raios apontada para o estômago dela.

– Inverta a pergunta, Aves – ela sugeriu. – Se eu traísse Karrde para os Imperiais, por que voltaria para cá? Ainda mais sozinha?

– Talvez precisasse pegar alguma coisa da *Etherway* – ele retrucou com rispidez. – Ou quem sabe seja só um truque para tentar cercar o resto de nós.

Mara se segurou.

– Se você acredita mesmo nisso – ela disse baixinho –, então vá em frente e atire logo. Não posso tirar Karrde de lá sem a sua ajuda.

Por um longo minuto Aves ficou ali parado em silêncio. Mara observou seu rosto, tentando ignorar a mão de dedos brancos que segurava com força a arma de raios.

– Você sabe que os outros não vão ajudar – ele disse. – Metade deles acha que você esteve manipulando Karrde desde o minuto em que entrou para o grupo. A maioria do resto acha que você é do tipo que muda de lealdade duas vezes por ano, de qualquer maneira.

Mara fez uma cara de desagrado.

– Isso foi verdade um dia – ela admitiu. – Não mais.

– Tem como provar?

– Tenho. Tirando Karrde de lá – Mara retorquiu. – Escute, não tenho tempo pra ficar de conversa. Vai ajudar ou vai atirar?

Ele hesitou por alguns segundos. Então, quase com relutância, ele abaixou a arma até ela apontar para o chão.

– Provavelmente estou escrevendo minha própria marca de morte – ele grunhiu. – De que você precisa?

– Pra começar, uma nave – disse Mara, soltando silenciosamente uma respiração que ela não tinha percebido estar prendendo. – Algo menor e mais rápido que a *Etherway*. Uma daquelas três canhoneiras Skipray turbinadas que compramos de Vagran seria ótimo. Também vou precisar de um daqueles ysalamiri que andamos carregando na *Wild Karrde*. De preferência numa estrutura nutriente que seja portátil.

Aves franziu a testa.

– O que você quer com um ysalamir?

– Vou falar com um Jedi – ela disse rapidamente. – Preciso de uma garantia de que ele me escutará.

Aves a estudou por um momento, depois deu de ombros.

– Acho que não quero saber. O que mais?

Mara balançou a cabeça.

– É só isso.

Os olhos dele se estreitaram.

– É só isso?

– Só isso. Em quanto tempo você pode arrumar isso para mim?

Aves franziu os lábios pensativo.

– Vamos dizer que em uma hora – ele disse. – Aquele pântano grande a cerca de cinquenta quilômetros a norte da cidade... conhece?

Mara assentiu.

– Tem uma espécie de ilha lamacenta perto da parte leste.

– Exato. Leve a *Etherway* até a ilha e faremos a troca lá. – Ele olhou para o cargueiro assomando acima dele. – Se você acha que é seguro movê-lo.

– Deve ser, por ora – disse Mara. – Thrawn me disse que havia revogado todas as ordens de busca e detenção para o resto do grupo. Mesmo assim, acho melhor vocês desaparecerem depois que eu partir. Ele vai mandar toda a Frota no encalço de vocês novamente quando eu resgatar Karrde. Mas é bom fazer uma boa varredura fina na *Etherway* antes de a levarem para qualquer lugar; deve haver um farol de localização a bordo para Thrawn ter me dado essa nave tão facilmente assim. – Ela sentiu o lábio repuxar. – E, conhecendo Thrawn, ele provavelmente também está com alguém no meu rastro. Preciso me livrar dele antes de deixar o planeta.

– Posso lhe dar uma mãozinha com isso – Aves disse, sério. – Vamos desaparecer de qualquer maneira, certo?

– Certo. – Mara fez uma pausa, tentando pensar se havia mais alguma coisa que precisava lhe dizer. – Acho que é só. Vamos logo.

– Certo. – Aves hesitou. – Ainda não sei de que lado você está, Mara. Se estiver do nosso... boa sorte.

Ela assentiu, sentindo um bolo na garganta.

– Obrigada.

Duas horas mais tarde ela estava sentada na cabine da Skipray; uma sensação estranha e desagradável de *déjà vu* queimava seu ser enquanto ela se dirigia ao espaço profundo. Fora numa nave como aquela que ela partira para o céu acima da floresta de Myrkr algumas semanas antes, perseguindo um prisioneiro fugitivo.

Agora, numa repetição perversa da história, ela mais uma vez se percebia caçando Luke Skywalker. Só que, naquele momento, não estava tentando matá-lo nem capturá-lo. Desta vez, iria implorar por sua ajuda.

CAPÍTULO 20

A última dupla de aldeões se afastou do grupo que estava em pé na parede de trás e avançou para se dirigir à cadeira elevada do julgamento. C'baoth estava ali, vendo-os chegar; e então, como Luke já previa, o mestre Jedi se levantou.

– Jedi Skywalker – ele disse, fazendo um gesto para que Luke se sentasse. – O último caso da noite é seu.

– Sim, mestre C'baoth – disse Luke, segurando-se firme ao subir e se sentar desajeitado. Para ele, aquela era uma cadeira completamente desconfortável: quente demais, grande demais e ornamentada demais. Ela tinha um cheiro alienígena, ainda mais que o resto da casa de C'baoth, e uma aura estranhamente perturbadora que Luke só podia supor ser efeito das persistentes horas que o mestre Jedi havia passado nela julgando seu povo.

Agora era a vez de Luke fazer isso.

Respirando fundo, tentando afastar a fadiga que havia se tornado parte permanente dele, assentiu para os dois aldeões.

– Estou pronto – ele disse. – Por favor, comecem.

Era um caso relativamente simples, como essas coisas costumavam ser. O gado do primeiro aldeão havia atravessado a cerca do segundo e devorado metade de seus arbustos frutíferos antes de ser descoberto e afastado. O dono dos animais estava disposto a pagar uma compensação pelos arbustos arruinados, mas o segundo insistia que ele também reconstruísse a cerca. O primeiro retrucou que uma cerca bem construída não teria caído em primeiro lugar e que, além do mais, seu gado havia sofrido ferimentos por causa das pontas afiadas ao passarem. Luke ficou sentado em silêncio e os deixou falar, esperando até que os argumentos e contra-argumentos finalmente terminassem.

– Está certo – ele disse. – Na questão dos arbustos frutíferos, meu julgamento é que você – acenou com a cabeça para o primeiro aldeão – pagará pela reposição dos que foram danificados de modo irreparável, além de um pagamento adicional pelas frutas comidas ou destruídas pelo seu gado. Esta última quantidade será determinada pelo conselho da aldeia.

Ao seu lado C'baoth se mexeu, e Luke fez uma cara de incômodo com a desaprovação que podia sentir emanando do mestre Jedi. Por um segundo ele ficou desorientado, perguntando-se se deveria recuar e tentar uma solução diferente. Mas mudar de ideia tão bruscamente não parecia uma coisa boa a fazer. E, de qualquer maneira, ele realmente não tinha ideia melhor.

Então, o que estava fazendo ali?

Ele olhou ao redor da sala, lutando contra uma onda súbita de nervosismo. Estavam todos olhando para ele: C'baoth, os dois suplicantes e o resto dos aldeões que tinham vindo naquela noite para

o julgamento do Jedi. Todos esperando que ele tomasse a decisão certa.

– Quanto à cerca, eu a examinarei amanhã pela manhã – ele continuou. – Eu quero ver o nível de dano antes de tomar minha decisão.

Os dois homens se curvaram e recuaram.

– Eu portanto declaro esta sessão encerrada – disse C'baoth. Sua voz ecoou enormemente, apesar do tamanho relativamente pequeno do aposento. Um efeito interessante, e Luke percebeu que estava se perguntando se aquele seria um truque da acústica do salão ou mais uma técnica Jedi que mestre Yoda nunca lhe ensinara. Embora ele não pudesse imaginar por que precisaria de tal técnica.

O último dos aldeões saiu do aposento. C'baoth pigarreou; por reflexo, Luke se preparou.

– Às vezes me pergunto, Jedi Skywalker – o velho disse com severidade –, se você realmente tem me ouvido nestes últimos dias.

– Desculpe, mestre C'baoth – disse Luke, com um já conhecido nó preso na sua garganta. Ao que parecia, não importava o quanto tentasse, ele nunca seria capaz de atender às expectativas de C'baoth.

– Desculpe? – C'baoth ergueu as sobrancelhas sardonicamente. – Desculpe? Jedi Skywalker, você tinha tudo ali bem nas suas mãos. Deveria ter cortado a conversinha deles bem antes do que fez: seu tempo é valioso demais para desperdiçar com recriminações mesquinhas. Você mesmo deveria ter tomado a decisão sobre a quantidade de compensação a ser dada, mas preferiu transferi-la para aquela desculpa absurda de um conselho da aldeia. E quanto à cerca... – Ele balançou a cabeça com um leve desprezo. – Não havia a menor razão para você adiar o julgamento a esse respeito. Tudo o que você precisava saber a respeito do dano estava bem ali nas mentes deles. Não deveria ter sido nenhum problema, mesmo para você, ter arrancado aquilo deles.

Luke engoliu em seco.

– Sim, mestre C'baoth – ele disse. – Mas ler os pensamentos de outra pessoa desse jeito parece errado...

– Quando você está usando esse conhecimento para ajudar? – retrucou C'baoth. – Como isso pode ser errado?

Luke fez um gesto vazio, de frustração.

– Estou tentando entender, mestre C'baoth. Mas tudo isso é tão novo para mim.

As bastas sobrancelhas de C'baoth se ergueram.

– É, Jedi Skywalker? É mesmo? Você quer dizer que jamais violou a preferência pessoal de alguém para ajudar essa pessoa? Nem ignorou alguma regra burocrática menor que estava entre você e o que precisava ser feito?

Luke se sentiu enrubescer, pensando no uso que Lando havia feito daquele código ilegal de slicer para conseguir consertar seu X-wing nos estaleiros de Sluis Van.

– Sim, já fiz isso algumas vezes – ele admitiu. – Mas isto aqui, de algum modo, é diferente. Me parece... não sei. Como se eu estivesse assumindo mais responsabilidade pelas vidas dessas pessoas do que deveria.

– Compreendo suas preocupações – disse C'baoth, desta vez com menos severidade. – Mas esse é de fato o xis da questão. É precisamente a aceitação e o uso da responsabilidade que separa um Jedi de todos os outros na galáxia. – Ele soltou um suspiro fundo. – Você jamais deverá esquecer, Luke, que na análise final este povo é primitivo. Somente com nossa orientação eles poderão esperar atingir alguma maturidade real.

– Eu não os chamaria de primitivos, mestre C'baoth – Luke sugeriu com hesitação. – Eles possuem tecnologia moderna, um sistema de governo razoavelmente eficiente...

– Os enfeites da civilização sem a substância – C'baoth disse com um bufar de desprezo. – Máquinas e constructos sociais não definem a maturidade de uma cultura, Jedi Skywalker. Maturidade é algo que se define unicamente pela compreensão e pelo uso da Força.

Seus olhos saíram vagando, como se olhando para o passado.

– Um dia existiu uma sociedade assim, Luke – ele disse baixinho. – Um exemplo vasto e impressionante das alturas às quais todos poderiam aspirar. Por mil gerações, altivos nos destacamos entre os seres menores da galáxia, guardiães da justiça e da ordem. Os criadores da verdadeira civilização. O Senado podia debater e aprovar leis; mas eram os Jedi que as transformavam em realidade.

Sua boca se retorceu.

– E, em retribuição, a galáxia nos destruiu.

Luke franziu a testa.

– Eu pensei que apenas o imperador e alguns Jedi Sombrios houvessem exterminado os Jedi.

C'baoth deu um sorriso amargo.

– Você realmente acredita que mesmo o imperador poderia ter conseguido sucesso em tal tarefa sem o consentimento de toda a galáxia? – ele balançou a cabeça. – Não, Luke. Eles nos odiavam; todos os seres menores nos odiavam. Eles tinham ódio de nós pelo nosso poder, conhecimento e sabedoria. Tinham ódio de nós pela nossa maturidade. – Seu sorriso desapareceu. – E esse ódio ainda existe. Esperando apenas que os Jedi voltem a emergir para nos atacar mais uma vez.

Luke balançou a cabeça devagar. Aquilo não parecia realmente se encaixar com o pouco que ele sabia a respeito da destruição dos Jedi.

Mas, por outro lado, ele não havia vivido aquela era. C'baoth sim.

– Difícil de acreditar – ele murmurou.

– Acredite, Jedi Skywalker – C'baoth rugiu. Encarou bem Luke, e seus olhos queimaram subitamente com um fogo frio. – É por isso que precisamos nos unir, você e eu. Por isso não podemos nunca baixar nossa guarda perante um universo que quer nos destruir. Você compreende?

– Acho que sim – disse Luke, esfregando os cantos dos olhos. Sua mente parecia estar funcionando muito lentamente devido à fadiga que o arrastava para baixo. Mas, mesmo enquanto ele tentava pensar nas palavras de C'baoth, imagens fluíam de sua memória, sem controle. Imagens de mestre Yoda, mal-humorado porém sem medo, sem nenhum vestígio de amargura ou raiva para com quem quer que fosse pela destruição de seus companheiros Jedi. Imagens de Ben Kenobi na cantina de Mos Eisley, tratado com uma espécie de respeito distante, mas ainda assim respeito, depois de ter sido forçado a abater aqueles dois encrenqueiros.

E, mais claras que o restante, as imagens de seu encontro no tapcaf em New Cov. Do Barabel, pedindo a mediação de um estranho, e aceitando sem questionar até mesmo as partes do julgamento de Luke que haviam sido contra ele. Do resto da multidão, observando com esperança, expectativa e alívio de que um Jedi estivesse ali para evitar que as coisas saíssem do controle.

– Não tenho experimentado nenhum ódio.

C'baoth o encarou sob suas sobrancelhas peludas.

– Isso ainda acontecerá – ele disse sombrio. – Assim como com sua irmã. E com os filhos dela.

Luke sentiu o peito doer.

– Eu posso protegê-los.

– Mas será que pode ensiná-los também? – retrucou C'baoth. – Será que você possui a sabedoria e a habilidade para levar a eles todo o conhecimento dos caminhos da Força?

– Acho que sim.

C'baoth bufou.

– Se você *acha,* mas não tem certeza, então está jogando com as vidas deles – ele disse entre dentes. – Você arrisca o futuro deles por conta de um capricho egoísta.

– Não é um capricho – insistiu Luke. – Juntos, Leia e eu podemos educá-los.

– Se tentar, você correrá o risco de perdê-los para o lado sombrio – C'baoth disse simplesmente. Ele suspirou; seus olhos se afastaram de Luke e olharam ao redor do aposento. – Não podemos correr esse risco, Luke – ele disse baixinho. – Já somos tão poucos do jeito que está. A infinita guerra pelo poder ainda prossegue violentamente; a

galáxia ainda está em agitação. Nós que permanecemos precisamos ficar juntos contra aqueles que querem destruir tudo. – Ele subitamente voltou os olhos para Luke mais uma vez. – Não; não podemos correr o risco de nos dividir e sermos destruídos novamente. Você precisa trazer sua irmã e os filhos dela para mim.

– Não posso fazer isso – disse Luke. A expressão no rosto de C'baoth mudou. – Não agora, pelo menos – Luke emendou apressado. – Não seria seguro para Leia viajar agora. Os imperiais a tem caçado há meses, e Jomark não fica assim tão longe das margens de seu território.

– Duvida que eu possa protegê-la?

– Eu… não, não *duvido* do senhor – disse Luke, escolhendo com cuidado suas palavras. – É só que…

Fez uma pausa. C'baoth havia ficado subitamente rígido, olhando fixamente para o nada.

– Mestre C'baoth? – ele perguntou. – O senhor está bem?

Não houve resposta. Luke se aproximou, usando a Força e se perguntando preocupado se o outro estaria doente. Mas, como sempre, a mente do mestre Jedi estava fechada para ele.

– Venha, mestre C'baoth – ele disse, pegando o braço do outro. – Vou ajudar o senhor a chegar aos seus aposentos.

C'baoth piscou duas vezes, e, com o que pareceu ser um grande esforço, voltou a olhar para o rosto de Luke. Respirou fundo e estremeceu; e subitamente estava de volta ao normal.

– Você está cansado, Luke – ele falou. – Deixe-me e retorne aos seus aposentos para dormir.

Luke tinha de admitir que *estava* cansado mesmo.

– O senhor está bem?

– Eu estou bem – C'baoth lhe garantiu, com um tom estranhamente amargo em sua voz.

– Porque, se o senhor precisar de minha ajuda…

– Eu disse deixe-me! – C'baoth gritou. – Sou um mestre Jedi. Não preciso da ajuda de ninguém.

Luke percebeu que havia recuado dois passos de C'baoth sem saber como tinha dado os passos.

– Desculpe, mestre C'baoth – ele disse. – Não quis desrespeitá-lo.

O rosto do outro suavizou um pouco.

– Eu sei que não – ele disse. Respirou fundo mais uma vez e soltou o ar em silêncio. – Traga sua irmã para mim, Jedi Skywalker. Eu a protegerei do Império e lhe ensinarei um poder tal que você não pode imaginar.

Bem no fundo da mente de Luke, um pequeno alarme começou a soar. Alguma coisa naquelas palavras… ou talvez na maneira como C'baoth as havia dito…

– Agora retorne aos seus aposentos – C'baoth ordenou. Mais uma vez seus olhos pareciam estar vagando na direção do nada. – Durma, e falaremos mais pela manhã.

Ele estava parado diante dela, com o rosto semioculto pelo capuz de seu manto; seus olhos amarelos continham um brilho penetrante e fitavam a infinita distância entre os dois. Seus lábios se moviam, mas suas palavras eram afogadas pelo uivo rouco dos alarmes ao redor deles, que a enchiam de um senso de urgência que rapidamente beirava o pânico. Entre ela e o imperador, duas figuras apareceram: a imagem escura e imponente de Darth Vader, e a figura menor, vestida de preto, de Luke Skywalker. Eles estavam diante do imperador, encarando um ao outro, e acenderam seus sabres de luz. As lâminas se cruzaram, vermelho-esbranquiçado brilhante contra verde-esbranquiçado brilhante – eles se preparavam para a batalha.

E então, sem aviso, as lâminas se separaram... e, com rugidos gêmeos de ódio que era possível ouvir até mesmo por sobre os alarmes, ambos se viraram e caminharam na direção do imperador.

Mara ouviu a si mesma gritar enquanto lutava para correr em ajuda ao seu mestre. Mas a distância era grande demais e seu corpo, muito lento. Ela gritou um desafio, tentando pelo menos distraí-los. Mas nem Vader nem Skywalker pareceram tê-la ouvido. Eles se afastaram para flanquear o imperador... e quando ergueram bem alto seus sabres de luz, ela viu que o imperador estava olhando fixamente para ela.

Ela retribuiu o olhar, desejando desesperadamente dar as costas ao desastre que estava a acontecer, mas era incapaz de se mover. Mil pensamentos e emoções a invadiram por meio daquele olhar – um caleidoscópio reluzente de dor, medo e raiva que girava rápido demais para que ela pudesse realmente absorver. O imperador levantou as mãos, enviando cascatas de raios azuis e brancos para cima de seus inimigos. Os dois homens cambalearam com o contra-ataque, e Mara ficou olhando com a esperança súbita e agoniada de que desta vez as coisas pudessem terminar de modo diferente. Mas não. Vader e Skywalker se endireitaram; e, com outro rugido de raiva, eles ergueram bem alto seus sabres de luz...

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER!

E com um espasmo que a jogou contra o arnês, Mara acordou do sonho.

Por um minuto ficou simplesmente sentada ali, tentando respirar e lutando contra a visão de sabres de luz preparados para atacar, que aos poucos dissipava-se. A pequena cabine do Skipray a pressionava, e isso deflagrou um surto momentâneo de claustrofobia. As costas e a nuca de seu traje de voo estavam encharcadas de suor e grudavam em sua pele. Do que parecia ser uma grande distância, um alerta de

proximidade estava sendo emitido.

O sonho mais uma vez. O mesmo sonho que a seguia pela galáxia já fazia cinco anos. A mesma situação; o mesmo fim horrível; o mesmo pedido final, desesperado.

Mas desta vez as coisas seriam diferentes. Desta vez, ela tinha o poder de matar Luke Skywalker.

Ela olhou para os pontinhos de hiperespaço rodopiando ao redor do tampo do Skipray enquanto um último fragmento de sua mente despertava por completo. Não, isso estava errado. Ela não ia matar Skywalker. Ela ia...

Ia lhe pedir ajuda.

O gosto ácido de bile subiu até sua garganta; com um esforço, forçou tudo a descer. *Sem discussão*, ela disse firmemente a si mesma. Se queria resgatar Karrde, teria que aguentar tudo direitinho.

Skywalker devia isso a Karrde. Mais tarde, depois que tivesse pagado a dívida, haveria tempo suficiente para matá-lo.

O alerta de proximidade mudou de tom, indicando trinta segundos para chegar. Fechando a mão sobre as alavancas de hiperdrive, Mara ficou observando o indicador ir até zero e suavemente empurrou as alavancas de volta. Os pontinhos se tornaram linhas estelares que se tornaram o negror do espaço. Espaço, e a esfera escura de um planeta bem à frente.

Ela tinha chegado a Jomark.

Cruzando mentalmente os dedos, ativou o comunicador, digitando o código que havia programado durante a viagem. A sorte estava com ela: ali, pelo menos, o povo de Thrawn ainda estava usando transponders de orientação imperiais padrão. As telas do Skipray exibiram a localização desejada, uma ilha formando o centro de um lago circular logo além da linha do horizonte. Ela acionou o transponder mais uma vez para ter certeza, depois ativou o drive subluz e iniciou a descida. Tentando ignorar aquela última imagem do rosto do imperador...

O uivo do alarme da nave a despertou.

– O que foi?! – ela gritou para a cabine vazia enquanto seus olhos sonolentos zanzavam entre as telas à procura do problema. Não foi difícil encontrá-lo: o Skipray havia rolado meio de lado, e suas superfícies de controle estavam gritando de tanta tensão enquanto o computador lutava para evitar que ela saísse rodopiando do céu. Inexplicavelmente ela já estava no fundo da atmosfera inferior, muito além do ponto onde deveria ter trocado para repulsores.

Rilhando os dentes, ela fez a troca e depois deu uma olhada rápida no mapa de varredura. Ela havia ficado desacordada por apenas um ou dois minutos, mas, na velocidade em que estava o Skipray, até mesmo alguns segundos de desatenção poderiam ser fatais. Ela

esfregou os olhos com força, lutando contra a exaustão que a puxava para baixo e sentindo o suor brotar novamente de sua testa. Voar semiacordada, seu velho instrutor muitas vezes lhe havia alertado, era a maneira mais rápida, ainda que bagunçada, de acabar com a vida. E se tivesse caído ali não haveria ninguém para culpar a não ser a si mesma.

Ou haveria?

Ela nivelou a nave, confirmou que não havia montanhas em seu caminho e ativou o piloto automático. O ysalamir e a estrutura de nutrientes portátil que Aves lhe dera estavam atrás, perto da comporta de popa, presos ao painel de acesso ao motor. Soltando-se de seu assento, Mara foi até lá...

Foi como se alguém tivesse apertado um botão de luz. Num segundo ela estava sentindo como se tivesse acabado de lutar numa batalha de quatro dias; meio passo depois, a mais ou menos um metro do ysalamir, a fadiga subitamente desapareceu.

Ela sorriu para si mesma com amargura. Então suas suspeitas estavam corretas: o mestre Jedi louco de Thrawn não queria companhia.

– Bela tentativa! – ela gritou para o ar. Soltando a estrutura do ysalamir do painel de acesso, ela a levou até a cabine e a enfiou ao lado de seu assento.

A orla de montanhas que cercava o lago agora era visível no scanner de eletropulso, e o infravermelho havia captado uma estrutura habitada do outro lado. Provavelmente era onde Skywalker e aquele mestre Jedi louco estavam, ela deduziu – uma dedução confirmada um instante depois, quando os sensores captaram um pequeno volume de metal de espaçonave logo do lado de fora da construção. Não havia nichos de armas ou escudos de defesa em nenhum lugar que ela pudesse detectar, fosse na orla ou na ilha abaixo dela. Talvez C'baoth não achasse que precisaria de algo tão primitivo quanto turbolasers para protegê-lo.

Talvez ele tivesse razão. Curvando-se sobre o painel de controle, Mara se aproximou, deixando a mira de suas armas alerta para qualquer perigo.

Estava quase no ponto médio da cratera quando o ataque veio, um impacto súbito na parte inferior do Skipray que chutou o veículo inteiro alguns centímetros para o alto. O segundo impacto veio nos calcanhares do primeiro, este centrado na aleta ventral e guiando a nave com força para estibordo. A nave sacudiu uma terceira vez antes que Mara finalmente conseguisse identificar a arma: não eram mísseis nem rajadas de laser, mas pequenas rochas em rápido movimento, impossíveis de detectar pela maioria dos sensores sofisticados do Skipray.

O quarto impacto derrubou os repulsores, fazendo com que o Skipray caísse do céu.

CAPÍTULO 21

Mara xingou baixinho, colocando os componentes de controle do Skipray em modo de planador e acionando uma varredura de contorno da encosta abaixo do prédio na orla. Aterrissar na orla estava fora de questão agora; pousar na pequena área lá em cima sem seus repulsores seria até possível se um mestre Jedi não estivesse lutando contra ela o caminho todo. A alternativa seria ir para a ilha escura abaixo dela, o que lhe daria mais espaço para operar, mas lhe deixaria com o problema de voltar para o alto da orla. A mesma coisa aconteceria se ela tentasse encontrar uma área de pouso grande o bastante em algum outro lugar nas montanhas.

Ou ela poderia admitir a derrota, acionar o drive principal e seguir para o espaço, sozinha atrás de Karrde.

Cerrando os dentes, ela estudou a varredura de contorno. A tempestade de rochas havia parado após o quarto impacto – o mestre Jedi, sem dúvida, esperava para ver se ela cairia sem mais incentivos de sua parte. Com um pouquinho de sorte, quem sabe ela não conseguiria convencê-lo de que estava morta sem realmente destroçar a nave no processo. Se ela simplesmente pudesse encontrar a formação adequada naquela face da encosta...

Lá estava ela, talvez a um terço do caminho de descida: uma concavidade razoavelmente hemisférica onde a erosão havia desbastado uma camada de rocha mais macia do material mais duro que a cercava. A saliência que havia sido deixada abaixo do recorte era relativamente achatada, e tudo aquilo era grande o bastante para conter o Skipray com folga.

Agora tudo o que precisava fazer era levar a nave até lá. Cruzando mentalmente os dedos, ela subiu o nariz da nave e acionou o drive subluz principal.

O brilho da trilha do drive iluminou o lado mais próximo das montanhas da orla, projetando nelas um mosaico dançante de luz e sombra. O Skipray sacudiu para cima e para a frente e estabilizou um pouco quando Mara colocou o nariz um pouco mais na vertical. Ele ameaçou desequilibrar, voltou a se alinhar quando ela acessou as superfícies de controle, puxou quase longe demais na outra direção e depois se firmou. Equilibrar-se no drive assim era uma operação inerentemente instável, e Mara podia sentir o suor brotando na testa enquanto ela lutava para manter o veículo subitamente rebelde sob controle. Se C'baoth suspeitasse do que ela estava tentando, não seria preciso muito esforço da parte dele para acabar com ela.

Rilhando os dentes, dividindo sua atenção entre o visor de aproximação, o indicador de velocidade e o acelerador, ela levou a nave para dentro da concavidade.

Quase não conseguiu. O Skipray ainda estava a dez metros de distância da saliência quando sua trilha de drive atingiu a face da

encosta com calor suficiente para incendiar a rocha, e um instante depois a nave ficou recoberta por um fogo de cores brilhantes. Mara manteve o curso, tentando ignorar o tom agudo das sirenes de aviso do casco enquanto lutava para ver através das chamas o seu alvo. Não havia tempo a perder pensando duas vezes – se ela hesitasse mesmo que por apenas alguns segundos, o drive poderia facilmente queimar uma parte demasiadamente grande da saliência para que pudesse pousar com segurança. Cinco metros de distância agora, e a temperatura dentro da cabine estava começando a subir. Depois três, depois um...

Ela ouviu um horrível guincho agudo de metal sobre rocha quando a aleta ventral do Skipray raspou a borda da saliência. Mara desligou o drive e se segurou, e, com uma queda brusca, a nave caiu um metro para pousar de cauda na saliência. Por um instante quase pareceu que ela permaneceria equilibrada ali. Então, devagar, tombou para a frente e bateu com força em seus trens de pouso.

Enxugando o suor dos olhos, Mara solicitou uma leitura de status. A manobra de verticalização havia sido ensinada a ela como a última alternativa no caso de um desastre. Agora ela sabia por quê.

Porém, ela tivera sorte. Os trens de pouso e a aleta ventral estavam estragados, mas os motores, o hiperdrive, o suporte de vida e a integridade do casco ainda estavam bem. Colocando os sistemas novamente em pausa, ela pôs a estrutura ysalamir nos ombros e se dirigiu para a popa.

A principal comporta de bombordo estava inutilizável, pois se abria para o espaço vazio. Mas havia uma comporta secundária atrás da torre de canhão laser dorsal. Subir a escada de acesso e passar por ela com o ysalamir nas costas era meio complicado; porém, depois de duas tentativas, ela conseguiu. O metal do casco superior estava desconfortavelmente quente ao seu toque quando ela subiu em cima dele, mas os ventos frios que vinham do lago abaixo foram um alívio bem-vindo depois do ar superaquecido do interior. Ela deixou a comporta aberta para ajudar a esfriar a nave e olhou para o alto.

E para sua tristeza descobriu que havia calculado errado. Em vez de estar entre dez a quinze metros abaixo do topo da cratera, conforme havia estimado, ela estava na verdade quase cinquenta metros abaixo. A vasta escala da cratera, combinada com a pressa louca do pouso, havia distorcido sua percepção.

– Nada como um pouco de exercício depois de uma longa viagem – ela resmungou para si mesma, retirando o bastão luminoso de seu cinto e iluminando o trecho da encosta que escalaria. A subida não seria divertida, especialmente com o peso pesado da estrutura do ysalamir, mas parecia possível. Prendendo o bastão luminoso ao ombro de seu macacão, ela agarrou os primeiros ressaltos na rocha e

começou a subir. Não tinha passado de dois metros quando, sem aviso, a rocha à sua frente subitamente emitiu um clarão incandescente.

O susto a fez escorregar pela face da encosta e tombar em cima do Skipray; mas ela caiu agachada com a arma de raios pronta na mão. Forçando a vista contra as luzes gêmeas projetadas sobre ela, Mara disparou um tiro rápido que apagou a da esquerda. A outra rapidamente se desligou; e então, enquanto ela tentava piscar para dissipar os pontos roxos que obscureciam sua visão, ela ouviu um som leve, porém inconfundível.

O trinado de um droide R2.

– Ei! – chamou baixinho. – Você: droide. Você não é a unidade astromec de Skywalker? Se for, você sabe quem eu sou. Nos conhecemos em Myrkr... lembra?

Sim, o droide lembrava. Mas pelo tom indignado da resposta, aquela não era uma lembrança particularmente agradável para R2.

– Sim, bem, vamos pular essa parte – ela disse irritada. – Seu mestre está em apuros. Eu vim para alertá-lo.

Outro trinado eletrônico, desta vez cheio de sarcasmo.

– É verdade – insistiu Mara. Sua visão embaralhada estava começando a se recuperar agora, e ela podia ver a forma escura do X-wing planando sobre seus repulsores a cerca de cinco metros de distância, seus dois canhões laser de estibordo apontados diretamente para o rosto dela. – Preciso falar com ele agora mesmo – continuou Mara. – Antes que aquele mestre Jedi lá em cima descubra que ainda estou viva e tente corrigir a situação.

Ela tinha esperado mais sarcasmo, ou até mesmo uma aprovação completa para tal objetivo. Mas o droide não disse nada. Talvez ele tivesse testemunhado a rápida batalha entre o Skipray e os pedregulhos voadores de C'baoth.

– Sim, era ele tentando me matar – ela confirmou. – De forma bem limpa e simples, para que seu mestre não notasse nada nem fizesse perguntas constrangedoras.

O droide emitiu um bip que soou como uma pergunta própria.

– Eu vim para cá porque preciso da ajuda de Skywalker – disse Mara, tentando adivinhar o conteúdo. – Karrde foi capturado pelos imperiais, e não posso tirá-lo de lá sozinha. Karrde, caso você tenha esquecido, foi quem ajudou seus amigos a montar uma emboscada contra aqueles stormtroopers, foi quem conseguiu tirar vocês dois de Myrkr. Vocês lhe devem isso.

O droide resfolegou.

– Tudo bem, então – Mara respondeu irritada. – Não faça isso por Karrde, nem por mim. Leve-me até lá porque senão seu precioso mestre não saberá até ser tarde demais que seu novo professor,

C'baoth, trabalha para o Império.

O droide ficou pensando. Então, lentamente, o X-wing rotacionou para apontar seus lasers para longe dela e se aproximou do Skipray danificado. Mara enfiou a arma no coldre e se preparou, imaginando como caberia na cabine com a estrutura do ysalamir amarrada aos ombros.

Não precisava ter se preocupado. Em vez de manobrar para lhe dar acesso à cabine, o droide lhe apresentou um dos trens de pouso.

– Você deve estar brincando – protestou Mara, olhando de esguelha para o trem de pouso que pairava à altura da cintura na frente dela e pensando na longa queda até o lago abaixo. Mas estava claro que o droide falava sério; e, depois de um momento, subiu a bordo com relutância. – Ok – ela disse quando estava tão segura quanto podia. – Vamos. E cuidado com rochas voadoras.

O X-wing se virou e começou a subir. Mara se segurou, esperando que C'baoth retomasse o ataque de onde havia parado. Mas eles atingiram o topo sem incidentes; e, enquanto o droide acomodava o X-wing em segurança no solo, Mara viu a figura em sombras de um homem vestido com um manto, parado em silêncio ao lado da cerca que rodeava a casa.

– Você deve ser C'baoth – Mara lhe disse assim que escorregou para fora do trem de pouso e segurou o cabo de sua arma de raios. – Sempre cumprimenta seus visitantes assim?

Por um momento a figura não disse nada. Mara deu um passo em sua direção, sentindo uma sensação estranha de *déjà vu* enquanto tentava espiar dentro do capuz o rosto que não era muito visível. O imperador tivera um aspecto muito semelhante na noite em que a escolhera em sua casa...

– Eu não tenho visitantes a não ser lacaios do grão-almirante Thrawn – a figura disse finalmente. – Todos os outros são, por definição, intrusos.

– O que faz você pensar que eu não sou do Império? – retrucou Mara. – Caso não tenha notado, eu estava seguindo o farol imperial naquela ilha lá embaixo quando você me derrubou do céu.

Na luz fraca das estrelas ela teve a impressão de que C'baoth sorria dentro do capuz.

– E o que exatamente isso prova? – ele perguntou. – Meramente que outros podem brincar com os brinquedinhos do grão-almirante.

– E outros podem pegar os ysalamiri do grão-almirante também? – ela quis saber, com um gesto para a estrutura às suas costas. – Já chega disso. O grão-almirante...

– O grão-almirante é seu inimigo – C'baoth afirmou, subitamente irritado. – Não me insulte com negações infantis, Mara Jade. Eu vi tudo em minha mente enquanto você se aproximava. Você realmente

acreditou que poderia tirar meu Jedi de mim?

Mara engoliu em seco, estremecendo com o vento frio da noite e a sensação ainda mais fria dentro de si. Thrawn havia dito que C'baoth era louco, e ela podia de fato ouvir a instabilidade, à beira da loucura, em sua voz. Mas o homem tinha mais do que apenas isso. Sua voz tinha a dureza do aço, calculista e implacável, com um sentimento supremo de poder e autoconfiança na base de tudo.

Era como ouvir o imperador falar novamente.

– Eu preciso da ajuda de Skywalker – ela disse, forçando a própria voz a permanecer calma. – Só preciso pegá-lo emprestado por um tempo.

– E depois você irá devolvê-lo? – C'baoth perguntou irônico.

Mara rilhou os dentes.

– Ele vai me ajudar, C'baoth. Queira você ou não.

Desta vez não havia dúvida de que o mestre Jedi estava sorrindo. Um sorriso tênue e fantasmagórico.

– Ah, não, Mara Jade – ele murmurou. – Você está enganada. Você realmente acredita que simplesmente porque está no meio de um espaço vazio na Força eu estou indefeso contra você?

– Também tem isso – disse Mara, sacando sua arma de raios e apontando-a para o peito dele.

C'baoth nem se mexeu; mas subitamente Mara pôde sentir um aumento da tensão no ar ao seu redor.

– Ninguém aponta uma arma para mim impunemente – o mestre Jedi disse num tom de ameaça. – Você vai pagar caro por este dia.

– Vou correr o risco – disse Mara, recuando um passo para encostar nos S-foils de estibordo do X-wing. Acima e à sua esquerda ela podia ouvir o droide R2 chilreando pensativo para si mesmo. – Quer me deixar passar? Ou vamos fazer isso da maneira mais difícil?

C'baoth pareceu estudá-la.

– Sabe, eu poderia destruir você – ele disse. Agora a ameaça havia desaparecido de sua voz, deixando algo que era quase como uma conversa no lugar. – Bem aí onde você está, antes mesmo que você soubesse que o ataque estava chegando. Mas não o farei. Não agora. Eu senti sua presença ao longo dos anos, Mara Jade; a ascensão e queda de seu poder após a morte do imperador consumiram a maior parte de sua força. E agora eu vejo você em minhas meditações. Um dia você virá a mim, de livre e espontânea vontade.

– Vou correr o risco quanto a isso também – disse Mara.

– Você não acredita em mim – C'baoth disse com outro de seus sorrisos fantasmagóricos. – Mas acreditará. O futuro está determinado, minha jovem Jedi em potencial, assim como seu destino. Um dia você se ajoelhará diante de mim. Eu previ isso.

– Eu não confiaria tanto assim em previsões Jedi se fosse você –

retorquiu Mara, arriscando olhar para o prédio às escuras atrás dele e se perguntando o que C'baoth faria caso ela tentasse gritar o nome de Skywalker. – O imperador fazia muito isso também. Não o ajudou muito no fim.

– Talvez eu seja mais sábio do que o imperador era – disse C'baoth. Ele virou ligeiramente a cabeça. – Eu lhe disse para ir para seus aposentos – ele disse numa voz mais alta.

– Sim, disse – uma voz familiar concordou; e das sombras na frente da casa uma nova figura atravessou o pátio.

Skywalker.

– Então por que está aqui? – perguntou C'baoth.

– Senti uma perturbação na Força – disse o homem mais novo ao passar pelo portão e aparecer mais completamente sob a luz fraca das estrelas. Acima de sua túnica preta seu rosto não tinha expressão alguma, e seus olhos estavam fixos em Mara. – Como se uma batalha estivesse acontecendo aqui perto. Olá, Mara.

– Skywalker – ela conseguiu dizer entre lábios secos. Com tudo o que havia acontecido com ela desde sua chegada ao sistema de Jomark, só agora começava a se dar conta da enormidade da tarefa que se havia disposto a realizar. Ela, que havia dito abertamente a Skywalker que um dia o mataria, agora teria de convencê-lo de que era mais confiável que um mestre Jedi. – Escute... Skywalker...

– Você não está apontando isso para a pessoa errada? – ele perguntou mansamente. – Pensei que você estivesse interessada em atirar em mim.

Mara quase havia se esquecido da arma de raios que apontava para C'baoth.

– Não vim aqui para matar você – ela disse. Mesmo para seus próprios ouvidos as palavras soavam fracas e mentirosas. – Karrde está em dificuldades com o Império. Preciso de sua ajuda para resgatá-lo.

– Sei. – Skywalker olhou para C'baoth. – O que aconteceu aqui, mestre C'baoth?

– E isso importa? – retrucou o outro. – Apesar do que acabou de dizer, ela veio aqui realmente para destruir você. Preferia que não a tivesse impedido?

– Skywalker... – Mara começou.

Ele a impediu levantando a mão, os olhos ainda fixos em C'baoth.

– Ela atacou o senhor? – ele perguntou. – Ou o ameaçou de alguma maneira?

Mara olhou para C'baoth... e sentiu sua respiração congelar nos pulmões. A confiança anterior havia desaparecido do rosto do mestre Jedi. Em seu lugar havia algo frio e mortal. Direcionado não a ela, mas a Skywalker.

E subitamente Mara entendeu. Skywalker não precisaria ser

convencido da traição de C'baoth, afinal. De algum modo, ele já sabia.

– O que importa quais foram as exatas ações dela? – C'baoth perguntou irritado, com a voz mais fria até mesmo que seu rosto. – O que importa é que ela é um exemplo vivo do perigo do qual tenho lhe avisado desde a sua chegada. O perigo que todos os Jedi enfrentam de uma galáxia que nos odeia e teme.

– Não, mestre C'baoth – disse Skywalker, gentilmente. – Certamente você deve entender que os meios não são menos importantes que os fins. Um Jedi utiliza a Força para conhecimento e defesa, nunca para ataque.

C'baoth bufou.

– Um lugar-comum para os simplórios. Ou para aqueles com sabedoria insuficiente para tomar suas próprias decisões. Eu estou além de tais coisas, Jedi Skywalker. Assim como você um dia estará. *Se* decidir ficar.

Skywalker balançou a cabeça.

– Desculpe – ele disse. – Não posso. – Ele lhe deu as costas e caminhou na direção de Mara...

– Então você dá suas costas à galáxia – disse C'baoth, soando agora honesto e sincero. – Apenas com nossa orientação e força eles podem um dia esperar atingir a verdadeira maturidade. Você sabe disso tão bem quanto eu.

Skywalker parou.

– Mas o senhor acabou de dizer que eles nos odeiam – ele ressaltou. – Como podemos ensinar pessoas que não desejam nossa orientação?

– Nós podemos curar a galáxia, Luke – C'baoth disse baixinho. – Juntos, você e eu podemos fazer isso. Sem nós, não há esperança. Nenhuma esperança.

– Talvez ele possa fazer isso sem você – Mara interrompeu em voz alta, tentando quebrar o feitiço verbal que C'baoth estava tecendo. Ela tinha visto o mesmo tipo de tática funcionar para o imperador, e as pálpebras de Skywalker já estavam ficando bastante pesadas.

Pesadas demais, na verdade. Como as dela na aproximação a Jomark...

Afastando-se do X-wing, ela foi até Skywalker. C'baoth fez um pequeno movimento, como se fosse detê-la; ela ergueu sua arma e ele pareceu abandonar a ideia.

Mesmo sem olhar para ele, ela pôde perceber quando a zona sem Força ao redor de seu ysalamir tocou Skywalker. Ele respirou bem fundo, endireitando os ombros que provavelmente nem notara ter curvado, e assentiu como se finalmente entendesse a peça de um quebra-cabeças até então não explicado.

– É assim que você quer curar a galáxia, mestre C'baoth? – ele

perguntou. – Através de coerção e manipulação?

Bruscamente, C'baoth jogou a cabeça para trás e gargalhou. Era a última reação que Mara teria esperado dele, e a pura surpresa paralisou seus músculos por um momento.

E foi nessa fração de segundo que o mestre Jedi atacou.

Foi apenas uma pedra pequena, mas ela veio do nada e bateu na mão que empunhava a arma com força suficiente para paralisá-la. A arma de raios saiu rodopiando para a escuridão enquanto sua mão queimou de dor e depois ficou entorpecida.

– Cuidado! – ela gritou para Skywalker, agachando-se e tentando pegar a arma enquanto uma segunda pedra passava assoviando por sua orelha.

Ela ouviu um estalo e um sibilar atrás de si, e subitamente o terreno ficou banhado no brilho verde-esbranquiçado do sabre de luz de Skywalker.

– Vá para atrás da nave – ele ordenou a ela. – Eu vou detê-lo.

A lembrança de Myrkr passou num relâmpago pela mente de Mara; mas, no instante em que ela abriu a boca para lembrá-lo de como era inútil sem a Força, ele deu um longo passo à frente para se colocar do lado de fora da influência do ysalamir. O sabre de luz emitiu um clarão lateral, e ela ouviu o som de duas pedras se esmigalhando após serem interceptadas pela lâmina silenciosa de Luke.

Ainda gargalhando, C'baoth levantou a mão e enviou uma rajada de relâmpagos azuis na direção deles.

Skywalker captou a rajada com seu sabre de luz, e por um instante o verde da lâmina foi cercado por uma descarga coronal azul e branca. Uma segunda rajada passou disparando por eles para desaparecer na borda da zona vazia ao redor de Mara; uma terceira novamente se enroscou ao redor da lâmina do sabre de luz.

A mão desajeitada de Mara roçou em algo metálico: sua arma. Erguendo-a, ela a girou na direção de C'baoth...

E com um clarão brilhante de fogo de laser, todo o cenário pareceu explodir à sua frente.

Ela havia esquecido do droide sentado lá em cima no X-wing. Aparentemente, C'baoth também.

– Skywalker? – ela gritou, piscando para tentar dissipar a névoa roxa que flutuava na frente de seus olhos e torcendo o nariz para o cheiro forte de ozônio. – Onde está você?

– Aqui perto de C'baoth – disse a voz de Skywalker. – Ele ainda está vivo.

– Podemos dar um jeito nisso – Mara grunhiu. Atravessando devagar as fendas fumegantes que o canhão laser do X-wing havia escavado no chão, ela foi até lá.

C'baoth estava deitado de costas, inconsciente, mas respirando

normalmente, com Skywalker ajoelhado ao seu lado.

– Nem mesmo chamuscado – ela murmurou. – Impressionante.

– R2 não estava atirando para matar – disse Skywalker, passando gentilmente as pontas de seus dedos pelo rosto do velho. – Foi provavelmente o choque sônico que o derrubou.

– Isso, ou ele foi derrubado pela onda de choque – concordou Mara, mirando sua arma no homem deitado no chão. – Saia da frente. Vou terminar o trabalho.

Skywalker olhou para ela.

– Não vamos matá-lo – ele disse. – Não desse jeito.

– Você prefere esperar que ele esteja consciente de novo e possa revidar? – ela retorquiu.

– Não há necessidade nenhuma de matá-lo – insistiu Skywalker. – Podemos estar bem longe de Jomark antes que ele acorde.

– Você não deixa um inimigo às suas costas – ela lhe disse séria. – Não se você gosta de estar vivo.

– Ele não precisa ser um inimigo, Mara – Skywalker disse com aquela sua irritante sinceridade. – Ele está doente. Talvez possa ser curado.

Mara sentiu o lábio repuxar.

– Você ouviu o que ele estava falando antes de você aparecer – ela disse. – Sim, ele é louco, mas não é apenas isso. Ele está muito mais forte, e muito mais perigoso. – Ela hesitou. – Ele falava exatamente como o imperador e Vader.

Um músculo na bochecha de Skywalker repuxou.

– Vader também estava bem fundo no lado sombrio – ele disse. – Mas ele foi capaz de quebrar esse vínculo e voltar. Talvez C'baoth consiga fazer o mesmo.

– Eu não apostaria nisso – disse Mara. Mas ela enfiou a arma no coldre. Não tinham tempo de debater a questão; e, enquanto ela precisasse da ajuda de Skywalker, ele tinha poder de veto em decisões como aquela. – Só se lembre bem de uma coisa: é nas suas costas que a faca vai entrar se você estiver errado.

– Eu sei. – Ele olhou para C'baoth mais uma vez, depois novamente para ela. – Você disse que Karrde estava com dificuldades.

– Sim – Mara assentiu, feliz por mudar de assunto. A menção de Skywalker ao imperador havia feito com que ela se lembrasse com bastante clareza daquele sonho recorrente. – O grão-almirante o pegou. Preciso de sua ajuda para resgatá-lo.

Ela se preparou para uma inevitável discussão e negociação; mas, para sua surpresa, ele simplesmente assentiu e se levantou.

– Ok – ele disse. – Vamos lá.

Com um último uivo eletrônico de tristeza, R2 desligou; e, com a típica tremulação de pseudomovimento, o X-wing desapareceu.

– Bem, ele não está nada feliz com isso – disse Luke, desligando o transmissor do Skipray. – Mas acho que o convenci a ir direto para casa.

– É melhor você não ficar só achando – Mara avisou da cadeira do piloto, fitando a tela do computador de navegação. – Já vai ser bem difícil entrar de mansinho num depósito de suprimentos do Império. Não precisamos de X-wing da Nova República a reboque.

– Certo – disse Luke, dando uma olhada de esguelha e se perguntando se entrar no Skipray com ela tinha sido uma das coisas mais inteligentes que fizera recentemente. Mara havia posto o ysalamir longe, na parte de trás da nave, e ele conseguia sentir o ódio que ela tinha dele fervendo em fogo brando sob sua consciência, como uma fogueira quase apagada. Aquilo evocava lembranças desagradáveis do imperador, o homem que havia sido professor de Mara, e Luke se perguntou por um breve instante se aquele não poderia ser um truque elaborado para atraí-lo para sua morte.

Mas o ódio dela parecia estar sob controle, e ele não conseguia detectar nenhuma intenção da parte dela de enganá-lo.

Entretanto ele também não havia detectado o engodo de C’baoth até que fosse quase tarde demais.

Luke se mexeu na sua cadeira, sentindo o rosto quente de vergonha ao pensar em como havia sido facilmente enganado por C’baoth. Mas nem tudo havia sido enganação, ele lembrou a si mesmo. As instabilidades emocionais do mestre Jedi eram genuínas: disso estava convencido. E, mesmo que essas instabilidades não se estendessem tanto quanto a insanidade à qual Mara havia aludido, elas certamente se estendiam o suficiente para classificar C’baoth como doente.

E se o que ela havia dito sobre C’baoth trabalhar para o Império também fosse verdade...

Luke estremeceu. *Eu vou ensinar a ela um poder que você não pode imaginar*, C’baoth dissera a respeito de Leia. As palavras haviam sido diferentes das que Vader falara para Luke em Endor, mas a sensação sombria por trás delas era idêntica. O que quer que C’baoth tivesse sido um dia, Luke não tinha dúvida de que ele agora estava se movendo muito próximo ao caminho do lado sombrio.

E, no entanto, Luke conseguira ajudar Vader a voltar desse mesmo caminho. Seria arrogância sua achar que ele poderia fazer o mesmo por C’baoth?

Afastou esse pensamento da cabeça. Não importava como o destino de C’baoth pudesse estar relacionado ao dele, tais encontros estavam longe demais no futuro para começar a planejá-los. Por ora, ele precisava se concentrar na tarefa imediata à mão, e deixar o futuro aos cuidados da Força.

– Como foi que o grão-almirante encontrou Karrde? – ele

perguntou a Mara.

Ela apertou os lábios por um momento, e Luke captou um vislumbre de autorreprovação.

– Eles puseram um farol de localização a bordo da minha nave – ela disse. – Eu os levei diretamente ao esconderijo dele.

Luke assentiu, pensando no resgate de Leia e na fuga por um triz da primeira Estrela da Morte a bordo da *Falcon*.

– Eles aplicaram o mesmo truque em nós também – ele disse. – Foi assim que acharam a base de Yavin.

– Considerando o que isso lhes custou, acho que você não tem nenhuma reclamação a fazer – Mara disse com sarcasmo.

– Não imagino que o imperador tenha ficado feliz – murmurou Luke.

– Não, não ficou – disse Mara, a voz amarga com suas próprias memórias. – Vader quase morreu por aquele fracasso. – Deliberadamente, ela olhou para as mãos de Luke. – Foi aí que ele perdeu sua mão direita, na verdade.

Luke flexionou os dedos de sua mão direita artificial, sentindo um eco lancinante e fantasmagórico da dor que a atravessou quando o sabre de luz de Vader cortou pele, músculo e osso. Ele se lembrou de passagem de um fragmento de um velho ditado de Tatooine, algo sobre a passagem do mal de uma geração para a seguinte...

– Qual é o plano? – ele perguntou.

Mara respirou fundo, e Luke pôde sentir o esforço emocional que fora necessário para que ela colocasse o passado de lado.

– Karrde está sendo mantido a bordo da nau capitânia do grão-almirante, a *Quimera* – ela disse. – De acordo com o cronograma de voo deles, eles irão apanhar suprimentos no sistema de Wistril daqui a quatro dias. Se corrermos, podemos chegar lá algumas horas antes deles. Vamos deixar o Skipray de lado, apanhar uma das naves auxiliares de suprimento e simplesmente seguir o resto do padrão de voo.

Luke pensou nisso. Parecia um pouco difícil, mas não tão ridículo.

– O que acontece depois que entrarmos a bordo?

– O procedimento imperial padrão é manter todas as equipes das naves auxiliares trancadas a bordo de suas naves enquanto os tripulantes da *Quimera* cuidam de descarregar – disse Mara. – Ou pelo menos esse era o procedimento padrão cinco anos atrás. Significa que vamos precisar de algum tipo de distração para sair da nave auxiliar.

– Parece arriscado. – Luke balançou a cabeça. – Não queremos atrair a atenção.

– Tem alguma ideia melhor?

Luke deu de ombros.

– Ainda não – ele disse. – Mas temos quatro dias para pensar a

respeito. Vamos encontrar alguma coisa.

CAPÍTULO 22

Mara desligou os repulsores; e, com um leve clangor metálico, a nave auxiliar de carga tocou o convés principal do hangar de popa da *Quimera*.

– Nave Auxiliar 37 no solo – Luke anunciou em seu comunicador. – Aguardando novas ordens.

– Entendido, Nave Auxiliar 37. – A voz do controlador se fez ouvir no alto-falante. – Desligue todos os sistemas e se prepare para descarregar.

– Certo.

Luke estendeu a mão para desligar o comunicador, mas Mara o deteve.

– Controle, essa é a minha primeira viagem de carga – ela disse, a voz no tom certo de curiosidade despreocupada. – Mais ou menos quanto tempo teremos até partir?

– Sugiro que fiquem à vontade – o Controle respondeu secamente. – Nós descarregamos todas as naves auxiliares antes de permitirmos a partida de qualquer uma de vocês. No mínimo umas duas horas.

– Ah – disse Mara, parecendo decepcionada. – Bem... obrigada. Talvez eu tire um cochilo.

Ela desligou.

– Ótimo – ela disse, soltando o arnês e se levantando. – Isso deve nos dar tempo suficiente para ir ao centro de detenção e voltar.

– Vamos apenas torcer para que não tenham transferido Karrde para fora da nave – disse Luke, seguindo-a para a parte de trás do convés de comando e da escada em espiral que levava até a área de armazenamento abaixo.

– Não transferiram – disse Mara, descendo as escadas. – O único perigo é que já possam ter iniciado o tratamento completo.

Luke olhou para ela, franzindo a testa.

– O tratamento completo?

– O interrogatório deles. – Mara chegou até o centro da sala de armazenamento e olhou ao redor, avaliando. – Tudo bem. Justinho para... deve dar. – Ela apontou para uma seção do convés à sua frente. – Fora do caminho de bisbilhoteiros, e você não deverá atingir nada vital.

– Certo. – Luke acendeu seu sabre de luz, e começou cuidadosamente a cortar um buraco no chão. Já estava quase terminando quando uma fagulha brilhante saiu do buraco e as luzes da sala de armazenamento se apagaram. – Está tudo bem – Luke disse a Mara quando ela resmungou baixinho algo impronunciável. – O sabre de luz emite luz suficiente para enxergar.

– Estou mais preocupada com a possibilidade de que o cabo possa ter provocado um curto no convés dos hangares – ela retrucou. – Eles certamente notariam isso.

Luke fez uma pausa, estendendo seus sentidos Jedi.

– Ninguém por perto parece ter visto nada – ele disse a Mara.

– Vamos torcer que sim. – Ela fez um gesto para o corte semiacabado. – Continue.

Ele continuou. Um minuto depois, com a ajuda de um molinete magnético, eles ergueram a seção cortada de convés e casco para a sala de armazenamento. Alguns centímetros abaixo, fantasmagoricamente iluminada pela luz verde do sabre de Luke, ficava o convés dos hangares. Mara prendeu o cabo do molinete a ele; deitado de barriga, Luke estendeu o sabre de luz buraco abaixo. Ali, ele fez uma pausa, esperando até conseguir sentir que o corredor abaixo do convés do hangar estava vazio.

– Não esqueça de voltar a tampar – Mara lembrou enquanto o sabre de luz cortava suavemente o metal duro. – Um buraco aberto no teto seria um pouco óbvio demais até mesmo para recrutas.

Luke assentiu e terminou o corte. Mara estava pronta, e, enquanto ele fechava o sabre de luz, já fazia o molinete puxar a placa espessa de metal para dentro da nave auxiliar. Ela o trouxe a cerca de um metro para cima e depois desligou o motor.

– É longe o suficiente – ela disse. Com a arma de raios pronta na mão, ela se sentou desajeitada na beirada ainda quente do buraco e pulou sem fazer um som no convés abaixo. Houve uma pausa de um segundo enquanto olhava ao redor... – Tudo tranquilo – ela sibilou.

Luke se sentou na beirada e olhou para o controle do molinete. Usando a Força, acionou a chave e a seguiu para baixo.

O convés abaixo era mais distante do que havia parecido, mas seus músculos ampliados de Jedi suportaram o impacto sem problemas. Recuperando o equilíbrio, ele levantou a cabeça no momento em que o plugue de metal assentou com perfeição de volta ao buraco.

– Parece muito bom – Mara murmurou. – Acho que ninguém irá notar.

– Não, a menos que olhem direto para o alto – Luke concordou. – Para que lado fica o centro de detenção?

– Pra lá – disse Mara, fazendo um gesto com sua arma para a esquerda deles. – Mas não iremos até lá vestidos assim. Venha.

Ela foi na frente até o final da passagem, depois viraram num cruzamento para outro corredor, mais largo. Luke manteve seus sentidos em alerta, mas apenas ocasionalmente detectava alguém.

– Muito quieto aqui embaixo.

– Isso não vai durar – disse Mara. – Esta é uma área de fornecimento de serviços, e a maior parte das pessoas que normalmente estariam trabalhando aqui estão um nível acima ajudando a descarregar as naves auxiliares. Mas precisamos pegar uns uniformes ou trajes de voo antes de avançarmos demais.

Luke lembrou da primeira vez que havia tentado se disfarçar de imperial.

– Ok, mas vamos tentar evitar armaduras de stormtroopers – ele disse. – Aqueles capacetes dificultam enxergar.

– Achei que os Jedi não precisassem usar os olhos – Mara retrucou ácida. – Observe: estamos aqui. Tem uma seção de alojamentos da tripulação logo ali.

Luke já havia sentido o salto súbito no nível populacional.

– Não sei se vamos conseguir passar despercebidos por tanta gente – ele alertou.

– Mas não é isso que vamos tentar fazer – Mara apontou para outro corredor que levava para a direita. – Deve haver um grupo de salas de preparação dos pilotos de TIE descendo aquela passagem. Vamos ver se conseguimos encontrar uma vazia que tenha uns dois trajes de voo vazios dando sopa.

Entretanto, se o Império era desleixado o bastante para deixar suas áreas de fornecimento de serviços desprotegidas, não era tão descuidado com as salas de preparação de seus pilotos. Havia seis delas agrupadas ao redor do aglomerado de turboelevadores ao fim do corredor; e, pelos sons de conversa que se podia ouvir levemente atrás das portas, ficava claro que todas as seis estavam ocupadas por pelo menos duas pessoas cada.

– E agora? – Luke sussurrou para Mara.

– O que você acha? – ela retorquiu, colocando a arma de volta ao coldre e flexionando os dedos. – É só me dizer que sala tem o menor número de pessoas e sair do caminho. Eu faço o resto.

– Espere um minuto – disse Luke, pensando com dificuldade. Ele não queria matar os homens atrás daquelas portas a sangue frio, mas também não queria se colocar na situação perigosa que enfrentara durante o ataque imperial à operação de mineração de Lando em Nkllon havia alguns meses. Ali, ele tinha usado a Força com sucesso para confundir os caças TIE que atacavam, porém ao custo de ter escorregado perigosamente para os limites do lado sombrio. Aquela não era uma experiência que ele queria repetir.

Mas e se ele conseguisse simplesmente tocar com suavidade as mentes dos imperiais, ao invés de agarrá-las e retorcê-las?

– Vamos tentar este – ele disse a Mara, acenando com a cabeça para uma sala na qual ele só conseguia sentir três homens. – Mas não vamos entrar atacando. Acho que consigo suprimir a curiosidade deles o suficiente para entrar, pegar os trajes de voo e sair.

– E se não conseguir? – Mara exigiu saber. – Teremos perdido qualquer elemento surpresa que poderíamos ter tido.

– Vai funcionar – Luke garantiu. – Prepare-se.

– Skywalker...

– Além disso, duvido que até mesmo em um ataque surpresa você consiga abater todos os três sem qualquer ruído – ele acrescentou. – Consegue?

Ela fuzilou rajadas laser com o olhar, mas fez um gesto para que ele fosse até a porta. Alinhando sua mente com a Força, ele avançou na direção dela. O painel de metal pesado deslizou e se abriu com sua aproximação, e ele entrou.

Havia de fato três homens ao redor da mesa do monitor no centro do aposento: dois vestindo o marrom imperial de membros comuns da tripulação, o outro com o uniforme preto e capacete em forma de cúpula de um soldado da Frota.

Todos os três levantaram a cabeça quando a porta se abriu, e Luke captou o interesse distraído deles no recém-chegado. Usando a Força, ele tocou gentilmente as mentes deles, apagando essa curiosidade. Os dois tripulantes pareceram medi-lo com o olhar e depois o ignoraram; o soldado continuou a observar, mas apenas como uma mudança de tanto ficar olhando para seus companheiros. Tentando parecer tão casual e despreocupado quanto possível, Luke foi até o cabide de trajes de voo na parede e selecionou três. A conversa ao redor da mesa do monitor continuou enquanto ele os jogou em cima do braço e saiu andando da sala. A porta se fechou atrás dele...

– Bem? – sibilou Mara.

Luke assentiu, soltando o ar baixinho.

– Vá em frente, pode vestir – disse a ela. – Eu quero tentar controlar a curiosidade deles por mais uns dois minutos. Até que esqueçam que estive aqui.

Mara assentiu e começou a colocar o traje de voo por cima de seu macacão.

– Devo dizer que é um truque útil.

– Pelo menos funcionou dessa vez – concordou Luke. Cuidadosamente, ele diminuiu a intensidade de seu toque nas mentes dos imperiais, aguardando tenso pelo surto de emoção que denunciaria todo o esquema que estava se desenrolando. Mas não houve nada a não ser o fluxo preguiçoso de uma conversação tranquila.

O truque havia funcionado. Pelo menos dessa vez.

Mara o estava esperando com um carro de turboelevador pronto quando ele se afastou da sala de preparação.

– Vamos, vamos – ela chamava impaciente. Ela já estava vestida com seu traje de voo, e os outros dois jogados em cima do ombro. – Você pode se trocar no caminho.

– Espero que ninguém entre enquanto eu estiver fazendo isso – ele resmungou ao entrar rapidamente no carro. – Vai ser um pouco difícil de explicar.

– Ninguém vai entrar – ela disse quando a porta do turboelevador se fechou atrás dele e o carro começou a se mover. – Eu o ajustei para não parar. – Ela o olhou de esguelha. – Ainda quer fazer desse jeito?

– Acho que não temos uma escolha de verdade – ele disse, entrando no traje de voo. Era desconfortável por cima da sua roupa. – Han e eu tentamos a abordagem frontal uma vez, na Estrela da Morte. Não foi exatamente um grande sucesso.

– Sim, mas vocês não tinham acesso ao computador principal na época – apontou Mara. – Se eu puder mexer nos registros e ordens de transferência, deveremos ser capazes de tirá-lo antes que eles percebam que foram enganados.

– Mas você ainda estaria deixando para trás testemunhas que saberiam que ele saiu – Luke lembrou. – Se qualquer um deles decidisse checar a ordem verbalmente, toda a história se desmontaria na hora. E não acho que o truque de supressão que utilizei na sala de prontidão irá funcionar nos guardas do centro de detenção; eles tendem a estar bem mais alertas.

– Tudo bem – disse Mara, virando-se para o painel de controle do turboelevador. – Não parece muita diversão pra mim. Mas, se é o que você quer, estou dentro.

O centro de detenção ficava no final da seção de popa da nave, alguns conveses abaixo das seções de controle de comando e sistemas e logo acima da Engenharia e dos imensos tubos de impulsão dos drives subluz. O carro do turboelevador mudou de direção diversas vezes ao longo do caminho, alternando entre movimento horizontal e vertical. Para Luke, aquela rota parecia complicada demais, e ele percebeu que ainda estava se perguntando se Mara poderia estar dando uma de agente dupla. Mas os sentidos dela não indicavam nenhum tipo de traição, e lhe ocorreu que ela poderia ter complicado deliberadamente a trajetória deles para confundir os sistemas de segurança interna da Quimera.

Finalmente o carro parou e a porta se abriu. Eles saíram em um longo corredor no qual um punhado de tripulantes vestindo macacões de manutenção podiam ser vistos indo para o trabalho.

– Sua porta de acesso fica para lá – murmurou Mara, com um aceno de cabeça corredor abaixo. – Vou lhe dar três minutos para se preparar.

Luke assentiu e foi em frente, se esforçando para parecer que pertencia àquele lugar. Seus passos ecoavam no convés de metal, trazendo-lhe de volta memórias da visita quase desastrosa à primeira Estrela da Morte. Contudo, naquela época, ele não passava de um garoto de olhos arregalados, deslumbrado por visões de glória e heroísmo, e ingênuo demais para compreender os perigos mortais que acompanhavam essas coisas. Agora, ele era mais velho e mais

experiente, e sabia exatamente no que estava se metendo.

E, no entanto, estava fazendo-o assim mesmo. Ficou se perguntando vagamente se aquilo o tornava alguém menos ou mais irresponsável do que na última vez.

Chegou à porta e parou diante dela, fingindo estudar um datapad que havia estado num dos bolsos do traje de voo, até o corredor ficar deserto. Então, respirando bem fundo e colocando nos pulmões uma última golfada de ar fresco, ele abriu a porta e entrou.

Mesmo contendo a respiração, o fedor o atingiu como um tapa na cara. Não importava o quanto o Império pudesse ter avançado nos últimos anos, os depósitos de lixo de bordo ainda cheiravam mal como sempre.

Deixou a porta se fechar atrás dele, e, ao fazer isso, ouviu o som leve de um relé interno se fechando. Ele havia cortado as coisas um pouco perto demais; Mara já devia ter ativado o ciclo de compressão.

Respirando pela boca, ele aguardou... e um instante depois, com um clangor abafado de equipamento hidráulico pesado, as paredes começaram a se mover lentamente na direção uma da outra.

Luke engoliu em seco, agarrando com força seu sabre de luz enquanto tentava se manter no topo na montanha de lixo e equipamento descartado que estava começando agora a corcovear e se retorcer ao redor dos seus pés. Chegar ao nível da detenção dessa maneira havia sido ideia sua, e ele teve que falar muito até convencer Mara.

Mas agora que ele estava de fato ali, e as paredes estavam se fechando sobre ele, de repente não parecia mais uma ideia tão boa assim. Se Mara não pudesse controlar adequadamente o movimento das paredes – ou se fosse interrompida em sua tarefa...

Ou se ela cedesse apenas por alguns segundos em seu ódio por ele...

As paredes continuavam se aproximando, esmagando tudo em seu caminho. Luke lutou para manter o equilíbrio, muito consciente de que se Mara estivesse planejando uma traição ele não saberia até que fosse tarde demais para se salvar.

As paredes do compressor eram espessas demais para ele cortar um vão com seu sabre de luz, e a massa que se deslocava sob seus pés já o havia levado para longe demais da porta para que escapasse por lá. Ao ouvir o ranger do metal e do plástico sendo torcidos, Luke ficou observando enquanto o espaço entre as paredes se fechava para dois metros... depois um e meio... depois um...

E parou com um estremecimento a pouco menos de um metro de separação.

Luke respirou fundo, quase sem reparar mais no cheiro rançoso. Mara não o havia traído e realizara perfeitamente sua parte do

esquema. Agora era a vez dele. Indo até o final da câmara, juntou os pés e saltou.

O equilíbrio era instável; as paredes do compactador de lixo, impressionantemente altas, e, mesmo usando da ampliação Jedi para saltar, ele só chegou à metade da altura até o topo. Quando terminou de saltar, levantou os joelhos e estendeu os pés; então, sentindo um baque nas pernas e na lombar, ele se encaixou com firmeza entre as paredes. Depois de tirar um momento para respirar e se equilibrar, voltou a subir.

Não foi tão ruim quanto receou que seria. Ele havia realizado muitas escaladas quando garoto em Tatooine e vencido chaminés de rocha pelo menos uma meia dúzia de vezes, embora nunca com entusiasmo de verdade. As paredes lisas ali do compactador ofereciam menos tração do que a pedra, mas a regularidade do espaçamento e a ausência de pedras pontiagudas para espetar suas costas mais do que compensavam isso. Em dois minutos ele havia atingido o alto das paredes do compactador e o escorregador da manutenção que o levaria – ou assim ele esperava – até o nível da detenção. Se a leitura que Mara tinha feito do cronograma estivesse correta, ele teria cerca de cinco minutos antes que a troca da guarda acontecesse lá em cima. Trincando os dentes, forçou passagem pela tela magnética no fundo do escorregador e, já respirando ar fresco novamente, começou a subir.

Chegou em pouco mais de cinco minutos, para descobrir que a leitura de Mara estava de fato certa. Pela grade que cobria a abertura do escorregador ele podia ouvir os sons de conversa e movimento que vinham da direção da sala de controle, pontuados pelo sibilar regular das portas do turboelevador se abrindo e se fechando. A guarda estava sendo trocada; e durante os próximos dois minutos ambos os turnos estariam na sala de controle. O momento ideal, se ele fosse rápido, para passar um prisioneiro bem debaixo dos narizes deles.

Pendurado na grade com uma das mãos, soltou seu sabre de luz e o acendeu. Tomando cuidado para não deixar a ponta da lâmina aparecer no corredor, ele cortou uma seção da grade e a levou consigo para o poço. Utilizou um gancho do seu traje de voo para pendurar a seção no que havia restado da grade e subiu pela abertura.

O corredor estava deserto. Luke olhou rapidamente para o número da cela mais próxima a fim de se orientar e partir na direção que Mara havia lhe indicado. A conversa na sala de controle parecia estar chegando ao fim, e dali a pouco o novo turno de guardas sairia para assumir suas posições nos corredores dos blocos. Com os sentidos em alerta, Luke se esgueirou pelo cruzamento dos corredores até a cela indicada e, cruzando os dedos mentalmente, apertou o botão que soltava a tranca.

Talon Karrde levantou a cabeça do seu catre quando a porta se

abriu. Ele portava aquele meio sorriso sardônico de que Luke se lembrava muito bem no rosto. Seus olhos se concentraram no rosto acima do traje de voo, e subitamente o sorriso desapareceu.

– Não acredito – ele murmurou.

– Nem eu – disse Luke, dando uma olhada rápida no aposento. – Está em condições de viajar?

– Em condições e pronto – disse Karrde, já de pé e indo na direção da porta. – Felizmente, eles ainda estão na fase de amaciamento; me deixando sem comer e dormir. Você conhece a rotina.

– Ouvi falar. – Luke olhou para os dois lados do corredor. Ninguém ainda. – A saída é por aqui. Venha.

Chegaram até a grade sem incidente.

– Você deve estar brincando, é claro – Karrde disse enquanto Luke manobrava seu caminho para dentro do buraco e encaixava pés e costas contra as paredes do escorregador.

– A outra saída tem guardas ao final – Luke lembrou a ele.

– Faz sentido – admitiu Karrde, olhando com relutância para a fenda. – Suponho que seria demais esperar por uma corda.

– Desculpe. O único lugar para amarrá-la seria esta grade, e eles a veriam num instante. – Luke franziu a testa para ele. – Você não tem medo de alturas, tem?

– É cair delas que me preocupa – Karrde disse com secura. Mas já estava descendo pela abertura, embora as mãos estivessem brancas onde agarravam a grade.

– Vamos escalar até lá embaixo, no compactador de lixo – Luke explicou. – Já fez isso antes?

– Não, mas aprendo rápido – disse Karrde, enquanto olhava para trás e prestava atenção em Luke, assumindo uma postura semelhante contra as paredes do escorregador. – Presumo que você vá querer cobrir este buraco – ele acrescentou, puxando a seção da grade de seu poleiro e colocando-a de volta na abertura. – Embora isso não vá enganar ninguém que dê uma olhada de perto.

– Com sorte, estaremos de volta ao hangar antes que isso aconteça – Luke lhe garantiu. – Vamos lá. Devagar e sempre, vamos.

Chegaram ao compactador de lixo sem nenhum incidente sério.

– O lado sombrio do Império que os turistas nunca veem – Karrde comentou secamente enquanto Luke o levava pela bagunça do lixo. – Como vamos sair?

– A porta está logo ali – disse Luke, apontando para baixo do nível da massa sobre a qual caminhavam. – Mara deverá abrir as portas novamente em dois minutos e nos deixar sair.

– Ah – disse Karrde. – Mara também está aqui, então?

– Ela me contou na viagem para cá como você foi capturado – disse Luke, tentando ler os sentidos de Karrde. Se ele estava zangado

com Mara, escondia isso bem. – Ela disse que não sabia daquela armadilha.

– Ah, tenho certeza de que não – disse Karrde. – Ainda que não seja por outro motivo além do fato de meus interrogadores terem se esforçado bastante para deixar pistas em contrário. – Ele olhou pensativo para Luke. – O que ela lhe prometeu por sua ajuda nesse plano?

Luke balançou a cabeça.

– Nada. Ela apenas me lembrou de que eu devia uma a você por não ter me entregado aos imperiais lá em Myrkr.

Um sorriso cínico repuxou o lábio de Karrde.

– De fato. Mas nenhuma menção sobre por que o grão-almirante me queria?

Luke franziu a testa para ele. O outro o estava observando de perto... e, agora que estava prestando atenção, Luke podia dizer que Karrde guardava algum segredo dele.

– Supus que fosse de vingança por me ajudar a escapar. Há mais coisas além disso?

O olhar de Karrde se desviou.

– Vamos apenas dizer que se escaparmos daqui a Nova República pode vir a ganhar muito.

Sua última palavra foi interrompida por um clangor abafado; e com um sacolejar forte as paredes do compactador começaram lentamente a se afastar. Luke ajudou Karrde a manter seu equilíbrio enquanto eles aguardavam que a porta fosse liberada, estendendo seus sentidos para o corredor lá fora. Havia um bom número de tripulantes passando por ali, mas ele não sentia nenhuma desconfiança ou alerta especial em nenhum deles.

– Mara está fazendo tudo isso? – perguntou Karrde.

Luke assentiu.

– Ela tem um código de acesso do computador da nave.

– Interessante – murmurou Karrde. – Com tudo isso, deduzi que ela teve alguma ligação com o Império no passado. Obviamente, ela estava numa posição mais elevada do que eu havia imaginado.

Luke assentiu, pensando na revelação que Mara lhe fizera na floresta de Myrkr. Mara Jade, a mão do imperador...

– Sim – ele disse sóbrio a Karrde. – Ela estava.

As paredes chegaram ao seu limite e se desligaram. Um momento depois houve um clique de um relé. Luke esperou até que o corredor imediatamente do lado de fora ficasse deserto, depois o abriu e saiu. Uns dois técnicos de manutenção trabalhando num painel aberto a cerca de dez metros corredor abaixo lançaram um olhar de pura curiosidade aos recém-chegados; dando uma olhada igualmente despreocupada para trás, Luke sacou o datapad do bolso e fingiu

digitar uma entrada. Karrde desempenhou seu papel, ficando em pé ao lado dele e dizendo uma série de palavras em jargão para ajudar Luke a preencher seu relatório imaginário. Deixando a porta se fechar, Luke enfiou o datapad de volta ao bolso e seguiu adiante pelo corredor.

Mara estava esperando no aglomerado de turboelevadores com o traje de voo extra pendurado no braço.

– O carro está a caminho – ela murmurou. Por um segundo, quando seus olhos se cruzaram com os de Karrde, seu rosto pareceu ficar mais rígido.

– Ele sabe que você não o traiu – Luke disse baixinho para ela.

– Eu não perguntei – ela grunhiu. Mas Luke podia sentir um pouco da tensão dela desaparecer. – Aqui – ela acrescentou, jogando o traje de voo para Karrde. – Uma pequena camuflagem.

– Obrigado – disse Karrde. – Para onde estamos indo?

– Viemos numa nave auxiliar de suprimentos – disse Mara. – Cortamos um buraco de saída no casco inferior, mas deveremos ter tempo suficiente para soldá-lo hermeticamente antes que nos enviem de volta à superfície.

O carro do turboelevador chegou quando Karrde estava ajustando as presilhas de seu traje de voo emprestado. Dois homens com um relé de núcleo de força reluzente sobre uma mesa flutuante estavam ali diante deles, ocupando a maior parte do elevador.

– Para onde? – um dos técnicos perguntou com a educação distraída de um homem que tinha coisas mais importantes na cabeça.

– Sala de prontidão de pilotos 33-129-T – Mara lhe disse, usando o mesmo tom.

O técnico digitou o destino no painel e a porta se fechou; e Luke respirou pela primeira vez com calma desde que Mara havia pousado o Skipray em Wistril cinco horas antes. Mais dez ou quinze minutos e eles estariam em segurança de volta à sua nave auxiliar.

Contra todas as possibilidades, eles haviam conseguido.

O relatório de meio-período do hangar havia chegado, e Pellaeon fez uma pausa em seu monitoramento da revisão do controle do defletor da ponte para dar uma olhada rápida nele. Excelente; o descarregamento estava quase oito minutos adiantado. Àquela velocidade, a *Quimera* seria capaz de se encontrar com a *Falcão Guerreiro* com tempo de sobra para montarem a emboscada do comboio rebelde que estava sendo preparado além da órbita de Corfai.

Ele marcou o relatório como lido e o enviou de volta para os arquivos; já tinha voltado a atenção para a revisão do defletor quando ouviu passos discretos às suas costas.

– Boa noite, capitão – Thrawn cumprimentou Pellaeon com um aceno de cabeça, posicionando-se ao lado de sua cadeira e varrendo a ponte com um olhar tranquilo.

– Almirante – Pellaeon o cumprimentou da mesma maneira, voltando-se para encará-lo. – Achei que o senhor tivesse se retirado para a noite.

– Eu estava na minha sala de comando – disse Thrawn, olhando para as telas atrás de Pellaeon. – Pensei em fazer uma última inspeção do status da nave antes de ir para meus aposentos. Esta é a revisão do defletor da ponte?

– Sim, senhor – disse Pellaeon, perguntando-se que obra de arte de qual espécie havia sido favorecida pela análise do grão-almirante naquela noite. – Até agora nenhum problema. O descarregamento de suprimentos no Hangar de Popa Dois está adiantado também.

– Ótimo – disse o grão-almirante. – Mais alguma coisa da patrulha em Endor?

– Só um adendo àquele relatório, senhor – respondeu Pellaeon. – Aparentemente, eles confirmaram que a nave que apanharam entrando no sistema era, na verdade, apenas um contrabandista planejando peneirar mais uma vez os destroços da base imperial ali. Eles ainda estão fazendo a checagem da tripulação.

– Lembre a eles de fazerem um serviço completo antes de deixarem a nave partir – Thrawn disse sério. – Organa Solo não terá simplesmente abandonado a *Millennium Falcon* em órbita ali. Mais cedo ou mais tarde ela voltará para pegá-la... E, quando o fizer, eu pretendo apanhá-la.

– Sim, senhor – assentiu Pellaeon. Ele tinha certeza de que o comandante do grupo de patrulha de Endor não precisava ser lembrado disso. – Falando na *Millennium Falcon*, o senhor já decidiu se vamos fazer mais uma varredura nela ou não?

Thrawn balançou a cabeça em negativa.

– Duvido que isso nos trouxesse algo de novo. A equipe de varredura seria mais bem-empregada ajudando na manutenção dos próprios sistemas da *Quimera*. Mande transferir a *Millennium Falcon* para o depósito de veículos até encontrarmos alguma utilidade para ela.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, voltando a girar a cadeira e registrando a ordem. – Ah, e chegou mais um relatório estranho alguns minutos atrás. Uma patrulha de rotina no perímetro da base de suprimentos encontrou uma canhoneira Skipray que fez um pouso forçado lá.

– Um pouso forçado? – Thrawn franziu a testa.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, puxando o relatório. – A parte inferior estava em péssimo estado, e o casco inteiro estava calcinado.

A imagem apareceu na tela de Pellaeon, e Thrawn se curvou sobre o ombro do outro para olhar mais de perto.

– Algum corpo?

– Não, senhor – disse Pellaeon. – A única coisa a bordo, e essa é a parte estranha, era um ysalamir.

Ele sentiu Thrawn enrijecer.

– Mostre-me.

Pellaeon acessou a próxima imagem, um close do ysalamir em sua estrutura de biossuporte.

– A estrutura não é projeto nosso – ele ressaltou. – Não há como dizer de onde veio.

– Ah, há como dizer, sim – Thrawn lhe assegurou. Ele se endireitou e respirou fundo. – Soar alerta de intrusos, capitão. Temos visitantes a bordo.

Pellaeon o encarou atônito, dedos desajeitados localizando e girando a chave de alerta.

– Visitantes? – ele perguntou enquanto os alarmes começavam seu uivo rouco.

– Sim – disse Thrawn, os olhos vermelhos brilhantes reluzindo com uma chama súbita. – Ordene uma checagem imediata da cela de Karrde. Se ele ainda estiver lá, deverá ser removido imediatamente e posto sobre guarda direta de stormtroopers. Quero outro círculo de guardas ao redor das naves auxiliares de suprimentos e uma checagem imediata de identidades de suas tripulações. E depois – ele fez uma pausa – mande desligar o computador principal da *Quimera*.

Os dedos de Pellaeon congelaram sobre o teclado.

– *Desligar*...?

– Cumpra suas ordens, capitão – Thrawn o interrompeu.

– Sim, senhor – Pellaeon disse entre lábios subitamente rígidos. Em todos os seus anos de serviço para o Império, ele jamais vira o computador principal de uma nave de guerra ser desligado deliberadamente, a não ser na doca espacial. Fazer isso era cegar e aleijar o veículo. Com intrusos a bordo, talvez de modo fatal.

– Isso irá atrasar nossos esforços um pouco, concordo – disse Thrawn, como se estivesse lendo os medos de Pellaeon. – Mas atrasará os de nossos inimigos bem mais. Sabe, a única maneira de eles terem descoberto o curso e o destino da *Quimera* teria sido se Mara Jade houvesse acessado o computador quando a trouxemos a bordo junto com Karrde.

– Impossível – insistiu Pellaeon, fazendo uma cara de desagrado ao ver suas telas de computador começarem a se apagar. – Qualquer código de acesso que ela pudesse ter conhecido foi mudado anos atrás.

– A menos que existam códigos permanentemente programados no sistema – disse Thrawn. – Colocados ali pelo imperador para seu uso e de seus agentes. Jade sem dúvida está contando com esse acesso em sua tentativa de resgate; logo, nós a privamos desse acesso.

Um stormtrooper se aproximou deles.

– Sim, comandante? – perguntou Thrawn.

– Mensagem de comlink da detenção – anunciou a voz filtrada eletronicamente. – O prisioneiro Talon Karrde não se encontra mais em sua cela.

– Muito bem – o grão-almirante disse sombrio. – Alerte todas as unidades para que iniciem uma busca da área entre a detenção e os hangares de popa. Karrde deve ser recapturado com vida... não necessariamente ileso, mas com vida. Quanto a seus pretensos salvadores, também os quero com vida se possível. Senão... – fez uma pausa. – Senão, eu entenderei.

CAPÍTULO 23

O uivo do alarme soou no alto-falante acima de suas cabeças; e alguns segundos depois o carro do turboelevador parou bruscamente.

– Maldição – um dos dois artilheiros que haviam substituído os técnicos de manutenção no carro resmungou, desencavando um pequeno cartão de ID da fenda atrás da fivela de seu cinto. – Eles não se cansam nunca de ficar fazendo simulações lá na ponte?

– Continue falando assim e você vai acabar conseguindo uma entrevista com um esquadrão de stormtroopers – alertou o segundo, lançando um olhar de esguelha para Luke e os outros. Passando pelo primeiro artilheiro, e enfiou seu cartão de ID numa fenda no painel de controle e digitou um código de confirmação. – Era muito pior antes de o grão-almirante assumir. E, também, o que é que você queria que eles fizessem, anunciassem simulações relâmpago com antecedência?

– Esse negócio todo é inútil, se você quer minha opinião – o primeiro grunhiu, liberando sua ID da mesma forma. – Quem é que eles esperam que venham a bordo? Uma gangue de piratas ou algo assim?

Luke olhou questionador para Karrde, perguntando-se o que deveriam fazer. Mas Mara já estava se movendo na direção dos dois artilheiros, a identidade de seu traje de voo emprestado na mão. Ela se enfiou entre os dois, levou a ID na direção da fenda...

E bateu com toda a força com a lateral da mão estendida no pescoço do primeiro artilheiro.

A cabeça do homem deu um estalo para o lado e ele desabou no chão sem fazer um ruído. O segundo artilheiro só teve tempo de gorgolejar algo ininteligível antes que Mara o fizesse se juntar ao amigo.

– Venham, vamos dar o fora daqui – ela disse ríspida, passando a mão por sobre a linha onde a porta se encaixava na parede cilíndrica do carro. – Totalmente trancada. Venha, Skywalker, mostre serviço.

Luke acendeu seu sabre de luz.

– Quanto tempo temos? – ele perguntou enquanto escavava uma saída estreita numa das partes da porta.

– Não muito – Mara respondeu séria. – Carros de turboelevador têm sensores que contam o número de pessoas em seu interior. Ele nos dará talvez mais um minuto para fazermos nossas checagens de identidade antes de nos reportar ao computador do sistema. Preciso chegar a um terminal antes que o aviso seja transferido de lá para o computador principal e traga os stormtroopers pra cima de nós.

Luke finalizou o corte e fechou o sabre de luz enquanto Mara e Karrde abaixavam a seção e a tiravam do caminho. Do outro lado ficava a parede do túnel, não exatamente alinhada com o buraco.

– Ótimo – disse Mara, fazendo força para passar pela passagem. – Estávamos começando a rotacionar quando o sistema foi paralisado.

Aqui tem espaço para entrar no túnel.

Os outros foram atrás. O túnel do turboelevador era de seção mais ou menos retangular, com trilhos-guia reluzentes ao longo das paredes, teto e chão. Luke podia sentir o formigamento de campos elétricos ao passar ao lado dos trilhos, e fez uma nota mental para não os tocar.

– Para onde estamos indo? – ele sussurrou para Mara, túnel abaixo.

– Bem aqui – ela retribuiu o sussurro, parando na frente de uma placa com bordas vermelhas colada na parede entre os trilhos-guia. – Túnel de acesso: deve levar de volta a uma sala de depósito de droides de manutenção e terminal de computador.

O sabre de luz cuidou rapidamente da trava de segurança do painel de acesso. Mara atravessou a abertura em disparada, com a arma de raios na mão, e sumiu pelo túnel escuro. Luke e Karrde foram atrás dela, passando por uma fileira dupla de droides de manutenção desativados, cada qual com uma impressionante série de ferramentas se abrindo em leque de seus membros, como se estivessem prontos para inspeção. Depois dos droides o túnel se alargava e se transformava num pequeno aposento onde, conforme previsto, havia um terminal aninhado no meio dos tubos e cabos. Mara já estava curvada sobre ele; porém, quando Luke entrou na sala, captou o súbito choque nos sentidos dela.

– Qual o problema? – ele perguntou.

– Desligaram o computador principal – ela disse, com uma expressão atônita no rosto. – Não fizeram um desvio nem o colocaram em modo de pausa. Desligaram.

– O grão-almirante deve ter descoberto que você consegue acessá-lo – disse Karrde, chegando por trás de Luke. – É melhor irmos andando. Você faz alguma ideia de onde estejamos?

– Acho que estamos em algum ponto acima dos hangares de popa – disse Mara. – Aqueles técnicos de manutenção desceram um pouco antes da estação central da tripulação, e nós ainda não havíamos descido muito.

– Acima dos hangares – Karrde repetiu pensativo. – Em outras palavras, perto do depósito de veículos?

Mara franziu a testa para ele.

– Está sugerindo que a gente pegue uma nave de lá?

– Por que não? – retrucou Karrde. – Eles provavelmente estão esperando que nós sigamos diretamente para um dos hangares. Pode ser que nem nos vejam chegar via elevador de veículos do depósito.

– E, se virem, vamos ficar como mynocks de asas aparadas quando os stormtroopers vierem nos pegar – retorquiu Mara. – Tentar abrir caminho a tiros do depósito...

– Espere – Luke a interrompeu, os sentidos de combate Jedi

formigando em alerta. – Tem alguém vindo.

Mara resmungou um palavrão e se abaixou por trás do terminal de computador, arma apontada para a porta. Karrde, ainda sem armas, recuou e se fundiu com as sombras parciais do túnel de serviço e os droides de manutenção alinhados lá. Luke ficou bem encostado contra a parede ao lado da porta, sabre de luz pronto mas não aceso. Ele deixou a Força fluir através de si enquanto se preparava para a ação, escutando a escuridão, os sentidos atentos dos soldados chegando até a porta e reconhecendo, para sua tristeza, que nenhum toque mental sutil conseguiria nada ali. Agarrando com força o sabre de luz, ele aguardou...

Bruscamente, com apenas um breve aviso, a porta se abriu e dois stormtroopers entraram na sala, rifles de raios de prontidão. Luke levantou o sabre de luz, polegar no botão de ativação...

E do túnel onde Karrde havia desaparecido a luz de um refletor subitamente piscou, acompanhada pelo som de metal raspando contra metal.

Os stormtroopers deram um passo para dentro da sala, cada um mirando para um ângulo oposto a partir da porta, seus rifles de raios girando por reflexo na direção da luz e do som enquanto dois soldados navais vestidos de preto entravam na sala atrás deles tornando o ambiente ainda mais lotado. Os stormtroopers avistaram Mara agachada ao lado do terminal, e os rifles de raios mudaram de direção para apontar para ela.

Mara foi mais rápida. Sua arma disparou quatro vezes, dois tiros por stormtrooper, e ambos os imperiais caíram no chão – um deles com o rifle ainda disparando inutilmente num reflexo provocado pela morte. Os soldados navais atrás deles mergulharam no chão em busca de cobertura, enquanto atiravam loucamente na direção de sua agressora.

Um único golpe amplo do sabre de luz pegou os dois.

Luke fechou a arma, abaixou a cabeça para fora da porta e deu uma rápida espiada ao redor.

– Tudo tranquilo – ele disse a Mara, retornando.

– Pelo menos por enquanto – ela retrucou, pondo a arma no coldre e pegando dois dos rifles de raios. – Vamos.

Karrde esperava por eles no painel de acesso pelo qual haviam passado.

– Parece que os turboelevadores ainda não foram reativados – ele disse. – Deve ser seguro andar pelos túneis um pouco mais. Algum problema com o grupo de busca?

– Não – respondeu Mara, entregando um dos rifles de raios a ele. – Distração eficiente, a propósito.

– Obrigado – disse Karrde. – Droides de manutenção são coisas tão

úteis para se ter por perto. Depósito?

– Depósito – Mara concordou com veemência. – É melhor você estar certo quanto a isso.

– Desculpas antecipadas se por acaso eu não estiver. Vamos.

Lentamente, por comlink e intercom, os relatórios começaram a chegar. Não eram encorajadores.

– Nenhum sinal deles em lugar algum da área do nível de detenção – um comandante dos stormtroopers relatou a Pellaeon com o ar distraído de alguém tentando manter uma conversa enquanto ouvia outra. – Descobriram que uma das grades dos escorregadores de lixo na detenção foi cortada; deve ter sido assim que retiraram Karrde.

– Não importa como eles o retiraram – grunhiu Pellaeon. – As recriminações podem esperar até depois. O importante agora é encontrá-los.

– As equipes de segurança estão vasculhando a área do alerta daquele turboelevador – disse o outro, seu tom de voz dando a entender que qualquer coisa que um comandante stormtrooper dizia deveria, por definição, ser importante. – Até agora não houve contato.

Thrawn desviou sua atenção dos dois oficiais de comunicação que lhe estavam retransmitindo mensagens dos hangares.

– Como a grade do escorregador de lixo foi cortada? – ele perguntou.

– Não tenho informação a respeito – disse o comandante.

– Consiga-a – disse Thrawn, gélido. – Informe também aos seus grupos de busca que dois técnicos de manutenção reportaram ter visto um homem vestindo um traje de voo de caça TIE nas vizinhanças daquele coletor de lixo. Avise seus guardas nos hangares de popa também.

– Sim, senhor – disse o comandante.

Pellaeon olhou para Thrawn.

– Não vejo como isso possa importar agora que eles tiraram Karrde, senhor – ele disse. – Nossos recursos não seriam mais bem gastos na procura deles?

– Você está sugerindo que enviemos todos os nossos soldados e stormtroopers para os hangares? – Thrawn perguntou mansamente. – E, portanto, que suponhamos que nossa presa não irá procurar causar dano em outras partes antes de tentar fugir?

– Não, senhor – disse Pellaeon, sentindo o rosto ficar quente. – Percebo que precisamos proteger toda a nave. Apenas me parece ser uma linha de investigação de baixa prioridade.

– Faça-me esse favor, capitão – Thrawn disse baixinho. – É apenas um palpite, mas...

– Almirante – o comandante stormtrooper interrompeu. – Relatório da equipe de busca 207, no convés 98 nexo 326-KK. – Os dedos de

Pellaeon automaticamente foram para seu teclado; pararam quando ele se lembrou de que não havia mapeamento de computador à disposição para fazer a localização para ele. – Encontraram a equipe 102, todos mortos – continuou o comandante. – Dois foram mortos por arma de raios; os outros dois... – Ele hesitou. – Parece haver alguma confusão a respeito dos outros dois.

– Nenhuma confusão, comandante – disse Thrawn, com a voz subitamente mortífera. – Instrua-os a procurar cortes quase microscópicos atravessando os corpos com cauterização parcial.

Pellaeon o encarou. Havia um fogo frio nos olhos do grão-almirante que não estava ali antes.

– Cauterização parcial? – ele repetiu estupidificado.

– E depois os informe – continuou Thrawn – de que um dos intrusos é o Jedi Luke Skywalker.

Pellaeon sentiu o queixo cair.

– Skywalker? – ele disse surpreso. – Impossível. Ele está em Jomark, com C'baoth.

– *Estava*, capitão – Thrawn o corrigiu gélido. – Agora ele está aqui. – Ele respirou fundo e controladamente, e, quando soltou o ar, a raiva momentânea pareceu desaparecer. – Obviamente, nosso vaidoso mestre Jedi fracassou em mantê-lo por lá, como afirmou que seria capaz de fazer. E eu diria que agora temos nossa prova de que a fuga de Skywalker de Myrkr não foi uma decisão tomada no calor do momento.

– O senhor acha que Karrde e a Rebelião estavam trabalhando juntos o tempo todo? – perguntou Pellaeon.

– Vamos descobrir muito em breve – Thrawn respondeu, virando-se para olhar sobre seu ombro. – Rukh?

A figura cinzenta silenciosa avançou até ficar ao lado de Thrawn.

– Sim, meu senhor?

– Reúna um esquadrão de não combatentes – ordenou Thrawn. – Faça com que eles coletem todos os ysalamiri da Engenharia e do Controle de Sistemas e os transfira para os hangares. Quase não há o suficiente para cobrir toda a área, então use seus instintos de caçador na hora de distribuí-los. Quanto mais pudermos atrapalhar os truques Jedi de Skywalker, menos problemas teremos para capturá-lo.

O Noghri assentiu e se dirigiu para a saída da ponte.

– Poderíamos também usar os ysalamiri da ponte... – começou Pellaeon.

– Silêncio por um momento, capitão – Thrawn o interrompeu; seus olhos brilhantes olhavam sem enxergar através da escotilha lateral e da borda do planeta abaixo deles. – Preciso pensar. Sim. Eles tentarão viajar ocultos sempre que possível, eu acho. Por ora, isso significa os túneis do turboelevador. – Ele fez um gesto para os dois oficiais de

comunicação ainda parados ao lado de sua cadeira. – Ordenem que o controle dos turboelevadores coloquem o sistema de volta em serviço, exceto pelo nexo 326-KK entre o convés 98 e os hangares de popa – ele os instruiu. – Todos os carros dessa área deverão ser movidos para o ponto de aglomeração mais próximo e permanecerem trancados ali até segunda ordem.

Um dos oficiais assentiu e começou a transmitir a ordem em seu comlink.

– O senhor está tentando conduzi-los na direção dos hangares? – Pellaeon arriscou.

– Estou tentando conduzi-los a partir de uma direção específica, sim – assentiu Thrawn. Sua testa estava vincada de tanto pensar; seus olhos ainda não encaravam nada em particular. – A questão é o que eles irão fazer assim que perceberem isso. Presumivelmente tentarão sair do anexo; mas em que direção?

– Duvido que eles sejam tolos o bastante para voltar à nave de suprimentos – sugeriu Pellaeon. – Meu palpite é que eles irão pular inteiramente os hangares de popa e tentar uma das naves auxiliares de ataque nos hangares de proa.

– Talvez – Thrawn concordou cauteloso. – Se Skywalker estiver encarregado da fuga, eu diria que isso é provável. Mas se for Karrde quem estiver dando as ordens... – Ele ficou em silêncio, mais uma vez mergulhado profundamente em seus pensamentos.

De qualquer maneira, eles já tinham por onde começar.

– Coloque guardas extras ao redor das naves auxiliares de ataque – Pellaeon ordenou ao comandante stormtrooper. – Melhor colocar alguns homens dentro das naves também, caso os intrusos cheguem até esse ponto.

– Não, eles não irão até as naves auxiliares se Karrde estiver no comando – murmurou Thrawn. – Ele está mais apto a tentar algo menos óbvio. Talvez caças TIE; ou quem sabe acabe retornando às naves de suprimento, afinal, supondo que não iremos esperar isso. Ou então...

Bruscamente, ele virou a cabeça para olhar para Pellaeon.

– A *Millennium Falcon* – ele disse. – Onde está ela?

– Ah... – Mais uma vez, a mão de Pellaeon se estendeu inutilmente para seu painel de comando. – Ordenei que fosse enviada para o depósito, senhor. Não sei se a ordem foi ou não cumprida.

Thrawn apontou para o comandante stormtrooper.

– Você: consiga alguém no computador dos hangares e ache aquela nave. Depois traga um esquadrão para cá.

O grão-almirante olhou para Pellaeon... e, pela primeira vez desde a ordem do alerta de intrusos, ele sorriu.

– Nós os pegamos, capitão.

Karrde arrancou as seções de dutos de cabo que Luke havia cortado e olhou cuidadosamente pela abertura.

– Não parece haver ninguém por perto – ele murmurou, virando-se para trás; a voz quase inaudível sobre o barulho de máquinas que vinha da sala ao lado. – Acho que os despistamos aqui.

– Se é que eles estão vindo – disse Luke.

– Eles estão vindo – grunhiu Mara. – Podem apostar. – Se havia uma coisa em que Thrawn era melhor do que todos os outros grão-almirantes, era na habilidade de prever a estratégia de seus inimigos.

– Há uma meia dúzia de naves lá fora – continuou Karrde. – Naves da Inteligência sem marcas, a julgar pelo aspecto delas. Qualquer uma provavelmente serviria.

– Alguma ideia de onde estamos? – perguntou Luke, tentando ver através do duto de cabos. Havia um bom espaço vazio lá fora cercando as naves, além de uma pequena abertura no convés por onde a luz passava que era provavelmente o poço de um elevador de veículos pesados. Entretanto, ao contrário daquele do qual ele se lembrava, do hangar da Estrela da Morte, aquele poço tinha um buraco também no teto acima dele para permitir que as naves fossem movidas mais acima, na direção do núcleo do destróier estelar.

– Estamos próximos ao fundo da seção do depósito, eu acho – Karrde lhe disse. – Um ou dois conveses acima dos hangares de popa. A principal dificuldade será se o elevador propriamente dito estiver a um convés abaixo, o que irá bloquear nosso acesso ao hangar e à porta de entrada.

– Ora, vamos entrar lá e descobrir – disse Mara, apertando inquieta seu rifle de raios. – Não ganhamos nada esperando aqui.

– De acordo. – Karrde inclinou a cabeça para o lado. – Acho que estou ouvindo o elevador chegando agora. Mas eles são lentos, e as naves oferecem cobertura suficiente. Skywalker?

Luke voltou a acender seu sabre de luz e rapidamente cortou para eles um buraco grande o bastante para passarem. Karrde foi na frente, seguido por Luke, com Mara na retaguarda.

– O link de computador dos hangares fica logo ali – disse Mara, apontando para um console separado à direita deles quando se agacharam ao lado de um cargueiro leve de aspecto danificado. – Assim que o elevador passar vou ver se consigo nos colocar dentro dele.

– Tudo bem, mas não demore muito – avisou Karrde. – Uma ordem falsa de transferência não vai nos garantir surpresa suficiente para valer mais um atraso.

O topo de uma nave estava se tornando visível agora que ela estava sendo trazida dos hangares abaixo. Uma nave que parecia notavelmente familiar...

Luke sentiu o queixo cair com a surpresa.

– Mas essa é a... não. Não, não pode ser.

– É – disse Mara. – Eu tinha esquecido: o grão-almirante mencionou que a estavam trazendo a bordo quando falei com ele em Endor.

Luke ficou olhando fixo, um bolo frio se formando na sua garganta quando a *Millennium Falcon* continuou subindo pela abertura. Leia e Chewbacca deveriam estar a bordo daquela nave...

– Ele disse algo sobre prisioneiros?

– Não para mim – disse Mara. – Tive a impressão de que ele havia encontrado a nave deserta.

O que significava que, para onde quer que Leia e Chewbacca tivessem ido, eles agora estavam presos lá. Mas ele não tinha tempo de se preocupar com isso agora.

– Vamos pegá-la de volta – ele disse aos outros, enfiando o sabre de luz na túnica do seu traje de voo. – Me deem cobertura.

– Skywalker... – sibilou Mara; mas Luke já estava correndo na direção do poço. A placa do elevador apareceu, revelando dois homens ao lado da *Falcon*: um soldado naval e um técnico com o que parecia uma combinação de datapad e unidade de controle. Eles avistaram Luke...

– Ei! – Luke gritou, acenando enquanto corria na direção deles. – Esperem!

O técnico fez uma coisa com seu datapad e o elevador parou, e Luke sentiu a desconfiança súbita na mente do soldado.

– Recebi novas ordens para esse aí – ele disse ao chegar correndo até onde eles estavam. – O grão-almirante quer que ele seja movido de volta para baixo. Alguma coisa sobre usá-lo como isca.

O técnico olhou para seu datapad franzindo a testa. Ele era jovem, Luke viu, provavelmente ainda nem havia saído da adolescência.

– Aqui não tem nada sobre novas ordens – ele discordou.

– Também não ouvi nada a respeito – grunhiu o soldado, sacando sua arma de raios e apontando-a vagamente na direção de Luke enquanto dava uma rápida olhada ao redor do depósito.

– Acabou de chegar faz um minuto – disse Luke, acenando com a cabeça para o console do computador. – As coisas hoje não estão transferindo muito rápido, por algum motivo.

– Pelo menos a história é boa – o soldado retorquiu. Sua arma estava agora definitivamente apontada para Luke. – Vamos ver sua ID, certo?

Luke deu de ombros; e, usando a Força, arrancou a arma de raios da mão do soldado. O homem sequer fez uma pausa para ficar impressionado com a perda inesperada de sua arma. Ele se jogou para a frente, com as mãos estendidas para o pescoço de Luke...

A arma de raios, apontada direto para Luke, subitamente inverteu a direção. O soldado levou um golpe do cabo bem no estômago, tossiu uma vez com agonia estrangulada e caiu no convés sem se mover.

– Eu fico com isso – Luke disse ao técnico, acenando para Karrde e Mara se juntarem a ele. O técnico, o rosto de um cinza pintalgado, entregou o datapad a ele sem dizer uma palavra.

– Bom trabalho – Karrde disse ao se aproximar de Luke. – Relaxe, não vamos machucá-lo – ele acrescentou para o técnico, agachando-se e tirando o comlink do soldado ainda sem fôlego. – Pelo menos não se você se comportar. Leve seu amigo até aquele gabinete de eletricidade ali e se tranquem lá dentro.

O técnico olhou para ele, voltou a olhar para Luke, e assentiu rapidamente. Levantando o soldado pelas axilas, ele começou a arrastá-lo.

– Certifique-se de que eles fiquem bem trancados e depois junte-se a mim na nave – Karrde disse a Luke. – Vou iniciar o pré-voo. Existe algum código de segurança que eu precise saber?

– Acho que não. – Luke olhou ao redor do depósito e viu que Mara já estava ocupada com o console do computador. – Já é bem difícil manter a *Falcon* funcional mesmo sem código.

– Tudo bem. Lembre a Mara de não perder muito tempo mexendo naquele computador.

Ele mergulhou embaixo da nave e sumiu rampa acima. Luke esperou até que o técnico tivesse trancado a si mesmo e ao soldado dentro do gabinete de eletricidade conforme o ordenado, e depois foi para a nave.

– Ela possui uma sequência de partida incrivelmente rápida – Karrde observou quando Luke se juntou a ele na cabine. – Dois minutos, talvez três, e estaremos prontos para voar. Você ainda está com aquele controlador?

– Bem aqui – disse Luke, entregando o objeto a ele. – Vou buscar Mara. – Ele olhou de relance pela janela da cabine...

No instante em que uma porta larga do outro lado do depósito se abriu, para revelar um esquadrão completo de stormtroopers.

– Oh-oh – murmurou Karrde quando os oito imperiais de armadura branca marcharam direto para a *Falcon*. – Será que eles sabem que estamos aqui?

Luke estendeu seus sentidos, tentando aferir o estado mental dos storm-troopers.

– Acho que não – ele murmurou de volta. – Parecem estar pensando mais como guardas do que como soldados.

– Provavelmente faz muito barulho aqui dentro para eles ouvirem os motores em modo de partida – disse Karrde, abaixando-se em sua cadeira para sair do campo de visão direta deles. – Mara estava certa

quanto ao grão-almirante, mas parece que estamos um passo à frente dele.

Um pensamento súbito tomou conta de Luke, e ele deu uma olhada pela lateral do tampo. Mara estava abaixada ao lado do console do computador, temporariamente oculta da vista dos stormtroopers.

Mas ela não permaneceria escondida por muito tempo... e, conhecendo Mara, ela não ficaria simplesmente sentada esperando que os imperiais reparassem nela. Se houvesse algum jeito de poder avisá-la para não atirar neles ainda...

Talvez houvesse. *Mara*, ele enviou em silêncio, tentando formar a imagem dela em sua mente. *Espere até que eu avise antes de atacar*.

Não houve resposta, mas ele a viu dar uma olhada rápida para a *Falcon* em resposta e recuar ainda mais para sua cobertura limitada.

– Vou voltar à comporta – ele disse para Karrde. – Vou tentar pegá-los num fogo cruzado com Mara. Fique fora do campo de visão aqui.

– Certo.

Mantendo-se abaixado, Luke desceu correndo o pequeno corredor da cabine. Quase não deu tempo; quando ele chegou à comporta podia sentir a vibração das botas blindadas de combate na rampa de entrada. Quatro estavam entrando, ele podia sentir, com os outros quatro se espalhando embaixo da nave para vigiar quem se aproximasse. Mais um segundo e eles o veriam: um segundo depois disso e alguém perceberia Mara. *Mara, agora!*

Um clarão de fogo de arma de raios veio da posição de Mara, e veio com tanta rapidez na esteira de sua ordem que Luke teve a distinta impressão de que Mara tinha planejado atacar naquele instante, com sua permissão ou não. Acendendo seu sabre de luz, Luke saltou no canto em cima da rampa, apanhando os stormtroopers justo quando eles começavam a se virar na direção da ameaça atrás deles. Seu primeiro golpe cortou o cano do rifle do líder dos stormtroopers; usando a Força, ele deu um empurrão forte no homem, jogando-o em cima de seus companheiros e fazendo com que o bando todo caísse rolando indefeso até o piso do elevador. Saltando da rampa, ele defletiu um tiro de outro stormtrooper e passou a lâmina do sabre de luz nele; defendeu-se de mais uma meia dúzia de tiros antes que a arma de Mara abatesse o próximo. Uma rápida olhada mostrou que ela já havia lidado com os outros dois.

Um pico na Força o fez se virar, para descobrir que o grupo que ele havia feito cair rolando até o fundo da rampa havia se desenrolado. Com um grito ele os atacou, girando o sabre de luz em grandes círculos enquanto esperava que Mara tirasse vantagem de sua distração para disparar neles. Mas ela não o fez; e, uma vez que ele já estava sendo atingido pelos tiros, não havia alternativa. O sabre de luz cortou quatro vezes e tudo estava acabado.

Respirando com dificuldade, ele fechou o sabre de luz e, com um choque, descobriu por que Mara não estava atirando lá do outro lado. O elevador que carregava a *Falcon* estava descendo rapidamente na direção do convés logo abaixo, onde os stormtroopers estariam além da mira de Mara.

– Mara! – ele gritou, olhando para o alto.

– Sim, o que foi? – ela gritou de volta, aparecendo na borda do elevador, já cinco metros acima dele. – O que Karrde está fazendo?

– Acho que estamos partindo – disse Luke. – Pule! Eu pego você.

Uma expressão de irritação passou pelo rosto de Mara, mas a Falcon estava se afastando rápido e ela obedeceu sem hesitar. Usando a Força, Luke a pegou com uma mão invisível, reduzindo a velocidade de sua descida na rampa da *Falcon*. Ela atingiu a rampa correndo, e entrou em três passos.

Estava sentada ao lado de Karrde na cabine quando Luke selou a comporta e chegou lá.

– Melhor colocar o cinto – ela gritou para ele.

Luke sentou-se atrás dela, reprimindo a necessidade de ordenar que ela saísse da cadeira do copiloto. Ele conhecia a *Falcon* bem melhor do que ela ou Karrde, mas ambos provavelmente tinham mais experiência pilotando aquela classe de nave.

E, a julgar pelo aspecto das coisas, um trecho de voo complicado vinha pela frente. Pelo tampo da cabine Luke podia ver que eles estavam descendo, não para dentro de um hangar como ele havia esperado, mas para dentro de um amplo corredor de veículos equipado com o que parecia ser uma série de pads repulsores montados ao longo do convés.

– O que aconteceu com o computador? – ele perguntou a Mara.

– Não consegui entrar – ela respondeu. – Mas mesmo que eu tivesse conseguido... Aquele esquadrão de stormtroopers teve muito tempo para pedir ajuda. A menos que você tenha pensado em embaralhar os comlinks deles – ela acrescentou, olhando para Karrde.

– Ora, Mara – Karrde a repreendeu. – É claro que embaralhei os comlinks deles. Infelizmente, como eles provavelmente tinham ordens para reportar assim que estivessem em posição, não teremos mais que alguns minutos. Se tanto.

– Essa é a única saída? – Luke franziu a testa, olhando ao longo do corredor. – Pensei que fôssemos pegar o elevador direto até os hangares.

– Este elevador parece não ir até embaixo – disse Karrde. – Parece ser uma ramificação do poço dos hangares. Aquele buraco iluminado no convés do corredor adiante é que provavelmente é o poço.

– E agora? – perguntou Luke.

– Vamos ver se este controle consegue operar aquele elevador –

disse Karrde, levantando o datapad que havia apanhado do técnico. – Mas duvido. No mínimo por motivos de segurança eles provavelmente devem ter...

– Olhem! – Mara gritou, apontando para o corredor. Bem à frente havia outro piso de elevador, descendo para a abertura iluminada que Karrde tinha apontado um momento antes. Se aquela fosse de fato a saída para os hangares, e se o piso do elevador parasse ali, bloqueando a passagem deles...

Karrde aparentemente pensou a mesma coisa. Luke foi jogado com brusquidão de encontro ao seu assento quando a Falcon deu um salto para a frente, saindo da margem do piso do seu elevador e disparando corredor abaixo como um tauntaun escaldado. Por um momento ela oscilou fortemente para frente e para trás, balançando perigosamente próxima às paredes do corredor enquanto os repulsores da nave pulsavam em compasso com os embutidos no convés. Cerrando os dentes, Luke viu o piso do elevador à frente começar a fechar a fenda, e sentiu na boca o mesmo gosto amargo do desamparo que lembrava ter sentido no poço do Rancor, abaixo da sala do trono de Jabba, o Hutt. A Força estava com ele ali, assim como lá, mas naquele momento ele não conseguia pensar em um jeito de concentrar aquele poder. A *Falcon* disparou na direção da placa que descia – ele se segurou preparando-se para a colisão aparentemente inevitável...

E subitamente, com um guincho curto de metal contra metal, eles passaram pela fenda. A *Falcon* rolou uma vez ao passar para o imenso salão abaixo, deixou as guias do piso do elevador vertical...

E lá, bem à frente, quando Karrde os nivelou mais uma vez, estava a imensa porta de entrada do hangar. E, mais além, a escuridão do espaço profundo.

Meia dúzia de rajadas de raio foram disparadas em sua direção quando eles aceleraram pelo hangar, passando por cima das várias naves estacionadas ali. Mas os disparos haviam sido feitos por reflexo, sem nenhum preparo ou mira adequados, e a maior parte errou de longe. Um deles por pouco não atingiu o tampo da cabine; e então eles saíram, atravessando a barreira atmosférica e mergulhando na direção do planeta abaixo.

E, ao fazerem isso, Luke vislumbrou da porta de entrada vários caças TIE dos hangares de proa voando rapidamente para interceptá-los.

– Venha, Mara – ele disse, tirando seu arnês. – Você sabe como lidar com uma bateria de laser quad?

– Não, eu preciso dela aqui – disse Karrde. Ele havia acabado de levar a *Falcon* para baixo do destróier estelar, e estava indo na direção da margem de bombordo. – Você vá na frente. E destrua a torre de armas dorsal: acho que posso dar um jeito para que eles concentrem o

ataque a partir daquela direção.

Luke não tinha ideia de como iria conseguir isso, mas não tinha tempo para discutir. A *Falcon* já estava começando a sacudir com disparos de laser, e por sua experiência ele sabia que os escudos defletores não poderiam suportar muito tempo. Deixando a ponte, correu para a escada da cabine de tiro, saltando até metade da altura e subindo normalmente o resto. Colocou seu arnês, disparou os quads... e quando olhou ao redor descobriu o que Karrde tinha em mente. A *Falcon* havia feito a curva para além da margem de bombordo da *Quimera*, virado para proa ao longo da superfície superior e estava agora indo à toda para o espaço profundo num vetor diretamente acima da exaustão dos gigantescos cones de saída subluz do destróier estelar. Passando perto demais deles, na opinião de Luke; mas sem dúvida nenhum caça TIE os seguiria vindo de baixo por algum tempo.

O intercom emitiu um *ping* em sua orelha.

– Skywalker? – ele ouviu a voz de Karrde. – Eles estão quase aqui. Está pronto?

– Estou pronto – Luke lhe garantiu. Dedos repousando de leve nos controles de tiro, ele concentrou sua mente e deixou a Força fluir para dentro de si.

A batalha foi furiosa porém rápida, e de algum modo fez Luke se lembrar da fuga da *Falcon* da Estrela da Morte tanto tempo atrás. Naquela época, Leia havia reconhecido que eles tinham escapado com muita facilidade; e, enquanto os caças TIE enxameavam, disparavam e explodiam ao seu redor, Luke se perguntava desconfortável se os imperiais por acaso não teriam algo igualmente sinistro em mente desta vez também.

Então o céu se iluminou com linhas estelares e ficou todo pintalgado, e eles estavam livres.

Luke respirou fundo ao desligar a energia dos quads.

– Ótimo voo – ele disse pelo intercom.

– Obrigado – ele ouviu a voz seca de Karrde responder. – Parece que estamos mais ou menos tranquilos, embora tenhamos sofrido um certo dano ao redor do conversor de energia de estibordo. Mara saiu para dar uma checada.

– Podemos nos virar sem ele – disse Luke. – Han cruzou tantos fios em toda a nave que ela pode voar com metade dos sistemas desativados. Para onde estamos indo?

– Coruscant – disse Karrde. – Para deixar você lá e também para cumprir a promessa que lhe fiz antes.

Luke precisou procurar em sua memória.

– Está se referindo àquilo sobre a Nova República ganhar algo com seu resgate?

– Isso mesmo – Karrde lhe garantiu. – Se bem me lembro da

proposta de Solo para mim lá em Myrkr, seu pessoal precisa muito de naves de transporte. Correto?

– Desesperadamente – concordou Luke. – Você tem algumas escondidas?

– Não exatamente escondidas, mas não seria muito difícil colocar minhas mãos nelas. O que você acha que a Nova República diria para aproximadamente duzentos cruzadores pesados classe dreadnaught pré-Guerras Clônicas?

Luke sentiu o queixo cair. Crescer em Tatooine havia sido uma experiência de isolamento, mas nem *tanto* assim.

– Você não está falando da Força Sombria, está?

– Desça aqui e vamos discutir isso – disse Karrde. – Ah, e eu não mencionaria isso a Mara ainda.

– Já chego aí. – Desligando o intercom, Luke pendurou o headset novamente no seu gancho e subiu a escada – e, notavelmente, ele sequer notou a descontinuidade quando o campo gravitacional mudou de direção no meio da escada.

A *Millennium Falcon* se afastou velozmente da *Quimera*, superando em manobras e armas os caças TIE que a perseguiam e acelerando para o espaço profundo. Pellaeon estava sentado em sua estação, com os punhos cerrados, observando o drama num silêncio indefeso. Indefeso, porque com o computador principal ainda apenas parcialmente operacional, as armas sofisticadas e os sistemas de raio trator da *Quimera* eram inúteis contra uma nave tão pequena, tão rápida e tão distante. Silêncio, porque o desastre estava muito além de seu repertório de impropérios.

A nave piscou e desapareceu... e Pellaeon se preparou para o pior.

O pior não veio.

– Chame de volta os caças TIE às suas estações, capitão – disse Thrawn; sua voz não demonstrava nenhuma expressão de tensão ou de raiva. Desligue o alerta de intrusos e mande que o Controle de Sistemas continue a recolocar o computador principal online. Ah, e o descarregamento de suprimentos pode ser retomado.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, franzindo a testa sub-repticiamente para seu superior. Seria possível que Thrawn de algum modo tivesse deixado de ver o significado do que havia acabado de acontecer ali?

Os olhos vermelhos brilhantes reluziram quando Thrawn olhou para ele.

– Nós perdemos um round, capitão – ele disse. – Nada além disso.

– A mim me parece, almirante, que perdemos bem mais – Pellaeon grunhiu. – Não há chance de que Karrde não dê a frota Katana para a Rebelião agora.

– Ah; mas ele não irá simplesmente *dá-la* a eles – Thrawn corrigiu quase com preguiça. – O padrão de Karrde nunca foi de dar nada de

graça. Ele vai tentar negociar, ou então definir condições que a Rebelião achará insatisfatórias. As negociações levarão tempo, em particular devido ao ambiente de desconfiança política que levamos tanto tempo para criar em Coruscant. E um pouco de tempo é tudo de que precisamos.

Pellaeon balançou a cabeça.

– O senhor está supondo que aquele ladrão de naves Ferrier será capaz de encontrar o fornecedor de naves do grupo corelliano antes que Karrde e a Rebelião resolvam suas diferenças?

– Não há suposição envolvida – Thrawn disse suavemente. – Ferrier já está no rastro de Solo e extrapolou seu destino para nós... e, graças ao excelente trabalho da Inteligência quanto ao histórico de Karrde, eu sei exatamente quem é o homem que vamos encontrar no fim dessa trilha.

Ele olhou pela escotilha para os caças TIE que retornavam.

– Instrua a Navegação para preparar um curso para o sistema Pantolomin, capitão – ele disse com a voz pensativa. – Partiremos assim que as naves auxiliares de suprimento tiverem sido descarregadas.

– Sim, senhor – disse Pellaeon, acenando a ordem com a cabeça para o navegador e fazendo um cálculo rápido de cabeça. Tempo para a *Millennium Falcon* chegar a Coruscant; tempo para a *Quimera* chegar a Pantolomin...

– Sim – Thrawn disse para si mesmo. – Agora é uma corrida.

CAPÍTULO 24

O sol havia se posto sobre as colinas marrons de Honoghr, deixando um vestígio duradouro de vermelho e violeta nas nuvens sobre o horizonte. Leia viu a cor que se desvanecia logo dentro da porta da *dukha*, sentindo a familiar sensação de pavor e nervosismo que sempre vinha quando ela estava prestes a entrar em batalha e perigo. Em alguns minutos, ela, Chewbacca e 3PO estariam partindo para Nystao, para libertar Khabarakh e escapar. Ou morrer tentando.

Ela deu um suspiro e caminhou de volta à *dukha*, perguntando-se distraí-da onde havia errado em toda aquela história. Tinha parecido tão razoável vir a Honoghr – tão *certo*, de algum modo, fazer um gesto tão ousado de boa fé para com os Noghri. Mesmo antes de deixar Kashyyyk ela já estava convencida de que a oferta não havia sido inteiramente sua própria ideia, mas a sutil orientação da Força.

E talvez tivesse sido. Mas não necessariamente do lado da Força que ela havia suposto.

Uma brisa fria sussurrou pela porta, e Leia estremeceu. *A Força é forte em minha família*. Luke havia dito aquelas palavras a ela na véspera da Batalha de Endor. No começo ela não havia acreditado, não até muito depois, quando seu treinamento paciente começara a fazer com que vestígios daquelas habilidades despontassem nela. Mas seu pai tinha tido aquele mesmo treinamento e aquelas mesmas habilidades... e no entanto acabara por sucumbir ao lado sombrio.

Um dos gêmeos chutou. Ela fez uma pausa, estendendo a mão para tocar gentilmente os dois pequenos seres em seu interior; ao fazer isso, fragmentos de memória a invadiram num dilúvio. O rosto de sua mãe, tenso e triste, erguendo-a da escuridão do tronco onde ela havia sido escondida de olhares curiosos. Rostos estranhos inclinavam-se sobre ela, enquanto sua mãe falava com eles num tom que a havia assustado e feito chorar. Chorou novamente quando sua mãe morreu, agarrando-se com força ao homem que aprendera a chamar de pai.

Dor, angústia e medo... e tudo isso por causa de seu verdadeiro pai, o homem que havia renunciado ao nome Anakin Skywalker para se chamar Darth Vader.

Ela ouviu um tênue som de pés se arrastando pela porta.

– O que foi, 3PO? – perguntou Leia, virando-se para encarar o droide.

– Sua Alteza, Chewbacca me informou que a senhora vai partir em breve – disse 3PO, sua voz pudica um pouco ansiosa. – Posso supor que irei acompanhá-la?

– Sim, é claro – disse Leia. – O que quer que aconteça em Nystao, não acho que você queira estar aqui para ver o que vem depois.

– Eu concordo. – O droide hesitou, e Leia podia ver em sua postura que a ansiedade dele não havia sido inteiramente aliviada. – Entretanto, há uma coisa que eu realmente acho que a senhora deveria

saber – ele continuou. – Um dos droides de descontaminação tem agido de forma muito estranha.

– É mesmo? – disse Leia. – Em que exatamente consiste essa estranheza?

– Ele parece interessado demais em tudo – disse 3PO. – Ele tem feito um grande número de perguntas, não só sobre a senhora e Chewbacca, mas também sobre mim. Também o vi andando pela aldeia depois do horário noturno durante o qual ele deveria estar desligado.

– Provavelmente apenas um apagamento de memória inadequado na última vez – disse Leia, que não estava realmente interessada em discutir idiossincrasias de personalidades de droides. – Eu poderia citar um ou dois outros droides que têm mais curiosidade do que sua programação original pretendia.

– Sua Alteza! – protestou 3PO, parecendo magoado. – R2 é um caso completamente diferente.

– Eu não estava me referindo somente a R2 – Leia estendeu uma das mãos para evitar mais discussões. – Mas entendo sua preocupação. Vou lhe dizer uma coisa: fique de olho nesse droide para mim. Está certo?

– É claro, Sua Alteza – disse 3PO. Ele fez uma pequena mesura e saiu arrastando os pés ao crepúsculo.

Leia suspirou e olhou ao redor. Seu vagar inquieto ao redor da dukha a tinha levado até o mapa da genealogia que estava na parede, e por um longo minuto ela ficou olhando fixamente para ele. Havia um profundo senso histórico presente na madeira esculpida; um senso histórico e um silencioso porém profundo orgulho familiar. Ela deixou os olhos traçarem as conexões entre os nomes, imaginando o que os Noghri pensavam e sentiam quando o estudavam. Será que eles viam seus triunfos e fracassos ao mesmo tempo, ou meramente seus triunfos? Ambos, ela deduziu. Os Noghri lhe pareciam um povo que não se cegava deliberadamente para a realidade.

– Você vê na madeira o fim de nossa família, Lady Vader?

Leia deu um pulo de susto.

– Às vezes gostaria que vocês não fossem tão bons nisso – ela grunhiu ao recuperar seu equilíbrio.

– Me perdoe – disse a maitrakh, talvez um pouco secamente. – Não queria assustá-la. – Ela fez um gesto para o mapa. – Está vendo nosso fim ali, Lady Vader?

Leia balançou a cabeça.

– Não consigo enxergar o futuro, maitrakh. Nem o seu; nem mesmo o meu. Eu só estava pensando em filhos. Tentando imaginar em como seria tentar criá-los. Me perguntando o quanto do caráter deles uma família pode moldar, e o quanto ele é inato às próprias crianças. – Ela

hesitou. – Me perguntando se o mal na história de uma família pode ser apagado, ou se ele sempre passa para cada nova geração.

A maitrakh inclinou ligeiramente a cabeça; seus olhos enormes estudavam o rosto de Leia.

– Você fala como alguém que está enfrentando recentemente o desafio de cuidar de filhos.

– Sim – admitiu Leia, acariciando a barriga. – Não sei se Khabarakh lhe contou, mas estou esperando meus primeiros dois filhos.

– E você teme por eles.

Leia sentiu um músculo em sua bochecha repuxar.

– Por um bom motivo. O Império quer tirá-los de mim.

A maitrakh sibilou baixinho.

– Por quê?

– Não tenho certeza. Mas o objetivo só pode ser maligno.

A maitrakh abaixou a cabeça.

– Lamento, Lady Vader. Eu ajudaria se pudesse.

Leia estendeu a mão para tocar o ombro da Noghri.

– Eu sei.

A maitrakh olhou para o mapa genealógico.

– Eu mandei todos os meus quatro filhos rumo ao perigo, Lady Vader. Para as batalhas do imperador. Nunca fica mais fácil vê-los partir para a guerra e para a morte.

Leia pensou em todos os seus aliados e companheiros que haviam morrido na longa guerra.

– Eu enviei amigos rumo à morte – ela disse baixinho. – Isso já foi duro o bastante. Não consigo imaginar enviar meus filhos.

– Três deles morreram – continuou a maitrakh, quase como se falasse consigo mesma. – Longe de casa, com ninguém a não ser seus companheiros para chorar por eles. O quarto ficou aleijado, e voltou para casa para viver sua vida encurtada no desespero silencioso da desonra antes que a morte o libertasse.

Leia fez uma cara de tristeza. E agora, como preço por tê-la ajudado, Khabarakh enfrentava a desonra e a morte...

A linha de pensamento fez uma pausa.

– Espere um minuto. Você disse que todos os seus quatro filhos foram para a guerra? E que todos os quatro desde então morreram?

A maitrakh assentiu.

– Isso é correto.

– Mas e quanto a Khabarakh? Ele também não é seu filho?

– Ele é meu terceirofilho – disse a maitrakh, uma estranha expressão em seu rosto. – Filho do filho do meu primeirofilho.

Leia olhou para ela, e fez uma súbita e terrível descoberta. Se Khabarakh não era seu filho, mas seu bisneto, e se a maitrakh havia

pessoalmente testemunhado a batalha espacial que trouxera a destruição a Honoghr...

– Maitrakh, há quanto tempo seu mundo está assim? – ela perguntou, quase sem fôlego. – Há quantos anos?

A Noghri a encarou, sentindo claramente a súbita mudança de assunto.

– Lady Vader, o que foi que eu disse...?

– *Quantos anos?*

A maitrakh estremeceu e se afastou dela.

– Quarenta e oito anos noghri – ela disse. – Em anos do Império, quarenta e quatro.

Leia pôs a mão na madeira macia do mapa genealógico, sentindo subitamente os joelhos fracos com o choque. Quarenta e quatro anos. Não os cinco, oito ou dez que ela havia suposto. Quarenta e quatro.

– Não aconteceu durante a Rebelião – ela ouviu a si mesma dizer. – Aconteceu durante as Guerras Clônicas.

E subitamente o choque deu caminho a uma muralha de fúria incandescente.

– Quarenta e quatro anos – ela resfolegou. – Eles estão mantendo vocês assim há *quarenta e quatro anos?*

Ela girou de frente para a porta.

– Chewie! – gritou, sem se importar na hora com quem pudesse ouvi-la. – Chewie, venha cá!

Uma mão agarrou seu ombro, e ela se virou para dar com a maitrakh olhando fixamente para ela com uma expressão insondável em seu rosto alienígena.

– Lady Vader, você vai me dizer qual é o problema.

– Quarenta e quatro anos, maitrakh, esse é o problema – disse Leia. O calor de sua raiva estava passando, deixando para trás uma gélida determinação. – Eles mantiveram vocês como escravos por quase meio século. Mentindo descaradamente para vocês, tapeando vocês, assassinando seus filhos. – Ela apontou para o chão sob seus pés. – *Isto aqui* não são quarenta e quatro anos de trabalho de descontaminação. E se eles não estão simplesmente limpando a terra...

Ela ouviu passos pesados na entrada e Chewbacca entrou com toda a força, balestra na mão. Viu Leia, rugiu uma pergunta enquanto balançava sua arma de forma a poder mirar na maitrakh.

– Não estou em perigo, Chewie – disse Leia. – Apenas muito zangada. Preciso que você me consiga mais algumas amostras da área contaminada. Desta vez não de solo, mas um pouco da grama *kholm*.

Ela pôde ver a surpresa no rosto do Wookiee; no entanto ele simplesmente grunhiu em resposta e saiu.

– Por que você deseja examinar a grama *kholm*? – perguntou a maitrakh.

– Você mesma disse que ela tinha um cheiro diferente de antes de as chuvas caírem – Leia a lembrou. – Acho que pode haver uma ligação que não estamos vendo.

– Que ligação poderia haver?

Leia balançou a cabeça.

– Não quero dizer mais nada neste momento, maitrakh. Não até ter certeza.

– Você ainda deseja ir a Nystao?

– Mais do que nunca – Leia disse séria. – Mas não para atacar e fugir. Se as amostras de Chewie mostrarem o que acho que mostrarão, eu irei direto aos dinastas.

– E se eles se recusarem a ouvir?

Leia respirou fundo.

– Eles não podem se recusar – ela disse. – Vocês já perderam três gerações de seus filhos. Não podem se dar ao luxo de perder mais.

Por um minuto a Noghri olhou para ela em silêncio.

– Você fala a verdade – ela disse. Sibilou suavemente entre seus dentes de agulha, e com sua costumeira graça fluida se moveu na direção da porta. – Retornarei em uma hora – ela disse olhando para trás. – Você estará pronta para partir então?

– Sim – Leia assentiu. – Para onde você está indo?

A maitrakh parou à porta, e seus olhos escuros se fixaram bem nos de Leia.

– Você fala a verdade, Lady Vader. Eles precisam ouvir. Eu voltarei.

A maitrakh retornou vinte minutos depois, cinco antes de Chewbacca. O Wookiee havia coletado dois punhados da grama *kholm* de pontos bem distantes um do outro e apanhou a unidade de análise de seu esconderijo no barracão dos droides de descontaminação. Leia colocou a unidade para funcionar em um par das duas plantas marrons feias e partiram para Nystao.

Mas não sozinhos. Para a surpresa de Leia, uma jovem fêmea Noghri já estava sentada no banco do piloto do landspeeder de capota aberta que a maitrakh havia obtido para eles; e, enquanto atravessavam a aldeia à velocidade de uma caminhada, mais uma dezena de Noghri se juntou a eles, caminhando a passos largos em ambos os lados do landspeeder como uma guarda de honra. A própria maitrakh caminhou ao lado do veículo, seu rosto insondável na fraca luz refletida do painel de instrumentos. Sentado no banco de trás, ao lado da unidade de análise, Chewbacca acariciava sua balestra e soltava um rugido fundo de desconfiança em sua garganta. Atrás dele, enfiado no compartimento de bagagem, 3PO estava anormalmente quieto.

Eles passaram pela aldeia e entraram nas plantações ao redor, o

pequeno grupo de Noghri ao redor deles era praticamente invisível na luz das estrelas cobertas pelas nuvens. O grupo chegou a outra aldeia, que mal se podia distinguir das plantações agora que suas luzes estavam apagadas para a noite, e passaram sem incidente. Mais plantações; outra aldeia; mais plantações. Ocasionalmente Leia vislumbrava as luzes de Nystao bem ao longe, e se perguntava inquieta se confrontar os dinastas diretamente era realmente o curso mais sábio de ação àquela altura. Eles governavam com a ajuda ou pelo menos o consentimento tácito do Império, e acusá-los de colaboração com uma mentira não cairia bem para um povo tão orgulhoso e orientado pela honra.

E então, no céu do norte, a maior das três luas de Honoghr apareceu por entre uma espessa camada de nuvens e, chocada, Leia viu que ela e sua escolta não estavam mais sozinhas. Ao redor deles havia um imenso mar de figuras sombrias, fluindo como uma maré silenciosa ao longo da trilha do landspeeder.

Atrás dela, Chewbacca grunhiu, também surpreso. Com seus sentidos de caçador ele já havia se dado conta de que o tamanho do grupo deles aumentava a cada aldeia que passavam. Mas nem mesmo ele percebera a total extensão do recrutamento, e não tinha muita certeza se gostava disso.

Entretanto Leia descobriu, ao voltar a se recostar nas almofadas do l-andspeeder, que parte do aperto em seu peito havia passado. O que quer que acontecesse em Nystao agora, só o tamanho do grupo tornaria impossível para os dinastas prenderem-na e esconderem o fato de que ela algum dia estivera ali.

A maitrakh havia lhe garantido uma chance de falar. O resto seria por sua conta.

Eles chegaram ao limite de Nystao logo antes do amanhecer e encontraram outra multidão de Noghri esperando por eles.

– A notícia chegou antes de nós – a maitrakh disse a Leia enquanto o landspeeder e sua escolta se aproximavam da multidão. – Eles vieram ver a filha de Lorde Vader e ouvir sua mensagem.

Leia olhou para a multidão.

– E qual é a mensagem que você lhes disse para esperar?

– Que a dívida de honra para com o Império havia sido inteiramente paga – disse a maitrakh. – Que você veio oferecer uma vida nova para o povo Noghri.

Seus olhos escuros penetraram o rosto de Leia numa pergunta que não foi feita. Por sua vez, Leia se virou e olhou para Chewbacca, erguendo as sobrancelhas. O Wookiee rugiu uma afirmativa e inclinou a unidade de análise para cima para lhe mostrar a tela.

Em algum momento ao longo da jornada noite adentro a unidade havia finalmente terminado seu trabalho, e, ao ler a análise, Leia

sentiu toda a raiva que ela sentia pelo Império retornar, por tudo o que eles haviam feito com aquelas pessoas.

– Sim – ela disse à maitrakh. – Eu posso provar que a dívida foi paga.

Agora, mais próxima da multidão que a aguardava, ela pôde ver na penumbra que a maioria dos Noghri eram fêmeas. O punhado de machos que ela conseguia avistar era ou do tom de pele cinza bem claro das crianças e jovens adolescentes, ou do cinza muito escuro dos mais velhos. Mas logo à frente do caminho do landspeeder estava um grupo de cerca de dez machos com a cor de aço dos jovens adultos.

– Estou vendo que os dinastas também ouviram a notícia – ela disse.

– Esta é nossa escolta oficial – disse a maitrakh. – Eles nos acompanharão até a Grande *Dukha*, onde os dinastas estão aguardando.

A escolta oficial – de guardas ou soldados; Leia não sabia exatamente como pensar neles – permaneceu em silêncio enquanto caminhava em formação de ponta de flecha à frente do landspeeder. O resto da multidão fervilhava com conversas sussurradas, a maioria delas entre os habitantes da cidade e os aldeões. O que eles estavam dizendo Leia não sabia; mas sempre que seus olhos se viravam os Noghri faziam silêncio e retribuíam o olhar com óbvio fascínio.

A cidade era menor do que Leia havia esperado, em particular devido à área limitada de terra que os Noghri tinham disponível. Depois de apenas alguns minutos, chegaram à Grande *Dukha*.

Pelo nome, Leia tinha esperado que ela fosse simplesmente uma versão maior da *dukha* que existia na aldeia. Maior ela certamente era; mas, apesar da semelhança de projeto, aquela versão tinha um aspecto bem diferente. Suas paredes e teto eram feitos de um metal azul-prateado em vez de madeira, sem relevos escavados de qualquer tipo em sua superfície. Os pilares de apoio eram pretos – de metal ou pedra trabalhada, Leia não sabia dizer. Uma ampla escadaria de mármore preto e vermelho levava até uma plataforma de laje cinza, de onde se abriam portas duplas. Todo o conjunto parecia algo frio e remoto, muito diferente da imagem mental do ethos Noghri que ela construíra ao longo dos últimos dias. Por um instante, ela se perguntou se a Grande *Dukha* fora construída não pelos Noghri, mas pelo Império.

No alto da escadaria, aguardava uma fileira de treze machos Noghri de meia-idade, cada qual vestindo um traje elaboradamente trabalhado que parecia uma mistura entre um colete e um xale. Atrás deles, com os braços e as pernas acorrentados a um par de postes no meio do terraço, estava Khabarakh.

Leia olhou para ele por cima da fileira de dinastas, e uma onda de dor e empatia percorreu seu ser. A maitrakh havia lhe descrito a

mecânica de uma humilhação pública Noghri; mas foi apenas quando olhou para ele que ela começou a compreender toda a profundidade da vergonha envolvida no ritual. O rosto de Khabarakh estava pálido e exausto, e ele pendia fatigado contra as correntes que seguravam seus pulsos e antebraços. Contudo, a cabeça estava levantada, e os olhos escuros em alerta e vigilantes.

A multidão se abriu para ambos os lados quando o landspeeder chegou à área da *dukha*, formando uma passagem para que o veículo atravessasse. A escolta oficial subiu a escadaria, formando uma fileira entre a multidão e a fila de dinastas.

– Lembre-se, não viemos aqui para lutar – Leia murmurou para Chewbacca; e, invocando cada fragmento de comportamento nobre que pôde, desceu do landspeeder e subiu a escadaria.

Os últimos murmúrios da multidão atrás dela desapareceram quando ela chegou ao topo.

– Eu vos saúdo, dinastas do povo Noghri – ela disse em voz alta. – Eu sou Leia Organa Solo, filha de seu Lorde Darth Vader. Aquele que veio até vocês em seu momento de sofrimento e lhes trouxe ajuda. – Ela estendeu as costas da mão para o Noghri no centro da fila.

Ele a encarou por um momento sem se mover. Então, com óbvia relutância, avançou e cheirou a mão dela desajeitadamente. Repetiu o teste duas vezes antes de se endireitar.

– O Lorde Vader está morto – ele disse. – Nosso novo senhor, o grão-almirante, nos ordenou que a levássemos até ele, Leia Organa Solo. Você virá conosco para aguardar a preparação de transporte.

Da base da escadaria, Chewbacca grunhiu um alerta. Leia o acalmou com um gesto e balançou a cabeça.

– Não vim aqui para me render ao seu grão-almirante – ela disse ao dinasta.

– Você o fará mesmo assim – ele disse. Fez um sinal, e dois dos guardas deixaram sua fileira e se moveram na direção de Leia.

Ela não saiu de onde estava, e mais uma vez fez sinal a Chewbacca para que fizesse o mesmo.

– Vocês servem ao Império, então, ou ao povo de Honoghr?

– Todos os Noghri de honra servem a ambos – disse o dinasta.

– É mesmo? – perguntou Leia. – Servir Honoghr agora significa enviar uma geração de jovens atrás da outra para morrer nas guerras do Império?

– Você é alienígena – o dinasta disse com desprezo. – Você não sabe nada a respeito da honra dos Noghri. – Fez um gesto de cabeça para os guardas que estavam agora parados de cada lado de Leia. – Levem-na para dentro da *dukha*.

– Então você tem tanto medo assim das palavras de uma mulher alienígena sozinha? – Leia perguntou quando os Noghri pegaram-na

com força pelos braços. – Ou você teme que seu próprio poder seja diminuído com a minha chegada?

– Você não falará palavras de discórdia e veneno! – resfolegou o dinasta.

Chewbacca tornou a rugir, e Leia pôde senti-lo preparando-se para subir as escadas num salto em seu socorro.

– Minhas palavras não são de discórdia – ela disse, elevando a voz o suficiente para que toda a multidão pudesse ouvir. – Minhas palavras são de traição.

A multidão começou a se alvoroçar de repente.

– Você se calará – insistiu o dinasta. – Ou mandarei que a calem.

– Eu quero que ela fale – a maitrakh gritou lá de baixo.

– Você também se calará! – gritou o dinasta enquanto a multidão murmurava sua aprovação à exigência da maitrakh. – Você não tem lugar ou poder de fala aqui, maitrakh do clã Kihm'bar. Eu não fiz uma convocação do povo Noghri.

– E no entanto a convocação está aqui – retrucou a maitrakh. – A Lady Vader veio. Queremos ouvir as palavras dela.

– Então vocês as ouvirão na prisão. – O dinasta fez um gesto, e mais dois membros da guarda oficial deixaram a fila, seguindo na direção da escadaria.

Agora, julgou Leia, era o momento certo. Olhando para seu cinto, ela usou a Força com todo o poder e controle de que conseguia dispor...

E seu sabre de luz saltou do cinto, soltando-se da presilha e pulando bem na frente dela. Seus olhos e mente encontraram o botão, e com um estalo e sibilar a lâmina verde e branca brilhante surgiu, criando uma linha vertical entre ela e a fileira de dinastas.

A multidão soltou um som semelhante ao de um sibilar. Os dois Noghri que estavam indo na direção da maitrakh pararam no meio do caminho... e, quando o sibilar se transformou em um profundo silêncio, Leia percebeu que finalmente tinha obtido a completa atenção de todos.

– Eu não sou apenas a filha do Lorde Vader – ela disse, colocando raiva controlada em sua voz. – Eu sou a *Mal'ary'ush*: herdeira de sua autoridade e de seu poder. Passei por muitos perigos para revelar a traição que foi feita contra o povo Noghri.

Ela retirou o máximo de concentração que podia arriscar do sabre de luz flutuante para olhar lentamente para a fila de dinastas.

– Vocês querem me ouvir? Ou irão preferir a morte?

Por um longo minuto o silêncio permaneceu intacto. Leia ficou escutando as batidas fortes de seu coração e o zumbido profundo do sabre de luz, imaginando por quanto tempo conseguiria manter a arma firme no meio do ar antes de perder o controle dela. E então, no

meio da fila à sua esquerda, um dos dinastas deu um passo à frente.

– Eu quero ouvir as palavras da *Mal'ary'ush* – ele disse.

O primeiro dinasta cuspiu.

– Não acrescente sua própria discórdia, Ir'khaim – ele avisou. – Você vê aqui apenas uma chance de salvar a honra do clã Kihm'bar.

– Talvez eu veja uma chance de salvar a honra do povo Noghri, Vor'corkh – retorquiu Ir'khaim. – Eu quero ouvir a *Mal'ary'ush*. Estou sozinho?

Silenciosamente, mais um dinasta deu um passo à frente e se juntou a ele. Depois outro fez a mesma coisa; e outro, e outro, até que nove dos treze estavam do lado de Ir'khaim. Vor'corkh sibilou entre dentes, mas recuou para seu lugar na fila.

– Os dinastas de Honoghr escolheram – ele grunhiu. – Você pode falar.

Os dois guardas soltaram seus braços. Leia contou mais dois segundos antes de estender uma das mãos para apanhar o sabre de luz e fechá-lo.

– Eu contarei a história duas vezes – ela disse, voltando-se para a multidão enquanto colocava a arma de volta ao cinto. – Uma vez como o Império contou a vocês; a outra como realmente aconteceu. Então vocês poderão decidir por si mesmos se a dívida dos Noghri foi paga ou não.

– Vocês todos conhecem a história de como seu mundo foi devastado pela batalha no espaço. Quantos dos Noghri foram mortos pelos vulcões e terremotos e mares assassinos que se seguiram, até um remanescente chegar aqui a este lugar. Como o Lorde Darth Vader veio até vocês, e lhes ofereceu ajuda. Como depois da queda das chuvas de cheiro estranho todas as plantas exceto a grama *kholm* murcharam e morreram. Como o Império disse a vocês que o chão havia sido envenenado com produtos químicos da nave destruída, e ofereceu máquinas para limpar o solo para vocês. E vocês sabem muito bem o preço que eles exigiram por essas máquinas.

– E no entanto o terreno ainda está envenenado – um dos dinastas disse a ela. – Eu e muitos outros temos tentado ao longo dos anos cultivar alimentos em lugares onde as máquinas não estiveram. Mas a semente foi desperdiçada, pois nada cresceu.

– Sim – Leia assentiu. – Mas não era o solo que estava envenenado. Ou melhor, não o solo diretamente.

Ela fez um sinal para Chewbacca. Voltando ao landspeeder, ele apanhou a unidade analisadora e uma das plantas de grama *kholm* e subiu a escadaria para levar tudo a ela.

– Agora eu lhes contarei a história verdadeira – Leia disse enquanto o Wookiee desceu os degraus. – Depois que o Lorde Vader partiu em sua nave, outras naves vieram. Elas voaram por sobre todo

o seu mundo. A quem perguntasse, eles provavelmente disseram que estavam inspecionando a terra, talvez em busca de outros sobreviventes ou outros lugares habitáveis. Mas era tudo mentira. O verdadeiro objetivo deles era semear seu mundo com um novo tipo de planta. – Ela ergueu a grama *kholm*. – Esta planta.

– Sua verdade são sonhos – o dinasta Vor'corkh cuspiu. – A grama *kholm* cresce em Honoghr desde o início do conhecimento.

– Eu não disse que isto aqui era grama *kholm* – retrucou Leia. – Parece a grama *kholm* de que vocês se lembram, e até tem um cheiro muito parecido. Mas não exatamente. Na verdade, ela é uma criação sutil do Império... enviada pelo imperador para envenenar seu mundo.

O silêncio da multidão prorrompeu num burburinho de conversas atônitas. Leia lhes deu tempo, deixando seu olhar vagar pela área enquanto esperava. Devia haver perto de mil Noghri se espremendo ao redor da Grande *Dukha*, ela estimou, e outros mais ainda se aproximavam da área. A notícia da chegada dela ainda devia estar se espalhando, ela deduziu, e olhou ao redor para ver de onde eles vinham.

E, quando ela olhou para a esquerda, um ligeiro brilho de metal chamou sua atenção. Muito atrás da Grande *Dukha*, semioculta nas sombras compridas do começo da manhã ao lado de outro edifício, estava a forma quadrada de caixa de um droide de descontaminação.

Leia ficou olhando fixamente para ele, e um estremecimento de súbito horror percorreu seu corpo. Um droide de descontaminação com uma curiosidade fora do comum: C-3PO havia mencionado isso, mas na hora ela tinha estado muito preocupada para prestar qualquer atenção ao que ele dizia. Porém, um droide de descontaminação em Nystao, a cinquenta quilômetros ou mais de sua área de trabalho, era bem mais do que simplesmente excesso de curiosidade. Tinha de ser...

Ela se abaixou, admoestando-se mentalmente pelo descuido. É claro que o grão-almirante não teria simplesmente saído correndo no calor do momento. Não sem deixar alguém ou alguma coisa para ficar de olho nas coisas.

– Chewie, mais para lá à sua direita – ela sibilou. – Parece um droide de descontaminação, mas acho que é um droide de espionagem.

O Wookiee grunhiu algo violento e começou a abrir caminho à força pela multidão. Contudo, mesmo com os Noghri dando passagem para ele, Leia sabia que ele jamais chegaria. Droides de espionagem não eram brilhantes, mas eram inteligentes o bastante para saber não ficar parados depois de serem descobertos. Muito antes que Chewbacca pudesse chegar lá ele já teria fugido. Se ele tivesse um transmissor, e se houvesse alguma nave imperial ao seu alcance...

– Povo de Honoghr! – ela gritou por sobre a conversa. – Eu

provarei a vocês agora mesmo a verdade do que digo. Um dos droides de descontaminação do imperador está ali. – Ela apontou para ele. – Tragam-no para mim.

A multidão se virou para olhar, e Leia pôde sentir a incerteza deles. Mas antes que qualquer um pudesse se mover, o droide desapareceu subitamente virando a esquina do edifício ao lado do qual tinha estado espreitando. Um segundo depois Leia o avistou rapidamente entre dois outros edifícios, tentando escapar à toda velocidade.

Taticamente, era a pior decisão que o droide podia ter tomado. Fugir era a mesma coisa que admitir culpa, especialmente na frente de um povo que havia crescido com aquelas coisas e sabia exatamente qual era o padrão de comportamento de um droide de descontaminação. A multidão urrou, e da retaguarda talvez cinquenta dos adolescentes mais velhos saíram correndo atrás dele.

E, assim que eles fizeram isso, um dos guardas no terraço ao lado de Leia pôs a mão em concha ao redor da boca e soltou um grito lancinante no ar.

Leia teve um espasmo, os ouvidos zumbindo com o som. O guarda voltou a gritar, e desta vez houve uma resposta de algum lugar próximo. O guarda mudou para um som que parecia uma mistura complicada de pios de pássaros; uma resposta curta, e ambos se calaram.

– Ele está chamando outros para a caçada – a maitrakh disse a Leia.

Leia assentiu, cerrando os punhos com força enquanto observava os perseguidores desaparecerem numa esquina atrás do droide. Se o droide tivesse um transmissor ele estaria agora transferindo freneticamente seus dados...

E então, logo depois, os perseguidores estavam de volta, acompanhados por meia dúzia de machos Noghri adultos. Erguido bem no alto como o troféu de uma caçada, ainda balançando inutilmente nas mãos deles, estava o droide.

Leia respirou fundo.

– Tragam-no aqui para mim – ela disse quando o grupo se aproximou. Eles fizeram isso. Seis dos adolescentes carregaram o droide escadaria acima e o depositaram na plataforma. Leia acendeu seu sabre de luz, examinando o droide em busca de sinais de uma porta de antena escondida. Ela não conseguiu localizar uma, mas isso por si só não provava nada. Preparando-se para aguentar o pior, ela fez um corte vertical na casca externa do droide. Mais dois cortes transversais, e sua estrutura interna estava exposta para que todos vissem.

Chewbacca já estava ajoelhado ao lado do droide quando Leia

fechou seu sabre de luz; seus dedos enormes sondavam delicadamente entre o labirinto de tubos, cabos e fibras. Perto do topo da cavidade havia uma pequena caixa cinza. Ele deu uma olhada significativa para Leia e a arrancou de suas conexões.

Leia engoliu em seco quando ele a depositou no chão ao seu lado. Ela a reconheceu, de sua longa e às vezes amarga experiência: era a unidade de gravação motivadora de um droide de sondagem imperial. Mas o soquete conector da antena estava vazio. A sorte – ou a Força – ainda estava com eles.

Chewbacca estava mexendo agora na parte inferior da cavidade. Leia ficou observando enquanto ele retirava diversos cilindros do emaranhado, examinava suas marcações e os colocava de volta em seus lugares. A multidão estava começando a murmurar novamente quando, com um murmúrio satisfeito, ele puxou um cilindro grande e uma agulha fina de perto do funil de captação.

Com cautela, Leia pegou o cilindro dele. Não deveria ser perigoso para ela, mas não havia motivo para se arriscar.

– Eu peço que os dinastas sejam testemunhas de que este cilindro foi de fato retirado do interior desta máquina – ela gritou para a multidão.

– Esta é sua prova? – perguntou Ir'khaim, olhando descrente para o cilindro.

– É, sim – Leia assentiu. – Eu já disse que essas plantas não são a grama *kholm* de que vocês se recordam de antes do desastre. Mas ainda não falei o que elas têm de diferente. – Apanhando uma das plantas, ela a levantou para que todos vissem. – Os cientistas do imperador pegaram a sua grama *kholm* e a modificaram – ela disse à multidão. – Eles criaram diferenças que conseguissem ser transmitidas geneticamente entre gerações. O cheiro alterado em que vocês têm reparado é provocado por um produto químico que o caule, as raízes e as folhas secretam. Um produto químico que só tem um propósito: inibir o crescimento de toda outra vida vegetal. As máquinas que o grão-almirante alega que estão limpando o terreno na verdade não estão fazendo nada além de destruir esta grama *kholm* especial que o próprio Império plantou.

– Sua verdade novamente consiste em sonhos – Vor'corkh debochou. – As máquinas droides exigem quase duas dezenas de dias para limpar uma única *pirkha* de terra. Minhas filhas podiam destruir a grama *kholm* ali em um.

Leia deu um sorriso amargo.

– Talvez as máquinas não requeiram tanto tempo quanto parece. Vamos descobrir. – Segurando a grama *kholm* à sua frente, ela fez brotar da agulha do cilindro uma gota de líquido claro e encostou-a no caule.

Ela não poderia ter imaginado demonstração mais dramática do que aquela. A gota foi absorvida pela superfície marrom fosca da planta, e por alguns segundos aparentemente nada aconteceu. Houve um leve som de ebulição; e então, sem aviso, a planta subitamente começou a enegrecer e murchar. A multidão soltou um sibilar engasgado quando o fragmento de destruição catalítica se espalhou ao longo do caule até as folhas e raízes. Leia ficou segurando a planta por mais um instante, e depois a jogou no terraço. Ali ela ficou, murchando como um galho seco atirado em uma fogueira, até que nada restasse a não ser um filamento pequeno e irreconhecível de matéria negra e murcha. Leia experimentou tocá-lo com a ponta de sua bota, e ele se desintegrou num fino pó.

Ela havia esperado outro rompante de surpresa ou ultraje da multidão. O silêncio absoluto deles era, à sua própria maneira, mais enervante do que qualquer ruído teria sido. Os Noghri compreendiam bem as implicações daquela demonstração.

E, ao olhar para seus rostos, percebeu que havia vencido.

Ela colocou o cilindro de volta na plataforma ao lado da planta destruída e se virou para enfrentar os dinastas.

– Eu lhes mostrei a minha prova – ela disse. – Vocês devem agora decidir se a dívida dos Noghri foi paga.

Ela olhou para Vor'corkh; e, movida por um impulso que não soube explicar, tirou o sabre de luz do cinto e o pôs na mão dele. Então, passando por ele, foi até Khabarakh.

– Lamento – ela disse baixinho. – Eu não esperava que você tivesse que passar por nada parecido com isto por minha causa.

Khabarakh abriu a boca num sorriso Noghri, cheio de dentes-agulha.

– O Império há muito nos ensinou que são o orgulho e o dever de um guerreiro enfrentar a dor por seu senhor supremo. Deveria eu fazer menos pela *Mal'ary'ush* do Lorde Vader?

Leia balançou a cabeça.

– Não sou sua senhora suprema, Khabarakh, e nunca serei. Os Noghri são um povo livre. Vim apenas para tentar restaurar essa liberdade a vocês.

– E nos levar para seu lado contra o Império – Vor'corkh disse causticamente atrás dela.

Leia se virou.

– Esse seria meu desejo – ela concordou. – Mas eu não peço isso.

Vor'corkh a estudou por um momento. Então, com relutância, ele lhe devolveu seu sabre de luz.

– Os dinastas de Honoghr não podem e não tomarão uma decisão tão importante num único dia – ele disse. – Há muito que considerar, e uma convocação de todo o povo Noghri precisa ser feita.

– Então faça a convocação – Khabarakh pediu. – A *Mal'ary'ush* do Lorde Vader está aqui.

– E pode a *Mal'ary'ush* nos proteger da força do Império, se escolhermos desafiá-lo? – retrucou Vor'corkh.

– Mas...

– Não, Khabarakh, ele tem razão – disse Leia. – O Império preferiria matar vocês todos a deixá-los desertar ou mesmo se tornar neutros.

– Os Noghri já se esqueceram de como lutar? – Khabarakh debochou.

– E Khabarakh do clã Kihm'bar já se esqueceu do que aconteceu com Honoghr há 48 anos? – Vor'corkh respondeu com rispidez. – Se deixarmos o Império agora, não teríamos opção a não ser deixar nosso mundo e nos esconder.

– E fazer isso garantiria o extermínio instantâneo dos comandos que estão servindo o Império – Leia ressaltou para Khabarakh. – Você gostaria que eles morressem sem nem ao menos saberem o motivo? Não há honra nisso.

– A senhora fala com sabedoria, Lady Vader – disse Vor'corkh, e pela primeira vez Leia pensou ter detectado um vestígio de respeito relutante nos olhos dele. – Verdadeiros guerreiros entendem o valor da paciência. A senhora nos deixará agora?

– Sim – assentiu Leia. – Minha presença aqui ainda é um perigo para vocês. Eu pediria um favor: que permita que Khabarakh me leve de volta à minha nave.

Vor'corkh olhou para Khabarakh.

– A família de Khabarakh conspirou para libertá-lo – ele disse. – Eles conseguiram, e ele fugiu para o espaço. Três comandos que estavam de licença aqui o perseguiram. Todo o clã Kihm'bar ficará em desgraça até que entreguem os nomes dos responsáveis.

Leia assentiu. Era uma história tão boa quanto qualquer outra.

– Só certifique-se de avisar os comandos que enviar para que tomem cuidado ao fazer contato com as outras equipes. Se uma pista sequer disso voltar ao Império, eles destruirão vocês.

– Não se arrogue a dizer a guerreiros como fazer seu trabalho – retorquiu Vor'corkh. Ele hesitou. – Você pode obter mais destes para nós? – ele perguntou, apontando para o cilindro.

– Sim – disse Leia. – Vamos precisar ir primeiro a Endor e pegar minha nave. Khabarakh poderá me acompanhar até Coruscant depois e eu conseguirei suprimento para ele.

O dinasta hesitou.

– Não há um meio de trazer esse suprimento antes?

Um fragmento de conversa apareceu flutuando na memória de Leia: a maitrakh, mencionando que a janela para plantar as colheitas

daquela estação estava quase se fechando.

– Pode haver – ela disse. – Khabarakh, quanto tempo pouparíamos se pulássemos Endor e fôssemos direto para Coruscant?

– Aproximadamente quatro dias, Lady Vader – ele disse.

Leia assentiu. Han iria matá-la por deixar sua amada *Falcon* parada na órbita de Endor daquele jeito, mas não havia como contornar a situação.

– Está certo – ela assentiu. – Então isso é o que vamos fazer. Mas não se esqueçam de tomar cuidado com o lugar onde irão utilizar os cilindros: vocês não podem correr o risco de que as naves do Império avistem novas plantações.

– Também não se arrogue a dizer a fazendeiros como fazer seu trabalho – disse Vor'corkh; mas desta vez com um toque de humor seco em sua voz. – Aguardaremos ansiosos a sua chegada.

– Então é melhor partirmos agora mesmo – disse Leia. Ela olhou para a maitrakh, e fez um cumprimento de cabeça em sinal de agradecimento. Finalmente tudo estava começando a seguir seu caminho. Apesar de suas dúvidas anteriores, a Força estava claramente com ela.

Voltando-se para Khabarakh, ela acendeu seu sabre de luz e cortou as correntes que o prendiam.

– Venha, Khabarakh – ela disse. – Hora de partir.

CAPÍTULO 25

O *Coral Vanda* se anunciava como o cassino mais impressionante da galáxia… e, ao olhar ao redor do imenso e ornamentado Salão Tralla, Han podia entender por que nunca ouvira ninguém desafiar essa afirmação.

O salão tinha mais de uma dezena de mesas de sabacc espalhadas por seus três seminíveis, além de todo um sortimento de máquinas de lugjack, cabines de tregald, mesas de holoxadrez e até mesmo alguns dos tradicionais warp-tops em forma de ferradura mais utilizados pelos fanáticos de crinbid. Um bar cortava o salão ao meio, oferecendo a maioria das coisas que um cliente gostaria de beber, fosse para celebrar uma vitória ou esquecer uma derrota, e havia uma janela de atendimento embutida na parede dos fundos para pessoas que não queriam parar de jogar nem mesmo para comer.

E, quando você se cansava de olhar para suas cartas ou seu copo, havia a vista através do casco externo transparente que ocupava a parede inteira. Água azul-esverdeada ondulante, centenas de peixes de cores vivas e pequenos mamíferos marinhos; e ao redor dela as intrincadas espirais e hélices dos famosos recifes de coral de Pantolomin.

O Salão Tralla era, resumindo, talvez o melhor cassino que Han já tinha visto na vida… e o *Coral Vanda* dispunha de sete outros salões iguaizinhos.

Sentado no bar ao seu lado Lando acabou seu drinque e afastou o copo.

– E agora? – perguntou.

– Ele está aqui, Lando – Han disse, descolando o olhar do recife lá fora e olhando mais uma vez ao redor do cassino. – Em algum lugar.

– Acho que esta viagem ele pulou – discordou Lando. – Provavelmente ficou sem dinheiro. Lembre-se do que Sena disse: o sujeito gasta como se fosse água envenenada.

– É, mas se ele estivesse sem dinheiro tentaria vender outra nave a eles – Han ressaltou. Enxugou seu próprio copo e se levantou de sua cadeira. – Vamos lá: mais um salão pra ver.

– E depois tudo outra vez – grunhiu Lando. – E de novo, e de novo. É perda de tempo.

– Tem outra ideia?

– Na verdade, tenho, sim – disse Lando enquanto davam uma boa volta para evitar um enorme Herglic precariamente equilibrado sobre suas cadeiras e desciam o bar na direção da saída. – Em vez de simplesmente ficarmos vagando como temos feito nas últimas seis horas, deveríamos ficar plantados em alguma mesa de sabacc e começar a jogar um dinheiro pesado. A notícia de que há dois amadores prontos pra serem depenados se espalharia; e, se este sujeito perde dinheiro tão rápido quanto Sena diz, vai ficar muito interessado

em tentar recuperar parte dele.

Han olhou para seu amigo com uma leve surpresa. Ele tinha tido a mesma ideia umas duas horas antes, mas não pensou que Lando fosse aceitar.

– Você acha que seu orgulho de jogador profissional topa esse tipo de surra?

Lando o olhou bem nos olhos.

– Se isso me tirar daqui e me levar de volta às minhas operações de mineração, meu orgulho topa qualquer parada.

Han fez uma cara desconfortável. Ele às vezes esquecia que havia meio que arrastado Lando para aquele negócio todo.

– Certo – ele disse.

– Desculpe. Ok, vou lhe dizer o seguinte. Vamos dar uma última olhada no Salão Saffkin. Se ele não estiver lá, a gente volta aqui e...

Ele parou. Ali no bar, em frente a uma cadeira vazia, estava uma bandeja com um cigarra ainda aceso nela. Um cigarra com um aroma incomum mas muito familiar...

– Oh-oh – Lando disse baixinho.

– Eu não acredito – disse Han, levando a mão à sua arma enquanto dava uma rápida olhada ao redor do salão lotado.

– Pode acreditar, meu camarada – disse Lando. Ele tocou a almofada do assento vago. – Ainda está quente. Ele deve estar... lá está ele.

Era Niles Ferrier mesmo, em pé sob a passagem de saída em arco ornamentada com vidrondulante, outro de seus onipresentes cigarras trincado entre os dentes. Ele sorriu para os dois, fez uma espécie de continência debochada e sumiu porta afora.

– Ora, isso é simplesmente fantástico – disse Lando. – E agora?

– Ele quer que a gente vá atrás dele – disse Han, dando uma rápida olhada ao redor. Não viu ninguém que pudesse reconhecer, mas isso não queria dizer nada. O pessoal de Ferrier estava provavelmente todo ao redor deles. – Vamos ver o que ele está armando.

– Pode ser uma armadilha – avisou Lando.

– Ou ele pode estar pronto para negociar – retrucou Han. – Esteja com a arma a postos.

– Não brinca.

Estavam a meio caminho da passagem em arco quando ouviram um estrondo curto e fundo como um trovão distante. Ele se seguiu de outro, mais alto, e depois de um terceiro. O burburinho das conversas no cassino morreu quando outros pararam para ouvir; e, quando fizeram isso, o *Coral Vanda* pareceu estremecer um pouco.

Han olhou para Lando.

– Você está pensando o que eu estou pensando? – ele murmurou.

– Rajadas de turbolaser atingindo a água – Lando murmurou sério.

– Ferrier está negociando, sim. Só que não com a gente.

Han assentiu, sentindo um nó apertado no estômago. Ferrier tinha se adiantado e feito um acordo com o Império, e, se os imperiais pusessem as mãos na frota Katana, o equilíbrio de poder naquela guerra interminável seria subitamente jogado de volta a favor deles.

E sob o comando de um grão-almirante...

– Precisamos encontrar aquele negociante de naves, e rápido – ele disse, correndo para a saída. – Quem sabe a gente consiga colocá-lo num módulo de fuga ou algo assim antes de sermos abordados.

– Espero que sim, antes que o resto dos passageiros comece a entrar em pânico – acrescentou Lando. – Vamos lá.

Conseguiram chegar ao arco quando seu tempo acabou. Ouviram um trovão súbito, não distante desta vez, mas como se fosse bem acima deles, e por um segundo o recife de coral do lado de fora do casco transparente se iluminou com uma luz verde furiosa. O *Coral Vanda* sacudiu como um animal ferido, e Han agarrou a beirada do arco em busca de equilíbrio...

Alguma coisa pegou seu braço e puxou com força, arrancando-o do arco à sua direita. Por reflexo ele levou a mão à sua arma de raios, mas antes que conseguisse sacá-la braços fortes e peludos envolveram seu peito e rosto, prendendo a mão da arma ao lado do corpo e bloqueando toda a visão do pânico súbito no corredor. Ele tentou gritar, no entanto o braço estava bloqueando sua boca, além dos olhos. Lutando inutilmente, xingando com o pouco de ar que conseguia aspirar, ele foi arrastado corredor abaixo. Mais dois trovões se fizeram ouvir, e o segundo quase derrubou Han e seu agressor no chão. Uma mudança de direção para o lado... seu cotovelo bateu na lateral de uma porta...

Um empurrão com força e ele estava livre mais uma vez, lutando para respirar. Estava numa despensa pequena de bebidas, com caixotes de garrafas empilhados quase até o teto em três das paredes. Vários já haviam sido derrubados no chão por conta do sacolejo do *Coral Vanda,* e um líquido vermelho-escuro vazava de um deles.

Encostado ao lado da porta, sorrindo novamente, estava Ferrier.

– Olá, Solo – ele disse. – Quanta consideração sua passar por aqui.

– Foi um convite muito gentil para recusar – Han disse com acidez, olhando ao redor. Sua arma de raios estava pairando na frente de uma pilha de caixotes a dois metros de distância, bem no meio de uma sombra espessa e estranhamente sólida.

– Você se lembra do meu espectro, é claro – Ferrier disse num tom tranquilo de voz, com um gesto para a sombra. – Foi ele quem se esgueirou à bordo da rampa da *Lady Luck* para plantar nosso farol de localização extra. Aquele *dentro* da nave.

Então fora assim que Ferrier conseguira chegar ali tão rápido.

Outro trovão sacudiu o *Coral Vanda*, e mais um caixote se inclinou demais e caiu com um estrondo no chão. Han deu um pulo para trás e olhou melhor para a sombra. Desta vez ele foi capaz de ver os olhos e um vislumbre de presas brancas. Ele sempre achara que espectros eram apenas uma lenda do espaço. Aparentemente não.

– Não é tarde demais pra fazer um acordo – ele disse a Ferrier.

O outro lhe deu um olhar surpreso.

– Este é seu acordo, Solo – ele disse. – Por que mais você acha que está aqui e não onde o tiroteio está prestes a começar? Vamos simplesmente mantê-lo aqui, tranquilo e seguro, até que as coisas voltem ao normal. – Ele levantou uma sobrancelha. – Calrissian, agora... já é outra história.

Han franziu a testa para ele.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que estou cansado de ele se meter no meu caminho – Ferrier disse suavemente. – Então, quando o *Coral Vanda* finalmente desistir e subir à tona, vou garantir que ele esteja bem na frente, tentando proteger valorosamente o pobre capitão Hoffner dos malvados stormtroopers. Com sorte... – ele abriu as mãos e sorriu.

– Hoffner é o nome do sujeito, hein? – disse Han, lutando para conter sua raiva. Ficar louco não iria ajudar Lando nem um pouco. – Suponha que ele não esteja a bordo. Os imperiais não vão ficar felizes.

– Ah, ele está a bordo – Ferrier lhe garantiu. – Mas está ficando um pouco maluco. Ele está meio trancafiado na nossa suíte desde mais ou menos uma hora após começarmos a navegar.

– Vocês têm certeza de que pegaram o sujeito certo?

Ferrier deu de ombros.

– Se não pegamos, o grão-almirante só pode culpar a si mesmo. Foi ele quem me deu o nome.

Outra rajada sacudiu a nave.

– Bom, foi ótimo falar com você, Solo, mas temos um acordo a fechar – disse Ferrier, recuperando seu equilíbrio e apertando o botão para abrir a porta. – Vejo você por aí.

– Vamos pagar a você o dobro do que o Império está oferecendo – disse Han, tentando uma última vez.

Ferrier nem se deu ao trabalho de responder. Sorrindo uma última vez, ele saiu de mansinho e fechou a porta atrás de si.

Han olhou para a sombra que era o espectro.

– E você? – ele perguntou. – Quer ficar rico?

O espectro mostrou os dentes, mas não deu outra resposta. Mais um trovão, e eles foram jogados com força para o lado. A *Coral Vanda* era uma nave bem construída, mas Han percebeu que ela não conseguiria suportar esse tipo de impacto contínuo por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, ela teria de desistir e subir à superfície... e

então os stormtroopers viriam.

Ele tinha apenas esse tempo para achar uma saída dali.

As baterias de turbolaser da *Quimera* voltaram a disparar, e na holotela da ponte uma linha vermelha curta mergulhava rapidamente no mar perto do cilindro preto pontudo que marcava a posição do *Coral Vanda*. Por um instante a linha vermelha foi recoberta pelo verde-claro da água do mar subitamente transformada em vapor superaquecido; depois o verde-claro se espalhou para fora em todas as direções, e o *Coral Vanda* balançou visivelmente quando a onda de choque passou por ele.

– Eles são teimosos, isso eu tenho que admitir – comentou Pellaeon.

– Eles têm muitos frequentadores ricos a bordo – Thrawn o lembrou. – Muitos dos quais prefeririam afundar a dar seu dinheiro sob ameaças de força.

Pellaeon deu uma olhada rápida nas suas leituras.

– Não vai demorar até que eles tenham que tomar essa decisão. A propulsão principal foi desativada, e microfraturas estão aparecendo nas costuras do casco. O computador projeta que, se eles não subirem à superfície em dez minutos, não serão mais capazes de fazê-lo.

– Aquela é uma nave cheia de jogadores, capitão – disse Thrawn. – Eles irão apostar na força de sua nave enquanto procuram uma alternativa.

Pellaeon franziu a testa para a holotela.

– Que alternativa eles poderiam ter?

– Observe. – Thrawn tocou seu painel, e um pequeno círculo branco apareceu no holo à frente do *Coral Vanda*, estendendo-se para trás como o caminho de um verme enlouquecido. – Parece haver um caminho aqui abaixo desta parte do coral que permitiria que eles escapassem de nós, pelo menos temporariamente. Acredito que é para lá que eles estejam se dirigindo.

– Eles jamais conseguirão – deduziu Pellaeon. – Não do jeito que estão quicando por aqui. Mas é melhor termos certeza. Um disparo bem na entrada desse labirinto deverá dar um jeito nisso.

– Sim – disse Thrawn meditativo. – Mas é uma pena ter de danificar qualquer um desses recifes. São verdadeiras obras de arte. Únicas, talvez, no fato de que foram criadas por seres vivos, ainda que não sencientes. Eu gostaria de poder tê-los estudado mais de perto.

Voltou-se mais uma vez para Pellaeon e lhe deu um aceno breve de cabeça.

– Dispare quando quiser.

Mais uma vez, com o estrondo de um trovão, a nave do Império, lá do alto, fez a água perto deles ferver... e quando o *Coral Vanda* se inclinou para o lado Han colocou seu plano em ação.

Deixando o movimento da nave jogá-lo de lado, ele meio cambaleou, meio caiu do outro lado da despensa para bater numa das pilhas de caixotes, virando-se no último instante para ficar de costas para eles. Suas mãos, levantadas por cima da cabeça como se para buscar equilíbrio, encontraram os cantos inferiores do caixote mais alto; e, quando a força de seu impacto balançou a pilha, ele fez a caixa se inclinar e cair em cima dele. Ele a deixou rolar numa rotação de um quarto na direção de sua cabeça e aí desviou sua pegada e atirou-a com toda a força na direção do espectro.

O alien a recebeu em cheio na parte superior do torso, perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão com estrépito.

Num segundo Han estava em cima dele, chutando sua arma para fora da mão do espectro e pulando para recuperá-la. Pegou a arma e se virou. O espectro havia conseguido se livrar da caixa e estava lutando para se levantar em um chão agora escorregadio com whiskey Menkooro derramado.

– Parado! – gritou Han, fazendo um gesto com a arma.

Era praticamente a mesma coisa que conversar com um buraco no ar. O espectro continuou tentando até se levantar...

E, já que a única outra opção era matá-lo, Han abaixou a mira e disparou na poça de whiskey. Um *whoosh* suave; e, bruscamente, o centro do aposento irrompeu em chamas azuis.

O alien saltou para trás para fugir do fogo, gritando alguma coisa em seu próprio idioma que Han ficou feliz por não entender. O impulso do espectro fez com que ele batesse contra uma pilha de caixotes, quase derrubando-a toda. Han disparou duas vezes no caixote logo acima do alien, fazendo brotarem cascatas gêmeas de álcool em cima dos seus ombros e cabeça. O alien voltou a gritar, recuperou seu equilíbrio...

E, com um último disparo, Han incendiou as cascatas.

O grito do espectro se transformou em um uivo agudo enquanto ele se contorcia para tentar escapar do fogo, sua cabeça e ombros coroados em chamas. Mas Han sabia que aquilo era mais de raiva que de dor – fogos provocados por álcool não eram assim tão quentes. Em pouco tempo, o espectro apagaria o fogo dando tapas no próprio corpo, e depois muito provavelmente quebraria o pescoço de Han.

Mas ele não teve esse tempo todo. Em meio a seu uivo o sistema automático anti-incêndio da despensa finalmente entrou em ação. Os sensores direcionaram jatos de espuma bem em cima do rosto do espectro.

Han não ficou para ver o resultado. Passando por baixo do alien temporariamente cego, ele se esgueirou porta afora.

O corredor, que estava lotado de gente em pânico quando ele fora capturado, agora estava deserto; os passageiros deviam estar a

caminho dos módulos de fuga ou da segurança ilusória de suas gigantescas suítes. Disparando um tiro na trava da despensa para selá-la, Han correu para a comporta principal da nave. E torceu para alcançar Lando a tempo.

Muito abaixo dele, quase perdido entre os gritos dos passageiros apavorados, Lando podia ouvir o zumbido abafado das bombas ativas. O *Coral Vanda* estava se rendendo mais cedo do que ele havia esperado.

Ele soltou um palavrão baixinho, dando mais uma olhada rápida para trás. Para onde diabos Han havia ido, aliás? Provavelmente estava caçando Ferrier, querendo ver o que o ladrão de naves escorregadio estava aprontando. Era típico de Han sair correndo para conferir um palpite quando havia trabalho a ser feito.

Uma dezena dos tripulantes do *Coral Vanda* estavam ocupados assumindo posições de defesa dentro da comporta principal da nave quando ele chegou.

– Preciso falar com o capitão ou outro oficial imediatamente – ele gritou para eles.

– Volte para seu quarto – um dos homens disse rispidamente sem olhar para ele. – Estamos prestes a ser abordados.

– Eu sei – disse Lando. – E eu sei o que os imperiais querem.

Esse mesmo tripulante lhe deu uma olhada rápida.

– É? E o que é?

– Um de seus passageiros – disse Lando. – Ele tem uma coisa que o Império...

– Qual é o nome dele?

– Não sei. Mas tenho uma descrição.

– Maravilha – grunhiu o tripulante, checando o nível de energia de sua arma de raios. – Vou lhe dizer o que fazer: vá para a popa e comece a bater de porta em porta. E nos avise se encontrá-lo.

Lando rilhou os dentes.

– Estou falando sério.

– Eu também – retorquiu o outro. – Vamos, saia logo daqui.

– Mas...

– Eu disse pra sair. – Ele apontou sua arma para Lando. – Mas se o passageiro que você está procurando tem bom senso ele provavelmente já terá escapado em algum módulo de fuga.

Lando recuou corredor abaixo. Todas as peças finalmente se encaixavam na sua cabeça. Não, o fornecedor de naves não estaria em nenhum módulo de fuga. E provavelmente não estaria sequer em sua suíte. Ferrier estava ali; e, conhecendo Ferrier, ele não teria revelado sua presença de forma tão deliberada caso já não tivesse vencido a corrida.

O convés balançou levemente sob seus pés. O *Coral Vanda* havia

chegado à superfície. Virando-se, Lando correu para a popa novamente. Havia um terminal de computador que dava acesso a passageiros uns dois corredores atrás. Se ele conseguisse uma lista de passageiros e descobrisse o quarto de Ferrier, talvez conseguisse chegar lá antes que os imperiais assumissem o controle da nave. Começando a correr, ele virou num cruzamento de corredores...

Eles andavam objetivamente em sua direção: quatro homens enormes com armas nas mãos e um homem magro e de cabelos brancos quase escondido no centro do grupo. O líder avistou Lando, levantou sua arma e disparou.

O primeiro tiro errou de longe. O segundo chamuscou a parede quando Lando se jogou para trás da esquina.

– Lá se foi a ideia de encontrar o quarto de Ferrier – resmungou Lando. Mais um punhado de disparos passou zunindo por sua barricada; e então, surpreendentemente, os disparos pararam. Arma na mão, abraçando a parede do corredor, Lando foi devagar até a esquina e deu uma olhadela.

Eles haviam sumido.

– Ótimo – ele resmungou, dando uma olhada mais longa. Sim, eles haviam sumido, provavelmente para uma das áreas restritas à tripulação, as quais desciam até o núcleo central da nave. Caçar alguém numa área desconhecida normalmente não era boa ideia, mas não havia muitas outras opções à disposição. Fazendo uma cara de desgosto para si mesmo, ele virou a esquina...

E deu um grito quando uma rajada de raios vinda da direita chamuscou a manga de sua camisa. Ele se jogou na direção da encruzilhada de corredores, vendo de relance ao cair mais três homens vindo em sua direção pelo corredor principal. Ele caiu no carpete espesso com força suficiente para atordoá-lo, rolou de lado e tirou as pernas da linha de fogo, totalmente consciente de que, se alguém do primeiro grupo o estivesse observando de algum esconderijo, ele estaria morto. Uma barragem de tiros dos recém-chegados atingiu a parede, com o tipo de aglomeração que significava que estava sendo usada como fogo de cobertura enquanto avançavam para cima dele. Respirando com dificuldade – aquele mergulho havia tirado seu fôlego –, Lando se levantou e começou a correr na direção de uma porta em arco a meio caminho descendo a encruzilhada de corredores. Não lhe daria muita cobertura, mas era o melhor que ele tinha.

Ele tinha acabado de chegar à porta quando subitamente ouviu um palavrão vindo da direção de seus agressores, um punhado de disparos do que parecia ser um modelo diferente de arma de raios...

E então o silêncio.

Lando franziu a testa, perguntando-se o que eles estavam armando agora. Podia ouvir passos correndo em sua direção; escondendo-se

dentro do nicho da porta da melhor forma que pôde, apontou a arma para o cruzamento.

Os passos chegaram ao cruzamento e pararam.

– Lando?

Lando abaixou a arma com um suspiro silencioso de alívio.

– Estou aqui, Han – ele chamou. – Vamos; o pessoal de Ferrier está com nosso homem.

Han virou a esquina e correu na direção dele.

– Não é só isso, amigão – ele disse ofegante. – Ferrier também está tentando pegar você.

Lando fez uma careta. Por pouco não conseguira.

– Não se importe comigo – ele disse. – Acho que eles devem ter descido para o núcleo da nave. Precisamos alcançá-los antes que cheguem à comporta principal.

– Podemos tentar – Han disse sério, olhando ao redor. – Ali! Aquilo parece uma porta de acesso da tripulação.

E era. E estava trancada.

– O pessoal de Ferrier entrou – grunhiu Lando, abaixando-se para examinar o painel semiaberto. – É. Aqui. Eles mexeram na fiação. Vamos ver...

Ele sondou cuidadosamente o mecanismo com a ponta do dedo mínimo; e, com um *clic* agradável, o painel se destravou e abriu.

– Lá vamos nós – disse ele. Levantou-se novamente...

E saltou para trás quando uma rajada de raios passou raspando num clarão.

– É, lá vamos nós, mesmo – disse Han. Ele estava encostado contra a parede do outro lado da abertura, com a arma pronta mas sem chance de conseguir dar um tiro que passasse pela retaguarda. – Quantas pessoas Ferrier tem nesta nave, aliás?

– Um monte – grunhiu Lando. A porta, aparentemente decidindo que ninguém mais iria passar afinal, voltou a se fechar. – Acho que vamos ter que fazer isso da maneira mais difícil. Vamos voltar à comporta principal e tentar pegá-los ali.

Han o segurou pelo ombro.

– Tarde demais – ele disse. – Escute.

Lando franziu a testa e apurou os ouvidos. Por cima do zumbido baixo dos ruídos da nave, ele conseguiu discernir o fogo rápido dos rifles laser dos stormtroopers a distância.

– Eles estão a bordo – murmurou.

– É – assentiu Han. O convés vibrou por um breve instante sob seus pés, e subitamente o fogo dos lasers parou. – Granada subsônica – ele identificou o que era. – É isso. Vamos lá.

– Vamos lá pra onde? – perguntou Lando quando Han começou a descer a encruzilhada de corredores.

– Pra popa, até os módulos de fuga – disse o outro. – Vamos dar o fora daqui.

Lando sentiu o queixo cair. Mas olhou para seu amigo, e as objeções morreram caladas. O rosto de Han estava rígido, os olhos queimando de raiva e frustração. Ele sabia bem o que aquilo significava. Provavelmente melhor que Lando.

O módulo de fuga flutuou na superfície do mar, cercado por uma centena de outros módulos e fragmentos flutuantes de recife. Pela minúscula escotilha Han ficou olhando enquanto, ao longe, a última nave auxiliar de ataque do Império levantava voo do *Coral Vanda* e voltava ao espaço.

– É isso, então? – Lando arriscou do assento atrás dele.

– É isso – disse Han, ouvindo a amargura na própria voz. – Eles provavelmente vão começar a recolher os módulos daqui a pouco.

– Nós fizemos tudo o que pudemos, Han – Lando ressaltou baixinho. – E podia ter sido pior. Eles podiam ter explodido o *Coral Vanda* ali na água. Se isso acontecesse, levaria dias até que alguém viesse nos buscar.

O que teria dado ao Império uma vantagem muito maior.

– Ah, é, ótimo – Han disse com acidez. – A gente realmente está por cima.

– O que mais poderíamos ter feito? – Lando persistiu. – Afundar a nave para evitar que pusessem a mão no sujeito... sem nos importar com o fato de que teríamos matado centenas de pessoas no processo? Ou talvez devês-semos ter nos suicidado lutando contra três naves auxiliares cheias de stormtroopers? Pelo menos assim Coruscant tem uma chance de se preparar antes que as naves da Força Sombria comecem a aparecer em combate.

Lando estava tentando – ninguém podia negar isso a ele. Mas Han ainda não estava pronto para que ninguém o animasse.

– Como é que alguém se prepara pra ser atacado por duzentos dreadnaughts? – ele grunhiu. – Nós já estamos no limite do jeito que está.

– O que é que há, Han?! – disse Lando, soando um pouco irritado. – Mesmo que as naves estejam em perfeito estado e prontas para voar, elas ainda irão precisar de 2 mil tripulantes cada para manejá-las. Vão se passar anos antes que os imperiais consigam reunir esse número de recrutas e ensiná-los a voar naquelas coisas.

– Só que o Império já emitiu um chamado para novas naves – Han o lembrou. – Isso significa que eles já têm um bando de recrutas prontos.

– Duvido que tenham 400 mil – retrucou Lando. – Vamos, tente ver o lado bom pelo menos uma vez.

– Não tem muito lado bom aqui pra ver – Han balançou a cabeça.

– Claro que tem – insistiu Lando. – Graças à sua rápida ação, a Nova República ainda tem uma chance de luta.

Han franziu a testa para ele.

– Como assim?

– Você salvou a minha vida, lembra? Arrancou aqueles capangas do Ferrier das minhas costas a tiros.

– É, eu lembro. O que isso tem a ver com as chances da Nova República?

– Han! – Lando exclamou, com ar escandalizado. – Você sabe perfeitamente bem como a Nova República cairia rapidamente sem mim por perto.

Han se esforçou muito, mas não conseguiu deixar de sorrir com aquela tirada. Cedendo um pouco, deixou o sorriso sair torto.

– Tudo bem, eu desisto – ele suspirou. – Se eu parar de reclamar, você cala a boca?

– Negócio fechado – assentiu Lando.

Han voltou a olhar pela escotilha, o sorriso se desvanecendo. Lando podia falar o quanto quisesse; mas a perda da frota Katana seria um desastre de primeira grandeza, e ambos sabiam disso. De algum modo, eles tinham de impedir que o Império chegasse àquelas naves.

De algum modo.

CAPÍTULO 26

Mon Mothma balançou a cabeça maravilhada.

– A frota Katana – ela suspirou. – Depois de todos esses anos. É incrível.

– Há quem use palavras até mais fortes que essa – Fey'lya acrescentou com frieza, o pelo ondulando ao olhar com dureza para o rosto impassível de Karrde. Ele havia feito muito disso durante a reunião convocada às pressas, Leia reparou: olhando com dureza para Karrde, para Luke, para ela mesma. Nem Mon Mothma havia escapado. – Na verdade, há quem tenha dúvidas sérias de que o que você nos diz seja verdade.

Ao lado de Karrde, Luke se mexeu na sua cadeira, e Leia podia sentir seus esforços para controlar a irritação com o Bothano. Mas Karrde meramente ergueu uma sobrancelha.

– O senhor está sugerindo que estou mentindo?

– O quê, um contrabandista mentir? – retrucou Fey'lya. – Que pensamento.

– Ele não está mentindo – Han insistiu, a voz no limite da irritação. – A frota foi encontrada. Eu vi algumas das naves.

– Talvez – disse Fey'lya, abaixando os olhos para a superfície polida da mesa. De todos aqueles na reunião, Han até agora havia sido o único a escapar da postura de Fey'lya e de seu olhar furioso. Por algum motivo, o Bothano parecia relutante até mesmo em olhar para ele. – Talvez não. Existem mais cruzadores dreadnaught na galáxia do que apenas a frota Katana.

– Eu não acredito nisso – Luke finalmente se pronunciou, olhando de um lado para outro entre Fey'lya e Mon Mothma. – A frota Katana foi encontrada, o Império está indo atrás dela, e estamos aqui sentados discutindo a respeito?

– Talvez o problema seja que *você* acredita demais, ou muito facilmente – retorquiu Fey'lya, voltando seu olhar para Luke. – Solo nos diz que o Império está detendo alguém que pode levá-los a essas supostas naves. E no entanto Karrde disse que somente ele sabe a localização delas.

– E conforme mencionei pelo menos uma vez hoje – Karrde disse azedo –, a suposição de que ninguém mais sabia do que havíamos encontrado era apenas isso: uma suposição. O capitão Hoffner era um homem muito astuto à sua maneira, e consigo acreditar que ele tenha puxado uma cópia das coordenadas para si mesmo antes que eu as apagasse.

– Fico feliz que você tenha tanta fé em seus ex-sócios – disse Fey'lya. – Quanto a mim, acho mais fácil acreditar que o capitão Solo é que esteja errado. – Seu pelo ondulou. – Ou que tenha sido deliberadamente enganado.

Ao lado dela, Leia sentiu o humor de Han assumir um tom

sombrio.

– Quer explicar isso, conselheiro? – ele exigiu saber.

– Acho que mentiram para você – Fey'lya disse sem rodeios, ainda sem olhar Han nos olhos. – Acho que esse seu contato (que, reparei, você está tendo uma relutância notável para identificar) lhe contou uma história e a revestiu de evidências falsas. Aquela peça de maquinário que você diz que Calrissian examinou poderia ter vindo de qualquer lugar. E você próprio admitiu que nunca esteve a bordo de nenhuma das naves.

– E quanto ao ataque do Império ao *Coral Vanda*? – Han perguntou. – *Eles* achavam que ali havia algo que valia a pena pegar.

Fey'lya deu um sorriso tênue.

– Ou queriam que acreditássemos nisso. O que eles até poderiam acreditar... se seu contato cujo nome você não quer dar estiver na verdade trabalhando para eles.

Leia olhou para Han. Havia algo ali, abaixo da superfície. Um torvelinho emocional que ela não conseguia identificar.

– Han? – ela perguntou baixinho.

– Não – ele disse, os olhos ainda fixos em Fey'lya. – Ele não trabalha para os imperiais.

– É o que você diz – Fey'lya fungou. – Você não oferece muitas provas disso.

– Tudo bem, então – interrompeu Karrde. – Suponhamos por um momento que tudo isto seja na verdade uma gigantesca bolha de sabão. O que o grão-almirante ganharia com isso?

O pelo de Fey'lya se deslocou em um gesto que Leia deduziu ser provavelmente irritação. Entre ela e Karrde eles haviam destruído a teoria bothana de que Thrawn não era na verdade um grão-almirante do Império; e Fey'lya não estava sequer aceitando bem essa derrota menor.

– Eu acho que isso seria óbvio – ele disse empertigado para Karrde. – Quantos sistemas teríamos de deixar desprotegidos, você supõe, para redistribuir um pessoal suficientemente treinado para reativar e transportar duzentos dreadnaughts? Não, o Império tem muito a ganhar com uma ação apressada da nossa parte.

– Eles também têm muito a ganhar com nossa total falta de ação – disse Karrde com a voz gélida. – Eu trabalhei com Hoffner por mais de dois anos; e posso lhe dizer agora mesmo que os imperiais não vão levar muito tempo para conseguir a localização da frota com ele. Se vocês não andarem rápido, correm o risco de perder tudo.

– Se houver algo a perder lá fora – disse Fey'lya.

Leia pôs a mão no braço de Han a título de alerta.

– Isso deve ser fácil de checar – ela interrompeu antes que Karrde pudesse responder. – Podemos enviar uma nave e pessoal técnico para

dar uma olhada. Se a frota estiver lá e parecer operacional, podemos iniciar um esforço de salvamento em larga escala.

Pela expressão no rosto de Karrde, ela percebeu que ele achava que até mesmo isso era andar devagar demais. Mas ele concordou.

– Acho que é suficientemente razoável – ele disse.

Leia olhou para Mon Mothma.

– Mon Mothma?

– Concordo – disse a outra. – Conselheiro Fey'lya, o senhor falará com o almirante Drayson imediatamente para designar uma fragata de escolta e dois esquadrões de X-wings para esta missão. De preferência uma nave que já esteja aqui em Coruscant; não queremos que ninguém de fora do sistema tenha sequer uma pista do que estamos fazendo.

Fey'lya inclinou ligeiramente a cabeça.

– Como desejar. Amanhã de manhã será suficientemente cedo?

– Sim. – Mon Mothma olhou para Karrde. – Vamos precisar das coordenadas da frota.

– É claro – concordou Karrde. – Vou fornecê-las amanhã de manhã.

Fey'lya bufou.

– Deixe-me lembrar ao senhor, capitão Karrde...

– A menos, claro, conselheiro – Karrde continuou suavemente –, que o senhor prefira que eu deixe Coruscant esta noite e ofereça a localização a quem oferecer mais.

Fey'lya olhou fuzilando para ele, e seu pelo se achatou. Mas não havia nada que pudesse fazer a respeito, e ele sabia disso.

– Pela manhã, então – ele grunhiu.

– Ótimo – assentiu Karrde. – Se isso é tudo, então, acho que vou retornar aos meus aposentos e descansar um pouco antes do jantar.

Ele olhou para Leia... e subitamente havia algo de diferente em seu rosto ou seus sentidos. Ela moveu a cabeça minimamente, e seu olhar se afastou dele despreocupadamente quando ele se levantou.

– Mon Mothma; conselheiro Fey'lya – ele disse, cumprimentando cada um com um aceno de cabeça. – Foi interessante.

– Veremos o senhor pela manhã – Fey'lya disse sombrio.

Um sorriso levemente sardônico tocou os lábios de Karrde.

– É claro.

– Então declaro esta reunião encerrada – disse Mon Mothma, oficializando os procedimentos.

– Vamos – Leia murmurou para Han assim que os outros começaram a recolher seus cartões de dados.

– O que está havendo? – ele murmurou de volta.

– Acho que Karrde quer conversar – ela disse a ele. – Venha. Não quero ficar atolada aqui falando com Mon Mothma.

– É, bom, pode ir – disse Han, soando estranhamente preocupado.

Ela franziu a testa para ele.

– Tem certeza?

– Tenho – ele disse. Ele olhou rapidamente por cima do ombro dela, e ela acompanhou o olhar dele de relance a tempo de ver Fey'lya saindo a passos largos da sala. – Pode ir. Eu já te alcanço.

– Certo – ela disse, franzindo a testa para ele.

– Está tudo bem – ele garantiu, apertando a mão dela com carinho. – Só preciso falar um minutinho com Fey'lya.

– Sobre?

– Coisas pessoais. – Ele tentou um daqueles sorrisos tortos que normalmente ela achava tão charmosos. Ele não parecia nem de longe tão inocente desta vez. – Ei... está tudo bem – ele repetiu. – Só vou bater um papinho com ele. Confie em mim.

– Já ouvi *isso* antes – Leia suspirou. Mas Luke já tinha deixado a sala, Karrde estava saindo... e Mon Mothma estava com uma cara que significava que estava prestes a se aproximar e pedir um favor a Leia. – Só tente ser diplomático, está bem?

Os olhos dele passaram por cima dela mais uma vez.

– Claro – ele disse. – Confie em mim.

Fey'lya estava descendo o Grande Corredor na direção da câmara da Assembleia quando Han o avistou, caminhando com aquele passo peculiar de quem está com uma pressa incrível mas não quer que ninguém mais saiba.

– Ei! – Han gritou. – Conselheiro Fey'lya!

A única reação foi um breve rubor de vermelho-claro na árvore ch'hala mais próxima da fileira. Fuzilando a nuca de Fey'lya com o olhar, Han apertou o passo, e em menos de dez passos rápidos alcançou o outro.

– Eu gostaria de uma palavrinha com o senhor, conselheiro – ele disse.

Fey'lya não olhou para ele.

– Não temos nada a discutir – ele falou.

– Ah, mas eu acho que temos – disse Han, passando a andar ao lado dele. – Como talvez tentar encontrar um jeito de sair da enrascada em que o senhor se meteu aqui.

– Eu achava que sua fêmea fosse a diplomata da família – Fey'lya fungou, dando uma olhada de esguelha para a camisa de Han.

– A gente reveza – Han respondeu, fazendo um grande esforço para não antipatizar com o outro. – Sabe, o que colocou o senhor num problema aqui foi tentar fazer política pelas regras bothanas. Aquele negócio com o banco fez Ackbar parecer mal, então, como qualquer bom bothano, o senhor pulou em cima dele. O problema é que ninguém pulou junto, então o senhor ficou ali sozinho com o pescoço de fora e a reputação política na reta. O senhor não sabe como recuar

com elegância, e acha que a única maneira de salvar seu prestígio é garantir que Ackbar caia.

– É mesmo? – Fey'lya disse com acidez. – Já lhe ocorreu que eu possa ter ficado com o pescoço de fora, como você disse, porque eu realmente acreditava que Ackbar fosse culpado de traição?

– Não, realmente, não – Han lhe disse. – Mas muita gente pensa assim, e foi isso o que pôs a sua reputação na reta. Eles não conseguem imaginar que alguém possa fazer tanto estardalhaço sem provas.

– O que faz você pensar que eu não tenho provas?

– Pra começar, o fato de que você não mostrou nenhuma – Han disse com franqueza. – Depois tem o fato de que você mandou Breil'lya correndo até New Cov pra tentar fazer algum tipo de acordo de alto prestígio com o senador Bel Iblis. Era *isso* o que Breil'lya estava fazendo lá, não era?

– Não sei do que você está falando – resmungou Fey'lya.

– Certo. E a terceira coisa: o fato de que cinco minutos atrás você estava pronto para abandonar Bel Iblis à própria sorte se isso lhe garantisse tempo suficiente para trazer a frota Katana.

Fey'lya parou bruscamente.

– Deixe-me falar francamente com você, capitão Solo – ele disse, ainda sem olhar diretamente para o rosto de Han. – Tenha você entendido minhas motivações ou não, eu certamente entendo as suas. Você espera trazer a frota Katana sozinho para Coruscant, e com isso ganhar força para provocar minha queda e reinstalar Ackbar em seu cargo.

– Não – Han disse cansado, balançando a cabeça. – Essa é toda a questão, conselheiro. Leia e os outros não jogam pelas regras bothanas. Eles tomam decisões com base em evidências, não em prestígio. Se Ackbar for culpado, ele será punido; se for inocente, será solto. É simples assim.

Fey'lya deu um sorriso amargo.

– Aceite meu conselho, capitão Solo, e se contente com contrabando, lutas e outras coisas de que você entende. As regras particulares da política estão muito além da sua compreensão.

– O senhor está cometendo um erro, conselheiro – disse Han, tentando uma última vez. – O senhor pode recuar agora sem perder nada; realmente pode. Mas se continuar seguindo, corre o risco de derrubar toda a Nova República junto com o senhor.

Fey'lya se endireitou, revelando toda a sua altura.

– Eu não pretendo cair, capitão Solo. Meus apoiadores entre os militares da Nova República cuidarão disso. Ackbar cairá, e eu subirei em seu lugar. Agora, com licença; preciso falar com o almirante Drayson.

Virou-se e saiu pisando duro. Han o viu se afastar, sentindo o gosto amargo da derrota em sua boca. Seria possível que Fey'lya não conseguisse ver o que estava fazendo? Que estava arriscando tudo numa única aposta de longo prazo?

Talvez ele realmente não conseguisse ver. Talvez só um jogador experiente pudesse ver como as probabilidades estavam distribuídas ali. Ou um político que não estivesse tão fechado em seu próprio sistema que não conseguisse mudar.

Fey'lya chegou ao final do Grande Corredor e virou para a esquerda, na direção do centro do Almirantado. Balançando a cabeça, Han se virou e voltou para os aposentos de hóspede de Karrde. Primeiro o *Coral Vanda*, e agora isto. Torceu para que não fosse o começo de uma tendência.

Mara estava em pé perto da janela de seu quarto, olhando para as Montanhas Manarai a distância, sentindo o peso opressor de memórias negras se acumulando em sua cabeça. O Palácio Imperial. Após cinco anos, ela estava de volta ao Palácio Imperial. Cenário de importantes reuniões governamentais, funções sociais cheias de brilho, intrigas sombrias e secretas. O lugar onde sua vida havia de fato começado. O lugar onde estava quando ela terminara.

As pontas de suas unhas arranharam as espirais esculpidas na moldura da janela quando rostos dos quais se lembrava bem surgiram diante dela: o grão-almirante Thrawn, Lorde Vader, o grão-moff Tarkin, centenas de conselheiros, políticos e sicofantas. Mas acima de todos eles estava a imagem do imperador. Ela podia vê-lo em sua mente com tanta clareza quanto se ele a estivesse encarando do outro lado da janela. Seus olhos amarelos brilhavam de raiva e decepção.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

– Estou tentando – ela sussurrou para as palavras que ecoavam em sua mente. Mas, no momento em que ela disse isso, começou a se perguntar se eram mesmo verdadeiras. Ela tinha ajudado a salvar a vida de Skywalker em Myrkr; fora implorar por sua ajuda em Jomark; e agora tinha vindo sem reclamar a Coruscant com ele.

Ela não estava correndo nenhum perigo. Nem Karrde. E não dava para pensar em por que Skywalker seria útil para ela ou para o pessoal de Karrde.

Resumindo, ela não tinha mais desculpas.

Do quarto ao lado veio o tênue som de uma porta se abrindo e se fechando: Karrde, voltando de sua reunião. Virando-se da janela, feliz por ter uma desculpa para abandonar aquela linha de pensamento, ela foi até a porta que ligava os dois quartos.

Karrde chegou lá primeiro.

– Mara? – ele chamou, abrindo a porta e enfiando a cabeça pela fresta. – Entre aqui, por favor.

Ele estava em pé ao lado do terminal de computador do quarto quando ela chegou. Uma olhada no rosto dele era tudo de que ela precisava.

– O que saiu errado? – ela perguntou.

– Não estou inteiramente certo – ele disse, puxando um cartão de dados do slot de cópias do terminal. – Aquele Bothano no Conselho foi de uma resistência surpreendente à nossa oferta. Ele basicamente forçou Mon Mothma a suspender qualquer missão séria de resgate até que a localização tenha sido checada. Ele está preparando uma nave agora para um voo pela manhã.

Mara franziu a testa.

– Jogo duplo?

– Possivelmente, mas não vejo motivo para isso – Karrde balançou a cabeça. – Thrawn já tem Hoffner. Ele chegará à frota em pouco tempo. Não, acho mais provável que Fey'lya esteja fazendo política interna aqui, talvez ligada à sua campanha contra o almirante Ackbar. Mas eu prefiro não correr nenhum risco.

– Já ouvi histórias sobre a política interna bothana – Mara concordou com amargura. – O que você quer que eu faça?

– Quero que você parta esta noite para o sistema Trogon – ele disse, entregando o cartão de dados para ela. – Aposto que é lá que Aves se escondeu. Faça contato e diga a ele que quero tudo o que temos que possa voar e se encontre comigo na frota Katana o mais rápido possível.

Mara pegou o cartão com cautela, os dedos formigando ao toque do plástico frio. Lá estava, nas suas mãos, a frota Katana. Uma vida inteira de riqueza ou poder...

– Posso ter problemas convencendo Aves a confiar em mim – ela avisou.

– Acho que não – disse Karrde. – Os imperiais já terão reiniciado a caçada pelo nosso grupo a esta altura: só isso já deverá convencê-lo de que escapei. Também existe um código especial de reconhecimento nesse cartão de dados que ele reconhecerá, um código que o grão-almirante não poderia ter extraído de mim tão rapidamente.

– Vamos torcer para que ele não tenha uma opinião mais elevada dos métodos de interrogatório do Império do que a sua – disse Mara, enfiando o cartão de dados em sua túnica. – Mais alguma coisa?

– Não... sim – Karrde se corrigiu. – Diga a Ghent que eu gostaria que ele viesse a Coruscant em vez de ir para a frota Katana. Vou encontrá-lo aqui depois que tudo isso acabar.

– Ghent? – Mara franziu a testa. – Por quê?

– Quero ver o que um slicer realmente bom pode fazer com aquela quantia suspeita na conta bancária de Ackbar. Skywalker mencionou uma teoria de que a invasão e o depósito aconteceram ao mesmo

tempo, mas disse que até agora ninguém havia sido capaz de provar isso. Estou apostando que Ghent consegue.

– Achei que nos envolveríamos na política da Nova República uma única vez – Mara retrucou.

– E vamos – assentiu Karrde. – Mas não quero deixar um Bothano ambicioso às minhas costas quando partirmos.

– Você tem razão – ela teve de admitir. – Tudo bem. Tem uma nave que eu possa utilizar?

Bateram à porta.

– Terei num minuto – disse Karrde, indo até a porta e abrindo-a.

Era a irmã de Skywalker.

– Você queria me ver? – ela perguntou.

– Sim – Karrde a cumprimentou com um gesto de cabeça. – Acredito que você conheça minha associada, Mara Jade?

– Nós nos encontramos rapidamente quando você chegou a Coruscant – Organa Solo assentiu. Por um momento seus olhos se cruzaram com os de Mara, e Mara se perguntou incomodada o quanto Skywalker havia lhe contado.

– Preciso que Mara execute uma tarefa para mim – disse Karrde, olhando para ambos os lados do corredor antes de fechar a porta. – Ela precisará de uma nave rápida e de longo alcance.

– Posso arrumar uma para ela – disse Organa Solo. – Um Y-wing de reconhecimento servirá, Mara?

– Será ótimo – Mara disse simplesmente.

– Vou chamar o espaçoporto e fazer os arranjos necessários. – Ela olhou novamente para Karrde. – Mais alguma coisa?

– Sim – disse Karrde. – Quero saber se você consegue reunir uma equipe de técnicos e mandá-los para o espaço esta noite.

– O conselheiro Fey'lya já está mandando uma equipe – ela lembrou.

– Eu sei disso. Quero que a sua chegue lá primeiro.

Ela o estudou por um momento.

– Qual o tamanho da equipe que você quer?

– Nada elaborado demais – respondeu Karrde. – Um pequeno transporte ou cargueiro, talvez um esquadrão de caças estelares se você puder encontrar um que não se importe em ficar sob a ira do estabelecimento oficial. A questão é que não queremos que a tripulação presumivelmente escolhida à mão por Fey'lya seja a única lá.

Mara abriu a boca e tornou a fechá-la sem falar. Se Karrde quisesse que Organa Solo soubesse que seu próprio pessoal também estaria indo, ele mesmo lhe diria isso. Karrde olhou rapidamente para ela, e depois novamente para Organa Solo.

– Você pode fazer isso?

– Acho que sim – ela disse. – Fey'lya construiu uma estrutura de apoio bem grande entre os militares, mas há muita gente que preferiria ter o almirante Ackbar de volta ao comando.

– Aqui estão as coordenadas – disse Karrde, entregando a ela um cartão de dados. – Quanto mais cedo você puder colocar essa equipe em movimento, melhor.

– Ela partirá em duas horas – prometeu Organa Solo.

– Ótimo – assentiu Karrde, endurecendo o rosto. – Então só resta mais uma coisa. Quero que você entenda que existem exatamente duas razões pelas quais estou fazendo isso. Primeira, como gratidão ao seu irmão por ter arriscado sua vida para ajudar Mara a me resgatar; e segunda, para tirar os imperiais da minha cola eliminando seu principal motivo para me caçarem. É só. Com relação à sua Guerra e sua política interna, minha organização pretende permanecer completamente neutra. Isso está claro?

Organa Solo assentiu.

– Muito claro – ela respondeu.

– Ótimo. É melhor ir andando então. É um longo caminho até a frota, e você vai querer ter o máximo de vantagem sobre Fey'lya que puder.

– De acordo. – Organa Solo olhou para Mara. – Venha, Mara. Vamos arrumar uma nave para você.

O comunicador ao lado da cama de campanha de Wedge Antilles zumbiu seu irritante sinal de chamada. Gemendo baixinho, ele tateou na escuridão até achar o aparelho e deu um tapa tentando acertar o botão.

– Qual é, me dê um tempo, ok? – ele implorou. – Ainda estou no horário de Ando.

– Aqui é Luke, Wedge – disse uma voz familiar. – Desculpe tirar você da cama, mas preciso de um favor. Acha que dá pra meter seu pessoal numa encrenca?

– E *quando é* que a gente não está encrencado? – retrucou Wedge, agora recém-acordado. – Qual é o negócio?

– Reúna seus pilotos e me encontre no espaçoporto em uma hora – Pad de Atracação 15. Conseguimos um transporte velho; deve dar pra colocar todos os seus X-wings a bordo.

– Viagem longa, então?

– Alguns dias – respondeu Luke. – Por enquanto não posso lhe dizer mais do que isso.

– Você é quem manda – disse Wedge. – Estaremos lá em uma hora.

– Até daqui a pouco, então. E obrigado.

Wedge desligou e rolou para fora da cama, sentindo uma pontada da velha empolgação. Ele tinha visto muita ação na década em que estivera com a Rebelião e a Nova República; muitos voos e muitos

combates. Mas, de algum modo, as missões de que ele se lembrava terem sido as mais interessantes sempre pareciam ser aquelas em que Luke Skywalker estava envolvido. Não sabia ao certo por quê; talvez os Jedi simplesmente tivessem uma habilidade para isso. Ele torcia para que sim. As coisas estavam ficando cada vez mais frustrantes entre a política de Coruscant e as missões de limpeza após ataques imperiais pela Nova República. Uma mudança lhe faria bem.

Acendendo a luz, ele tirou uma túnica limpa de seu armário e começou a se vestir.

Não houve problema para conseguir o transporte da meia-noite para fora de Coruscant; a autorização de Leia garantia isso. Mas um cargueiro com uma carga que consistia em uma dúzia de X-wings era incomum o bastante para provocar comentários e especulações... e era inevitável que as especulações acabassem chegando aos ouvidos de um dos apoiadores de Fey'lya.

Pela manhã, ele já sabia de tudo.

– Isto vai muito além de lutas de política interna – ele disse a Leia num resfolegar, seu pelo ondulando para a frente e para trás como caules finos e curtos de gramíneas apanhados numa sucessão de redemoinhos de poeira. – Foi explicitamente ilegal. Se não traiçoeiro.

– Não sei se eu iria *tão longe* assim – disse Mon Mothma, parecendo preocupada. – Por que você fez isso, Leia?

– Ela fez isso porque eu lhe pedi que fizesse – Karrde interrompeu calmamente. – E, já que a frota Katana tecnicamente ainda não está sob a jurisdição da Nova República, não vejo como qualquer atividade relacionada a ela possa ser considerada ilegal.

– Mais tarde explicaremos os procedimentos jurídicos adequados a você, contrabandista – Fey'lya disse com acidez. – Neste momento, temos uma séria brecha de segurança para tratar. Mon Mothma, solicito uma ordem executiva para a prisão de Solo e Skywalker.

Até Mon Mothma pareceu surpresa com isso.

– Uma ordem de prisão?

– Eles sabem onde está a frota Katana – Fey'lya disse entre dentes. – Ninguém do grupo deles foi autorizado a obter essa informação. Eles devem ser mantidos em isolamento até que a frota tenha sido totalmente trazida para a posse da Nova República.

– Não acho que isso seja necessário – disse Leia, olhando de relance para Karrde. – Tanto Han quanto Luke já lidaram com informações sigilosas no passado...

– Isto não é o passado – Fey'lya a interrompeu. – Isto é o presente; e eles não foram autorizados. – Seu pelo se achatou. – Nestas circunstâncias, acho melhor eu me encarregar pessoalmente desta missão.

Leia olhou para Karrde, e viu seu próprio pensamento refletido no

rosto dele. Se Fey'lya era capaz de trazer pessoalmente de volta a frota Katana...

– O senhor certamente é bem-vindo para nos acompanhar, conselheiro – Karrde disse ao Bothano. – A conselheira Organa Solo e eu apreciaremos a sua companhia.

Ele levou um segundo para registrar isso.

– Do que você está falando? – Fey'lya exigiu saber. – Ninguém autorizou nenhum de vocês dois a vir junto.

– *Eu* estou autorizando, conselheiro – Karrde disse friamente. – A frota Katana ainda é minha, e permanecerá assim até que a Nova República tome posse dela. Até lá, eu faço as regras.

O pelo de Fey'lya voltou a se achatar, e por um momento Leia achou que o Bothano fosse se jogar fisicamente no pescoço de Karrde.

– Não vamos nos esquecer disso, contrabandista – ele sibilou ao invés disso. – Sua hora vai chegar.

Karrde sorriu sardonicamente.

– Talvez. Vamos?

CAPÍTULO 27

O alerta de proximidade apitou e Luke se endireitou no seu assento. Depois de cinco dias, eles haviam conseguido.

– Aqui vamos nós – ele disse. – Está pronto?

– Você me conhece – Han disse da cadeira do piloto ao lado dele. – Eu estou sempre pronto.

Luke olhou de esguelha para seu amigo. Para quem o visse, Han parecia perfeitamente normal, ou pelo menos o mais próximo disso que ele conseguia. No entanto, sob a irreverência casual Luke havia notado outra coisa ao longo dos últimos dias: uma sensação mais sombria, quase constante que o seguia desde que deixaram Coruscant.

Estava ali agora; e enquanto estudava o rosto de Han, Luke podia facilmente notar as linhas de tensão.

– Você está bem? – ele perguntou baixinho.

– Ah, claro. Ótimo. – As linhas se aprofundaram um pouco mais. – Mas eu queria, apenas uma vez, que existisse alguma outra pessoa para participar, no meu lugar, desses pulinhos que atravessam a galáxia. Sabia que Leia e eu não ficamos juntos nem um dia? Não nos vimos por um mês inteirinho; e aí a gente não conseguiu ficar nem um dia inteiro.

Luke deu um suspiro.

– Eu sei – ele disse. – Às vezes sinto como se estivesse correndo a toda velocidade desde que saímos de Tatooine com os droides e Ben Kenobi lá naquela época.

Han balançou a cabeça.

– Eu não a via fazia um mês – ele repetiu. – Ela está parecendo duas vezes mais grávida do que quando partiu. Eu nem sei o que aconteceu com ela e Chewie por lá; tudo o que ela teve tempo de me dizer foi que aqueles tais Noghri estão do nosso lado agora. Seja lá o que *isso* for. Também não consigo tirar nada do Chewie. Ele diz que a história é dela, e que quem tem que contar é ela. Estou quase estrangulando ele.

Luke deu de ombros.

– Você tem de encarar isso, Han. Nós simplesmente somos bons demais no que fazemos.

Han bufou. Mas parte da tensão deixou seu rosto.

– É. Certo.

– O mais importante, eu acho, é que estamos na lista de pessoas em que Leia sabe que pode confiar – Luke continuou mais sério. – Até encontrarmos aquele vazamento de informações que o Império colocou no Palácio Imperial, essa lista vai continuar muito pequena.

– É. – Han fez uma cara feia. – Alguém me disse que os imperiais a chamam de fonte Delta. Tem alguma ideia de quem ou o que possa ser?

Luke balançou a cabeça.

– Não exatamente. Mas ela tem que ser próxima à Assembleia. Talvez até mesmo ao Conselho. Uma coisa é certa: é melhor botarmos a mão na massa e encontrarmos essa fonte.

– É. – Han se mexeu e estendeu a mão para as alavancas de hiperdrive. – Se prepare...

Ele puxou as alavancas; e um instante depois estavam novamente na escuridão do espaço profundo.

– Aqui estamos – anunciou Han.

– Certo. – Luke olhou ao redor, um tremor involuntário subindo pela sua espinha. – Bem no centro do meio do nada.

– Deveria ser uma sensação familiar pra você – sugeriu Han, digitando uma varredura nos sensores.

– Obrigado – disse Luke –, mas ficar preso entre sistemas com um hiperdrive morto não é algo com que eu queira me familiarizar.

– Eu não quis dizer isso – Han disse inocentemente ao acionar o comunicador. – Eu estava falando de Tatooine. Wedge?

– Estou bem aqui – a voz do outro veio pelo alto-falante.

– Parece que temos um alvo em zero-quatro-sete marco um-seis-seis – Han lhe disse. – Pronto para voar?

– Pronto e ansioso.

– Ok. – Han deu uma última olhada pela escotilha e abriu o porão de carga. – Podem ir.

Luke esticou o pescoço para olhar na direção que Han havia indicado. No começo, tudo o que ele podia ver era a dispersão normal de estrelas, incrivelmente brilhantes contra a escuridão total ao redor deles. E então ele as viu: o brilho mais suave das luzes externas de uma nave. Seus olhos traçavam o espaço vazio entre elas, seu cérebro forçando um padrão para as luzes; e subitamente a imagem assumiu forma.

– É um dreadnaught mesmo.

– Tem outro logo depois – disse Han. – E mais três a bombordo e um pouco abaixo.

Luke assentiu ao localizá-los. Um estranho formigamento percorreu seu corpo. A frota Katana. Somente agora ele percebia o quão pouco ele havia realmente acreditado na existência da frota.

– Qual deles checamos? – ele perguntou.

– Podemos pegar o mais próximo – disse Han.

– Não – Luke disse devagar, tentando se concentrar na vaga impressão que formigava através de seu corpo. – Não. Vamos tentar... aquele mais para lá. – Ele apontou para um conjunto de luzes a alguns quilômetros de distância.

– Algum motivo em particular?

– Não sei dizer exatamente – Luke teve de admitir.

Pôde sentir os olhos de Han nele. Então o outro deu de ombros.

– Ok – ele disse. – Claro. Vamos pegar aquele. Wedge, está ouvindo isso tudo?

– Copiando, transporte – a voz de Wedge confirmou. – Estamos assumindo formação de escolta ao redor de vocês. Até agora tudo parece tranquilo.

– Ótimo – disse Han. – Fiquem em alerta mesmo assim. – Acionou o intercom do transporte no circuito e olhou para seu crono. – Lando? Cadê você?

– Na entrada do porão de carga – respondeu o outro. – Já carregamos o trenó e estamos prontos para seguir.

– Ok – disse Han. – Estamos chegando.

Eles se aproximavam do dreadnaught agora; estavam perto o suficiente para que Luke pudesse ver o leve contorno de luz refletida das estrelas que marcava a borda do casco. De forma mais ou menos cilíndrica, com meia dúzia de cúpulas de tiro dispostas ao redor de sua seção média e uma proa que ele havia ouvido ser descrita uma vez como parecendo um marisco gigante com uma mordida ainda maior, a nave parecia quase excentricamente antiquada. Mas era uma falsa impressão. O cruzador pesado dreadnaught havia sido a espinha dorsal da frota da Velha República; e, embora pudesse não parecer tão elegante quanto o destróier estelar que o substituíra, suas enormes baterias de turbolaser ainda eram bastante poderosas.

– Como entramos a bordo? – ele perguntou a Han.

– Ali está o hangar principal – disse Han, apontando para um retângulo de luzes fracas. – Vamos levar a nave para dentro.

Luke olhou para o retângulo sem acreditar.

– Se ele for grande o suficiente.

Seus medos se revelaram infundados. A entrada do hangar era maior do que parecia, e o hangar propriamente dito ainda mais. Com habilidade casual Han levou o transporte para dentro, deu um giro de 180 graus para encarar a abertura e o pousou no convés.

– Ok – ele disse, colocando os sistemas em pausa e retirando seu arnês. – Vamos acabar logo com isso.

Lando, Chewbacca e a equipe de quatro técnicos estavam esperando na comporta de carga quando Han e Luke chegaram. Os técnicos pareciam pouco à vontade com as armas de raios presas desajeitadamente nos seus cintos.

– Já checou o ar, Anselm? – perguntou Han.

– Parece bom – reportou o chefe da equipe técnica, oferecendo a Han um datapad para inspeção. – Melhor do que deveria estar depois de todos estes anos. Ainda deve haver alguns droides funcionando em tarefas de manutenção doméstica.

Han deu uma olhada rápida na análise, devolveu o datapad e assentiu para Chewbacca.

– Ok, Chewie, abra a comporta. Tomrus, você pilota o trenó. Fique de olho em pontos vazios nas placas de gravidade; não queremos que você saia quicando com o trenó pelo teto.

O ar no hangar tinha um odor estranhamente almiscarado; uma combinação de óleo e poeira, deduziu Luke, com um leve toque metálico. Mas, tirando isso, estava suficientemente fresco.

– Muito impressionante – ele comentou quando o grupo caminhou até o trenó repulsor na direção da comporta principal. – Especialmente depois de todo esse tempo.

– Esses sistemas de computador com equipamento completo foram projetados para durar – disse Lando. – Então, qual é o plano, Han?

– Acho que é melhor nos dividirmos – disse Han. – Você e Chewie levam Anselm, Tomrus e o trenó e vão checar a engenharia. Nós vamos para a ponte.

Para Luke, aquele foi um dos percursos mais assustadores da sua vida, precisamente porque tudo parecia tão normal. As luzes nos corredores amplos estavam todas funcionando adequadamente, assim como as placas gravitacionais e o resto do sistema ambiental. As portas que levavam para fora do corredor se abriam automaticamente sempre que algum membro do grupo passava perto o bastante para acioná-las, revelando vislumbres de oficinas de máquinas perfeitamente conservadas, salas de equipamentos e salas de recreação da tripulação. Os leves ruídos mecânicos de sistemas ociosos sussurravam atrás do som de seus próprios passos, e ocasionalmente eles vislumbravam um droide antigo ainda trabalhando. Em todos os aspectos, era como se a nave tivesse sido abandonada ontem.

Mas não. As naves estavam flutuando ali nas trevas havia meio século... e suas tripulações não haviam partido, mas morrido ali em agonia e loucura. Olhando para cruzamentos de corredores vazios enquanto caminhavam, Luke se perguntou o que os droides de manutenção haviam feito ao retirarem os corpos.

A ponte ficava longe do hangar. Mas acabaram chegando lá.

– Ok, estamos aqui – Han anunciou em seu comlink quando as comportas entre a ponte e a antessala do monitor atrás dela se abriram com apenas leves rangidos. – Não parece haver nenhum dano óbvio. O que vocês descobriram sobre os motores subluz?

– Não parecem bons – reportou Lando. – Tomrus está dizendo que seis dos oito principais conversores de energia foram desalinhados. Ele ainda está rodando uma verificação, mas acho que esta banheira não irá a lugar algum sem uma revisão completa.

– Me pergunte se estou surpreso – Han retrucou secamente. – E o hiperdrive? Alguma chance de podermos pelo menos levá-la para algum lugar ao alcance do rebocamento de um estaleiro?

– Anselm está verificando isso – disse Lando. – Pessoalmente eu

não confiaria nem nisso.

– É. Bom, só estamos aqui pra dar uma olhada no negócio, não pra sair andando com ele. Vamos ver que tipo de sistemas de controle temos aqui e pronto.

Luke olhou o espaço sobre as comportas. Parou para dar uma segunda olhada na elaborada placa presa ali com um nome.

– É a Katana – ele murmurou.

– O quê? – Han virou o pescoço para dar uma olhada. – Hum. – Ele olhou para Luke com uma cara estranha. – Foi por isso que você quis esta nave?

Luke balançou a cabeça.

– Acho que sim. Foi apenas intuição através da Força.

– Han, Luke – a voz de Wedge interrompeu subitamente. – Temos uma nave chegando.

Luke sentiu o coração pular no peito.

– Onde?

– Vetor dois-dez marco vinte-um. Configuração... É uma Fragata de Escolta.

Luke soltou o ar silenciosamente.

– É melhor chamá-los – ele disse. – Para avisar a eles onde estamos.

– Na verdade, eles estão nos chamando – disse Wedge. – Espere um pouco; vou retransmitir.

– ...pitão Solo, aqui é o capitão Virgilio, da Fragata de Escolta *Quenfis* – uma voz brotou no comlink de Han. – Está me ouvindo?

– Solo aqui – disse Han. – Chamando de bordo da nave da Velha República Katana...

– Capitão Solo, lamento lhe informar que o senhor e seu grupo estão presos – Virgilio o interrompeu. – O senhor retornará à sua própria nave imediatamente e irá se preparar para se render.

As palavras de Virgilio, e o silêncio aturdido que se seguiu, ecoaram pelo convés de observação de comando acima e atrás da ponte da *Quenfis*. Sentado na frente do painel principal, Fey'lya deu um sorriso debochado para Leia, um outro ligeiramente menos insolente para Karrde, e depois voltou sua atenção para as distantes trilhas de drive dos X-wings.

– Eles não parecem estar levando o senhor a sério, capitão – ele disse para o intercom. – Talvez lançar seus esquadrões de X-wing os convença de que estamos falando sério.

– Sim, conselheiro – Virgilio disse energeticamente, e Leia apurou os ouvidos em vão à procura de qualquer sinal de ressentimento naquela voz. A maioria dos capitães de naves de guerra que ela conhecia ficaria bem irritada com a perspectiva de receber ordens de um civil, particularmente um civil com quase nenhuma experiência

militar. Mas também Fey'lya dificilmente teria escolhido a *Quenfis* para aquela missão se Virgilio não tivesse sido um de seus mais empolgados apoiadores. Apenas mais uma indicação – como se ela precisasse – de quem realmente mandava ali.

– X-wings: lançar.

Houve uma série de estrondos secos quando os dois esquadrões de caças estelares deixaram as naves.

– Capitão Solo, aqui é o capitão Virgilio. Por favor, responda.

– Capitão, aqui é o comandante de grupo Wedge Antilles, do Esquadrão Rogue – a voz de Wedge interrompeu. – Posso perguntar qual é a autorização que o senhor tem para ordenar nossa prisão?

– Permita-me, capitão – disse Fey'lya, tocando o botão do comunicador no painel atrás dele. – Aqui é o conselheiro Borsk Fey'lya, comandante Antilles – ele disse. – Embora eu duvide que você saiba disso, o capitão Solo está operando ilegalmente.

– Me desculpe, conselheiro – disse Wedge –, mas não entendo como isso pode ser verdade. Nossas ordens vieram da conselheira Leia Organa Solo.

– E estas novas ordens vêm diretamente de Mon Mothma – disse Fey'lya. – Portanto, sua autorização está...

– O senhor pode provar?

Fey'lya pareceu chocado.

– Eu estou com a ordem bem aqui na minha frente, comandante – ele disse. – O senhor é bem-vindo para examiná-la assim que estiver a bordo.

– Comandante, no momento a origem da ordem de prisão é irrelevante – interrompeu Virgilio; a irritação começava a tingir sua voz. – Como seu oficial superior, eu lhe ordeno que se renda e traga seu esquadrão a bordo da minha nave.

Um longo silêncio se fez. Leia olhou de esguelha para Karrde, sentado a alguma distância dela no convés de observação de distância. Entretanto sua atenção estava voltada para fora; ele olhava pela bolha de transparaço com o rosto impassível. Talvez se lembrasse da última vez que estivera naquele ponto.

– E se eu me recusar? – Wedge finalmente perguntou.

– Esqueça, Wedge – a voz de Han interrompeu. – Não vale a pena arriscar uma corte marcial. Pode ir, não precisamos mais de você. Que bom ouvir você, Fey'lya. – O *clic* leve de um comlink desligando...

– Solo! – Fey'lya gritou, inclinando-se sobre o comunicador como se isso fosse adiantar alguma coisa. – Solo! – ele se virou e fuzilou Leia com o olhar. – Venha cá – ele ordenou a ela, apontando para o comunicador. – Eu quero que ele volte.

Leia balançou a cabeça.

– Desculpe, conselheiro. Han não escuta ninguém quando está

assim.

O pelo de Fey'lya se achatou.

– Vou lhe pedir mais uma vez, conselheira. Se a senhora se recusar...

Ele não teve chance de terminar a ameaça. Alguma coisa piscou no limite da visão periférica de Leia; e, quando ela se virou para olhar, os alarmes da *Quenfis* já tinham disparado.

– O quê...? – Fey'lya deu um grito, pulando na sua cadeira e olhando freneticamente ao redor.

– É um destróier estelar imperial – Karrde lhe disse por cima do grito dos alarmes. – E parece estar vindo para cá.

– Temos companhia, Líder Rogue – um dos pilotos de X-wing de Wedge gritou quando o som dos alarmes da *Quenfis* veio uivando pelo comunicador. – Destróier estelar; um-sete-oito marco oitenta-seis.

– Entendido – disse Wedge, desviando sua nave do confronto com os caças da *Quenfis* que se aproximavam e dando uma virada fechada de 180 graus. Era mesmo um destróier estelar: quase em linha reta do outro lado da *Quenfis*, com a Katana bem no meio deles. – Luke? – ele chamou.

– Estamos vendo – a voz de Luke veio tensa. – Estamos seguindo para o hangar agora.

– Certo; espere um pouco – Wedge se interrompeu. Contra a grande massa escura do casco inferior do destróier estelar um grupo grande de trilhas de drive havia aparecido subitamente. – Eles estão lançando – disse para o outro – doze marcas: provavelmente naves de transporte, pelo aspecto das trilhas de drive.

– Então a gente vai sair correndo – veio a voz de Han. – Obrigado pelo aviso; agora volte para a *Quenfis*.

O comlink emitiu um *clic* e desligou.

– O diabo que vamos – Wedge resmungou baixinho. – Esquadrão Rogue, vamos lá.

O capitão Virgilio estava tentando dizer alguma coisa no canal aberto. Mudando para a frequência particular de seu esquadrão, Wedge acionou o drive do X-wing para potência máxima e partiu na direção da Katana.

Não muito distante, logo além das trilhas de drive dos X-wings da *Quenfis*, o Esquadrão Rogue deu meia-volta e partiu na direção do destróier estelar.

– Eles vão atacar – Fey'lya disse baixinho. – Devem estar loucos.

– Não estão atacando: estão dando cobertura – disse Leia, olhando para a cena que se desenrolava do lado de fora da bolha e tentava estimar pontos de interceptação. Ia ser perto demais. – Precisamos ir até lá e dar apoio a eles – ela disse. – Capitão Virgilio...

– Capitão Virgilio, o senhor irá chamar de volta seus X-wings

imediatamente – Fey'lya a interrompeu. – A navegação vai se preparar para dar o salto para a velocidade da luz.

– Conselheiro? – Virgilio perguntou, a voz soando espantada. – Está sugerindo que os abandonemos?

– Nossa missão, capitão, é sair daqui com vida e dar o alarme – Fey'lya retrucou com rispidez. – Se o Esquadrão Rogue insiste em desafiar ordens, não podemos fazer nada por eles.

Leia se levantou.

– Capitão...

Fey'lya foi mais rápido, desligando o intercom antes que ela pudesse falar.

– Quem manda aqui sou eu, conselheira – ele disse quando ela partiu em sua direção. – Autorizado por Mon Mothma.

– Ao inferno com sua autoridade – Leia retrucou. Por alguns segundos ela teve a vontade quase avassaladora de arrancar o sabre de luz do cinto e cortar aquele rosto indiferente...

Com um esforço, ela sufocou essa vontade. Ódio e violência eram a estrada para o lado sombrio.

– Mon Mothma não esperava que algo assim pudesse acontecer – ela disse, lutando para manter sua voz o mais calma possível. – Fey'lya, são meu marido e meu irmão lá fora. Se não os ajudarmos eles morrerão.

– E se nós *os ajudarmos*, eles muito provavelmente morrerão assim mesmo – Fey'lya disse friamente. – E seus filhos que ainda não nasceram junto com eles.

Uma faca de gelo apunhalou o coração de Leia.

– Isso não é justo – ela sussurrou.

– A realidade nem sempre é justa – disse Fey'lya. – E a realidade neste caso é que eu não desperdiçarei homens nem naves em uma causa perdida.

– Ela não está perdida! – insistiu Leia, quase perdendo a voz em desespero ao olhar pela bolha. Não; não podia terminar assim. Não depois de tudo ao que ela e Han haviam sobrevivido juntos. Deu mais um passo na direção de Fey'lya...

– A *Quenfis* irá se retirar – o Bothano disse baixinho, e, subitamente, de algum esconderijo dentro do pelo cor de creme, uma arma de raios apareceu em sua mão. – E nem você nem mais ninguém irão mudar isso.

– Relatório dos sensores, capitão – o oficial na estação de varredura do *Judicante* avisou à passarela de comando. – Todos os outros dreadnaughts na região apresentam leitura negativa para formas de vida.

– Então eles estão se concentrando apenas naquele – assentiu o capitão Brandei. – É onde atacaremos então. Os rebeldes terão bem

menos pressa para abrir fogo em uma nave com seu próprio pessoal a bordo. Ainda apenas um esquadrão de caças estelares se movendo para interceptar?

– Sim, senhor. A fragata de escolta e outros dois esquadrões ainda não responderam. Devem ter sido apanhados de surpresa.

– Talvez. – Brandei se permitiu um leve sorriso. Era o que sempre acontecia com rebeldes. Eles lutavam como animais enlouquecidos quando não tinham nada a perder; mas era dar-lhes um gostinho de vitória e uma chance de desfrutar dos espólios da guerra e de repente eles não ficavam mais tão ansiosos para arriscar suas vidas. Um dos muitos motivos pelos quais o Império acabaria por derrotá-los. – Ordene que as naves de transporte entrem em formação defensiva – ele instruiu o oficial de comunicação. – E mande o Comando dos Caças lançar dois esquadrões de caças TIE para interceptar aqueles X-wings.

Ele voltou a sorrir.

– E mande uma mensagem para a *Quimera*. Informe ao grão-almirante que entramos em combate com o inimigo.

Por um longo minuto Han ficou olhando pela bolha de observação da ponte as naves do Império que se aproximavam, fazendo uma rápida estimativa do tempo e da distância e ignorando os técnicos que esperavam nervosos na entrada da ponte.

– Não deveríamos estar indo? – Luke perguntou atrás dele.

Han tomou uma decisão.

– Não vamos embora – ele disse, apertando o botão do seu comlink. – Assim que saíssemos do hangar daríamos de cara com aquelas naves de transporte e os caças TIE. Lando?

– Estou bem aqui – a voz de Lando voltou tensa. – O que está acontecendo lá fora?

– Imperiais a caminho – Han lhe disse, indo até o painel de controle de tiro da ponte e fazendo um gesto para os técnicos de juntarem a ele. – O Esquadrão Rogue está se movendo para interceptar, mas parece que o grupo de Fey'lya vai dar o fora.

Lando soltou um palavrão baixinho.

– Não podemos simplesmente ficar aqui sentados e deixar Wedge cuidar deles sozinho.

– Não vamos – Han lhe assegurou sério. – Continue a trabalhar aí atrás e veja em que estado está o acoplamento de energia para as baterias de turbolaser. Vamos checar o controle de tiro aqui em cima. E vê se anda rápido; quando eles quebrarem a formação não vamos conseguir atingi-los.

– Certo.

Han voltou a colocar o comlink no cinto.

– O que você acha, Shen?

– Parece em muito bom estado – a voz abafada do técnico veio por baixo do painel de controle. – Kline?

– As conexões parecem boas aqui também – o outro técnico reportou de um painel do outro lado da sala. – Se conseguirmos fazer com que o computador habilite o sistema... Prontinho. – Ele olhou para Han. – Tudo preparado pra você.

Han se sentou em frente ao painel de armas, passando os olhos pelo arranjo estranho dos controles e se perguntando se todo aquele esforço valeria mais do que apenas cuspir no vácuo. Mesmo aqueles dreadnaughts totalmente preparados, com comando centralizado de computador e circuito-escravo, ainda exigiam mais de 2 mil pessoas para pilotá-los.

Mas os imperiais não estariam esperando que uma nave abandonada disparasse. Assim ele esperava.

– Lá vamos nós – ele murmurou para si mesmo ao acionar a mira visual. As naves de transporte ainda estavam voando em formação cerrada, usando seus escudos sobrepostos para protegê-las de qualquer disparo perdido dos X-wings que se aproximavam. Os caças TIE mais velozes já os haviam alcançado, cercando o grupo por todos os lados e começando a ultrapassá-los.

– Você tem apenas um tiro – murmurou Luke.

– Valeu – grunhiu Han. – Eu realmente precisava ouvir isso. – Respirou fundo, segurou o ar nos pulmões e gentilmente apertou os gatilhos de controle de tiro.

A Katana sacudiu, e quando os vários clarões de fogo de turbolaser brilharam do lado de fora ele sentiu o duplo impacto de um banco de capacitores se desintegrando no convés. Luke tinha razão: o primeiro tiro da nave havia sido seu último. Mas tinha valido a pena. As rajadas de laser atingiram o centro exato da formação das naves de transporte; e subitamente toda a força imperial pareceu se desfazer num clarão de múltiplas explosões. Por alguns segundos tudo ficou oculto por trás das explosões secundárias e de uma nuvem de destroços. Então, no meio da destruição, um punhado de naves saiu em disparada. Mais algumas se juntaram a elas, mostrando claramente por seu movimento que haviam sido danificadas.

– Parece que você abateu cinco das naves de transporte – reportou Kline, olhando através de um par de macrobinóculos colados no rosto. – Alguns dos caças TIE também.

– Eles estão assumindo manobras evasivas – acrescentou Luke.

– Ok – disse Han, levantando-se da cadeira e sacando seu comlink. – Essa parte do jogo já foi. Lando?

– Seja lá o que você tenha acabado de fazer, provocou uma confusão danada aqui atrás – voltou a voz do outro. – Desativou o acoplamento de energia do controle de fogo e pelo menos um dos

geradores. E agora?

– A gente se prepara para um grupo de abordagem – Han lhe disse. – Encontre a gente no corredor principal de bombordo, logo à frente do hangar. Vamos ver que tipo de defesa conseguimos montar.

– Certo.

Han desligou o comlink.

– Vamos lá – ele disse.

– É melhor que isso tenha sido uma defesa – comentou Luke quando eles deixaram a ponte e se dirigiram para o corredor de bombordo. – Especialmente quando estamos falando de possibilidades de talvez quarenta para um contra nós.

Han balançou a cabeça.

– Nunca me fale das possibilidades – ele repreendeu o outro, olhando para seu crono. Poderia acontecer a qualquer momento. – Além do mais, nunca se sabe quando as possibilidades vão mudar.

– Não podemos simplesmente abandoná-los – Leia repetiu, mal se dando conta de que falava com Fey'lya como se ele fosse uma criança – Lá fora estão meu marido e meu irmão, e uma dúzia de ótimos pilotos de X-wing. Não podemos simplesmente deixá-los à mercê do Império.

– Não se deve colocar considerações pessoais acima do dever para com a Nova República, conselheira – disse Fey'lya. Seu pelo ondulou, talvez devido a uma apreciação de seu próprio insight. Mas a arma de raios em sua mão permanecia firme. – Certamente a senhora entende isso.

– Não são apenas considerações pessoais – insistiu Leia, lutando muito para não perder a calma novamente. – É que...

– Um momento – Fey'lya a interrompeu, tocando o botão do intercom. – Capitão? Quanto tempo para atingirmos a velocidade da luz?

– Mais um minuto – voltou a voz de Virgilio. – Talvez dois.

– O mais rápido que puder, capitão – disse Fey'lya. Ele voltou a desligar o intercom e olhou para Leia. – A senhora dizia, conselheira?

Leia conscientemente parou de trincar os dentes. Se Fey'lya desviasse um pouquinho que fosse sua mira, ela poderia correr o risco de se jogar em cima dele. Mas, do jeito que as coisas iam, ela estava indefesa. Suas habilidades rudimentares com a Força não eram nem de longe o suficiente para que ela agarrasse a arma dele ou defletisse seus disparos, e ele estava quase a um metro de distância do sabre de luz dela.

– Han e Luke são de importância vital para a Nova República – ela disse. – Se eles morrerem ou forem capturados...

– A Katana está atirando – Karrde comentou com calma, levantando-se como se para enxergar melhor.

Leia olhou pela bolha quando as distantes naves do Império foram engolfadas rapidamente pelas chamas.

– Eles sabem muito sobre o funcionamento da Nova República, Fey'lya. Você quer que o Império tenha acesso a esse conhecimento?

– Receio que você não esteja entendendo o conselheiro, Leia – disse Karrde, caminhando até onde ela estava. Passou na frente dela, deixando cair ca-sualmente um datapad sobre o console de rastreamento ao seu lado. – Você está preocupada com sua família, é claro – ele continuou, caminhando mais uns dois passos antes de se virar para encarar Fey'lya. – O conselheiro Fey'lya tem um conjunto diferente de prioridades.

– Tenho certeza de que ele tem – disse Leia, com a boca subitamente seca ao olhar de esguelha para o datapad que Karrde havia colocado ali perto. Em sua tela, uma curta mensagem:

Ligue o intercom e o comunicador.

Ela tornou a olhar. A arma de raios de Fey'lya ainda estava apontada para ela, mas os olhos violeta do Bothano estavam voltados para Karrde. Trincando os dentes, Leia se concentrou no painel atrás dele e usou a Força... e sem um *clic* sequer o intercom estava ligado. Outro esforço daqueles e o comunicador também foi acionado.

– Não estou entendendo – ela disse para Karrde. – Que outras prioridades o conselheiro Fey'lya poderia ter?

– É simples o bastante – disse Karrde. – O conselheiro Fey'lya é motivado unicamente por sua própria sobrevivência política. Ele está fugindo da luta porque colocou seus defensores mais ardentes a bordo desta nave e não pode se dar ao luxo de perder nenhum deles.

Leia ficou espantada.

– Ele o quê? Mas eu pensei que...

– Que esta fosse a tripulação normal da *Quenfis*? – Karrde balançou a cabeça. – De jeito nenhum. O capitão e os oficiais seniores são tudo o que restou, e eles estavam em grande parte do lado dele para começar. Foi por isso que Fey'lya quis algumas horas antes de deixar Coruscant: para poder trocar turnos de missões e garantir que todos a bordo lhe fossem leais. – Ele deu um sorriso tênue. – Não que nenhum deles tivesse percebido isso, é claro. Eles tiveram a impressão de que esse era um arranjo especial de segurança.

Leia assentiu, sentindo o corpo todo gelar. Então não era apenas o capitão. Toda a nave estava do lado de Fey'lya. O que significava que estava tudo acabado, e ela havia perdido. Ainda que fosse de algum modo capaz de derrubar o próprio Fey'lya, ela havia perdido.

– Então você pode imaginar – Karrde continuou de modo casual – a relutância de Fey'lya em se arriscar a perder qualquer um deles por causa de uma coisa tão fora de moda quanto lealdade aos seus camaradas. Especialmente depois de ter trabalhado tanto para

convencê-los do quanto ele se importava com o combatente comum.

Leia lançou um olhar atento para Karrde, subitamente percebendo aonde ele queria chegar com aquilo.

– Isso é verdade, conselheiro? – ela perguntou a Fey'lya, colocando descrença em sua voz. – Toda essa conversa sobre estar do lado dos militares não foi nada além de um jogo para ganhar poder político?

– Não seja tola, conselheira – disse Fey'lya, seu pelo ondulando de desprezo. – Que outra utilidade soldados têm para um político?

– É por isso que você não se importa se os homens do Esquadrão Rogue morrerem? – perguntou Karrde. – Porque eles preferem ficar de fora da política?

– Ninguém se importa que seus inimigos morram – Fey'lya disse com frieza. – E todos os que não estão do meu lado são meus inimigos. – Ele fez um gesto com sua arma. – Eu acho, capitão Karrde, que não preciso dizer mais nada.

Karrde afastou o olhar de Fey'lya para a vista lá fora.

– Não, conselheiro – ele disse. – Creio que o senhor já falou o bastante.

Leia acompanhou seu olhar. Entre a *Quenfis* e a Katana, em grupos de dois e três, os esquadrões de X-wing de Fey'lya estavam partindo para dar apoio a Wedge. Desertando o político que havia acabado de definir os limites de sua consideração pelo bem-estar deles.

– Sim – ela murmurou. – Você disse o bastante.

Fey'lya franziu a testa para ela; mas quando começou a falar a porta para a ponte se abriu. O capitão Virgilio estava parado ali, flanqueado por dois soldados.

– Conselheiro Fey'lya – ele disse com rigidez. – Respeitosamente solicito que o senhor retorne aos seus aposentos. Estes homens irão acompanhá-lo.

O pelo de Fey'lya ficou achatado.

– Não estou entendendo, capitão.

– Estamos isolando este aposento, senhor – disse Virgilio, respeitosamente mas no limite do autocontrole. Encaminhando-se até a cadeira do Bothano, ele se inclinou para o intercom. – Aqui fala o capitão – ele disse. – Todos para os postos de combate.

O alarme prontamente disparou... e, nos olhos de Fey'lya, Leia pôde ver o choque súbito da compreensão.

– Capitão...

– Sabe, conselheiro, alguns de nós não consideram a lealdade algo assim tão fora de moda – Virgilio o interrompeu, virando-se para Leia. – Conselheira Organa Solo, gostaria que a senhora se juntasse a mim na ponte quando quiser. Solicitamos um cruzador estelar para nos dar suporte, mas vai demorar um pouco para chegar.

– Teremos de detê-los até lá então – disse Leia, se levantando. Ela

olhou para Karrde. – Obrigada – disse baixinho.

– Não foi por você ou sua guerra – Karrde a avisou. – Mara e meu pessoal podem estar chegando a qualquer momento. Eu apenas preferia que eles não encarassem um destróier estelar sozinhos.

– Não enfrentarão – disse Virgilio. – Conselheiro?

– É uma causa perdida – disse Fey'lya, tentando uma última vez ao entregar sua arma a um dos soldados.

– Está tudo bem – disse Virgilio, com um sorriso forçado. – Toda a Rebelião não era considerada nada além de uma causa perdida. Com licença, conselheiro; eu tenho uma batalha para combater.

A *Quimera* percorria a região que Pellaeon havia apelidado de *Depósito* quando o relatório do *Judicante* chegou.

– Interessante – comentou Thrawn. – Eles responderam mais rápido do que eu havia esperado.

– Karrde deve ter decidido ser generoso – disse Pellaeon, passando os olhos pelo relatório de acompanhamento. Cinco naves de transporte e três caças TIE destruídos; um dos dreadnaughts aparentemente sob controle da Rebelião e se juntando à batalha. Parecia que uma grande conflagração estava começando a tomar forma ali. – Recomendo que enviemos outro destróier estelar para ajudar, almirante – ele disse. – A Rebelião pode ter naves maiores a caminho.

– Iremos nós mesmos, capitão – disse Thrawn. – Navegação: defina um curso de volta para a frota Katana.

O oficial de navegação não se moveu. Ele estava sentado na sua estação, de costas para eles, anormalmente rígido.

– Navegação? – repetiu Thrawn.

– Almirante, mensagem chegando da linha de sentinela – o oficial de comunicação reportou subitamente. – Fragata classe lanceiro não identificada entrou no sistema e está se aproximando. Eles insistem em falar com o senhor, pessoal e imediatamente.

Os olhos brilhantes de Thrawn se estreitaram quando ele apertou o botão do comunicador e então Pellaeon percebeu quem devia estar a bordo daquela nave.

– Aqui fala Thrawn – disse o grão-almirante. – Mestre C'baoth, eu presumo.

– Você presume corretamente – a voz de C'baoth ribombou no alto-falante. – Eu gostaria de falar com você, grão-almirante. Agora.

– Estamos a caminho para ajudar o *Judicante* – disse Thrawn, olhando para o oficial de navegação ainda imóvel. – Como você talvez já saiba. Quando retornarmos...

– *Agora*, grão-almirante.

Movendo-se silenciosamente no silêncio frágil, Pellaeon digitou uma projeção de curso na nave de C'baoth.

– Eles levarão pelo menos quinze minutos para trazê-lo a bordo –

ele murmurou.

Thrawn sibilou suavemente entre dentes; e Pellaeon soube o que ele estava pensando. Na situação fluida de uma batalha espontânea, um atraso de quinze minutos poderia facilmente ser a diferença entre vitória e derrota.

– Capitão, ordene que o *Peremptório* vá ajudar o *Judicante* – o grão-almirante disse finalmente. – Vamos permanecer aqui para consultar nosso aliado.

– Obrigado, grão-almirante – disse C'baoth; e, bruscamente, o oficial de navegação voltou a respirar e desabou em sua cadeira. – Aprecio sua generosidade.

Thrawn foi até seu painel, e com um girar irritado do punho cortou a comunicação. Olhou para o poço da tripulação abaixo e fez um gesto para dois guardas da ponte.

– Enfermaria – disse a eles, indicando o oficial de navegação, que agora tremia todo.

– Onde o senhor supõe que C'baoth encontrou aquele lanceiro? – Pellaeon murmurou enquanto os guardas ajudavam o oficial de navegação a sair de sua cadeira e o carregavam para a popa.

– Ele muito provavelmente o sequestrou – disse Thrawn, tenso. – Ele tem enviado mensagens para nós por distâncias de vários anos-luz, e certamente sabe como assumir controle das pessoas. Aparentemente, ele aprendeu como fundir as duas habilidades.

Pellaeon olhou para o poço da tripulação, e um tremor percorreu sua espinha.

– Não sei bem se gosto disso, senhor.

– Eu também não gosto muito disso, capitão – concordou Thrawn, virando a cabeça para olhar pela escotilha. – Pode ter chegado a hora – ele acrescentou pensativo – de reconsiderarmos nosso acordo com mestre C'baoth. Reconsiderá-lo com muito cuidado.

CAPÍTULO 28

Os turbolasers da Katana emitiram um clarão, desintegrando o centro da formação das naves de transporte do Império, e um dos pilotos de X-Wing de Wedge soltou um grito de guerra.

– Olhe só aquilo!

– Corte o papo, Rogue Sete – Wedge o repreendeu, tentando enxergar através das nuvens de destroços flamejantes. Os imperiais haviam levado um soco na cara, mas foi só. – Eles têm um bocado de caças TIE de reserva.

– Wedge?

Wedge trocou de canais.

– Estou aqui, Luke.

– Decidimos não deixar a nave – disse Luke. – Nós daríamos de cara com os imperiais, e você sabe como os transportes lutam bem. Você bem que poderia tirar seu grupo daqui e chamar uma ajuda.

Wedge viu que as naves de transporte sobreviventes estavam se reconfigurando em uma formação evasiva, com os caças TIE se movendo à frente a fim de abrir um caminho para eles.

– Você nunca conseguirá resistir – ele disse a Luke num tom firme. – Pode haver trezentos soldados a bordo dessas naves de transporte.

– Temos uma chance melhor contra eles do que vocês contra um destróier estelar – retorquiu Luke. – Vamos, dê o fora.

Wedge cerrou os dentes. Luke tinha razão, e ambos sabiam disso. Mas abandonar seus amigos ali...

– Líder Rogue, aqui é Líder Ouro – uma nova voz bruscamente se fez ouvir no comunicador. – Solicitando permissão para entrar na festa.

Franzindo a testa, Wedge olhou de relance para a parte de trás do tampo de sua cabine. Lá estavam, eles mesmos: os dois esquadrões de X-wing da *Quenfis*, vindo por trás de seu grupo para ajudar no que fosse possível.

– Permissão concedida – ele disse. – Não achei que o conselheiro Fey'lya fosse deixar vocês virem aqui brincar.

– Fey'lya não opina mais – o outro disse sério. – Conto tudo mais tarde. O capitão entregou tudo para Organa Solo.

– É a primeira boa notícia que ouço hoje – Wedge grunhiu. – Tudo bem, eis aqui o esquema. Separe quatro do seu grupo para atacar aquelas naves de transporte; o restante de nós vai se concentrar nos caças TIE. Com sorte, vamos conseguir acabar com eles antes que a próxima onda chegue aqui. Vocês chamaram algum reforço?

– O capitão disse que temos um cruzador estelar a caminho – disse o Líder Ouro. – Mas não sabe quando irá chegar.

Provavelmente não cedo o bastante, Wedge disse a si mesmo.

– Ok – ele disse em voz alta. – Vamos lá.

Um novo conjunto de trilhas de drive havia aparecido perto do

hangar do destróier estelar: a segunda onda de caças TIE havia sido lançada. Aquilo significava problemas mais tarde; mas, por enquanto, os X-wings superavam em número aquele lote de imperiais. E os imperiais sabiam. Eles estavam se espalhando, tentando atrair seus agressores para se afastarem onde não poderiam cobrir uns aos outros. Wedge avaliou rapidamente a situação...

– Todos os X-wings, vamos fazer um corpo-a-corpo – ele disse. – Escolham seu alvo e vão.

Mais perto agora, ele podia ver que dois dos caças do Império eram os interceptores TIE mais rápidos e mais avançados. Escolhendo um deles para si, ele quebrou a formação e partiu para cima.

Fosse qual fosse a erosão que o Império tivesse vivenciado em termos de naves e pessoal treinado ao longo dos últimos cinco anos, rapidamente ficou claro que seu programa de treinamento de caças estelares não havia sofrido muito. O interceptor TIE que era alvo de Wedge escapou agilmente de seu ataque inicial, dando uma derrapada lateral que ao mesmo tempo o tirou do caminho do X-wing e fez com que ele pudesse girar seus lasers para cobrir seu vetor de voo. Wedge jogou o X-wing num loop de queda, se encolhendo quando o disparo do outro chegou perto o bastante para acionar os sensores de calor dos motores de estibordo, e fez uma curva fechada para estibordo. Ele se preparou para um segundo disparo, mas ele não veio. Tirando o X-wing de sua combinação loop/curva, ele olhou ao redor em busca de seu oponente.

– Cuidado com as costas, Líder Rogue! – a voz do Rogue Três gritou no seu ouvido; e Wedge mais uma vez jogou o X-wing num loop de queda justo quando outra rajada de laser passou chamuscando o tampo de sua cabine. Não só o imperial não havia sido enganado pela manobra de saca-rolhas de Wedge como ainda por cima conseguira segui-lo. – Ele ainda está com você – confirmou Rogue Três. – Faça uma manobra evasiva, posso chegar aí num minuto.

– Não se incomode – Wedge lhe disse. Pelo céu rodopiante do lado de fora de sua cabine ele teve um vislumbre de outro imperial passando por trás dele para bombordo. Puxando com força seus controles, ele saiu do seu loop e foi direto para cima dele. O caça TIE deu uma leve sacolejada quando seu piloto subitamente se deu conta da ameaça sobre ele e tentou sair do caminho.

Que era exatamente o que Wedge estava antecipando. Mergulhando sob o caça TIE, ele lançou o X-wing numa virada rolando para cima, chegando perigosamente perto do tampo da cabine da nave imperial e levando seu nariz para apontar de volta para o caminho por onde tinha vindo.

O interceptor TIE, que tinha se desviado por instinto da cauda de Wedge para evitar bater numa de suas próprias naves, foi apanhado de

surpresa. Uma única rajada à queima-roupa dos lasers do X-wing o explodiu.

– Belo voo, Líder Rogue – comentou o Líder Ouro. – Minha vez.

Wedge compreendeu. Injetando mais potência no seu drive, ele disparou para longe do caça TIE que havia usado para cobertura, afastando-se justo no instante em que os lasers do Líder Ouro o apanharam.

– Como estamos indo? – Wedge perguntou quando o tampo de sua cabine se iluminou brevemente com a luz refletida da explosão.

– Acabamos – disse o Líder Ouro.

– Acabamos? – Wedge franziu a testa, fazendo um círculo amplo com seu X-wing para dar a volta. De fato, as únicas coisas visíveis ali perto eram X-wings. Além das nuvens de destroços brilhantes, claro. – E as naves de transporte? – ele perguntou.

– Não sei – o outro admitiu. – Ouro Três, Ouro Quatro; reportem.

– Pegamos seis deles, Líder Ouro – disse uma voz nova. – Não sei o que aconteceu com o sétimo.

Wedge soltou um palavrão baixinho, trocando de canais de comunicação ao olhar de volta na direção do destróier estelar. O novo grupo de caças TIE se aproximava rapidamente. Ele não tinha tempo de fazer nada pela Katana, exceto talvez avisá-los.

– Luke? Vocês têm companhia chegando.

– Nós sabemos – voltou a voz tensa de Luke. – Eles já estão aqui.

Eles saíram da nave de transporte com lasers flamejando, abrindo fogo pesado de cobertura enquanto seguiam na direção dos dois conjuntos de comportas que levavam do hangar para a proa. Luke não conseguia vê-los de onde estava, assim como não conseguia ver o grupo de Han aguardando silenciosamente por eles atrás da beira das comportas de bombordo. Porém ele podia ouvir o fogo das armas de raios dos imperiais, e podia sentir a aproximação deles.

E havia alguma coisa naquela sensação que fazia os pelos da sua nuca se arrepiarem. Alguma coisa a respeito deles não estava certa...

Seu comlink emitiu um *bip*.

– Luke? – a voz de Lando falou suavemente. – Eles estão chegando. Está pronto?

Luke fechou seu sabre de luz e checou sua obra uma última vez. Uma grande parte do teto do corredor estava agora pendendo perigosamente por alguns fios de metal, pronta para desabar à menor provocação. Além dela, duas seções da parede estavam com o mesmo tipo de armadilha.

– Tudo pronto – ele disse a Lando.

– Ok. Lá vai...

E, subitamente, o timbre de uma classe diferente de armas se juntou à cacofonia quando os defensores abriram fogo sobre os

imperiais. Por alguns segundos os dois grupos de armas competiram um com o outro. Então, com um grito de metal tensionado, os sons foram interrompidos.

Os quatro técnicos foram os primeiros a virar a esquina até onde Luke os aguardava; seus rostos mostravam a mistura de medo e empolgação de homens que haviam acabado de sobreviver ao seu primeiro tiroteio. Lando veio a seguir, com Han e Chewbacca na retaguarda.

– Pronto? – Han perguntou a Luke.

– Sim. – Luke indicou as seções do teto e parede preparadas. – Mas não vai detê-los por muito tempo.

– Não precisa – grunhiu Han. – Contanto que ponha alguns deles fora de combate, já está valendo a pena. Vamos embora.

– Espere um pouco – disse Luke, usando a Força. Aquelas mentes estranhamente perturbadas... – Eles estão se dividindo – ele disse a Han. – Cerca de metade ainda estão nas comportas de bombordo; a outra metade está se dirigindo para a seção de operações de estibordo.

– Tentando nos pegar pelos flancos – assentiu Han. – Lando, aquela área está bem selada?

– Não muito – admitiu Lando. – As comportas do hangar devem aguentar por um tempo, mas existe um labirinto inteiro de armazéns e oficinas logo na entrada da seção de operações a partir do qual eles provavelmente conseguirão chegar ao principal corredor de estibordo. Havia portas demais para conseguirmos fechar todas.

Das comportas que haviam acabado de deixar veio o impacto seco de uma carga oca.

– Então esse grupo nos mantém ocupados fazendo a gente pensar que estão todos aqui, enquanto o outro tenta vir pelas nossas costas – deduziu Han. – Bom, também não queríamos segurar o corredor inteiro. Chewie, você e Lando peguem os outros e recuem até a ponte. Derrubem tantos quanto puderem no caminho. Luke e eu vamos para estibordo ver se conseguimos fazer o outro grupo andar um pouquinho mais devagar.

Chewbacca grunhiu concordando e saiu, os quatro técnicos já estavam a caminho.

– Boa sorte – disse Lando, e foi atrás.

Han olhou para Luke.

– Ainda só os dois grupos?

– Sim – disse Luke, lutando para localizar o inimigo. A estranha sensação ainda estava ali...

– Ok. Vamos lá.

Partiram, Han na frente descendo um corredor estreito cheio de portas pouco espaçadas que indicavam os aposentos da tripulação.

– Pra onde estamos indo? – Luke perguntou enquanto corriam.

– Cúpula de tiro de estibordo número dois – disse Han. – Deve haver alguma coisa bem nojenta ali com que a gente possa inundar o corredor principal, refrigerante de turbolaser ou algo do gênero.

– A menos que eles tenham equipamento de suporte de vida – ressaltou Luke.

– Não têm – disse Han. – Pelo menos, não estavam vestindo nenhum quando nos atacaram. Tinham filtros de ar padrão para soldados, mas se enchermos o corredor inteiro de líquido refrigerante esses filtros não vão adiantar muita coisa. Nunca se sabe – ele acrescentou, pensando bem. – O refrigerante pode ser inflamável também.

– Que pena que a frota Katana não era composta de galeões estelares – disse Luke, usando a Força mais uma vez para localizar o inimigo. Até onde podia dizer, estavam no labirinto de salas que Lando havia mencionado, atravessando-o para chegar ao corredor principal de estibordo. – Nós realmente poderíamos usar aquelas defesas anti-intrusos com as quais eles vêm equipados.

– Se isso aqui fosse um galeão estelar, o Império não ficaria tão ansioso para tomá-lo de nós inteiro – retorquiu Han. – Eles simplesmente explodiriam o troço todo e pronto.

Luke fez uma careta.

– Certo.

Eles chegaram ao corredor principal de estibordo, e já estavam no meio do caminho quando Han subitamente parou.

– O que diabos...?

Luke se virou para olhar. Dez metros corredor abaixo, caído num trecho escuro embaixo de alguns painéis luminosos queimados, estava uma caixa de metal grande, repousando inclinada sobre um emaranhado de cabos e vigas que mal podia ser visto. Canhões de raios gêmeos despontavam debaixo de uma escotilha estreita, as paredes do corredor imediatamente ao redor dele estavam curvadas e enegrecidas, com meia dúzia e buracos de bom tamanho visíveis.

– O que é isso? – ele perguntou.

– Parece uma versão em escala reduzida de um andador batedor – disse Han. – Vamos dar uma olhada.

– O que será que está fazendo aqui? – Luke se perguntou ao andar na direção dele. O chão sob os pés deles estava visivelmente curvado também. Quem quer que estivesse ali dentro disparando tinha feito um serviço completo.

– Provavelmente alguém tirou isso do depósito durante o negócio do vírus-colmeia que matou todo mundo – sugeriu Han. – Ou tentando proteger a ponte ou então também estavam malucos.

Luke assentiu, estremecendo ao pensar nisso.

– Deve ter sido um truque e tanto colocar isso aqui dentro pra

começar.

– Bom, com certeza a gente não vai tirar – disse Han, espiando o emaranhado de destroços onde a perna direita do andador havia estado. Olhou para Luke com uma sobrancelha erguida. – A não ser...?

Luke engoliu em seco. Mestre Yoda havia erguido seu X-wing de um pântano em Dagobah uma vez, mas mestre Yoda tinha sido bem mais forte na Força do que Luke.

– Vamos descobrir – ele disse. Respirando fundo, esvaziando a mente, ele ergueu a mão e usou a Força.

O andador nem estremeceu. Luke tentou mais uma vez; e outra vez. Mas não adiantou. Ou a máquina estava muito bem enfiada entre as paredes e o teto para ser movida, ou Luke simplesmente não tinha forças para erguê-la.

– Bom, deixa pra lá – disse Han, olhando de volta para o corredor. – Teria sido bom fazê-lo voltar a andar: poderíamos ter colocado ele naquela grande sala do monitor atrás da ponte e derrubado quem se aproximasse. Mas podemos usá-lo aqui também. Vamos ver se dá pra gente entrar.

Enfiando sua arma no coldre, ele subiu pela perna restante.

– Eles estão se aproximando – Luke o avisou, olhando preocupado corredor abaixo. – Mais uns dois minutos e eles vão aparecer.

– Melhor dar a volta para trás de mim – disse Han. Ele já estava na porta lateral do andador, e com um grunhido ele a abriu...

– O que foi? – Luke perguntou quando os sentidos de Han sofreram uma mudança súbita.

– Nem queira saber – Han lhe disse com uma cara sinistra. Visivelmente lutando para se conter, ele se abaixou e entrou. – Ainda tem energia – ele gritou, a voz ecoando de leve. – Vamos ver...

Acima de Luke, o canhão de raios se moveu alguns graus.

– Ainda pode manobrar – Han acrescentou com satisfação. – Ótimo.

Luke já havia conseguido chegar ao alto da perna, evitando cuidadosamente as pontas afiadas. Quem quer que o andador tivesse combatido havia lutado bem. No fundo, sua mente começou a formigar...

– Estão chegando – ele sibilou para Han, escorregando da perna e pousando silenciosamente no convés. Caindo agachado, ele tornou a espiar pela fenda entre a perna dobrada e a parte principal do andador, torcendo para que a escuridão fosse adequada para escondê-lo.

Ele havia se escondido bem a tempo. Os imperiais estavam descendo rapidamente o corredor na direção deles, espalhados em uma formação militar adequadamente cautelosa. Os dois homens da vanguarda fizeram uma pausa ao avistarem o andador quebrado,

provavelmente tentando deduzir se deveriam arriscar um avanço em linha reta ou abrir mão do elemento-surpresa criando fogo de cobertura. Quem quer que estivesse no comando optara por um meio-termo; os homens da vanguarda avançaram deslizando enquanto o restante do grupo caiu de bruços no chão ou abraçou as paredes do corredor.

Han deixou que eles chegassem até a base do andador. Então, girando o canhão de raios sobre suas cabeças, ele abriu fogo sobre o grupo principal.

O fogo de resposta veio na hora, mas não foi páreo. Han sistematicamente varreu as paredes e o chão, afastando o punhado de soldados que tiveram a sorte de ter uma porta por perto para se esconder e aniquilando aqueles que não tinham. Os dois homens da vanguarda reagiram no mesmo instante, um deles disparando para cima na direção da escotilha, e o outro subindo correndo a perna na direção da porta lateral.

Chegou ao topo para encontrar Luke esperando por ele. Seu companheiro abaixo disparou três tiros – todos defletidos – antes que o sabre de luz o encontrasse também.

Subitamente, o canhão de raios parou de disparar. Luke olhou de relance corredor abaixo, usando a Força.

– Ainda restam três – ele avisou quando Han abriu a porta do andador e saiu se espremendo.

– Deixe-os – disse Han, descendo cuidadosamente pela parte de trás da perna danificada e consultando seu crono. – Precisamos voltar a Lando e Chewie. – Ele deu a Luke um sorriso sem alegria. – Além disso, os cristais do atuador acabaram de queimar. Vamos dar o fora antes que eles descubram.

A primeira onda de caças TIE havia sido destruída, assim como quase todas as naves de transporte, exceto uma. A fragata de escolta rebelde e seus X-wings agora combatiam os Esquadrões Um e Três, e pareciam estar aguentando muito bem.

O capitão Brandei não estava mais sorrindo.

– Esquadrão Quatro lançando agora – anunciou o Controle de Caças. – Esquadrões Cinco e Seis aguardando suas ordens.

– Ordene que fiquem de prontidão – instruiu Brandei. Não que ele tivesse muita escolha nesse ponto. O Cinco e o Seis eram esquadrões de reconhecimento e bombardeio: úteis o bastante em suas áreas específicas de expertise, mas não numa batalha corpo-a-corpo contra X-wings rebeldes. – Alguma notícia do *Peremptório*?

– Não, senhor. O último relatório da *Quimera*, antes de levantarmos nossos escudos, registrou seu tempo de chegada estimado como aproximadamente 1519.

Apenas a sete minutos de distância. Mas batalhas haviam sido

perdidas em menos tempo que isso; e, pelo aspecto das coisas, aquela poderia muito bem se tornar uma delas.

O que só deixava uma opção séria a Brandei. Por menos que ele gostasse da ideia de entrar ao alcance dos turbolasers do dreadnaught, ele teria de levar o *Judicante* ao combate.

– Toda a força à frente – ele ordenou ao leme. – Escudos à toda força; baterias de turbolaser de prontidão. E informe ao líder do grupo de abordagem que eu quero aquele dreadnaught nas mãos do Império *agora*.

– Sim, senhor. – Um rugido abafado percorreu o convés quando o drive subluz foi ativado...

E, sem aviso, o rugido recebeu a companhia dos alarmes da nave.

– Bandidos saindo da velocidade da luz na popa – o oficial de sensores gritou. – Dezoito naves: classe de cargueiro e menores. Estão atacando.

Brandei soltou um palavrão cabeludo ao digitar o código para a tela adequada. Não eram naves rebeldes, não aquele grupo, e ele se perguntou quem no Império eles poderiam ser. Mas não importava.

– Dê a volta para dois-sete-um – ordenou ao leme. – Aponte os turbolasers de popa para os bandidos. E lance o Esquadrão Seis.

Fossem quem fossem, ele logo lhes ensinaria a não se meter em negócios do Império. Quanto à identidade deles... bem, a Inteligência seria capaz de descobrir isso depois com base nos destroços.

– Cuidado, Mara – a voz de Aves avisou pelo comunicador. – Eles estão tentando se aproximar. E temos caças TIE a caminho.

– Certo – disse Mara, se permitindo um sorriso sardônico. Por menos que isso adiantasse. O grosso dos caças estelares do destróier estelar já estava em combate com as forças da Nova República, o que queria dizer que tudo o que o pessoal de Karrde provavelmente iria pegar seriam naves de reconhecimento e bombardeiros. Nada com que não pudessem lidar. – Dankin, Torve: desçam para interceptar.

Os dois pilotos confirmaram, e ela voltou sua atenção para o ponto imperceptível abaixo do tubo do drive subluz central do destróier estelar onde os lasers do seu Z-95 estavam naquele momento atirando. Por baixo dos escudos naquele ponto ficava uma parte crítica do pacote de sensores da popa inferior. Se conseguisse destruí-lo, ela e os outros teriam livre acesso à relativamente indefesa parte inferior da imensa nave.

Com uma nuvem de metal e plástico vaporizados, os lasers conseguiram perfurá-lo.

– Consegui – ela disse a Aves. – O setor central da popa inferior está cego agora.

– Bom trabalho – disse Aves. – Todos: avançar.

Mara tirou o Z-95 dali, feliz de se afastar do calor e da radiação

das emissões do drive. A *Wild Karrde* e os outros cargueiros poderiam cuidar do trabalho de destruir o casco exterior do destróier estelar agora; seu pequeno caça estelar seria mais bem-utilizado mantendo os caças TIE longe deles.

Mas, antes, ela tinha tempo suficiente para fazer uma checagem.

– Jade chamando Karrde – ela disse para o comunicador. – Você está aí?

– Bem aqui, Mara, obrigado – respondeu uma voz familiar; Mara sentiu parte de sua tensão escoar. *Bem aqui, obrigado*, significava que tudo estava bem a bordo da nave da Nova República.

Ou tão bem quanto possível ao enfrentar um destróier estelar do Império.

– Qual é a situação? – ela perguntou.

– Tivemos um pouco de dano, mas aparentemente estamos aguentando firme – ele disse. – Há uma pequena equipe técnica a bordo da Katana e eles tornaram os turbolasers operacionais, o que pode justificar a relutância do destróier estelar em chegar mais perto. Sem dúvida eles vão acabar vencendo a timidez.

– Já venceram – disse Mara. – A nave estava com pouca energia quando chegamos. E não vamos ser capazes de distraí-los por muito tempo.

– Mara, aqui é Leia Organa Solo – uma voz nova entrou no comunicador. – Temos um cruzador estelar a caminho.

– Os imperiais também devem ter apoio chegando – Mara disse num tom seco. – Não vamos ser heroicos ao ponto da estupidez, ok? Tire o seu pessoal da Katana e deem o fora daqui.

– Não podemos – disse Organa Solo. – Os imperiais abordaram a nave. Nosso pessoal está isolado do hangar.

Mara olhou para a massa escura do dreadnaught, iluminada apenas por suas próprias luzes externas e os clarões de luz refletida da batalha furiosa perto e ao redor dela.

– Então é melhor descartá-los – ela disse. – Os imperiais não devem estar longe; o apoio deles chegará aqui muito antes do seu.

E, como se as palavras dela fossem uma deixa, houve um breve tremeluzir de pseudomovimento à sua esquerda; e subitamente três dreadnaughts em formação triangular apareceram.

– Mara! – Aves gritou.

– Estou vendo-os – disse Mara quando uma segunda tríade se materializou atrás e acima da primeira. – Eles chegaram, Karrde. Saia daí...

– Atenção, forças da Nova República – uma nova voz ribombou no canal. – Aqui fala o senador Garm Bel Iblis, a bordo da nave de guerra *Peregrino*. Posso oferecer nosso auxílio?

Leia olhou fixamente para o alto-falante do comunicador, invadida

por uma estranha combinação de surpresa, esperança e descrença. Olhou para Karrde, e seus olhos se encontraram. Ele deu de ombros bem de leve e balançou a cabeça.

– Ouvi dizer que ele tinha morrido – ele murmurou.

Leia engoliu em seco. Ela também... mas era *mesmo* a voz de Bel Iblis. Ou então uma excelente cópia.

– Garm, aqui é Leia Organa Solo – ela disse.

– Leia! – disse Bel Iblis. – Faz muito tempo, não faz? Eu não esperava você aqui pessoalmente. Embora talvez tivesse esperado. Tudo isso foi ideia sua?

Leia olhou pela escotilha, franzindo a testa.

– Não estou entendendo o que você quer dizer com *tudo isso*. Aliás, o que você está fazendo aqui?

– O capitão Solo enviou à minha assistente as coordenadas e pediu que viéssemos como apoio – disse Bel Iblis, com cautela. – Supus que fosse a seu pedido.

Leia deu um sorriso tenso. Ela deveria ter imaginado.

– A memória de Han às vezes comete alguns deslizes – ela disse. – Embora, para ser honesta, não tenhamos tido muito tempo para comparar notas desde que ele voltou.

– Entendo – Bel Iblis disse devagar. – Então na verdade não foi um pedido oficial da Nova República?

– Não era, mas agora é – Leia lhe assegurou. – Em nome da Nova República, eu neste momento solicito o seu auxílio. – Ela olhou para Virgilio. – Registre isso no diário, por favor, capitão.

– Sim, conselheira – respondeu Virgilio. – E, falando por mim mesmo, senador Bel Iblis, estou encantado em tê-lo conosco.

– Obrigado, capitão – disse Bel Iblis, e em sua mente Leia pôde ver o famoso sorriso do outro. – Então, como é? Vamos fazer um estrago? *Peregrino* desligando.

Os seis dreadnaughts haviam se movido para formação de cerco ao redor do destróier estelar agora, sufocando-o com um dilúvio de fogo de canhões de íons e ignorando as rajadas cada vez mais esporádicas de turbolaser que os arranhavam em retribuição.

– Mas Mara tem razão – disse Karrde, se aproximando de Leia. – Assim que pudermos tirar a equipe técnica daquela nave, é melhor a recolhermos e fugirmos.

Leia balançou a cabeça.

– Não podemos simplesmente deixar a frota Katana para o Império.

Karrde bufou.

– Acho que você não teve a chance de contar quantos dreadnaughts restaram lá fora.

Leia franziu a testa.

– Não. Por quê?

– Eu fiz uma varredura – Karrde disse amargo. – Antes, quando você estava discutindo com Fey'lya. Das duzentas naves originais da Katana... restaram quinze.

Leia o encarou.

– Quinze? – ela disse baixinho.

Karrde assentiu.

– Receio ter subestimado o grão-almirante, conselheira – ele disse, deixando um tom de amargura transparecer sob a civilidade estudada de sua voz. – Eu sabia que assim que ele tivesse a localização da frota começaria a retirar as naves daqui. Mas não esperava que conseguisse a localização de Hoffner assim tão rápido.

Leia estremeceu. Ela própria havia passado por um interrogatório imperial. Anos mais tarde, a lembrança ainda estava vívida.

– Será que ainda restou alguma coisa dele?

– Poupe sua simpatia – aconselhou Karrde. – Em retrospecto, parece improvável que Thrawn precisasse se incomodar com algo tão pouco civilizado como coerção. O fato de Hoffner ter falado com tanta liberdade significa que o grão-almirante deve ter simplesmente aplicado uma grande infusão de dinheiro.

Leia ficou olhando para a batalha, sentindo a sensação sombria do fracasso tomar conta dela. Eles haviam perdido. Depois de todos os seus esforços, haviam perdido.

Ela respirou fundo, fazendo os exercícios de relaxamento Jedi. Sim, eles haviam perdido. Mas era apenas uma batalha, não a guerra. O Império podia ter pegado a Força Sombria, mas recrutar e treinar tripulantes para todos aqueles dreadnaughts levaria anos. Muita coisa poderia acontecer nesse tempo.

– Você tem razão – ela disse para Karrde. – Faríamos melhor se reduzíssemos nossas perdas. Capitão Virgilio, assim que aqueles caças TIE tiverem sido neutralizados quero que um grupo de pouso seja enviado para a Katana a fim de ajudar nossa equipe técnica lá.

Não houve resposta.

– Capitão?

Virgilio estava olhando pela escotilha da ponte, o rosto esculpido em pedra.

– Tarde demais, conselheiro – ele disse baixinho.

Leia se virou para olhar. Lá, avançando na direção da nave imperial cercada, um segundo destróier estelar havia subitamente emergido do hiperespaço.

O apoio dos imperiais havia chegado.

– Recuar! – gritou Aves apavorado. – Todas as naves, recuar! Segundo destróier estelar no sistema.

A última palavra foi meio sufocada pelo clangor do alerta de proximidade do Z-95 quando alguma coisa chegou perto demais. Mara

jogou a pequena nave numa derrapagem lateral, bem a tempo de sair da linha de fogo de um caça TIE.

– Recuar pra onde? – ela quis saber, transformando a derrapagem num rodopio mal controlado que teve o efeito de anular sua velocidade dianteira. Seu agressor, talvez superconfiante pelo aparecimento da força de apoio, passou rugindo rápido demais para conseguir mais que um disparo aleatório em sua direção. Friamente, Mara o explodiu. – Caso você tenha esquecido, alguns de nós não têm poder de computação suficiente a bordo para calcular um salto seguro para o hiperespaço.

– Eu vou lhe dar os números – disse Aves. – Karrde...

– Concordo – a voz de Karrde veio da fragata de escolta. – Saia daqui.

Mara rilhou os dentes, olhando para o segundo destróier estelar acima. Ela detestava dar meia-volta e fugir, mas sabia que eles tinham razão. Bel Iblis havia deslocado três de suas naves para enfrentar a nova ameaça, mas, mesmo equipados com canhões de íons, três dreadnaughts não conseguiriam deter um destróier estelar por muito tempo. Se não resolvessem o combate logo, poderiam não ter outra chance...

Bruscamente, seu senso de perigo começou a formigar. Mais uma vez ela deu uma derrapada no Z-95; mas, agora, era tarde demais. A nave deu um forte sacolejo, e de trás dela veio o grito sibilante de metal superaquecido vaporizando para o espaço.

– Fui atingida! – ela gritou, automaticamente acionando interruptores com uma das mãos enquanto a outra agarrava os selos do capacete de seu traje de voo e os prendia bem no lugar. Bem a tempo; um segundo sibilar, cortado quase antes de começar, anunciou a falha da integridade da cabine. – Perda de energia, perda de ar. Ejetando agora.

Ela estendeu a mão para a argola de ejeção... e parou. Por acaso – ou talvez instinto de último segundo – seu caça inutilizado estava apontado quase diretamente para a porta de entrada do primeiro destróier estelar. Se ela conseguisse puxar um pouquinho mais de energia do sistema de manobra auxiliar...

Foi preciso um esforço maior do que ela imaginava, mas quando finalmente pegou de novo a argola de ejeção teve a satisfação de saber que mesmo na morte o Z-95 se vingaria um pouco da máquina de guerra do Império. Não muito, mas um pouco.

Ela puxou a argola, e um instante depois foi jogada com força de encontro ao assento quando parafusos explosivos abriram a tampa da cabine e a catapultaram para fora da nave. Ela viu de relance a margem de bombordo do destróier estelar, um vislumbre ainda mais rápido de um caça TIE passando veloz...

E subitamente um grito agonizante do equipamento eletrônico do assento ejetor, e o estalido violento de circuitos em curto... e com um tranco horrível Mara percebeu que havia cometido o que poderia muito bem ser o último erro de sua vida. Concentrada em apontar seu Z-95 inutilizado para o hangar do destróier estelar, ela havia se aproximado demais da nave gigante e se ejetado bem no caminho do bombardeiro de raios iônicos dos dreadnaughts.

E naquele único estalido de equipamento eletrônico torturado ela havia perdido tudo. Seu comunicador, suas luzes, seus jatos de manobra limitada, seu regulador de suporte de vida, seus faróis de emergência.

Tudo.

Por um segundo seus pensamentos se voltaram para Skywalker. Ele também tinha estado perdido no espaço profundo pouco tempo atrás. Mas ela havia tido motivo para encontrá-lo. Ninguém tinha razão semelhante para encontrá-la.

Um caça TIE em chamas passou rugindo por ela e explodiu. Um pedaço enorme de destroço resvalou na armadura de cerâmica que a envolvia parcialmente ao redor dos ombros, fazendo com que ela batesse a cabeça com força na lateral do encosto.

E, quando ela mergulhou na escuridão, viu o rosto do imperador diante de si. E soube que mais uma vez havia falhado para com ele.

Estavam chegando à antessala do monitor logo atrás da ponte da Katana quando Luke subitamente teve um espasmo.

– O que foi? – Han gritou, olhando rapidamente ao redor do corredor atrás deles.

– É Mara – disse o outro, o rosto tenso. – Ela está em apuros.

– Foi atingida? – perguntou Han.

– Atingida e... e perdida – disse Luke, testa franzida em concentração. – Deve ter passado dentro de um dos raios iônicos.

O garoto estava com cara de quem havia acabado de perder sua melhor amiga, em vez de alguém que queria matá-lo. Han pensou em apontar isso a ele, mas decidiu no último segundo que tinham coisas mais imediatas com que se preocupar. Provavelmente era só mais uma daquelas coisas Jedi malucas que nunca faziam sentido mesmo.

– Bom, não podemos ajudá-la agora – ele disse, voltando a avançar. – Vamos.

Tanto o corredor principal de bombordo quanto o de estibordo davam na antessala do monitor, a partir de onde um único conjunto de comportas dava para o resto do caminho à frente até a ponte propriamente dita. Lando e Chewbacca estavam em lados opostos da entrada do corredor de bombordo quando Han e Luke chegaram, protegendo-se de uma barragem de lasers e ocasionalmente arriscando um disparo rápido de volta.

– O que você tem aí, Lando? – Han perguntou quando ele e Luke se juntaram a eles.

– Nada bom, meu camarada – Lando grunhiu em resposta. – Restaram pelo menos uns dez deles. Shen e Tomrus foram atingidos; Shen provavelmente vai morrer se não o levarmos a um droide médico em mais ou menos uma hora. Anselm e Kline estão cuidando deles dentro da ponte.

– Nós nos saímos um pouquinho melhor, mas ainda tem uns dois vindo atrás de nós – Han disse, fazendo uma rápida avaliação das fileiras de consoles de monitor na antessala. Eles forneceriam uma cobertura razoável, mas, devido ao layout, os defensores não seriam capazes de recuar mais sem se expor ao fogo inimigo. – Não acho que quatro de nós vão conseguir defender este lugar – ele deduziu. – É melhor recuarmos para a ponte.

– De onde não há mais lugar algum para irmos – Lando ressaltou. – Imagino que você tenha levado essa parte em consideração...

Ao lado dele, Han sentiu Luke se segurar.

– Tudo bem – disse Luke. – Pra dentro da ponte, todos vocês. Eu cuido disto.

Lando deu uma olhada feia para ele.

– Você *o quê*?

– Eu cuido disso – repetiu Luke. Com um estalo e um sibilar ele acendeu seu sabre de luz. – Vão indo; eu sei o que estou fazendo.

– Vamos – Han apoiou. Não sabia o que Luke tinha em mente, mas alguma coisa no rosto do garoto sugeria que não seria boa ideia discutir. – Podemos dar apoio de dentro.

Um minuto depois eles estavam prontos: Han e Lando logo atrás das comportas da ponte, Chewbacca alguns metros além, sob a cobertura de um console de engenharia, Luke em pé sozinho na entrada em arco com seu sabre de luz zumbindo. Os imperiais levaram mais um minuto para perceber que estavam com os corredores livres; mas depois disso seguiram rapidamente. O fogo de cobertura começou a ricochetear pelos consoles dos monitores, e ao fazer isso os imperiais começaram a mergulhar um por um pelos dois corredores até a antessala, assumindo cobertura atrás dos consoles compridos e acrescentando sua contribuição para a tempestade de fogo de laser.

Tentando não recuar do ataque, Han contribuía com seu próprio fogo, sabendo muito bem que não estava fazendo muita coisa além de barulho. O sabre de luz de Luke brilhava como uma coisa viva e faminta, defletindo as rajadas que chegavam muito perto. Até agora o garoto não parecia ter sido atingido... mas Han sabia que isso não iria durar. Assim que os imperiais parassem de atirar aleatoriamente e começassem a se concentrar em seu alvo, seriam tiros demais até mesmo para um Jedi rebater. Rilhando os dentes, desejando saber o

que Luke tinha na cabeça, continuou a disparar.

– Pronto! – Luke gritou por cima do zunido agudo das rajadas... E ainda enquanto Han se perguntava para o que era que ele deveria estar pronto, o garoto deu um passo para trás e jogou o sabre de luz para o lado. Ele rodopiou em espiral pela antessala, girando para dentro da parede...

E com um estalo semelhante ao de um trovão, abriu uma fatia da antessala para o espaço.

Luke deu um salto para trás, e quase não conseguiu chegar à ponte antes que as comportas se fechassem contra a descompressão explosiva. Alarmes soaram por um momento até que Chewbacca os desligasse, e por mais um minuto Han pôde ouvir o impacto dos lasers enquanto os imperiais condenados disparavam inutilmente nas comportas.

E depois os disparos silenciaram... e tudo estava acabado.

Luke já estava na escotilha principal, olhando para a batalha que acontecia do lado de fora.

– Calma, Luke – aconselhou Han, enfiando a arma no coldre e se aproximando dele. – Estamos fora do combate.

– Não podemos estar – insistiu Luke, abrindo e fechando inquieto sua mão direita artificial. Talvez lembrando-se de Myrkr e daquela longa jornada com Mara pela floresta. – Temos que fazer algo para ajudar. Os imperiais vão matar todos se não fizermos.

– Não podemos disparar, e não podemos manobrar – Han grunhiu, lutando contra sua própria sensação de impotência. Leia estava naquela fragata de escolta lá fora... – O que nos resta?

Luke acenou indefeso com uma das mãos.

– Não sei – ele confessou. – Você é que é o esperto. Pense *você* em alguma coisa.

– É – resmungou Han, olhando ao redor da ponte. – Claro. É só eu acenar com as mãos e...

Ele parou... e sentiu um sorriso lento e torto se espalhar pelo seu rosto.

– Chewie, Lando: vão até aquelas telas sensoras – ele ordenou, olhando para o console à sua frente. Não era o certo. – Luke, me ajude a encontrar... deixa pra lá, aqui está.

– Aqui está o quê? – perguntou Lando, se posicionando na frente da tela que Han havia indicado.

– Pense nisso um minuto – disse Han, olhando rapidamente para os controles. Ótimo, tudo ainda parecia estar ativado. Só esperava que ainda funcionasse. – Onde estamos, aliás? – ele acrescentou, indo até o console do leme e ativando-o.

– Estamos no meio do nada – Lando disse com a paciência no limite. – E ficar brincando com esse leme não vai nos levar a lugar

nenhum.

– Tem razão – Han concordou, com um sorriso tenso. – Não vai levar a gente a lugar nenhum.

Lando olhou fixamente para ele e, lentamente, também começou a sorrir.

– Certo – ele disse matreiro. Esta é a frota Katana. E nós estamos a bordo da Katana.

– Você entendeu – disse Han. Respirando fundo e cruzando mentalmente os dedos, ele transferiu energia para o drive.

A Katana não se moveu, claro. Mas todo o motivo pelo qual a frota Katana inteira havia desaparecido em primeiro lugar...

– Consegui um – Lando gritou, curvado sobre a tela do seu sensor. – Quarenta-e-três marco vinte.

– Só um? – perguntou Han.

– Só um – confirmou Lando. – Dê-se por satisfeito; depois de todo esse tempo temos sorte de ter ao menos uma nave cujos motores ainda funcionam.

– Vamos torcer pra que eles continuem funcionando – Han grunhiu. – Me dê o curso de interceptação para aquele segundo destróier estelar.

– Ahn... – Lando franziu a testa. – Gire quinze graus a bombordo e desça o mínimo possível.

– Certo. – Com cuidado, Han fez a mudança de curso necessária. Era uma estranha sensação estar pilotando outra nave por controle remoto de circuito-escravo. – Que tal? – perguntou a Lando.

– Parece bom – confirmou Lando. – Dê um pouco mais de energia.

– Os monitores de controle de tiro não estão funcionando – avisou Luke, aproximando-se de Han. – Não sei se você vai ser capaz de disparar com precisão sem eles.

– Não vou nem tentar – Han lhe disse muito sério. – Lando?

– Desvie um pouco mais para bombordo – direcionou Lando. – Um pouco mais... isso. – Ele olhou para Han. – Você está alinhado perfeitamente.

– Lá vamos nós – disse Han, e acionou o controle de aceleração ao máximo. Não havia como o destróier estelar deixar de ver o dreadnaught caindo em cima dele, claro. Mas com seus sistemas eletrônico e de controle ainda embaralhados pelo ataque iônico de Bel Iblis, também não havia como ele sair do caminho a tempo.

Mesmo da distância da Katana, o impacto e a explosão foram bem espetaculares. Han viu a bola de fogo se expandir e se desvanecer lentamente, e depois se virou para Luke.

– Ok – ele disse. – *Agora* estamos fora do combate.

Pela escotilha lateral do *Judicante*, o capitão Brandei ficou olhando aturdido e descrente o *Peremptório* sofrer sua morte flamejante. Não –

não podia ser. Simplesmente não podia ser. Não um destróier estelar imperial. Não a nave mais poderosa da frota do Império.

O estalo de um disparo contra a tela defletora da ponte desviou sua atenção.

– Reporte – ele disse ríspido.

– Um dos dreadnaughts inimigos parece ter sido danificado na explosão do *Peremptório* – reportou o oficial de sensores. – Os outros dois estão a caminho daqui.

Para reforçar os três que ainda estavam disparando seus canhões de íons. Brandei deu uma checada rápida na tela tática; mas foi um exercício sem sentido. Ele sabia muito bem qual era o único curso a seguir.

– Chame de volta todos os caças restantes – ele ordenou. – Vamos fazer o salto para a velocidade da luz assim que todos estiverem a bordo.

– Sim, senhor.

E, quando a tripulação da ponte correu para obedecer, Brandei se permitiu um sorriso tenso. Sim, eles haviam perdido aquela. Mas era apenas uma batalha, não a guerra. Muito em breve eles estariam de volta... e, quando o fizessem, seria com a Força Sombria e o grão-almirante Thrawn para comandá-la.

Então ele deixaria os rebeldes aproveitarem sua vitória ali. Poderia ser a última.

CAPÍTULO 29

A equipe de reparos da *Quenfis* emendou a brecha no casco da antessala no que foi provavelmente um tempo recorde. A nave que Luke havia requisitado estava esperando por ele no hangar, e ele estava no espaço mais uma vez pouco mais de uma hora depois da destruição do segundo destróier estelar e da retirada do primeiro.

Localizar um único assento ejetor no meio de todos os destroços de batalha havia sido uma tarefa quase impossível para o pessoal de Karrde. Para um Jedi, não era esforço algum.

Mara estava inconsciente quando a encontraram, tanto por causa do baixo nível de seu suprimento de ar quanto pelo que provavelmente era uma concussão leve. Aves a levou a bordo da *Wild Karrde* e partiu a uma velocidade quase perigosa na direção das instalações médicas do cruzador estelar que tinha finalmente chegado. Luke cuidou para que fizessem uma abordagem segura, e depois voltou para a Katana e o transporte no qual ele e o resto de sua equipe retornariam a Coruscant.

Ficou imaginando por que havia sido tão importante para ele resgatar Mara em primeiro lugar.

Não sabia. Ele podia criar uma série de racionalizações, desde a simples gratidão pela ajuda dela na batalha até o fato de que salvar vidas era uma parte natural do dever de um Jedi. Mas nenhuma delas seria nada além de uma racionalização. Tudo o que sabia com certeza era que ele precisava ter feito aquilo. Talvez fosse orientação da Força. Talvez fosse apenas um último ato inspirado pelo idealismo juvenil e pela ingenuidade.

No painel à sua frente, o comunicador emitiu um *ping*.

– Luke?

– Sim, Han, o que é?

– Volte aqui para a Katana. Imediatamente.

Luke olhou pela cobertura da cabine para a nave escura à frente, sentindo um arrepio na espinha. A voz de Han havia sido a de alguém passando sobre um cemitério...

– O que foi?

– Problemas – disse o outro. – Eu sei o que o Império está preparando agora. E não é nada bom.

Luke engoliu em seco.

– Já estou chegando.

– Então – disse Thrawn, seus olhos brilhantes queimando com fogo frio quando ele levantou a cabeça do relatório do *Judicante* –, graças à sua insistência em me atrasar, perdemos o *Peremptório*. Espero que esteja satisfeito.

C'baoth encarou o olhar de igual para igual.

– Não me culpe pela incompetência de seus possíveis conquistadores – ele disse, com a voz tão gélida quanto a de Thrawn.

– Ou talvez não fosse incompetência, mas a habilidade da Rebelião. Talvez você estivesse morto agora se a *Quimera* tivesse ido.

O rosto de Thrawn ficou mais escuro. Pellaeon deu meio passo na direção do grão-almirante, aproximando-se mais um pouco da esfera protetora do ysalamir ao lado da cadeira de comando, e se segurou para a explosão.

Mas Thrawn sabia se controlar melhor do que ele pensava.

– Por que você está aqui? – ele perguntou.

C'baoth sorriu e lhe deu as costas deliberadamente.

– Você me fez muitas promessas desde que chegou a Wayland pela primeira vez, grão-almirante Thrawn – disse ele, fazendo uma pausa para dar uma olhadela numa das esculturas em holograma espalhadas ao redor do aposento. – Estou aqui para garantir que essas promessas sejam cumpridas.

– E como você pretende fazer isso?

– Certificando-me de que eu seja importante demais para ser, digamos, convenientemente esquecido – disse C'baoth. – Portanto, vim informá-lo de que vou retornar a Wayland e assumirei o comando de seu projeto no Monte Tantiss.

Pellaeon sentiu a garganta apertar.

– O projeto do Monte Tantiss? – Thrawn perguntou sem emoção na voz.

– Sim – disse C'baoth, sorrindo novamente enquanto olhava Pellaeon de relance. – Ah, eu sei de tudo, capitão. Apesar de seus esforços patéticos para esconder a verdade de mim.

– Nossa intenção era lhe poupar um desconforto desnecessário – Thrawn lhe assegurou. – Memórias desagradáveis, por exemplo, que o projeto pudesse lhe trazer à mente.

C'baoth o estudou.

– Talvez fosse sua intenção – ele admitiu com um leve toque de sarcasmo. – Se esse foi verdadeiramente seu motivo, eu lhe agradeço. Mas o tempo de tais coisas já passou. Meu poder e minha habilidade cresceram desde que deixei Wayland, grão-almirante Thrawn. Não preciso mais que você me proteja pela minha sensibilidade.

Ele se endireitou e assumiu sua plena altura; quando tornou a falar, sua voz ribombou e ecoou por todo o aposento.

– Eu sou C'baoth; mestre Jedi. A Força que une a galáxia é minha serva.

Lentamente, Thrawn se levantou.

– E você é meu servo – ele disse.

C'baoth balançou a cabeça.

– Não mais, grão-almirante Thrawn. O círculo fechou. Os Jedi tornarão a governar.

– Tome cuidado, C'baoth – avisou Thrawn. – Faça a pose que

quiser. Mas nunca se esqueça de que nem você é indispensável para o Império.

C'baoth ergueu suas sobrancelhas peludas e o sorriso que vincou seu rosto enviou um arrepio gelado pelo peito de Pellaeon. Era o mesmo sorriso que ele se lembrava de Wayland.

O sorriso que o havia convencido de que C'baoth era de fato louco.

– Pelo contrário – o mestre Jedi disse devagar. – De agora em diante, eu sou tudo o que *não é* dispensável para o Império.

Ele elevou o olhar para as estrelas exibidas nas paredes do aposento.

– Vamos – ele disse. – Vamos discutir a nova disposição de nosso Império.

Luke olhou para os corpos dos soldados imperiais que haviam morrido na descompressão súbita da antessala da ponte da Katana, finalmente compreendendo por que sua mente havia sentido estranhamento nisso.

– Não suponho que haja alguma chance de um engano – ele ouviu a si mesmo dizer.

Ao seu lado, Han deu de ombros. – Leia está fazendo uma checagem genética com eles. Mas eu acho que não.

Luke assentiu, olhando para os caídos diante dele. Ou melhor, para o único rosto compartilhado por todos os corpos.

Clones.

– Então é isso – ele disse baixinho. – Em algum lugar, o Império encontrou um conjunto de cilindros de clonagem Spaarti. E conseguiu fazê-los funcionar.

– O que significa que eles não vão levar anos para encontrar e treinar a tripulação necessária para seus novos dreadnaughts – disse Han, amargamente. – Talvez apenas alguns meses. Talvez nem mesmo isso tudo.

Luke respirou fundo.

– Eu tenho um péssimo pressentimento sobre isso tudo, Han.

– É? Bem-vindo ao clube.

CONTINUA...

LEGENDS

STAR WARS™

Timothy Zahn

Herdeiro do Império

Star Wars - Herdeiro do Império

Zahn, Timothy
9788576573425
472 páginas

Compre agora e leia

O PRIMEIRO VOLUME DA CONSAGRADA TRILOGIA THRAWN. Luke, Han e Leia enfrentam uma nova ameaça. Cinco anos após a destruição da Estrela da Morte, a ainda frágil República luta para restabelecer o controle político e curar as feridas deixadas pela guerra que assolou a galáxia. O Império, porém, parece não ter morrido com Darth Vader e o imperador. Habitando os confins da galáxia, o grão-almirante Thrawn, gênio militar por trás de diversas ações imperiais, ainda luta para reconquistar o poder perdido. A bordo do destroier estelar Quimera, ele descobre segredos que lhe darão a chance de destruir definitivamente o que restou da Aliança Rebelde, para assim retomar o domínio da galáxia e controlar os últimos dos Jedis. Herdeiro do Império é considerado um dos mais importantes marcos do universo expandido de STAR WARS. Desde seu lançamento, tem sido aceito pelos fãs da franquia como a verdadeira continuação da trilogia original. Além disso, a obra foi usada como base criativa para vários outros produtos da série, incluindo elementos de jogos, filmes e animações.

Compre agora e leia

LEGENDS

STAR WARS™

TIMOTHY ZAHN

O ÚLTIMO COMANDO

TRILOGIA THRAWN - LIVRO 3

Star Wars - O Último Comando

Zahn, Timothy
9788576573517
528 páginas

Compre agora e leia

Depois de Herdeiro do Império e Ascensão da Força Sombria, chega ao fim a legendária trilogia com o grão-almirante Thrawn, no auge de seu poder. Após resgatar a tecnologia de clonagem de soldados do derrotado Império, Thrawn se prepara para o ataque definitivo à Nova República. Nesse cenário, Han Solo e Chewbacca seguem com os últimos esforços para montar uma parceria com antigos traficantes; Leia, prestes a dar à luz seus filhos gêmeos, tenta manter a Aliança unida e Luke lidera uma importante missão para acabar com as forças remanescentes do Império. O grandioso final da trilogia que fez história no Universo Expandido de STAR WARS traz alianças inusitadas, muita ação e grandes revelações, na aventura final para salvar a galáxia muito, muito distante.

Compre agora e leia

DUNA
FRANK HERBERT

Duna

Herbert, Frank
9788576572374
544 páginas

Compre agora e leia

A vida do jovem Paul Atreides está prestes a mudar radicalmente. Após a visita de uma mulher misteriosa, ele é obrigado a deixar seu planeta natal para sobreviver ao ambiente árido e severo de Arrakis, o Planeta Deserto. Envolvido numa intrincada teia política e religiosa, Paul divide-se entre as obrigações de herdeiro e seu treinamento nas doutrinas secretas de uma antiga irmandade, que vê nele a esperança de realização de um plano urdido há séculos. Ecos de profecias ancestrais também o cercam entre os nativos de Arrakis. Seria ele o eleito que tornaria viáveis seus sonhos e planos ocultos?

Ao lado das trilogias Fundação, de Isaac Asimov, e O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, Duna é considerada uma das maiores obras de fantasia e ficção científica de todos os tempos. Um premiado best-seller já levado às telas de cinema pelas mãos do consagrado diretor David Lynch.

Compre agora e leia

Um clássico de ISAAC ASIMOV
FUNDAÇÃO

Fundação

Asimov, Isaac
9788576571735
240 páginas

O Império Galático possui 12 mil anos. E possui pujança, grandeza e estabilidade. Ao menos em sua fachada. Mas ele está em pleno declínio, lento e gradual. E, no final, culminará com uma regressão violenta da sociedade e a conseqüente destruição do conhecimento. Preocupados com isso, um grupo de cientistas traça um plano pela preservação do conhecimento adquirido. Vencedor do prêmio Hugo, como a melhor série de FC de todos os tempos, este é o livro inicial da Trilogia da Fundação.

Compre agora e leia

ANDRÉ
VIANCO
OS SETE

Os Sete

Vianco, André
9788576573395
432 páginas

Nobres homens de bem, jamais ouseis profanar este túmulo maldito. Aqui estão sepultados demônios viciados no mal e aqui devem permanecer eternamente. Que o Santo Deus e o Santo Papa vos protejam. Uma caravela portuguesa naufragada com mais de 500 anos é descoberta no litoral brasileiro. Dentro dela, uma estranha caixa de prata lacrada esconde um segredo. Apesar do aviso grafado, com a recomendação de não abri-la, a equipe de mergulhadores que a descobriu decide seguir em frente, e encontra sete cadáveres. Esses corpos misteriosos e cadavéricos são levados para estudos e tudo parece estar sob controle até o despertar do primeiro deles. Em Os Sete, André Vianco atualiza o mito dos Vampiros, apresentando ao leitor seres poderosos, cada um com uma característica única, mas todos com natureza monstruosa e sanguinária. O resultado é um livro envolvente, repleto de ação e reviravoltas, que em pouco tempo ocupou seu merecido lugar entre os mais importantes livros de terror e fantasia brasileiros.

Compre agora e leia